

O desejo dos baianos, manifestado insistentemente nos anos 30, concretizou-se com a eleição de Octávio Mangabeira para o governo do estado, dois anos após o seu retorno do 2º exílio. Cercado de grande júbilo popular, tomou posse no dia 10 de maio de 1947, estendendo-se o seu governo até o dia 31 de janeiro de 1951. Ênfase na saúde e na educação, num ambiente da mais completa liberdade, ao lado de grandes obras – bastando citar o Fórum Rui Barbosa, o estádio da Fonte Nova, por seus amigos batizado de Octávio Mangabeira, o Hotel da Bahia – caracterizaram a sua administração como uma das mais operosas e brilhantes da História da Bahia. Pouco após o término do seu governo, foi eleito deputado federal pela Bahia (1955-1959); em seguida, senador federal, cujo mandato se estenderia até 1966, não houvesse a morte o surpreendido no dia 29 de novembro de 1960, aos 74 anos de idade.

*A Junta Governativa autônoma o seu
Sr. Octávio Mangabeira a visitar o seu
Washington Luís; no forte de Copacabana.
Seu General Faria Fregues
Gen. Alaba*



Volume 1

Octávio Mangabeira Cartas do 1º Exílio

organização de Consuelo Novais Sampaio



Octávio Mangabeira Cartas do 1º Exílio

(1930-1934)

*batista - Vitor
no exílio - Bahia
Inddy
do Orsino*

*Luciano Mangabeira
Travessa de Porto de Arica
n.º 4
Bélem (Brasil)*

Volume 1

Octávio Mangabeira
Cartas do 1º Exílio
(1930-1934)

Volume 1

COORDENAÇÃO GERAL
PROJETO E ORIENTAÇÃO DA PESQUISA
Consuelo Novais Sampaio

COORDENAÇÃO DA PESQUISA
Walter Jorge Oliveira da Silva

SUPERVISOR DA PESQUISA
Walter Jorge Oliveira da Silva, Bruno Lopes do Rosário

PESQUISADORES
Juliana Rodrigues, Vinicius Virgens Jacob,
Neuracy Maria de Azevedo Moreira

APOIO DA PESQUISA
Vera Nazareth Chaoui, Luiz Maurício Costa Santana,
Angela Daltro, Giselle Barreto, Alice Maria Ribeiro dos Santos

REVISÃO DE TEXTO
SELEÇÃO DE IMAGENS
Consuelo Novais Sampaio, Walter Jorge Oliveira da Silva

CONCEPÇÃO PROJETO GRÁFICO
Consuelo Novais Sampaio, P55 Edições (André Portugal e Marcelo Portugal)

PROJETO GRÁFICO, EDIÇÃO DE TEXTO E IMAGENS,
TRATAMENTO DE IMAGENS E CAPA
P55 Edições (André Portugal e Marcelo Portugal)

APOIO INSTITUCIONAL
Ubiratan Castro de Araujo – Diretor Geral, Vera Lucia Sales – Chefe de Gabinete,
Maria Tereza Navarro de Brito Matos, Caroline Melo, Marcus Cendron,
Paulo de Jesus, Sérgio Costa, Edgard Menezes L. Filho



Consuelo Novais Sampaio
organização

Octávio Mangabeira
Cartas do 1º Exílio
(1930-1934)

Volume 1

Secretaria de Cultura
Fundação Pedro Calmon
Salvador — 2010

Copyright@2010 Fundação Pedro Calmon

JAQUES WAGNER

Governo do Estado da Bahia

MÁRCIO MEIRELLES

Secretaria de Cultura (SECULT)

UBIRATAN CASTRO DE ARAÚJO

Fundação Pedro Calmon (FPC)

CONSUELO NOVAIS SAMPAIO

Centro de Memória da Bahia (CMB)

Equipe editorial do CMB:

Consuelo Novais Sampaio, Walter Jorge Oliveira da Silva
e Bruno Lopes do Rosário.

Elaborada pela Gerência Técnica – GETEC

O18 Octávio Mangabeira - Cartas do 1º exílio (1930-1934) / Organização
Consuelo Novais Sampaio. – Salvador : Fundação Pedro Calmon,
2010.
v.1 : 486 p. : il.

ISBN: 000.00.0000.000-0

1. Brasil – História – Período de Getúlio Vargas. 2. Política e gover-
no – Brasil. 3. Mangabeira, Octávio, 1886-1960 - Correspondências I.
Sampaio, Consuelo Novais.

CDD 981.061

FUNDAÇÃO PEDRO CALMON

Av. Sete de Setembro, 282, Ed. Brasilgás

Centro – Salvador – Bahia – 40060-001

(71) 3116-6911/12/13

Sumário

AGRADECIMENTOS

página 6

SIGLAS

página 8

APRESENTAÇÃO

Ubiratan Castro de Araújo

página 11

INTRODUÇÃO

Consuelo Novais Sampaio

página 13

DEPOIMENTOS DE OCTÁVIO MANGABEIRA

As últimas horas de legalidade

página 30

Ao povo brasileiro

página 48

AS CARTAS

página 78

BIBLIOGRAFIA

página 480

Agradecimentos

A transcrição, edição e publicação das Cartas do 1º Exílio de Octavio Mangabeira, feitas em tempo recorde, envolveram, direta ou indiretamente, quase todos os membros da Fundação Pedro Calmon (FPC). Devemos agradecimento a todos eles; porém muitos deixarão de ser claramente citados, por questão de ordem técnica. Contudo, saibam que, aqui estão inseridos os agradecimentos que lhes devemos, pela espontânea colaboração que nos prestaram, no desenvolvimento deste projeto.

Foi graças ao apoio incondicional, sem qualquer restrição, do Prof. Dr. Ubiratan Castro de Araújo, diretor geral da Fundação Pedro Calmon, e da Dra. Vera Lucia Sales, chefe de gabinete, que estas cartas chegam ao leitor.

Muitos outros membros da FPC estão vivamente presentes neste volume. A eles agradecemos, através da Dra. Maria Tereza Navarro de Britto Matos e Rita de Cássia Rosado, que nos abriram o Arquivo Público da Bahia, FPC.; através da Diretoria da BPEB e das bibliotecárias Arlete Sodré e Célia Matos, agradecemos a todos os seus funcionários que, sem restri es, colaboraram com este trabalho. Do corpo administrativo da FPC, devemos destacar com admira o, pela lealdade e presteza com que nos atenderam, Marcus Cendon, Sérgio Costa, Paulo de Jesus, Caroline Melo, Lilian Figueroa e Patrícia Santiago, Neilza Miranda, Jefferson Sotero, Edgar Menezes Lopes Filho, André Santana, Jussara Amaral, Érica Karina Souza, Lucas Queiroz, Maria da Trindade Gomes, Daniel Nascimento Filho.

Não seria demais enfatizar que todos os colaboradores do Centro de Memória da Bahia direcionaram seus conhecimentos e energias para a transcri o, identifica o de nomes e codinomes dessas Cartas do 1º Exílio de Octavio Mangabeira. Devo distinguir o nome de Walter Jorge Oliveira da Silva, incansável e muito competente coordenador de pesquisa do CMB. Com inexc d vel paciência e energia inesgotável, conduziu os trabalhos da equipe de pesquisadores: Juliana Rodrigues,

Vinicius Virgens Jacob e Neuracy Maria de Azevedo Moreira, os quais com muita dedicação identificaram personagens desconhecidos, além de participarem ativamente de todas as etapas deste projeto. São verdadeiros investigadores da nossa História. A colaboração de Bruno Lopes do Rosário e de Luiz Maurício Costa Santana, coadjuvando os principais pesquisadores, organizando os índices biográfico e temático, e participando dos trabalhos com grande dedicação, deram dimensão maior a esta publicação.

A nossa equipe de apoio, na qual despontam Vera Nazareth Chaoui, Ângela Cristina Daltro e Giselle Ferreira Barreto, também contou com a colaboração de Itamar Silva, Dalva Francisca Ramos, Ana Luiza Araújo Caribé de Araújo Pinho, Simone Ramos Marinho, Joseane dos Santos, Danilo Mattos, Gabriela Souza Moura, Jeane Ferreira dos Santos, e João Lucas Alves Barreto, dentre muitos estagiários que participaram da elaboração deste livro.

Também recebemos colaboração, envolvendo grande boa vontade, do Dr. Roberto Santos, ex-governador da Bahia, do Dr. Euvaldo Soares de Pinho, como o nome sugere, neto do principal missivista de Octavio Mangabeira; dos Drs. Rodolfo Teixeira e Lamartine de Andrade Lima, Álvaro Dantas de Carvalho e Vilma Lima Nonato de Oliveira, chefe do Arquivo da Faculdade de Medicina da Bahia.

Foram muitos os presidentes e diretores de instituições que nos socorreram, com imensa generosidade. Citando as principais instituições, rogamos recebam os agradecimentos deste CMB, pelo grande apoio que nos deram: Academia de Letras da Bahia, Academia de Letras Jurídicas da Bahia, Arquivo do Senado Federal, Associação Baiana de Imprensa, Centro Cultural Banco do Brasil – RJ, Faculdade de Medicina da Bahia, Fundação Casa de Rui Barbosa; Instituto Baiano de História da Medicina e Ciências Afins; Instituto dos Advogados da Bahia; Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, Ordem Terceira de São Domingos Gusmão, Tribunal de Justiça da Bahia e 6ª Região Militar.

Este trabalho deve muito a todos eles. É claro que, enquanto coordenadora, sou responsável por todos os equívocos e erros que, certamente, não deixarão de existir. Apontando-os, o leitor contribuirá para uma futura edição com menos falhas.

Consuelo Novais Sampaio

SIGLAS

ABI – Associação Baiana de Imprensa
ABL – Academia Brasileira de Letras
ACB – Associação Comercial da Bahia
AIB – Ação Integralista Brasileira
AL – Aliança Liberal
ALB – Academia de Letras da Bahia
ALBA – Assembléia Legislativa da Bahia
ALJB – Academia de Letras Jurídicas da Bahia
ANL – Aliança Nacional Libertadora
APL – Academia Paulista de Letras
DEIP – Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda
EME – Estado Maior do Exército
FUG – Frente Única Gaúcha
IAB – Instituto dos Advogados da Bahia
IGHB – Instituto Geográfico e Histórico da Bahia
IHGB – Instituto Histórico e Geográfico do Brasil
LASP – Liga de Ação Social e Política
LEC – Liga Eleitoral Católica
PCB – Partido Comunista Brasileiro
PL – Partido Libertador
PPR – Partido Popular Radical
PR – Partido Republicano
PRD – Partido Republicano Democrata
PRL – Partido Republicano Liberal
PRM – Partido Republicano Mineiro

PRP – Partido Republicano Paulista
PRR – Partido Republicano Rio-grandense
PSB – Partido Socialista Brasileiro
PSD – Partido Social Democrático
PSN – Partido Social Nacionalista
PTB – Partido Trabalhista Brasileiro
RM – Região Militar
STF – Supremo Tribunal Federal
STJ – Supremo Tribunal de Justiça
STM – Supremo Tribunal Militar
TCE – Tribunal de Contas do Estado da Bahia
TCU – Tribunal de Contas da União
TJB – Tribunal de Justiça da Bahia
TRE – Tribunal Regional Eleitoral
TRT – Tribunal Regional do Trabalho
UDB – União Democrática Brasileira
UDN – União Democrática Nacional



APRESENTAÇÃO

A recuperação, catalogação e edição crítica das cartas do primeiro e segundo exílios de Octávio Mangabeira constituem o mais importante trabalho de pesquisa historiográfica desenvolvido pelo Centro de Memória da Fundação Pedro Calmon/SECULT, sob a direção da Dra. Consuelo Novais Sampaio.

Este livro é o primeiro de uma série e abrange a correspondência emitida e recebida por Octávio Mangabeira nos anos de 1930, 1931 e 1932. Esta correspondência é preciosa por seu ineditismo e principalmente pelas evidências que faz emergir sobre a chamada Revolução de 1930, na perspectiva dos perdedores. Mangabeira foi o Chanceler brasileiro durante o quadriênio presidido por Washington Luís e companheiro de seu presidente até os últimos minutos da vigília presidencial, na resistência contra a insurreição militar que o depôs.

Do exterior, Mangabeira continuou a fazer política, como é possível para um exilado. Por um lado, ele fez a defesa do governo deposto e principalmente da sua gestão à frente do Ministério das Relações Exteriores, o Itamaraty. Como um brasileiro patriota, ele informou e orientou os seus interlocutores sobre a política internacional e sobre a defesa dos interesses do Brasil. Como político brasileiro, ele estimulou seus correligionários no Brasil à resistência democrática contra o regime ditatorial que se instalou no país. Como político baiano, foi incansável articulador do movimento autonomista baiano, discutindo como ninguém as possibilidades e limites da negociação com nas elites estaduais e municipais.

Muito além das evidências da vida política brasileira naquele processo fundamental de transformação do Brasil, a maior preciosidade é a revelação das qualidades pessoais que fizeram de Octávio Mangabeira a principal referência da resistência democrática ao Estado Novo e à ditadura getulista, e que o qualificaram como o governador que liderou a redemocratização na Bahia.

O primeiro volume das Cartas do Exílio de Octávio Mangabeira (1930-1932), pela riqueza factual dos relatos e pela qualidade serena e

precisa das críticas por ele elaboradas constitui uma amostra da riqueza deste acervo para a história política do Brasil. A Fundação Pedro Calmon/SECULT apresenta ao público esta que é a primeira etapa de um projeto de longo fôlego de recuperação crítica da memória histórica de um dos mais destacados governadores da Bahia.

Prof. Dr. Ubiratan Castro de Araújo
Diretor Geral da Fundação Pedro Calmon

INTRODUÇÃO

No dia 23 de agosto de 1930, os principais jornais e revistas do Brasil publicaram reportagens relatando, minuciosamente, a grande festa de inauguração dos novos departamentos do Palácio do Itamaraty, sede do Ministério das Relações Exteriores, então sob a chefia do já eminente homem público, Octávio Mangabeira. Essas obras, inclusive a bela e ampla biblioteca, foram todas realizadas na sua gestão.

O corpo diplomático, as mais altas autoridades civis e militares, damas da alta sociedade, enfim, as mais destacadas personagens do país, inclusive o príncipe D. Pedro de Orleans e Bragança, estiveram presentes à inauguração e ao baile, o mais brilhante acontecimento de ano de 1930.

Ironicamente, como se estivesse repetindo o grandioso baile da Ilha Fiscal, que marcou a despedida do Império, o baile do Itamaraty anunciou o fim da Primeira República, que ruiu, cerca de 40 dias depois de sua festejada realização. Então, a revolução, liderada por Getúlio Vargas, procedeu à instalação de uma Junta Governativa provisória, que destituiu do poder as autoridades vigentes. Seguiu-se, no dia 24 de outubro, a ascensão do próprio Vargas ao comando maior do país.

O presidente da República, Washington Luiz, foi o primeiro a ser preso, no Forte Copacabana. Resistiu até a 25ª hora. Todas as propostas dos comandantes da nova situação, para que renunciasse, foram em vão. Manteve-se irreduzível, meio à crescente tensão que a todos dominava. Imbuído da responsabilidade do seu posto, recusou todos os apelos. No seu entender, a renúncia significaria a quebra da legalidade, para ele inaceitável.

O papel desempenhado por Octávio Mangabeira, naquele dramático 24 de outubro de 1930, foi fundamental para evitar-se o temido derramamento de sangue. A sua abrangente visão de mundo, própria de grandes estadistas, indicava que o poder estabelecido se tornara insustentável. A convicção do dever cumprido, com lealdade e amor à pátria, reforçava a serenidade e firmeza de suas decisões.

A Junta militar valeu-se de Mangabeira para convencer o presidente a renunciar. Acreditava que a amizade que os unia o convenceria a

ceder. Mangabeira recusou-se a ser porta-voz dos militares. Tornou a negar quando, através do Cardeal Leme, pediram-lhe para transmitir ao presidente o ultimato: *O Palácio será bombardeado, se não renunciar agora*. Mangabeira entendia o presidente. Não era o homem Washington Luiz que renunciaria, era o presidente, representação física do Brasil. Manteve-se leal e viu quando ele, *sereno, senão indiferente*, retrucou ao Cardeal: *Podem bombardear à vontade. Já fiz retirar as senhoras e pedi a todos que também se retirassem*.

Queria-se evitar o derramamento de sangue, mas o impasse parecia incontornável. O Cardeal apelou para Mangabeira conversar com o presidente. A salvação estaria nas suas palavras. Concordou. Sentaram-se num sofá, o presidente do Brasil e o ministro das Relações Exteriores, ambos já formalmente destituídos do poder. Depois de breve conversa, o presidente deixou-se convencer. Ergueu-se. Altivo e calmo despediu-se, um a um, dos companheiros que não o haviam abandonado. Vinte e um dias haviam transcorrido entre o golpe e a deposição do presidente. Os últimos a saírem do Palácio para a prisão foram o ministro da Justiça, Viana do Castelo, e o Ministro da Guerra, gal. Sezefredo dos Passos.

Exausto e desolado, depois que todos partiram, Mangabeira foi para a sua residência. Mal podia acreditar que, meio à turbulência reinante no Palácio Guanabara, os generais haviam-lhe pedido para permanecer à frente do seu Ministério. No dia 25 foi por eles chamado ao Palácio. Renovaram-lhe o apelo. Recusou-se. Depois, diversos porta-vozes repetiram-lhe o convite. Permaneceu inabalável. Preferia a modéstia da sua vida familiar. Seguidamente, recebeu visitas de muitos amigos e gente do povo.

Quinze dias depois, foi preso em sua residência, à Avenida Osvaldo Cruz, quando lia em seu gabinete às 10:30 do dia 7 de novembro. Foi pego de surpresa e levado para o Quartel do 1º Regimento de Cavalaria do Exército. Sete dias depois, recebeu ordem de exílio. Acompanhado da esposa Esther Pinho Mangabeira e da filha Edyla, partiu para a Europa, no dia 25 de novembro, a bordo do navio Conte Verde. Não deixa de ser curioso o fato de que a reorganização administrativa e estrutural do Ministério das Relações Exteriores, realizada por Octávio Mangabeira, foi, pouco depois, ratificada pelo chamado governo revolucionário (de-lei de 18 jan. 1931).

Mangabeira só voltou ao Brasil em agosto de 1934, para participar, pessoalmente, do processo de reconstitucionalização do país. Desembarcou no Rio de Janeiro, no dia 8 desse mês, seguindo para Salvador, no dia 20 de novembro. Se, na partida, amigos e o povo em geral haviam se despedido dele, desoladamente, em contraste, ao retornar, foi recebido feericamente. Com grande vantagem, foi eleito deputado federal pela Bahia para a legislatura de 1935 a 1937.

Após esse breve relato, uma pergunta surge inevitável: Por que teriam os vencedores do golpe de estado de 3 de outubro de 1930 insistido para que Octávio Mangabeira compusesse o novo governo e, mesmo após a sua reiterada negação, tivessem-no deixado em liberdade e, pouco depois, houvessem-no prendido e banido da pátria?

É sabido que a prisão e subsequente exílio infringido a Octávio Mangabeira causou consternação geral. Um misto de admiração e revolta. Cientes da sua popularidade e poder de comunicação, os novos donos do poder queriam afastá-lo do país. Muitos deles haviam convivido e mesmo tido com ele, na administração do governo, relações de amizade, a começar pelo próprio Getúlio Vargas que, antes de governar o Rio Grande do Sul e se tornar líder da revolução, havia sido seu companheiro no ministério, ocupando a Pasta da Fazenda. Não deixa de ser incongruente e mesmo risível, o fato de Afrânio de Melo Franco, simples colaborador de Mangabeira no Ministério das Relações Exteriores, haver pedido asilo na Embaixada do Peru, após a derrubada do governo Washington Luis, nela se refugiando. Surpreendentemente, daí saiu para exercer a Pasta das Relações Exteriores, em substituição a Mangabeira que, ao contrário dele, não procurou abrigo em qualquer das Embaixadas, dirigidas por amigos devotados. Consciência tranqüila permaneceu na sua residência.

Não se pode esquecer que, quando à frente desta Pasta, Mangabeira havia colocado irmão e filhos de Melo Franco “em postos excelentes, a começar pela embaixada de Paris”, como ele mesmo registrou no documento que abre este volume, *As Últimas Horas da Legalidade*. São vários os gaúchos por ele citados, aos quais atendeu aos pedidos que lhe foram dirigidos, bastando citar Décio Coimbra e Lindolfo Collor, ligados a Borges de Medeiros. Em poucas palavras, muitos dos expoentes da Revolução de 1930 tinham suficientes razões, para se espantarem e sentirem-se desconfortáveis com a prisão e subsequente exílio de Octávio Mangabeira.

Foi devido ao seu prestígio como político, ao seu notável desempenho administrativo, ao seu caráter e à sua conduta irrepreensível que, numa situação pós-golpe instável, indefinida, os novos donos do poder preferiram mantê-lo à distância, uma vez que com eles se recusara a colaborar. Em vão, tentaram apagar o seu nome da memória popular. Ao contrário do esperado, por haver sido expurgado sem justa causa, o vulto de Mangabeira atingiu magnitude inesperada. Ao retornar engrandecido (10 ago.1934), para trabalhar pela democracia no Brasil, ele já não se pertencia. Homem público há muito entregue aos interesses da nação, desses interesses haveria de cuidar até o fim da sua vida.

AS CARTAS

A despeito de haver sido distinguido entre os maiores homens públicos do Brasil, Octávio Mangabeira foi exilado duas vezes. A primeira, em 1930, em decorrência da vitória da Revolução liderada por Getúlio Vargas, como acima referido. A segunda, após o golpe de estado de 10 de novembro de 1937. Octávio Mangabeira foi preso novamente e conduzido à capela da Casa de Correção, daí para o Hospital da Polícia Militar, onde permaneceu durante nove meses. Em agosto de 1938, teve a cidade do Salvador como menagem. Não demorou a ser decretado o seu exílio. Partiu para a Europa, com destino à França, no dia 10 de novembro de 1938. Com o advento da 2ª Guerra Mundial, quando a França foi invadida pela Alemanha, numa viagem espetacular, Mangabeira seguiu com a família para Portugal, daí seguindo para os Estados Unidos da América do Norte. Como ocorrera em 1935, retornou ao Brasil com a abertura do processo democrático, em 1945, desembarcando no Rio de Janeiro no dia 11 do mês de maio. Então, como se poderia prever, Octávio Mangabeira foi delirantemente recebido, logo eleito deputado federal pela Bahia para a legislatura de 1946-1949.

As cartas referentes a esse 2º exílio estão sendo trabalhadas no Centro de Memória da Bahia – FPC, e deverão ser oportunamente publicadas. As do 1º exílio (1930-1934) foram divididas em dois volumes. O primeiro, que o leitor tem nas mãos, abre-se com dois importantes depoimentos de Mangabeira, seguindo-se as cartas por ele recebidas e escritas de 1930 a 1932, no total de 203, até o desfecho da chamada revolução constitucionalista liderada por São Paulo. Elas revelam aspectos até agora desconhecidos de um dos períodos mais conturbado da história do Brasil. Desvendam

as entranhas das ações humanas, numa fase de transição extremamente movimentada e violenta, na qual se misturam, e por vezes se confundem, manifestações de entusiasmo, revolta e expectativa. Em poucas palavras, elas revelam muito do comportamento humano, dificilmente registrado em outros tipos de documentos. O segundo volume cobre os dois últimos anos do exílio de Octávio Mangabeira, até o seu regresso triunfal ao Brasil, em agosto de 1934. Deve ser publicada no início de 2011.

Evidentemente, o relato de cada carta varia com o interesse, formação, e visão do mundo daquele que a escreveu, em peculiar contexto histórico. Além disso, dois aspectos distinguem essa correspondência, conforme oriundas do Brasil ou no exterior. As cartas enviadas a Mangabeira do Brasil, especialmente da Bahia, prendem-se, no primeiro ano, à descrição dos acontecimentos pós-revolução à medida que se foram desenrolando, e ao comportamento e posição política de diversos personagens, dando conta de um grupo que se foi formando em apoio a Mangabeira, o embrião da LASP (Liga de Ação Social e Política). As críticas aos governantes pós 30, vão se tornando cada vez mais contundentes com o avançar do tempo, crescendo com a eclosão do movimento constitucionalista de 1932.

As cartas originadas no exterior, em geral escritas por membros do deposto governo Washington Luis, especialmente do Ministério das Relações Exteriores, descrevem as peculiaridades do país no qual o remetente se encontra. Esses dois grupos encontram-se na generalizada manifestação de indignação, em relação ao exílio imposto a Octávio Mangabeira. Da mesma forma, tanto as provenientes do Brasil como as do exterior registram a ansiedade dos brasileiros pela volta de Mangabeira ao Brasil. Em consonância, não seria de estranhar que praticamente todos os missivistas abominem o processo que contra o ex-ministro das Relações Exteriores e seus companheiros foi desfechado pelo Tribunal Especial, instalado após a vitória da revolução. Apesar das diversas configurações que assumiu, esse esdrúxulo órgão pouco subsistiu. Na Bahia, por exemplo, a resistência a ele foi tão grande que o próprio interventor, tenente Juracy Magalhães, ávido por conquistar adesões, decretou a sua extinção, ao por fim às gratificações que recebiam, não só os membros da Comissão de Sindicância, como qualquer funcionário a serviço da mesma, através de decreto de 26 de setembro de 1931.

Escoimada a manifesta subjetividade desses documentos, o testemunho e opiniões dos remetentes, verdadeiros atores da nossa História, regis-

trados no calor da hora, e com a sinceridade que o destinatário requeria, permitem-nos a reconstrução bem próxima da realidade daqueles dramáticos anos 30. Em decorrência, suponho que interpretações e registros até agora produzidos por estudiosos, serão, se não revistos, complementados.

O ARQUIVO PRIVADO OCTÁVIO MANGABEIRA

Devemos louvar a jovem Maria Helena Pinho, filha de Euvaldo Pinho, sobrinha de Esther Pinho Mangabeira, pelo zelo com que preservou, durante mais de 40 anos, as cartas escritas para Octávio no exílio, assim como as dele enviadas do exílio a Euvaldo, o mais constante missivista, a diversos amigos, e companheiros no Ministério das Relações Exteriores. Tudo indica que, nesta época, Maria Helena secretariou o seu pai, arquivando cuidadosamente os originais das cartas que o próprio Euvaldo, religiosamente remetia e recebia de Mangabeira, assim como cópias das de muitos brasileiros que lhe chegavam às mãos. Assim, construiu valiosíssima coleção de documentos que salvaguardaram a memória histórica do Brasil e da Bahia. Encontram-se preservados, com muito zelo, no Centro de Memória da Fundação Pedro Calmon.

Tive conhecimento do arquivo privado de Octávio Mangabeira, quando desenvolvia a minha dissertação de Mestrado em Ciências Sociais, na Universidade Federal da Bahia, ano de 1972. Ansiosa por conhecer o seu conteúdo, fui ao Rio de Janeiro. Lá o encontrei, cuidadosamente guardado por sua sobrinha, agora a jovem Sra. Maria Helena Pinho Gama, casada com o Dr. Ival Gama, no belo apartamento em que moravam, no bairro das Laranjeiras. Maria Helena acolheu-me com grande carinho, permitindo-me ter acesso a dados inéditos, que fizeram com que o meu trabalho final do curso de Mestrado contribuísse para lançar alguma luz sobre a Primeira República na Bahia, período então pouquíssimo conhecido.

No ano de 1986, esse valioso acervo tornou-se o cerne da recém criada Fundação Pedro Calmon. Depois que elaborei o projeto para a criação desta instituição, entreguei-o ao então senador Josafá Marinho, que lhe deu forma jurídica e providenciou a transferência do arquivo Octávio Mangabeira, do Rio de Janeiro para Salvador, como estava previsto no projeto. Assim foi feito, tornando-se esse arquivo a pedra fundamental da nova instituição, ao tempo em que garantia à Bahia a preservação de importantes documentos referentes à história contemporânea do Brasil.

Consuelo Novais Sampaio

ORIENTAÇÃO METODOLÓGICA

O caminho metodológico que traçamos para a publicação dessas cartas é muito simples, embora cheio de dificuldades, algumas das quais, como a identificação dos personagens, demandaram vários dias de estudos, buscas e comparações, a fim de minimizarmos os inevitáveis equívocos. Este primeiro volume está aberto com documentos e manifestos elaborados por Octávio Mangabeira. O leitor constatará que apenas 32 cartas, do total de 203 contidas neste volume, foram por ele escritas. É possível que a maioria delas esteja com familiares dos destinatários ou com membros da família Mangabeira. A elas não tivemos acesso. Em decorrência, não nos foi possível estabelecer diálogo entre os missivistas e Octávio Mangabeira, como inicialmente havíamos projetado. Deste modo, optamos pela organização cronológica desta correspondência inédita.

Por outro lado, a princípio pensávamos em selecionar as cartas que julgássemos mais importantes. Todavia, embora trechos de algumas sejam semelhantes (dirigiam-se ao mesmo homem, duramente injustiçado) e, por vezes, quase repetitivos, sempre acrescentavam algo novo. Além disso, a riqueza dessas cartas é tal que, por certo, interessarão não apenas ao historiador, mas a diversas categorias de profissionais, tais como sociólogos, lingüistas, diplomatas, filósofos, psicólogos, políticos, estadistas etc., e mesmo ao homem comum, que nele tanto confiava. Em decorrência, decidimos reduzir ao máximo a nossa interferência, publicando todo o acervo relativo ao 1º exílio (1930-1934), em dois volumes.

TRANSCRIÇÃO DAS CARTAS

As cartas foram integralmente transcritas. Muitas delas não estão assinadas. Contudo, tão logo os nomes dos remetentes foram confirmados, tivemos o cuidado de registrá-los entre parêntesis. Da mesma forma procedemos em relação ao local de origem e à data dessas cartas. Quanto à construção das mesmas, não interferimos nos registros dos remetentes, mesmo quando, “no correr da pena” como eram escritas, cometeram-se equívocos. Corrigimos, nas cartas datilografadas, apenas alguns enganos, claramente datilográficos. Mais uma vez, não interferimos no conteúdo desses documentos.

Sem dúvida, Euvaldo Pinho, irmão de Esther Mangabeira, foi o mais assíduo correspondente de Octávio. Suas cartas são minuciosas, verda-

deiros relatórios, nas quais está subjacente o desejo de deixar o cunhado Octávio a par de todos os acontecimentos no Brasil, e na Bahia, especialmente. Elas comentam as posições assumidas pelos diversos personagens, à medida que se manifestavam, no contexto das mutantes circunstâncias históricas. Deixam claro que os novos donos do poder não faziam restrições a Octávio Mangabeira. Conforme já referimos, temiam a sua popularidade, a sua conduta administrativa e moral irrepreensível. Mas bem gostariam de poder contar com a sua colaboração, como se constata em várias cartas e, mais claramente, na de Euvaldo Pinho do dia 2 de abril de 1932. Então, cogitou-se com insistência que, estando em Paris, Octávio Mangabeira se dispusesse a representar, mediante procuração do governo, o município de Salvador, no acordo feito com franceses, em relação aos altos empréstimos realizados pelo município em 1916 e 1918. Sem titubear, Mangabeira recusou-se.

Em outra carta, do dia 9 do mesmo mês de ano, sendo Juracy Magalhães informado por um dos seus colaboradores que Octávio Mangabeira *não se servia de bandeiras de agitações*, o interventor cearense respondeu ser Octávio *um homem de valor, necessário a qualquer partido, com inestimáveis serviços prestados ao país*. Esta declaração, feita por um dos tenentes radicais e contrário à democratização do país, quando disto se cogitou, revela claramente que a única razão para o exílio de Mangabeira – algo incompreensível, por amigos e adversários considerado inadmissível – estava nas qualidades de homem público incorruptível e democrata convicto manifestada por Mangabeira, ao longo de sua vida política.

É um verdadeiro relatório a primeira carta de Euvaldo Pinho para OM, existente no acervo do CMB. Datada de 10 de dezembro de 1931, pormenorizadamente relata os acontecimentos políticos ocorridos na Bahia, após a Revolução de 1930. Entre elas estão as primeiras articulações do jovem interventor Juracy Magalhães, com membros da elite política que escaparam do exílio, com o objetivo de construir um partido político e atrair para a sua órbita de poder tantos quanto lhe fossem possível. Na verdade, tratava-se de políticos de segundo escalão, posto que a Bahia em 1930 era unanimemente legalista, com exceção de pequeno grupo liderado por J.J. Seabra que, carpindo penoso ostracismo após 1924, decidiu apoiar a Aliança Liberal, bandeira da chamada revolução.

Com exceção do então Ministro das Relações Exteriores, cujo exílio foi oficialmente decretado, os demais membros da elite política depos-

ta, tais como Pedro Lago, Miguel Calmon, Simões Filho e vários outros, cumpriram exílio voluntário. A grande maioria por precaução ou auto-defesa, após a criação do Tribunal Especial, ao qual cabia julgar as ações consideradas de improbidade administrativa, bem como atos nefastos aos interesses públicos e nacionais que, supostamente, teriam sido praticados pelos chamados “decaídos”.

A IDENTIFICAÇÃO DOS PERSONAGENS

A transcrição das cartas aqui levadas ao leitor transformou o Centro de Memória da Bahia, da Fundação Pedro Calmon, num verdadeiro laboratório de investigação. Mobilizou toda a nossa equipe, inclusive estagiários, apesar de estes estarem constantemente se revezando – elemento dificultador do trabalho, pois cada nova turma que entrava deveria ser adequadamente treinada. Por outro lado, entende-se que o fato de grande parte dessa correspondência haver sido escrita em papel muito leve, transparente e, quase sempre, na frente e no verso. O missivista visava não apenas tornar mais barata a remessa, como dificultar a leitura, caso alguma delas viesse a cair nas mãos da censura. No entanto, este fato se constituiu numa quase intransponível dificuldade. A maioria dessas cartas teve de ser revista 3, 5, 7 vezes ou mais, para chegarmos à versão entregue ao público.

Além disso, a habilidade investigativa dos nossos pesquisadores foi desafiada ao extremo na tarefa de identificar não apenas os missivistas, como os personagens citados nas diversas cartas, especialmente aqueles referidos por codinomes, assim como outros pouco conhecidos. Decidimos destacá-los na cor cinza, e colocar à margem uma breve identificação. Para não deixar de mencionar atributos importantes, construímos um índice biográfico, em ordem alfabética, que permitirá ao leitor aprofundar o conhecimento dos mesmos, conforme o seu interesse. Evidentemente, trata-se de breves resumos biográficos, da simples menção de alguns dados relevantes relativos a cada um. Essa identificação à margem em geral foi feita apenas a primeira vez em que o personagem é citado; contudo, em casos específicos, quando são referidos apenas pelas iniciais, a identificação marginal volta a ocorrer. Aqueles personagens de menor significação conjuntural não foram destacados em cinza. Este índice biográfico foi elaborado juntamente com um índice onomástico, a fim de facilitar a busca de personagens de interesse do leitor.

Observe-se, porem, que, por estratégia da impressão tal índice complementar só será publicado no 2º volume dessas cartas. Pela mesma razão, o índice temático que construímos referente aos principais acontecimentos citados nas cartas, com o objetivo de facilitar a compreensão do leitor menos familiarizado com esse complexo período da História do Brasil, pleno de indefinições e incertezas políticas, será publicado no 2º volume.

Euvaldo Pinho foi o missivista que mais usou codinomes e palavras ou expressão representativa dos personagens a que se referia. Considerando-se a avidez da censura na Bahia, compreende-se o seu objetivo de dificultar a identificação dos mesmos. O leitor facilmente constatará que a equipe do Centro de Memória da Bahia da Fundação Pedro Calmon desenvolveu habilidades sherlokianas para identificar tais codinomes. Recorreu-se a vários artifícios e a fontes diversas, tais como inventários, testamentos, certidões de óbitos, livros de registro de viagens, todas encontradas no Arquivo do Estado da Bahia; além disso, procedeu-se à tradicional consulta aos periódicos e jornais da época, entrevistas com descendentes, assim como se percorreu arquivos de diversas instituições, listadas nos nossos agradecimentos. Certo conhecimento da história do período ajudou-nos a situá-los no contexto da época, deste modo eliminando qualquer dúvida relativa à identidade desses personagens.

Se tal trabalho de laboriosa e persistente investigação não houvesse sido realizado, essas cartas perderiam grande parte do valor que possuem para um melhor entendimento da História da Bahia, e do Brasil, de modo geral.

No decorrer da pesquisa, constataram-se alguns equívocos incorridos por Euvaldo Pinho, no que diz respeito a datas. Observamos, por exemplo, que a carta por ele datada de 15 de janeiro de 1931, foi, na verdade, escrita no dia 15 de janeiro do ano de 1932. Tal equívoco é ainda hoje comum. Ocorre na virada do ano, no caso, de 1931 para 1932, quando o hábito leva muitos a registrarem o novo ano com os dígitos do anterior. Para chegarmos a essa conclusão, o incansável coordenador de pesquisa do Centro de Memória da Bahia, Walter Jorge Oliveira, percorreu, com os nossos pesquisadores, completo círculo hermenêutico, comparando dados, confrontando datas, recorrendo a jornais e depoimentos de outros missivistas.

Além da leitura de caligrafias hieroglíficas e da tradução de textos em línguas estrangeiras, a identificação dos personagens foi o maior desafio. Após titubear, decidimos enfrentá-lo. Esse trabalho ocorreu de maneira gradativa, juntando-se peça com peça, como se procede num quebra-cabeça. Com frequência, a identidade de um personagem foi-nos revelada à medida que identificávamos a de outro e os relacionávamos a determinado evento. Por outro lado, os pseudônimos existentes nas cartas de Euvaldo Pinho não obedecem a um parâmetro, o que dificultou bastante a identificação dos personagens a que se referem. Alguns estão relacionados a cargos que ocupam, ou ocuparam, à profissão ou atividade exercida, ao temperamento ou aspecto físico daqueles mencionados. Os relacionados a jornais sugerem o espaço físico no qual estavam instalados. Para exemplificar, revelamos ao leitor como se procedeu para decifrar alguns desses codinomes.

O FEITOR. Dada à conotação autoritária do termo e ao contexto histórico, foi facilmente identificado com o interventor federal. A partir da data de 19 de setembro de 1931, refere-se ao tenente, depois capitão Juracy Magalhães. Se anterior a esta data, ao gal. Raimundo Barbosa que o antecedeu (15 jul. a 19 set. 1931). Os interventores civis que os precederam, Leopoldo Amaral (01 nov. 1930 a 18 fev. 1931) e Arthur Neiva (18 fev. a 15 jul 1931) não foram assim referidos. O capitão Juracy Magalhães foi eleito pela Assembléia Legislativa governador da Bahia no dia 25 de abril de 1935, após a promulgação da Constituição do Estado. Permaneceu neste posto até o golpe de estado de Getúlio Vargas, no dia 10 de novembro de 1937, ao qual se recusou a aderir.

O DESTEMIDO foi codinome não difícil de ser identificado com o jornalista Ernesto Simões Filho, considerando-se as campanhas desenvolvidas pelo seu jornal A Tarde, após haver rompido com J.J. Seabra, em 1918. No entanto, o que era suposição virou confirmação após confrontarmos a data da sua chegada a Salvador, oriundo do Rio de Janeiro (15 mar. 1932), com a existência do seu nome, na mesma data, no livro de Registro de Entradas de Passageiros da Inspetoria de Polícia do Porto, existente no Arquivo Público do Estado da Bahia.

O PONTES, personagem referido por Euvaldo Pinho em muitas cartas, permaneceu por muito tempo como uma grande incógnita. Após investigações e buscas incessantes, consideramos haver Arnaldo Pimenta da Cunha servido no sul do país, durante a gestão de Octávio Mangabeira.

ra no Ministério das Relações Exteriores, como supervisor na construção da muito desejada ponte internacional Mauá, sobre o rio Jaguarão (RS), fronteira do Brasil com o Uruguai e de várias outras. Concluímos que Euvaldo Pinho recorreu à analogia ao designar de Pontes o engenheiro Arnaldo Pimenta da Cunha. Este havia sido prefeito de Salvador na interventoria de Artur Neiva (18 fev. a 15 jul. 1931) e era o único elemento que, atuando no governo Juracy Magalhães, se manifestava favorável a Octávio Mangabeira, intermediando contatos entre membros do grupo Mangabeira e o interventor. No decorrer da pesquisa, concluímos ser ele primo de Esther Mangabeira, de Euvaldo e irmãos, sendo, portanto, contra-parente de Octávio Mangabeira. Por outro lado, D. Honorina Amália de Pinho Cunha, mãe de engenheiro Pimenta da Cunha, é referida em várias cartas como tia de Euvaldo Pinho. Novo elemento de confirmação surgiu num documento que faz alusão ao aniversário do Pontes no dia 01 de julho, data do natalício de Arnaldo Pimenta da Cunha.

JOÃO PAULINO. Não menos trabalhosa foi a identificação desse personagem. Depois de meses de pesquisa, concluímos que, ao usar esse subterfúgio, Euvaldo Pinho se referia ao tenente João Alberto de Lins e Barros, interventor do estado de São Paulo, de cujo nome derivou Paulino, conservando o pré-nome João.

O BOMBEIRO. Deu-nos dor de cabeça a identificação desse codinome. Após várias hipóteses, confirmamos tratar-se do tenente Miguel Costa. Chegamos a esta conclusão quando constatamos que o Corpo de Bombeiros estava adstrito à Força Pública de São Paulo, da qual era chefe o referido tenente. Ao ser nomeado interventor de São Paulo, o tenente João Alberto criou a Secretaria de Segurança Pública, designando Miguel Costa para chefia-la; deste modo, acumulou o novo cargo com o do comando da Força Pública.

O AGITADO/ O NERVOSO. É interessante observar que esses personagens são, em geral, citados nos mesmos documentos e circunstâncias históricas, e quase sempre ligados a jornais. Após realizarmos o cotejo de vários documentos com notícias de periódicos em datas aproximadas, concluímos que o codinome Agitado designava o jornalista José Rabelo. Qualquer dúvida ainda existente desapareceu com a leitura de documento, no qual Euvaldo registrou: “O *Agitado* escreveu, há poucos dias, uma nota muito forte contra o Pontes”. O cotejo desta sentença, com as críticas quase diárias do jornalista José Rabelo, no O

Imparcial, em relação ao que fazia ou deixava de fazer o então prefeito Arnaldo Pimenta da Cunha, confirmou nossa suposição. Por outro lado, as suspeitas que tínhamos de haver o jornalista Mário Monteiro de Almeida, diretor e redator-chefe do jornal *O Imparcial*, recebido o codinome de Nervoso, se deveu ao confronto de editorial de repercussão nacional, por ele escrito, sob o título “Silêncio Obscuro”, com trecho de documento, no qual Euvaldo informava a Mangabeira haver O Nervoso publicado nota criticando o retraimento do Destemido (Simões Filho). O conteúdo do editorial revelava as palavras de Euvaldo.

SEU REPRESENTANTE. Pela multiplicidade de potenciais representantes de Octávio Mangabeira, tanto no Rio de Janeiro, como em Salvador, Alagoinhas e Ilhéus, na Bahia, a identificação desse codinome foi possivelmente a que demandou mais pesquisa, sempre gerando dúvidas. E era muito importante identificá-lo, dada a frequência com que é citado nas cartas de Euvaldo Pinho. A confirmação de se tratar do advogado Eutychio da Paz Bahia deveu-se, principalmente, à perseverança e habilidade investigativa do nosso coordenador de pesquisa, Walter Jorge Oliveira. Tal oportunidade surgiu quando num documento Euvaldo estreitou o leque de alternativas, ao citar o dia 15 de abril como aniversário do “seu representante”. Esta data serviu-nos para cotejá-la com as do nascimento daqueles que, potencialmente, considerávamos representantes de Mangabeira. Assim, pela ordem da prioridade que lhes conferimos: Joaquim Climério Dantas Bião (12 jul. 1857), João Mangabeira (26 jun. 1880), Pedro Lago (16 abr. 1870), Adriano Gordilho (19 abr. 1865), Paulo Fontes (14 abr.). Quanto a Eutychio Bahia, a sua data de nascimento não constava das fontes que costumávamos consultar, sequer na sua Certidão de Óbito. Contudo era ele o que mais se aproximava das referências feitas por Euvaldo, como se constatou numa análise retroativa. Tivemos sorte quando decidimos recorrer ao registro de matrículas, no Arquivo da Faculdade de Medicina da Bahia. Lá estava o seu registro com a data do seu nascimento, 15 de abril de 1879. Sem dúvida, podemos afirmar que o representante de Mangabeira na Bahia, ao longo deste período, foi o médico Eutychio da Paz Bahia. Observa-se que se referindo ao mesmo personagem, Euvaldo designa-o tanto como “seu representante” como pelo sobrenome Bahia. Este fato, que por algum tempo foi elemento gerador de dúvida, desapareceu como tal, quando constatamos tratar-se de estratagema usado pelo missivista.

O MATOSO. A despeito de ser pseudônimo usado desde as primeiras cartas, foi um dos últimos a ser identificado. A sua importância política e projeção na sociedade baiana era evidente. Os personagens que aventávamos como hipóteses, se correspondiam a referências feitas em certa carta, em outra, já não se coadunavam. As articulações em que poderiam estar envolvidos não logravam êxito. Por exclusão, e ligando o sobrenome à natureza, chegamos ao ex-ministro Miguel Calmon Du Pin e Almeida. Ficou claro que o codinome Matoso havia sido derivado do sobrenome francês Du Pin, significando Pinho e, por extensão, pinhal, mato, matoso. Esta dedução que parecia um tanto forçada revelou-se verdadeira quando, num documento encontramos esta sentença:

*“O **agitado** recebeu carta do **Matoso** recomendando harmonia e, especialmente, não combatesse o doente nem o genro deste que foi Secretário de Saúde Pública. Seria entendimento com o outro genro que foi deputado e que está no Rio?”*

Impunha-se a identificação de mais três codinomes: o doente, o genro deste, o outro genro. Sabíamos que “o doente”, quando esta carta foi escrita, fazia referência ao ex-governador Francisco Marques de Góes Calmon, que bastante enfermo, faleceria pouco depois. Pesquisas confirmaram que o genro deste era Antonio Luis Cavalcanti de Barros Barreto, que fora secretário de Saúde, no governo Vital Soares, e era casado com Maria Constança, filha de Góes Calmon. O outro genro logo ficou evidente tratar-se de José Wanderley de Araújo Pinho. Já identificado o agitado como sendo o jornalista José Rabelo, confirmou-se que o Matoso era Miguel Calmon Du Pin e Almeida, através da defesa que fazia do seu irmão Francisco e demais parentes. Substituindo-se os codinomes usados pelo missivista pelos nomes reais dos personagens identificados, assim se leria aquele trecho da carta de Eivaldo Pinho:

*“O **José Rabelo** recebeu carta de **Miguel Calmon**, recomendando harmonia e, especialmente, não combatesse o **Góes Calmon**, nem o **Barros Barreto**. Seria entendimento com o **Wanderley Pinho**?”*

O VELHOTE. Por ser político sempre ativo, e o mais idoso do grupo, desde o início das pesquisas foi identificado como J.J.Seabra, ex-governador da Bahia, entre tantas outras posições ocupadas na sua dinâmica

trajetória política. Contudo, na maioria dos documentos ele aparece com o seu próprio nome, J.J.Seabra, ou simplesmente Seabra.

O GORILA. Foi muito trabalhosa e demorada a identificação desse codinome. A ela chegamos graças à menção deste codinome pelo interventor Juracy Magalhães, ao fazer referência a *transcrição comentada de um artigo de Macedo Soares* sob o título “*Silencio Inexplicável*”. Pesquisando jornais do período, identificou-se, no *Diário da Bahia* do dia 20 de janeiro de 1932, o referido artigo assinado pelo diretor do jornal, Antonio Muniz Sodré de Aragão.

No entanto, observou-se que o termo gorila, de acordo com o contexto histórico, também se referia a Zinon, membro da S.A Agrícola de Una, na qual Euvaldo tinha interesses. Em certo documento, ele diz que Zinon foi preterido para compor o Conselho Administrativo da referida empresa. Ao enfatizar o nome com o pronome nosso, na frase “*o nosso Gorila... pelo hábito que tem de fazer caretas...*” Euvaldo distinguiu o seu colaborador daquele Gorila mencionado pelo interventor.

A REMESSA DAS CARTAS

As cartas-relatório de Euvaldo Pinho e as de outros baianos seguiam de Salvador para o Rio de Janeiro, em geral para os parentes de Esther ou de Octávio Mangabeira, sendo por eles enviadas à Europa, através de amigos ou da mala-postal pelos hidroaviões e, não raro, pelo Graft Zepelin. As que Octávio enviava da Europa, chegavam à Bahia pelos mesmos processos, e eram, muitas vezes, endereçadas para a residência de suas irmãs, na Travessa Porto da Barra, nº 4, Salvador.

Não temos dúvida que as cartas aqui publicadas darão origem não apenas a uma nova biografia deste baiano notável, vez que muito resta a ser conhecido sobre a sua luminosa vida, mas a mesma certeza temos de que elas permitirão conhecimento mais firme e pormenorizado deste período, marco fundamental da História do Brasil.

Salvador, novembro de 2010.

Consuelo Novais Sampaio
Walter Jorge Oliveira da Silva

Propenho q. a Fac. de Direito de Bahia, q. tem
 fortes e especiais motivos de gratidão e reco-
 nhecimentos ao dr. Oct. Mangabeira pelos
 grandes serviços q. com eficiência e
 cálmia e sol. d. tude, lhe prestou em
 varias e difficeis emergencias, acudindo
 sempre com os seus bons officios q. o uso
 Just. lhe dirigiu appello e pedidos
 attinentes á sua propria manutenção, mas
 a S. Lei o vinceros votos q. formula p. q. e o Tibra... O seu
 as razões da sua permanencia no ex. m... Para, o
 possa voltar ao seio da collectividade de se mais mundo
 leira e as amovaveis conivios dos seus ali. chozaria. G
 bem confreça, junho 1. 931.
 J. M. R.

REPUBLICA
 PARLAMENTAR
 O Parlamento
 O Parlamento
 01305
 Rubro

atencão: Prof.

Luvaldo: Vai uma serie de cantões, e felicitações
 to, mais tode, mais tode, e felicitações
 F. venario. Foga a depar nos seus determinatos.
 No cantão dos "irmãos Freire" (reubi um tel-
 panna arreu assignado, e naturalmente se trata
 do filhoso do Leitor Freire) alludo ao recente falle-
 cimento de um Solter, de nome Alberto, segundo
 li nos jornais. Como posso, entalant, estar eu com,
 no, me, entre la altura, meipue de se facto oc

ust. lhe dirigiu
 inentes á sua
 S. Lei o vinceros votos q. g
 razões da sua perman
 da c

F. venario
 Roberto
 Alberto

coito do que V. Ex. terá no nosso país
excellente e amantosa acolhida, compativel
com seu grande patriotismo e elevada perso-
nalidade, faço votos para que, em companhia
de sua lexua Familia, goze bastante paz
e muitas felicidades, desejos que tambem são
os dos meus.

Aqui fica para servir-o quem tem a
de ser seu muito admirador e amigo

com os seus bens of
lhe dirigiu appello
à sua propria manito
os sinceros votos q. formu
da sua permanencia
voltar ao seio da collect
as amovaveis convivio
confreção, junho 1. 9.
J. M.

de Direc
motivos o
Oct. M
9.1 Com
tude, e
O.M. Cf 1931. II 10
rest, 10-11-31.



Lavinia e Maria
Travessa Sa Ponte Sa Beira 4
Bahia
Brasilien

Depoimentos Octávio Mangabeira

Juliano Jo
Siqueira
Marques
Justina
no Ter
as Pres
João José
Traga

Prof. Remaúdio José de
José Rodrigues da Costa
João Marques da Costa
Francisco Ferraz de
Francisco José dos Reis
Adriano Traga

AS ÚLTIMAS HORAS DA LEGALIDADE

A cena do Guanabara e o meu depoimento pessoal

(Escrito no Quartel do 1º Regimento de Cavalaria,
Rio de Janeiro, a 16 de novembro de 1930, e
revisto em Nápoles, a 14 de janeiro de 1931).

Quinta-feira, 23 de outubro, pela manhã, como durante aquela fase anormal me habituara a fazer, estive com o presidente. Encontrei-o no seu posto, solícito, vigilante, a multiplicar-se em providências, no mesmo estado de ânimo dos dias anteriores. As notícias alarmantes, a cada momento mais acentuadas, não lhe exerciam no espírito a mínima influência. Nada mais eram, a seu ver, que um jogo do adversário. Lamentava, ao contrário, que amigos, dando a tais notícias algum crédito, se fossem deixando por elas impressionar, de qualquer modo. Mantinha, freqüente, o contato com as autoridades militares. Estava em constante comunicação com S. Paulo. Supunha-se melhor do que ninguém ao par da situação, e se tranqüilizava na certeza de contar com os elementos para a defesa da ordem.

Fosse por diversidade de temperamento, fosse por dispor de outros meios para ter mais variadas, e, ao mesmo tempo, mais na intimidade, as fontes de informação, o fato é que eu via as coisas de modo diferente. Sentia que navegávamos em direção a um rochedo, cessando, cada vez mais, o tempo e o espaço para qualquer manobra. Na véspera, na quarta-feira, tinha começado a arrumar papéis no meu gabinete, certo de que, mais hora, menos hora, tudo estaria perdido.

Sobre a delicadeza do momento, que se me afigurava lancinante, troquei no correr do dia, algumas impressões. Com o cardeal-arcebispo do Rio de Janeiro. Com o vice-presidente do Senado. Com o “líder” da Câmara. Não era já a sorte do governo, do ponto de vista das posições políticas, o grande motivo de preocupação. Era a Nação em si mesma, nas aflições a que se achava exposta. Era a surpresa do desconhecido, que enchia de suas sombras o horizonte.

Cardeal Arcebispo
do Rio de Janeiro
refere-se a
Dom Sebastião Leme.

Vice-presidente
do Senado
refere-se a Antônio
Francisco Azeredo,
advogado, político e
jornalista. Foi eleito
senador diversos manda-
tos entre 1897 a 1930.

líder da Câmara
refere-se a Manoel
Vilaboim, dep. fed.
líder da maioria; min.
do STJ de São Paulo,
apoiou a candidatura
de Júlio Prestes.

À noite, das 9 às 11, demorei-me em visita a um dos ministros, por sinal dos mais insígnies, do Supremo Tribunal, na sua residência. Ao Executivo, como ao Legislativo, exercidos por homens políticos, interessados na luta, faltaria uma certa isenção. Insuspeito, entretanto, seria pela sua própria natureza, o outro dos altos poderes. O caso havia crescido além dos foros de uma simples questão de partidos. Três unidades da Federação, duas das mais importantes, pelo órgão de seus governos, se tinha levantado em armas. Documento negativo da sabedoria política de todos os verdadeiros responsáveis, nada de mais grave, ou de mais triste, nos teria podido acontecer. Jogavam-se os destinos do país no campo da guerra civil. Como estaria pensando a nossa Corte Suprema? Acastelar-se-ia no reduto da sua vida normal, estranha à calamidade, que não entrava na órbita da sua competência, ou dadas às proporções a que atingira o fenômeno, se disporia a intervir, com os conselhos da sua autoridade, junto aos elementos desavindos, pela paz, dentro da lei, qualquer que fosse a fórmula a compor, na base de grandes reformas à altura do momento? Eis a indagação que me ocorria. Na cena da vida pública, preconceitos, precedentes, suscetibilidades, compromissos, opiniões, interesses, tudo deve estar subordinado a uma causa suprema, que é a da Pátria. Na ductilidade, ao seu serviço, nas horas das grandes crises, residem até certo ponto, a perfeição das máquinas políticas, e o patriotismo e a inteligência dos homens de governo.

Dali, tencionava encaminhar-me para o Quartel-General. Ia ouvir o ministro da Guerra. Ia, por minha vez, acentuar-lhe como já fizera ao Presidente, o que vinha observando. Falava-se até com detalhes, em um próximo levante na Capital Federal, nomeando-se mesmo, entre os seus chefes, um general destacado em posto de confiança. O apelo aos reservistas, que então se punha em prática, mais do que inútil, contraproducente, não reunindo reservas, acaso apreciáveis, convocava, entretanto, a cidade, para um verdadeiro clamor, reacendendo-lhe as ânsias, afervorando-lhe as preces por que, de qualquer maneira, se pusesse um termo ao conflito.

Já era tarde. Sentia-me algum tanto fatigado. Preferi adiar a conversa, que teria de ser longa, para a manhã seguinte. Voltei para casa. Era, mais ou menos, meia noite, quando me recolhi aos aposentos.

Às 2 horas e meia, muito não havia decorrido, soou o telefone oficial. Previ logo o que seria. Desci, rápido, à sala de trabalho. Fui, em pessoa, atender.

ministro da Guerra
refere-se a Nestor
Sezefredo dos Passos,
gal-de-divisão, min. da
Guerra (1926-1930).

Presidente
refere-se a Washington
Luís Pereira de Sousa,
gov. de São Paulo
(1920-1924) e sen.
(1925-1926), pres. da
República (1926-1930).

(Era aquele mesmo aparelho, aquele mesmo lugar, onde vinte três dias antes, às 9 ½ da noite – achava-se então a palestrar comigo o senador Azeredo – havia eu recebido, do próprio presidente, a notícia de ter irrompido o movimento subversivo, no Rio Grande e em Minas).

Falava o telefonista de palácio.

– Sr. Ministro. Há uma anormalidade na situação.

Nem tratei de perguntar qual era a anormalidade. Todavia, precatando-me contra alguma cilada de mau gosto, passados uns dois minutos, procurei comunicar-me de novo com o Floriano, assim se chamava o telefonista, e obtive confirmação. Havia de fato a anormalidade. Telefonei para a portaria do Itamaraty, pedindo que me mandasse incontinentemente o automóvel. Preparei-me. Deixei à minha mulher algumas instruções. Dispus-me, tranquilamente, para o drama que tinha diante dos olhos.

Chegando ao Guanabara, lá encontrei na Secretaria todos os membros das casas civil e militar. Fora, inclusive nas imediações, estava aumentado o policiamento. Não havia, contudo, por enquanto, grande aparato bélico. No seu gabinete manuelino, achava-se o presidente. Fisionomia normal. Faziam-lhe companhia, no momento, o *prefeito* e o deputado Roberto Moreira que, investido, mais ou menos, em funções de secretário particular, vinha pernoitando em Palácio.

O presidente explicou-me. O ministro da Guerra, entre 10 e 11 horas da noite, se me não engano, lhe comunicara o que ocorria. Tendo-se recolhido ao Forte da Copacabana, assim sublevado, dali o *general Mena Barreto* (João de Deus) deitara uma espécie de proclamação que ele próprio, ministro, recebera, concitando o presidente a renunciar. Acrescentou sua Excelência que ordenara o ministro da Guerra a proceder com a máxima energia, dando ordens análogas ao *ministro da Marinha*, que também lhe dera ciência da dita proclamação. Por outro lado, o sr. Roberto Moreira, sob as instruções do Presidente, redigiu um pequeno manifesto, que este assinou, sem que tivesse podido chegar a publicá-lo, expondo à nação os fatos, e declarando-se em termos francos e enérgicos, disposto a resistir.

Vieram chegando os ministros. A certa hora, se achavam todos presentes, excetuando o da Guerra, que estaria providenciando. A cada um que chegava, o Presidente ia reproduzindo a narrativa do que se estava passando. Só já pela manhã, chegaram o *vice-presidente da República*,

prefeito

refere-se a Antônio da Silva Prado Júnior, durante o governo de Washington Luís exerceu o cargo de prefeito do Distrito Federal. Referido Também como *dr. Antonio Prado*.

General Mena Barreto (João de Deus)

foi um dos membros da Junta Governativa Provisória em 1930.

Ministro da Marinha

refere-se ao Contra-Almirante Arnaldo de Siqueira Pinto Luz.

vice-presidente da República

refere-se a Melo Viana.

e depois, o presidente do Banco do Brasil, que disse ter passado, em Botafogo, através de patrulhas revoltadas do 3º Regimento. Poucas pessoas havia mais: os filhos do presidente, Caio e Victor, e o genro Dr. Pires de Melo; o sr. Agripino Grieco que acompanhava o ministro da Viação; o sr. Mariano Procópio, e depois o sr. Cícero Marques, que acompanhava o Prefeito; o dr. Castro Barbosa, cunhado do presidente do Banco do Brasil, e que creio o acompanhava; um moço que acompanhava o ministro da Agricultura; o mordomo do Palácio, sr. Goulart, pessoa dedicada ao Presidente, e o pessoal de serviço. No curso do dia apareceram um médico da Assistência, o Sr. Visconti, amigo do ministro da Viação, e o redator da “*A Noite*”, Silva Reis, que tendo ido à minha procura, ali permaneceu. Vi, em certo momento, no Palácio, os jornalistas Cândido Campos e Wladimir Bernardes, diretores, respectivamente, da “*A Notícia*” e da “*Gazeta de Notícias*”, e o presidente da Caixa de Estabilização.

Explica-se porque não houvesse mais pessoas. Desde que a situação periclitou – e foi logo muito cedo, como abaixo se verá – o Presidente deu ordem para que não entrasse mais ninguém. A barca ameaçava soçobrar. Quanto menos gente, melhor. Assim se cumpriu, sendo raros os que conseguiram romper a proibição.

Sim. Foi logo muito cedo, como disse, que a situação periclitou. Não tinha ainda talvez o dia amanhecido, quando chegaram ao Palácio o ministro da Guerra e o comandante da Região Militar, general Azevedo Coutinho, colunas que eram da legalidade. Quem fitasse, naquele instante, os dois homens, nada precisaria perguntar-lhes. Tudo se lhes estampava no semblante. Ninguém, talvez por isto, os atalhou. Entraram para o gabinete manuelino. O Presidente, como de costume sentou-se à cabeceira. Sentaram-se os dois à esquerda. Não sei propriamente o que disseram. Mas, espreitando, passados alguns momentos, do corredor contíguo, os vi profundamente desolados, a ouvir, sem dizer palavra, como descrentes de tudo, as manifestações do Presidente, que ainda se declarava confiante nas resistências possíveis, e procurava animá-las por todas as maneiras. Quando o Presidente se calava, o silêncio se fazia...

Ergueram-se por fim. O general Azevedo Coutinho saiu como quem ia cumprir ordens. Inspirava pena e respeito: pena da inabilidade dos recursos, de que se queria, a todo transe, que ele tirasse forças; respeito à fidelidade, com que se mantinha no seu posto, embora quase só.

presidente do Banco do Brasil
refere-se a Manuel Guilherme da Silveira Filho, exerceu a presidência do Banco do Brasil durante três governos da República: Washington Luís, José Linhares e Eurico Gaspar Dutra.

Agripino Grieco
famoso crítico literário, colaborou em *O Jornal*, revista *ABC* e *Hoje*.

A Noite
trata-se do vespertino fundado por Irineu Marinho, de propriedade de Geraldo Rocha.

Presidente da Caixa de Estabilização
refere-se a Francisco Chaves de Oliveira Botelho.

Cardeal
refere-se a
Dom Sebastião Leme.

Augusto
Tasso Fragoso
o chefe da Junta Governativa Provisória, que assumiu o governo do Brasil com a deposição de Washington Luís (1930).

Leite de Castro
refere-se a José Fernandes Leite de Castro, integrou o grupo de militares que depôs o pres. Washington Luís, tornou-se min. da Guerra (1930).

Firmino Borba
refere-se a Firmino Antonio Borba, matemático e físico, militar e revolucionário em 1932.

Pantaleão Teles
refere-se a Pantaleão Teles Ferreira, militar e revolucionário em 1932.

Quando vi que o ministro da Guerra, a paisana, já não voltava mais ao ministério, preferindo ficar com o Presidente, não interpretei o seu ato senão como a confissão de que nada mais tinha a fazer, cumprindo-lhe tão somente a contingência de vir correr, em pessoa, ao lado do seu chefe, os riscos do desenlace.

Mais ou menos há esta hora, minha mulher chamou-me ao telefone. O Cardeal me havia telefonado para casa. Precisava falar-me com absoluta urgência. Transmiti ao Presidente. De acordo com S. Exa., dirigi-me, pessoalmente, no meu automóvel, para o Palácio de S. Joaquim. Não era mais madrugada. Havia já manhã. Vinha chegando a tropa de Polícia, destacada para a defesa do Guanabara. Pouco menos de 6 horas, dei entrada no paço do Arcebispo. Levou-me um dos seus contínuos para o pavimento nobre. Vi aberta a capela. Entrei. Ajoelhei-me. Fiz uma breve oração. Por minha mãe, cujo aniversário de morte transcorria justamente naquele dia. Pelas horas amargas que estávamos passando. Pelo Brasil, onde quer que ele estivesse, com os adversários, ou conosco.

D. Leme não demorou. Estava emocionado. Confirmavam-se as suas previsões. Recebera, não havia muito, por um portador desconhecido, dentro de um envelope oficial do Forte de Copacabana, o papel que me mostrava. Era um apelo, ou uma intimação, dirigido ao Presidente da República. Manuscrito, e parece da lavra, ou antes, do próprio punho do primeiro dos seus signatários, descrevia, a traços rápidos, as dificuldades do momento, e convidava o Presidente à renúncia, para evitar derramamento de sangue, evocando-lhe Deodoro e o seu exemplo. Assinavam: Augusto Tasso Fragoso, general de divisão, por si e pelo general Leite de Castro; e João de Deus Mena Barreto, general de brigada, por si e pelos generais Firmino Borba e Pantaleão Teles.

O Cardeal ponderou:

– Não posso, evidentemente, servir de intermediário para encaminhar ao Presidente um documento desta natureza. Devo, pois, devolvê-lo.

Ao que lhe respondi:

– Era o que eu faria no seu caso. Aliás o Presidente será de tudo informado. É quanto basta.

Trocamos algumas palavras sobre a ação que podíamos ter, eu no Palácio, sua Eminência em geral, através dos incidentes que necessaria-

mente ocorreriam. Combinamos que nos entenderíamos por meio do telefone, à medida que fosse necessário. Retirei-me.

Regressando ao Guanabara, referi ao Presidente o que se tinha passado. Estava S. Exa. sentado no divã da sala de biblioteca, contígua ao seu gabinete, sereno, silencioso, tendo apenas ao lado, em uma poltrona, o ministro da Guerra. Narrei, depois, o ocorrido, aos outros circunstantes, interessados, naturalmente, em saber o que desejava o Cardeal. Não houve maior impressão. Já o desânimo lavrava. Um espírito, entretanto se mantinha. Era o do Presidente. Enquanto se recolhiam, quase todos, ao mais expressivo silêncio; enquanto o ministro da Guerra se limitava a dizer um ou dois vocábulos terríveis, para estigmatizar com este ferrete os que o tinham abandonado; enquanto se ouviam apenas murmúrios, uma ou outra conversa à voz baixa, o Presidente, ora calmo, ora irritado, perseverava em dar ordens. Assim, por mais de uma vez, o ministro da Guerra foi ao telefone. Percebia-se que o fazia porque o Presidente ordenava, sem esperança, entretanto, de ser obedecido. Também pelo telefone, entendeu-se o ministro da Justiça com a Polícia Militar, que se soube contar, na capital, 2.600 homens.

– Pois são suficientes – retrucava o Presidente. Saíam, e cumpram o seu dever.

Houve um momento em que não se conteve, e falou, ele mesmo, suponho que ao general comandante da Polícia.

Mas, desta ou daquela forma, por isto ou por aquilo, a cada força, para que se apelava, correspondia uma decepção; a cada decepção, uma insistência da parte do Presidente.

S. Exa. não se conformava. Para que então se tinha feito o Exército? Para poupar derramamento de sangue? Não. Ao contrário. Para vertê-lo em horas como aquela. O Exército, por quem tanto havia feito! Era assim que extravasava, sempre com a medida, a compostura, a circunspecção que lhe são próprias.

Faltava pouco para 9 horas, o Cardeal chamou-me ao telefone:

– Comunicam-me do Forte de Copacabana que, se o Presidente abandonar o Governo até 11 horas, poderá retirar-se em minha companhia, e vir para minha casa. Em hipótese contrária, o Forte começará a atirar, com pólvora seca, a partir de 9 horas, iniciando, justamente às 11, o bombardeio do Guanabara.

Ministro da Justiça
refere-se a Augusto
Viana do Castelo.

dr. Antônio Prado
refere-se a Antônio
da Silva Prado Júnior,
prefeito do Distrito
Federal.

família
Pires Ferreira
refere-se a família do
dep. fed. Joaquim de
Lima Pires Ferreira.

general Malan
refere-se a Alfredo Malan
d'Angrogne, um dos
militares que assumiram
o governo após o golpe
de 1930.

– Bem, Eminência. Vou conversar com o Presidente.

– Mas não há tempo a perder. Já são quase 9 horas.

Expus ao Presidente.

– Podem bombardear – disse-me S. Exa.

Enrubescido de indignação, ergueu-se do divã. Parte de sua família já havia deixado o Palácio. Sua senhora, entretanto, insistia em ali permanecer. Chamou, em particular, o dr. Antônio Prado, e deu-lhe instruções no sentido de, usando de certo pretexto, fazê-la retirar-se, acompanhando-a, para uma casa amiga, em Cosme Velho (família Pires Ferreira). Voltou-se então pra mim e decidiu:

– Responda ao Cardeal que já fiz retirar as senhoras, que ainda se conservavam no Palácio, para que possam bombardeá-lo á vontade.

Transmiti a D. Leme a resposta, mostrando-lhe que, nas circunstâncias, não poderia ser outra. Veríamos, não obstante, como as coisas se haviam de passar, no decurso do interregno.

Tornou-se mais pesada a atmosfera. Começaram a ser ouvidos os tiros de pólvora seca. O Presidente reuniu os ministros. Não me esqueci de considerar, comigo próprio, que, ao longo de quatro anos, era a primeira vez que o fazia.

– Os senhores conhecem a situação. Dou-lhes plena liberdade. Podem retirar-se. Penso que devem fazê-lo, principalmente os civis.

– Aqui não há civis, ou militares. Há membros do Governo.

V. Exa. é civil – disse eu.

S. Exa., então meio sorrindo, objetou:

– Eu sou o comandante em chefe...

O ministro da Fazenda concluiu, com assentimento geral:

– Ficaremos todos ao seu lado.

Depois, queda sobre queda. O fracasso. A derrocada. Todas as notícias eram más. Repartições ocupadas. Ocupado o Palácio do Catete. Fogo aos jornais governistas. Um oficial de Polícia veio fazer uma notificação: a Brigada passara a obedecer ao general Malan, um dos diretores do movimento. Percebi uma troca de palavras entre um dos oficiais da Casa Militar, comandante Braz Veloso, e um oficial de serviço. Na cidade, ao que se dizia, não havia mais legalistas. Todo mundo era revolucionário.

Bandos de populares enchiam as ruas, conduzindo bandeiras vermelhas, em pleno motim festivo. Alguns demandavam já o Guanabara.

E o bombardeio? Ao aproximar-se a hora (11 da manhã, como acima ficou dito) um dos presentes, pondo-lhe em certa dúvida a eficiência, consultou o capitão Osvaldo Rocha, da Casa Militar:

– Eficiência absoluta, respondeu o capitão. Em menos de meia hora, reduzem isto a cinzas, se quiserem.

O bombardeio, entretanto, não me preocupava. Senhores, que estavam, da situação, não tinham necessidade, os militares, de cometer o que seria um crime, com todas as agravantes.

O Cardeal telefonou-me, dizendo que, do Forte de Copacabana, me queriam falar. Vacilei. Podia ser uma desatenção ao meu colega da Guerra. Ouvi o Presidente. Não devíamos ter nenhum contato com os oficiais revoltosos – era o seu modo de ver. Inclinei-me. Pedi a D. Leme que me dispensasse. Bastava que ele próprio se entendesse com os chefes do movimento.

Pouco depois, não era mais o Arcebispo. Era o general Malan d'Angrogne quem me procurava, pelo telefone. Podia fazê-lo em nome das relações pessoais, que cordialmente mantemos. Contornei, possivelmente, alguma vez, ao longo do quadriênio, recomendações do Presidente. Àquela hora, entretanto, não sabia senão obedecer-lhe, inteiramente, absolutamente. Evitei, com polidez, o entendimento.

Ambiente de angústia. O ministro da Marinha, na sua costumada serenidade, comentava: “Estas horas, que estamos vivendo, valem anos! Entre 1 e 2 horas, houve um almoço rápido. O Presidente não tomou parte à mesa. Já pequenos ajuntamentos de populações faziam demonstrações subversivas em frente ao Palácio. A um deles, dirigiu a palavra o capitão Perdigão, da casa militar. Uma força de Polícia, que guardava o Guanabara, ainda parecia fiel. Pois ainda para ela apelou o Presidente. Que fizesse dispersar qualquer grupos que em atitude hostil se aproximassem. Alguns soldados se movimentaram. Dadas, entretanto, as circunstâncias, seria uma imprudência. Tratou-se de evitá-la. Também logo se apurou que a própria guarda falhava. Os soldados tiravam ramos das árvores do parque, e com eles enfeitavam as carabinas.

O Cardeal-Arcebispo voltava a declarar-me: de acordo com os dirigentes militares, estava pronto a vir buscar o Presidente, e transportá-lo

general
Teixeira de Freitas
refere-se ao chefe da
Casa Militar/Estado
Maior do presidente
da República.

para o seu palácio. Respondi que com o seu desejo se conformava a opinião geral, dominante no Guanabara. Mas restava que o Presidente se decidisse a adoptá-lo, o que, por enquanto, não fizera. Aguardasse mais um pouco. Transmitir-lhe-ia o que ocorresse.

Uma pergunta pairava em todos os espíritos: como por termo àquilo? Confabulava-se em pequenos grupos. Em um deles, o vice-presidente, o prefeito, o deputado Roberto Moreira e eu, trocamos impressões. Procurei abordar o Presidente. Ainda estava inabordável. O prefeito, seu amigo de toda intimidade, pode ser-lhe mais franco:

– Você já fez o que pode. Defendeu, até o extremo, o seu governo. Fe-lo com toda a bravura e a maior dignidade. O mais, agora, será suicídio, que é uma forma de fraqueza.

– Pode retirar-se quem quiser. Já disse. Sei o que devo fazer.

– Ninguém se retirará. Não se trata disto. Mas você não tem o direito de sacrificar-se inutilmente. Você tem família.

– Ora, é boa. Falar-me você em família em ocasiões como esta...

Muito não havia passado, e soube-se que acabavam de chegar os generais emissários da subversão vitoriosa.

Estávamos todos então na sala da biblioteca. O Presidente, como sempre, no divã. O general Teixeira de Freitas, chegando à porta de entrada do gabinete contíguo, fez-me um sinal. Compreendi. Não devia, porém, no momento, sair de onde me achava. Aproximou-se, então, do Presidente, o chefe da sua casa militar, e comunicou-lhe o fato. Estavam aí os generais.

– Nada tenho a ver com isto – disse, mais ou menos, Sua Excelência.

O general retirou-se. Chamavam-me, pouco depois, para conversar com os generais. Como podia eu fazê-lo, depois do que dissera o Presidente? Conservei-me quieto em meu lugar.

Os generais deliberaram entrar. Foram entrando. Vieram até onde nos achávamos. Eram três, um atrás do outro: Tasso Fragoso, Mena Barreto, Malan. O Presidente ergueu-se. Levantamo-nos todos. A fisionomia do Presidente, mais do que em qualquer outra ocasião, era fechada e enérgica.

– O senhor deve compreender – começou o general Tasso Fragoso, a imensa mágoa com que hoje vimos aqui. O patriotismo nos ditou a

atitude que assumimos. Aqui estamos, porém, para oferecer-lhe todas as garantias...

O Presidente interrompeu:

– Não preciso delas. Dispensó-as.

O general replicou, como quem recebe um aparte:

– Mas é que realmente a sua vida está correndo perigo, e queremos preservá-la.

O Presidente insistiu:

– Nunca fiz caso da vida. Neste momento, desprezo-a mais do que nunca.

O general concluiu:

– Neste caso, o senhor responderá por todas as conseqüências.

O Presidente encerrou, quase num gesto brusco:

– Por todas!

Não há dúvida. Houvesse maior violência da parte dos generais, e não seria para admirar que a cena degenerasse em luta pessoal. O Presidente, é verdade, não chegou a levar a mão ao bolso do casaco. Mas ali trazia uma pistola. Justiça se lhes faça. Os generais se portaram cavalheirosamente. Deram, com firmeza, meia volta, e retiraram-se, na mesma ordem, pelo mesmo caminho por que entraram.

Tristeza. Comoção. Minutos de silêncio sepulcral. Ninguém articulava uma palavra. Ninguém se movia. Tocasse a quem tocasse, no episódio, a maior soma de responsabilidade, que pena, que grande pena do Brasil tive naquele momento, ao verificá-lo ainda passível de uma realidade como aquela; deposto, por seu exército, o seu governo constitucional, o que em regra, as nações organizadas não chegam a compreender, por mais que se lhes explique, senão como atestado iniludível de atraso e de barbaria! Primeiro, Bolívia e Peru, aqui uma ditadura, que se ia tornando crônica, ali outra que surgia, confiando o governo a um ministério, de que a lei não cogitava para semelhantes efeitos. Mas, agora, Argentina e Brasil, dois presidentes eleitos na forma exata da Constituição. Pobre América do Sul, já de si tão malsinada...

Não me era lícito continuar absorto, a recompor o passado, a conjecturar sobre o futuro, no desencanto e na melancolia de tais meditações.

capitão Bevilaqua
refere-se a Peri Bevilaqua,
oficial-de-gabinete
da Junta Governativa
Provisória.

Passados alguns momentos, levantei-me. Fui saindo da sala. Notei, nitidamente, em alguns olhares, a confiança em que se iria tentar alguma providência. De fato. Pretendia chamar ao telefone o Cardeal-Arcebispo, e ver o que era possível combinar. Não tinha ainda, porém, pedido ligação, quando de mim se aproxima, um tanto emocionado, um moço, vestido de preto, que então tive o prazer de conhecer:

– Dr. Mangabeira, sou o capitão Bevilaqua. Sou genro do general Tasso Fragoso. O general desejaria muito entender-se com o senhor. Há, da parte de todos, o empenho em que tudo se conclua dignamente. Dar-se-ão ao Presidente garantias, e até honras. Um regimento, se for necessário, poderá acompanhá-lo.

– Capitão, respondi eu, diga ao general Tasso Fragoso que vá conduzindo, pelo seu lado, as coisas, enquanto por nossa parte nos esforçamos por encaminhá-las a termo satisfatório. A conduta do Presidente, longe de diminuí-lo, deve tê-lo aumentado no respeito, a que porventura faça jus. Quem cai não é propriamente o Sr. Washington Luis. É o presidente do Brasil. Deve fazê-lo com honra, por honra da nossa Pátria. Diga mais ao general que logo me sinta habilitado, irei ao seu encontro.

O capitão desceu, conversou com o general, e veio dar-me a resposta:

- O general fica à espera. Pergunta se é necessário que permaneça aqui.
- Sim. Será conveniente.

Com efeito. O Palácio, a bem dizer, apesar de fechados os portões, já tinha sido invadido. Militares e civis, alguns de carabina, e entre os quais pude notar mais se um legalista da véspera, um deles de quatro costados, se espalhavam em franca desordem nos baixos e no jardim. Fora o povo se ajuntava entre brados e protestos.

Foram cortadas as comunicações telefônicas. Os criados tiveram ordem de retirar-se. Um despertou-me a atenção, aliás empregado antigo, pois o conheço já de outros governos. Pingavam-lhe dos olhos as lágrimas sobre objetos e roupas que ia reunindo. Minha experiência da vida me ensina que é mais freqüente nos humildes isto que se chama o coração.

Conversamos, uns com os outros, os presentes. Todos estavam de acordo em que aquele estado de coisas não podia persistir. A palestra que entretivera com o capitão Bevilaqua, e o entendimento que começara a ter com o general Fragoso, tranqüilizaram, de alguma sorte, os

ânimos. Fui até onde estava o Presidente, na sala da biblioteca. Sentei-me ao seu lado, entrei a considerar. A situação estava extinta. Estava acabado o governo. Não havia mais um soldado que lhe obedecesse às ordens. Cessara, por conseqüente, a autoridade. As repartições, os ministérios, o Telégrafo, a Central, o Palácio do Catete, o próprio Guanabara se achavam já ocupados. Nossa presença ali, por conseguinte, passava a ser humilhante.

O Presidente já se encontrava mais calmo. Concordou; mas fez ver que o resultado não dependia de nós. Nisto chegaram mais fortes os ecos das gritarias de populares, que se vinham aglomerando em frente do palácio. S. Exa. observou, sorrindo: “São, naturalmente, as “conseqüências” a que se referia o general”.

Referi-lhe a conversa que tivera com o capitão Bevilaqua. “Pois então aguardemos”, concluiu.

Senti-me desde ai habilitado a ir ao general Tasso Fragoso. Fui. Conferenciamos os três: ele, o general Malan D’Angrogne e eu, no pavimento térreo. Demorada troca de idéias. Explicações. Comentários. Recordo-me que em dado momento ouvi do seio da turba: “Mas quando acabará esta comédia?” Por fim, estabeleceu-se. O Presidente seria transportado para o paço do Cardeal, acompanhado por este e pelo general Tasso Fragoso. Os demais iriam para as suas casas. Não haveria presos. Insistia o general Tasso Fragoso em consignar que o movimento só tinha intuítos pacificadores e, pois não poderia comportar perseguições a ninguém.

Subi. Comuniquei ao Presidente. Não se manifestou em desacordo. Perguntei-lhe se queria reunir os papéis que, alguns em pequenas pastas, se encontravam nas mesas de trabalho. Indagou, a sorrir se seria permitido. Fê-lo. Transmiti aos demais circunstantes o ocorrido.

Tratei de fazer vir o Cardeal. Os telefones, como acima disse, já não funcionavam. O próprio general Tasso Fragoso mandou um oficial, em automóvel, foi pelo menos o que me disseram, buscar D. Sebastião. Monsenhor Costa Rego, vigário geral do Arcebispado apareceu, e informando do que havia, regressou ao Palácio de S. Joaquim.

Aquilo parecia interminável. As cenas eram as mais desoladoras. O 3º Regimento, Comandante o coronel José Pessoa, tomou a si a guarda do Palácio. Sentinelas de baioneta calada foram postadas nas

coronel José Pessoa
refere-se ao comandante
da Escola Militar do
Realengo (1931).

portas em todas as passagens, mesmo na zona onde estávamos. Já não se podia circular.

D. Leme demorava. Soube afinal que chegara, mas permanecia no pavimento inferior com os chefes militares. Só meia hora depois o Cardeal subiu. Acompanhavam-no D. Benedito, arcebispo de Vitória, amigo pessoal do Presidente, e Monsenhor Costa Rego. Fui ao encontro de sua Eminência. Notei-o um tanto agitado.

– O Presidente, disse-me, não irá mais para minha casa. Irá preso para um navio, ou para o Forte de Copacabana. Presos serão também os ministros da Guerra e da Justiça.

– Não foi isso, objetei, o que se combinou.

– Mas agora, respondeu-me Sua Eminência, as coisas sofreram modificações. É o máximo que se pode conseguir. E não há tempo a perder. Vamos retirar o Presidente.

Informaram-me depois que a conferência do Cardeal se passara em pesada atmosfera. Monsenhor Costa Rego chegou a aconselhá-lo a retirar-se. Militares, alguns de relevo discordaram francamente da deliberação dos generais. Queriam mais energia. Discutiu-se. Deblaterou-se. Concertaram-se, por fim, em torno daquela fórmula.

O Presidente, cessado, no seu espírito, a preocupação de resistência, passou a assumir atitude relativamente tranqüila. Serenidade, senão indiferença. Recebeu D. Sebastião, o general Tasso Fragoso, D. Benedito e Monsenhor Costa Rego, no salão nobre. Foi notificado dos fatos. Prisão no Forte de Copacabana. Conformou-se. Estaria pelo que deliberassem. Não o preocupava o seu destino. Só pedia garantias para os amigos que ainda ali ficavam.

Foi coisa de poucos minutos. O Presidente abraçou, um por um, os seus ministros, o prefeito, os membros das suas casas civil e militar, os seus filhos, em suma, os que lhe foram companheiros naquela triste jornada. Tinha no rosto o costumado sorriso. Não manifestava emoção. Houve, entretanto, mais de um no grupo, que não conteve as lágrimas.

Dois automóveis deixavam, logo em seguida, o Guanabara. Ocupavam o primeiro, o Presidente, o Cardeal, o general Tasso Fragoso, e D. Benedito. Iam, no segundo, Monsenhor Costa Rego e militares. Grupos de populares, que aguardavam a passagem na frente do Palácio, foram

logrados. A saída se fez pelo portão que dá para Botafogo. Não houve, portanto, manifestações. Consta apenas que um indivíduo chegou a empunhar uma arma, sendo chamado à ordem, e outro disse: Por que fez derramar tanto sangue? Um ou outro grito. Nada mais.

O trajeto para Copacabana se fez pelo Túnel Velho. Chegando ao Forte, o Presidente, mantida a mesma atitude, entregou ao comandante a arma que trazia.

Aguardamos, no Guanabara, a volta do general Tasso Fragoso. Como ele demorasse, então houvesse obstáculo da parte do coronel José Pessoa, alguns começaram a sair. Tomei a resolução de ser o último a deixar o Palácio. Avisei os ministros da Guerra e da Justiça de que seriam presos, o primeiro na fortaleza de S. João, o segundo, no quartel de 1º Regimento de Cavalaria. Receberam a notícia tranquilamente. O ministro da Justiça limitou-se a perguntar: Onde fica este quartel? O ministro da Guerra esclareceu: em S. Cristóvão.

Voltou o general Tasso Fragoso. Tinha anoitecido. Tudo me dava a idéia de um naufrágio. O palácio iluminado era um grande navio soçobrando. Aqueles automóveis, que partiam, eram como embarcações que conduzissem naufragos a terra. Por fim, restávamos eu e os dois ministros presos. Vi sair o da Justiça. Acompanhou-o no carro o general Pantaleão Teles. Aguardei que saísse o da Guerra. Disseram-me que pernoitaria no Palácio. Fui então transmitir-lhe a notícia, e o abracei, despedindo-me. Não havia mais ninguém.

O general Tasso acompanhou-me. Outros militares me cercaram. Tomei sozinho o automóvel, o carro do Ministro, aquele mesmo que me conduzira, pela madrugada, ao Guanabara. Não tinha transposto o portão, quando um tenente, genro do general Malan d'Angrogne, fazendo-me parar, pediu-me licença para acompanhar-me. Fez-me a fineza da sua companhia até a minha casa.

Soube, depois, que o ministro da Guerra não permanecera em palácio. A certa hora, o general Malan notificou-o de que lhe seria dado ir para casa, e aí se considerar detido, sob palavra.

– Não aceito.

– Será, neste caso, preso na fortaleza de S. João. E foi transportado para a fortaleza.

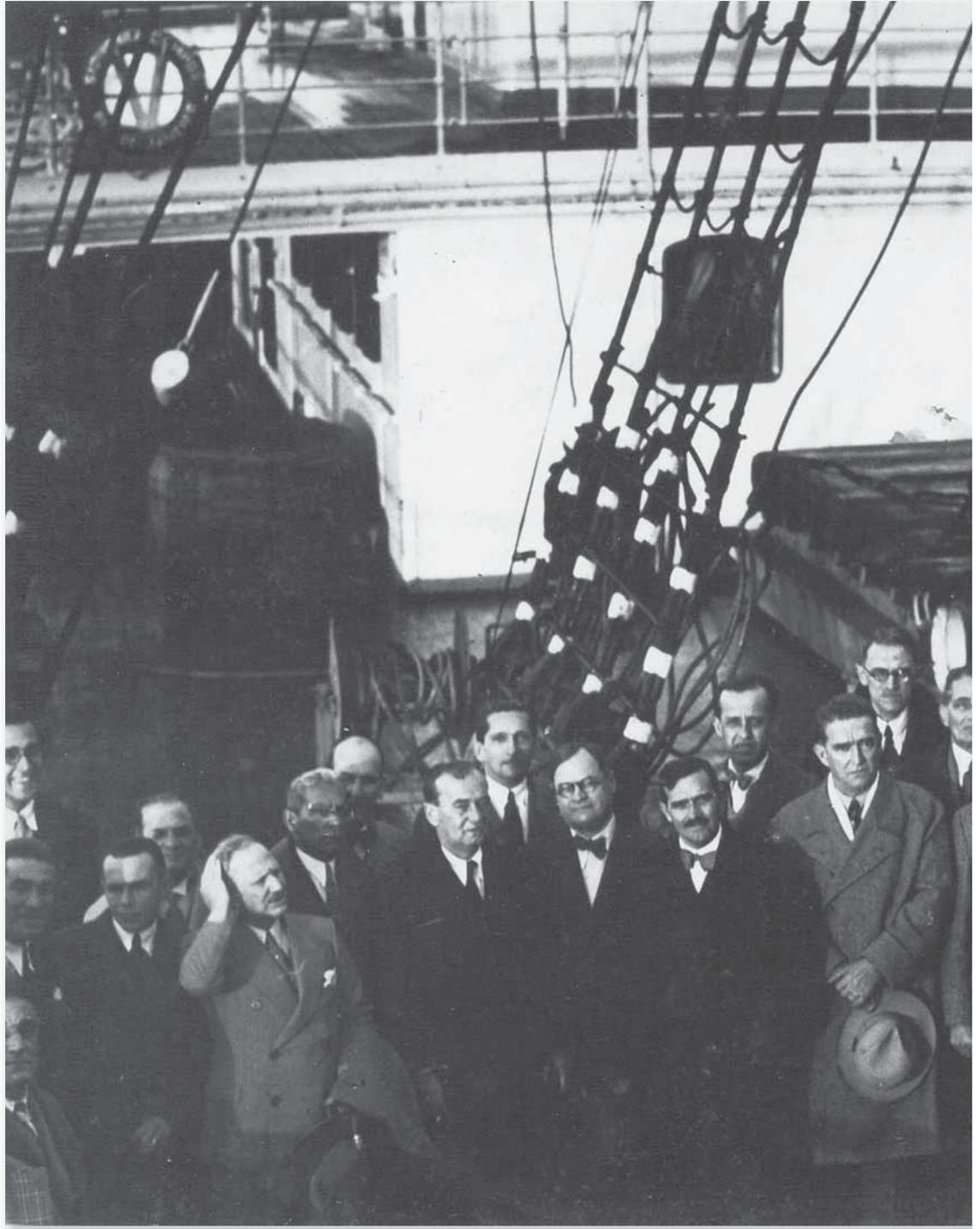
Assim, no ano da graça de 1930, a 24 de Outubro, fui testemunha de um fato, que faço votos por que fique virgem na história da República: a deposição de um Presidente, a queda da ordem legal, em benefício daquilo que mais pode afligir o amor da liberdade – a instituição da ditadura.

Octávio Mangabeira





Octávio Mangabeira
e Washington Luís





Grupo de exilados brasileiros no Conte Verde, que os levou para a Europa após o movimento militar de 1930. Em destaque à direita, Octávio Mangabeira, ao centro, Simões Filho.

AO POVO BRASILEIRO

Quinta-feira, 23 de outubro, pela manhã, como durante aquela fase anormal me habituara a fazer, estive com o presidente. Encontrei-o no seu posto, solícito, vigilante, a multiplicar-se em providências, no mesmo estado de ânimo dos dias anteriores. As notícias alarmantes, a cada momento mais acentuadas, não lhe exerciam no espírito a mínima influência. Nada mais eram, a seu ver.

EXPLICAÇÃO NECESSÁRIA

Na sexta-feira, 7 de novembro, na casa da Avenida Osvaldo Cruz nº 131, ali por volta de 10 ½ da noite, minha família se achava já recolhida, mas eu me encontrava ainda, em palestra com alguns amigos, no meu gabinete de trabalho, quando um senhor, que então me declarou delegado, e chamar-se Fróes da Cruz, veio efetuar minha prisão, de ordem, segundo me disse, do chefe de polícia. Um militar, parece que um capitão, fazia-lhe companhia, enquanto, do lado de fora, dois agentes, ou coisa que o valha, se mantinham em vigilância. Fizeram-me a bondade de dar tempo para trocar de roupa, e munir-me de uma valise. Em um automóvel, fui transportado, em seguida, guardado pelos quatro, para o quartel do 1º Regimento de Cavalaria do Exército, à Avenida Pedro Ivo.

Passava já de 11 horas. Receberam-me ali com surpresa. Arranjaram-me, às pressas, um quarto, de onde me transferiram, no dia seguinte, para outro mais confortável. Deu-me ciência, o oficial de dia, das condições da prisão: incomunicabilidade, com sentinela à vista. De fato, ao fechar a porta, para recolher-me ao repouso, já um praça, ali postado, montava sentinela.

A CONSCIÊNCIA DO DEVER CUMPRIDO

Não tive a menor emoção. Juro que olhava para tudo aquilo com a mais absoluta indiferença, como se aquilo não se entendesse comigo, como se a tudo aquilo fosse estranho, sorrindo, de alguma forma, intimamente, da boa parte que, naquela cena, havia de ridículo. Dormi

tranqüilo. Tenho dito, mais de uma vez, na intimidade, o que aqui vou repetir. Há muito não sabia o que era o sono, despreocupado e saudável, que vim a ter durante as horas a fio das noites da prisão.

Quatro anos exerci o ministério, entrando no meu gabinete às 9 horas da manhã, às vezes antes, retirando-me para o almoço, quando não almoçava lá mesmo, entre 12 ½ e 1 hora, para voltar às 2, e me conservar, de ordinário, até depois das 7, dando, portanto, diariamente, ao serviço, com a mais estrita pontualidade, nunca menos de oito horas. Atendendo ainda, à noite, aos deveres sociais a que me sentia obrigado, e acordando muito cedo, para trabalhar em casa e para ler os jornais, interrompia, ainda assim, as horas, muito poucas, que restavam, considerando, no espírito, as preocupações de cada dia.

Não teria podido, de outro modo, ao fim do quadriênio, dizer, sem jactância, como disse, com os documentos em punho, e hei de narrar a seu tempo, com todos os detalhes – que negociei, de início a termo, desde os primeiros debates até a troca de ratificações, quatro dos quatorze tratados, ou convenções de limites, pelos quais se define atualmente o mapa do Brasil, deixando assinado um quinto, que ainda depende de voto do parlamento argentino, e que fechará completamente a linha das nossas fronteiras; que dei aos serviços de demarcação do nosso território, por acordos que, sobre o assunto, encaminhei com países limítrofes, ou seja dos pontos de vista administrativos e técnicos, uma sistematização e atividade como jamais tiveram; que resolvi, com o Uruguai, negociando e concluindo pactos, que a seguir se executaram, problemas que se vinham eternizado, como o da ponte sobre o Jaguarão, que acaba de inaugurar-se, e o dos ramais férreos cujas obras ativamente prosseguem, ligando os dois países, pela união entre os portos do Rio Grande e de Montevideú; que realizei no Ministério, reconstruindo-o, reorganizando-o, todo um plano de grandes reformas – e quarenta mil pessoas, ainda recentemente, o visitaram – preparando e instalando, sobretudo, os seus arquivos e biblioteca, para tornar exeqüível o bom governo da chancelaria, e abrindo largo horizonte às investigações da história Pátria; que criei, desenvolvendo-os, por assim dizer, dia a dia, até lhes dar, afinal, organização definitiva, os Serviços Econômicos e Comerciais, que já deixei florescendo em plena eficiência, na órbita dos grandes interesses a que se consagraram; que fiz o Brasil distinguir-se, com um relevo que as crônicas da época exuberantemente registraram,

na 6ª Conferência Pan-americana, realizada em Havana, e em outras assembléias internacionais, a destacar-se a dos juriconsultos, que convoquei e se realizou no Rio de Janeiro; que defendi, quando pude, em diferentes oportunidades, com êxito assinalado, o prestígio da língua portuguesa, e procurei divulgar, em outros idiomas, algumas das obras primas da nossa literatura; que, através de episódios memoráveis, como as visitas dos dois presidentes, do Paraguai e dos Estados Unidos, ou ao longo de incidentes e questões, que tão ativa tornaram, no campo das Relações Exteriores, a presidência Washington Luis, nunca procedi senão de modo a contar com a aprovação dos próprios adversários, ainda os mais acirrados, do Governo, na imprensa e no parlamento. Não são palavras. São fatos. Não são fanfarronadas, ou basófiás. São realidades concretas, que me vejo forçado a invocar nas atuais circunstâncias.

AO DESCER DO MINISTÉRIO

Teria semeado em terra sáfara? Não. Do ambiente, que me cercava, ao descer do Ministério, não obstante as condições tormentosas em que se findava o governo, tive as demonstrações mais expressivas. Na própria tarde de 24 de Outubro, ainda no Palácio Guanabara, os generais, que ali representavam a subversão vitoriosa, declararam-me o desejo de que permanecesse no meu posto. Chamaram-me, no dia seguinte, ao Palácio do Catete, para reafirmar-me os seus propósitos. Trocando comigo impressões, na noite de 24, consultou-me o diretor-proprietário de um grande órgão de publicidade sobre um apelo a fazer-me, no mesmo sentido, pelo seu jornal, modelo de probidade, protótipo da independência e de denodo na imprensa brasileira, o “*Correio da Manhã*”. Neguei, a tudo, o meu assentimento, por mais sensível que fosse a tais manifestações. Aliás, ao próprio Dr. Júlio Prestes, como insistentemente se aludisse a minha possível continuação na pasta do Exterior, fizera saber, meses antes, por um amigo comum, Dr. João Fabrício de Carvalho, que não era da minha vontade ali permanecer. Companheiros de trabalho, os que tive a fortuna de contar como auxiliares mais próximos, conhecem os pontos de vistas que lhes externava sobre o assunto. Demais, só a incompetência ignorante das suas próprias responsabilidades, a vaidade estulta, ou a avidez do poder, para edificar, com o seu prestígio, prosperidades indignas, não se arreceiam do peso dos postos do governo...

Correio da Manhã
diário carioca matutino,
um dos principais órgãos
da imprensa brasileira.

Júlio Prestes
Júlio Prestes de
Albuquerque, presidente
do Brasil eleito e não
empossado devido
a Rev. de 1930.

Ao deixar o Guanabara, último dos que dali se retiraram, naquela triste jornada, que, até por honra do presidente deposto, não me descuidei de fixar, com todos os pormenores, em página especial, não me faltaram atenções de muitos dos militares, que ali se aglomeravam; e lembro-me que o Sr. Candido Pessoa, cujo temperamento apaixonado vibrava naturalmente ao fogo das emoções daquele dia, veio no momento, ao meu encontro, e, sem que eu soubesse ao que ele vinha, tanto o ouvira expandir-se, em altos brados, contra a situação desmoronada, pediu-me licença para dar-me um abraço, e, de fato, abraçou-me, dizendo: “o senhor é um adversário a quem se pode abraçar”.

Por dias consecutivos, ainda na minha residência, fui visitado, de manhã à noite, por pessoas de todas as classes. A imprensa, a quem tanto devo, pelos favores da benevolência, com que nunca deixou de distinguir-me, com esta, mais uma vez, não me faltou; e, se houve alguma exceção, porventura relevante, não me seria lícito esquecer, por um ou outro remoque, logo às primeiras do ostracismo, o apoio que mereci, tantas vezes carinhoso, durante quatro anos de governo. Quer na prisão, a que me recolheram, quer ao partir do Brasil, ou ao atravessar as suas águas, sobretudo na altura da Bahia, onde enviei, do oceano, à cara terra natal, os protestos da minha devoção na ternura da minha saudade, senti sempre os testemunhos de que antes crescera que me reduzira, no conceito dos meus compatriotas. A quantos nos penhoraram, a mim e à minha família, e seja-me permitido assinalar, por natural deferência, os nossos caros amigos do Corpo Diplomático, daqui transmito a palavra de um comovido reconhecimento.

PORQUE FUI PRESO

Sabe-se, entretanto, de sobra, como as coisas se passaram. Dois generais e um almirante, em junta governativa, assumiram, com boas intenções, a autoridade presidencial, parece que se dispunham a governar, pelo menos um certo período, tanto que nomearam alguns ministros, da sua livre escolha, e chefes de serviços. Mas a revolução de 3 de Outubro, ciosa dos seus direitos, procurou inteirar-se dos propósitos do golpe de 24. Fe-lo em documentos que são públicos, quem já os leu, que os releia. A história há de tocar nesta ferida, quando ela já se encontrar de todo cicatrizada. Evitando comentá-lo, registro apenas o fato. Ao cabo

Candido Pessoa
Candido Pessoa Cavalcanti de Albuquerque,
oficial do registro civil do
2º Ofício da 14ª Pretoria
Civil (1930-1934).

sursum corda
expressão em latim
que quer dizer:
elevem os corações.

Jardins do Monroe
sede do Estado Maior
das Forças Armadas.

de pouco mais de uma semana, com a entrada, na capital, do comando civil, regressavam as suas casas, ou antes, aos seus quartéis, os maiores da pacificação. Levaram consigo as fórmulas, de apaziguamento e de cordura, com que vinham falando ao país. Pouco importa que a sorte da luta não se tivesse apurado ao fragor dos combates. Não seria mais – *sursum corda* – o evangelho do dia. Perseguição. Vingança. Tiveram de perfilar-se em continência, como se passado não houvessem de meros instrumentos, ex-ofício, das facções em armas, quando de fato lhes tinham dado a vitória. Pelo destino do próprio chefe de Estado, a quem, depois de deposto, fizeram prisioneiro, sob compromissos espontâneos, não puderam responder, vencidos ou convencidos – desejo, de coração, que tenham sido vencidos – entregaram, sem reservas, aos revolucionários, o poder, que arrancaram, em nome da paz, às mãos da legalidade.

Sem que fosse preciso pôr-se à prova, à falta de combatentes, o heroísmo empolgava as ruas. O vermelho era a cor dominante, nos lenços e nas bandeiras, não, felizmente, o do sangue, que não se chegara a derramar. Uma rapaziada estrepitosa ornou da sua presença os encantos da cidade, exibindo-lhe as facas de ponta, que ainda trazia para defender as instituições republicanas. Amarraram-se cavalos no obelisco. Transformado em caserna o paço do Senado, celebrizaram-se os Jardins do Monroe, assando-se ali churrascos para os voluntários. Seria injusto não reconhecer que havia muito de belo na atitude dos que puseram a vida ao serviço dos seus ideais. Pena era que a farsa escarnecesse da dignidade do espetáculo. Homens, que, não há muito, proferiram, em cartas que todos lemos, ou discursos que todos ouvimos, a apologia, em termos excessivos, do Sr. Washington Luís, ou do Sr Júlio Prestes, e com estes, ainda há pouco, até trocando de nomes, vinham procurando conchavar-se de todas as maneiras – autores ou co-autores, reconhecidamente, dos abusos, contra que simulavam reclamar, senão de faltas maiores por que se assinalaram, uns manchados do sangue dos outros, em grandes lutas recentes – surgiam, mascarados de vestais à cata de criminosos, triunfantes, ao som de fanfarras. Escrevo estas linhas da Cidade Eterna. Roma, tantas vezes invadida, conserva, nos seus monumentos, ou antes, nas suas ruínas, vestígios de episódios deste gênero... Um provincianismo bisonho, sem cultura e sem traquejo, conduzido para os cimos, de surpresa, na crista do vagalhão, teria fatalmente de transformar-se ao contato daquelas altitudes. Que me importava a mim que fosse preso?

CONDUTA QUE MANTIVE NA PRISÃO. DECLARAÇÃO ÀS AUTORIDADES – UMA CARTA E A RESPOSTA DO GOVERNO. CARTA A GETÚLIO VARGAS – DECLARAÇÕES AO CHEFE DE POLÍCIA, BATISTA LUZARDO.

Passo agora a mostrar sempre com os fatos, à luz dos documentos, a conduta que mantive durante o período em que estive atado às mãos das autoridades. Indiferente, insensível a tudo o que entendesse, porventura, com as minhas comodidades, ou com os meus interesses pessoais, tendo mesmo declarado ao chefe de polícia, sem qualquer sombra de desatenção, que nada me interessavam as visitas de família, que ele acudira a proporcionar-me. Só tive a estrita preocupação de velar em toda linha por meus direitos e por meus deveres, no plano elevado do interesse público e da responsabilidade das funções que, bem ou mal, imerecidamente – deputado quinze anos, não de sinecura, mas de afetiva colaboração parlamentar e política, eleito, mais de uma vez, na oposição, líder da bancada da Bahia em duas situações, primeiro vice-presidente da Câmara, mais de uma vez no exercício de sua presidência, ministro das Relações Exteriores – me coubera exercer no país.

CARTA A GETÚLIO VARGAS

No sábado, dia 8, dirigi ao Sr. Getúlio Vargas a carta que se segue, e que, só a 10, lhe foi entregue, por ter dependido a remessa de permissão da Polícia:

“Exm^o. Snr. Dr. Getúlio Vargas,

M.D. Chefe do Governo Provisório da República:

A 25 de outubro, isto é, no dia seguinte ao da deposição do Governo, fui convidado, pelo General Tasso Fragoso, a comparecer ao Cateite; e, em conversa com S.Exa. e com o general Malan d’Angrogne, e, depois com o general Mena Barreto, exprimi, com a maior sinceridade, em termos que os aludidos generais lhes poderão referir, os votos de patriota que fazia por que os novos responsáveis pela direção do país tivessem completo êxito, ao serviço da República. Reitero, hoje a V. Exa. estes votos.

Voltando á minha casa, nela me conservei tranquilamente, na modestia da vida de família a que me habituei, embora distinguido a cada momento, como era natural, por visitas de amigos, de contrerrâ-

Getúlio Vargas

Getúlio Dorneles Vargas, com a deflagração da Rev. de 1930, tornou-se chefe do Governo Provisório, fechou o Congresso Nacional, Assembléias Estaduais e Câmaras Municipais prometendo a convocação de uma Assembléia Constituinte e o restabelecimento da democracia.

neos, de funcionários do ministério que acabavam de deixar, e, não raro, de diplomatas estrangeiros, que se desobrigavam do dever, por assim dizer protocolar, de trazer seus cumprimentos ao ex-ministro, com o qual vinham trabalhando há quase quatro anos.

Previendo, não obstante, as explorações, tão comuns em períodos anormais como o que atualmente atravessamos, procurei indagar, por amigos do Governo, se havia inconveniente em que permanecesse em minha casa, ou se pareceria preferível que dela me transferisse para algum ponto em que me recolhesse. Nada me foi prescrito. Fui, ao contrário, informado de que tudo, mais a mais, se ia normalizando.

Não preciso dizer a V. Exa. que não me faltaram oferecimentos de embaixadores e ministros, acreditados junto ao nosso Governo, quase todos meus amigos pessoais, para recolher-me asilado às suas embaixadas e legações. Por amor do Brasil e em honra do Governo brasileiro, recusei sempre. O asilo já é, por si mesmo, uma instituição ou uma prática que, até certo ponto, não abona os países onde se aplica. Acabava eu de dirigir a nossa Chancelaria, com a plena, absoluta segurança de nela haver sido útil aos interesses da pátria. Conheciam-me os diplomatas estrangeiros, aqui acreditados, a serenidade de ânimo, o desapaixamento, a isenção, com que sempre com eles tratei, mesmo quando lhes dava informações a respeito dos últimos sucessos da política interna. Pareceu-me, em conseqüência, que, nas condições especiais em que desta sorte me encontrava, seria porventura um desprimor, para com o país e o seu Governo, bater às portas de uma daquelas casas estrangeiras, para pedir-lhe abrigo.

De nada, por outro lado, me acusava a consciência, limpa imaculada, principalmente da culpa de ter jamais, no poder, na mínima parcela que me coube, faltado, não digo ao respeito, mas ao apreço, ao carinho, a quantos adversários, de mim, em qualquer caso, dependeram. Preferi deixar-me exposto ao que pudesse ocorrer.

Eis porque o delegado de polícia que, acompanhado de um capitão do Exército, me foi ontem prender na minha casa, depois das 10 horas da noite, não teve dificuldade em encontrar-me no meu gabinete de trabalho, contente comigo mesmo, dos graves incômodos a que me não poupei, e só suspirando pela hora em que permitido me seja dar contas à nação do desinteresse, do esforço, da dedicação sem limites, com que procurei servi-la.

Queira aceitar que V. Exa. os protestos da minha alta consideração.”

DECLARAÇÕES AO CHEFE DE POLÍCIA, BATISTA LUZARDO

Às 11, pela manhã, visitou-me na prisão, no quartel do 1º Regimento, à avenida Pedro Ivo, o Sr. Batista Luzardo, chefe de Polícia. Ia dar à minha carta uma resposta verbal. Palestramos algum tempo. Retirando-se S. Exa., tomei da pena imediatamente, para que acaso mais tarde não me traísse a memória. Procurei reproduzir, esmerando-me em fazê-lo com a maior fidelidade, o que acabava de ser dito:

“Hoje, terça-feira, pelas 9 ½ da manhã, recebi a visita do Dr. Baptista Luzardo. Deixei aqui reproduzido, por assim dizer textualmente, o que S. Exa. me disse, expondo o fim da visita:

“O Sr. Presidente da República (sic) mandou-me aqui dizer-lhe que recebeu sua carta (escrita a 9, pela manhã, e remetida no dia 10, à tarde). A carta foi lida por S. Exa., que a releu na presença, do Sr. Ministro da Justiça, estando eu também presente, ontem, às 11 da noite. O Sr. Presidente da República, o Sr. Ministro da Justiça e eu reputamos o senhor um dos brasileiros mais ilustres, e esperamos que, homem de espírito como é, dará à sua reclusão (sic) o verdadeiro sentido, não a interpretando jamais como uma desatenção da parte do Governo.

A sua reclusão foi resolvida em uma conferência, justamente entre nós três, em virtudes de fatos que chegaram ao conhecimento do Governo, e o aconselharam a tomar a referida medida, que envolve alias o reconhecimento do relevo da sua pessoa.

Repito que o Sr. Presidente da República quer que fique muito claro que lhe vota grande apreço, e não teve, nem tem, de forma alguma, a intenção de melindrá-lo, sentimentos de que partilhamos o Sr. Ministro da Justiça e eu, chefe de Polícia.”

Como o Sr. Luzardo me inquirisse, aliás com a maior gentileza, sobre as intenções que me animavam, expus-lhe os meus pontos de vista, que, por escrito, lhe confirmei nestes termos:

“Não pretendo sair para o exterior, pelos dois motivos seguintes:

1º – porque não disponho de facilidades de recursos, para transportar-me com a família, e com ela manter-me no estrangeiro, por tempo indefinido;

2º – porque não me parece de bom efeito, não me parece airoso, a não ser compelido por circunstâncias flagrantemente notórias, que um político abandone o país, e neste os seus amigos, em um momen-

Batista Luzardo
João Batista Luzardo, esteve entre os articuladores da Rev. de 1930. Com a vitória do movimento revolucionário foi nomeado chefe de polícia do Distrito Federal (RJ).

to de adversidade, e vá recrear-se na Europa; além de que, tanto melhor será para o Brasil, e para o novo regime que nele se inicia, para os seus créditos, para o seu conceito, quanto menor for o número dos emigrantes políticos, que resultarem da revolução.

Nota: sairei, entretanto, prontamente, se assim me determinarem, ou se os fatos exigirem, deixando, porém, expresso que jamais o farei de *motu-proprio*.

Permanecendo no Brasil, eis as preocupações que me dominam:

1^a – dar contas ao país, minuciosas, completas, do modo como exerci, no Governo deposto, a pasta das Relações Exteriores;

2^a – repousar um pouco dos trabalhos, que tanto me assoberbaram, nos quatro anos em que fui ministro;

3^a – procurar o melhor meio de exercer dignamente a minha atividade, auferindo alguma renda;

4^a – carregar a minha pedra, quando e quanto me for permitido, ao serviços das reformas, administrativas e políticas, por que deve passar a República, fazendo neste sentido alguns estudos, fixando observações da minha experiência, no parlamento, na administração, na vida partidária, vendo, acima de tudo, a Nação, e considerando que o dever de cada brasileiro, sobretudo dos homens públicos, é fazer o que esteja ao seu alcance, em plena sinceridade, para que o Brasil, tão ferido pela quebra da ordem legal, se restabeleça com vantagem. Visitarei, logo que possa, a Bahia, buscando na terra natal, os estímulos de sua animação, ao tempo em que lhe rendo os testemunhos da minha fidelidade. A não ser que m’o vedem as circunstâncias, ali disputarei, com os meus amigos, as primeiras eleições, provavelmente as da Constituinte, que se hajam de ferir.

Nota: Animado da maior fé, não opondo nenhum obstáculo a conciliar os meus propósitos com as intenções do Governo, cedendo, afinal, à força, se de todo tiver de abrir mão dos meus objetivos.

NOVA CARTA AO SR. GETÚLIO VARGAS

“Exm^o Snr. Dr. Getúlio Vargas,

M.D. Chefe do Governo Provisório da República:

Volto hoje à presença de V. Exa., já agora, antes de tudo, para agradecer-lhe as atenções com que me distinguiu, por intermédio do Dr.

Luzardo, seu chefe de Polícia, que me deu, anteontem, neste quartel, a honra e o prazer de sua visita.

Acusando o recebimento da minha primeira carta; explicando-me as razões que levaram o Governo a prender-me; e assinalando que o fato não atinge em nada o apreço com que continua a penhorar-me, não confortou V.Exa. somente o seu antigo colega, mas, sobretudo, o cidadão brasileiro, empenhado por que se mantenham, na política do nosso país, nas relações entre os seus homens públicos, as tradições da boa educação e do respeito recíproco, que, desde o Império, estão incorporadas ao nosso patrimônio.

Foi longa a palestra que tive com o Dr. Batista Luzardo. Nela procurei tornar-lhe claro:

1º – que as aludidas razões não passaram de simples equívocos, que eu teria desfeito prontamente, se ouvido sobre o assunto;

2º – que, animado do mais puro patriotismo, em face da nova época, que ora se inicia – espírito que sou, notoriamente, menos de demolição, que de construção – só nutro um grande desejo: o de ver o Brasil restituído, o mais depressa possível, em plena tranqüilidade, através de reformas eficazes, administrativas e políticas, ao primado da ordem legal;

3º – que, mais por dignidade, ou por civismo, que por interesse de qualquer outro, não me disponho a renunciar da atividade política, inclinado, ao contrário, a exercê-la, tanto que seja oportuno, particularmente em meu Estado, com a elevação compatível com a magnitude do momento, subordinando-me às restrições que decorram da anormalidade vigente. Releva não esquecer, neste particular, a obrigação, em que me considero, de dar contas ao país, logo que possa fazê-lo, do modo como exerci, no Governo deposto, a pasta das Relações Exteriores;

4º – que, assim expostas, com a mais absoluta lealdade, as minhas intenções, preciso conhecer as do Governo, com as quais, em última análise, me terei de conformar.

Ora, em tais termos, Sr. Presidente – e reclamo, para minha palavra, o direito de ser acreditado – não me posso resignar, sem um protesto, por mais modesto que seja, ao estado de prisão em que me encontro. Vamos que este protesto nada valha. Ainda assim. Eu o lavro. E um grito de consciência. Valerá.

Ouçame V. Exa. falo-lhe com a maior sinceridade, sem paixão, sem despeito, sem rancor, sequer sem ressentimento. Já que V. Exa. chefiou uma revolução triunfante, quero vê-lo assegurar-se, por serviços meritórios, na estima do país. Demais, se há uma situação comprometida com a pátria de sã tolerância, é a que V.Ex. representa. Tolere-me, pois, o que lhe estou a dizer.

Na hipótese vertente, posso ser juiz em causa própria. Ninguém, melhor que eu, sabe que a restrição, que se me impõe, não tem justificativa. Não é que faça caso da prisão, no que ela exprima de incomodo. Não é que por ela me sinta, de qualquer modo, afetado. É por honra de V.Exa. é por honra dos foros de cultura e civilização da nossa Pátria.

Pouco importa que a Constituição esteja suspensa, ou estejam suspensas as leis, ou haja poderes discricionários. Pouco importa. Não são as leis, ou a constituição, que garantem a liberdade. É a nossa própria honra pessoal que nos impõe o respeito da liberdade alheia, e tanto mais quanto maior o poder em que nos encontremos investidos. Ao último dos cidadãos, não será porventura a liberdade uma faculdade tão simples, que se deve cassar sem mais aquela, sem provado motivo, ou justa causa.

Preso, por quê? Preso, por precaução. Mas precaução contra o que? Se o Governo dispõe de toda a força; se a própria luta política não se está mais ferindo; se a ordem material está evidentemente assegurada na sua plenitude; se não há possibilidade, contra ele, de conspiração de qualquer gênero, se, em realidade, contra ela, ninguém me atribuirá, de boa fé, propósitos hostis, ou meios de os por em prática?

Ouçame V. Exa. Foi abusando, impunemente, da força, contra o direito inerme; foi julgando a liberdade, principalmente dos adversários, coisa de somenos, uma demasia incômoda, ou uma exorbitância perigosa, que a máquina dominante no Brasil, com o concurso de gregos e troianos, erigiu, afinal, em autocracia, o nosso regime presidencial. Ninguém pode tudo. Sobretudo, ninguém pode sempre. A justiça dos homens é falível. A outra, não falta nunca. Com a queixa conta a opressão de que me declaro vítima, fixo e reconheço nestas linhas, maduramente pensadas, o aviso de um bom amigo, do país e de V. Exa.

Respeitosas saudações”.

INTIMADO A SAIR PARA O ESTRANGEIRO

Entretido, a princípio, com alguns livros, cuja leitura me despertava interesse, e, depois, escrevendo algumas notas, para guardar, com todas as minúcias, a lembrança de certos episódios, deixara de ler jornais, que, aliás só podiam ser lidos por um favor de que não quis usar.

Já saíra publicada a nota oficial em que se incluía o meu nome entre os das antigas autoridades que seriam convidadas a deixar o país. Nada, entretanto chegara ao meu conhecimento. Assim, somente ao receber, no quartel, no dia 18 à tarde, um emissário do Governo, coronel Esteves, atual comandante de polícia, vim ter notícia da resolução, de que S.Sa., da parte do Ministério da Justiça, me foi notificar. Intimavam-me a retirar-me do Brasil, acrescentando-se textualmente “sem prejuízo dos procedimentos do tribunal revolucionário”. Tinham a solicitude de enviar-me uma relação dos navios, que deveriam passar, naqueles dias mais próximos, pelo porto do Rio de Janeiro. Pediam-me, para preparar-me os passaportes, as indicações respectivas. O coronel dará seu testemunho. Nem por ter vindo, a bem dizer, de chofre, turbou-me a intimação a paz de espírito em que me acastelara. Recebi a intimação com a mais amável das misericórdias. A injustiça era tão grande, a brutalidade tão insólita, que passava francamente a ser inconsciência, e, nestas condições, tinha direito à comiserção da caridade.

Mostrei, em poucas palavras, sem o mínimo azedume, o dislate de toda aquela história. Perguntei se me seria permitido continuar no Brasil, embora na prisão, como talvez preferisse. Ficou S.Sa. de dar-me uma resposta. Por isto, ou por aquilo, não m'a deu. Apurei, por meios outros, que tinha, de qualquer modo, de partir. Eu quisera, mesmo preso, permanecer no país. Quisera sofrer, com ele, todas as suas desgraças. Quisera nele enfrentar, face a face, quaisquer objeções, que a mim se referissem. Ou tinha servido a Pátria, como é notório que o fiz, honrada e proficuamente, e seria uma infâmia decretar-me, por um só dia que fosse, a penalidade do exílio, ou, porventura acusado, maior infâmia seria negar-me o ajuste de contas a que espontaneamente me propunha, em todos os terrenos. Não me coube senão submeter-me à imposição da força. Abaixo, mil vezes abaixo, a tirania deposta. Hosana aos salvadores do regime. Viva a República! Viva a liberdade!

coronel Esteves
Emílio Lúcio Esteves se tornaria chefe de gabinete de Osvaldo Aranha no Ministério da Justiça (out. 1931).

Assis Brasil
Joaquim Francisco de
Assis Brasil, participou
ativamente da Rev. de
1930, sendo nomeado
min. da Agricultura,
cargo que exerceu
até 1932.

CARTA AO SR. ASSIS BRASIL

Dirigi, a 24, ao Dr. Assis Brasil, a carta que em seguida se vai ler:

“Exm^o Snr. Dr. Assis Brasil:

Vacilei sobre quem havia de escolher para destinatário desta carta. Escolhi V. Exa. Mais idoso entre os membros do governo, reúne a títulos de idoneidade, seja na cena política, seja na vida intelectual do país, o de ter desempenhado cargos diplomáticos, e aí naturalmente adquirido sensibilidade mais aguda, para ajuizar, com segurança, os pontos de vista internacionais. É, por outro lado, V.Exa. um dos dirigentes do Estado, que responde, de modo mais direto, pela ditadura reinante.

Exerci, no Governo deposto a 24 de outubro, e que aí termina o seu mandato a 15 de Novembro, a Pasta das Relações Exteriores. O que se realizou, naquele Ministério, durante o quadriênio, deixei dito, com todas as minúcias, em quatro relatórios, distribuídos, cada ano, em maio, com absoluta pontualidade, quando se instalava o congresso, e abertos sempre, invariavelmente por uma introdução, do meu punho. Na última introdução, correspondente ao quarto Relatório, fiz um resumo, nítido e completo, dos trabalhos levados a efeito no curso dos quatro anos. Remeto-lhe um exemplar. Se V. Exa. o ler – e rogo-lhe que o faça – me desculpará a imodéstia com que sou forçado a assegurar, tranquilamente, conscientemente, que nunca, jamais, ali, em tempo algum, no Império ou na República, se produziu mais em igual período.

Jornais de combate ao Governo, nesta Capital e nos estados, insuspeitos em todos os sentidos; parlamentares opositoristas, da mais reconhecida autoridade, renderam-me aplausos de dizer que, no apoio com que eu contei, mais ou menos caloroso, de gregos e troianos, não houve discrepâncias.

Por uma coincidência, que, tudo não obstante, não deploro, foi justamente o Rio Grande do Sul o estado a que mais servi, na minha qualidade de ministro. Além de fatos outros, a grande ponte internacional e o ramal de Jaguarão são velhas aspirações rio-grandenses que fiz realidades. Puseram-me ali o nome em uma praça. Colocaram-me o retrato no salão municipal. Devendo agora inaugurar-se a ponte, recebi telegrama do prefeito da referida cidade, pedindo-me auxiliá-lo para as despesas extraordinárias com a respectiva cerimônia. Respondi logo que sim, até porque Jaguarão, naquela solenidade, era a “expressão do Brasil”.

Não sei, porém, o que mais importa, se o que fiz, se o que não fiz. Porque não fiz muitas coisas, que outros, alguns hoje graduados na estima dos dominantes, as fartaram de fazer.

Nunca nomeei um parente. Nunca nomeei um terceiro-oficial, que não fosse, de acordo com a lei, por meio de concurso, revestido notoriamente da maior moralidade, observada, nas nomeações, a classificação dos candidatos. Nunca nomeei um segundo-secretário de legação que não fosse mediante transferência de funcionamento em disponibilidade, para dispor de vagas. Nunca movi hostilidade a ninguém, por motivo político. Ao contrário. O horror que sinto pela vilania tornava-me talvez exagerado no zelo por quaisquer laços, aos adversários do Governo. Haja vista o irmão e os filhos do Dr. Afrânio de Melo Franco, e o genro do Dr. Artur Bernardes, colocados em postos excelentes, a começar pela embaixada em Paris, e neles assegurados. Haja vista Decio Coimbra, adido comercial, ex-redator da *A Federação*, pessoa cara ao borgismo, cumulado por mim de atenções, tendo-lhe feito uma última há cerca de dois meses. Haja vista Sócrates Moglia, rio-grandense, antigo cônsul de 1ª classe, recomendado, que me fora antes, por deputados do Rio Grande do Sul, e que fiz promover, porque era justo, depois de aberta a cisão, ao cargo do cônsul-geral. Haja vista Guimarães Gomes auxiliar de consulado, que, a pedido do Sr. Lindolfo Collor, em nome do Sr. Borges de Medeiros, fizera adir, com vantagens, à legação de Berlim, e aí se conservou. Haja vista certos cônsules de fronteira, declaradamente filiados à situação do Rio Grande, e que, funcionários interinos, sem nenhuma garantia, nunca foram, entretanto, incomodados. Haja vista oficiais, antigos revolucionários, Artur Seabra, da Marinha, e Eduardo Gomes e Falconieri, do Exército, dos quais devo dizer que os dois últimos não cheguei a conhecer, e que, desejando servir em comissões de limites, podem dar o testemunho do acolhimento que lhes dispensei, requisitando-os para aquele fim. Haja vista... Seria interminável.

Dos meus oficiais de gabinete, uns houve que deram seus nomes em listas das adesões à candidatura Júlio Prestes. Outros preferiram não fazê-lo, por não serem, nem quererem ser políticos.. o Dr. Hélio Lobo, que também trabalhava, ao meu lado, em posto de confiança, recusou, sob o mesmo fundamento, o convite para o banquete em que leu o Dr. Júlio Prestes a sua plataforma. Houve, mais tarde, quem criasse embargos à volta de S.Exa. para a legação no Uruguai.

Afrânio de Melo Franco

Afrânio de Melo Franco, um dos jovens radicais da AL., min. do Exterior (1930-1933). Oposição ao PRP de Washington Luís.

Artur Bernardes

Artur da Silva Bernardes, ex-presidente da República (1922-1926), compôs a ala oligárquica da AL.

Guimarães Gomes

João Luis de Guimarães Gomes. Diplomata, ingressou no Itamaraty em 1926 como auxiliar de Consulado.

Lindolfo Collor

Lindolfo Leopoldo Boeckel Collor, dep. fed. (1930), um dos articuladores da Rev. de 1930, min. do Trabalho, Indústria e Comércio (1930-1932).

Borges de Medeiros

Antônio Augusto Borges de Medeiros, dep. e gov. por diversas vezes no RS. Apoiou o movimento Constitucionalista de São Paulo em 1932, dep. fed. (1935-1937).

Artur Seabra

Almirante, filho de J. J. Seabra.

Eduardo Gomes

militar, revolucionário de 22, 24 e 30, apoiava Getúlio Vargas.

Falconieri

Olimpio Falconière da Cunha, comandante da Força Pública (1931-1932).

Hélio Lobo

diplomata e jornalista. Em 1928 afastou-se da embaixada uruguaia para organizar os serviços econômicos do Ministério das Relações Exteriores.

Victor Maurtua
ministro do Peru, fiel
colaborador das chance-
larias na obra de conso-
lidação da paz entre as
nações americanas.

Mantive-o, a todo transe. Este o ambiente de elevação moral que, sob a minha administração, se respirava no Itamaraty.

Um dia, não há muito, fui procurado, no meu gabinete, pelo Dr. Victor Maurtua, Ministro do Peru. Comunicou-me que o Dr. Melo Franco se asilara na sua legação. Respondi que agradeceria, como se a mim prestadas, as atenções pessoais com que S.Exa. o tratasse. Era um ex-ministro de estado. Era um antigo embaixador do Brasil. Entendi-me com o presidente da República. Obtive do chefe de polícia que viesse ao Ministério. Mandeí um funcionário, que sabia ser amigo pessoal do Sr. Melo Franco, e ora é o chefe de seu gabinete, ouvir S.Exa. Pus-me inteiramente às suas ordens. Ou voltaria para sua casa, com todas as garantias; ou se retiraria para o estrangeiro; ou iria para Minas. Como quisesse. Preferiu permanecer na legação. Pelos textos em vigor, dadas as condições oferecidas, podia ter-me oposto. Concordei. Concordei do melhor grado. Ouvi o Sr. Ministro do Peru que a minha conduta fazia honra ao Brasil. O Sr. Melo Franco aí está. O caso é das vésperas da declaração do Governo. S. Exa., do asilo, foi suceder-me na pasta, a que há de dar, estou certo, brilhante desempenho.

As reformas, de caráter material, que o Ministério sofreu, nos últimos quatro anos, foram mais do que reformas. Fora, a bem dizer, transformação. Basta lá ir, e ver.

As obras de maior vulto – as de construção do edificio, verdadeiramente modelar, para os Arquivos e Biblioteca – as fiz assim: concurso, para o projeto, e concorrência, para a execução. Nunca tive um candidato a fornecedor, ou empreiteiro. Os meus auxiliares, homens de notória probidade, que me assessoraram no assunto, ai estão para confirmá-lo.

Quanto à minha intervenção na política interna, responsável, que era, no Governo, pelas Relações Exteriores, inoportuna seria qualquer explicação. Dados os fatos de 24 de outubro, só tenho uma atitude – a de aceitar, sem reservas, tantas e quantas responsabilidades me queiram atribuir.

Há, todavia, episódios, que devo considerar.

Fui acusado de ter quebrado lanças, expondo o Itamaraty, para o fim de obter, como obtive, do Governo americano, a proibição da venda de armas aos revolucionários do Brasil. O caso se tem prestado a outras balelas: importação de gases asfixiantes, apelo para o recurso a intervenções estrangeiras. Como se de tudo não ficasse, no Arquivo



Palácio do Itamaraty remodelado por Octávio Mangabeira, agosto de 1930 (*Revista da Semana*, 23 de agosto de 1930)



Presidente Washington Luís assinando a ata de inauguração (*Revista da Semana*, 23 de agosto de 1930)



Membros da alta sociedade no baile do Itamaraty, entre os quais o Príncipe D. Pedro de Órleans e Bragança (*Revista Para Todos...* – N. 08, 1930, pp. 21)



Baile na inauguração das novas instalações do Itamaraty (*Revista Para Todos...* – N. 08, 1930, pp. 22)



No banquete do Itamaraty (*Revista Para Todos...* – N. 08, 1930, pp. 27)



(*A Noite*, suplemento ilustrado); O vice-presidente da República, Melo Viana, e o Ministro da Viação, Vitor Konder (*Revista O Cruzeiro*, 23 de agosto de 1930, pp. 11)

do Ministério, a documentação correspondente. Como se nesta não se refletissem a dignidade e a compostura, com que o Itamaraty se conduziu em todo o episódio da Revolução, métodos tão diferentes dos que se empregaram, em outras épocas, em circunstâncias análogas, como também de tudo ali se guarda a prova documental!

O que se deu, entre as chancelarias, desta Capital e de Washington, foi isto, só isto, exclusivamente isto: o embaixador do Brasil, funcionário zeloso, comunicou-me que uma lei vigente, nos Estados Unidos da América, autoriza o Governo Federal a proibir a exportação de armas para revolucionários em outros países. Era preciso, entretanto, que a embaixada pedisse, por nota, a aplicação da lei, já, mais de uma vez, utilizadas em casos semelhantes, autorizei o pedido, reputando que a medida teria, “efeito moral”. Lá se acha o documento. Custa pouco examiná-lo. Compare-se agora isto com o chamado Convênio de Montevideú, negociando, *ad rem*, com o Governo do Uruguai, contra a revolução anterior, e de que modo, e em que termos!

A agência Americana, que me consta haver sido aludida com o objetivo de censuras à minha ação administrativa, tinha um ajuste com o Ministério a meu cargo, celebrado há muitos anos. Indeferi, há cerca de três meses, duas petições da dita agência, requerendo pagamentos além dos termos do ajuste, sob a alegação de que sempre, nas administrações anteriores, lhe foi assim reconhecido e pago. É também questão de fato. Lá está o documento.

Da ação que me coube a 24 de Outubro, e nas horas que antecederam ou sucederam ao grande acontecimento, posso invocar dois altos testemunhos – o do Cardel-Arcebispo do Rio de Janeiro, D. Sebastião Leme, e o do general Tasso Fragoso.

Convidado, pelos chefes militares da subversão vitoriosa, a permanecer no Ministério, evidentemente declinei, aliás sensibilizado. De-sejava fazer uma visita, no Forte de Copacabana, ao Dr. Washington Luis. Vindo ao meu encontro, pediu-me o general Tasso Fragoso que fosse entender-me com S. Exa. sobre a sua partida para a Europa.

Voltei para minha casa, ai permaneci tranquilamente. Quem não deve, não teme. Ocultar-me, porque? Ao demais, precisava acudir, no que pudesse estar ao meu alcance, aos companheiros oficiais que de mim necessitassem. Ministro das Relações Exteriores, que acabava de ser, prestava assim uma discreta homenagem à civilização da mi-

nha Pátria. Não foi o Governo sensível à dignidade do meu ato. Não o soube interpretar. Prendeu-me. Que pena ele me inspirou neste momento! Transportou-me, fora de horas, para um quartel. Deixou-me incomunicável. Era preciso que houvesse entre os motivos de incomodo, alguma coisa para divertir. Um soldado, de arma embalada, foi-me postado à porta.

No dia seguinte, dirigi uma carta ao Dr. Getúlio Vargas (anexo nº 1). S. Exa. teve a bondade de mandar à minha presença a chefe Polícia explicar-me as razões da prisão (anexo nº 2). Enviei, por escrito, ao Dr. Baptista Luzardo, algumas declarações (anexo nº 3) e enderecei nova carta ao chefe do Governo Provisório (anexo nº 4).

Acabo de ser intimado para retirar-me do Brasil. Que tristeza! Não se me perguntou quais os recursos de que para tal dispunha. Como se a expatriação, ela própria, não tivesse as suas regras. Como se os países estrangeiros fossem postos de degredo. Como se a eles não assistisse o direito de não receber tais emigrantes. Quão excessivo desconhecimento de coisas tão comezinhas! Falou-se-me em um tribunal que vai julgar as autoridades depostas. Que retrocesso! Que abismo! Quanto trabalho perdido para aumentar, no estrangeiro, o nosso conceito internacional!

Será despeito? Não. Não faço, de tudo isto, o menor caso. Sinto-me, de tudo isto, muito acima. Que me importam a mim tribunais, sejam quais possam ser, se tenho uma vida limpa, uma consciência imaculada, uma folha de serviços, que bem raros, nas mesmas circunstâncias, terão exibido ao país?! Mas é pela minha Pátria. Sobre-me autoridade para dizer-lo? Sobre-me. Posso prová-lo? Posso.

Quando fui notificado, não há ainda muitos meses, de que uma das ditaduras ultimamente implantadas na América do Sul, cogitava de criar um tribunal de exceção, um dos referidos tribunais, mostrei-me estarecido. Não me parecia possível que a América Latina ainda estivesse tão bárbara, que devesse comportar um semelhante espetáculo. Pensei, então, em promover, contra o fato, um movimento internacional. Sim. Era, sem dúvida, um patrimônio comum que estava ameaçado. Não tinha um povo o direito de desclassificar um continente, com a revogação de princípios que são conquistas pacíficas da civilização universal. Um filho que mate o pai, um pai que mate o filho, ninguém pode ser julgado sem juízes insuspeitos e sem

defesa livre. Nunca havia eu de supor que, meses decorridos, se me reservava o tormento de ver o Brasil incidir, e em condições agravadas, na mesma abjeção. Que tenho eu com devassas? Estou pronto a quantas queiram. Brado, por isto mesmo, alto e bom som. Devassa para os que saem, sem devassa para os que sobem, não creio que homem, que se presume honesto, me diga que isto é digno.

Deus que nos acuda. E há de acudir. Expatriações, tribunais de exceção, monstruosidades que tais, a mentalidade brasileira, o espírito brasileiro, as tradições brasileiras repelem como injurias. Há de o Brasil varrê-las, mais hora, menos hora, como certos ambientes expulsam do seu seio os germes que não podem prosperar senão nos meios que lhes são propícios. Desiludam-se as novas divindades. Não medrarão entre nós. A nossa já nos está no coração. A nossa é Jesus Cristo.

Não guardo ressentimentos. Digo mais uma vez: tenho pena. Perdôo sinceramente. Sei que não fazem por mal. Sei que não sabem o que fazem. *Pueri ludunt*. Ao partir para o estrangeiro, só levo da minha Pátria uma tristeza – a de deixá-la em condições tão tristes, quando anseio por vê-la feliz, e sacrifício não houve que não tivesse empregado para elevá-la no mundo. Voltarei, logo que possa, ou logo que as circunstâncias m’o permitam. aguardo apenas que o povo se possa manifestar. Sei que será muito breve. Prezo-me de conhecer o meu país. Não temos clima para as tiranias. Aqui elas não florescem. Nem é mister combatê-las. Vão desaparecendo por si próprias. Sucumbem de inanição. Juro, em quaisquer circunstâncias, amor, devoção, fidelidade, ao Brasil.

Se alguma felicidade auguro a V. Exa., é a maior que lhe posso desejar: a de servir de anteparo, com as luzes da sua cultura e os conselhos da sua experiência, à onda que por enquanto ainda se espraia, com a força de não sei quantos cavalos, pintada e repintada de vermelho, gozando da ressaca.

Sirva-se de aceitar V. Exa. minhas atenciosas homenagens”.

COMO SINTO E COMO PENSO

Pareceu-me dever, desde logo, aos meus compatriotas, esta sucinta exposição de fatos. Não tendo podido fazê-la por ocasião da partida, tão precipitada como foi, vi-me forçado a adiá-la para outra oportunidade. Já agora não quis retardá-la, não só para que assim me desempenhe

daquela obrigação, como para evitar que, a meu respeito, se divulguem versões menos exatas, ou se me atribua declarações ou propósitos, que nunca tenha feito, ou alimentado.

Acolho-me a terras de Itália. Mais que o Atlântico e o Mediterrâneo, afasta-me hoje da Pátria a ausência que me impôs a ditadura. Mas, se o oceano, tão grande, jamais o conseguirá, muito menos a tirania, tão pequena, há de conseguir, em qualquer tempo, separar-me do Brasil. Aqui, as margens do Tibre, o espírito mergulhado na contemplação do cenário, que testemunha, mais que qualquer outro, a divindade do cristianismo, elevo sempre a alma para Deus, rendendo-lhe todas as graças, por me haver transmitido, com a doçura e a irredutibilidade da fé, o desprezo pelo o mal, a confiança no bem, a resignação, a humildade.

Quaisquer que possam ser as circunstâncias – e o que importa, em última análise, é o interesse geral do país – dar-me-ia por bem pago se, satisfeitos os seus apetites, por um lado, com os atos de força, em que já se exibiram, por outro, com o assalto às posições, que nunca se praticou mais às escancaras, os dominadores do momento passassem de fato a usar, ao serviço da república, os seus poderes discricionários. É cedo ainda para formar um juízo, longe, sobretudo, que me encontro, da cena e dos atores. Os que estiverem mais perto, irão julgando melhor...

Por cinco legislaturas, disputando, em oposição, para três delas, o voto dos meus conterrâneos, exerci o mandato da Bahia na representação nacional. Fui, em seguida, ministro. Devo ter, por conseguinte, alguma experiência. Dos males, principalmente os de caráter político, de que padece o Brasil, alguns há irremovíveis, a não ser com o transcurso do tempo. Hão de conservar-se, mais ou menos, ora agravados, ora atenuados, até que o país evolua, com o povoamento do seu solo, com a cultura do seu povo, com a propagação dos seus transportes a todo o seu território, com a sua riqueza econômica. *Natura non facit saltus*. O grande problema, pois, é, sobretudo, o administrativo, que, em realidade, na política, ou no que por tal se considera, enquanto não tivermos atingido a um certo grau de desenvolvimento, tudo será, de alguma forma, precário, pois tudo continua a depender, em grande parte, dos homens, a quem tocar o poder, da sua honradez, de sua tolerância, do seu culto à opinião.

Na esfera, tão reduzida, em que me coube exercer a autoridade pública, nunca faltei a este culto com a minha fidelidade. É ele que me prescreve, ainda agora, esta explicação pessoal, menos por amor de mim

*Natura non
facit saltus*

A natureza não dá saltos.

mesmo, que pelo zelo de uma investidura, em virtude da qual, por quatro anos, nas relações internacionais, fui uma expressão da minha Pátria. Fica sabendo a Nação, à luz dos documentos, como fui recolhido a um quartel; como saí do Brasil; como a ela estou pronto a dar contas de todos os meus atos; como sinto e como penso; como desafio, sem reservas, quaisquer opositores, e repto a ditadura, na pessoa dos seus oráculos, que não sei bem quantos são, a uma devassa recíproca, diante de um homem de bem, com as garantias devidas, para demonstrar, por A mais B, que, se a algum de nós cabe a cadeia, não é certamente a mim. Irregularidades, ou erros, necessariamente os cometi. Não me dou por infalível. Provarei, entretanto, a qualquer tempo, que são nada diante dos serviços que esforçadamente prestei, e serão menos ainda se comparados aos dos que estão no Governo, antes ou depois de batizados nas águas turvas da revolução.

Que o Brasil necessite de reformas, oportunas, exequíveis, em uma palavra, sensatas, estamos todos de acordo. Que, suspensa a legalidade, se aproveite o momento para a prática de certos atos ou providências orgânicas, que, de alguma sorte, o dano irreparável, que representou, para o país, a ruptura da ordem legal, é justo, é mais que justo, é imprescindível. A paz, com o debate livre, seria, não obstante, para o êxito, a condição *sine qua*. Deploro que assim não pensem os regeneradores do momento. Querem gozar do poder na sua plenitude. Nada de restrições. Nada de luz. A inquisição. A treva. Sobre aquilo que acusavam de ser o despotismo, fundam despotismo ainda maior. Não tem calma, não tem olhos, para sentir, ou ao menos para ver o imenso do disparate. Em plena intranqüilidade dos espíritos, e no auge de uma crise financeira, profanando o Trabalho e a Educação, criaram dois ministérios, isto é, dois lugares de ministros, que sete ainda foram poucos, para dar, por fim, alívio a certas ambições, ou liquidar os ônus da partilha; e entraram, no entanto, a arrancar o pão a muitos lares, com as demissões a granel, inclusive de empregados de mais de 40 anos de serviço.

Contam com o povo? Pois estabeleçam, quanto antes, as providências, os métodos, que garantam, de modo mais perfeito, a vontade popular, e restituam, sem detença, ao voto, a fonte da autoridade, principalmente a de cobrar impostos e usar dos dinheiros públicos.

Separaram a nação em dois campos. A simples presença dos adversários lhes causam repugnância. Fazem questão de punir. Ferrabrases,

quem são eles? Puritanos, de onde terão vindo? De que templo, de que deserto, de que severidade de costumes? E não há quem não saiba esclarecer. Basta que o queira qualquer menino da rua, e estará reproduzida, em plena vida real, aos olhos dos brasileiros, a história do rei nu. Gerados, da cabeça aos pés, no ventre da própria máquina que só agora dizem prostituta, alguns, de fato, homens dignos, outros de todo desacreditados, viram-se guindados ao Governo por uma série de acasos, de um lado, pelo Exército, que lhes forneceu, além do mais, as suas munições e as suas armas, e, de outro, pela influência nos desgostosos, para que também contribuíssem, ou que ajudaram muito a acumular.

Pedras do meu país! Enquanto os homens estejam, por estas primeiras semanas, iludidos na sua boa fé, pugnando por seus interesses, ou subjugados pela força, como quer que seja, entorpecidos, confio que estareis, por estas horas, a desagrar-nos a todos, rindo de tudo isto às gargalhadas... senão chorando sobre as tristezas da Pátria.

Roma, 02 de janeiro de 1931



Ainda no cais, amigos despedem-se de Octávio Mangabeira.

Rio de Janeiro, 25 de Novembro de 1930

Prezado Dr. Mangabeira:

Poderia têr o direito de accusar-me de falta de amizade si não recebeu uma carta minha exprimindo o desejo de que embora a vossa viagem para a Europa não é voluntaria que mesmo assim possa tirar della vantagem e prazer.

Estimo muito que é vossa intenção evitar Paris e Lisboa, os quaes se tornarão os dous centros aonde seria constantemente assediado por jornalistas. Perto de Genova ha um numero de villas á beira mar, socegadas, não caras e agradaveis, ha poucas horas daquelle porto, diversas das quaes visitei recentemente e as quaes quanto ao clima e em outros respeitoes são satisfactorias para passar uns mezes de residencia. Refira-me a logares como Rapallo, Forte di Marmi e outros cujos nomes se encontrarão em qualquer mappa italião.

Si mais tarde decidir partir para a Suissa, recommendo-vos Lausanne, que offerece opportunidade para educação e estudo, e aonde ha um excellent hotel frequentado pela familia Mesquita-Bomfim, aonde permaneci Setembro passado e chamado Hotel Beau Séjour. Ahi podereis viver confortavelmente, economicamente e em repouso; é aquecido á vapor, tem quartos de banho e outros confortos. Este é um hotel de familias e não frequentado por turistas.

Lausanne sendo o ponto central na margem do Lago Genebra e mais ou menos no centro da Suissa, é accessivel em qualquer direcção e no inverno tem melhor clima do que Genebra porque é livre do vento frio e desagradavel, chamado "biz".

A vossa constante apreciação dos esforços de meu Governo para desenvolver as relações com o Brasil em modo normal e sem espalhafato, e a vossa constante cortezia e bondade é nim pessoalmente são cousas que nunca esquecerei e que sempre tornarão os ultimos quatro annos os mais agradaveis dos dezoito que passei no Rio.

Em vossa volta, que creio será breve, espero têr muitas occasiões para continuar a nossa amizade.

Com affectuosas e cordiaes saudações e melhores votos para vós e Madame Mangabeira, e uma feliz estadia na Europa, creia-me,

Muito sinceramente,

Edwin Morgan.

RIO DE JANEIRO, 27 DE NOVEMBRO DE 1930

A Octávio Mangabeira (a bordo do Conte Verde)

Muito sensibilizado sua mensagem agradecimentos despedidas funcionários contabilidade serviços econômicos comunicações pedem agradecer sua gentileza apresentar-lhe excelentíssima família votos boa viagem.

Mario Vasconcelos/Joaquim Eulálio/Moacir Briggs

Mario Vasconcelos,
Joaquim Eulálio e
Moacir Briggs
funcionários do
Ministério das
Relações Exteriores.

Mod. N. 4 SOCIETÀ ITALIANA RADIO-MARITTIMA Via dei Condotti, 11 ROMA (108)		RADIOTELEGRAMMA	
Origine		P	BAHIA
Prefisso	615/241	RADIO	46
N.		Ufficio	27/11/30
Istruzioni di servizio:		Pa. ole N.	data
27/11/30		16.15	PPA
Ricezione: data		ora	staz. r. l.
			Firma del R. T. PERRONA

Servizio speciale di «radio-telegrammi-lettera» e «radiotelegrammi-posta» a tariffa economicissima.
Per informazioni rivolgersi alla stazione radiotelegrafica di bordo.

«Ocean-Letter» and «Poste-Radiotelegram» service at specially low rates.
Full particulars may be obtained on application at the wireless station on board.

Sistemate i vostri affari in anticipo per mezzo della radiotelegrafia.
Arrange your business in advance by wireless.

Vedasi a tergo
Please see over

A DR. OCTAVIO MANGABEIRA
BORDO CONTEVERDE AMARALINA RADIO.
ESCOLA POLYTECHNICA BAHIA SANTA SAU MENEMENTO PROFESSOR
PASSAGERS AGUAS BAHIANAS J. SIMAS ARCHIMEDES SA MENEZES
LICINIO GAMA AMARAL CARLETO ALBERTO AURELIO THESES ALLIEN-
RE TITO ELYSIO TARQUINIO WILCHA ROCHA CARLETO LAURO DAGOBER-
TO/ FREITAS PAULO PEDREIRA SPAMINONDAS ARCHIMEDES PEREIRA
GUIMARAES ALFONSO MUNEZ

Questo radiotelegramma è soggetto alle condizioni stampate a tergo di questo modello.
This message is only received for delivery subject to the conditions printed on the back hereof.

Mod. N. 4
SOCIETÀ ITALIANA RADIO MARITTIMA
 Via dei Condotti, 11
 ROMA (108)

RADIOTELEGRAMMA

Origine	Prefisso P	RADIO	Ufficio	SAO PAULO	
	17/218	II	data	26.II.30	14.50
	N.	Pa. ole N.			ora
Istruzioni di servizio: VIA AMARALINA PPA WESTERN					
Ricezione: data	26.II.30		ora	20.40	PPA
			staz. r. t.		Firma del R. T. SPANO

Servizio speciale di « radiotelegrammi - lettera » e « radiotelegrammi - posta » a tariffa economicissima.

Per informazioni rivolgersi alla stazione radiotelegrafica di bordo.

« Ocean-Letter » and « Poste-Radiotelegram » service at specially low rates.

Full particulars may be obtained on application at the wireless station on board.

Sistemate i vostri affari in anticipo per mezzo della radiotelegrafia.

Arrange your business in advance by wireless.

Vedasi a tergo
 Please see over

A OCTAVIO MANGABEIRA ^{S/S} COMTEVERDE
 AMARALINARADIO

BOUSSO VOTOB FELIZ VIAGEM

VILLAROM.

Questo radiotelegramma è soggetto alle condizioni stampate a tergo di questo modello.
 This message is only received for delivery subject to the conditions printed on the back hereof.

Mod. N. 4
SOCIETÀ ITALIANA RADIO MARITTIMA
 Via dei Condotti, 11
 ROMA (108)

RADIOTELEGRAMMA

Origine	Prefisso P	RADIO	Ufficio	BAHIA	
	615/241	46	data	27/II/30	11.30
	N.	Pa. ole N.			ora
Istruzioni di servizio: VIA RADIO PPA TIOI					
Ricezione: data	27/II/30		ora	16.15	PPA
			staz. r. t.		Firma del R. T. FERROJA

Servizio speciale di « radiotelegrammi - lettera » e « radiotelegrammi - posta » a tariffa economicissima.

Per informazioni rivolgersi alla stazione radiotelegrafica di bordo.

« Ocean-Letter » and « Poste-Radiotelegram » service at specially low rates.

Full particulars may be obtained on application at the wireless station on board.

Sistemate i vostri affari in anticipo per mezzo della radiotelegrafia.

Arrange your business in advance by wireless.

Vedasi a tergo
 Please see over

A DR. OCTAVIO MANGABEIRA
 LONDO COMTEVERDE AMARALINA RADIO.

ESCOLA POLYTECHNICA BAHIA SAUDA GRU BRASILEIRO PROFESSOR
 PASSAGEM AGUAS BAHIANAS S. SIMAS ARCHIMEDES SA MENEZES
 LICINIO GAMA AMARAL CARNEIRO ALBERTO AURELIO THYRSO ALLTON
 NI TIPO ELYSIO TARGUTTO FRANCA ROCHA COMTEIRO LAURO DAGOBER
 TO/ PREITAS PAULO PEDREIRA SPAMINHOS ARCHIMEDES PEREIRA
 GUIMARAES AROBIO MUNIZ

Questo radiotelegramma è soggetto alle condizioni stampate a tergo di questo modello.
 This message is only received for delivery subject to the conditions printed on the back hereof.

Mod. N. 4
SOCIETÀ ITALIANA RADIO MARITTIMA
 Via dei Condotti, 11
 ROMA (108)

RADIOTELEGRAMMA
 NAHIA

Origine	Prefixo 508 / 232	RADIO 15	Ufficio 26 / II / 30	17.30
	N.	Pa. de N. AMARALINA RADIO	data PPA	ora
Istruzioni di servizio: 27 / II / 30				Firma del R. T. C. BARETTA
Ricezione: data	ora	PPA	stas. r. l.	

Servizio speciale di radiotelegrammi - lettera e radiotelegrammi - posta a tariffa economicissima.
 Per informazioni rivolgersi alla stazione radiotelegrafica di bordo.

«Ocean Letter» and «Poste Radiotelegram» service at specially low rates.
 Full particulars may be obtained on application at the wireless station on board.

Sistematize your affairs in advance by means of the radiotelegraph.

Arrange your business in advance by wireless.

Vedasi a tergo
 Please see over

Questo radiotelegramma è soggetto alle condizioni stampate a tergo di questo modello.
 This message is only received for delivery subject to the conditions printed on the back hereof.

A DR. OCTAVIO MANGABEIRA
 BORDO ITALIANO CORTE VERDE AMARALINA RADIO
 VOTOS BOA VIAGEM PROXIMO REGRESSO QUERIDO AMIGO
 ABRACOS =
 ROGERIO

Mod. N. 4
SOCIETÀ ITALIANA RADIO MARITTIMA
 Via dei Condotti, 11
 ROMA (108)

RADIOTELEGRAMMA

Origine	Prefixo 42X / 176	RADIO PARA N.	Ufficio RIO	25.11.30	15.20
			data		ora
Istruzioni di servizio: VIA RIO PPR				Firma del R. T.	
Ricezione: data	25.11.30	ora	22.18	PPR	SPARO
				stas. r. l.	

Servizio speciale di radiotelegrammi - lettera e radiotelegrammi - posta a tariffa economicissima.
 Per informazioni rivolgersi alla stazione radiotelegrafica di bordo.

«Ocean Letter» and «Poste Radiotelegram» service at specially low rates.
 Full particulars may be obtained on application at the wireless station on board.

Sistematize your affairs in advance by means of the radiotelegraph.

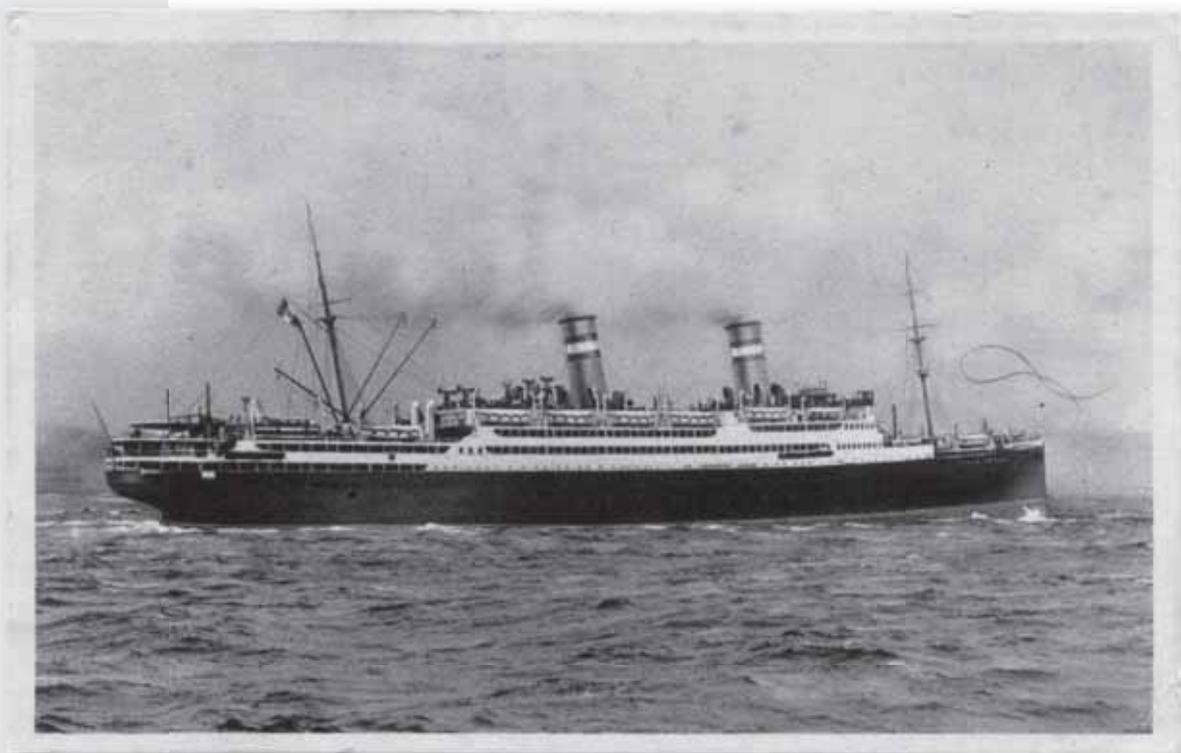
Arrange your business in advance by wireless.

Vedasi a tergo
 Please see over

Questo radiotelegramma è soggetto alle condizioni stampate a tergo di questo modello.
 This message is only received for delivery subject to the conditions printed on the back hereof.

DR. OCTAVIO MANGABEIRA
 S/S CORTEVERDE RIORADIO
 GRANDE SAUDOSO ABRACO .
 AUSTREGESILQATHAIDE

Estes telegramas ilustram as centenas que foram enviados a Octávio Mangabeira, ao partir.





Propenho q. a Fac. de Direito de Bahia, q. tem
 fortes e especiais motivos de gratidão e recon-
 hecimento ao dr. Oct. Moura e Silva pelos
 grandes serviços q. com eficiência e
 cálmia e sol.itude, lhe prestou em
 varias e difficeis emergencias, acudindo
 sempre com os seus bons officios q. o
 Inst. lhe dirigiu appello e pedidos
 attinentes á sua propria manutenção, mas
 a S. Lei o vinceros votos q. formula p. q. a
 as razões da sua permanencia no mundo
 possa voltar ao leio da collectividade
 leira e as amováveis conivios dos seus ali-
 bem confrades, junho 1. 931.
 J. M. R.

REPUBLICAN
 Parliament
 The Parliament
 011305

acencia: Prof. ...

Caralho: Vai uma serie de cantos, ...
 to, mais toca, mais toca, a felicitação
 e venerio. Faça-a chegar nos seus
 No cartão as "irmãs Freire" (reubi uma tel-
 panna arrem assignado, e naturalmente se trata
 do filho do Leitor Freire) alludo ao recente falle-
 ramente de um Solter, de nome Alberto, segundo
 li nos jornais. Como posso, entalant, estar eu com
 no, me, entre la altura, respique de se facto de

Inst. lhe dirigiu appello e pedidos
 attinentes á sua propria manutenção, mas
 a S. Lei o vinceros votos q. formula p. q. a
 as razões da sua permanencia no mundo

Francis
 Rojas
 Alberto

votos do que V. Ex. terá no nosso país
 excelente e amantosa acolhida, compatível
 com seu grande patriotismo e elevada perso-
 nalidade, faço votos para que, em companhia
 de sua lexua Família, goze bastante paz
 e muitas felicidades, desejos que também são
 os dos meus.

Aqui fica para servir-o quem tem a
 honra de ser seu muito admirador e amigo

como o seu bem, o
 lhe dirigiim appello
 a sua propria manito
 o sincero voto q. formu
 da sua permanencia
 voltar ao seio da collect
 as amovaveis convivio
 confraco, junho 1. 9.
 J. M.

do Direc
 notivo, o
 Oct. M
 9.1 Com
 l. tude, l
 O.M. Cf 1931. 11. 10
 rest, 10-11-31.



Lavinia e Maria
 Travessa Sa Porto Sa Beerra 4
 Bahia
 Brazilien

Prof. Remaullio José de
 José Rodrigues da Costa
 João Marques dos Reis
 Filinto Justiniano Ferr
 Poeciano Ferracin de
 João de
 João de
 João de
 Traça

Cartas

TÓQUIO, 16 DE DEZEMBRO DE 1930

Meu prezado chefe e amigo:

Através dos jornais de Madri, que o Embaixador recebe e que sempre publicou telegramas do Brasil, tenho tido vagas notícias do que vai ocorrendo em nossa terra.

Agora que a Revolução está triunfante e, portanto, assegurada a calma e, mais ou menos normalizada a situação do país, o que mais me preocupa é a sorte dos amigos; assim, foi com grande sentimento que li uma notícia de que V. Exa. fora preso! Custa-me crer que isso seja exato, pois se há alguém merecedor da maior consideração e respeito dos seus patrícios, já pelas suas qualidades pessoais, já pelos inúmeros e relevantes serviços prestados ao país, já pela sem precedente administração dada ao Ministério do Exterior, esse alguém é V. Exa! Sejam, pois, quais foram as razões que levaram os novos dirigentes do país a praticar tal ato, se é que o praticaram, pode V. Exa. contar sempre com a amizade e admiração sincera deste que sempre se orgulhará de ter sido um dos auxiliares de V. Exa., conquanto o mais obscuro e sem ambições menos legítimas, e que há de continuar a ser o mesmo amigo leal e dedicado.

Nós, por aqui, vamos indo bem de saúde, graças a Deus! Já sofremos o batismo de um violento terremoto que, se em Tóquio não causou vítimas, foi bastante forte para fazer toda a população correr para as ruas às 4 horas de uma manhã chuvosa e com a temperatura de 1 grau apenas! Enfim, desta vez, foi só um minuto. Para que V. Exa. possa fazer uma idéia do que é isto aqui, basta lhe dizer que na península de Izei, centro do terremoto a que me refiro acima, e distante apenas alguns quilômetros de Tóquio, foram registrados, do dia 7 de novembro até o dia 26 de mesmo mês (data do abalo mais forte que destruiu varias cidades de verão e matou cerca de 400 pessoas), mais de 1800 tremores de terra e que, desse dia até hoje, já se verificaram mais de 300, alguns dos quais regulamente fortes! Como V. Exa. vê, o Japão não é somente o país das cerejeiras em flor, como pensa o Rafael Barbosa...

Não sei se D. Esther recebeu o telegrama que, no dia 6, lhe passamos, eu e Baby; em todo o caso, peço a V. Exa. transmitir-lhe os parabéns que

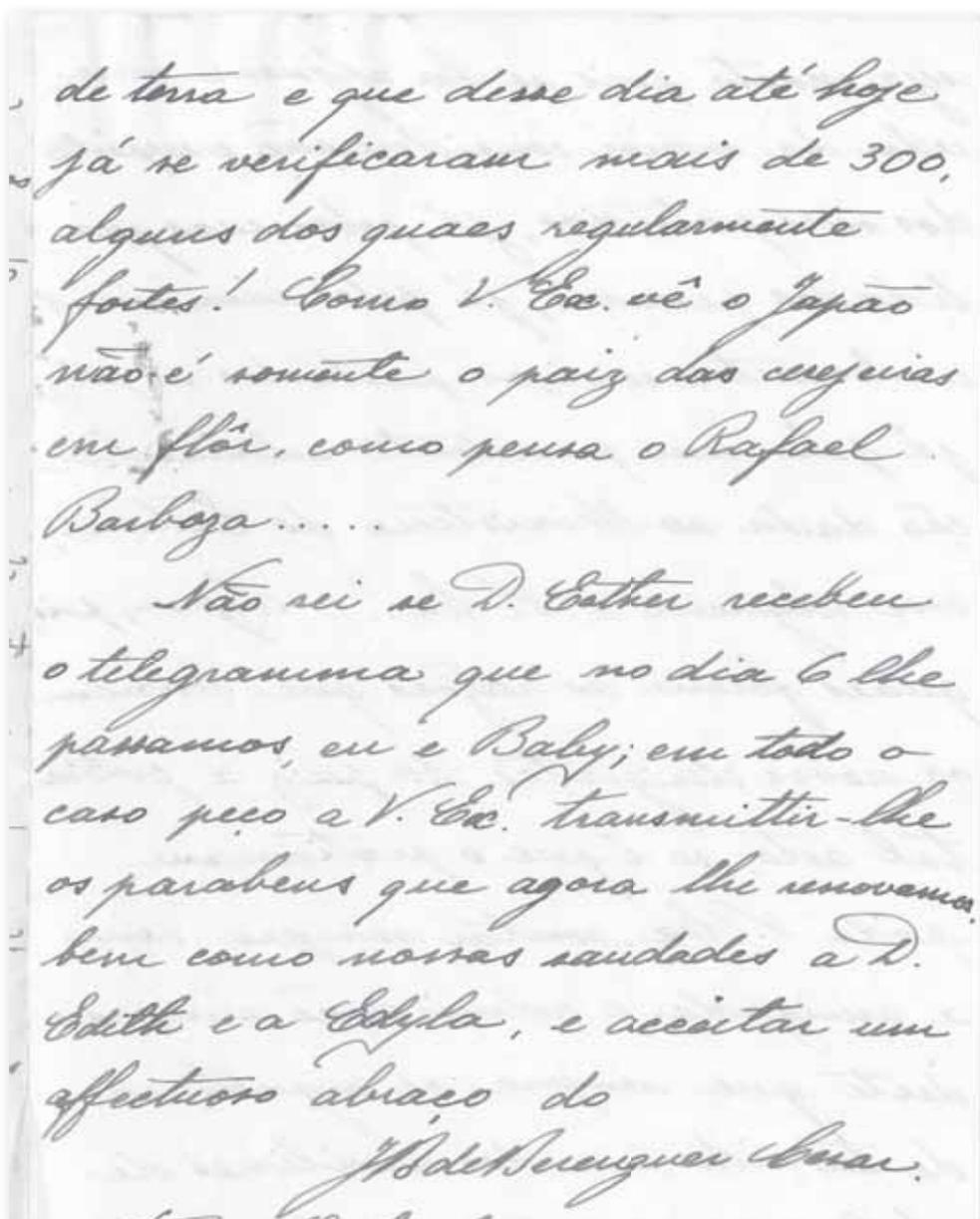
Rafael Barbosa
jornalista do *O Globo*.

Baby
refere-se a Beatriz
Pacheco Miranda,
esposa de Berenguer.

agora lhe renovamos, bem como nossas saudades a D. Edith e a Edyla, e aceitar um afetuoso abraço do

César J.B. de Berenguer

N.B. O Embaixador acaba de me informar que teve noticias da partida de V. Exa. para a Europa; assim mando esta ao Embaixador Dantas, pedindo-lhe fazê-la chegar às mãos de V. Exa., em vez de mandá-la pela valise como pretendia.



de terra e que desse dia até hoje já se verificaram mais de 300, alguns dos quaes regularmente fortes! Como V. Ex. vê o Japão não é somente o paiz das cerejas em flor, como pensa o Rafael Barboza.....

Não sei se D. Esther recebeu o telegramma que no dia 6 lhe passamos, eu e Baby; em todo o caso peço a V. Ex. transmittir-lhe os parabens que agora lhe renovamos, bem como nossas saudades a D. Edith e a Edyla, e aceitar um affectuoso abraço do

J. B. de Berenguer Cesar.

D. Edith

refere-se a Edith Soares de Pinho, irmã de Esther.

Edyla

refere-se a Edyla Mangabeira, filha de Octávio e Esther Mangabeira.

César J.B. de Berenguer

refere-se a Jacome Baggi de Berenguer Cesar, foi auxiliar de gabinete do ministro Octávio Mangabeira (1926-1930). Nesta ocasião, trabalhando na Embaixada do Japão.

ALAGOINHAS, 25 DE DEZEMBRO DE 1930

Meu caro Octávio,

Há muitos dias para escrever-lhe, só hoje, daqui de Alagoinhas, onde vim em busca de alguns dias de repouso, tenho um momento livre para isso.

Queria renovar-lhe o abraço de saudades que, em cabograma dirigido para Gênova lhe mandei, e dizer-lhe o quanto me surpreendeu e revoltou o exílio injusto com que lhe premiaram os serviços reais ao país, cujo nome você soube tanto elevar.

As suas cartas, altivas e corajosas, aos homens da atual situação e cujas cópias li há dias, deram-me a verdadeira explicativa da medida injusta e extrema.

É pena que estes documentos não tenham tido uma vulgarização maior, para que todo o país pudesse aquilatar da sua atuação. Penso que você não deverá demorar em publicá-los, como me afirmou ser o seu intento. De todos os seus amigos que os leram ouvi a mesma opinião. Todos eles acordes em enaltecer a valia dessas cartas.

Com esta lhe mando o relatório que apresentei ao governo, de referência àquela minha viagem, o ano passado, à Europa. Por ele você verá que não lhe esqueci o gesto amigo e bondoso.

Não sei se lhe devo mandar notícias da nossa terra. As coisas andam por aqui tão incertas e instáveis que, provavelmente, ao chegarem lá, as notícias já não exprimirão mais a verdade...

Não sei para onde estamos caminhando e eu que, você sabe, sempre tive horror à política, começo a ter medo de haver sido alijada a política...

Faço, meu caro Octávio, os votos mais sinceros e ardentes para que, reconhecida brevemente a injustiça que foi o seu banimento do Brasil, retorne você ao cenário dos seus amigos dentro de pouco tempo.

Queira recomendar-me à sua família e dispor inteiramente de quem é seu velho amigo dedicado.

Gesteira

P.S. Não sei se você recebeu o meu telegrama. Enderecei-o para “*Bordo do Conte Verde*,” Gênova, dois dias antes da chegada presumível do vapor àquele porto.

Gesteira
refere-se a Joaquim Mar-
tagão Gesteira, médico e
fundador da Liga Baiana
contra a mortalidade
infantil em 1923.

RIO DE JANEIRO, 18 DE JANEIRO DE 1931

Meu caro Sr. Ministro,

Venho dar-lhe os parabéns pela lei, hoje decretada, que ratifica toda a organização que V.Exa. fez no Itamaraty, e que, agora, espero vigore por muitos anos.

Com os meus respeitos à Sra. Dona Esther e os melhores votos, a todos, para 1931, sou,

Com toda sinceridade.

De V. Exa.

amigo e admirador

Maurício Nabuco



O dr. Maurício Nabuco, ilustre filho de Joaquim Nabuco, diretor de seção do Ministério das Relações Exteriores e oficial de gabinete do Chanceler Octávio Mangabeira, de quem tem sido um dos mais inteligentes e dedicados auxiliares. (*Revista Fon Fon*, p. 51)

Maurício Nabuco refere-se a Maurício Hilário Barreto Nabuco de Araújo, diplomata, oficial de gabinete do ministro Octávio Mangabeira. Era filho do diplomata e escritor Joaquim Nabuco.

PARIS, 9 DE FEVEREIRO DE 1931

Prezado Sr. Ministro,

Tive há dias, pelo Dantas e pelo Pimentel Brandão, notícias de V.Exa. Soube, assim, que V. Exa. se dirigia, no princípio do mês, para a Suíça, para onde envio esta carta. As saudades que eu e minha mulher temos de V.Exa. e D. Esther são muito grandes. É, pois, com o mais sincero pesar que sentimos não ser possível, antes do nosso embarque para a China, dar um pulo à Suíça para vê-los.

Embarcamos, com efeito, dentro de dez dias, em Marselha, a bordo de um vapor japonês, o Terukuni Maru. Mas, deixamos Paris na próxima terça-feira, dentro de uma semana.

A viagem ao Extremo Oriente, em outras circunstâncias, seria um prazer, até porque instrutiva. Embarcar, porém, para a China, deixando o Brasil nas tristes condições em que se acha, é uma aventura arriscada. Confio em que Deus nos protegerá.

Se V. Ex. recebe jornais do Brasil, há de ter visto que, em meados do mês findo, o meu nome figurou na crônica do Tribunal Especial, a respeito do emprego de quantias que V.Exa. me mandara confiar para despesas reservadas do Gabinete. Qual será, para mim, o resultado disso? Eu receio muito da maldade dos homens que estão no poder, no Brasil inclusive do Afrânio, meu velho desafeto. Mas estou resignado a tudo.

No dia 19 de dezembro, fui notificado pelo Mario de Vasconcelos de que podia partir para o meu posto. Um ou dois dias depois, recebi uma carta da Comissão de Sindicância do Itamaraty, pedindo-me informações sobre o emprego das quantias, num total de 150 contos, a mim confiados por V. Exa. em 1930. Eu havia destruído os apontamentos que costumava tomar sobre a aplicação das mesmas. Procurei o Dr. João Mangabeira e com ele combinei os termos da resposta, isto é, uma explicação sobre a natureza dos pagamentos e, quanto a nomes, um ou outro, sem nenhuma expressão.

A minha partida do Rio estava marcada para o dia 31 de dezembro. No dia 29, fui convocado pelo Sr. Vossio Brígido, que insistiu para que eu escrevesse nova carta, ampliando as minhas informações e fornecido mais nomes. Insistia por mais nomes, animando-me a citá-los, sob a pro-

Dantas
refere-se a Luis Martins de Souza Dantas, embaixador do Brasil na França (1922-1943).

Pimentel Brandão
refere-se a Mário de Pimentel Brandão encarregado de negócios em Paris.

Tribunal Especial
trata-se do Tribunal de exceção, criado pela Rev. de 1930 com objetivo de julgar aqueles envolvidos em irregularidades administrativas.

Comissão de Sindicância
trata-se de órgão ligado ao Tribunal Especial, realizava investigações locais.

João
refere-se a João Mangabeira, um dos representantes do irmão Octávio Mangabeira.

Vossio Brígido
refere-se a Leopoldo Vossio Brígido, membro da Comissão de Sindicância

messa de que seria guardado sigilo em torno das minhas declarações! Estas, conforme me disse, não tinham outro fim senão o de servir de elementos para o relatório geral que a Comissão apresentaria ao Afrânio, sobre a sindicância levada a efeito no Itamaraty. Não me falou, uma só vez, no Tribunal Especial.

Mas eu fui bem inspirado. Disse, em outros termos, o que já havia dito antes. Quanto a nomes, contudo, dei outros, sempre sem nenhuma expressão, no gênero de Tibúcio de Figueiredo e jornalistas da ordem do Borla, etc.

As duas cartas, depois da minha partida, foram levadas ao Getúlio e, por este, encaminhadas ao Tribunal, que fará o processo do caso. Claro é que V.Exa. é quem os miseráveis visam – e não eu! Como se em todas as chancelarias não houvessem despesas secretas! Como se o nosso orçamento não contivesse uma consignação especial para as mesmas! E, finalmente, como se o que fez V.Exa. não fosse praxe do Itamaraty, desde tempos imemoriais, sendo que V.Exa. foi quem, nesse particular, usou de maior parcimônia! O Dantas, ainda há dias, dizia-me que ele, por ordem do Lauro, deve dinheiro a políticos e jornalistas, aos seiscentos contos!!!

Minha primeira visita, quando aqui cheguei, foi para o embaixador, como era natural. Mas a segunda foi para o Presidente Washington. Alias, há dias, estive com ele novamente. Está bem, suportando o exílio com dignidade e falando em regressar ao Brasil, aconteça o que acontecer, quando não houver mais dinheiro.

No Rio, deixei bem todos os seus, inclusive madame Pinho, sua sogra, Dr. João Mangabeira, D. Edith e o Octavinho tiveram a bondade de vir ao meu embarque. D. Edite entregou-me um maço de cartas e papéis que, a seu pedido, confiei ao Luzardo.

Minha mulher muito se recomenda a V.Exa. e à D. Esther, a quem apresento respeitadas homenagens. Saudades à Edyla. E aceite, Sr. Ministro, com um grande abraço, os protestos do profundo respeito com que sou de Vossa Excelência atento servidor e dedicado amigo.

P. Leão Veloso

Borla

refere-se a Ferdinando Borla, jornalista italiano fundador do semanário *A.B.C.* e do *Hoje*.

Washington

refere-se a Washington Luis, presidente da República deposto pela Revolução.

Octavinho

refere-se ao filho de Esther e Octávio Mangabeira.

Luzardo

refere-se a João Batista Luzardo, chefe de polícia do Distrito Federal (RJ).

Leão Veloso

refere-se a Pedro Leão Veloso Neto, Chefe de gabinete do min. Octávio Mangabeira.

RIO, 10 DE FEVEREIRO DE 1931

Octávio

Estranha você que eu ainda não lhe tenha escrito. É que lhe não queria perturbar com informações incertas, que às vezes correspondem à realidade, no dia em que se escreve, e nada são no dia seguinte, pois, durante a noite, tudo se transformou. É que os meninos e Rabelo poderiam cometer a leviandade de mandar cartas pelo avião, para o consulado de Gênova; mas eu, se lhe escrevesse para a embaixada de Roma, correria o risco, quase certo, de ter a carta em mãos da polícia. Porque aqui ainda existe a censura nos correios.

É que eles estão num ambiente diverso do meu. Lá as perseguições pessoais são terríveis, segundo dizem todos; aqui existe relativa calma. Assim, a impopularidade da revolução é enorme na Bahia. Agora mesmo, o Leopoldo pediu demissão e o Juarez Távora quer nomear para o cargo, um tenente, Juracy Magalhães. Mas a Bahia inteira, com o Moniz Sodré à frente, está protestando. Creio que o nomeado será Artur Neiva.

meninos
refere-se aos jovens acadêmicos da oposição, que formariam a LASP.

Rabelo
refere-se a José Rabelo, advogado, redator do jornal *O Imparcial*.

Leopoldo
refere-se a Leopoldo Afrânio Bastos do Amaral, membro da AL, pref. de Salvador (1930) e interv. fed. na Bahia (1930-1931).

Juarez Távora
um dos líderes da Rev. de 1930 e articulador do Mov. nas regiões norte e nordeste; um dos fundadores do Clube 3 de Outubro.

Juracy Magalhães
refere-se a Juracy Montenegro Magalhães, revolucionário de 1930, interv. fed. na Bahia (1931-1935).

Moniz Sodré
refere-se a Antônio Moniz Sodré de Aragão, advogado e político, dep. fed. (1912-1920), redator de *O Democrata*, diretor do *Diário da Bahia*, *O Tempo* e *O Jornal*.

Artur Neiva
refere-se a Artur Neiva, engenheiro. sec. do Interior de SP (1930); Interventor da Bahia (1931).

011.04.1931.02.10
12
anti-partidários, inclusive
os seus recrutários
podem afirmar-me que se portam
"inimicavelmente". Não sei po-
rém se isto é verdade.
Não sei o que vai surgir desta
situação em que os uns são
contrários.
Sei apenas que não há força
humana capaz de renunciar
a estas condições.
Poderá ser o ponto de situa-
ção actual, incalculável,
é feliz para melhores de

Aqui, porém, o governo se mostra mais tolerante, consentindo crítica de seus atos pela imprensa, embora pratique certas vilanias com os vencidos.

Como talvez já saiba, foram denunciados os senadores e deputados que votaram o caso da Paraíba. Dizem que vamos ser suspensos, por 5 anos, dos direitos políticos. Resolvemos não comparecer perante o Tribunal; e no fim publicaremos um manifesto à Nação, que eu redigirei.

Já declarei, e todos combinaram, que só o farei em termos capazes de nos levarem à prisão.

Não obstante tudo isso, continuo a pensar que, embora um mal para mim, a revolução foi um bem para o país. Porque não concebo nada de pior que o regime ignóbil que se inaugurou com o Hermes, e o Washington levou aos extremos; sendo ele o causador de tudo isso por que passamos.

É pena que a revolução se represente por homens tão incompetentes. Mas todos esperam que isto passará dentro em breve, ao passo que a máquina que nos oprimia, e só por uma revolução poderia ser quebrada, seria capaz de durar ainda 30 ou 40 anos.

Imagine que até o Arnolfo assim pensa. Ainda ontem me disse que, a 24 de Agosto de 929, conversando com o Washington sobre a necessidade de um terceiro candidato, ele irritou-se e declarou – “Porei o Júlio no Catete, nem que seja por uma revolução”

Mas, deixemos isto...

Quanto à entrevista que o Silva Reis lhe arranjou e publicou na Noite, eu de nada sabia. Ele nada me disse. Achei-a inconveniente, e no dia seguinte fui procurá-lo. Disse-me que a publicara a seu pedido, repetindo as suas palavras. E, como eu vira você com ele a conversar, num canto do salão do navio, acreditei que fosse exato o que me dizia. Aliás, a entrevista não causou, aqui, contra você, o efeito que você imagina. Até, sob certo ponto de vista, causou boa impressão. O inconveniente é que, no final, lhe atribuía o intento de atirar, sobre o Washington e o Getúlio, a responsabilidade da solução do caso dos francos ouro.

Hermes

refere-se ao governo do Marechal Hermes Rodrigues da Fonseca, presidente da República (1910-1914).

Washington

refere-se a Washington Luís Pereira de Sousa presidente deposto pela Rev. de 1930.

Arnolfo

refere-se a Arnolfo Rodrigues de Azevedo, advogado e político, encerrou sua atividade política como sen. fed. (1926-1930).

Júlio

refere-se a Júlio Prestes de Albuquerque, presidente eleito e não empossado pela Rev. de 1930.

Silva Reis

refere-se a Alberto Ferreira da Silva Reis, jornalista e redator do vespertino *A Noite*, pertencente a Geraldo Rocha.

Macedo Soares

refere-se a José Carlos de Macedo Soares, membro de família de políticos notáveis, foi constituinte em 1934 e após, min. das Relações Exteriores.

João Neves

refere-se a João Neves da Fontoura, um dos líderes da Rev. de 1930, min. da Justiça (1930), consultor jurídico do Banco do Brasil (até 1932).

José Maria Belo

refere-se ao professor, advogado, político e jornalista. sen. (1930) cassado após a revolução.

Edmundo Luz Pinto

dep. fed. (1927-1930), ocupou a função de Procurador Adjunto da República (1933).

Fiel Fontes

refere-se a Fiel de Carvalho Fontes, dep. est. e dep. fed. BA, (1924-1930).

Aníbal Freire

refere-se a Aníbal Freire da Fonseca, jornalista, advogado, magistrado, professor e político, dep. est. 1930.

Richard

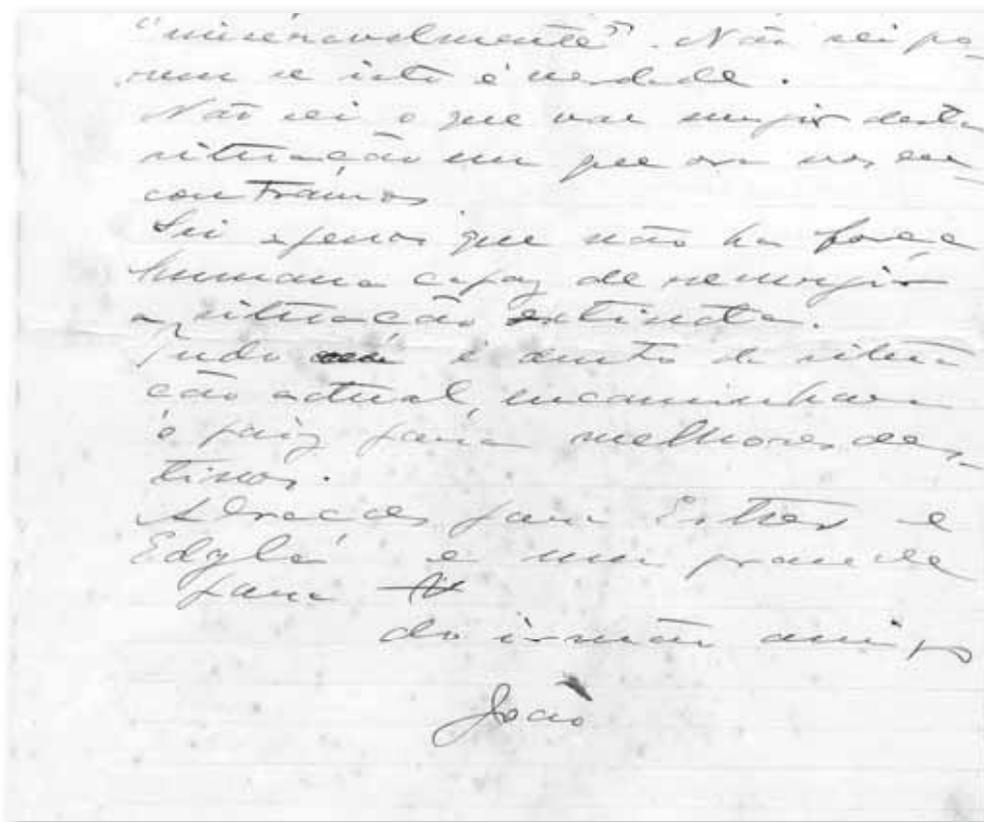
refere-se a Antônio Eugênio Richard Júnior, empresário, arquiteto, presidente do Banco Credit Foncier.

Chiquito

refere-se ao apelido de Francisco Mangabeira, filho de João Mangabeira.

Mena Barreto

refere-se a João de Deus Mena Barreto, interventor no Rio de Janeiro (1931).



Suas cartas, li-as a todo o mundo, inclusive Macedo Soares e João Neves; e todos acharam-nas ótimas.

Acabo de receber o seu Manifesto. Li-o para as seguintes pessoas, cada qual por sua vez: Arnolfo, José Maria Belo, Edmundo Luz Pinto, Fiel Fontes, Aníbal Freire e o Richard. Todos, sem que eu nada lhes dissesse, acharam inoportuno o momento para a publicação. Esta era também minha opinião, bem como a de Edith e Chiquito que o haviam lido.

Assim, resolvi aguardar o momento, a menos que você daí, depois de receber esta, me diga que o publique.

A todos, como a mim, duas razões fazem considerar inoportuna a publicação, neste momento.

Primeira, é que se fala, tal como a 20 ou 22 de outubro, de um movimento militar, a explodir este mês, e sob a chefia do Mena Barreto.

Dizem que, se vitorioso, formará uma junta que convocará a Constituinte. Não sei ao certo, se os boatos são exatos. Mas são intensos, contínuos e generalizados. Não há criança que não tenha notícia disto.

Segunda, é que sua carta ao Assis Brasil irritou muito, e muito, a gente do governo. Ainda há dias, Luzardo dizia a Fiel: “Não há dúvida que foi uma burrada a prisão do Octávio; mas houve burrada maior – a carta dele ao Assis”.

Ora, o seu manifesto levaria essa irritação ao cúmulo. Eles estão com a faca e o queijo na mão. Resultado – o tal Tribunal, sob qualquer pretexto, lhe condenaria a dez anos de banimento, por exemplo. Dir-se-á que um novo governo revogaria esta iniquidade. Mas a situação atual, assim como pode não durar uma semana, pode também permanecer por 4 ou 5 anos. Assim, parece-me inábil provocar uma luta desigual, em que você não se poderá defender com eficiência. Se provocado, aí bem, deverá defender-se com unhas e dentes. Sei que a Comissão de Sindicância está remexendo tudo no Itamaraty. Apurou que foram concedidas passagens ilegais, no valor de 451 contos. Pretende o governo que os beneficiados com elas restituam ao Tesouro a importância das mesmas. No entanto eles estão, agora mesmo, dando passagens a granel.

Indagaram de Veloso, em que aplicou os 150 contos recebidos este ano. Veloso escreveu uma carta, que me mostrou, explicando como aplicara as quantias recebidas, embora de nada tivesse recibo, pois, se tratava de uma verba reservada. Ao Richard, perguntaram quais as relações que tinha com o Itamaraty, pois do arquivo verificava-se que fornecera e recebera dinheiro. Richard apresentou uma espécie de conta corrente, demonstrando que adiantara 250 contos, dos quais já fora pago. Mas a Comissão replicou que realmente constava haver ele recebido esta importância; mas, no arquivo, somente constavam provas de haver fornecido 150 contos. Assim sendo, se não fornecessem novas provas, ele teria que restituir 100 contos. Acrescentaram porém, que desejavam “tudo se fizesse, sem ruído e sem escândalo”. Richard, porém, como me mostrou, tem todas as provas que forneceu 250 contos e vai apresentá-las.

Sobre isto a imprensa ainda não murmurou. Quanto às passagens, o *Correio da Manhã* já deu duas notas, ou antes, notícias.

Mas ainda não pôde obter os nomes dos beneficiados.

Parece-me, porém, que tudo isso dará em droga. Pelo menos, até agora, o governo não tem feito escândalo disto.

Assis Brasil

refere-se a Joaquim Francisco de Assis Brasil, nomeado min. da Agricultura (1930-1932).

Luzardo

refere-se a João Batista Luzardo foi um dos articuladores da Rev. de 1930, dep. fed. (1924-1930)

Comissão de Sindicância

trata-se do Órgão de escrutínio, criado pela Rev. de 1930 para investigar a administração passada.

Veloso

refere-se a Pedro Leão Veloso Neto, diplomata, em 1926 assumiu a chefia do gabinete do min. Octávio Mangabeira.

Correio da Manhã

trata-se de diário carioca matutino.

Nabuco
refere-se a Maurício
Nabuco, foi oficial de
gabinete do ministro
Octávio Mangabeira
(1926-1930).

Por isto mesmo, parece-me inoportuno o manifesto.

Seria melhor aguardar um movimento qualquer do governo, ou uma denúncia do Tribunal para publicá-lo. Entre a denúncia e a sentença, você faria, em outro Manifesto, a sua defesa.

Assim que eles positivarem qualquer coisa contra você, eu, com as poucas notas que você me deu e chamando Nabuco para me dar outras, farei, sob minha assinatura, uma defesa imediata, para desfazer, assim, a primeira impressão.

Sobre a situação em geral, tudo está ainda incerto. O governo faz um ato e, em seguida, o desfaz. Assim, por exemplo, exonerou quase todos os funcionários das Secretarias da Câmara e do Senado.

Mas, diante do clamor da imprensa, voltou atrás, considerando-os em disponibilidade, com metade dos vencimentos. A revolução, mesmo aqui, já perdeu a popularidade. Como disse, fala-se abertamente em nova revolução. Afirma-se mesmo que haverá uma de caráter comunista. Enfim, tudo é possível. Menos a volta ao passado. Não há mais quem não diga horrores da máquina antiga. Em S. Paulo ainda se referem com respeito ao Washington que caiu com dignidade, apesar de muito burro. Mas do Júlio, você não imagina o que dizem os seus antigos partidários, inclusive os seus secretários.

Todos afirmam que se portou “miseravelmente”. Não sei porém se isto é verdade. Não sei o que vai surgir desta situação em que ora nos encontramos. Sei apenas que não há força humana capaz de ressurgir a situação extinta. Tudo vai, e dentro da situação atual, encaminhar o país para melhores destinos.

Abraços para Esther e Edyla e um grande para você do irmão amigo

João (Mangabeira)

RIO DE JANEIRO, 11 DE FEVEREIRO DE 1931

Octávio

Depois da sua partida tenho tido sucessivos contratempos, muitas contrariedades, alguns desenganos e um apendicite. Tudo isto porem reage em mim como um grande estimulante e creia que nesses quatro meses da república nova tenho visto coisas mirabolantes.

A situação geral da república é muito má. A inépcia, a ignorância e a perversidade dos interventores nomeados pelo *grande general* Távora, tem provocado, nos estados, reações bem apreciáveis. O do Maranhão foi deposto, o do Piauí resignou o lugar para o do Rio Grande do Norte, em virtude de um negocio administrativo do honrado e desinteressado João Neves foi demitido, tendo provocado este outro grande escândalo nos jornais, e o da Bahia pediu também demissão, estando o caso até hoje sem solução, por falta de um nome.

A situação do general Távora, no nosso Estado, é ridícula, pois faz reuniões diárias com Bernardino de Souza, Pimenta da Cunha, (que saiu do limo), *et coetera* e depois indica para interventor um tenente de 26 anos de nome Juracy Magalhães. O Seabra finge ter prestígio, e depois de afirmar que a Bahia é dos baianos, indica uma lista de novos nomes de gente de recursos, quase todos altamente graduados na república nova. O que se sente, e à meia voz já nos diz, é que só você seria capaz de por em ordem a Bahia. Creio que dentro de pouco tempo você será chamado a intervir, antes disso não deve pensar em voltar, pois os grandes movem contra você uma campanha surda, de inveja e despeito. Não tenho poupado, nem pouparia jamais, sacrifícios para manter em torno de seu nome a aureola que soube conquistar, pelas suas qualidades.

A política do Getúlio é aquela tão bem definida pelo *O Jornal* no admirável artigo "O Monstro". Deseja enfraquecer os libertadores gaúchos, homens de poucas letras, e para isto tem reduzido os democratas de S. Paulo à expressão mais simples, e o Bernardes tem sofrido grandes arranhões. Tenho procurado manter com o Bernardes por intermédio do Rocha Vaz Libanio as melhores relações, salientando sempre a sua admiração por este mineiro. Consta, com fundamento que o Epitácio já está pelos cabelos e esta informação me foi dada pelo Mi-

Távora

refere-se a Juarez Távora, militar, revolucionário de 1930.

João Neves

refere-se a João Neves da Fontoura, Rev. de 1930, recusou o convite para o min. da Justiça.

o da Bahia

refere-se ao interventor Leopoldo Amaral (01.11.190 a 18.02.1931), substituído por Artur Neiva (18.02.1931 a 13.07.1931)

Bernardino de Souza

refere-se a Bernardino José de Souza, então secretário do Interior e Justiça da Bahia.

Pimenta da Cunha

refere-se a Arnaldo Pimenta da Cunha, engenheiro, pref. de Salvador (1931-1932).

Juracy Magalhães

interv. fed. na Bahia (19.09.1931 a 25.04.1935), depois governador até o golpe de 10 nov. 1937.

Seabra

refere-se a José Joaquim Seabra, ex-governador da Bahia (1912-1916; 1920-1924)

Bernardes

refere-se a Artur da Silva Bernardes, ex-presidente da República (1922-1926), compôs a ala oligárquica da Rev. de 1930.

Epitácio

refere-se a Epitácio Pessoa, ex-presidente do Brasil (1919-1922).

Ministro Pires de Albuquerque

refere-se a Antonio Joaquim Pires de Carvalho e Albuquerque, min. do Supremo Tribunal Federal.

Luzardo

refere-se a João Batista Luzardo, chefe de polícia do Distrito Federal (RJ).

João

refere-se a João Mangabeira, advogado e político, irmão de Octávio Mangabeira.

Chiquito

trata-se de Francisco Mangabeira, filho de João Mangabeira.

Hélio Lobo

diplomata, enviado extraordinário e min. plenipotenciário no Uruguai (1926-1928 e 1930-1931).

Artur Neiva

refere-se a Artur Neiva, engenheiro e interventor da Bahia (1931) em substituição a Leopoldo Amaral.

Fiel Fontes

refere-se a Fiel de Carvalho Fontes, filho do juiz federal Paulo Fontes; político, dep. fed. (1924-1930)

nistro Pires de Albuquerque em casa de quem fui, com minha senhora, mostrar as suas cartas. O Luzardo me tem procurado sempre e creio que em todas palestras fala a seu respeito com muito carinho apesar do modo porque me expresso quanto ao ato do governo.

Politicamente só existe balbúrdia, confusão e falsidade.

O nosso João, com quem tenho estado, achava que devia eu ir tratando com os poetas do R. Grande uma certa *entente* podendo ser ele aproveitado em qualquer comissão técnica. Não há dúvida que sinto por parte do nosso amigo um certo desejo de aproximação com os príncipes do atual regime apesar do cambio com o João Neves estar baixo em virtude deste estar ficando muito rico. Há dias o idealismo revolucionário do nosso João foi abalado pela ordem de prisão do Chiquito, como líder do partido de Lenine. A D. Yaiá não se conforma com a liberdade de pensamento da república nova e ainda fui eu que tive de evitar com o Luzardo ser chamado o rapaz para depor e tive que acompanhar o seu sobrinho até a 4ª auxiliar. Felizmente tudo consegui e o rapaz está livre. Creia, meu caro Octávio, que cada dia mais me afasto dos dominantes e só assim lhe posso ser útil porque o povo, a gente de critério e valor, está conosco. Os sofrimentos, as contrariedades são compensados pela esperança de vê-lo muito breve entre os seus amigos, cercado do apreço público.

No Itamaraty nada de novo no Oeste. A sua reforma foi feita com outro rótulo. Estive há dias com o Araújo Jorge que disse lhe ter escrito uma longa carta. O Hélio Lobo deu entrevista sobre a ponte do Jaguarão mas, nem de leve, falou em seu nome. Acabo de ver a nomeação de Artur Neiva, para a Bahia, como interventor.

Esta acompanha os documentos pedidos, faltando apenas o discurso do João Neves, que enviarei pelo primeiro correio. Li com toda atenção o manifesto – gostei – mas o João acha que, em virtude da situação que se desenha, no momento atual, não deve ser já publicado.

Em outra carta me referirei ao assunto de um modo mais completo.

Abraço a boa D. Esther e Edith avistando um saudoso

Abraço de amigo grato

Fiel Fontes

RIO DE JANEIRO, 20 DE FEVEREIRO DE 1931

Meu caro Sr. Ministro,

Muito obrigado pelas suas palavrinhas de Milão. Recebi, também, hoje as sobrecartas para os meus colegas da Secretaria, que, amanhã, entregarei.

Não lhe tenho escrito por não saber que notícias dar. A revolução vai melhor do que eu esperava. Há evidente esforço de acertar: muita intenção boa, e idéias também.

Muita incapacidade de execução, que vem da inexperiência do nosso meio. A revolução só poderia resolver questões materiais, e estas, como eu as encaro, não estão nem delineadas, penso que nem ideados com a largueza necessária.

A mim estão me tratando bem. Mas V.Exa. me ensinou a ver grande e nada empreenderei pela metade.

Quanto ao Itamaraty vai bem na única parte de que me tenho ocupado: a legislação. Estou trabalhando agora nos regulamentos que a reforma exige. Acho que estão bons, se não os mudarem muito, e que darão para muitos anos ainda.

Os próximos três anos (e mais ainda se não executarem com vontade a reforma) serão duros.

A ferida da fusão, que reputo ótima, vai custar a fechar, sobretudo neste momento de aperturas financeiras, com o nosso orçamento o mais castigado. Tenho prazer em ver a organização do Itamaraty progredir, mas é tão pouco em relação ao que o país precisa!

Meus respeitos e minha amizade à D. Esther.

De V. Exa. muito obrigado criado

M. Nabuco

Estou agora me esforçando para ver se a comissão de sindicância aprova as contas dos nossos fornecedores, a fim de promover o pagamento.

M. Nabuco
refere-se a Maurício
Nabuco; foi oficial de
gabinete do ministro
Octávio Mangabeira.

LAUSANE, 5 DE MARÇO DE 1931

João:

Revista-se de paciência e bom humor, para ouvir um rosário de queixas. É natural que os últimos acontecimentos do Brasil me tragam um pouco irritado, por mais tranqüilo que seja o meu temperamento. E mais natural ainda é que, a Você, possa dizer o que sinta, sem nenhuma restrição.

A entrevista da "A Noite". Você, que conhece o Silva Reis, e o juízo que forma sua leviandade, nunca devia ter acreditado que eu fosse capaz de declarações como aquelas. Eu não podia firmar "meu velho amigo de lides parlamentares." O chefe de polícia que me prendeu – sem cometer uma indignidade. Não me podia dizer "enormemente desvanecido" com palavras do porco do Getúlio – sem descer a uma baixeza. Não me podia expandir em lamurias alambicadas, e acusar, no fim, a Washington, sem praticar uma infâmia. Você, entretanto, que julgou dever impedir a publicação do manifesto, feito e assinado por mim, que só me fazia honra, por considera-lo inoportuno, entendeu suficiente o Silva Reis para interpretar-me o pensamento, deixando-me em farrapos. Já recebi a entrevista transcrita em jornais de quatro Estados. Para todo o país, eu sou aquilo que a mim me faz tanto nojo. Pois bem. Mande o desmentido. Avisei-lhe que o havia mandado. A United Press, em Roma, quis transmiti-lo na íntegra, no serviço dos jornais. Como, porém, Você me telegrafara que *A Noite* dera uma nota e *O Jornal* publicaria, nos seus "termos textuais", o meu telegrama, julguei desnecessário. Verifico, entretanto, depois, que o telegrama não foi publicado, nem sequer nos. A pedidos, e apenas a nota pálida e inexpressiva do *A Noite* pusera termo ao caso. Longe, isolado, insciente, sem meios de agir, que fazer?

O *manifesto*. Mande-lhe o manifesto, acompanhado de carta, na qual me lembro ter dito que o silêncio, no meu caso, seria *inepto* e *indigno*; como está sendo, ou antes, como foi. Considerava a publicação já tardia, tanto que pedia fosse feita *imediatamente*, mesmo paga, se assim necessário. Para exprimir a minha ansiedade, comuniquei-lhe uma palavra de código, pela qual me avisasse prontamente, logo fosse publicado. Tudo lhe chegou aí às mãos, no dia 27 de Janeiro. Recebi, alguns dias depois, um telegrama, anunciando carta... Aflito naturalmente por saber, ao

menos por longe, o que teria havido, telegrafia, de St. Moritz, usando, para despistar qualquer censura, a cifra telegrafia da Edgard. Foi então que vim saber que a publicação aguardava melhor oportunidade... Duas hipóteses tinham-me sempre ocorrido: a de que nenhum jornal quisesse publicar; ou a de que a publicação pudesse resultar em prejuízos para Você e para os nossos aí. Considerei que uma das duas hipóteses; de preferência a segunda, se teria verificado. E, para qualquer das duas, a minha conformação é sem de ver, teria de ser completa.

Retida em Paris alguns dias, por descuidos daquele escritório, só a *1^o de Março* vim receber sua carta, escrita no dia *10 de Fevereiro*, precisamente *duas semanas* depois do recebimento do manifesto, datado de *2 de Janeiro!*

Confesso que tive uma decepção. Diz-se-ia que falamos, sobre o assunto, em línguas diferentes. Você, a julgar pelo conjunto das suas impressões, me atribui, mais ou menos, a situação de escravo fugido, carregado de mazelas, difícil de defender-se, e que precisa andar com habilidade para não irritar os senhores, aliás generosos, a ponto que eles percam a paciência, e mandem aplicar ao pobre diabo um pouco de chicote. Eu vejo, certo ou errado, as coisas, por outro prisma. Sou um homem que exerceu o ministério, prestando grandes serviços, sob os aplausos geral dos seus compatriotas; que pode provar documentadamente, que nele só teve prejuízos de ordem material; que julga ter, no país, responsabilidades e deveres, além dos que decorrem da circunstância de lhe ter dirigido, por quatro anos, as relações internacionais; que não se arreceia de nada; que está no firme propósito de não consentir, de modo algum, sem o seu protesto a ferro em brasa, que uma corja de analfabetos, bebados e advogados administrativos, que se apossou do país, ouse, de qualquer modo, enodoá-lo; e que tanto melhor se sentirá quanto mais punido pelos homens que ora estão reduzindo a sua Pátria ao mais desgraçado esterquelinio da Terra. Eis aí. Ultrajado, e ainda súplice, é ignomínia demais...

Que me importa a mim que se “irritem” as donzelas da ditadura? Tanto melhor. Nem visou eu a outra coisa. Que me importa a mim que me exilem, seja por século? Tanto melhor ainda, para o meu ponto de vista. Já estou cogitando de ocupação estrangeiro, de onde abrirei as minhas baterias, por todos os meios de ação, pronto, entretanto, a partir, em vinte e quatro horas, se aí tiver liberdade pra dar para dar combate à canalha. Assim, pelo menos, os que supuseram algum dia que eu me

esterquelinio
amontoado de esterco
deixados por cavalos e
por bondes puxados a
burros, nas cidades do
séc. XIX, início do XX.

conservava ministro por agarramento ao governo, quando só o fiz inspirado pela preocupação de pôr termo a uma obra iniciada, verão que sei também fazer o oposto, mesmo quando este oposto represente o sacrifício estremo.

Publicar em Março num manifesto, assinado em princípio de janeiro, e que já aquela época se me afigurava retardado, não seria mais admissível, porque seria ridículo. Por outro lado, apesar de tudo, preocupou-me a possibilidade de provir, da publicação, qualquer incomodo, mesmo indireto, especialmente a você. Desisti, assim, de telegrafar, pedindo a publicação, e trato agora de recorrer a ambos meios de ataque e de defesa.

Figura você a hipótese de que, entre a *denúncia* e a *sentença* do tal *tribunal* (pesa-me escrever esta palavra) eu me defenda. Mas então lhe passa pela idéia que eu dê a perceber, de qualquer forma, que acato aquela monstruosidade? Tanto importaria defender-me entre uma peça e outra. Mando-lhe junto, por cópia, a carta com que respondi aos três empregados públicos que, sob a regência do Afrânio, a quem me fartei de amparar, *sindicara* o Itamaraty, “remexendo tudo”, segundo diz você. Hei de ter incorrido, certamente, em nova “irritação”. Hão de remexer mais ainda, como aliás desejo. O “portento” do Luzardo há de considerar nova “burrada”.

Ataques de jornais. Tenho lido, com tristeza, notícias hostis, inclusive em jornais como o *Correio*, onde seria fácilimo, não somente as impedir, como obter favoráveis, sem que um linha sequer tenha saído em nenhum, em sentido diferente. Você chega a dizer que o *Correio* não pôde obter *ainda* a lista das pessoas que receberam passagens (inominável escândalo!) como se fosse o *Correio* um jornal de desafetos, quando o Paulo Bittencourt, a quem fiz várias finezas, foi pessoalmente ao meu embarque, e bastaria ter advertido. O Maurício Nabuco é seu amigo, além de recursos outros; não falando no Paulo Filho, a cuja irmã dei emprego, no Manoel Gonçalves, que mandei a Havana, no H. Moniz, a quem auxiliei, e a cujo pai... Deus lhe fale n'alma.

A julgar pelos recortes que recebo, estou sendo, paradoxalmente, o ministério mais focalizado, o que, até certo ponto, se explica. *A Esquerda* e *A Batalha*, é certo que dois pasquins, abriram verdadeira assinatura, fácil, por igual, de coibir. Mas o descaso dos que aí ficaram é mesmo de estarrecer.

Elementos, na imprensa, não me faltam. O que tem faltado, unicamente, é quem, devidamente, os aproveita. Estou a ouvi-lo dizer que eu me iludo, que os tinha quando era ministro. Não. Veja, por exemplo, o artigo – não podia ser mais expressivo – que o Chateaubriand publicam por ocasião do meu embarque. Mas, certamente, o não teria feito se, para tal, não fosse orientado. Por outro lado, há notas indiretas, como as que você tem dado a *A NOITE* sobre os reconhecimentos no congresso, que são valiosíssimas, e bastam, às vezes, para formar o ambiente.

Minha defesa. Você é advogado. Eu o não sou. Nunca, porém, cometeria a inépcia de coloca-la no campo em que os adversários deliberem. Não. Minha defesa está principalmente na administração inexcedível que realizei no ministério, e de que, no manifesto, muito de propósito, dava a síntese. Não me hei de limitar a destruir as bolhas de sabão das passagens, ou dos dinheiros que dei, inclusive a pedido dos homens da ditadura, senão a alguns deles próprios, e, agora mesmo, em Paris, dizia ao Vellozo: Dantas, em proporções microscópicas diante das que deu, Dantas, por exemplo, quando o Lauro ministro, empregara. Quanto a dinheiro emprestados ao ministério, sobre o que me diz você que o governo, por enquanto, não “fez escândalo”, pode fazê-lo à vontade, pois demonstrarei, em tempo próprio, que pratiquei o *absurdo* de fazer suprir, com apelos ao crédito pessoal, necessidades prementes, às vezes inadiáveis, da administração. O Siqueira, por mais de uma vez, pagou, do seu bolso, grandes contas, para não prejudicar o andamento da obras, e recebia, meses depois, sem juros. Gravíssima irregularidade! Será caso de pô-lo na cadeia...

Eu tivera a veleidade de me atribuir, no exílio, uma situação um pouco diferente da do José Gaudêncio, ou do Meira Lima. Acreditava que a opinião em geral esperava de mim outro papel, por essas horas de adversidade. Escrevi a página sobre a cena do Guanabara. Já tinha escrito uma outra sobre o tribunal revolucionário. Mas a tudo, evidentemente, devia preceder o manifesto. Eis-me na vala comum, certo de que infâmia de ordem alguma se poupará contra mim, e colocado, para recebê-las, em posição de cócoras... É simplesmente horrível. Mas, do abatimento e do desânimo, em que tudo isto me afunda, Deus me ajudará a reerguer-me, e retomar o rumo. Não quero que me defendam, em caso algum. Com a displicência que você revela, e, [mais], com a fé revolucionária, de que se acha possuído, não obstante a evidência de

calamidade sem par em que se afunda o Brasil – caminho dos maiores sofrimentos e das mais dolorosas provações, diante das quais não são nada as que, por hoje, atravessa – seria a defesa contraproducente. Já as notas que lhe deixei se lhe afiguram “poucas”... Como se houvesse defesa que mais estivesse feita por si mesma! Será mesmo melhor para você, e quiçá para os nossos amigos, que não se acumplicie com as “burradas” que eu haja de cometer de ora em diante.

Peço-lhe, entretanto, que, ao menos aos meus amigos da Bahia, aqueles três ou quatro que ainda tenho por lá, faça reconhecer o manifesto, com os razões por que não foi publicado, pois o que consta ali, segundo me dizem as meninas, é que você opinara que eu publicasse as cartas, mas eu a isto me opunha, o que pode ser levado a conta de medo, ou frouxidão moral, da minha parte.

Perdoe-me a impertinência, que, no caso, é expressão de amizade. Será também, provavelmente, no gênero, a última com que o aborreço. Minhas cartas, daqui para a frente, serão com as minhas notícias pessoais, ou as impressões da viagem.

Vim para a Suíça, como você sabe, no dia 5. Estive duas semanas em St. Moritz, campos e montanhas cobertos de neve, espetáculo magnífico, 18 e 20 graus abaixo de zero, mas de um frio seco, sol a sol. ali, no quarto de hotel, sem sequer um dicionário, e tendo apenas o livro de Pujol, escrevi o discurso para a Academia de Letras, pois fazia empenho em te-lo pronto dentro do prazo, e disto dar ciência à Academia, como acabo de fazer. Sabia, portanto, coisa muito pouca, que refundirei, se puder.

De St. Moritz, descí, a 19, para Zurich, Berna, Lugano, chegando a Lausane, ende estou, no dia 28. A Suíça é um país monótono. Entrando, em Lausane, na Suíça francesa, senti melhor ambiente que o da Suíça alemã. Vou agora ver Genebra, Montreux, etc, que ficam, todas, daqui, a menos de uma hora, fixando-me no ponto mais barato, por duas ou três semanas, e indo, depois, a Paris. A vida na Suíça, sobretudo na Alemã, é mais cara que na Itália. De Paris, procurarei alguma cidade francesa, de vida mais barata, e aí montarei quartel, até passar-me para Portugal.

Meu endereço atual é o consulado do Brasil daqui. Mesmo que eu saia, o cônsul saberá onde me encontro, e tudo fica perto. É um suíço, cônsul honorário, que acaba de ser supresso, mas continua... Aliás, como disse, em fim de março, até princípio de Abril, deverei estar já em Paris.

Tenho, por feliz coincidência, três seguros que se liquidam precisamente agora. Não sei se a liquidação incorre na cláusula da proibição, a respeito de bens de políticos. Mandeí também rescindir o contrato de compra do meu terreno da Urca, para ver se me devolvem as prestações já pagas, desde 1924, e que montam a quarenta e tantos contos. Não sei, por igual, se é possível. Já disponho, aliás, de caminho para ganhar por aqui alguma coisa.

Abraços a Yayá e a Chiquito, bem como ao Ruy, se por aí se encontrar. Muitas e muitas saudades do irmão, muito amigo, Octávio.

Lausane, 5-3-31.

P.S. É possível que alguém, da minha parte, procure receber das suas mãos uma cópia do manifesto. Em tal hipótese, peço-lhe que a forneça. Será para ser mostrada ao núncio apostólico. É o caso que eu, no manifesto, agradecia ao corpo diplomático as atenções com que me distinguia. Senti-me assim dispensado de agradecer de outro modo. Tudo agora de faze-lo com tanto retardamento, precisarei talvez justificar-me, quando nada perante o núncio, que três vezes pediu ao governo para visitar-me na prisão.

O.M.

* Estou lendo, agora mesmo, no *Correio da Manhã* e no *Diário de Notícias* – ainda se põe aí um ou outro idiota que tem o cuidado de remeter-me estas coisas – os telegramas e comentários sobre a ação do Moniz Sodrê no caso do interventor, e os artigos do Maurício de Lacerda.

Como pôde o Moniz Sodrê, que votou no Júlio Prestes, dizer ao Juarez o que entendeu, e sair vitorioso! Como soube o Maurício castigar a vilania contra os seus irmãos, aliás seus desafetos! A mim, se me reservara a covardia de, preso, exilado, infamado, não poder sequer narrar os fatos, pelo confessado motivo de medo de represálias! Creio que, se se morresse de vergonha, não estaria vivo a esta hora... e muito hei de sofrer até sair de tal situação.

(OM)

LAUSANE, 05 DE MARÇO DE 1931

Fiel:

Já disse a João, em carta, longamente, o que devia dizer. Mando-lhe agora a parte que lhe toca.

Não compreendo o abandono em que aí tenho ficado, no que se refere aos jornais. O *Correio da Manhã*, onde temos amigos, a começar pelo proprietário, estampa notas hostis. *A Esquerda* e *A Batalha*, é certo que dois pasquins, abriram verdadeira assinatura, fácil, por igual, de coibir. Estou sendo o ministro e o ministério mais hostilizados. E nem uma nota sai, mesmo que seja indireta, em sentido diferente! Parece incrível.

Fala-me você, por exemplo, na ponte sobre o rio Jaguarão, e na entrevista do Hélio. Mas porque você não cogitou de promover, de acordo com João, ou por si mesmo, no *A Noite*, ou no *O Globo* (Rafael Barbosa) ou no próprio *Correio* (Manuel Gonçalves) ou no *O Jornal* (Mozart Monteiro) etc, etc, etc, etc, uma reportagem, ou comentário que, embora indiretamente, pusesse em foco o assunto? Não basta criticar.

Toda a reforma administrativa, que fiz no Itamaraty, acaba de ser decretada pelo tal governo provisório. Porque não se pôs em relevo, ao menos de passagem? O descaso é absoluto.

A inutilização do manifesto não me causa só tristeza, mas verdadeira revolta. Só a poderia atribuir, ou à impossibilidade de publicação, ou a receio de represálias contra vocês aí. Nada teria a opor. Mas deixar de publicá-lo, para poupar-me a castigos, como se eu fosse um pobre desgraçado, que estivesse a pedir, de joelhos, a misericórdia do verdugo, que me cobriu de ofensas – parece inverossímil. Sinto-me coberto de vergonha...

Entretanto, você, na sua carta, tratando disto e daquilo, justamente no ponto principal, que devia ser o manifesto, torce o beco, limitando-se a dizer que, de outra vez, se ocupará do assunto. Por que não falar francamente? Por que tanto medo de responsabilidade? Como então poderei orientar-me? Que saudades tenho tido de Ubaldino! Que falta me está ele fazendo! João, todavia, na carta que me escreveu, *duas semanas* depois de ter recebido o manifesto, o que equivaleu a queimá-lo, pois bem sabia que o caso não comportava tal protelação, citando-me as pessoas que se manifestaram contra a publicação do mesmo, antes que

Fiel

refere-se a Fiel de Carvalho Fontes, eleito dep. fed. (1930), não assumiu devido a revolução.

João

refere-se a João Mangabeira, advogado e político, irmão de Octávio Mangabeira.

A Esquerda

trata-se de diário carioca nacionalista e de tendência comunista.

A Batalha

trata-se de diário carioca fundado para apoiar a Aliança Liberal.

Hélio

refere-se a Hélio Lobo, diplomata.

verdugo

executor, carrasco. Refere-se a Getúlio Vargas.

Ubaldino

refere-se a Ubaldino de Assis, dep. da 1ª República, mangabeirista, faleceu em 1928.

ele, sobre o assunto, se houvesse pronunciado, inclui você. Acha então você, sinceramente, que eu me deva manter arrolhado? Acredita você que esta atitude é a que se espera de mim? Duvido...

Tinha escrito já duas páginas, depois do manifesto. Uma, cheguei a enviar. Era este o meio que tinha de me ir desagrandando, mantendo, ao mesmo tempo, a opinião, e preparando o futuro. Mas evidentemente o manifesto devia ser o primeiro. Só não o fiz quando daí parti, porque não tive tempo. Mas estava louco por fazê-lo... Sacrificado ele, pois não se há de publicar em março uma explicação que em janeiro já vinha retardada, foi-se tudo por água abaixo. Terei de aguardar de rastros, sem autoridade moral, o chicote que vem por aí, se Deus não me der, como confio que há de dar, no meio do abatimento que a decepção me causou, inspiração para tomar novo rumo, já agora por conta exclusiva, sem comprometer a ninguém.

Faça-me, porém, um favor. Explique aos nossos amigos da Bahia, com todos os detalhes, o caso do manifesto, pois lá todo mundo pensa que as minhas cartas deviam ser publicadas, e se está supondo que eu me oponho à sua publicação, o que poderá ser atribuído a pusilanidade da minha parte. Ainda por cima. Eu, que de nada receio, e estou disposto aos sacrifícios extremos! Eu, que hei de ajustar as minhas contas, em todos os sentidos!

Recebi e agradeço os recortes de jornais que me enviou. Não veio, porém, a *varia* em que o *Jornal do Comércio* aplaudiu o arbitramento, no caso dos empréstimos. O convênio foi assinado em 27 de agosto de 1927. Foi por aquela época. É uma *varia* pequena, e não é das primeiras da coluna. Quero também o discurso do João Neves ao Washington, o do Collor ao Júlio Prestes (almoço no Cassino Beira-Mar) e o do Luzardo apresentando a moção sobre as questões de fronteira, bem como os do Simões Lopes e do José Bonifácio, sobre o orçamento do Exterior.

Depois de ver a Suíça, nos seus pontos principais, estou agora em Lausane, de onde irei a Genebra e Montreux, que ficam daqui a menos de uma hora, e fixando-me, por duas ou três semanas, onde for mais barato. Irei, em seguida, a Paris, e escolherei, com vagar, para montar quartel, alguma cidade francesa, que permita viver modicamente, até passar-me para Portugal.

Incumbi o Lins de ver se é possível liquidar o contrato de compra do meu terreno da Urca, devolvendo-me as prestações que já paguei,

varia

notícia breve, solta, contida numa coluna de jornal.

Jornal do Comércio

trata-se de diário carioca fundado em outubro de 1827 por Pierre René François Plancher de La Noé.

Collor

refere-se a Lindolfo Leopoldo Boeckel Collor, revolucionário de 1930, ministro do Trabalho, Indústria e Comércio (1930-1932).

Cassino Beira-Mar

refere-se ao Teatro Cassino localizado no Passeio Público no Rio de Janeiro, inaugurado em 1926.

Simões Lopes

refere-se a João Simões Lopes Neto, escritor e empresário de muito prestígio no Rio Grande do Sul.

José Bonifácio

refere-se a José Bonifácio de Andrada e Silva, diplomata, foi dep. fed. pelo PR e embaixador do Brasil em Portugal (1931-1933).

desde 1924, e que montam a mais de 40 contos, bem como de receber os meus seguros, em número de três, que, por uma feliz coincidência, terminam todos agora. Não sei se a revolução permitirá... Cogito, por outro lado, de ocupação no estrangeiro, e já tenho, neste sentido, alguma coisa encaminhada. Mas aqui, ou onde estiver, com as armas a meu alcance, sejam quais possam ser as circunstâncias, cumprirei, para com o Brasil, o meu dever.

Escrevi às pressas, em um quarto de hotel, sem dispor sequer de um dicionário, o discurso da Academia, para assim o fazer dentro do prazo. Vou agora escrever aos amigos da Bahia, inclusive ao juiz federal. Como vai ele?

Mande-me suas notícias. Abraços para Maria, carinhos para a pequenada, lembranças para os amigos, saudades do

Octávio Mangabeira

Meu endereço atual é o consulado daqui. Mas, em fim de março, ou princípio de abril, estarei já em Paris.



Paulo Fontes

juiz federal
refere-se a Paulo Martins
Fontes, pai de Fiel Fontes.

Maria
esposa de Fiel Fontes.

ACADEMIA BRASILEIRA
RIO DE JANEIRO, 6 DE MARÇO DE 1931

Exmo. Confrade Sr. Octávio Mangabeira
Lausane Suíça

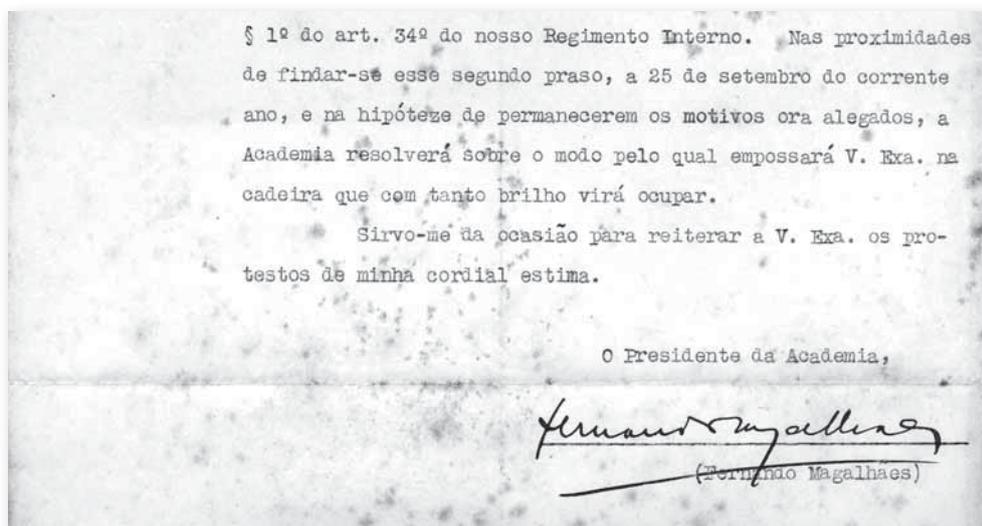
Acuso recebimento do telegrama em que V. Exa. me comunica haver concluído o discurso a ser proferido por ocasião de tomar posse da cadeira de Alfredo Pujol, e pede instruções da Academia, diante da impossibilidade de regressar prontamente ao nosso país.

Lido esse telegrama em sessão de ontem, ficou unanimemente resolvido que, esgotado o prazo de seis meses, contando da data da eleição (25 de setembro de 1930), seja concedido a V. Exa. o prazo suplementar de mais seis meses, na forma do § 1º do art. 34º do nosso regimento interno. Nas proximidades de findar-se esse segundo prazo, a 25 de setembro do corrente ano, e na hipótese de permanecerem os motivos ora alegados, a Academia resolverá sobre o modo pelo qual empossará V. Exa. na cadeira que com tanto brilho virá ocupar.

Sirvo-me da ocasião para reiterar a V. Exa. os protestos de minha cordial estima.

O Presidente da Academia,

Fernando Magalhães



Alfredo Pujol
refere-se a Alfredo
Gustavo Pujol, jornalista,
advogado, crítico literário
e político.

**Fernando
Magalhães**
refere-se a Fernando
Augusto Ribeiro Maga-
lhães, médico obstetra,
professor da Faculdade
de Medicina do Rio de
Janeiro e presidente da
Academia Brasileira
de Letras.

ROMA, 23 DE MARÇO DE 1931

Meu caro Ministro

Recebi o seu cartão. Muito grato pelas suas generosas referências. Aqui em Roma vou levando vida pacata e estudiosa. Estou mergulhado na antiguidade fazendo o possível para tranqüilizar o meu espírito na contemplação da Roma Antiga. Mas, o Brasil não me sai da cabeça.

Tenho recebido os jornais e vejo que a barafunda continua. Ainda não chegamos ao Calvário, estamos percorrendo a Via Dolorosa, carregando a cruz redentora do nosso patriotismo.

Tenho fé em Deus que tudo acabará bem para nós e que no fim possamos ser felizes com a felicidade dos nossos irmãos. Acredito na sua estrela que é boa e serena. Temos que ter paciência e resignação. Vamos esperando e fortificando as nossas almas no sacrifício. E depois como dizem os italianos com muita sabedoria: *la vendetta si mangia fredola...*

O Sr. indaga sobre o meu caso. Soube pelos jornais que fui incluído no corpo diplomático, e é tudo. Até hoje, desde que o Sr. deixou o Itamaraty, nunca dei nem recebi notícias nenhuma diretas do Ministério. Mas, quanto ao lado somente, continuo solto no mundo.

O Gastão me disse que o sogro lhe havia escrito que as suas cartas ao Getúlio e ao Assis Brasil tinham causado grande sensação. Seria que elas foram publicadas? Eu não entendo o motivo porque o seu manifesto ainda não foi publicado, quando os jornais que recebo do Brasil estão cheios de ataques ao governo. Em todo caso espero uma palavra sua sobre o assunto.

O Machado vem constantemente aqui em casa e sempre pergunta pelo Sr.

O Tefé como o Sr. sabe acabou saindo. Mas, o homem é um trapalhão e anda fazendo intrigas indecentes contra o nosso país. A Embaixada nestes últimos dias virou um centro de espionagem. O Gastão muito justamente indignado com o procedimento do Tefé, afastou-se do cargo para evitar responsabilidades. Afinal uma barafunda. Por este motivo peço-lhe que não me escreva para a Embaixada onde me violaram dois telegramas do Rio. Mande as suas ordens para o endereço que pus no alto da primeira página, desta carta.

la vendetta si mangia fredola

“a vingança se come fria”.

Gastão

refere-se a Gastão Paranhos do Rio Branco, encarregado de negócios em Buenos Aires no período de 1926 a 1930, quando foi transferido para Roma. Era sobrinho do barão do Rio Branco.

Assis Brasil

refere-se a Joaquim Francisco de Assis Brasil, ministro da Agricultura, cargo que exerceu até 1932.

Tefé

refere-se a Oscar de Tefé, embaixador do Brasil em Roma, Itália.

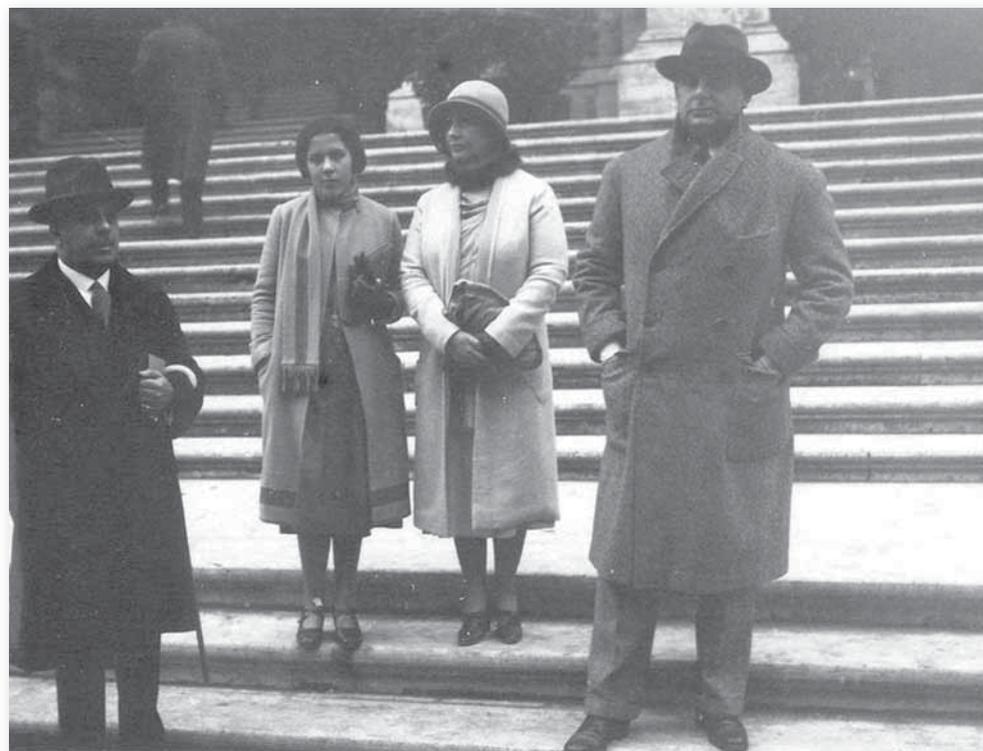
Com os meus cumprimentos e os da Elza para sua Senhora e Edyla, para quem Lina Amélia e Maria de Lourdes mandaram muitas saudades, sou o amigo de sempre

Paulo Silveira

Paulo Silveira
refere-se a Paulo M. de Assis Silveira, adido no Consulado de Primeira Classe em Roma.



Esther e Octávio Mangabeira na Itália



Octávio Mangabeira passeando com Paulo Silveira

RIO, 28 DE MARÇO DE 1931

(*Octávio Mangabeira*)

Acabo a carta começada há dias.

É que são tantos os boatos, que lhe queria mandar alguma coisa de mais positivo.

Houve uma estralada séria entre o Getúlio, Osvaldo e Leite Castro. Queriam os primeiros nomear Góes Monteiro chefe do estado maior. O decreto foi lavrado e assinado pelo Getúlio; mas o Leite de Castro se recusou a subescreve-lo, alegando que seria a desorganização do exército, a ocupação daquele cargo por um coronel.

Resultado: venceu Leite de Castro e já foi nomeado e tomou posse Tasso Fragoso. Daí, por diante os boatos decuplicaram.

Vê bem você, como foi bom não se ter publicado seu manifesto, pois sei que o Tasso, como quase todo o exército, lhe tem em grande consideração e lamenta que você esteja no estrangeiro, não encontrando justificativa para sua prisão e seu embarque.

Ainda ontem, um oficial e o Afonso de Carvalho, que acaba de publicar um livro sobre a revolução, deu-me um exemplar para você, com uma dedicatória que lhe honra.

Aqui todo o mundo afirma que estalará um movimento, logo que o príncipe de Gales embarque. Estamos exatamente como a 20 de outubro. Nada sei ao certo, mas os boatos são gerais.

Para o Brasil, acho que seria preferível que o governo mudasse de rumo, fizesse a pacificação e convocasse a Constituinte. Mas não sei em que dará tudo isto, repito, tantos e tão graves são os boatos, e de boas fontes.

Por outro lado, sei que o Osvaldo levou há 4 dias o decreto criando a nova Junta, e o Getúlio não quis assinar, alegando que não havia pressa para resolver este caso, ao passo que havia “negócios mais urgentes”.

Daí, parece-me que o Getúlio quer ganhar tempo, vencendo pelo cansaço os exaltados, e acabando por não punir ninguém, *sobretudo* o *Washington*. Porque o Osvaldo já dizia, ultimamente, que a Junta tomaria contas apenas a 5 ou 6, mas fazia principalmente questão de banir,

Osvaldo

refere-se a Osvaldo Euclides de Sousa Arahna, um dos principais articuladores da Rev. de 1930. Nomeado min. da Justiça e Negócios Interiores (1930-1931)

Leite Castro

refere-se a José Fernandes Leite de Castro; participou da Rev. de 1930, min. da Guerra (1930).

Góes Monteiro

refere-se a Pedro Aurélio de Góes Monteiro, coronel, participou da Rev. de 1930.

Tasso Fragoso

refere-se a Augusto Tasso Fragoso, militar e escritor, chefiou a Junta Governativa Provisória (1930).

Afonso de Carvalho

refere-se a Francisco Afonso de Carvalho, militar alagoano.

Junta

trata-se de um triunvirato que assumiu o governo provisório de 24 de outubro a 3 de novembro de 1930, quando G. Vargas tomou posse como chefe do Governo Provisório.

No dia 11 deste mês dissolveu o Congresso Nacional e demais órgãos legislativos, assumindo plenos poderes.

enfim de castigar, o Washington, como "causador da desgraça do país e provocador da revolução". Julgo, porém, que o Getúlio não quer isto. E nada mais, que não quero perder o avião. Adeus. Muitos abraços para você, Esther e Edyla. Do irmão muito amigo

João (Mangabeira)

meu dedicado por esse tempo.
Após todo o mundo afirmar que
estabamos em movimento, logo por
o município de Gallo, em Buenos Aires,
estamos exatamente como
o do de Getúlio. Nada que
ao contrário, mas os limites são pe-
quenos.
São. Porém, além que não se pode
del por o governo mudoso de re-
fize a pacificação e como come-
o Caetano. Um dia, em um
esse dia, tudo isto, se podessem
tos e tão pouco, são os limites, e
de vida, fontes.
Por outro lado, em por o Oswald
levam dia 4 dias, o decreto, enan-
do e em uma junta, e o petroleo
um dia, em um dia, além disso, por
mas havia, por se, para resolver
este caso, e o prazo, que havia de
todos, mais urgentes.
Lábi pareceu-me que o petroleo
seem poucas horas, vindendo
pelo campo, e os saltados, e
achando por não poder mais
poder sobre tudo o ~~Washington~~
Washington. Por que o Oswald
dizia, ultimamente, que a Junta
também, contra a sua, e a
o, mas foi a municipalmente por
tad de não, sempre de castigar
Washington, como o causador da desgraça
do país e provocador da revolução.
Julgo, porém, que o Getúlio não quer isto.
E nada mais, que não quero perder o avião.
Adeus. Muitos abraços para
você, Esther e Edyla. Do irmão muito amigo

RIO DE JANEIRO, 30 DE MARÇO DE 1931

Meu eminente amigo e prezado Ministro,

Foi para mim imenso prazer o de receber a visita do Comendador Carlo Pavese, que me deu do eminente amigo as notícias que tão ansiosamente esperava. Estou certo de que muito terá aproveitado a sua estadia no velho mundo, não só em benefício de sua saúde, como ainda para descanso de espírito, posto à prova tão rudemente nos últimos meses.

Do que me diz a respeito da visita à Feira de Milão, vejo que o Senhor teve agora pessoalmente ocasião de verificar o quanto perde o nosso país em não comparecer a certames dessa natureza.

Infelizmente, teremos que continuar nesse caminho, porque as verbas do novo orçamento minguaram ainda mais em relação ao anterior. Decididamente, chegaremos sempre tarde e a horas indevidas.

Entretanto, não obstante essa escassez de recursos, estamos fazendo força para ir a Milão, e também à Exposição Colonial em Paris, aproveitando os mostruários que sobraram da Exposição de Antuérpia.

No Itamaraty foi, afinal, feita a reforma do Nabuco, que, como era inevitável, não conseguiu contentar senão pequena parte da Secretaria, a que passou para o Serviço Diplomático – uma vez que, fundindo a Secretaria com os Serviços exteriores, deixou de fazer a fusão destes. Quer dizer que, admitindo-se mesmo que o Corpo Consular deva se resignar à inferioridade em que tem vivido no Brasil, não era justo que os da Secretaria, que eram todos iguais, passassem, por força da reforma, a dividir-se logo em nobres e plebeus. Mal comparando, a reforma consistia em retirar-se do serviço exterior uma boa posta de carne com osso. Como toda a Secretaria esperava ficar com a carne, os que tiveram de ficar com o osso consular deram o grande “estrilo”. É verdade que, na prática, ainda nada se fez em matéria de transferência, o que também se explica pelo erro de processo da reforma para realizar a fusão: em outros países a fusão se fez do exterior para a Secretaria, isto é, os funcionários do exterior iam sendo chamados para ocupar os postos da Secretaria e só então é que os titulares desta eram transferidos para o serviço exterior, em vez da “diplommatização” em massa, por atacado, feita pela nossa reforma.

Quanto a mim, é provável que fique ainda na direção de uns esqueleticos "Serviços Comerciais", a que ficou reduzida a nossa próspera organização, devendo ser nomeado para o Consulado Geral em Londres o Maia Monteiro.

Minha mulher agradece e retribui a visita, oferecendo-se à sua senhora para o que precisar e lhe puder ser útil.

Aceite cumprimentos cordiais e disponha, como entender, do amigo grato e admirador atento

M. Eulálio

M. Eulálio

refere-se a Joaquim M. Eulálio, funcionário do Ministério das Relações Exteriores.

por força da reforma, a dividir-se logo em nobres e plebeus. Mal comparando, a reforma consistia em retirar-se do serviço exterior uma boa posta de carne com osso. Como toda a Secretaria esperava ficar com a carne, os que tiveram de ficar com o osso consular deram o grande "estrillo". É verdade que, na pratica, ainda nada se fez em materia de transferencia - o que tambem se explica pelo erro de processo da reforma para realizar a fusão: em outros paizes a fusão se fez do exterior para a Secretaria, isto é, os funcionarios do exterior iam sendo chamados para occupar os postos da Secretaria e só então é que os titulares desta eram transferidos para o serviço exterior - em vez da "diplomatisação" em massa, por atacado, feita pela nossa reforma.

Quanto a mim, é provavel que fique ainda na direcção de uns esqueleticos "Serviços Commerciaes", a que ficou reduzida a nossa prospera organização - devendo ser nomeado para o Consulado Geral em Londres o Maya Monteiro.

Minha mulher agradece e retribue a visita, offerecendo-se á sua senhora para o que precisar e lhe puder ser util.

Acceite cumprimentos cordiaes e disponha, como entender, do

am.º grato e admirador att.º

M. Eulálio

RIO, 3 DE ABRIL DE 1931

Octávio

Teve razão você em apelar para a minha paciência, na sua carta, recebida anteontem à tarde, tão injusta, amargamente injusta, é nela você para comigo.

Se irritado, como é natural que esteja, e longe do ambiente em que as coisas se desenrolam, quis você ferir-me, confesso-lhe que o consegui. Sinto-me ferido, muito mais fundamente ferido, do que talvez você mesmo pretendesse. Porque, certo ou errado, e continuo a pensar que estou certo, até mesmo porque só uma pessoa – o Azevedo Lima – julga que andei mal, não publicando incontinentemente o manifesto; certo ou errado repito, não cuidei senão de você, e não tive em mira senão poupar-lhe aborrecimentos ou dissabores ao tomar aquela deliberação protelatória submetida, todavia, à sua decisão definitiva.

Tudo tenho feito, dominando-me de todas as maneiras, manobrando de toda a sorte, para evitar-lhe impetivos.

E eis que recebo a sua carta amarga e amargurada! Tão injusta no que diz, e, sobretudo do que dela resumira.

Do seu efeito sobre mim, e que ninguém sabe, pois ninguém a leu, basta dizer-lhe, que perdi integralmente a noite de terça para quarta feira, coisa que somente duas vezes na vida me tinha acontecido.

Enfim... Hoje, porém, escrevo-lhe sereno, embora um pouco triste, como, aliás, o faria se houvesse de responder-lhe incontinentemente.

A *entrevista de A Noite*, eu não acreditei, *nem ninguém*, que as palavras fossem suas. Até mesmo porque isto não dizia a entrevista. Era o resumo de uma conversa a bordo. Aqui no Rio pelo menos, mesmo entre os maiores adeptos da situação vencida, a entrevista não causou a impressão que você pensa. Muitos e muitos acharam-na boa. E atribuíram certas falhas à culpa do jornalista, que não apanhou bem suas palavras. Mas a impressão geral foi boa. Ouvi isto, *na hora*, do Arnolfo, do Aníbal etc.

O *desmentido*. Fui ao *A Noite*, como você mandava, e li o telegrama. Geraldo ainda estava foragido. Augusto Lima disse-me que daria uma nota publicando-o. Decorei-o, e dei uma cópia a Edgard, com quem me encontrei em seguida, afim dele entregar ao Chateaubriand. Disse-me

Impetivos
implicâncias, má vontade.

Geraldo
refere-se a Geraldo
Rocha, empresário e
financista muito influente
na Primeira República,
dono do *A Noite*.

Augusto Lima
refere-se a Antônio Au-
gusto de Lima, fez parte
da ABL, fora dep. fed.

Edgard
refere-se a Edgard Soares
de Pinho, irmão de Es-
ther Pinho Mangabeira.

Chateaubriand
refere-se a Francisco de
Assis Chateaubriand
Bandeira de Melo,
influente homem
público, jornalista de
grande prestígio.

que ia fazê-lo. Só então lhe passei o telegrama que você recebeu. Eu não podia procurar o Chateaubriand, que, a propósito do reconhecimento do José Gaudêncio, escrevera um artigo assinado contra mim e com quem não me avistara depois disto. O fato é que, por covardia, o Augusto não publicou o telegrama, nem o Jornal. Eu já não me recordava mais do seu texto, que decorara num instante para o transmitir a Edgard.

Manifesto. Fora do meio, como você está, seu erro aí é fundamental, quanto à oportunidade. Queira você, e pode publicá-lo agora, mudando apenas a data para abril. Virá tão a propósito quanto em janeiro, porque a situação das coisas é exatíssimamente a mesma. E, portanto, a mesma a oportunidade. E não fora assim, e eu não teria tomado o alvitre de suspender a publicação e pedir-lhe ainda que me telegrafasse dizendo se o deveria publicar, depois das explicações que lhe dei.

Não. O manifesto não está retardado. Ao contrário; o que eu e outros o considerávamos era *antes*, e não fora de tempo. Hoje ele despertará a mesma curiosidade e a mesma admiração que ontem. Sobre este ponto não tenho dúvida. O que me fez sobrestar na publicação até sua ordem definitiva, depois de senhor de todas as circunstâncias, foi outro raciocínio. Assim, como você só enviou a carta ao Assis Brasil, depois de fora de águas brasileiras, porque o contrário era ficar preso por inepto; assim calculei aguardar o procedimento da ditadura, a respeito do seu ministério, para então publicar o manifesto. Não se trata de ficar “além de ultrajado, súplice”. Por ora não há nenhum *ato* do Lorenço contra você; ao contrário do que você pensa, não é o seu ministério o mais pesquisado. Tanto assim que o Washington, V. Castelo e Konder tem sido vários meses ridiculamente intimados por edital, “para dentro de 10 dias” darem determinadas explicações sobre certos gastos. Ao passo que nada saiu ainda contra você. Apenas a comissão lhe enviou a carta, a que você respondeu, de modo formidável. É, a meu ver, o melhor dos documentos que você redigiu, nesta quadra sendo, aliás, o mais curto. É uma chicotada. É um primor de resposta. Depois dele, vem a carta ao Assis e a página sobre o dia 24. Assim, retomando o fio, aguardaríamos de *cabeça em pé*, o ato do governo. Terminada a ação deste, sem nada contra ou feito contra você o primeiro ato, vinha o manifesto à Nação, que você prometera na carta ao Assis.

O que eu tive receio é que publicado o manifesto, o governo que não tivera contra você, até agora, um ato definitivo, se aproveitasse da situa-

reconhecimento
José Gaudêncio
trata-se da confirmação
das eleições (no caso
J. Gaudêncio) que tinha
lugar no Senado.

V. Castelo
refere-se a Augusto Viana
do Castelo, foi min. da
Justiça e Negócios Inte-
riores (1926-1930).

Konder
refere-se a Vitor Konder,
foi min. da Viação e
Obras Públicas
(1926-1930).

M. Nabuco/
Maurício
refere-se a Maurício
Hilário Barreto Nabuco
de Araújo; foi oficial
de gabinete do min.
Octávio Mangabeira.

ção e decretasse, sob qualquer pretexto, inclusive perigoso à ordem, um banimento. Porque o Ouro Preto levou 6 anos banido. O Nitti está desde 1921 sem poder voltar à Itália e Trotsky, desde 1927 fora da Rússia.

Mas Nitti e Trotsky, sobretudo este, falam para o mundo; ao passo que um político brasileiro exilado, se o governo lhe proibir a entrada dos livros, não terá auditório. Foi o caso do Ouro Preto. Ora, um homem aceita esta situação e contra ela reage com dignidade e coragem. Até aí muito bem. Mas não deve provocá-la; ou antes, deve tudo fazer dignamente por evitá-la.

Não estava, não está, nem estará tão cedo, passado o momento do manifesto. Tal oportunidade se prolongará pelo menos 2 ou 4 meses. De tudo se pode acusar o Washington; menos de falta de dignidade diante do perigo. Demonstrou ser contrário ao 24 de outubro. No entanto, ainda nada disse. Foi você o único que escreveu cartas, que centenas e centenas de pessoas já o conhecem. Aqui no Rio, raros são os políticos que ainda não as leram. Mas todos, como em todas as classes, delas se têm notícias. O manifesto mostrei-o também a muitos. A sua resposta à Comissão, li-a a vários, inclusive a Macedo Soares, a quem também mostrara as cartas, bem como ao João Neves. Porque ninguém sabia, no Ministério, nem da carta, nem da resposta. Quando Edith falou sobre isto a M. Nabuco, este surpreendeu-se. Ninguém, nem no Itamaraty, nem fora dele, sabia de nada. Você perdeu toda a serenidade, e é justo. Porque fazer pelo seu país o que você fez durante 4 anos, para se ver exilado é de uma iniquidade cruel. Mas, por isto mesmo, você não ajuíza bem a sua situação, e pensa que perdeu a oportunidade de falar à Nação, quando tal não aconteceu. Eu que aqui estou, julgo muito melhor. Você bem deveria saber que eu *preferia vê-lo morto*, a fazer um papel indigno; e quanto mais por culpa minha. É que não chegou, a meu ver, e dos seus melhores amigos, o momento de falar à Nação, *sem temor*, mas sem imprudência. O que você devia fazer, já o fez e de sobra. Com uma bravura e dignidade raros. Foi mesmo o *único* que protestou. Onde, portanto, a necessidade de precipitar um manifesto e naqueles termos, cheio de remoques, pontas e ironias ao Exército que é seu amigo? Como *liquidar*, de ante mão, e sem necessidade, o dia de amanhã? Você perdeu aquela faculdade de raciocinar friamente dentro dos dissabores.

Quer ver uma coisa? Quando fomos denunciados pelo caso da Paraíba (aí bem um ato contra nós) deliberamos não comparecer. Não nos

defenderíamos perante tal juízo. Achei, porém, e comigo alguns, que deveríamos formular um protesto, precedendo ao manifesto, em que falaríamos à Nação. Mando-lhe a cópia. Pois bem, quase todos acharam isso imprudente, preferindo publicar uma nota simples, e guardar a carga inteira para o fim. Achei que tinham razão; e adiamos o manifesto para o final, concordando todos que ele fosse em termos veementíssimos. Fique tranqüilo: o manifesto que você me enviou, ou qualquer outro, ainda não passou de tempo. Ao contrário; neste momento ainda vem antes do tempo. Se você, porém, fora do meio entender o contrário, é mandar publicá-lo.

Sua defesa. Ou eu me expressei mal ou você não me compreendeu bem. Nunca poderia eu aconselhar que você se defendesse como reconhecendo a autoridade do Tribunal, nem que coloque a sua defesa “no campo em que os adversários deliberarem”. Pois se exatamente o contrário fizemos nós, os denunciados, no caso da Paraíba! Não. A sua defesa seria no manifesto à Nação, expondo-lhe os serviços que prestara, confrontando-os com os dos outros grandes ministros, pondo em relevo todos os sacrifícios que fizera, inclusive de suprir com o seu crédito pessoal, as insuficiências do Tesouro, e por fim atacando rijo e forte a ditadura. Eis aí como imagino a sua defesa.

Tudo estava no momento de publicar o manifesto. Contra você, nada articulava ainda o governo. Na imprensa, e como nota de repórter, aparecera apenas o caso das passagens. Não teve aqui a mínima importância. A voz geral era – “500 contos de passagens em 4 anos – pensava que fosse mais”. Isto dito por *gregos e troianos*. Quanto à verba de 152 contos, gasta por Veloso, a mesma coisa. Todos, *inclusive Osvaldo*, acharam uma ninharia.

Regulou com o inquérito de Pernambuco: acharam que Estácio havia mandado pagar à imprensa do Rio 112 contos de publicação de mensagens e que o Sérgio Loreto, recebera, quando governador, 26 contos, como juiz em disponibilidade, mas dinheiro que a lei federal lhe mandava pagar!

Foi de tal ordem que o Macedo escreveu um artigo pedindo a extinção das comissões. Do contrário “os governadores do norte acabavam cano-nizados”. Foi o que aconteceu com você. Ninguém, mas ninguém deu importância ao caso das passagens. E sem ser isto, nada mais houve.

Estácio

refere-se a Estácio Coimbra, gov. de Pernambuco deposto pela Rev. de 1930; foi exilado em Portugal.

Sérgio Loreto/Sérgio

refere-se a Sérgio Teixeira Lins de Barros Loreto, pres. de Pernambuco (1922).

Macedo

refere-se a José Eduardo de Macedo Soares, jornalista e proprietário do jornal *Diário Carioca*.

Félix refere-se a Félix Pacheco, ex-ministro das Relações Exteriores (1922-1926)

J. do Comércio trata-se de jornal fundado em 1827, por Pierre François René Plancher (RJ); destacou-se principalmente pelos comentários econômicos e políticos, de orientação conservadora.

João Palut um dos maiores banqueiros do jogo do bicho carioca, proprietário de jornais oposicionistas, e grande colaborador nos movimentos contra o governo ditatorial.

Correio da Manhã trata-se de diário carioca matutino; durante grande parte de sua existência um dos principais órgãos da imprensa brasileira.

O Jornal trata-se de diário carioca fundado do por Renato Toledo em 1919, adquirido pelo grupo Diário Associados de Chateaubriand. Apoiou a eleição de Vargas (1929), a Rev. de 1930 e o Mov. Constitucionalista de 32.

Jornais. Não tem sido você atacado, senão pelo Félix, no *J. do Comércio* uma vez, e pela *Batalha e Esquerda*. Mas estes sempre lhe atacaram e *a mim*. Aliás não dou a mínima importância a ataque de *jornal nenhum*. Quando votei o caso da Paraíba, tinha certeza que seria atacado. Talvez pudesse evitá-lo; não o fiz. *A Batalha e Esquerda* pararam os ataques, pelo seguinte acaso. Como você sabe, são jornais de João Palut. Um dia entrei em casa do Geraldo e vi um homem com uma senhora. Era o casal Palut, a quem fui apresentado. Causou-me espanto, pois os dois jornais vinham atacando Geraldo cruelmente.

Conversei com o Palut e Senhora, que me pareceram pessoas simples e boas. Resultado – ele marchou para seus jornais, no dia seguinte, e proibiu que se atacasse mais a mim e a você. E por sinal que na edição daquele dia, ia sair um ataque a mim, sobre negócios da Usina S. Cruz e Banco Brasil. Eis aí: os outros jornais não lhe têm atacado, e referem-se a você respeitosamente. O *Correio da Manhã*, apenas, noticiou o caso das passagens e disse que não tinha podido obter o nome dos beneficiados. Logo, não se podia fazer, pela imprensa, a defesa de um ministério que não estava sendo analisado. Tudo tem seu momento. Os ministros que tenho visto atacados pela imprensa são Konder e Castelo. Os outros não.

Cartas. Foi você quem deu as cartas a Edgar, com ordem de não *publicar*, nem deixar *tirar cópias*. Foi o que ele me disse. E tanto assim que, tendo *O Jornal* lhe radiografado pedindo autorizar a publicação, você não o fez. Foi isto que mandei dizer aos meninos, que os queriam publicar na Bahia.

Defesas indiretas. Fala você de defesas indiretas, como as que a *Noite* tem feito no caso dos reconhecimentos. Mas repare que estas defesas são acusações aos Senadores e Deputados da ditadura, que não tinham autoridade (Solano, Seabra, Sergio) para julgamentos de reconhecimentos partidários. Por outro lado, contra nós já havia um ato público - uma denúncia aceita pelo Tribunal.

As situações são diversas, pois contra você não havia nada. Seria uma sangria na veia da saúde.

Fé revolucionária. Fala você na “minha fé revolucionária, não obstante a calamidade sem par em que se debate o Brasil”. Distingamos que os homens que encarnam a revolução se revelaram incapazes, não há dúvida. Que estão dando ao Brasil dias amargos e terríveis, é fato. Mas que a revolução era uma necessidade, é certo. Até mesmo porque o

único responsável, por ela, quem a preparou, quem a desatou, e por fim quem lhe deu a vitória, foi apenas um homem. Foi o orgulho, a teimosia, o egoísmo, a falta de visão de Washington, a causa de tudo. Foi ele quem rejeitou todos os acordos, fechou a porta a todas as conciliações, enfureceu-se em todas as vinganças. Ele, o pai e a mãe da revolução.

Ora um regime em que um homem só, *contra a oposição de todos*, provoca e desencadeia uma revolução, está julgado. Ele a justifica.

Agora, os revolucionários incapazes que aí estão, ou *mudam de rumo*, ou não duram 6 meses. Virá outra revolução. Aquele regime de ficção legal que nos oprimia poderia durar 30 anos! Esta, a questão.

A incapacidade, a incompetência revolucionária, porém, é por sua natureza precária. Aqui só se fala num novo movimento logo que o Príncipe de Gales embarcar. Não sei. Como brasileiro preferia que o governo atual tomasse novos rumos e convocasse logo a Constituinte. Mas noto que a situação piorou.

Foi supressa a *Vanguarda* e estabelecida em todo o Brasil rigorosa censura de imprensa. O Maurício, proibido de escrever nos jornais.

Assim o jornal que eu e meu grupo tínhamos intenção de montar, ficou adiado. “É que mataram a nossa cabeça” como diz o Medeiros Albuquerque. No caso a cabeça era a *Vanguarda*, que tinha saído, a título de experiência.

Por outro lado, saiu o decreto criando a Junta, composta de 3 ministros, para o julgamento dos casos entregues ao antigo Tribunal. A Junta julgará, *de plano*, e sem defesa. É melhor porque ficará ainda mais desmoralizada. Dizem que liquidará todos os casos, em duas ou três sessões, começando pelo do reconhecimento do caso da Paraíba.

Rio 4 abril

Mando-lhe um artigo de hoje do Macedo. Peço-lhe entregar a carta do Simões, que aí está, e enviar a do Lago.

E agora nada mais, senão, abraços a Esther e Edyla, e como sempre, um grande abraço do irmão muito e muito amigo.

João (Mangabeira)

P.S. Acabo de receber uma carta de Maria que lhe envio. Como vê achou justo a não publicação do manifesto, pelos motivos que lhe dei.

Medeiros Albuquerque

refere-se a José Joaquim de Campos da Costa de Medeiros de Albuquerque de projeção nacional.

A Junta

trata-se da Junta de Sanções; tinha como objetivo erradicar a corrupção punindo “todos aqueles implicados em crimes contra o interesse público, ou que fossem considerados culpados pela desmoralização do regime político e pelo descrédito do País”.

Simões

refere-se a Ernesto Simões Filho, dep. est., dono do jornal *A Tarde*, dep. fed. na 1ª República. Exilou-se na Europa após o golpe de 1930.

Lago

refere-se a Pedro Francisco Rodrigues do Lago, diretor/redator-chefe do *Diário da Bahia*, sen. fed. (1923-1930), gov. eleito e não empossado da Bahia (1930).

Maria

refere-se a Maria da Glória Mangabeira, irmã de Octávio Mangabeira.

RIO DE JANEIRO, 4 DE ABRIL DE 1931

Sábado de Aleluia
Meu caro Sr. Ministro,

Muito obrigado pela sua carta. No mesmo dia em que a recebi fiz entrega dos cartões que a acompanharam. Só os da Áustria e da Noruega tive de mudar as sobrecartas, porque os nomes não estavam certos.

Não sou eu o responsável pela nova designação de plenipotenciários de 2ª classe. Em matéria de tecnologia prefira sempre a nomenclatura mais simples.

Estive todo o ultimo mês, e ainda estou, ocupado com a recepção do príncipe de Gales, que me coube fazer. Não é tarefa fácil nos tempos que correm por mil motivos que V.Exa. facilmente avaliará; mas penso que ele está satisfeito.

Já havia falado ao P. Bittencourt a respeito de V.Exa., mas ele agora está na Europa, e, se for preciso, falarei ao Paulo Filho.

Ontem tive larga conversa com o general Tasso Fragoso que se revelou muito amigo e admirador seu. No Itamaraty a sua inscrição na Biblioteca está sendo traduzida assim: (ADMCM etc) "Assim Deus mande continuar (conservar) Mangabeira" O Ronald ainda não foi designado, nem sei se será: Talvez a outro caiba executar a grande reforma que o A. Melo Franco ainda não acabou de promulgar. Veremos. Em todo caso, estou contente por esta continuidade raríssima na administração do Brasil. Creia-me, de V. Exa. amigo, admirador e criado

M. Nabuco

"Assim Deus mande continuar Mangabeira"
O Ronald ainda não foi designado, nem sei se será: Talvez a outro caiba executar a grande reforma que o A. Melo Franco ainda não acabou de promulgar. Veremos. Em todo caso, estou contente por esta continuidade raríssima na administração do Brasil. Creia-me, de V. Exa. amigo, admirador e criado
M. Nabuco

P. Bittencourt
refere-se a Paulo Bittencourt; foi diretor do *Correio da Manhã*.

Paulo Filho
refere-se a Manuel Paulo Teles de Matos Filho. Advogado e jornalista, trabalhou em diversos jornais e revistas, tanto na Bahia como no Rio de Janeiro, dentre os quais se destaca o *Diário da Bahia*, *Jornal de Notícias*, *Correio da Manhã*.

Tasso Fragoso
Augusto Tasso Fragoso foi chefe do EME (1931-1933).

Ronald
refere-se a Ronald de Carvalho, intelectual e diplomata.

RIO DE JANEIRO, 9 DE ABRIL DE 1931

Meu caro amigo,
Um grande e saudoso abraço.

Seu nome, há dois dias, está em foco. A Junta de Sanções, que você deve saber está composta do Aranha, do Campos e do Leite de Castro, teve a missão de escolher para ser seu primeiro julgado o caso do auxílio que você mandou dar a um brasileiro que ali estava em situação precaríssima. Foi ótimo para seu nome e lamentável para a Junta. A opinião está absolutamente ao seu lado, esteja tranqüilo. Não se fala aqui noutra coisa, a não ser o caso de S. Paulo. Ouvi dizer que você tem no Ministério, como seus maiores detratores dois moços a quem muito protegeu, foi o que me informou, revoltado, o nosso pobre Ademar de Melo. Mas você há de ter amigos bons ali dentro e saberá do que se passa. Felizmente, o movimento ao seu favor recresce. O *Globo* havia abordado simpaticamente o caso. Pela manhã de ontem, o Macedo Soares publicou violento artigo dizendo que, com tal atitude, a Junta estava “entre o odioso e o ridículo”. A *Noite*, o Augusto de Lima protestou em artigo cujo título é seu nome. Agora, leio *O Jornal*, e por igual o exalta. Assim, toda a imprensa, salvo, creio, *A Esquerda*. Nas avenidas onde agora passo um pouco de meu tempo, a revolta é geral e seu nome está

em meu nome.
Mas esse pouco de paciência, meu
caro amigo, e você há de saltar aqui
como um triunfador.
Repito as novas homenagens por
os seus e aqui peço, como os seus
amigos, q' sejas felicemente muito,
aguardando as suas ordens.
Do velho amigo
Leuzinho Brito

Junta de Sanções / Junta

trata-se do Órgão da Justiça revolucionária de 1930, cujo objetivo era aplicar sanções a atos de corrupção, crimes políticos e funcionais. Não durou muito.

Aranha

refere-se a Osvaldo Aranha, min da Justiça e Negócios Interiores (1930-1931)

Campos

refere-se a Francisco Campos, min. da Educação e Saúde Pública (1931-1933)

Leite de Castro

refere-se a José Fernandes Leite de Castro, min. da Guerra.(1930-1932)

Augusto de Lima

refere-se a Antônio Augusto de Lima, foi dep. e dir. do jornal *A Noite*.

suelto
nota ligeira.

frente paulista
trata-se da aliança política entre os Partidos Democrático e Republicano Paulista com o objetivo de enfraquecer o movimento tenentista no estado.

M. Costa
refere-se a Miguel Alberto Crispim Costa Rodrigues, Secretário de Polícia e comandante da Força Pública Paulista.

Maurício Lacerda
refere-se a Maurício Paiva de Lacerda., revol. de 30, membro do Clube 3 de Outubro, foi prefeito de Vassouras (RJ). Pai do político Carlos Lacerda.

A Gazeta
trata-se de jornal dirigido por Eurico Martins, opositor da revolução de 1930.

Levi Fernandes Carneiro
consultor geral da República e autor da Lei de Imprensa.

príncipes
casal príncipe de Gales.

O Imparcial
jornal de propriedade de Álvaro Martins Catarino.

Flores da Cunha
José Antônio Flores da Cunha, então interventor do RS.

W. Luís
Washington Luís.

Lemos Britto
José Gabriel de Lemos Britto, advogado e político, foi fundador do jornal *O Imparcial* da Bahia.

aureolado de bondade. Devo dizer que o *Correio da Manhã* também publicou um belo *suelto*.

Agora S. Paulo. Os democráticos romperam. Fala-se numa intervenção do Aranha para conciliar a frente paulista, com a retirada do M. Costa, mas segundo ouvi ontem este telefonara ao Maurício Lacerda dizendo que só sairá da Secretaria de Polícia pelas armas. Os títulos brasileiros em N. York caíram hoje de 4 a 9 pontos!

Quanto a mim, nada ganho. Vendi o meu automóvel por um preço inferior e vivemos disso, sem uma escada. Zizi cozinha e as meninas cuidam da casa. Como todos tiveram a nossa velha educação baiana, trabalham satisfeitos.

A Gazeta, que eu ia dirigir, parece que não sai mais. Ontem procurei o Levi Carneiro, que tem grande influência junto ao Aranha, e, justiça se lhe faça, não esqueceu os amigos do passado, e lhe falei sobre a reabertura de *Vanguarda*, a qual está fechada por ordem da polícia. Ele me prometeu obter a saída.

Tudo mais aqui no mesmo. Viveu-se dias de agitação, mas creio que a situação está sólida, a não ser que surja alguma surpresa do exército. Quando, no Brasil, os generais começam a reafirmar sua solidariedade ao governo, penso que algo ao contrário está para surgir.

Os príncipes continuam aqui, felizes e descuidados.

Fiel está em Bagé, mas ontem vi-o aqui.

Vou, hoje, levantar a idéia de uma lembrança de saudade a você. No primeiro artigo de colaboração que escrevi para *O Imparcial* da Bahia, ocupei-me de sua pessoa e disse que até hoje não atinara com os motivos do seu exílio.

Vem aí o Flores da Cunha. Ouço que a frente única no Rio Grande só se manterá com a promessa do estabelecimento da ordem constitucional.

Se você estiver aí com os W. Luís e Júlio Prestes, queira cumprimentá-los em meu nome.

Mais um pouco de paciência, meu caro amigo, e você há de voltar aqui como um triunfador. Repito as nossas homenagens para os seus e aqui fico, com seus amigos, que são felizmente muitos, aguardando suas ordens.

Do velho amigo

Lemos Britto

RIO DE JANEIRO, 10 DE ABRIL DE 1931

Meu querido e eminente amigo.

Foi com sincero prazer e viva emoção que recebi a sua carta; já sentia falta das suas notícias e dos seus. Li tudo que a sua boa cunhada me mostrou: que injustiça a um grande brasileiro como você!

Temos que aguardar melhor horário da vida nacional. Continuo a mourejar no trabalho, meio arredio da turba malta.

Fiquei satisfeito em saber que a Sua Senhora e Edyla passam bem.

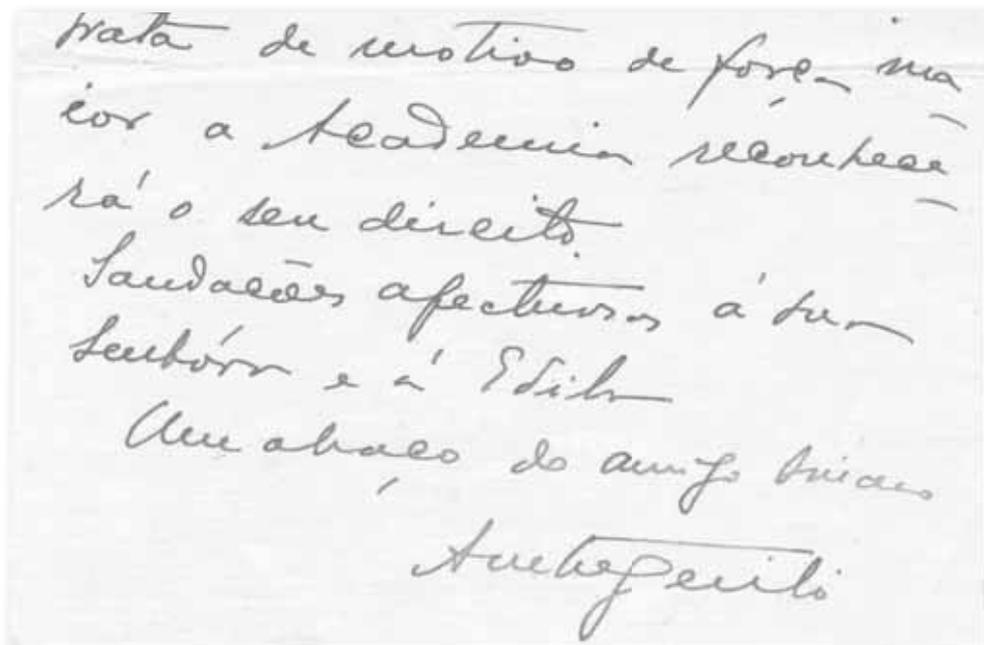
Vá desfrutando as páginas animadas das grandes cidades européias afim de suavizar a rudeza da nostalgia.

A sua posse pode ser feita por carta, porque já houve precedente; porém como se trata de motivo de força maior a Academia reconhecerá o seu direito.

Saudações afetuosas à Sua Senhora e à Edyla.

Um abraço do amigo sincero

Austregésilo



Wata de motivo de fore- ma
ior a Academia reconhece
ra' o seu direito.
Saudações affectuosas a sua
Senhora e a Edyla
Um abraço do amigo sincero
Austregésilo

Austregésilo

refere-se a Belarmino Maria Austregésilo Augusto de Ataíde, advogado e jornalista; posteriormente confrade de Octávio Mangabeira na Academia Brasileira de Letras (1951).

RIO, 11 DE ABRIL DE 1931

Octávio

Pelos jornais que Edith lhe envia, saberá você do que está se passando. Agora, sim, foi o momento da imprensa se manifestar. Logo que o Goulart, para satisfazer aos ódios do Edmundo, com cuja sobrinha é casado e de quem é protegido – apresentou a denúncia pelas 200 libras fornecidas ao Osvaldo Costa, tratei de agir. Dei na *Noite*, um relevo, àquela notícia seca, sem comentários, mas que punha saliente a iniquidade da denúncia.

Geraldo, em situação *difícilima*, não podia fazer mais. Vi neste dia que, apesar de tudo, ele lhe tem grande estima. Estava comovido e revoltado com o que pretendiam fazer com você. Propus a notícia em destaque e ele concordou. Leal de Souza objetou – “dr. Geraldo, esta notícia, tal como está, vale o maior dos comentários. Somos o primeiro jornal a falar. Podem fechar *A Noite*. – Que fechem. Isto com Octávio é demais”; “não posso fazer por menos.” Isto animou Augusto Lima, com quem tenho estado todos os dias, desde novembro. Mas, diga-se a verdade, escreveu o artigo *espontaneamente*, sem que eu lhe falasse. Aliás foi o único que assim procedeu. Mandeí chamar Paulo Filho. Veio em minha casa, à noite, disse-me tudo faria por você. Ficou de escrever um *suelto* para o dia seguinte e, logo após, um artigo, expondo tudo quanto você fizera no Ministério. Para isto dei-lhe um folheto de sua introdução ao último relatório. Escreveu apenas o *suelto*. Atribuo à intervenção, ou à queda do Edmundo, não ter saído depois o artigo. Como você deve lembrar-se o Osvaldo saiu do Correio, ficou com o Licínio Rodrigues e descompôs muito o Edmundo, chegando a publicar umas cartas do Paulo...

(João Mangabeira)



Goulart
refere-se a Vicente Goulart, estancieiro de grande influência no RS; pai do presidente João Goulart.

Edmundo
refere-se a Edmundo Luz Pinto, foi advogado e político pelo Partido Republicano de Santa Catarina. Em 1933 foi procurador adjunto da República.

Geraldo
refere-se a Geraldo Rocha, político e proprietário do jornal carioca *A Noite*.

Paulo Filho
refere-se a Manuel Paulo Teles de Matos, formado em direito, dedicou toda a vida ao jornalismo.

suelto
breve notícia jornalística.

PEQUIM, 12 DE ABRIL DE 1931

Meu caro Sr. Ministro,

A carta de V. Exa., de 18 de março findo, chegou-me às mãos muito rápido, no dia 2 de abril. Excusado é dizer-lhe o prazer que ela me causou, não só por me trazer notícias suas e de Mme. Mangabeira, como também por eu ter podido assim verificar que V. Exa. havia recebido a carta que escrevi para a Suíça, antes de embarcar. Queira V. Exa. desculpar-me se lhe escrevo hoje à máquina. A minha letra, porém, é horrível e, como desejo escrever longamente, não quero fatigar os olhos de V. Exa. Sou, aliás, o meu próprio datilógrafo, de modo que é como se escrevesse do próprio punho.

Chegamos a Xangai dois dias antes do que esperávamos, a 20 de março. Felizmente uma excelente viagem, a bordo de um esplendido vapor japonês, Terukuni Maru, onde foi tomada a sério a minha qualidade de Ministro do Brasil na China e, por esse motivo, fomos tratados com todas as atenções. A viagem, alias, por si, é muito interessante, de Marselha ao Extremo Oriente, através uma sucessão de mares os mais diferentes e entrando a gente em contato, sucessivamente, com as raças as mais variadas, desde Árabe de Port-Said, até ao Chim, passando pelo Cingalez, o Malaio, etc. Apesar de tudo e não obstante ter feito a viagem quase também como um emigrado político, despachado para o fim do mundo com o dinheiro exato da passagem, *I enjoy it very much* e tive momentos de real satisfação. Mal sabia V. Exa., ao nomear-me Ministro na China, que o Governo acabaria como acabou e que, ao assinar a minha promoção, V. Exa. me estava proporcionando, de antemão, o consolo de uma viagem ao Extremo Oriente, como meio de esquecer graves contrariedades.

Xangai é uma esplendida cidade. Pela importância monumental de seus edificios, pela riqueza do seu comércio e pelo seu movimento nas ruas, lembra muito, a meu ver, Buenos Ares. Lembra Buenos Aires até na falta absoluta de beleza natural. Passa por ocupar o quinto lugar, entre as grandes cidades do mundo, pela sua população. Estivemos ali seis dias, que ocorreram agradavelmente – sobretudo após 28 dias consecutivos de vapor – à espera que o chefe do Governo Nacional, o generalíssimo Chiang Kai-Shek, marcasse o dia para a apresentação das minhas

Revolta dos Taipings
Rebelião Taiping (1851-
1864), movimento de
cunho religioso e social,
tendo como líder Hung
Hsiu Chiuan, religioso
místico e cristão.

Sun Yat-sen
trata-se do primeiro
presidente da República
da China, líder revolucio-
nário, considerado o
Pai da Pátria.

credenciais, em Nanquim, hoje capital da China. A audiência foi fixada, mais rapidamente do que pensava, para 27 de março, às onze horas da manhã. Deixamos Xangai na véspera.

Nanquim lembrou-me Assunção – mas Assunção em ruínas! A cidade outrora, pouco antes da descoberta do Brasil, já fora capital da China. Mas, há séculos, durante a revolta dos *Taipings*, foi completa e sistematicamente destruída. Os “*nacionalistas*”, há dois anos, resolveram transferir para lá a capital da República. Mas, salvo a Escola Militar, algumas casernas para soldados e um ou outro edifício público, a cidade não tem nada, nem esgoto, nem água encanada, nem coisa nenhuma. Apesar de hospedes do governo e alojado numa dependência do Ministério dos Negócios Estrangeiros, passamos quatro dias sem poder tomar um banho e quase morri de fome. Passamos quatro dias em Nanquim porque, além da audiência para entrega das credenciais, tive de assistir a um jantar em minha honra, oferecido pelo Ministro dos Negócios Estrangeiros e depositar flores no mausoléu de Sun Yat-sen e, por fim, minha mulher e eu, tivemos que visitar a esposa do Generalíssimo. O chefe do governo, que não é nenhum tolo, mora com a família na Escola Militar, onde, por sinal, ele nos atendeu gentilmente em pessoa, vestido à chinesa. Na verdade, na audiência solene para a entrega das credenciais, ele me havia recebido fardado de General.

Corre aqui que o Generalíssimo se tem enchido e que já possui, nos bancos estrangeiros, duzentos milhões de dólares. Parece que o mesmo sucede com a família do patriarca Sun Yat-sen, representada no governo por um filho deste, que é Ministro da Viação. Não sei se o Getúlio e os ilustres estadistas que, com ele, nos estão querendo regenerar, conhecem esses presidentes da República da China, com que a nossa tanto se parece hoje. Pelo que me diz V. Exa. em sua carta, sobre o modo como vão de vento em popa as negociatas no Brasil, eles não tem perdido o seu tempo.

A vida política chinesa tem, aliás, aspectos curiosos e que poderíamos imitar, talvez, com vantagem. O governo, desejando ver-se livre de um chefe militar rebelde, cuja presença aqui lhe dava cuidados, mandou propor-lhe um passeio ao estrangeiro. O general aceitou, com a condição de lhe darem duzentos mil dólares. Li, então, nos jornais, dias depois da minha chegada, uma declaração do General Chiang Kai-shek, Chefe do Governo Nacional, de que a pretensão de tal general era justa

porque, em idênticas circunstâncias, igual quantia havia sido atribuída pelo governo a outro rebelde para retirar-se do país. Para que V. Exa. não suponha que estou exagerando, mando-lhe um recorte do jornal de Pequim, relativo a outro caso – do General Wu Pei-fu, que chegou a ocupar Pequim há uns quatro anos e a governar a China. A sua cota foi menor, isto é, cem mil dólares apenas, sinal que ele é menos temido do que os outros.

Viajei cinqüenta horas de Nanquim a Pequim, sem nenhum conforto, muito embora em carro especial, posto à minha disposição pelo governo. O carro, apesar de especial, parecia um vagão de quarta classe, a cair aos pedaços e imundo, tanto externa quanto internamente. A culpa, aliás, não foi do Ministério, que me ofereceu, a princípio, dois compartimentos de um bom trem – espécie do nosso Cruzeiro do Sul para São Paulo. mas, o Soares, que é lerdo, anda fatigado e não deixa de ser trapalhão, complicou as coisas por tal forma, que acabamos tomando o pior de todos os trens, parando em todas as estações e dormindo toda uma noite em Tien-tsin, na estação – tudo isso num vagão pré-histórico.

Em fim, chegamos a Pequim e – V. Exa. vai ter uma surpresa – estamos simplesmente encantados. Se dependesse de nós, ficaríamos aqui indefinidamente, quatro anos ou mais, até a minha promoção. Por enquanto, estamos no hotel que, embora seja o melhor da terra, é velho e onde se come muito mal. Mas para adiante, porem, se me deixarem aqui, tomarei uma casa e passaremos, então, a viver com todo o conforto. Não o faço já porque, como V. Exa. sabe, não me deram ajuda de custo e, as poucas economias que consegui realizar no Rio, nestes últimos anos, gastei-as para chegar até cá. Para instalar-me, preciso de algum dinheiro e, neste momento, não disponho sequer do necessário para a compra de um automóvel, coisa imprescindível, porque em Pequim não há carro de praça. Estou dando tratos à bola, para ver como farei para adquirir um Ford! Creia, meu caro Sr. Ministro, que aquela famosa ajuda de custo, que parecia a V. Exa. de um vulto tão exagerado, daria exatamente para a nossa passagem, para o transporte dos meus moveis, para comprar algumas roupas para a minha mulher e para mim – e, aqui chegando, para instalar decentemente a Legação e comprar um automóvel da categoria do *Buick*. Para cumulo da minha infelicidade, Pequim é dos postos onde os diplomatas melhor vivem,

General Wu Pei-fu
refere-se a Wu Peifu, mi-
litar e líder revolucionário
da China Republicana.

Soares
auxiliar do embaixador.

Guerra dos Boxers
trata-se da Rebelião
ocorrida entre os anos de
1899 e 1900 de cunho
popular de rejeição ao
ocidentalismo e ao cris-
tianismo na China.

florentino
referente a
Florença, Itália.

lojas de *bric-à-brac*
lojas contendo objetos de
todos os tipos.

Mario Pinto Serva
jornalista, escritor
e político.

Clovis
refere-se a Clovis
Beviláqua, consultor
jurídico do Ministério
das Relações Exteriores.

**Alfredo
Bernardes da Silva**
advogado e consultor
jurídico da empresa
Light & Power.

Espínola
refere-se a Eduardo
Godinho Espínola
ministro do STF (1917),
posteriormente foi presi-
dente (1940-1945).

instalados como verdadeiros príncipes, no quarteirão das Legações, em verdadeiros castelos pertencentes aos seus respectivos governos e construídos à custa do tesouro chinês, depois da guerra dos Boxers. Cada ministro tem quarenta criados e ainda não comi senão em baixelas de prata.

Gostamos de Pequim pela sua tranqüilidade, pela sua particular atmosfera de velha cidade tradicional e por alguns dos seus aspectos monumentais. Comparei Xangai a Bueno Aires e Nanquim a Assunção. Mas Pequim lembra-me nada menos que Roma! Quanto ao chinês de Pequim, tem requintes de verdadeiro florentino. As lojas de *bric-à-brac*, às centenas, contem maravilhas. É um prazer correr-se de uma a outra. E mesmo o que é fabricado hoje tem o cunho de um profundo sentimento de arte. Além disso, vive-se aqui numa ignorância quase absoluta do que vai pelo mundo afora. As notícias as mais sensacionais, quando chegam cá, já não emocionam mais, porque chegam semanas e meses depois, quando os fatos que as determinaram se tornaram velhos e, por isso, não oferecem mais os mesmos interesses. Os jornais do Brasil chegam com dois meses de atraso. A gente os lê como se estivesse lendo episódios da revolução de 1889! Em suma, vive-se aqui uma espécie de estado anestesiado que, como brasileiro, é o que eu, embora seja isso um tanto egoísta, posso desejar de melhor nesta hora.

As notícias mais recentes que tenho do Brasil foi V. Exa. que me deu em sua carta; os últimos jornais recebidos alcançam, apenas, os primeiros dias de fevereiro. Por sinal que figuram numa delas, isto é, no *Jornal do Comércio*, uma lista de pessoas incumbidas da elaboração da nova lei eleitoral, que é de se tirar o chapéu. A lista compõe-se de Mario Pinto Serva, João Cabral e um terceiro nome que, neste momento, não me ocorre. Imagine o que não sairá da cabeça de homens dessa ordem, puramente teóricos, sem a menor experiência política. Vi também que o Clovis e Alfredo Bernardes da Silva, com o Espínola, fazem parte de outra comissão legislativa. Esses, pelo menos, são nomes conhecidos e o próprio Alfredo Bernardes é autoridade reconhecida em Direito civil e comercial, se bem que muito medíocre como inteligência. Mas, ao lado de Getúlio e do Osvaldo Aranha, quem não é sumidade? Quando eu estava em Paris, alguém recebeu do Rio uma carta muito interessante, sobre o momento político, de um preto, seu *chauffeur*. Fazendo prognósticos em torno da futura Presidência da República e das possibilida-

des da eleição de Artur Bernardes, o preto dizia: – “o Getúlio não será eleito porque tem revelado pouca capacidade para o cargo!”

Vi no *Temps*, de 23 ou 24 do mês passado, que o Tasso voltará a ser Chefe do Estado Maior. Na véspera do meu embarque, fui ao Estado Maior, despedir-me do Malan, que encontrei muito descontente. A volta de Tasso indica que o exercito está dividido e que o governo conta com o seu prestígio para congraçá-lo. No dia em que me despedi do Malan, encontrei o Tasso, por acaso, no Estado Maior. Falou-me da situação em tom pessimista, convencido de que a desordem duraria dez anos e invejando a minha sorte por partir para a China. Acrescentou que o Brasil estava pior do que este país. Dois dias depois, o pilantra discursava na fortaleza de Santa Cruz ou São João, recebendo o Getúlio, nos termos que V. Exa. terá visto! O Tasso é, talvez, o pior caráter do exercito nacional.

Gostei dos termos da carta de V. Exa. à Comissão de Sindicância do Itamaraty. O *Ciro*, em carta que me escreveu ultimamente, deu-me a noticia de que o Tribunal ia ser reformado, a fim de estar habilitado a julgar também as irregularidades dos quadriênios do Epitácio e do Bernardes. Quero isso dizer que o Tribunal está liquidado, porque o Bernardes, com o seu desprezo característico pela opinião pública, não se vai prestar a uma comedia, para a simples satisfação dessa mesma opinião, que ele jamais prezou.

Penso como V. Exa. que o Afrânio não pode ser estranho às praticas da Comissão de Sindicância. Mas eu formo do Afrânio o pior dos conceitos. É falso e de uma profunda covardia, diante mesmo de miseráveis criaturas como o Alencastro Guimarães, obscurissimo Terceiro Oficial da Secretaria e seu oficial de gabinete. Sei pelo Soares que, escrevendo ao Arminio, então em Pequim, ele dizia: – “O Mangabeira tem-me cumulado de gentileza. Você será atendido na primeira oportunidade”. Foi, de fato, o que sucedeu. Hoje, porem, ele cata pretextos para diminuir os deveres que tem para com V. Exa. Quando fui ao Itamaraty, despedir-me, ele se quis fingir de queixoso, por causa de sua carta ao Assis Brasil. Disse-me: – “O Mangabeira foi injusto para comigo”. Eu perguntei-lhe: – “Mas V. Exa. leu a carta?” ele, então, respondeu que não. Ao Dantas, ultimamente, ele falava enfaticamente em revolução punitiva! Um homem que, seguramente, em toda a sua vida, não ganhou nunca um vintém licitamente. Conheço o Afrânio, como se diz, de outras

Temps

revista política e literária fundada por Jean Paul Sartre.

Tasso

refere-se a Augusto Tasso Fragoso.

Malan

refere-se a Alfredo Malan d'Angrogne, afastou-se do EME, por motivo de saúde, vindo a falecer em janeiro de 1932.

Ciro

refere-se a *Ciro de Freitas Vale*, diplomata, foi cônsul no Uruguai (1928) e chefe de negócios em Haia, Holanda (1931).

Epitácio

refere-se a Epitácio Pessoa, ex-presidente do Brasil (1919-1922)

Afrânio

refere-se a Afrânio de Melo Franco, min. das Relações Exteriores (1930-1933).

Alencastro Guimarães

refere-se a Napoleão de Alencastro Guimarães, diretor dos Telégrafos e representante de Juarez Távora junto à diretoria da instituição.

Assis Brasil

refere-se a Joaquim Francisco de Assis Brasil, min. da Agricultura.

Dantas

refere-se a Luís Martins de Souza Dantas, embaixador do Brasil na França (1922-1943).

Dr. Sancho de Barros Pimentel
político com atuação
importante no
Brasil Império.

casas, através, principalmente, do velho Dr. Sancho de Barros Pimentel, de quem ele era parente e com quem teve negócios, e do Alberto de Farias, na questão famosa do Banco Hipotecário. V. Exa., naturalmente, ainda o conhecerá melhor.

Mas esta carta já vai demasiado longa. Não desejo mais abusar do tempo de V. Exa. Antes, contudo, de terminá-la, quero fazer-lhe um pedido. Nós temos o retrato de madame mangabeira. Não temos porem, o de V. Exa. Seria grande favor mandar-nos dois exemplares, um para nós e outro para colocar na Chancelaria desta Legação.

Sempre que V. Exa. me escrever, convêm enviar a carta via Sibéria. Recebo-a, assim, em 14 dias.

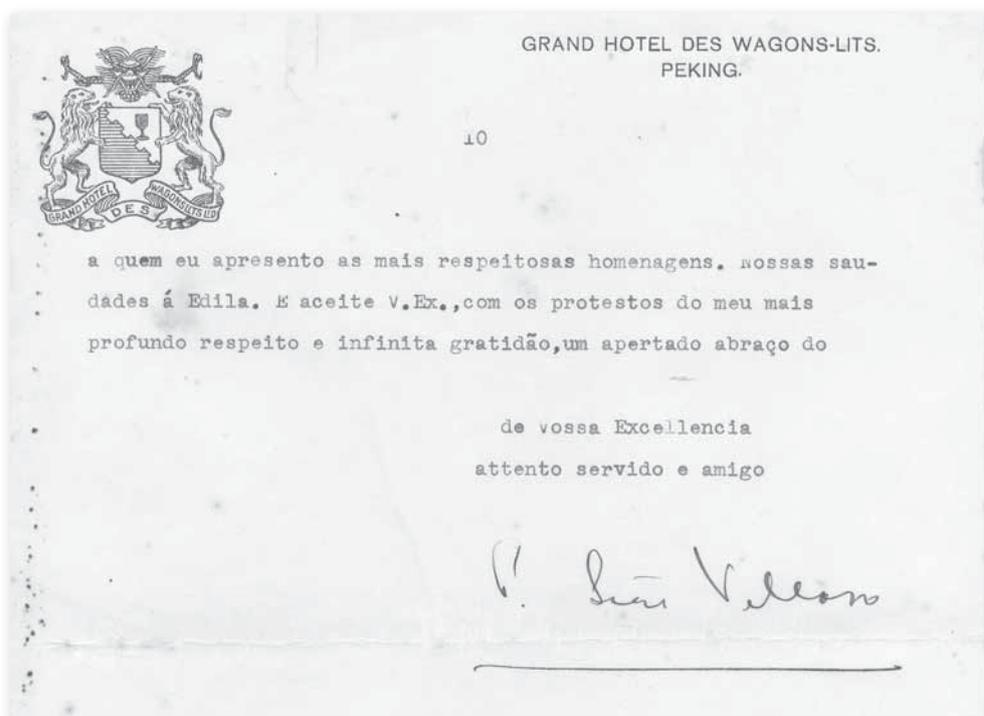
Minha mulher escreverá à madame Mangabeira um destes dias.

Ela se recomenda muito a V. Exa. e a madame Mangabeira, a quem eu apresento as mais respeitosas homenagens. Nossa saudade à Edyla. E aceite V. Exa., com os protestos do meu mais profundo respeito e infinita gratidão, um apertado abraço do

de Vossa Excelência

atento servidor e amigo

P. Leão Veloso



RIO DE JANEIRO, 15 DE ABRIL DE 1931

Meu caro e sempre lembrado
Amigo e Chefe, Dr. Octávio Mangabeira:

Não necessito marcar a profunda e sincera alegria que me trouxe ao coração a sua carinhosa cartinha. Por estar eu sempre atento ao seu destino, sabia, através das informações do Dr. João Mangabeira, de todos os seus passos na Europa. Mas as notícias diretas, que Vossa Excelência me mandou, de Milão, vieram encher a grande lacuna das nossas conversas de gratos anos, onde a minha experiência das coisas e dos homens foi buscar tantos cabedais de conhecimento, tantas lições de generoso patriotismo, severa honradez e entranhado amor ao Brasil.

Vossa Excelência há de imaginar, sem duvida, a falta imensa que nos faz a sua companhia e o seu exemplo fecundo de trabalho.

Tenho recordado muito, durante este abril de 1931, o tranqüilo e feliz abril de 1930, sob o céu azul das montanhas mineiras. Deus permitirá, certamente, que tudo isso se repita e o mundo entre nos eixos, novamente.

Seus amigos não o esqueceram. Como V. Exa. já deve estar instruído, os jornais de maior influência, seguindo o pendor da opinião pública, no caso “Oswaldo Costa”, tomaram a sua defesa, num gesto de espontânea comunhão, que muito honra os sentimentos brasileiros. “*O Jornal*”, o “*Correio da Manhã*”, a “*Noite*” e o “*Diário Carioca*” foram os pioneiros dessa campanha, sem encomenda. Não lhe dou os parabéns, porque tudo isso foi obra de pura justiça e sincero reconhecimento aos seus grandes e memoráveis serviços, em prol do Brasil.

Ainda continuo sem posto, vencendo a vida porfiadamente. Não perdi, contudo, a esperança de abraçá-lo, ainda na Europa.

Leila e eu muito nos recomendamos a D. Esther e Edyla, para quem desejamos todas as felicidades.

Em mim, encontrará sempre Vossa Excelência a mesma dedicação, o mesmo entusiasmo e a mesma fé no seu alto espírito e no seu nobre coração de homem reto e puro.

Saudosos abraços

Ronald de Carvalho

O Jornal

diário carioca que apoiou a eleição de Vargas (1929), a Rev. de 1930 e o Movimento Constitucionalista de 32.

Diário Carioca

fundado em 17 de julho de 1928, por José Eduardo de Macedo Soares, com a finalidade de fazer oposição ao governo do presidente Washington Luís.

Ronald de Carvalho diplomata, literato, foi chefe de gabinete do min. Octávio Mangabeira.

RIO DE JANEIRO, 17 DE ABRIL DE 1931

Meu caro Sr. Ministro

As contas que ficaram por pagar no Ministério muito me tem preocupado. Os fornecedores me inspiram pena, tanto mais quanto sei que fizeram o possível para bem servir o estado. Ontem, porém, tive uma boa notícia: o Presidente da comissão de sindicância (a quem o Dr. Melo Franco havia remetido todas as contas) procurou-me para dizer que eles aprovariam todas aquelas sobre os quais eu pusesse o meu visto. Como eu já as examinei todas, no devido tempo, não terei dificuldade alguma em ir ao encontro dos desejos da comissão. Espero que assim possamos dar em breve outro passo para o respectivo pagamento.

Dada à insistência com que me tem vindo, de todos os lados e formas, e sob as condições que eu quiser, acho que não terei outro remédio será aceitar o convite do Ministro da Viação para dirigir e fundir os correios e telégrafos. Sinto no entanto que preciso de descanso. A Secretaria vai parando. Penso que este ano nem relatório haverá.

De V. Exa. muito grato

M. Nabuco

Dr. Melo Franco
refere-se a Afrânio de
Melo Franco, revolucio-
nário de 30 e funcionário
do Itamaraty, substituiu
Octávio Mangabeira
como ministro das
Relações Exteriores.

M. Nabuco
refere-se a Mauricio
Nabuco, diplomata, fun-
cionário do Itamaraty.

RIO DE JANEIRO 18 DE ABRIL DE 1931

Octávio

Ai vai a entrevista que fiz para *A Noite*. Aqui apenas Geraldo sabe que fui eu quem a fez; de sorte que o êxito ontem foi completo. No Itamaraty está uma confusão danada atribuindo-se a entrevista, ora a um ora a outro. A própria Edith engoliu a pílula e me perguntou quem era o autor, e eu então lhe disse.

Vou ver se o Paulo Filho a comentou. Porque o seu sucesso foi enorme. Ontem à noite e hoje pela manhã, em todas as rodas ela é comentada. Vou lançar mão de outros artigos no mesmo sentido.

Aliás, por tudo quanto sei, as denúncias contra você não terão andamento. Tenho feito o possível.

Dois ministros serão condenados Viana do Castelo e Konder, à perda de direitos políticos. Washington, Prestes e C. Brito serão banidos. É o que dizem. Mas a Junta já se desmoralizou, em poucos dias, mais que o Tribunal. A constituinte será em breve. Porque o Rio Grande unido com o Borges e o Assis à frente, está exigindo. O Flores da Cunha, que pensa do mesmo modo, chegou aqui trazendo este ultimato.

Abraços a todos. Do irmão e amigo.

João (Mangabeira)

P.S. Já recebeu a correspondência levada pelo Maurtua, que embarcou no Júlio César, a 4 de abril.



Viana do Castelo

refere-se a Augusto Viana do Castelo, min. de Justiça e Negócios Interiores (1926-1930).

Prestes

refere-se a Júlio Prestes, candidato oficial à substituição de Washington Luís.

C. Brito

refere-se a Manuel Tomás de Carvalho Brito, dep. fed. mineiro (1921-1924), ajudou a criar a AL em oposição a Washington Luís, retomando seu apoio às vésperas da eclosão da revolução.

Borges

refere-se a Antônio Augusto Borges de Medeiros, político conciliador e de grande prestígio entre os gaúchos, apoiou os revolucionários de 1930.

Assis

refere-se a Assis Brasil, foi min. da Agricultura (1930).

Flores da Cunha

refere-se a José Antônio Flores da Cunha, sen. (1928-1930), apoiou a Rev. de 1930, interv. do RS (1930-1935).

Victor Maurtua

refere-se ao ministro do Peru, fiel colaborador das chancelarias na obra de consolidação da paz entre as nações americanas.

ROMA, 28 DE ABRIL DE 1931

Meu caro Ministro sempre lembrado amigo:

Foi com muito prazer que recebi a sua carta de 21 próximo findo. Já tinha notícia, pelo Mário Costa, de que se instalara ai, em apartamento. Felicito-o pela idéia. Imagino a enorme satisfação com que D. Esther voltou ao conforto, ao método e à tranqüilidade da casa.

Pelos jornais que acabo de receber do Brasil vejo eu o ex-Tribunal Especial, hoje Junta de Sanção, “se permite pretender cassar-lhe os direitos políticos. Gostei imensamente do *suelto* em que o *Correio* clama contra a injustiça. Se eu ainda fosse do *metier* não iria por esse lado. Clamaria contra a injustiça divina por causa da qual sobra no Brasil o que vai escasseando em todo o mundo civilizado: o ridículo. É lá crível que três cavalheiros se disponham sequer a analisar a perda dos direitos políticos de quem quer que seja só pelo fato de se constituírem numa junta exótica e aberrante de todas as normas jurídicas do mundo?... Junta de Sanções, Tribunal executivo, etc. etc..., o falecido Tribunal Especial, por mais que lhe mudem o rotulo, não subiste, não resiste ao exame, nem mesmo daqueles que, conscientemente, sejam revolucionários. Quando leio o extrato das suas seções fico ruborizado, como quem houvesse cometido uma enorme *gaffe* que causasse risos aos circunstantes!... Quanta publicidade contra o Brasil!

Todos aqui conservamos muito grata lembrança da sua passagem e sinceramente almejamos vê-lo ainda uma vez, antes do seu regresso ao Brasil.

Mantive o meu pedido de transferência. Seria feio retirá-lo. Espero que dentro de poucas semanas deixarei, para um outro perdido, lá em baixo, na América do Sul, este admirável posto onde vim pelas suas mãos generosas.

O mau estar dos dois meses havia de arrebrantar no mais sensível...

O novo embaixador, sofrendo embora, o desagradável ambiente que um insensato lhe criou, vem muito bem disposto e abriga projetos de trabalho.

Maria e eu cumprimentamos muito cordialmente D. Esther e Edyla.

Abraço-o afetuosamente, com a amizade e consideração de sempre!
Seu velho amigo e admirador

Osnaldo Furse

RIO DE JANEIRO, 30 DE ABRIL DE 1931

Prezado Sr. Dr. Octávio Mangabeira

Recebi e li com grande prazer a gentilíssima carta que V. Exa. teve a delicadeza de enviar de Lausane a 5 do mês passado.

Proporcionou-me ela momentos muito agradáveis, vindo reavivar a gratíssima lembrança que sempre conservo de V. Exa.

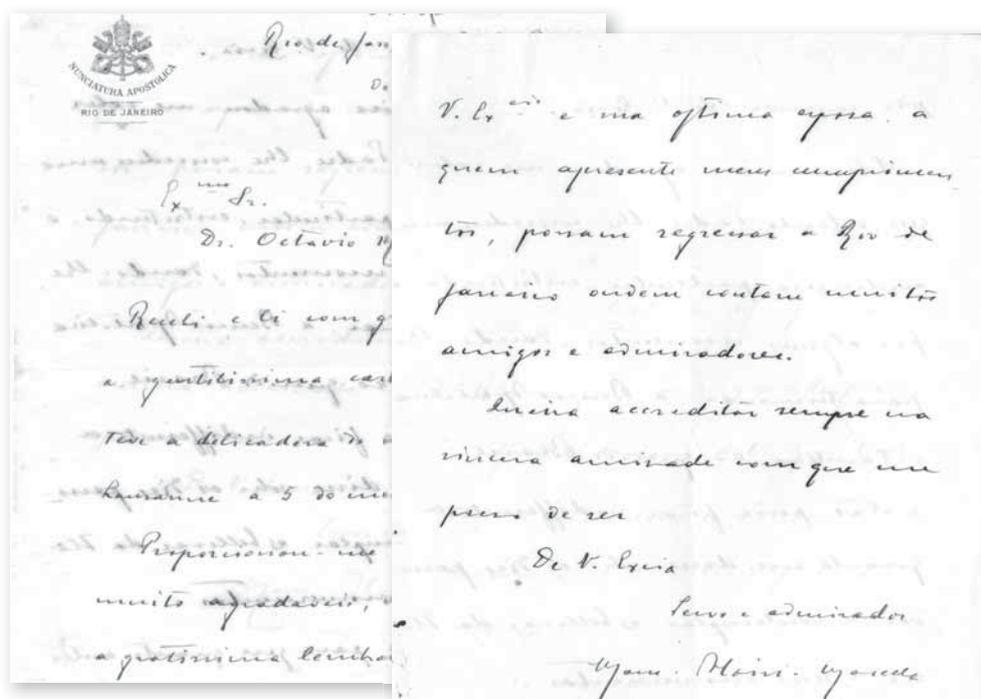
Sobremaneira agradou-me saber que o Santo Padre lhe concedeu uma audiência particular, entretendo-o por alguns momentos, dando-lhe para terminar, a Benção Apostólica e também ao querido Brasil.

Não pude ficar indiferente a quanto me disse sobre os dias passados a contemplar as belezas da Itália e seus monumentos.

Faço votos para que, quanto antes, V. Exa. e sua ótima esposa a quem apresento meus cumprimentos, possam regressar ao Rio de Janeiro onde contam muitos amigos e admiradores.

Queira acreditar sempre na sincera amizade com que me preso de ser de V. Excia. Servo e admirador

Mons. Bento Aloísio Massella Nuncio Apostólico



Mons. Bento Aloísio Massella Nuncio Apostólico
refere-se a Benedetto Aloísio Masella, nuncio no Brasil (1927-1954).

RIO DE JANEIRO, 30 DE ABRIL DE 1931

Meu Bom Amigo Dr. Octávio Mangabeira

Não tive, depois que recebi sua carta de 31 de janeiro, nenhum portador de confiança.

Aqui, como deve ter o Sr. acompanhado nos jornais, o ambiente político vai sofrendo grandes modificações.

A cisão, em Minas, atingiu seu ponto álgido, e o Congresso do Partido Libertador, em Porto Alegre, veio dar à causa do restabelecimento da ordem constitucional um grande impulso. Um discurso do Dr. J.C. de Macedo Soares, descrevendo a verdadeira situação de São Paulo, está agitando a opinião aqui e lá, apesar da rigorosa censura de imprensa. Tudo isso, porém, V. Exa. saberá pelos jornais do Rio, que penso, lhe chegam às mãos regularmente. Como, porém, os jornais daqui não tenham publicado as moções aprovadas pelo Congresso Libertador, mando-lhe, com esta, as folhas do *Diário de Notícias*, de 18 de Abril em que foram publicadas. Junto vai também um numero de *3 de Outubro*, órgão fundado pelo Dr. Artur Bernardes, em Minas, no qual há um artigo sobre a Junta de Sanções. Como as idéias dele coincidem com as expressas em sua carta ao Dr. Assis Brasil, a respeito desses tribunais, acho oportuno dar-lhe conhecimento.

Desejo chamar a sua atenção para um tópico da pagina histórica que escreveu sobre a noite de 23 e o dia de 24 de Outubro, cuja leitura me foi facultada por D. Edith, quando há dias estive em nossa casa a almoçar.

Refere-se o Sr. no fim do trabalho a uma pessoa traje preto, que acompanhava o General Tasso Fragoso, chamando-o de capitão Bevilacqua. Creio haver engano. Quem acompanhou o General Tasso Fragoso ao Palácio Guanabara e estava vestido de rigoroso luto, foi o genro dele, Dr. Araújo Maia.

Seria bom averiguar este ponto, a fim de que nada se pudesse contestar a página magnífica, que, ao publicar-se, estou certo, vai produzir grande impressão.

Estive com o Rodrigo Otávio, que me disse estar bem assegurada sua situação na Academia e que poderá pedir mais prazo, se quiser, para tomar posse ou mesmo fazê-lo por carta alegando os precedentes.

Partido Libertador

Fundado em março de 1928 tinha como membros de destaque Joaquim Francisco Assis Brasil e Raul Pilla.

J. C. de Macedo Soares

refere-se a José Carlos de Macedo Soares, fez oposição ao gov. de W. Luis, apoiou o gov. provisório – retirando o apoio em dez. 1930; participou da fundação do *Clube 24 de Fevereiro* (1932) que defendia a reconstitucionalização do país em oposição ao *Clube 3 de Outubro*.

3 de Outubro

trata-se de Organização política fundada em fevereiro de 1931, no Rio de Janeiro por radicais do movimento tenentista, em apoio ao Governo Provisório de Getúlio Vargas.

Junta de Sanções

trata-se de Órgão da Justiça revolucionário de 1930 cujo objetivo era aplicar sanções a atos de corrupção, crimes políticos e funcionais.

Rodrigo Otávio

refere-se a Rodrigo Otávio Langgaard de Meneses, min. do Supremo Tribunal Federal (1929-1934)

Com os jornais que lhe mando, vai também uma coleção de retalhos sobre um caso recente do Itamaraty. Imagino os comentários que aí provocará.

Noticias importantes no momento: o levante de 2 ou 3 batalhões da força pública em S. Paulo; a manifestação feita ao Melo Viana quando chegou a Belo Horizonte; meu irmão que ali se achava disse-me que foi simplesmente estupenda.



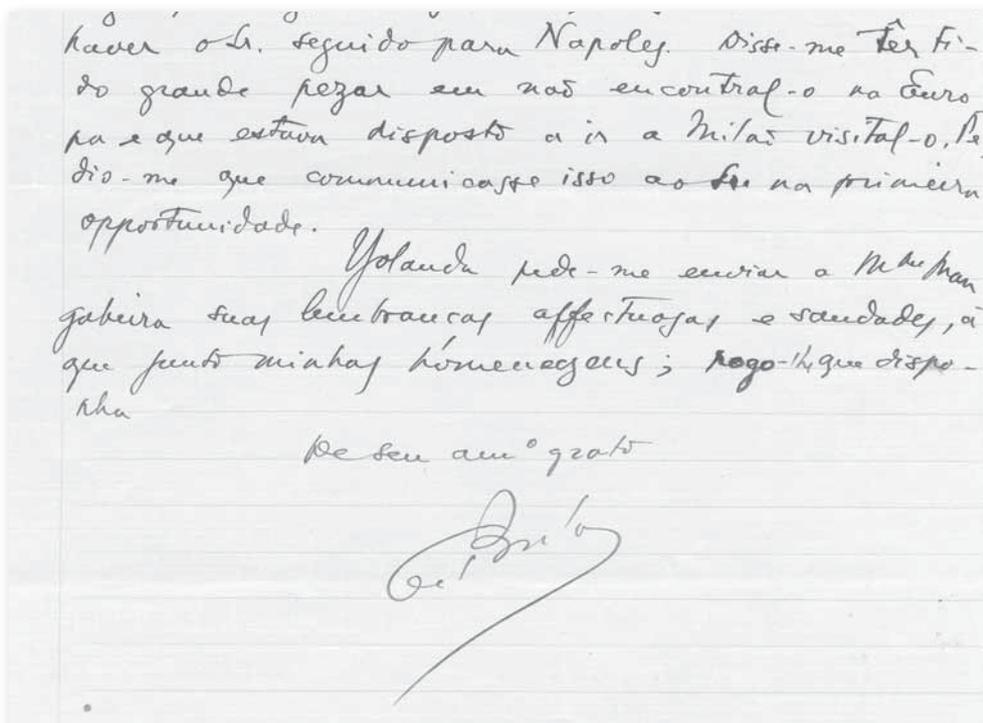
Melo Viana

O Oscar Costa, aqui chegado depois de haver eu mandado minha primeira carta, disse-me que o procurou pela Itália, telefonando para Milão logo que chegou a Genova, mas teve a noticia de haver o Sr. seguido para Nápoles. Disse-me ter tido grande pesar em não encontrá-lo na Europa e de que estava disposto a ir a Milão visitá-lo. Pediu-me que comunicasse isso ao Sr. na primeira oportunidade.

Iolanda pede-me enviar a madame Mangabeira suas lembranças afetuosas e saudades, à que junto minhas homenagens; rogo-lhe que disponha.

De seu amigo grato

Brito



Melo Viana

refere-se a Fernando de Melo Viana, vice presidente da República no governo Washington Luis (1926-1930).

Brito

refere-se a Manuel Tomás de Carvalho Brito.

HAIA, 30 DE ABRIL DE 1931

Senhor Ministro e meu eminente amigo,

Acabo de ler nos jornais que a Junta de Sanções tomou um decisão contra Vossa Excelência. Não sei qual tenha ela sido e sim que, como era de esperar, por se tratar de sua pessoa, provocou no Brasil geral repulsa. Nem poderia ser diversamente. Desejo dizer a Vossa Excelência que, apesar de conhecer os termos de sua resposta à Comissão de Sindicância do Itamaraty, assumi desde logo, perante ela, a inteira responsabilidade dos pagamentos feitos por ocasião da viagem do doutor Júlio Prestes. Minhas contas estavam em ordem e assim voltaram a ser julgados. Pedi a nosso amigo Maurício Nabuco que me conseguisse cópia do parecer nesse sentido. Suponho, por outro lado, que ainda não se tocou nas contas da Ponte Mauá. Mas também ali sabe Vossa Excelência do escrúpulo que pus em ordenar cada pagamento. De quaisquer outros que se hajam feito nas Legações em Montevidéu ou em Lima, ao tempo em que, graças à confiança de Vossa Excelência, me coube a honra de dirigi-las, igualmente assumirei a inteira responsabilidade, como julgo de elementar dever. São esclarecimentos que, dada vênua, me permito fornecer a Vossa Excelência e que sempre estarei pronto a ampliar.

O Ministro Hélio anuncia sua visita e causa a minha mulher e a mim grande prazer. Nossas homenagens à sua Senhora! E receba Vossa Excelência as renovadas seguranças da amizade de seu amigo e menor servidor.

C. de Freitas Vale

Ponte Mauá

trata-se da ponte internacional Barão de Mauá, construída sobre o rio Jaguarão, na gestão de Octávio Mangabeira.

Ministro Hélio

refere-se a Hélio Lobo Leite Pereira, diplomata, foi min. plenipotenciário no Uruguai (1930-1931).

C. de Freitas Vale

refere-se a Ciro de Freitas Vale, diplomata, foi chefe de negócios em Haia, Holanda (1931).

RIO DE JANEIRO, ABRIL DE 1931

Octávio

Remeto-lhe uns recortes, inclusive a carta do Gregório. Escrevi ontem para *A Noite*, entreguei o artigo sobre a Junta. Não poderia ser, senão naqueles termos, elogiando um pouco os seus membros. A novidade é o rompimento do Bernardes com o Olegário. Acaba de dizer-me o Macedo que o Getúlio telegrafou ao Olegário, dizendo que somente o Afrânio representa o pensamento do governo federal. Nestas condições, deve o Campos deixar o Ministério.

Quanto a S. Paulo, a situação está tremenda. É questão de poucos dias e o João Alberto sairá. Houve um levante da polícia paulista contra J. Alberto. Mas foi logo dominado.

A tal Junta, até hoje, não se reuniu mais; e creio não se reunirá.

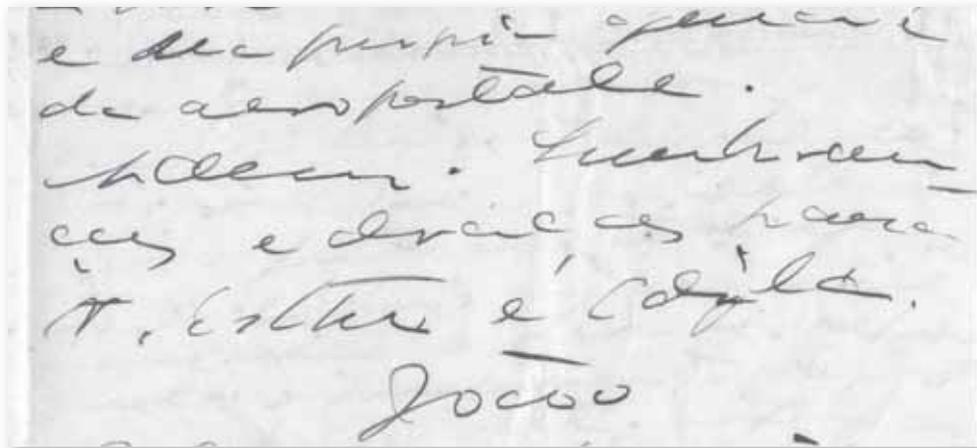
A Constituinte não tarda a ser convocada. É a opinião geral.

Escrevo-lhe esta, quase na hora do avião partir, e na própria agência da aeropostale.

Adeus. Lembranças e abraços para você, Esther e Edyla.

João (Mangabeira)

P.S. Antes do Gregório, procurei o Tomé Reis para assinar a carta, mas, ele que foi demitido de tudo, e está vendo se arranja com o Antonio Carlos, teve medo.



e de seu propósito...
de aeropostale.
adeus. Lembranças
e abraços para
você, Esther e Edyla.
João

Gregório

trata-se do acadêmico Augusto Gregório Pecegueiro; publicou no *Correio da Manhã* do dia 02/05/1931 defesa de OM relativa ao caso das passagens fornecidas pelo MRE; foi funcionário do Itamaraty.

Olegário

refere-se a Olegário Dias Maciel, político de grande prestígio, era presidente de Minas Gerais e foi o único a não ser substituído por interventor pós 1930.

Macedo

refere-se a José Eduardo de Macedo Soares, diplomata e proprietário do jornal *Diário Carioca*.

Afrânio

refere-se a Afrânio de Melo Franco, min. das Relações Exteriores (1930-1933).

Campos

refere-se a Francisco Luís da Silva Campos, min. da Educação e Saúde Pública Interiores.

João Alberto

refere-se a João Alberto Lins de Barros, Rev. de 1930; int. fed. em São Paulo (1930-1931), depois chefe de polícia do Distrito Federal (1932).

Antonio Carlos

refere-se a Antônio Carlos Ribeiro de Andrada, líder político mineiro de grande prestígio, foi presidente do estado de MG e presidente da Assembléia Constituinte de 1934.

PARIS, 1º DE MAIO DE 1931

Caríssimo chefe e amigo, Dr. Mangabeira
Um grande abraço

Venho de saber de mais uma tormentosa canalhada com o meu caro amigo, lá na terra onde nem mais o sabiá canta. Paciência. O incenso e a mirra com que se perfuma o belo e o ideal, está justamente no mal que os “Rigoletos da côrte falida” nos impõem nesta vida. O nosso amigo tem experiência da nossa gente e dos nossos costumes, suficiente para não se deixar atingir por isso. Mando-lhe um artigo do nosso comum amigo, o nosso bom Augusto de Lima, publicado em *A Noite*, de 8 de abril findo. Como vê, a gente sã e consciente da nossa infeliz terra, ainda não se deixou levar pela “micareme” do sentimento gaúcho de regeneração do Brasil. Já é um enorme consolo e, talvez uma grande esperança!...

Em vão esperei a comunicação do caro chefe e amigo, sobre a sua nova residência, por isso, mando a presente para seu antigo hotel.

E a exígua e faustosa (paradoxo? Não o afirmo!) vida, onde a superabundância de miséria me assoberba e onde um almoço é prenuncio da falta do “jantar” e, onde muita vez os dois não existem, pode o querido e admirável amigo contar, desinteressada e incondicionalmente, com a fraqueza (não é sinônimo de inutilidade!), mas amizade fortíssima do ex-corde.

Brício de Abreu

te da nossa infeliz Terra, ainda não se deixou levar pela "micareme"
do sentimento gaúcho de regeneração do Brasil. Já é um enorme con-
solo e, talvez, uma grande esperança!...

Em vão esperei a comunica-
ção do caro chefe e amigo, sobre a sua nova residência, por isso man-
do a presente para o seu antigo Hotel.

E a exígua e faustosa (paradoxo? Não
o afirmo!) vida, onde a superabundância de miséria me assoberba e onde
um almoço é prenuncio da falta do "jantar" e, onde muita vez os dois
não existem, pode o querido e admirável amigo contar, desinteressada e in-
condicionalmente, com a fraqueza (não é sinônimo de inutilidade!) mas
amizade fortíssima do ex-corde

Brício de Abreu

Augusto de Lima
refere-se a Antônio Au-
gusto de Lima, diretor do
jornal *A Noite*.

micareme
trata-se da festa popular
após o carnaval.

Brício de Abreu
trata-se de Luiz
Leopoldo Brício de
Abreu, jornalista, poeta e
critico teatral.

ALAGOINHAS, 1º DE MAIO DE 1931

Caro Mangabeira

Recebi sua carta de 8 de abril, de Paris. Foi um lenitivo às nossas constantes preocupações sobre sua pessoa. Muito nos alegrou saber que, com D. Esther e Edyla, a quem nos recomendamos com saudades, estão de perfeita saúde, que, afinal, é a condição essencial para se poder suportar as amarguras da vida.

Reconheço, na verdade que a iniciativa devia ser minha, mas, exilado voluntário, como me considerei, depois dos acontecimentos de outubro, na nossa vivenda do Rio Pardo, exílio sempre mais suportável do que o seu, só tinha notícias suas, vagas, pelos jornais e, depois, por um postal, que você me enviou de Milão. Mais tarde, recebi cópia das cartas, que me mandou D. Cecília. Li-as e reli-as e dei-as para ler a nossos amigos. Daqui só saí, para ir em fins de janeiro e agora, em abril, à Bahia. Em janeiro, estive em casa das Irmãs Mangabeira, que me deram a ler uma carta sua a elas. Conversamos e comentamos. Você andava ainda pela Itália, mas sem permanência em qualquer cidade. Depois disso, não pude mais saber por onde você andava. Só ultimamente, li telegrama em jornais, dizendo que você chegou a Paris. Fui à Bahia no princípio de abril e procurei Eutychio, que, então, me deu mais algumas notícias e ficou de mandar-me o endereço da casa Tude, em Paris, para eu poder escrever-lhe.

Anteontem tive a grande satisfação de receber sua muito estimada carta, a qual respondo. Ainda não li a cópia do manifesto, que deixou de ser publicado, nem do artigo (as últimas horas da legalidade) nem tão pouco da carta com que você respondeu à Comissão de Sindicância do Ministério do Exterior. Desejo ler tudo. Também sofri meus vexames de espírito, não por mim, que, felizmente não fui incomodado, mas



Eutychio Bahia

Cecília

refere-se a Cecília Mangabeira Albernaz, irmã de Octávio Mangabeira.

Eutychio

refere-se a Eutychio da Paz Bahia, jornalista, advogado e político; redator de *O Imparcial* e representante político de Mangabeira na Bahia.

As últimas horas da legalidade

trata-se do texto histórico escrito por Octávio Mangabeira onde narra as primeiras horas da deposição do presidente W. Luis.

Deodoro

refere-se a Manuel Deodoro da Fonseca, primeiro presidente do Brasil.

Ruy

refere-se a Ruy Barbosa, escritor, político, jurista e jornalista. Importante vulto político na História do Brasil.

Bocaiúva

refere-se a Quintino Antônio Ferreira de Sousa Bocaiuva; Jornalista e político, foi o primeiro ministro das Relações Exteriores do Brasil republicano.

Benjamin Constant

refere-se a Benjamin Constant Botelho de Magalhães, militar, engenheiro e professor, foi min. da Instrução Pública do gov. provisório em 1889.

Borges de Medeiros

refere-se a Antônio Augusto Borges de Medeiros, político gaúcho, foi governador do estado durante longo período.

Bernardes

refere-se a Artur da Silva Bernardes, ex-presidente da República (1922-1926).

Dantas Bião

refere-se a Joaquim Climério Dantas Bião, médico, líder político em Alagoinhas e amigo pessoal de Mangabeira.

sofri pelos amigos, principalmente por esse que tornou-se o alvo das malquerenças e mesquinhas malignidades dos puritanos da República e pela Pátria querida, tão aviltada. Que decepção meu caro! Quanta desorientação, quantos erros, quanto ódio, quanta maldade! Eu nada devia estranhar, porquanto li a História e conheço um pouco a natureza humana; mas, sempre tive a ilusão de que, no Brasil, as coisas se passariam, como tem acontecido nas maiores transformações, a que tenho assistido; assim, por ocasião da abolição, como pela mudança do regime, que nos deu a 1ª República, tão diferente da 2ª, que ali está, para nos felicitar. Os homens, porém, eram outros. Que é de um Deodoro, tão impulsivo, quanto magnânimo; de um Ruy, farol que iluminou os primeiros passos da República, de Bocaiúva, de Benjamin Constant e tantos outros patriotas de verdade?

O que nos vale é que a índole do povo brasileiro é boa e, como bem disse você, a tirania aqui não acha clima favorável.

Já as coisas, parece, que vão mudando. Os jornais já falam desasombrados e ousam protestar, já se aconselha a organização de partidos políticos, que Borges de Medeiros considera uma necessidade. A Constituinte está sendo reclamada pelos libertadores do Rio Grande e pelos Democráticos de S. Paulo. Borges de Medeiros e Bernardes já se manifestaram. O provisório terá de ceder à pressão da Vontade Nacional.

O *Diário de Notícias* de 27 de abril lançou em enérgico protesto contra a propalada notícia de que uma tal junta de sanções promove sua condenação.

Até certo ponto, deveríamos estimar, por quanto esta seria a sua glorificação. A revolta da opinião pública seria estrondosa e a repulsa seria esmagadora.

Aguardemos os acontecimentos. Ainda uma vez, nossas lembranças e visitas a D. Esther e Edyla.

Abrace o saudoso amigo

Dantas Bião

PARIS, 1º DE MAIO DE 1931

Aos meus conterrâneos

Dominou-me, no exercício da pasta das Relações Exteriores, uma constante preocupação – a de não deslustrar, naquele cargo, as tradições da Bahia.

Deposto o Governo, a que tive a fortuna de servir no caráter de Ministro, venho mantendo, na adversidade, aquela mesma preocupação, que me animou, no poder – a de portar-me, em todos os momentos, à altura do povo baiano, de que me honro de ser a expressão.

Tranqüilize-se, pois, a Bahia, em tudo que diga respeito ao mais obscuro dos seus filhos, que ainda a representará nos Conselhos da República. De tudo conservo, em documentos escritos, que serão oportunamente publicados, as provas irrecusáveis. Sou grato a quantas devassas se submetia a administração, que realizei no Ministério. Nem houve repto que, neste sentido, não houvesse lançado, do meu punho, com a mais altiva energia, sempre que pude fazê-lo, e várias vezes o fiz. Não queria senão isto mesmo: a sindicância, por adversários, na minha ausência, à minha revelia, no grande departamento, que administrei por quatro anos, e que eles ocuparam de surpresa, com todas as iras da revolução. Já agora não sei, em consciência, do que mais me desvaneça; se dos modestos serviços que, interessando aliás essencialmente o país, nunca me puderam ser negados, se das faltas que me são atribuídas, e que, devidamente justificadas nos seus detalhes, e no seu conjunto – hei de demonstrá-lo em tempo próprio, confundindo quaisquer objeções – antes me abonam que me comprometem, no juízo que devo merecer dos meus concidadãos.

A Bahia, no Império e na República, foi sempre a ação benfazeja, e espírito de renúncia a todos os interesses pela causa comum do Brasil. Tudo a impõe, por todos os motivos, à amizade e ao respeito do Povo Brasileiro. A inteligência, a probidade, a conduta, a polidez na ação pública e no trato pessoal, o desassombro sem fanfarronadas, a benemerência, sem vanglórias, eis os traços da escola baiana, que uma série tão larga de estadistas houve de fornecer aos dois regimes, especialmente à Monarquia, culminando, na República, em Rui Barbosa. A grande nota dos seus homens públicos está, acima de tudo, no profundo sentimento nacional, que, invariavelmente, os inspirou.

Deus sabe com que sacrifícios tive de arcar, dirigindo a nossa Chancelaria, com as responsabilidades oriundas do passado que exalta a Bahia em todos os campos onde se milita ao serviço da Pátria; e quantas graças lhe rendo, por me sentir em condições de afirmar, a todos os meus conterrâneos, estejam onde estiverem, que, se não aumentei à nossa terra, porque forças não tive para tanto, louros à sua coroa, lhe soube manter ilesos os compromissos e a dignidade, porque, para tal, me sobraram a compenetração de meu dever e o amor ao meu país.

No estrangeiro, onde me encontro, a consciência tranqüila, a alma limpa de paixões, sequer de ressentimentos, elevo o espírito acima das agitações transitórias, para só fixar, no horizonte, a visão permanente do Brasil que, quanto maiores as dificuldades, que porventura o assoberbem, tanto mais tem direito à devoção de todos os brasileiros, seja dos que, em plena atividade, lhe possam fazer diretamente o bem, seja dos que, ausentes, ou proscritos, só lhe tenham a oferecer, em testemunhos de fidelidade, não menos edificantes, a serenidade ante a injustiça que, sempre, por si mesma, se destrói, a resignação no sofrimento, que só aos fracos abate, porque aos fortes educa e aprimora.

Octávio Mangabeira



Octávio Mangabeira

RIO DE JANEIRO, 3 DE MAIO DE 1931

Exmo. amigo
Dr. Octávio Mangabeira

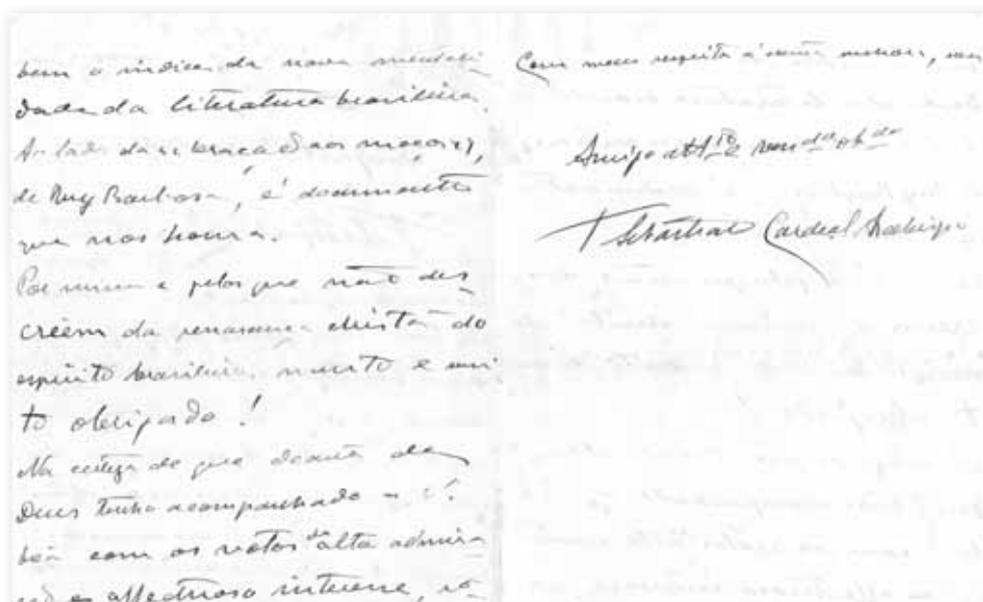
Muito agradeço o exemplar numerado de “*Christus imperat*” e a expressiva dedicatória com que tanto me penhorou V. Exa. Será preciso dizer-lhe que fiquei encantado com a leitura dessas páginas, tão cintilantes de espiritualidade? A opulência das idéias respondem à vivacidade das imagens e à fluência das expressões. Elevação de pensador e sensibilidade de artista. O autor tem alma e tem coração. “*Christus imperat*” é bem o indício da nova mentalidade da literatura brasileira. Ao lado da “Oração aos moços”, de Rui Barbosa, é documento que nos honra.

Por mim e pelos que não descreem na renascença cristã do espírito brasileiro, muito e muito obrigado!

Na certeza de que diante de Deus tenho acompanhado a V. Exa. com os votos de alta admiração e afetuosos interesse, rogo-lhe queira dispor sempre dos meus insignificantes préstimos.

Com meus respeitos à Exma. Senhora, seu
Amigo atento

Sebastião Cardeal Arcebispo



Sebastião
refere-se a Dom Sebastião Leme da Silveira Cintra, arcebispo do Rio de Janeiro.

BAHIA, 7 DE MAIO DE 1931

Mangabeira

Minha última carta, que agora confirmo, foi do dia 2 deste mês. Nela eu lhe dizia que ia pôr-me em campo para movimentar instituições e pessoas para que tivessem ao menos um movimento favorável a você. Não se cogita, não cogitei, da possibilidade de, daí, resultar um perdão para você ou a misericórdia, que ninguém quer, de permissão para que volte. Mas penso, que em cada manifestação de solidariedade, há consequentemente uma outra de prestígio e que cada uma delas será uma barreira às pretensões desses idiotas que querem só e só afastá-lo de seu país. E pois devemos levantar tais barreiras, que criam, por outro lado, maior prestígio para seu nome e fa-lo-ão mais conhecido.

Eis o que fiz. No mesmo dia 12 (isto já lhe disse) falei ao Marques dos Reis, sobre a possibilidade de se manifestarem a Faculdade de Direito e o Instituto dos Advogados. Deu todo o apoio ao que eu queria e autorizou-me a lhe transmitir que, quanto à Faculdade, ele mesmo patrocinaria a idéia e, quanto ao Instituto, obteria quem a lançasse e ele, como presidente, a abraçaria. Já eu tinha falado ao Almir Gordilho, presidente da Associação Comercial e, como notasse neste, apesar de boa vontade, o receio de que os diretores não estivessem de acordo, falei a ele, Marques dos Reis, que ficou de se entender com aquele. À noite fui ao Eutychio para expor-lhe o que estava fazendo e pedir o seu apoio. Obtido, com o mais vivo interesse, disse o que já havia feito e pedi que ele visse quem podia tomar a frente na Escola Politécnica e no Instituto Politécnico. Ele imediatamente ligou para o Licínio, dizendo para ir vê-lo no dia seguinte.

(Mas passei sem dizer o meu plano que já não me recordo se o expus em minha última carta. É o seguinte – fazer com que instituições dêem uma manifestação pública de solidariedade a você e, ao mesmo tempo, intelectuais e homens de ciência, de reconhecido prestígio escrevam artigos pela imprensa.)

Como consequência do que o Bahia falou com o Licínio, já a Escola Politécnica e o Instituto Politécnico se reuniram no dia 4 e indicaram o Licínio e o Arquimedes para agirem: ou em acordo com a Escola de

Marques dos Reis
refere-se a João Marques dos Reis, professor da Faculdade de Direito da Bahia e presidente do Instituto dos Advogados da Bahia.

Almir Gordilho
trata-se do pres. da Associação Comercial da Bahia (1930-1932).

Eutychio
refere-se a Eutychio Bahia, também referido como *Bahia*, foi médico e dep. est. (1925-1930). Era o representante político de Octávio Mangabeira na Bahia.

Licínio
refere-se a Licínio de Almeida, prof. da Escola Politécnica da Bahia, dep. est. (1925-1930).

Arquimedes
refere-se a Arquimedes Gonçalves, dir. da Escola Politécnica da Bahia (1922-1934).

Direito, ou isoladamente, fazendo, neste caso, aqueles dois, a moção que lhe será enviada de apoio e solidariedade. Já os jornais de anteontem e ontem noticiaram essa reunião.

Falei com Bahia para que ele falasse aos homens da Associação dos Varejistas e também com o Deraldo Dias, este para que agisse na Academia Baiana de Letras. Quanto a esta falei também com o Edgar Sanches, com o Arnaldo para que falasse ao Deraldo que está servindo no gabinete dele, e com o Rogério de Faria.

Mas estou aborrecido, porque esperava que a Associação Comercial em reunião da Diretoria, ontem, tomasse uma deliberação, mas não tomou. Aventou-se a idéia, teve simpatia geral, mas um diretor, que ainda não sei qual foi, observou que essa atitude podia trazer-lhes a antipatia do governo, de quem precisam, e que talvez tomasse esse gesto como manifestação política. Modos de ver... E (disse-me o Baleeiro) embora ficasse adiada a solução para a reunião da próxima quarta-feira, foi objeto de cogitação, um manifesto que será submetido à assinatura do comércio, que assim se manifestará, mas sem ser pelo seu órgão representativo. Não gostei. Fiquei mesmo aborrecido. Mas que fazer?

Deraldo Dias

refere-se a Deraldo Dias de Moraes, membro da ALB, prof. da Faculdade de Medicina da Bahia.

Edgar Sanches

refere-se a Edgar Ribeiro Sanches, prof. da Fac. de Dir., membro da ALB, foi dep. fed. pelo PSD de Juracy Magalhães (1933-1934).

Arnaldo

refere-se a Arnaldo Pimenta da Cunha, prof. de Salvador (1931-1932).

Rogério de Faria

trata-se do prof. da Faculdade de Direito da Bahia, foi sec. de Justiça no governo Octávio Mangabeira (1947-1951).

Baleeiro

refere-se a Jaime Baleeiro, dir. da ACB.



Rogério Gordilho de Faria



Jaime Baleeiro

Waldemiro
refere-se a Waldemiro de Oliveira, engenheiro civil e advogado, filho do des. Ponciano de Oliveira.

Ponciano
refere-se a Ponciano de Oliveira, prof. da Faculdade de Direito e des. do T J B.

A Tarde
trata-se do jornal fundado por Simões Filho em 1912.

Gonçalo
refere-se a Gonçalo Porto de Souza, advogado.

Odilon Santos
advogado, jurista, pertencente à Academia de Letras Jurídicas.

Francisquinho
refere-se a Francisco Mangabeira, filho de João Mangabeira.

Constança
refere-se à esposa de João Mangabeira.

Pinto de Carvalho
refere-se a Luiz Pinto de Carvalho, médico e poeta, um dos fundadores da ALB.

Mário Andréa
professor de Histologia da FAMEB.

Tapiranga
refere-se ao Mons. Elpidio Tapiranga. Eclesiástico e escritor. Cônego, depois monsenhor.

Ápio Silva
Eclesiástico e escritor; monsenhor.

Espero agora a Escola de Direito e a Associação dos Varejistas, esta a cargo do Bahia.

De referência aos artigos. Falei ao Waldemiro, que falou com o velho Ponciano. Escreveu este um artigo que está já em *A Tarde*, devendo sair publicado hoje ou amanhã, se não re-crearem a censura, pois está bem forte.

Pedi ao Gonçalo para falar ao Odilon Santos, em nome dele Gonçalo, como idéia sua. Ele falou, e o Odilon disse já se tinha lembrado disto, mas para fazer uma defesa. Não tinha porém elementos, pois não sabia quais as acusações. Que queria ao menos conhecer o manifesto do qual já lhe haviam falado. Fui às suas irmãs, disse que era necessário mandar o manifesto ao Odilon e lembrei mesmo que o Francisquinho podia levar-lhe ao escritório. Elas disseram que preferiam mandar Constança levar à casa do Odilon, o que creio fizeram.

Falei com o Bahia para obter uma pessoa que fosse falar ao Pinto de Carvalho. O Bahia ficou de falar ao Mário Andréa, muito amigo do Pinto.

Mas é preciso uma voz autorizada que fale da parte do clero. O Tapiranga não serve porque é conhecido como seu amigo. Lembrei-me do cônego Ápio Silva, o padre mais ilustre da Bahia. Mas como chegar até lá? Dizendo isso à suas irmãs, elas informaram-me que ele é muito amigo do



João Marques dos Reis



Archimedes Gonçalves



Pinto de Carvalho

Dagoberto Menezes, a quem procurei. Este deve estar com ele amanhã.

Preciso é lhe diga que procuro andar em tudo com o maior cuidado. Só falo a pessoas de confiança, e quando lanço mão de um terceiro, recomendo não haja referência a meu nome.

De referência a artigos, lembro-me de outras pessoas às quais só vagar e dependendo de terceiros, se poderá falar: Oscar Viana, Sabino Pereira, etc.

Esta que foi iniciada anteontem, só hoje, 9 de maio, pode ser continuada.

O cônego Ápio Silva comprometeu-se a escrever um artigo.

Depois de amanhã, segunda-feira, dia 11 haverá reunião do Instituto dos Advogados. No dia seguinte, talvez haja reunião da Congregação da Faculdade de Direito. Nesta, o Marques dos Reis tomará a iniciativa. Naquela, ele sugerirá a outro que a tome.

Devo dizer, desde já, que têm tomado muito interesse o Rogério e o Marques dos Reis. Não preciso lhe diga que o Eutychio, mais do que outro qualquer.

Quanto à Academia Baiana de Letras, está resolvido que apresentará a moção o Roberto Correia, e falará a respeito, aprovando-a, o Edgar Sanches.

Com estranheza, principalmente para o Waldemiro e para mim, até ontem *A Tarde* não publicou o artigo do Cons. Ponciano. Este, que foi a Serrinha, voltará hoje e, conforme as coisas, tomará o artigo que publicaremos no *Imparcial*.

Faço aqui um intervalo. Provavelmente terei mais que acrescentar antes de mandar esta para o correio.

(*Euvaldo Pinho*)

Dagoberto Menezes
trata-se do chefe do
Distrito Telegráfico.

Oscar Viana
refere-se a Oscar Viana,
advogado, redator do
jornal *A Tarde*.

Sabino Pereira
refere-se a José Sabino
Pereira Filho, advogado.

**Academia Baiana de
Letras**
fundada em 1917, por
Arlindo Fragozo.

Roberto Correia
trata-se de professor,
membro da ALB.

Imparcial
jornal matutino dirigido
por Mário Monteiro.

Euvaldo Pinho
refere-se a Euvaldo
Soares de Pinho, irmão
de Esther Mangabeira,
cunhado de Octávio
Mangabeira, um dos
principais informantes
de Mangabeira no Brasil
durante o exílio.

ROMA, 11 DE MAIO DE 1931

Meu caro Ministro

João Alberto

refere-se a João Alberto Lins de Barros, int. fed. em São Paulo (1930-1931).

Virgílinho

refere-se a Virgílio Alvim de Melo Franco, político mineiro e filho do min. das Relações Exteriores Afrânio de Melo Franco.

Rosas e

Facundo Quiroga

refere-se a Juan Manuel de Rosas e Juan Fecundo Quiroga, dois famosos caudilhos da Argentina. O primeiro, cognominado El Restaurador, unificou o território da Argentina; o segundo dominou o norte da Argentina por muitos anos.

Caudilhismo

chefes políticos locais que impõem o poder pela força do seu exercito privado.

Assis Brasil

refere-se a Joaquim Francisco de Assis Brasil; foi min. da Agricultura (1931-1932).

Tribunal dos 3

trata-se da Junta de Sanções, composta de três membros.

Luzardo

refere-se a João Batista Luzardo, chefe de polícia do Distrito Federal RJ, (1930-1932)

Whitaker

refere-se a José Maria Whitaker, banqueiro e min. da Fazenda (1930-1931).

Foi com grande alegria que recebi a sua carta. Não a respondi logo porque ando às voltas com um livro que estou escrevendo sobre a Itália. Poucas vezes tenho ido à embaixada e o tempo é pouco para estudar e contemplar esta Roma que eu amo profundamente. Cada vez mais me aprofundo na história deste velho país que me faz esquecer a cobiça dos homens e a ingratidão dos políticos. Trabalho. Só penso na situação do Brasil quando recebo os jornais; aí fico com a alma envenenada, sentindo com o coração angustiado a desgraça que nos domina atualmente.

Que deboche! Mas, tenho fé em Deus que este sonho mais que nos atormenta, há de passar. Dias melhores virão e justiça será feita aos homens de boa vontade. Aquilo lá no Brasil está uma balburdia terrível. São Paulo continua sendo o osso da questão. O João Alberto e o Virgílinho estão conferenciando sobre os destinos da pátria. Que comédia! O espírito cisplatino do Rio Grande do Sul continua influenciando no país. Estamos vivendo uma época retrógrada: Rosas e Facundo Quiroga. O caudilhismo, que o nosso grande Império combateu, acabou nos dominando através da política de fronteira interpretada pela mediocridade pecuária do Assis Brasil cuja cultura uruguaio-argentina tem transformado o nosso país em colônia mental do Rio da Prata. Pobre Brasil!

Li com grande prazer e entusiasmo um telegrama seu sobre o tal Tribunal dos 3. Meus parabéns. Também a imprensa esteve na altura. Os homens estão recuando e já não falam mais com aquele *aplomb* antigo. O entusiasmo popular esfriou e agora já se começa a racionar. Enquanto o ferro estava em brasa eles poderiam malhar, mas agora o ferro ficou frio e o trabalho não pode ser feito mais. Foram burros. O carnaval passou... e depois, meu caro Ministro esta gente não tem força moral e o povo começa a ver e a sentir a desgraça em que caiu. A volta vai ser muito séria. Já estão brigando entre eles. E o cambio frio e inexorável vai legendá-los. Com esta temperatura econômica não há governo que agüente. O pobre Luzardo, fôfo e gordo como uma jaca, continua sendo carcereiro e liberal, preocupado com os calções de banho em Copacabana! E o nosso Getúlio resolveu liquidar o cambio dando-lhe porradas formidáveis. Mas, o Whitaker, que aprendeu finanças nas nádegas do

Collor, acha que tudo está muito bem e que o país vai ser salvo!... Só pedindo misericórdia de tanta burrice! O Chanceler Fanico diante do levante dos batalhões policiais de S. Paulo encomendou aposentos na legação da Bolívia. Medroso e pulha como é, anda apavorado com uma nova revolução. O Collor, com aquelas pernas brancas e flácidas, de polaca, não quer conversa, está comendo com uma voracidade noturna de vira-latas. Aí está a República Nova. Espero que Deus tenha piedade de nossa terra e livre o nosso povo de tanta calamidade.

Eu, continuo segundo secretário, sem designação. Nada pedi, nada escrevi para o Brasil sobre um assunto. Gente ingênua essa que pensa que vou ficar esquecido aqui, num cargo que a política do Brasil reserva para os cretinos e invertebrados. Eu estou com muita paciência e só quero ver até onde vai a generosidade do Fanico que tem feito tudo para ver se eu me avacalho. Mas, eu continuo firme, calado, sem dar notícias minhas. Estou esperando a minha hora. Deus é grande e eu felizmente não nasci para segundo secretário. Estou com os meus amigos.

Ainda não mandei os seus volumes para o Brasil porque até agora ainda não encontrei uma só pessoa em viagem para nossa terra. Eles aqui estão bem guardadas à espera de oportunidade.

Meus respeitosos cumprimentos a D. Esther, a quem Elza muito se recomenda. Lembranças à Edyla.

Sempre seu amigo

Paulo (Silveira)



Octávio Mangabeira passeando com Paulo Silveira

Collor

refere-se a Lindolfo Leopoldo Boeckel Collor, ministro do Trabalho, Indústria e Comércio (1930-1932).

Chanceler Fanico

fanico significa: fragmento, migalha, pequeno pedaço. Referência depreciativa a Afrânio de Melo Franco, antes de 1930, funcionário do Ministério das Relações Exteriores.

Paulo

refere-se a Paulo Matias de Assis Silveira, diplomata, então no cargo de Segundo Oficial da Embaixada.

RIO DE JANEIRO, 15 DE MAIO DE 1931

Meu caro amigo,

Um saudoso abraço e votos pela felicidade dos que lhe são queridos. Após a carta que tanto prazer me causou, nem uma linha sua soube mais. Não importa. Você não sai da minha lembrança.

Tudo aqui vai no mesmo. Apenas o Bernardes se não deixou esmagar em Minas, e arregimentou o P.R.M. contra as investidas do F. Campos.

A ordem é inalterável e São Paulo entrou na paz do Senhor. Apenas o general Isidoro vai deixar a chefia da Região para o Góes Monteiro.

A crise horrível. A luz, que eu pagava 24\$000 por mês, está hoje, vivendo nós de luzes apagadas, a 32\$, que foi a conta de hoje! Tudo assim.

Imagino o que vocês estão aí sofrendo com este câmbio.

Anunciam-se novas demissões na magistratura. Eu, sem ganhar um real, passando verdadeiras privações. Se quisesse transigir, creio que já teria um posto, dadas minhas ligações de amizade com o Levi e com o Sá Freire. Mas, limito-me à A. Legislativa, posto gratuito que aceitei para não ser esmagado. Você compreende. Não há integridade de caráter que resista a sindicâncias num momento como este.

Vou promover uma palavra de afeto a você. Amanhã começarei a trabalhar. Mas serei o último a assinar. Depois de tentar várias redações para receber assinaturas, parei nesta, que, dizendo pouco diz tudo: - "A Octávio Mangabeira, neste amargurado momento de exílio, os seus patrícios enviam uma palavra de fé, de saudade e admiração".

Creio que assim conseguirei obter grande número de assinaturas.

Se aí alguém estranhar minha participação gratuita na Subcomissão de reforma penitenciária, você lembre que, tendo sido o delegado do Brasil em Praga, com auxílio do governo, eu não tinha o direito de recusar-me.

Meus respeitos para D. Esther e sua filha.

O amigo triste e saudoso

Lemos (Brito)

P.R.M.
trata-se do Partido
Repúblicano Mineiro
que tinha como objetivo
representar os ideias
repúblicanos e tradicio-
nais da elite agrária.

F. Campos
refere-se a Francisco
Campos, então min.
da Educação.

Isidoro
refere-se a Isidoro Dias
Lopes, chefe militar
da Rev. de 1932.

Lemos (Brito)
refere-se a José Gabriel
de Lemos Brito, advo-
gado e criminologista;
presidente do Cons.
Penitenciário do
Distrito Federal.

RIO, 16 DE MAIO DE 1931

Octávio

Em minhas mãos a carta vinda pelo Lago e a outra para Paulo. É um ótimo processo. Dele lançaram mãos os meninos, nos primeiros tempos.

Você só convêm falar depois de tudo encerrado. É possível que, com os últimos dados fornecidos nas duas cartas, o alto funcionário dê uma entrevista.

É esperar o primeiro momento, sem o forçar. Porque a entrevista do Mateus, e a carta do Gregório clarearam todos os outros pontos, que a entrevista da Noite, o artigo do Macedo e os tópicos do Correio e do Jornal não haviam esclarecido. Remeto-lhe os retalhos mais importantes dos jornais de hoje. Como verá, a Junta reuniu-se ontem. Não imagina o choque que tomei hoje com o telegrama do assassinato do Horácio. De todos os chefes sertanejos era o melhor. Era bom caráter e bom coração, não se tendo nunca maculado na perseguição dos vencidos, com os quais sempre foi generoso. Era esta galhardia e nobreza depois da vitória, que me fazia simpatizar com ele. Na política geral, nada houve de novo, nestes sete dias.

A corrente pela Constituinte avolumou-se. Já o Getúlio concorda em reuni-la a 24 de outubro do ano vindouro. É o que me dizem. Estou crente, porém, que ela se reunirá mais cedo. Ele mesmo a convocará para antes, diante da vontade da Nação que a reclama.

Adeus. Abraços a Esther, Edyla e você do irmão muito amigo

João (Mangabeira)

Paulo

refere-se a Manuel Paulo Teles de Matos, conhecido como Paulo Filho.

Gregório

refere-se a Gregório Pecegueiro funcionário do Itamaraty.

Horácio

refere-se a Horácio de Matos, destacado líder político do sertão, preso depois da Rev. de 1930; foi solto e, pouco depois assassinado, no largo 2 de julho, Salvador.

BAHIA, 16 DE MAIO DE 1931

Meu caríssimo dr. Octávio Mangabeira:
Cordiais visitas e afetuosos abraços.

Estava para lhe escrever de novo, independente de carta sua. Há dias passados lhe escrevi eu longa carta, que mandei pelo correio comum. Agora, e aproveitando os conselhos de Euvaldo, lhe escrevo de novo, por via postal aérea. Como mandei dizer-lhe na carta anterior, vaciei muito em lhe escrever, pois estava na ignorância dos seus sentimentos a meu respeito. De Conquista, onde fui, como sabe, residir por necessidade de obter os meios de vida, lhe escrevi várias cartas para o Rio, as quais ficaram sem resposta. Daqui da Bahia, onde vim a negócio de advocacia e onde fui surpreendido, primeiro pela revolução e depois, pela vitória dela, ao saber da sua situação, no Rio, lhe mandei dois cabogramas, um antes de sua prisão e outro, depois dela. Ambos despachos ficaram sem resposta e o Eutychio aqui me declarou que o meu caro amigo havia respondido a todos que se tinham consigo correspondido, na emergência, e que eram considerados amigos. Fiquei, como era natural, entristecido. Mas entendi de vencer meus justos escrúpulos a dirigi-lhe a carta anterior, que presumo, a estas horas já lhe ter chegado às mãos. Conforme lhe comuniquei na carta anterior, estou de novo dirigindo *O Imparcial*. Dele retirei-me, a contra gosto, em novembro de 1927. O calmonismo tomou conta dele, para o levar à falência. Com alheios capitais, arrematei-o em leilão judicial, na falência. Fundei uma sociedade anônima, para lhe explorar a publicação. O maior interessado nisto, financeiramente, é o Álvaro Catarino, seu conhecido. Arrematado o jornal, aparelhei-o materialmente para a circulação. O prédio em que está instalado, também adquirido, foi reconstruído.



Álvaro Catarino

Euvaldo
refere-se a Euvaldo
Pinho, advogado,
escrivão; cunhado de
Octávio Mangabeira;
superintendente da S.A.
Agrícola de Una.

calmonismo
trata-se dos correli-
gionários políticos de
Miguel Calmon Du Pin e
Almeida.

Álvaro Catarino
refere-se a Álvaro
Martins Catarino, alto
comerciante, proprietário
do jornal *O Imparcial*.

Somos hoje o jornal melhor instalado na Bahia, mesmo levando em conta *A Tarde*, com o arranha-céu. Como não podia deixar de ser, posto o jornal em circulação, e sem embargo dos precedentes da falência, já conquistamos a liderança no jornalismo baiano. Somos a folha de opinião da Bahia. Já nossa circulação excede a dos concorrentes. Já obtivemos a preferência pública e afeioamos já o jornal no conceito honroso de todos. Isso mesmo certo lhe dirão os outros amigos seus daqui. A receita da folha ultrapassa as necessidades das despesas de sua manutenção. Procuo consolidar essa situação. Contudo, devo dizer-lhe que o jornal não é meu. Ainda não pude ver realizada essa ambição. Provavelmente, não a verei nunca assim. Trouxe para trabalhar comigo o José Rabelo, seu amigo também. E fora daí, recompus o corpo redacional, de preferência com os elementos que me acompanharam na crise de 1927. São, pois, todos amigos seus, obedientes aos pontos de vistas do companheiro mais velho.

Politicamente, isso aqui vai mal. O governo estadual está muito debilitado. Os tenentes do Exército, em geral, sergipanos, cearenses, pernambucanos, paraibanos e sul rio grandenses são os que mandam. Situação verdadeiramente asfíxiante. Estou em boas relações com o Neiva, interventor, com quem me avisto diariamente. Ele me declarou, apoiado pelo filho, que é rapaz hábil, ser seu admirador e, na campanha que estou fazendo, a seu respeito, se pôs à minha disposição para aquilo que eu visse lhe pudesse ser útil. Mantenho contato com ele e estudo

um meio de pôr em prática o oferecimento dele, isto em combinação com o Euvaldo.

Diariamente, edito uma nota, ou um artigo, a seu propósito, visando coordenar a opinião pública da Bahia junto à Junta de Sanções. Já escrevi dois artigos assinados. A troco de escrever oportunamente sobre o Simões Filho, em defesa dele, obtive que o Wenceslau Galo escrevesse na *A Tarde* também a



Wenceslau Galo

José Rabelo
trata-se do advogado
e redator do jornal
O Imparcial.

Neiva
refere-se a Artur Neiva,
médico e interventor da
Bahia (1931)

filho
refere-se a Artur Hehl
Neiva, engenheiro,
Secretário de Agricultura
em SP (1930), secretário
da Interventoria da
Bahia (1931).

Wenceslau Galo
jornalista e político.

Luís Viana Filho
trata-se de jornalista e
político, filho do ex gov.
Luís Viana.

Prado Valadares
refere-se a Antônio
do Prado Valadares,
professor da Faculdade
de medicina.

Oscar Viana
trata-se do redator do
jornal *A Tarde*.

Geraldo Rocha
refere-se a Antônio
Geraldo Rocha Filho,
engenheiro e jornalista,
proprietário do jornal
A Noite.

Carlos Spínola
jornalista.

Estado de São Paulo
jornal pertencente a Júlio
de Mesquita.

Eutychio
refere-se a Eutychio
da Paz Bahia, político,
representante político de
Mangabeira na Bahia.

Bernardino
refere-se a Bernardino
José de Souza, então
secretário do Interior e
Justiça da Bahia.

seu respeito. Pedi igualmente a Luís Viana Filho que escrevesse algo. Eles escreveram naquele jornal. Agora pedi ao Prado Valadares e ao Oscar Viana. O José Rabelo também tem escrito, e aliás, ele foi o primeiro a fazê-lo, sobre a sua pessoa. Um ou dois tópicos são diariamente editados aqui, no *Imparcial*, a seu propósito. Todas essas publicações são por mim enviadas para os jornais do Rio, que as reeditam. Sou correspondente telegráfico da *Noite*, do Geraldo Rocha, do famoso Geraldo. O Carlos Spínola também manda o conteúdo do que aqui se tem publicado para o *Jornal do Comércio* e para o *Estado de São Paulo*. Enfim, esse trabalho de imprensa, seu conhecido, está sendo feito, com carinho e inteligência aqui, com reflexo no Rio. De alguma sorte isso ou diminui os ímpetos da tal Junta a seu respeito, ou lhe tira a autoridade para maiores perseguições. Penso eu. Presentemente, o José Rabelo foi para o interior do Estado, onde vai demorar mais uns 30 dias. Ele está em péssimas condições de finanças. Como eu, aliás, posto que as aparências façam presumir o contrário. Estive em casa de suas dignas irmãs, onde li todo o seu manifesto. Por mim eu o publicava no *Imparcial*, embora depois houvesse o diabo. Sua popularidade aqui está mantida, com uma ou outra discrepância de amigos sem sentimentos profundos. Nas rodas mais elevadas, mesmo de pessoas indiferentes, ou que nunca tiveram consigo maior aproximação, o seu prestígio, com o exílio, se ampliou. É o que depreendo das felicitações que recebo a propósito do que edito sobre a sua pessoa. Estou em contato diário com o Euvaldo. Fujo de entender-me com o dr. Eutychio, que já me fez uma, de sucia com aqueles rapazes que aqui acolhi, com carinho e boa fé, e eu não “consinto” que me faça outra. Certa feita, ele veio conversar comigo a respeito de Rabelo, de quem não gosta, e sobre o que eu estava publicando sobre o meu amigo. Disse-lhe eu que nesse negócio não queria política. Era seu amigo, com ou sem política, mas sempre sem intermediários. Era-o diretamente e há 18 anos. O caso é que, quem comigo se está entendendo é o Euvaldo, e eu prefiro assim. Combinamos o que devemos fazer e fazemos. Estamos promovendo umas moções da Associação de Imprensa e da Associação Comercial.

Isto aqui vai mal. Há dois dias mataram um tenente revolucionário desatinado, no saguão do palácio Rio Branco. Quem matou foi o sentinela do palácio, pois o homenzinho queria invadir a Secretaria do Interior, de armas em punho, para matar o Bernardino. Ontem, às oito

horas da noite, mataram o Horácio de Matos, no Largo 2 de Julho. Quem o matou foi um guarda civil. Desconfio que foi a mando de revolucionários. A insegurança é completa. Só os tenentes se sentem garantidos. O resto... Inclusive o próprio interventor e os respectivos secretários. Vamos malissimamente. Vivemos horas amargas de tristeza e humilhações sem par. A Bahia nunca atravessou período igual de humilhações. As posições de destaque estão sendo exercidas por filhos de outros estados, notadamente por sergipanos, paraibanos, e sul rio grandenses. Que nos estará aguardando ainda? Entretanto, pelo Edmundo Oliveira, diretor da Aero-postale soube, ainda hoje, que a situação no sul, no Rio, de onde ele acaba de chegar, tende a se consolidar. Não admite mudança nenhuma. E, entretanto, isso devia mudar, mesmo dentro do ponto de vista revolucionário. Penso que ainda é cedo para o seu regresso, para aqui, ainda que haja permissão sincera. Porque nada está seguro e a sua popularidade e o seu prestígio podem sofrer colapso, neste momento de balburdia e de geral indisciplina. Adeus. Manda-me suas ordens. Veja em que lhe pode ser útil aqui o amigo velho. Manda-me alvitres e sugestões, que me haja escapado, ou com as quais eu não haja atinado. Disponha de mim onde, quando e como quiser.

Veja em que a minha pena, o meu jornal, ou a minha própria pessoa pode ter utilidade, e ordene.

Receba um grande e afetuoso abraço do amigo ex-corde.



Horácio de Matos

Horácio de Matos
refere-se ao líder
político da região de
Lavras Diamantina.

Mário Monteiro

Mário Monteiro
diretor e redator de
O Imparcial (1931-1932).

PEQUIM, 27 DE MAIO DE 1931

Meu caro Sr. Ministro,

Espero que V. Exa. tenha recebido as minhas duas ultimas cartas. O
Ciro, que sempre me escreve, fez-me saber, há dias, que V. Exa. havia
tomado um apartamento na avenida de Messine N.I. Acredito, porem,
que ele se tivesse querido referir à rua de Messine, onde conheço, com
efeito, uma casa de apartamentos. Na dúvida, portanto, continuo a diri-
gir a minha correspondência para o *Crédit Foncier*.

Lendo, hoje, o livro de José Carlos Macedo Soares, sobre o “*Brasil
e a Sociedade das Nações*” – livro de censura, como V. Exa. sabe, ao
Bernardes pela atitude do Brasil perante a S.D.N., em 1926 – deparei
com o seguinte trecho, que não quero demorar-me em levar ao conhe-
cimento de V. Exa.: –

“... se a Sociedade das Nações tem evitado, com exagerados escrú-
pulos, apreciar a situação política interna dos países que se propõe
aos seus cargos eletivos, não é menos certo que a opinião mundial
começa a se inquietar com a sorte de conquistas indeclináveis da ci-
vilização humana, em certos países submetidos a governos de violên-
cia. O Brasil não desceu evidentemente ao nível da Turquia, com seu
Tribunal da Independência. Mas os últimos quatro anos de sua vida
política etc. etc.”

Esse Tribunal da Independência – espécie do nosso Tribunal Espe-
cial, ou da posterior Junta de Sanções – fora uma instituição criada
pelo Mustafá Kamal Pacha para desembarcar-se dos seus adversários
políticos. Lembrar-se-á ainda o Macedo Soares, hoje Embaixador da
República Nova em Bruxelas, desse seu conceito, publicado há quatro
anos? O irmão, ao que me dizem, publicou um artigo sensacional, a
respeito da pronuncia de V. Exa. pela tal junta.

Em minha penúltima carta, referi-me, de passagem, ao Maurício e
à missão de confiança que lhe havia confiado o Governo provisório.
Vi, no “*Jornal do Comércio*”, a confirmação de que ele havia sido en-
carregado da reorganização dos Correios e Telégrafos. Como V. Exa.
sabe, não lhe faltam qualidades para isso. Mas eu teria, francamente,
preferido que o Maurício tivesse declinado a missão, por mais honro-

Ciro
refere-se a Ciro de
Freitas Vale, diplomata.

Crédit Foncier
trata-se do Banco Crédit
Foncier du Brésil, dirigi-
do por Antonio Eugênio
Richard Junior.

José Carlos
Macedo Soares
advogado, político e
professor, ex-presidente
da Associação Comercial
de São Paulo.

Bernardes
refere-se a Artur da Silva
Bernardes, ex-presidente
da República
(1922-1926)

S. D. N.
trata-se da Sociedade
das Nações.

Mustafá
Kamal Pacha
foi fundador da
República da Turquia e
seu primeiro presidente.

O irmão
refere-se a José Eduardo
de Macedo Soares,
proprietário do jornal
Diário Carioca.

Maurício
refere-se a Maurício
Nabuco, funcionário
do MRE.

sa que fosse. O convite a ele feito coincidiu, quase dia por dia, com a atitude da Junta de Sanção em relação a V. Exa. Ora, a Junta, composta de três Ministros de Estado, é a mesma coisa que o governo. Teria sido mais bonito, se o Maurício, sob qualquer pretexto, houvesse declinado o convite. Ele foi, afinal de conta, dos colaboradores de V. Exa., aquele a quem, aliás, muito merecidamente, V. Exa. dispensou sempre maior consideração.

A Legação recebeu aqui, há dias, a circular do Cavalcante de Lacerda, comunicando que havia tomado posse do cargo de Secretário Geral. Era o cargo que estava reservado para o Dantas, na hipótese do Bernardes aceitar a Embaixada em Paris. Quero dizer que essa hipótese está afastada. O Dantas, por conseguinte, que havia perdido mais de seis quilos com essa história, deve estar mais tranqüilo.

A propósito, ele tem procurado V. Exa.? sei que o Mario Pimentel Brandão visitou V. Exa. mais de uma vez. Mas o Dantas, até janeiro findo, não havia visitado o Presidente Washington Luís. Tenho a impressão de que ele se sente espionado na Embaixada. Vendo a sua posição em Paris, desde o principio da revolução, pouco segura, receia tudo e todos. Aliás, se o pobre do Dantas perdesse a Embaixada em Paris, isso seria para ele um desastre muito maior do que se supõe, por causa das críticas condições financeiras em que se encontra. Digo isso somente a V. Exa., mas é a expressão da verdade.

Recebi, hoje, jornais de Paris até 12 de maio. Na forma do costume, não trouxeram nenhuma notícia do Brasil. Mas, por outro lado, deram um telegrama de Buenos Aires, com a noticia de que o Governo argentino havia resolvido convocar o eleitorado a 8 de novembro deste ano, para eleger o Senado e a Câmara. V. Exa. verá que o Brasil será o ultimo país da América do Sul a volver ao regime normal. Não volverá, em todo caso, enquanto os seus negócios forem dirigidos por Getúlio ou Osvaldo Aranha, que são homens dignos de, no máximo, governarem o Paraguai. Continuo pessimista em relação ao Brasil.

Nos últimos jornais chegados do Brasil, li uma quantidade de notas sobre a convocação de comissões legislativas de toda espécie. As mesmas são compostas de gente a mais variada. O próprio Trajano Medeiros do Paço faz parte de uma das comissões! Mas, sem um cérebro coordenador, não se poderá chegar a resultado algum. Por conseguinte, V.

Mario Pimentel
Brandão
refere-se ao encarregado
de negócios em Paris.

Osvaldo Aranha
refere-se a Osvaldo
Aranha; assumiu a pasta
da Fazenda (1931).

Trajano Medeiros
do Paço
jurista e diplomata.

Flores da Cunha
refere-se a José Antônio
Flores da Cunha,
interventor no Rio
Grande do Sul.

P. Leão Veloso
refere-se a Pedro Leão
Veloso Neto, diplomata.

Exa. verá que a reforma constitucional e legislativa, que resultar desta revolução, terá toda ela, mais tarde, que ser revista. Li umas declarações do Flores da Cunha, que me aterraram, sobre a substituição do Senado por Conselhos técnicos. Ora, conselhos técnicos num país – como acontece, alias, nos países novos – onde o que mais falta justamente é a capacidade técnica e onde, rigorosamente, devíamos contratar, no velho mundo, um técnico para cada coisa.

Minha mulher muito se recomenda a V. Exa. e à madame Mangabeira, a quem apresento respeitosa homenagem. Muitas lembranças à Edyla e aceite, Sr. Ministro, os protestos do mais profundo respeito de quem é

De Vossa Excelência amigo grato e menor criado

P. Leão Veloso

que são homens dignos de, no maximo, governarem o Paraguay. Continuo pessimista em relação ao Brasil.

Nos ultimos jornaes chegados do Brasil, li uma quantidade de notas sobre a convocação de commissões legislativas de de toda especie. As mesmas são compostas da gente a mais variada. O proprio Trajano Medeiros do Paço faz parte de uma das commissões! Mas, sem um cerebro coordenador, não se poderá chegar a resultado algum. Por conseguinte, v. Ex. verá que a reforma constitucional e legislativa que resultar d'esta revolução, terá toda ella, mais tarde, que ser revista. Li umas declarações do Flores da Cunha, que me aterraram, sobre a substituição do Senado por conselhos technicos. Ora, conselhos technicos num paiz - como acontece, aliás, nos paizes novos - onde o que mais falta justamente é a capacidade technica e onde, rigorosamente, devíamos contratar, no velho mundo, um technico para cada coisa.

Minha mulher muito se recommenda a v. Ex. e á Mme Mangabeira, a quem apresento respeitosa homenagem. Muitas lembranças á Edila e aceite, Sr. Ministro, os protestos do mais profundo respeito com que

De Vossa Excellencia

amigo grato e menor criado
P. Leão Veloso

RIO DE JANEIRO, 28 DE MAIO DE 1931

Meu querido e nobre amigo
Dr. Octávio Mangabeira

Guardo bem viva a lembrança da impressão que me fizeram suas palavras ouvidas na noite de 23 de outubro, que qual um raio de luz na caliginosa situação que estávamos atravessando, descuidosos e tranqüilos, adormecidos numa confiança que hoje se não explica.

Os acontecimentos não pediram muitas horas para lhes justificar as previsões – poucos dias bastaram para que as excedessem.

De fato: na manhã seguinte estava vitoriosa a revolução e passado alguns dias se transformava em conquista, com a criação da Junta e a entrega do País à horda que desembarcou do Rio Grande, trazendo uma mentalidade nova e desconhecida, tão diferente da nossa que nos dá a impressão de haveremos caído sob o jugo do chinês ou do turco.

Assim devia ter sentido o mundo romano pela invasão dos bárbaros.

Estamos embaixo do domínio gaúcho; não são brasileiros que nos governam: ao contrário, é gente que mais se distancia de nós do que nos distanciamos nós dos povos cultos da América e da Europa e que traz como, programa, além da exploração material do País, a destruição sistêmica de sua grandeza moral, dos homens e das coisas que constituíam o orgulho da sua civilização.

Que vai surgir de tudo isso? Só Deus sabe.

Li, em mãos de *Fontes*, as suas três nobilíssimas e brilhantes cartas, que nos hão de redimir, perante o futuro, das transigências, fraquezas e covardias que no presente estão facilitando a fúria dominadora dos invasores.

Muito e muito agradecido pelo conforto que me trouxe seu cartão de 25 do mês passado.

Nossas visitas à sua Exma. Senhora.

Com um abraço, creia-me sempre seu

Grande admirador e amigo muito sincero

A. Pires e Albuquerque

Fontes

refere-se a Paulo Martins Fontes, juiz federal aposentado compulsoriamente.

A. Pires e Albuquerque

refere-se a Antonio Joaquim Pires de Carvalho e Albuquerque, min. do Supremo Tribunal Federal aposentado compulsoriamente pela Revolução de 1930.

TÓQUIO, 29 DE MAIO DE 1931

Senhor Ministro e querido amigo:

Pelo Veloso soube que a tal Junta de Sanção, ou antes, o Osvaldo Aranha já consumou sua vingança contra V. Exa., por não ter aderido à candidatura Getúlio e ter comunicado às nossas missões a vitória do Prestes, exilando-o por dez anos!! Os pretextos parece que foram a repatriação do Osvaldo Costa e as requisições de passagens para estranhos ao Itamaraty, tudo num total de menos de 400 contos; quem, entretanto, julgará o Aranha pela entrega de 3 mil contos, dinheiro do Estado do Rio Grande, ao Luiz Carlos Prestes, para organizar a revolução? Acaso o Getúlio, como Ministro de Fazenda, não fez emprego indevido dos dinheiros públicos, entre outras coisas, ao dar pingues gratificações aos seus auxiliares de gabinete?

Qual, Senhor Ministro, com atos dessa ordem, que revelam apenas o sentimento de inveja da glória que, com o seu talento e dedicação ao país, V. Exa. soube conquistar, vejo com tristeza que o Brasil terá de enveredar pelo caminho das contra-revoluções! Não é possível que o povo assista impassível as perseguições mesquinhas daqueles que, um golpe de audácia e a bonacheirice dos nossos generais, transformaram-se em todo poderosos, contra as personalidades de maior valor da atualidade, a quem ontem bajulavam e incensavam, as demissões em massa de chefes de família, atirados à miséria da noite para o dia! E tudo isso devido à vaidade e ambição de uns e ao capricho e a casmurrice de um outro! Se ao menos essa revolução, ao invés de ser uma briga de compadres, tivesse uma bandeira, fosse por um verdadeiro ideal, como a nossa por exemplo!

Se algum dia V. Exa. ou Dr. João acharem que ao meus pequenos préstimos poderão ser-lhes de utilidade, em qualquer emergência, estejam certos de que estarei sempre pronto a servi-los, com toda a dedicação, tudo fazendo para corresponder à confiança que em mim depositaram.

Rogo-lhe, Senhor Ministro, que transmita nossas saudades a D. Esther e à Edyla, e que aceite um afetuoso abraço do amigo certo

J.B. de Berenguer César

Veloso
refere-se a Pedro Leão Veloso Neto, diplomata.

Prestes
refere-se a Júlio Prestes de Albuquerque, residente eleito e não empossado pela Rev. de 1930.

Luiz Carlos Prestes
juntamente com Miguel Costa, foi um dos líderes da chamada Coluna Prestes, composta por tenentes, que percorreu o Brasil de Sul a Norte. Posteriormente se tornaria um dos líderes comunista do Brasil.

pingues
sinônimo de gordas, abundantes, lucrativas.

João
refere-se a João Mangabeira.

J.B. de Berenguer César
refere-se a Jacome Baggi de Berenguer Cesar; foi auxiliar de gabinete do ministro Octávio Mangabeira (1926-1930).

RIO DE JANEIRO, 30 DE MAIO DE 1931

Meu querido, meu grande amigo

Esta carta está para ser escrita há mais de dois meses. Eu tinha feito o propósito de responder-lhe no dia imediato àquele em que recebi a sua única, anda já por aquele tempo.

Mas sobrevieram certos acontecimentos, e atrás desses outros, que me levaram de adiamento a adiamento, pelo simples desejo de pô-lo a par de muita coisa. Primeiro, a orientação que seguiria a Junta de Sanções, depois outros fatos, que agora culminam pela demissão do general Isidoro Dias Lopes de todos os postos que a República Nova – nos processos mais velha que a República Velha, e sobretudo nas vinditas – lhe entrega, inclusive o de General do Exército.

Quero, contudo, falar-lhe, desde logo, do caso da entrevista publicada no *A Noite*. É exato que não conversamos, a bordo, como se o estivéssemos fazendo para a imprensa. É exato também que eu não o prevenira de que iria publicar o que de si ouvi. Também é exato que não tive, de início, esse objetivo. Todavia, tudo quanto me disse podia ser publicado e era natural que o fosse.

Regressando à terra, conversei com alguns amigos sobre o que lhe ouvira. Consideramos o que a seu respeito se dissera. Nasceu daí a idéia de redigir tudo isso e publicar, como o fiz, no *A Noite*. Possivelmente, haveria na publicação algumas frases menos de acordo com a sua maneira de dizer. Talvez a parte referente ao Dr. Washington. Talvez uma ou outra acerca do Dr. Getúlio. Mas na essência, o que saiu não estava longe do que lhe ouvi.

Produziu a publicação má impressão? Em absoluto. Todos os seus mais íntimos amigos, mas todos, sem a exceção de um só, me felicitaram no dia imediato. Mais: o Dr. João Mangabeira disse-me: Você devia ter dado aquilo ao “*Correio da Manhã*”. No “*Correio da Manhã*” é que devia ter saído.

Os que lhe mandaram dizer o contrário, pelo menos, não foram sinceros.

Não me magoou, entretanto, o que a esse respeito me diz em sua carta. Magoou-me uma suspeita de que a minha lealdade e a amizade que sempre lhe tive jamais justificaria: a de que estava certo de que fizera mal e, tanto assim era, que não lhe enviara, entre os recortes de jornal, esse!

Junta de Sanções
trata-se do órgão da
Justiça revolucionário de
1930, criada para substi-
tuir o Tribunal Especial.

Jornal do Comércio
trata-se de jornal
fiel apoiador do
governo Vargas.

Góes Monteiro
refere-se a Pedro Aurélio
de Góes Monteiro, Co-
mandante da 2ª Região
Militar (1931-1932)

Oswaldo
refere-se a Oswaldo Eu-
clides de Sousa Aranha,
min. da Justiça e Negó-
cios Interiores.

Plínio
refere-se a Plínio de
Castro Casado, Interven-
tor fed. no Rio de Janeiro
(1930-1931)

Pereira Lima
refere-se a Antônio
Pereira Lima participou
em 1931 da fundação da
Liga de Defesa Paulista e
da Frente Única Paulista.

Agenor de Roure
refere-se a Agenor
Lafayette de Roure,
foi presidente do Tribunal
de Contas da União
(1931-1933)

**Virgílio de
Melo Franco**
refere-se a Virgílio Alvin
de Melo Franco.
Rev. de 1930.

Barcelos (Cristóvão)
refere-se a Cristóvão
de Castro Barcelos era
comandante da Escola de
Estado Maior do Exército.

**João de Deus
Mena Barreto**
refere-se ao Inspetor
do 1º Grupamento de
Regiões Militares e Inter-
venor Federal no Rio
de Janeiro.

Macedo Soares
refere-se a José Eduardo
de Macedo Soares
proprietário do jornal
Diário Carioca.

Perdoe que lhe diga que a sua observação não está certa. Os recortes de jornais, embora mandados organizar por mim, não são feitos por mim. Mas eu recomendei que lh'ó mandassem, como também a resposta do "*Jornal do Comércio*". Este, pelo menos, eu me certifiquei de haver sido remetida. Via-a na ocasião em que se preparava a remessa.

Como, pois, esconder aquele recorte e remeter este?

Estou certo de que compreenderá a minha atitude no caso. Aquilo de que me acusa nunca o pratiquei contra quem quer que fosse. Não o praticaria. Menos com meu grande amigo, a quem me habituei a estimar, e mais do que isso, a respeitar com o respeito que nem todos os filhos devotam a seus Pais.

Está acabado e vou falar-lhe do que vai por aqui.

A confusão é absoluta. O Getúlio é o presidente apenas no nome. Governam-no os membros de um grupo relativamente pequeno, em que predominam os tenentes e os capitães. Há ainda um general: o Góes Monteiro. O Oswaldo, que não se sabe quando fala a verdade, está com eles.

Todos os casos são resolvidos de acordo com os desejos dessa gente. A substituição do Plínio, cassado na interventoria fluminense, levou cerca de dois meses para ser resolvida. Convidaram, sucessivamente, para ocupar o cargo – Pereira Lima (que foi Ministro da Agricultura). Agenor de Roure, Virgílio de Melo Franco e Fernando Magalhães. Os tenentes vetaram um a um. O coronel Barcelos (Cristóvão), a certa altura, candidatou-se.

Foi o diabo para tirá-lo do caminho. Então que haviam de fazer? Lembraram-se de um general: o João de Deus Mena Barreto. Convidaram-no. O homem aceitou. Coronel não se revolta contra general e parece que o homem toma posse daqui por dois dias. Mas os convites que fez para seus auxiliares estão sendo recusados, alguns deles.

O Macedo Soares, que andou mexendo tudo isso, e que aceita bem, no primeiro momento, a solução, já esta madrugada se mostrava furioso. O general não aproveitou nenhum dos correligionários do Macedo e isso exaspera-o.

Vamos a outro caso: o de São Paulo. Este é o mais grave. Os democráticos, como deve saber, governam ali 40 dias. Fizeram o gabinete dos 40 dias e aparte certas perseguições, que o momento de agitação desculpa,

administram com clarividência. Logo em seguida veio uma crise, e eles deixaram os postos, continuando, entretanto, a apoiar a interventoria do tenente João Alberto.

O Getúlio declarara-lhes que o tenente sairia logo. Não saiu, botou na polícia, como Secretário da Segurança Pública, o Miguel Costa, que agora é General de Exército (efetivo, repare bem), e plantou-se no poder até hoje. Tem sido um verdadeiro macaco em loja de louça, levantando contra si a população inteira. É comunista, chamou uma porção de gente comunista para junto dele e fortaleceu-se.

Os democráticos, a certa altura, romperam e foi um momento de pânico. Mais de cento e vinte prefeitos pediram demissão e uns cinquenta delegados de polícia do interior do estado. O governo da República chegou a movimentar-se e houve um instante em que a toda gente pareceu que o tenente sairia. Falou-se, e chegou a haver negociações para a formação da frente única paulista. Os perrepistas davam-se as mãos com os democráticos e a divisa era esta: Tudo por São Paulo.

Mas o Silvio de Campos e o Ataliba Leonel não entraram na combinação e começaram indicando gente sua para os postos. O tenente chamou mais comunistas, uns quarenta tenentes e capitães e recompôs tudo.

O fermento passou desde então a agitar mais o ambiente. As senhoras paulistas, e que São Paulo tem de mais notável, assinaram um manifesto contra o tenente – 1.800 senhoras! – e as associações de classe, sobretudo de intelectuais, entraram em agitar-se também. Os estudantes, como sempre, tomam partido, fizeram greves.

A esperança, por ultimo, já estava no Isidoro, que era o chefe da Região. Fizeram-lhe manifestações populares e afinal, um dia, rebentou um movimento por parte da Força Pública, a que não era estranho o Isidoro. Mas, na hora, os chefes não apareceram, o Isidoro tinha-se ausentado da Capital, e os próprios oficiais da Força foram presos.

Instaurou-se inquérito e encontrou-se comprometido o velho comandante da milícia, coronel Joviano Brandão, que, sendo convidado para depor, declarou que somente o fazia em face do Isidoro. Não se fez esse depoimento. Mas apurou-se a responsabilidade do Isidoro e de outros oficiais do Exército, que foram.

O Ministro da Guerra mandou, em ofício reservado, dizer estas coisas ao Isidoro, ao mesmo tempo que lhe comunicava aquelas transfe-

João Alberto
refere-se a João Alberto Lins de Barros, interv. fed. em São Paulo (1930-1931).

Miguel Costa
refere-se a Miguel Alberto Crispim Costa Rodrigues, Rev. de 1930; comandante da força pública e sec. de segurança de São Paulo.

Silvio de Campos
ligado ao PRP e filho de Bernardino José de Campos Júnior ex-governador de São Paulo (1902-1904).

Ataliba Leonel
dep. fed. (1926-1930); opositor ferrenho do Mov. Rev. de 1930; foi um dos fundadores da Frente Única Paulista, em fev. de 1932. Após a Rev. constitucionalista de S. Paulo, foi preso e exilado em Portugal.

Joviano Brandão
refere-se ao então comandante da Força Pública de São Paulo.

Moniz Sodré

refere-se a Antônio Moniz Sodré de Aragão, advogado, político e jornalista.

Pinheiro Machado

refere-se a José Gomes Pinheiro Machado, senador pelo Rio Grande (1890-1915).

Bernardes

refere-se ao ex-presidente Artur da Silva Bernardes (1922-1926)

Mário Brant

refere-se a Augusto Mário Caldeira Brant, pres. do Banco do Brasil (1930-1931)

Djalma Pinheiro Chagas

ligado politicamente a Artur Bernardes, era vinculado ao clube 3 de outubro e funcionário do Banco Português do Brasil.

Olegário Maciel

refere-se a Olegário Dias Maciel permaneceu governador em Minas Gerais (1930-1933)

Chico de Campos

refere-se a Francisco Luís da Silva Campos, min. da Educação e Saúde Pública (1930-1932).

Ribeiro Junqueira

refere-se a José Monteiro Ribeiro Junqueira, sec. de Agricultura de Minas Gerais (1931-1932).

Antônio Carlos

Antônio Carlos Ribeiro de Andrada, político mineiro de grande prestígio.

Wenceslau

Wenceslau Braz Pereira Gomes, ex-presidente da República (1914-1918).

Teodomiro

Teodomiro Carneiro Santiago era cunhado de Wenceslau.

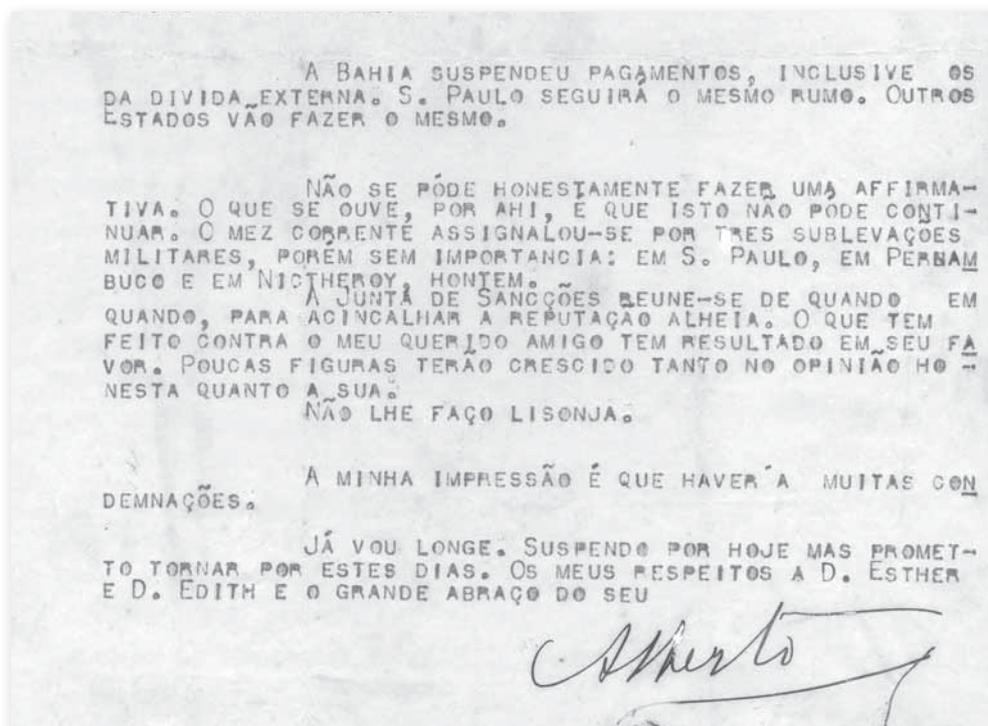
rências. A notícia que aqui correu dizia que o Isidoro seria demitido até do Exército. Ele soube disso e pediu demissão do Comando da Região e do posto de general. Envio-lhe as declarações do demissionário, e digolhe que não conheço, em tempo nenhum, documento em que se revele mais amargura.

É preciso não esquecer que Isidoro era a maior expressão revolucionária do exercito!

Que representa isso, para concluir esta notícia? O triunfo absoluto dos tenentes.

A mesma coisa no Norte. Ai o domínio é do Juarez Távora. Os interventores obedecem-lhe cegamente. Apenas houve o caso honrosissimo da Bahia. O Moniz Sodré fez, por essa ocasião, bonito.

Em Minas, a política dividiu-se. O velho processo gaúcho, de Pinheiro Machado, dividir para governar, entrou de novo em cena. De um lado Bernardes, Mário Brant, Alaor, Djalma Pinheiro Chagas, Eduardo Amaral e mais um outro da comissão executiva, creio que o padre Pio. Do outro – Olegário Maciel, velho decrépito, presidente do estado, Chico de Campos, os secretários do governo, inclusive o Ribeiro Junqueira, Antônio Carlos e Wenceslau com Teodomiro.



A opinião pública inclina-se para Bernardes, apesar de tudo. Fala-se em acordo. Não creio. O lema é dividir para governar, e tudo isso foi incitado por Getúlio e Osvaldo.

O Rio Grande vive o Flores e o velho Borges. Em S. Paulo, o tenente e o Miguel Costa. O resto não vale uma referência. Apenas, a impopularidade é comum a todos os Estados.

O Sérgio de Oliveira, que foi ministro do Tribunal Revolucionário, segredava-me há dias:

O Getúlio governa o Distrito Federal e a Praia Grande, onde não há tenentes. O Norte é do tenente Juarez. Minas está com o Olegário e S. Paulo com os tenentes. Eu já lhe disse isto!

Eu conclui que ele, Getúlio, não governa coisa alguma: aqui, os tenentes estão em todos os ministérios, em todas as repartições. Metem o bedelho em tudo, examinam tudo, mandam em tudo.

Há um grande movimento de opinião pró-constituente. Mas os tenentes não querem. Inventou-se umas tais comissões legislativas que são a maior pilheria que eu já conheci. Cinco ou seis figuras boas, que não aparecem. Os demais, meia dúzia de indivíduos ridículos a dar-se ares de deputados... sem subsidio, nem sequer café!

Nomearam Assis Brasil, o Mário Pinto Serva e o João Cabral para fazer a reforma eleitoral. O Assis foi para a Argentina, como embaixador, sem deixar de ser Ministro da Agricultura. O Serva está em S. Paulo e o João Cabral anda por aí.

Não há dinheiro. Há fome. Há miséria por toda a parte. O funcionalismo, que queria a revolução, ficou sem os adicionais e com o horário de serviço aumentado. Os da Câmara e do Senado recebem hoje praticamente menos de um terço do que recebiam em setembro. Calcula-se a situação penosa em que se encontram.

Quanto a mim, no mês em que morreu meu sogro, fiquei de 1:450\$ com 38\$500. Depois, suspenderam as consignações e já tenho mais: 300\$ e poucos mil reis. É uma situação vantajosa para quem tem família e ainda herdou outra família.

A Bahia suspendeu pagamentos, inclusive os da dívida externa. S. Paulo seguirá o mesmo rumo. Outros estados vão fazer o mesmo.

Não se pode honestamente fazer uma afirmativa. O que se ouve, por aí, é que isto não pode continuar. O mês corrente assinalou-se por três

Flores

José Antônio Flores da Cunha, interventor federal no Rio Grande do Sul.

Borges

Antônio Augusto Borges de Medeiros foi diversas vezes presidente do estado do Rio Grande do Sul.

Mário Pinto Serva

jornalista político e intelectual da área de educação.

João Cabral

João Cabral de Melo Neto, intelectual e diplomata.

sublevações militares, porem sem importância: em S. Paulo, em Pernambuco e em Niterói, ontem.

A Junta de Sanções reúne-se de quando em quando, para achincalhar a reputação alheia. O que tem feito contra o meu querido amigo tem resultado em seu favor. Poucas figuras terão crescido tanto na opinião honesta quanto a sua.

Não lhe faço lisonja.

A minha impressão é que haverá muitas condenações.

Já vou longe. Suspendo por hoje, mas prometo tornar por estes dias. Os meus respeitos a D. Esther e D. Edyla e o grande abraço do seu.

Alberto

Alberto

Alberto Ferreira da Silva Reis, jornalista; foi redator do vespertino carioca *A Noite*.

(manuscrito à margem)

Ronald

Ronald de Carvalho, diplomata.

Segue para aí, no dia 6, o Ronald. Que desilusão! Noutra carta lhe falarei.

RIO DE JANEIRO, 6 DE JUNHO DE 1931

Octávio

Tudo na mesma pasmaceira, apenas interrompida pelos boatos de novas conspirações militares. Não creio, porém, que se efetivem. E felizmente para o Brasil, pois continuo pensando que o melhor para o país é melhorar o que há, de modo a entrarmos logo no regime constitucional.

Envio-lhe uns retalhos dos jornais de ontem, inclusive a nota que fiz para *A Noite*, sobre o Vilas-Boas. Porque o *Correio*, não soube ou não quis contar a coisa direito.

A tal Junta não vale mais nada. Ninguém a leva mais a sério, e o próprio governo, ao que me dizem, cogita de extingui-la. O *Correio* tem tomado a defesa do Prado de uma maneira enérgica. Fiz o seguinte telegrama como vindo da Bahia, e que todos os jornais hoje publicarão, “Generaliza-se o movimento de solidariedade, levantado por toda a Imprensa Baiana da Capital e do interior, em torno do ex-ministro Mangabeira. Nos jornais tem aparecido artigos de apologia, assinado pelos homens mais eminentes da Bahia e alheios à política. Ontem à semelhança da Congregação da Escola Politécnica e do Instituto Politécnico, a Congregação da Faculdade de Direito e a Associação Comercial votaram unanimemente moções de solidariedade ao Ministro Octávio Mangabeira”.

Depois disto, sairá segunda-feira, publicada na Bahia, a sua mensagem, que ficará assim melhor justificada. Tenho retardado a publicação, porque não quero dar um pretexto para retardar a dissolução de tal Junta. Você não avalia o trabalho sobre-humano que tenho feito contra ela, na imprensa e por toda parte. Comecei por afirmar, que nenhum de nós lhe daria a mínima importância. Isto desde o Tribunal Especial. Convenci a vários que tinham reais de tomar esta atitude. E o resultado foi extraordinário.

Hoje ela está morta e o que é melhor, pelo ridículo e pelo desprezo.

Acho que já é tempo de você se preparar para voltar, sobretudo tendo que passar em Portugal.

Adeus. Abraços para você, Esther e Edyla.

João (Mangabeira)

P.S. Geraldo e pede-me você sondar o Paulo, sem envolver nome dele, se queria vender O *Correio*. Poderia dizer que recebeu, neste sentido, um pedido de amigos do Brasil.

O Ronald, que parte hoje, escreveu no *O Jornal* e no *Pátria*, umas notas sobre você.

Vilas-Boas

refere-se a Lauro Lopes Vilas-Boas, advogado e jornalista.

Correio

trata-se do *Correio da Manhã*, jornal carioca.

Prado

refere-se a Antônio do Prado Valadares, médico, professor e um dos fundadores a ALB.

Geraldo

refere-se a Antônio Geraldo Rocha Filho, jornalista, proprietário do jornal *A Noite*.

Paulo

refere-se a Paulo Bittencourt, proprietário do jornal *Correio da Manhã*.

Ronald

refere-se a Ronald de Carvalho, diplomata, intelectual.

VIENA, 6 DE JUNHO DE 1931

Meu prezado chefe e eminente amigo:

Acabo de ler, com viva emoção, o vibrante manifesto dirigido por V. Ex^{cia} aos seus amigos da Bahia.

Permita-me apresentar-lhe as minhas calorosas felicitações, por esse brilhantíssimo documento, que atesta, ainda uma vez, o seu desassombroso patriotismo e a sua altiva e serena atitude, diante das agressões e das injúrias destes últimos tempos.

Mas a verdade há de aparecer e justiça há de ser feita!

Pelo ministro Vitor Konder, de passagem por aqui, soube do seu propósito de vir até a Áustria não lhe preciso dizer a satisfação que me causaria a sua visita a Viena. Só peço a V. Ex. que me previna com alguma antecedência, afim de que eu possa reservar cômodos.

Com as nossas homenagens respeitosas a Madame Mangabeira, rogo-lhe que receba a expressão de meu inteiro devotamento.

C. de Ouro Preto

Vitor Konder
foi ministro da Viação
e Obras Públicas no
governo Washington Luis
(1926-1930).

Conde de
Ouro Preto
refere-se a Afonso
Celso de Assis Figuei-
redo Júnior, diplomata;
assumindo em 1931 a 1^a
Secretaria da Embaixada
do Brasil em Viena.

SALVADOR, 6 DE JUNHO DE 1931

Distinto amigo Sr. O. Mangabeira.

Convite à sessão da Diretoria da Ass. Comercial, [...] com muito prazer à justa homenagem que lhe for prestada.

[...]

J. Baleeiro

J. Baleeiro
refere-se a Jaime Baleeiro,
advogado e diretor geral
da ACB.

Salvador, 6 de junho de 1931

Ofício nº 170

Exm. Sr. Dr. Octávio Mangabeira,
M. D. Consócio Benemérito desta Associação.

Temos muita satisfação em comunicar a V. Exa. que a Diretoria da Associação Comercial da Bahia, em sua última sessão realizada a 3 do corrente, aprovou unanimemente a Moção anexa por cópia, de cujos termos V. Exa. se certificará do merecido apreço que continua a fluir nesta Casa.

Aproveitamos o ensejo para mandar a V. Exa. os nossos protestos da mais alta consideração.

Almir de Azevedo Gordilho – Presidente

Dr. Valdemar Azevedo Costa – Secretário

“Moção. – Revelando-se no seio da sociedade baiana, por sucessiva manifestação de todas as suas classes, um nobre movimento em favor do retorno ao solo pátrio do nosso egrégio compatriota e sócio benemérito Sr. Dr. Octávio Mangabeira, a Associação Comercial da Bahia, que mais de uma vez recorreu ao seu prestígio, quando ele investido em funções públicas, para facilitar-lhe a ação de guarda e propugnadora dos

Carlos de Lacerda
Tesoureiro da ACB.

Carlos Joaquim de Carvalho
trata-se do engenheiro civil vinculado à exploração de minério de ferro.

Nelson Muniz
trata-se de membro da diretoria da ACB.

Luiz Barreto Filho
trata-se do Vice-presidente da Associação Comercial da Bahia, em 1931, fundador e presidente da Bolsa de Mercadorias da Bahia.

Almir Gordilho
trata-se do pres. da Associação Comercial da Bahia (1930-1932).

José Carvalho
trata-se do Proprietário da firma José Carvalho e Cia.

Anísio Massorra
refere-se a Anísio Massora, diretor da Companhia Linha Circular de Carris da Bahia.

altos interesses de que é órgão, formula sinceros votos por que cesse o constrangimento de sua ausência do Brasil, cuja grandeza e renome lhe devem inquestionavelmente serviços relevantíssimos.

Bahia, 3 de junho de 1931. – (AS) – Arlindo Pereira Ramos, João Ribeiro de Souza Magalhães, Augusto Santos Souza, Manuel José Ferreira e Moreira, Augusto Felipe de Aragão, Carlos de Lacerda, Carlos Joaquim de Carvalho, Florentino Silva, João Mendonça Pereira Junior, Dr. Valdemar Azevedo Costa, Nelson Muniz, Luiz Barreto Filho, Almir de Azevedo Gordilho, José Carvalho e Anísio Massorra.”

Conforme o original

Secretaria da Ass. Comercial
da Bahia em 6 de maio de 1931

Diretor J. Baleeiro

FACULDADE DE DIREITO DA BAHIA, Nº 153
SALVADOR, 15 DE JUNHO DE 1931

Exmo. Sr. Dr. Octávio Mangabeira,

Cumpro o grato dever de comunicar-lhe que a Congregação desta Faculdade, em sessão de um do mês corrente, com a presença da totalidade dos professores em exercício, aprovou, unanimemente, sob eloqüentes e inequívocas demonstrações de apreço a V. Excia., seu benemérito, a seguinte proposta:

“Proponho que a Faculdade de Direito da Bahia, que tem fortes e especiais motivos de gratidão e reconhecimento ao Dr. Octávio Mangabeira pelos grandes serviços que, com eficiência e carinhosa solicitude, lhe prestou em várias e difíceis emergências, acudindo sempre com os seus bons ofícios quando o nosso Instituto lhe dirigiu apelos e pedidos para fins atinentes à sua própria manutenção, manifeste a S. Exa. os sinceros votos que formula para que, cessadas as razões da sua permanência no estrangeiro, possa voltar ao seio da coletividade brasileira e ao amável convívio dos seus amigos.

Em Congregação, junho – 1º – 1931.

(a) – João Marques dos Reis.”

Reitero a V. Exa. a minha elevada estima e consideração.

Prof. Bernardino José de Souza
(Diretor)



Bernardino de Sousa

Comparência: Prof. Bernardino José de Souza; José Rodrigues da Costa Dórea; João Marques dos Reis; Filinto Justiniano Ferreira Bastos; Ponciano Ferreira de Oliveira; Francisco Prisco de Sousa Paraíso; Rogério Gordilho Faria; Albérico Fraga; Afonso de Castro Rebelo; Augusto Alexandre Machado; Aloysio de Carvalho Filho; Demétrio Ciríaco Ferreira Tourinho; Edgar Ribeiro Sanches.

João Marques dos Reis

trata-se do professor da Faculdade de Direito e ex sec. Segurança Pública no gov. Goês Calmon.

Bernardino José de Souza

trata-se do secretário do Interior e Justiça.

José Rodrigues

trata-se do professor de História Natural Médica.

Filinto Justiniano

trata-se do magistrado e professor da Faculdade de Direito.

Ponciano Ferreira

trata-se do professor da Faculdade de Direito.

Francisco Prisco

trata-se do político e professor da Faculdade de Direito.

Rogério Gordilho

trata-se do professor da Faculdade de Direito.

Albérico Fraga

foi oficial de gabinete no gov. Vital Soares e prof. da Faculdade de Direito.

Afonso de Castro

trata-se do catedrático da Faculdade de Direito, político.

Augusto Machado

advogado e professor.

Aloysio de Carvalho Filho

trata-se do político e prof. da Faculdade de Direito.

Demétrio Ciríaco

trata-se do professor, político e fundador do jornal *Diário da Bahia*.

Edgar Sanches

trata-se de professor, redator e diretor do *Diário Oficial da Bahia*.

RIO DE JANEIRO, 19 DE JUNHO DE 1931

Ilmo. Patrício Dr. Octávio Mangabeira

Por intermédio de sua gentilíssima cunhada, recebi carta de 22 do passado.

Muito obrigado pela manifestação de sua generosidade, no juízo que me orgulha, quanto à disparidade na minha substituição. Regra geral no momento, a atingir os Mangabeiras, os Epitácios e outros consagrados brasileiros, não devia, mesmo constituir exceção o caso da minha modesta pessoa, ao substituirem-me por uma *bisca* revolucionária, pelos da própria grei, veementemente acusado de haver recebido dinheiro para serviço de ligação revolucionária, entre Minas e Rio Grande, desviando-o para fins ignorados.

Não ficaremos nisso: incorporados os fatos bem sangrentos da desordem que tanto nos vem deprimindo, ao custo oficial, com a consagração dos 18 do Forte, através da decretação de feriado, parada militar, iluminação por todas as ruas e baile oficial que termina ou é antecipado com a colaboração da senhora presidenta, nada mais nos deve parecer sequer inesperado.

Não sou católico, mas aqui estou a repetir o apelo universal: Que Deus nos acuda!

Muito grato pelas saudações que, com a Clara, retribuo, peço receber em forte aperto de mão.

Do amigo admirador

G. Marechal Botafogo

Epitácios
refere-se aos
correligionários do
ex-presidente da Repú-
blica Epitácio Pessoa.

bisca
sinônimo de patife,
mau-caráter.

BAHIA, 27 DE JUNHO DE 1931

Meu Caro Octávio

Deus o tenha com saúde e a sua Exma. família, a quem visito, concedendo-lhes todos os outros bens.

Acabo de receber seu cartão de 4 do mês passado, escrito de Paris.

Não me chegou às mãos, o de Lisieux, sendo aquele o primeiro, que me vem, depois da sua estada no Velho Mundo, onde você, apesar dos pesares, e da perversidade da inveja e do desrespeito, que o forçaram ao exílio, está enriquecendo o espírito, nas viagens magníficas, lucrando com a prática de falar facilmente outros idiomas, está bem longe do pântano dos mexericos, e de enfrentar-se com os Dom Quixote de ponche e chapéu desabado, montado no matungo de correr nos pampas.

Em nossa terra, para não dizer, no país inteiro, meu caro, ninguém o esquece; e quanto mais se acende a ira dos parvos e masorqueiros, mais se acentua também a estima à sua pessoa, enquanto cada vez mais se vai enterrando no ridículo, a gente da pandilha revolucionária, desorientada, sem achar caminho de saída, senão do plano inclinado, para a desorganização. Os trocistas e desocupados, tem tomado seu regabofe, com o achado de legendas assim: O que é que há? – e que vão sendo oportunas, para significar a opulência do espírito dos nossos homens de estado. Calino e aquele velho comendador Anselmo, estão com êmulos desabusados, já que tem nossa complacência quando se fala à meia voz, nos situacionistas que tem a responsabilidade de seus atos.

O povo está, pois, em ânsias, está aflito pelo regime constitucional, para se saber onde estamos e com quem contamos. Quando é que se vê pelas costas, esta súcia de fiteiros e desorientados, para se tratar seriamente da vida periclitante do país.

Aqui ensaiam mensagens de diferentes classes sociais, ao César caricato, pedindo-lhe sua volta agora mesmo, sem se cogitar do que poderá advir, alvitrado pela traição e sede de vingança, atenta à simpatia geral, e a ausência de meios de apanhá-lo, em qualquer desaprumo. É justíssimo o entusiasmo, e é bom, que todos saibam e estejam convencidos, de que você não precisa de nenhuma *placet* oficial, para cingir a coroa de louro dos grandes triunfadores, nas lutas mais arriscadas, porque está no cora-

matungo
(R.G.S.) cavalo velho,
sem roça.

pandilha
(R.G.S.) o mesmo
que quadrilha, bando
de malfeitores.

César caricato
refere-se a
Getúlio Vargas.

Thiers
refere-se a Louis
Adolphe Thiers, escritor
e historiador, foi primeiro
ministro e posteriormen-
te presidente da França.

ção de seus compatriotas, sem distinção de categorias. É um desagravo eloqüente esse movimento.

Mas seus velhos amigos sinceros e sempre ponderados, secundando a vontade de sua família, não acompanham esse gesto nobre, nas atuais circunstâncias, e mais, para não estirarem mãos suplicantes ao seu veredugo, implorando a revogação de um ato, que repugna ao patriotismo e a justiça das boas consciências.

Dar-lhe-iam entrada livre em sua terra por – intervenção – de amigos; e depois, pedir sua volta à terra, que é sua, que o ama e estremece?!...

Quanto a mim, deixe-me lhe declarar, meu caro Octávio: quero abraçá-lo aqui, em pleno expandir da amizade, nunca balizada por outro rumo, senão o da magnanimidade de sua alma descortinada sob todos os pontos de vista.

Quero estreitar ao peito o meu grande concidadão, espelho limpo de manchas, em que se poderão mirar os mais devotados ao engrandecimento da pátria. Quero abraçar o brasileiro, que se fez temido dos vencedores de um dia, prevendo a sombra que lhe faria sua figura homérica de estadista sereno, apontado, para salvar a nação, como o fora Thiers depois do abalo, que abateu, até o desânimo, a França de 1871. Quero ver aqui, em nossa Bahia, no Brasil, seu filho, ídolo de todos nós, restituído ao seu patrimônio de glória, mas cada vez mais sobranceiro, independente e digno, só de frente curvada à sagração do povo.

Ainda bem, que os próprios adversários se incumbiram de encher o capítulo da história de sua vida pública, com o fato do seu exílio, perpetuando em letras de ouro, seu valor, o influxo benéfico de seu gênio, que não contribuiria para essa desorganização da vida nacional.

José Bonifácio teve também o mesmo título de glória, na cegueira dos desmandos do 1º Império, e como ele, outros vultos proeminentes daquele tempo.

A política desassissada cobra esses e outros tributos, aos servidores eminentes da Pátria. A reparação, porém, virá; por que não?

Os imbecis que se coloquem à frente do carro triunfal, para serem esmagados, quando ele transportar seus heróis, entre as aclamações de todo um povo; aos ímpetos incontidos dos que sofrem, cansados de afrontas e ilusões, envergonhados de desastres, que arruinam e degradam.

Estão malogradas as esperanças de dias felizes, com os tais dominadores ocasionais. É um fato, que dispensa mais asserções, diante do que se testemunha há oito longos meses.

Não é um apaixonado, que exagera.

Estamos numa casa de Orates, em que ninguém se entende. Não há quem esteja seguro nem contente.

Tudo desarrumado e tomado de – teias de aranha – para atestar o desmazelo e a negação da competência prática. E para intranqüilidade da alma nacional, estamos quase a ouvir o martelo estrangeiro bater a pancada fatal, para liquidação do nosso crédito.

No meio de tudo isto vai, entretanto, nos consolando, a administração do Prefeito desta Capital, o Dr. Pimenta da Cunha, que se esforça com atividade, energia e inteligência, por dar nova feição à vetusta cidade, com aplausos gerais.

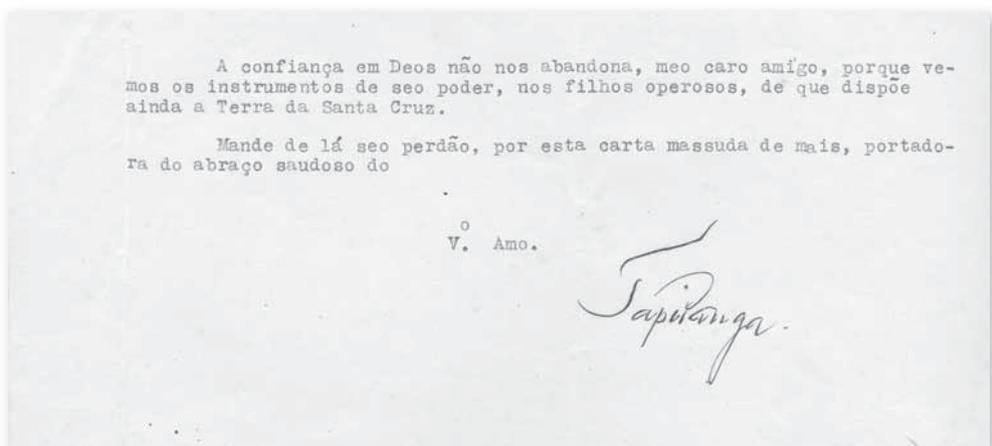
A confiança em Deus não nos abandona, meu caro amigo, porque vemos os instrumentos de seu poder, nos filhos operosos, de que dispõe ainda a Terra de Santa Cruz.

Mande de lá seu perdão, por esta carta massuda demais, portadora do abraço saudoso do

Vosso amo, amigo,

Tapiranga

Tapiranga
refere-se ao monsenhor
Elpídio Ferreira Tapiran-
ga, eclesiástico e escritor.



GENEBRA, 28 DE JUNHO DE 1931

Prezado Chefe Dr. Mangabeira,

Sinto verdadeiramente não ter ainda escrito ao prezado Chefe, sendo a causa o grande excesso de trabalho que tenho tido, mormente depois que fiquei só no Consulado, por ter sido transferido para Paris o único auxiliar que aqui trabalhava, além de já estar eu sobrecarregado com os serviços dos consulados honorários que foram eliminados pela recente reforma. Acresce ainda que fui nomeado delegado governamental junto à Conferencia Internacional do Trabalho que durou três semanas, e designado também observador junto à Conferencia Internacional de Limitação de Entorpecentes que já dura há um mês, e se prolongará por outros mais. A tudo isso me vejo obrigado sem o menor auxilio pecuniário, muito pelo contrário, sofrendo uma redução de 10 libras nos meus vencimentos mensais.

Ficamos bastante pesarosos com a noticia de que *mademoiselle* Edyla tenha que sofrer, talvez, uma operação de apendicite, que aliás se faz hoje em dia com máxima facilidade, desejando sinceramente, porem, que ainda possa ser evitada.

Infelizmente pouco melhores são as noticias do Rio. Os nossos improvisados estadistas vão se convencendo, pouco a pouco, da necessidade urgente de abandonar as perseguições e tratar de restabelecer a Constituição, fazendo sem demora a eleição.

O caso da nossa contribuição ao Bureau Internacional do Trabalho tem servido para comentários absurdos, dando margem para desenvolverem a serie de disparates.

Cumprindo suas ordens, tenho o prazer de enviar as seguintes informações referentes ao Bureau Internacional do Trabalho sobre as contribuições correspondente ao Brasil:

Quota de 1927 – 196.757,22 frs. Ouro

Quota de 1928 – 206.114,97 frs. Ouro

Quota de 1929 – 253.312,93 frs. Ouro

Quota de 1930 – 251.529,73 frs. Ouro

Quota de 1931 – 266.318,02 frs. Ouro desta ultima 11.563,55 frs. Representam um acréscimo destinado à Caixa de Pensões.

A quatro correspondente ao ano de 1927, foi recebida pelo Bureau em 4 de abril de 1927, e foi paga por intermédio da Sociedade das Nações. A correspondente a 1928 foi paga em dois semestres, sendo o primeiro de 81.453,27 frs. Ouro, recebido pelo Bureau em 9 de maio de 1928, também pago por intermédio da Sociedade das Nações; e o segundo semestre, na importância de 124.661,70 frs. Ouro, foi recebida diretamente pelo Bureau em 11 de junho de 1928. A contribuição correspondente ao ano de 1929, na importância de 253.312,93 frs. Ouro, foi recebida pelo Bureau em 3 de março de 1930.

Quanto às cotas dos anos de 1930 e 1931 ainda não foram pagas.

São essas as informações que pessoalmente, com reserva, colhi no Bureau Internacional do Trabalho, e que julgo satisfazerem ao seu pedido.

Na recente conferencia foi também designado como delegado governamental o ministro Barros Pimentel, ultimamente chegado do Rio, com instruções para pedir redução de 50% na nossa contribuição. Esse ministro já mandou para o Rio noticias alvissareiras, crente de que seja concedida essa redução, o que não é porem tão certo, dependendo de outros países que, naturalmente, hão de querer igualdade de condições.

É com prazer que comunico que o Brasil foi eleito membro do Conselho Administrativo do B.I.T. com uma vitória de 50 votos sobre 58.

Tenho mandado assiduamente os jornais e espero que tenha sempre recebido.

Peço aceitar com sua excelentíssima senhora e filha os nossos melhores cumprimentos, e aguardando sempre suas ordens, muito me honra ser.

O muito atento admirador e amigo obrigado.

C. de Carvalho e Souza

B.I.T

trata-se ao Bureau Internacional do Trabalho.

C. de Carvalho e Souza

refere-se ao funcionário do Consulado do Brasil em Paris.

RIO, 4 DE JULHO DE 1931

Octávio

Em minhas mãos sua carta de junho.

Nada tem havido aqui de novo; e é tal o estado de apatia e, até certo ponto, de insensibilidade pública, que parece que o tempo não anda. A tal Junta não se tem reunido. E só existe porque o Getúlio a mantém. É ele, exclusivamente ele, quem a sustenta, contra a opinião de todos. Com os dados que você me tem mandado, farei uma defesa completa da sua administração, logo que a oportunidade se oferecer. Aliás continuo a esperar que a denúncia contra você não seja nem sequer recebida. Quanto à nota aqui publicada, pelos jornais, já deve você ter visto que o Getúlio foi mais completo. Teve a coragem de afirmar que “os políticos vencidos estavam descentralizados e não voltavam ao Brasil com receio de serem processados por crimes comuns”.

Quando falei em sua vinda, é porque já vão 8 meses e ninguém sabe quantos anos ainda duraria a tal Junta, que não se reúne. Porque é evidente que o desejo do Getúlio é que ela nem julgue, nem se extinga; mas permaneça. Assim, logo que a Comissão de Sindicância dê por finda a sua missão no Itamaraty, você estaria livre de qualquer convite, por carta, ou outro meio, para depor. Intimado pela Junta, para defender-se faria como nós senadores fizemos, ou como Coriolano fez.

Você vindo, tem que aguardar, com paciência, que as coisas melhorem. Poderá logo publicar o manifesto, ou poderá mandá-lo daí. Deverá, porém, esperar ao menos a solução da denúncia – arquivamento ou recebimento.

Quanto ao jornal, não vejo garantia para sua fundação. Porque ou será um jornal água morna, ou será fechado. Acho a Nação apática e insensível. E o governo, materialmente forte, porque até os boatos de conspiração militar desapareceram, mas inerte e paralisado. É uma pasmaceira geral. Na história das revoluções, nunca se viu um caso igual.

É por isso que lhe digo que você deve voltar, por que não há de esperar o fim de uma calmaria que não acaba.

Ontem o Levi Carneiro mandou me convidar para fazer parte de uma das tais comissões legislativas. Recusei.

Abraços para Esther, Edyla e você.

João (Mangabeira)

Coriolano refere-se ao lendário general Caio Márcio Coriolano. Na literatura e artes ilustra efeitos da deslealdade e ingratidão, vez que, depois de derrotar inimigos de Roma (os Velscos), foi acusado de se apoderar de fundos públicos. Julgado, foi condenado ao exílio, e que o leva a aliar-se aos inimigos que antes combatera.

Levi Carneiro refere-se a Levi Fernandes Carneiro, advogado, jurista e escritor.

RIO DE JANEIRO, 8 DE JULHO DE 1931

Meu caro Sr. Ministro,

Encontrado-me hoje na rua com o Sr. Berbert de Castro soube que D. Edyla tinha sido operada mas já estava, felizmente, fora de perigo.

Imagino por quanta ansiedade V. Exa. e D. Esther devem ter passado, como se não bastassem as preocupações diárias. Acredite V.Exa. que todos nós aqui de casa os acompanhamos sempre, nos nossos pensamentos e conversas diárias.

Não lhe tenho escrito na esperança de poder mandar notícias melhores mas o tempo vai passando e os horizontes não se esclarecem.

A Comissão de Sindicância examinou as obras e as contas, a pagar da biblioteca, achando-a todas em ordem, segundo o relatório que vi. O Dr. Melo Franco prometeu-me abrir um crédito para pagá-las, mas influencias menores na Secretaria intervieram e, pelo que sei hoje, conseguiram dele que aguardasse o processo das demais contas para pagar todas juntas! A impressão que tenho é que isso é pelo simples prazer de fazer sofrer terceiros que nenhuma responsabilidade tem!

Vi ontem nos telégrafos um grande amigo e admirador seu o Coronel H. Dutra da Fonseca, que vai ser diretor do pessoal depois de fundidas as duas repartições, que me estão dando muito trabalho.

Meus respeitos a D. Esther e votos pelo completo restabelecimento de D. Edyla.

De V. Ex. atencioso criado e admirador

Maurício Nabuco

Berbert de Castro
refere-se a Ramiro
Berbert de Castro,
chefe político em Ilhéus,
dep. est. e dep. fed.

Melo Franco
refere-se a Afrânio de
Melo Franco, min. das
Relações Exteriores.

Maurício Nabuco
refere-se ao diplomata,
funcionário do Itamaraty.

ROMA, 10 DE JULHO DE 1931

Exmo. Snr. Dr. Octávio Mangabeira

Li, com grande prazer, o manifesto que V. Exa. dirigiu aos baianos. Está magnífico. Muito ponderado e verdadeiro.

A Bahia tem um 2 de julho que consolidou o Brasil livre; o Rio Grande o 3 de outubro para escravizá-lo e retalhá-lo em pedaços. Castro Alves e Rui Barbosa vêm-nos da Bahia; Borges de Medeiros, Pinheiro e agora Getúlio e respectiva quadrilha saíram do sul. Canudos, se compromete a nossa civilização, serve para povoar duas coisas: que o caboclo baiano nada fica a dever em bravura a quem quer que seja, e o que o glorioso exército não está na altura de enfrentar nem mesmo pobres jagunços ignorantes. Ao tempo em que a Bahia dirigia a política nacional, ela o fazia em nome do talento dos seus filhos e do contingente de bravos que mandara do Paraguai. O Rio Grande de hoje domina pelas patas dos cavalos que possui. A Bahia orgulha-se de não ter A. Carlos; o Rio Grande acha que cresceu, por ter acabado com o domínio civilizado do bandeirante. Cada um no seu lugar.

Dentre os pouquíssimos benefícios que trouxe a revolução, avulta o de ter provido, a contra gosto dos seus autores, que a vergonha é muito mais generalizada no Brasil do que antes se acreditava. Abstraindo os sentimentos de carinho que tem V. Exa. pelo do Brasil, resta-lhe a satisfação de ter dado provas aos “salvadores” de um caráter muito acima dos nossos atuais mandões.

Recebi a carta que V. Exa. teve a amabilidade de me escrever, a qual muito agradeço.

Eu ainda continuo em Roma por algum tempo e, como sempre, ao inteiro dispor de V. Exa.

As notícias de S. Paulo não tem sido de grande interesse. Entramos num período de pasmaceira. A manifestação ao Isidoro já classifiquei como uma das muitas bambochatas do regime.

Queria recomendar-me à sua Exma. Senhora e senhorita Edyla, assim como aceitar cordiais cumprimentos do criado humilde e sincero amigo e admirador.

Agenor Machado

Borges de Medeiros
refere-se a Antônio
Augusto Borges de
Medeiros, político de
grande prestígio.

Pinheiro
refere-se a José Gomes
Pinheiro Machado; foi
senador pelo Rio Grande
do Sul (1900-1915).

A. Carlos
refere-se a Antônio Car-
los Ribeiro de Andrada,
político mineiro.

Isidoro
refere-se a Isidoro
Dias Lopes, chefe militar
da revolução de 1932.

Bambochatas
alusão às bombachas
dos gaúchos.

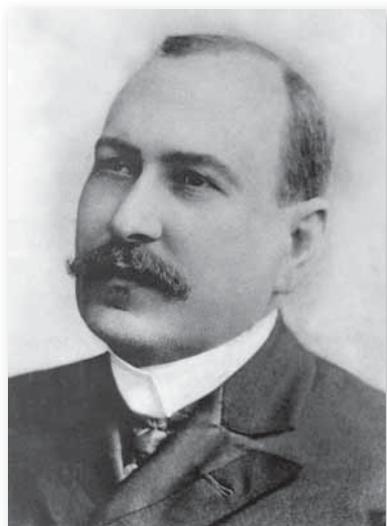
Agenor Machado
supõe-se tratar do enge-
nheiro Agenor Machado,
membro da comissão
geográfica e geológica do
Estado de São Paulo.

RIO, 18 DE JULHO DE 1931

Octávio

Recebi a sua carta de 4 deste mês. Remeto-lhe a nova entrevista do alto funcionário. A Junta não se tem reunido, até mesmo porque Osvaldo partiu sábado para Porto Alegre, donde chegará hoje. Levou-o a entrevista do Borges. Para S. Paulo foi nomeado interventor o Plínio Barreto, que constituiu um ótimo governo, com o Numa de Oliveira, Martinho Prado, Monlevade, Samuel Pinheiro etc. Dizem que, de segunda-feira em diante, será a vez da Bahia. O Neiva pulará. É possível que vá o Seabra. Mas os tenentes impugnaram-lhe o nome. O Seabra deseja fazer na Bahia um novo partido conosco e logo. Ele está forte, e ainda anteontem encontrei-me com ele. Perguntou-me por você e lhe mandou um abraço. Na Bahia, tem havido o diabo. Prenderam Mário Monteiro e J. Rabelo e fecharam *O Imparcial*.

Pelos telegramas de Porto Alegre, publicados nos jornais de hoje, parece que a constituinte não tarda. Foi o que me garantiu ontem o João Neves, que esteve aqui em casa. Só com a chegada do Osvaldo, se saberá ao certo o que há. Mas tenho a impressão de que a coisa agora vai entrar nos eixos. Deus o queira! Ontem *O Jornal* noticiou que o governo nomeou, para encaminhar os orçamentos e as dívidas dos Estados e da União, uma comissão composta de Antonio Carlos, Alceu Azevedo, Eugenio Gudin e Rodrigues Alves Filho. Não sei se é certo. Abraços a todos.



José Joaquim Seabra

João (Mangabeira)

Plínio Barreto

refere-se a Plínio Barreto, jornalista e político; interv. de São Paulo em nov. 1930.

Martinho Prado

refere-se a Martinho da Silva Prado Neto, economista, foi diretor do Banco do Estado de São Paulo (1930).

Neiva

refere-se a Artur Neiva, então interventor federal na Bahia.

Mário Monteiro

refere-se a Mário Monteiro de Almeida, diretor e redator chefe do jornal *O Imparcial*.

J. Rabelo

refere-se a José Rabelo, advogado, jornalista e redator do jornal *O Imparcial*.

O Imparcial

trata-se do jornal de oposição à Rev. de 1930, de propriedade de Álvaro Martins Catarino.

João Neves

refere-se a João Neves da Fontoura, um dos líderes da Rev. de 1930.

Antonio Carlos

refere-se a Antônio Carlos Ribeiro de Andrada, político mineiro.

Eugênio Gudin

refere-se ao economista, diretor de *O Jornal*.

RIO DE JANEIRO, 23 DE JULHO DE 1931

Illm. Snr. Dr. Octávio Mangabeira
Embaixada do Brasil
Paris

Prezado amigo

Cumprimento-o afetuosamente, à sua Exma. esposa e filha. Foi com imenso prazer que recebi sua apreciada carta de 20 do mês p. findo, que respondo.

Esta irá em mãos do Dr. Abreu Fialho afim de que ele a ponha no correio em qualquer ponto da Europa.

Esse nosso amigo será portador das notícias daqui, que as relatará de viva voz.

Li com a máxima atenção as ponderações exaradas em sua aludida carta, e estou de pleno acordo com as considerações nela expendidas.

Julgo desnecessária qualquer defesa da parte do amigo sobre as falsas acusações que a tal junta dos “Dalilas” lhe imputou.

Essa junta está completamente desmoralizada e condenada pela opinião pública, e o único juiz capaz e com idoneidade precisa para julgá-lo é o povo Brasileiro que, aliás, já o está fazendo, conforme o demonstra a revolta dessa mesma opinião pública a seu favor.

Os jornais, quase que unanimemente, trataram do seu caso, com muita justiça e não menos simpatia.

Inútil me parece dizer que lá em casa, diariamente, comentamos a sua ausência e todos muito se interessam pelo bom amigo e sua digna Família.

Ainda ontem falei pelo telefone, para Niterói, com D. Edith, insistindo para que, com Octavinho, passem um dia na Tijuca, e tenho o prazer de lhe dizer que ambos estão passando bem e prometeram ir a Tijuca, na próxima semana.

Soube que a sua menina fez uma ligeira operação, com êxito, pelo que apresento minhas felicitações.

Abreu Fialho
refere-se a José Antônio
de Abreu Fialho, médico.

junta dos “Dalilas”
trata-se da Junta de
Sanções como formada
de “traidores”, significado
da metáfora “Dalila”, vez
que esta personagem
bíblica, traiu o amante
Sanção, famoso por sua
força física.

Octavinho
refere-se a Octávio
Mangabeira Filho.

Em outubro passado, quando deflagrou o movimento revolucionário, fui acometido de grave moléstia, tendo ficado preso ao leito uns 40 dias, sempre com compressas de gelo na cabeça.

Resolvi, em virtude disso, liquidar a minha casa comercial, o que me deu grande desgosto, conseqüência da tal moléstia.

Daquela época para cá, tive outras duas graves enfermidades, das quais já me sinto restabelecido.

Já dei início à minha nova vida como Presidente da Companhia Força e Luz Norte Fluminense, ótima empresa elétrica e de grande futuro.

Felizmente, com as grandes relações que disponho e com a sementeira que fiz durante longos anos, prestando serviços de toda natureza ao comercio, lavoura, e indústria de todo o Brasil, e aos amigos, presumo não me faltarão meios honestos de vida compensadores, para que, como até aqui, possa continuar a ser útil aos amigos e a família.

Atualmente o meu escritorio é à Rua São Pedro, 48, 1º andar, Caixa Postal 466 – endereço telegráfico “ARCOS”, para onde poderá dar-me as sua ordens.

Ainda mantenho-me afastado da situação, embora tenha entre os atuais dirigentes muitos amigos, porem, como amigos da situação passada, devo conservar-me discreto.

Quando pretende regressar? Oxalá seja o mais breve possível, porque o País anseia pelo concurso dos seus grandes filhos, como os amigos, injustamente afastados.

Até breve, com sua Exma. Senhora e filha aceitem saudações de minha Família e do seu

amigo muito admirador

Afonso Vizeu

RIO DE JANEIRO, 24 DE JULHO DE 1931

Meu caro Octávio

Que Deus continue com a sua divina misericórdia a livrar-te dos fariseus a quem tanto beneficiastes no Rio. Sei que por comum amigos nossos recebeu todos os jornais e notas que te possam interessar na Europa. Aqui continuam agitando o País os homens, que o receberam das mãos honradas do W. Luis e implantam uma babel tal que não podemos sair em segura diretriz a marchar.

Agora mesmo estão com o caso de S. Paulo sem ainda uma solução definitiva, até este momento em que te escrevo. Aí se acham Osvaldo Aranha, Góes Monteiro e outros à procura da lâmpada miraculosa que aponte um nome capaz da salvação de S. Paulo.

O que achei edificante é que nos campos divididos, acha-se Miguel Costa, solidário com Ataliba, Silvio Campos, Roberto Moreira, e vice e versa. Eles com M. Costa. A nossa Bahia a mais infeliz de todas, se não na parte administrada, pelo menos na política, pois ela está no mais completo esquecimento e abandono.

José Rabelo, Mário Monteiro foram presos e fechado o *Imparcial*. Não sei, caro amigo, até onde ir e até onde suportaremos tantas humilhações, especialmente nós, os políticos. Eu continuo firme com os nossos amigos à tua espera e nenhuma aproximação tive até agora com estes pândegos ou vadios.guardo a tua chegada, com quem estarei e estou. O nosso Horácio traiçoeiramente trucidaram depois de todas as felonias. O Franklin, depois de 6 longos meses de cadeia, conseguiu um *habeas-corpus* no Supremo e foi solto, depois de todas as humilhações imaginadas. Espero aqui, nestes dias, Rosendo na Barra e aguardo desse amigo que venha a te defender. A imprensa do Rio, sem vacilação, tem te defendido, e o movimento na Bahia para a tua volta continua a se fazer, com aceitação de todas as classes. É bom porém que aí permaneças até que isto fique claro. Não sei porém quando e como. Pela Noite você vê a diretriz do Diretor, a qual não sigo e não sou partidário, enquanto permanecer afastado você do País e da direção política, a qual sigo e seguirei. Hoje mais que nunca teu amigo certo e inabalável. Dizem que fundaram a Nova República, mas essa muito se assemelha àquela homônima, com o título de Perigosa, dos nossos tempos acadêmicos.

W. Luis

refere-se a Washington Luis Pereira de Sousa, presidente do Brasil deposto pela Rev. de 1930.

Ataliba

refere-se a Ataliba Leonel, político, um dos fundadores da Frente Única Paulista.

Silvio Campos

refere-se a Silvio de Campos, ligado ao PRP.

José Rabelo

refere-se ao advogado, redator do jornal *O Imparcial*.

Mário Monteiro

refere-se a Mário Monteiro de Almeida, diretor e redator-chefe de *O Imparcial* (1931-1932).

Horácio

refere-se a cel. Horácio de Matos, importante líder político do sertão, assassinado em maio de 1931 por um guarda civil.

Franklin

refere-se a Franklin Lins de Albuquerque; foi líder político da região do Médio São Francisco.

O Luzardo, eu tenho grandemente apreciado, sereno, tolerante e bondoso.

Continuo a manter com o exercito a mais inteira solidariedade, isto é com os velhos amigos das minhas passadas relações. Não sei, meu caro Octávio, como e quando vai terminar esta comédia, em que nós somos lançados a fazermos sempre os pulos mortais. Se não fora eu grandemente católico, em cuja fé vejo lenitivo para os nossos sofrimentos, já teria apelado para o desespero. De tudo isto, as sindicâncias para os que caem e as conseqüências para os que atraçoaram!! Na Bahia o Afonso de Carvalho presidente da comissão?

Não tenho te escrito para não te provocar mais saudades, mas com o coração certo e seguro de que aperfeiçoas grandemente o teu espírito e inteligência em um meio verdadeiramente sábio e digno. Lembra-se da nossa última palestra no M. do Exterior, onde formava juízo tão diferente do que hoje formavam? Lembra-se, eu sempre contrário à tua boa fé, ao teu desprendimento para julgar. Nada posso dizer-te do futuro, porque eu em nada acredito no que eles pronunciam; é uma incógnita cuja solução a tua matemática é falível por não contar com a estrutura moral dos governantes.

Esta é a segunda carta que te envio, mandada juntamente com uma do nosso Benigno. Este verdadeiramente valente, reage, descompõe publicamente e te defende de viseira erguida. 18 Benignos botariam isto abaixo.

Os meus muito recomendam os teus, D. Esther, Edyla e você e aguardamos para recebe-los com as flores que merece a tua decantada bondade.

Saudades aos amigos e aos seus, confiantemente, o teu amigo ex-corde.

Rochinha

Hoje o cúmplice de Santana me avisou que querem que você perca o lugar para Academia de Letras, pois o prazo expira em dias de setembro e, se você não tomar as providencias para posse por carta ou procuração, você perderá. Providencie pois, assim como ele vai te escrever. Foi resolvido o caso de S. Paulo ontem, com o juiz do Tribunal dali, Dr. Laudo Camargo, tudo calmo e sereno.

Afonso de Carvalho

Antônio Luiz Afonso de Carvalho presidiu a Comissão Central de Sindicância na Bahia, composta ainda por Péricles Melo e Liderico Santos Cruz.

Rochinha

refere-se a Francisco Joaquim da Rocha, intendente no município de Bananeiras (1904-1908), dep. est. (1919), dep. fed. (1921-1930), também referido como *Rocha*.

Laudo Camargo

refere-se a Laudo Ferreira de Camargo, magistrado e político; foi interventor federal de São Paulo (1931)

VIENA, 30 DE JULHO DE 1931

Senhor Ministro,

Tenho alguns jornais do Rio de Janeiro publicado uma lista de pessoas denunciadas ao Tribunal de Sanções como tendo sido beneficiários pelas verbas secretas do Itamaraty, no período de 1926-1930, e figurando entre elas o meu nome, sou forçado a importunar V. Ex. para perdilhe que me habilite, com uma declaração sua, rebater essa imputação caluniosa e covarde.

Ninguém melhor do que V. Exa. sabe que eu jamais solicitei, jamais recebi, nem jamais receberia favores dessa natureza.

Apelando para o alto testemunho de V. Exa., dirijo-me menos ao meu ilustre Ministro e Chefe que tanto admiro e respeito, do que ao homem honrado, de vida limpa e de consciência clara, que tanto estimo e venero.

Nutro a confortadora certeza de que não me há de faltar o seu preciosíssimo apoio, para confundir quem assim me agride, traiçoeiramente, pelas costas.

Agradeço a V. Exa. antecipadamente, o seu testemunho e rogo-lhe que receba as expressões do meu maior respeito e da minha completa dedicação.

Conde de Ouro Preto

Conde de
Ouro Preto

refere-se a Afonso
Celso de Assis Figueiredo
Júnior, advogado, dep.
geral por Minas Geras
na Assembléia Geral.
Colaborou no *Jornal do
Brasil, Tribuna Liberal,
Correio da Manhã* dentre
outros. Foi dele o discurs
so de recepção a Octávio
Mangabeira na Academia
Brasileira de Letras.

RIO, 2 DE AGOSTO DE 1931

Octávio

Não lhe escrevi ontem pelo avião, porque tinha hoje Mauro, como portador. Também não há nada de novo. A Junta continua se arrastando e, parece, vai terminar. Foi o que me disse Osvaldo. Também o José Américo disse o mesmo ao Macedo, e o Juarez Távora ao Guilherme, frisando que é umas das pessoas de mais prestígio junto à revolução, pois deu dinheiro para ela. Tenho ainda duas cartas que escreve, pois sei com certeza absoluta, que estão abrindo toda a correspondência vinda da Europa, sobretudo por avião. Acontece o mesmo com a que vai. Soube disto por uma pessoa que ouviu do Osvaldo esta revelação, há 3 dias. Aqui as coisas estão mais serenas. Creio que a situação está firme, apesar dos boatos, embora com menos intensidade. Será assim melhor. Deus nos livre de uma revolução de tenentes. Até mesmo porque, nestes 30 dias, sairá a lei do alistamento. E dizem que a Constituinte se reunirá a 3 de maio. Mas qualquer movimento pode ser um pretexto para um adiamento.



Pacheco de Oliveira

O Pacheco Oliveira anda querendo fundar um partido na Bahia, e escreveu a mim e ao Lago, para fazermos parte da procissão. Impagável!

Adeus, abraços para todos. Seu irmão e amigo,

João (Mangabeira)

P.S. Remeto-lhe um cartão do Godofredo e uma carta do J. Maria Belo. Estavam há muito em meu poder.

José Américo

refere-se a José Américo de Almeida (1887-1980). Participou da Rev. de 1930, tornou-se min. da Viação e Obras Públicas (1930-1934).

Pacheco Oliveira

refere-se a João Pacheco de Oliveira, dep. fed., fundou, em Salvador, o Partido Evolucionista, de caráter conservador.

J. Maria Belo

refere-se a José Maria Belo, candidato ao governo de Pernambuco em 1930.

Hildebrando Acioli
refere-se a Hildebrando
Pompeu Pinto Acioli,
diplomata, primeiro
Secretário e Chefe de
Gabinete do ministro
Afrânio de Melo Franco.

TÓQUIO, 4 DE AGOSTO DE 1931

Exmo. Senhor Dr. Hildebrando Acioli

D. Chefe de Gabinete do Ministro do Estado das Relações Exteriores

Tenho a honra de pedir a Vossa Senhoria o especial favor de consultar o Senhor Ministro de Estado das Relações Exteriores sobre se existe algum inconveniente em que a inclusa carta seja entregue aos Senhores Membros da Comissão de Sindicância desse Ministério, em resposta à pergunta que me dirigiram. Não vendo o Senhor Ministro nenhum inconveniente na resposta por mim formulada, peço mais a Vossa Senhoria o obséquio, que de antemão agradeço, de fazer com que a minha carta chegue às mãos dos seus destinatários.

A necessidade, neste caso, de uma consulta prévia ao Senhor Ministro do Estado parece-me que impões, por causa da delicadeza do assunto. Pondo-se de parte o Exmo. Sr. Dr. Octávio Mangabeira e a minha obscura pessoa, a matéria prende-se, na realidade, a segredos que, por se tratar do Ministro das Relações Exteriores, podem ter a mais alta importância sob o ponto de vista dos interesses gerais do Brasil no estrangeiro. Nessas condições, eu não desejava que a minha carta fosse encaminhada sem a devida autorização do Senhor Ministro do Estado.

Aproveito o ensejo para reiterar a Vossa Senhoria, Senhor Chefe do Gabinete, os protestos da minha respeitosa consideração.

(Embaixada do Brasil no Japão)

Cesar, J. B. de Berenguer

Cesar, J. B.
de Berenguer
refere-se a Jacome
Baggi de Berenguer
Cesar, auxiliar de gabi-
nete do min. Octávio
Mangabeira (1930).

TÓQUIO, 4 DE AGOSTO DE 1931

Exmos. Srs. Drs. Leopoldo Vossio Brígido, José Alves de Carvalho e A. de Lima Campos.

Acuso recebida carta de 13 de junho próximo findo na qual Vossas Excelências me determinam dar esclarecimentos sobre o emprego de diversas quantias, num total de cento e dez contos trezentos e dezesseis mil réis (110:316\$000), por mim recebidas da Contabilidade do Ministério das Relações Exteriores no decorrer dos anos de 1928 e 1930, na minha qualidade de Auxiliar de Gabinete e por ordem expressa do Ministro de Estado, para atender a despesas de caráter reservado.

Como Vossas Excelências não ignoram, todas as Chancelarias, não fugindo a do Brasil é mesma regra, tem uma verba especial à disposição do Ministro para ser aplicada, reservadamente, em pagamentos as mais das vezes secretos. O emprego dessa verba é, naturalmente, da exclusiva responsabilidade do Ministro, único juiz da oportunidade e modalidade de sua aplicação.

Nas “memórias” do Príncipe de Bulow, ultimamente publicadas, o ex-Chanceler do Império Alemão refere-se, mais de uma vez, ao emprego dos “fundos secretos” às suas ordens. Nas páginas 199 e 200 do primeiro tomo da tradução francesa e nas paginas 57 e 58 do segundo tomo da mesma tradução, Vossas Excelências encontrarão extensos trechos a este respeito.

Dias antes de desligar-me do Gabinete, em agosto de 1930, para vir assumir o posto que agora ocupo na Embaixada do Brasil em Tóquio, entreguei a quem de direito, isto é, ao Ministro, todos os papéis e documentos em meu poder, relativos ao Ministério do Exterior em geral e ao Gabinete em particular. Como Vossas Excelências sabem o Regulamento do Ministério proibia expressamente aos funcionários guardar cópia de quaisquer documentos oficiais; assim falta-me em absoluto, não obstante o meu maior empenho e boa vontade em atender rigorosamente às determinações da Comissão de Sindicância, os necessários elementos para isso, com exceção do que diz respeito à parcela de dez contos a mim pagos a título de restituição.

Vossas Excelências verão, conforme passo a explicar, que o recebimento dessa quantia foi o mais legítimo: – em fins de 1928, devendo à

Leopoldo Vossio
Brígido/José Alves
de Carvalho/
A. de Lima Campos
membros da Comissão
de Sindicância.

ex Chanceler do
Império Alemão
refere-se a Bernhard
Heinrich Karl Martin
von Bülow (1900-1909)

Contabilidade efetuar um pagamento de caráter urgente e não dispondo de fundos, adiantei ao respectivo Diretor a importância em questão, conforme pode ele, o Dr. Mário de Barros Vasconcelos, informar, importância essa que me foi restituída em 18 de janeiro do ano seguinte.

Não veja essa Comissão em minha resposta uma tentativa para esquivar-me à responsabilidade de atos por mim praticados no exercício de meu cargo de Auxiliar de Gabinete do Dr. Octávio Mangabeira, a quem me honro de ter servido em posto de sua imediata confiança. Nem havia, aliás, porque esquivar-me à responsabilidade quanto ao emprego das quantias a mim confiadas pelo Ministro para o pagamento de despesas reservadas do Gabinete, visto como tudo foi feito dentro das competentes verba – de acordo, portanto, com a Lei – e no interesse do serviço publico. Devo acrescentar que, dessas quantias, o Diretor da contabilidade, segundo ele próprio poderá testemunhar, recebeu, do Ministro, oportunamente, a devida quitação.

(Embaixada do Brasil no Japão)

Cesar, J. B. de Berenguer

TÓQUIO, 4 DE AGOSTO DE 1931

Exmos. Sres. Drs. Leopoldo Vossio Brígido, José Alves de Carvalho e A. de Lima Campos

Acuso recebida a carta de 13 de junho próximo findo na qual Vossas Excelências me determinam esclarecer o emprego de diversas quantias, num total de 110:316\$000 (cento e dez contos, trezentos e dezesseis mil réis), por mim recebidas da Contabilidade do Ministério das Relações Exteriores, no decorrer de 1928, 1929 e 1930, na qualidade de Auxiliar de Gabinete e por ordem então Ministro de Estado – o ex-chefe da contabilidade, Senhor Mario de Barros Vasconcelos, pode informar a respeito – para atender a despesas, de caráter reservado, do Gabinete.

Como Vossas Excelências sabem, todas as Chancelarias do mundo, e a do Brasil nunca fugiu a essa regra, tem uma verba secreta especial à disposição do Ministro para ser empregada, a seu critério, conforme o exigirem as circunstâncias. Do emprego dessa verba só é responsável o Ministro de Estado, única pessoa capaz de julgar no momento a oportunidade e a necessidade de bem utiliza-la. Assim, dias antes de desligar-me do Gabinete, em agosto de 1930, para vir assumir o posto que ora ocupo na Embaixada em Tóquio, entreguei ao Senhor Ministro Dr. Octávio Mangabeira todos os documentos ainda em meu poder referentes ao emprego dessas quantias juntamente com os demais papéis concernentes aos serviços do Ministério, sem de nenhum guardar cópia, conforme determinava expressamente o Regulamento do Ministério, então em vigor. Desse modo, o esclarecimento por vossas Excelências determinado, com exceção do da parcela de dez contos por mil recebida em 18 de janeiro de 1929, só o Dr. Octávio Mangabeira está em condições de fazer, pois, por maior empenho e boa vontade que tenha eu em atender às determinações de Vossas Excelências, faltam-me, em absoluto, elementos para isso.

Quanto à parcela de dez contos a que acima me refiro passo a explicar devidamente a legitimidade do seu recebimento: em fins de 1928, devendo a Contabilidade efetuar um pagamento de caráter urgente e não dispondo, no momento, de fundos, adiantei ao respectivo Diretor a importância em questão, conforme pode ainda informar o Dr. Mário de

Leopoldo Vossio Brígido
refere-se a Leopoldo Vossio Brígido dos Santos, membro da comissão de sindicância.

José Alves de Carvalho
refere-se ao membro da comissão de sindicância.

A. de Lima Campos
refere-se ao chefe da secção de contabilidade da casa de correção da capital federal, membro da comissão de sindicância.

Mario de Barros Vasconcelos
refere-se ao ex-chefe da Contabilidade do MRE.

Barros Vasconcelos, importância essa que me foi restituída em janeiro do ano seguinte.

Não vejam Vossas Excelências em minha resposta uma tentativa de esquivar-me à responsabilidade de atos por mim praticados no exercício do meu cargo de Auxiliar de Gabinete do ilustre Ministro Dr. Octávio Mangabeira, a quem me honro de ter servido em posto de sua imediata confiança: nem havia de que esquivar-se a responsabilidades que se me determina do emprego das quantias em questão pois esse foi feito dentro das verbas, de acordo com a Lei e para o bem do serviço público, como, aliás, o foram todos os atos a mim ordenados pelo então Ministro das Relações Exteriores.

Se não estou em condições de dar os esclarecimentos determinados, posso, entretanto, afirmar e isso aqui o faço, sob minha palavra de honra, que das referidas quantias importância alguma, por mínima que fosse, guardei para mim ou entreguei, como gratificação ou sob qualquer outra forma de remuneração, a algum dos meus demais colegas do Gabinete.

Aproveito a oportunidade para apresentar as Vossas excelências minhas cordiais saudações.

(César J. B. Berenguer)

TÓQUIO, 6 DE AGOSTO DE 1931

Senhor Ministro e querido amigo:

Aqui vão nossos sinceros parabéns pelo dia 27 juntamente com os nossos mais ardentes votos de felicidade.

Só depois de ter enviado a V. Exa. minha ultima carta, foi que verifiquei que a informação do Veloso tinha sido equivocada e que contra V. Exa. somente havia sido apresentada denuncia ante a Junta de Sanções por um dos procuradores e, assim, confio em que tudo isso dê em nada.

Acabo de receber uma carta da Comissão de Sindicância do Ministério das Relações Exteriores, determinando-me o esclarecimento do emprego de diversas quantias por mim recebidas da Contabilidade em 1928, 29 e 30, para atender a despesas reservadas do Gabinete. Do emprego detalhado dessas quantias tenho em meu poder todos os assentamentos; não sabendo, porém, se V. Exa. estaria de acordo com a divulgação por mim, ainda que de ordem superior, de pagamento que ordenou reservadamente e não tendo tempo para consultá-lo a respeito, respondi por carta, cuja cópia aqui lhe envio.

Estou seguro de que a Comissão e muito menos a Junta não se conformarão com minha resposta, mas penso também que outra não podia ser minha atitude.

Como vão indo por aí? Tem gostado de Paris? Dos amigos do Brasil tem recebido notícias?

Nós aqui continuamos bem de saúde, mal de finanças e ao sabor os terremotos destas terras e dos do Governo Provisório...

Peço-lhe transmitir nossas saudações a D. Esther e a Edyla e aceitar um afetuoso abraço do amigo certo.

César J.B. de Berenguer

Veloso
refere-se a Pedro Leão
Veloso Neto, diplomata.

Junta
trata-se da Junta de
Sanções, criada em
substituição ao Tribunal
Especial com objetivo de
erradicar a corrupção.

ALAGOINHAS, 14 DE AGOSTO DE 1931

Caro Mangabeira

Estando na Bahia no dia 24 de julho, tive o prazer de receber sua cartinha de 10 do mesmo mês e de ouvir a leitura das “Últimas Horas da Legalidade”. Tive a impressão de que assistia ao desenrolar do drama. Vi diante de mim se moverem as personagens, ouvi-as falar e vi-as gesticular. Você fixou admiravelmente, na tela da História, o drama memorável, que ali se representou naquele momento.

Muito nos alegrou o bom resultado da grave operação que sofreu Edyla. Que coisa arriscada é uma operação de laparotomia! Entretanto, por ser hoje muito vulgar, já passou a ser banal, não para os pacientes. Deus me livre de uma situação dessas. Pedimos visitá-la e a D. Esther, que deve ter tido seus momentos amargos.

Fui à Bahia consultar com um especialista sobre meu estado de visão. Que vai se tornando, dia a dia, mais precário. Já me custa ler e escrever. O resultado do exame não foi muito animador, conquanto remediável. Trata-se de uma catarata secundária, incipiente, no olho operado. Antes que se apague toda a visão, vou submeter-me a uma operação no outro olho.

Chegando à Bahia, caí doente de um resfriado e estive bem incomodado, durante uns 15 a 20 dias. Foi esse o motivo de lhe não ter escrito há mais tempo. Devo ser operado em setembro, ou outubro, pelo Hildebrando Jatobá, com quem estive e me pareceu que é competente. Desta vez, não vou ao Rio. Se você lá estivesse, era certa a minha ida, mas, com sua ausência, sentir-me-ia isolado.

Penso que é coisa resolvida a convocação da Constituinte e que está para breve a publicação da lei eleitoral. Por enquanto, não se conhece bem os detalhes. O João Mangabeira deve estar mais a par destas coisas. Pelo que tenho lido, é questão vencida o voto secreto, que agora, como em qualquer tempo, se não forem burladas as eleições, será uma garantia segura da vitória das oposições. Eu não tenho conhecimento perfeito das condições exigidas para o novo alistamento. A eleição deve ser, como para a primeira Constituinte, pelo Estado, ou por círculos muito amplos.

Hildebrando Jatobá
oftalmologista e professor
da Faculdade de
Medicina da Bahia.

João Mangabeira
advogado e político,
irmão de Octávio
Mangabeira.

Quanto à oportunidade de sua vinda, ela se deverá definir em breve. Penso que não lhe ficará bem você assistir e preparar o alistamento. Vir, se for eleito, ou depois de eleito, seria o ideal, mas, para isso seria necessário um trabalho muito intenso de propaganda. Por outro lado, sua presença na Bahia, levantaria os ânimos, daria novos estímulos à opinião. Penso que deve vir antes da eleição, não para dirigir o alistamento propriamente, mas para incentivá-lo, para falar à nação, falar à Bahia pela imprensa e em conferências, centralizar um trabalho de propaganda, positivando sua ação política. Não sei se expus bem o meu pensamento.

Ouçó falar muitas coisas, mas não tenho elementos suficientes para formar um juízo seguro.

Parece-me que vão se modificando as animosidades de certos elementos que timbravam em lhe mover uma campanha de descrédito e mesquinhas perseguições. Por outro lado, acredito que entre os homens da Revolução, você terá amigos e, senão partidários, com certeza pessoas de juízo reto e com senso, que lhe reconhecem os serviços, os sentimentos elevados e dignos e o seu incontestado valor. O ambiente, em geral, vai se modificado e já se não fala tanto em punições, em devassas e sindicâncias.

Outro assunto: há em todas as coisas um lado prático, que não é para desprezar. Permita a franqueza: sua situação econômica lhe permitirá suportar o câmbio atual? Eu não sou capitalista; mas, disponho de alguns recursos e de crédito. Se lhe puder ser útil, me escreva ou telegrafe, que darei providências – no sentido de aliviá-lo de apuros, que lhe possam sobrevir de momento. Não tenha acanhamento com seu amigo velho.

Muitas lembranças a D. Esther e Edyla, minhas e de Raquel.

Abraços, saudades

Dantas Bião

Raquel

refere-se a D. Raquel Valverde Martins, esposa de Dantas Bião.

Dantas Bião

refere-se a Joaquim Climério Dantas Bião, representante político de Octávio Mangabeira em Alagoinhas; chefe político local.

HINTERBRÜHL, 15 DE AGOSTO DE 1931

Meu Eminente Chefe e Amigo:

Não encontro expressões para agradecer-lhe a sua amável e afetuosa carta de 9 do corrente, recebida aqui com algum atraso, bem como a remessa do honradíssimo documento que o acompanha.

O fato de ter trabalhado sob as suas ordens imediatas, durante cerca de quatro anos, constitui e constituirá o orgulho de minha já longa carreira. E a declaração, altamente desvanecedora que V. Exa. tem a bondade de me enviar, figurará entre os documentos de maior valia, de quantos possa possuir um funcionário que, na sua modesta esfera de ação, sempre se esforça por proceder com probidade e lisura.

É verdadeiramente consolador, nesta época de maledicência e de pulhice, receber-se do punho de um chefe ilustre, um documento como esse com que V. Exa. me distinguiu. Vou remetê-lo a meu pai, a quem já telegrafei, pedindo que protestasse junto ao tal Tribunal de Sanções contra a vilania de que fui vítima, para que, se preciso for, o alto testemunho de V. Exa. possa ser invocado, no devido tempo.

A esse propósito, o Dr. Raul Fernandes, que esteve algumas horas em Viena, assegurou-me a próxima dissolução do Tribunal – organismo ridículo e arbitrário, sem apoio na opinião pública e que, até agora, só tem servido de veículo de ódios mesquinhos e baixas vinganças. O mesmo, mais ou menos, afirma meu pai, em carta recente, acrescentando, todavia, constar que o Gov. Provisório vai anistiar os supostos delinquentes!..

Tudo isso seria alegremente ridículo se não fosse profundamente contristador. O Brasil foi tomado de assalto por um bando de malfeitores, que se instalarem nas melhores posições, e cuja preocupação exclusiva é difamar e perseguir a gente limpa e honesta. Até agora, e mau grado todo o intenso reclame feito em torno da obra do Gov. Provisório, nada apareceu de construtivo e de duradouro. O cambio continua a descer, a desordem no Estado é cada vez maior, os processos administrativos são idênticos aos de antigamente agravados, porém, pela pratica ostensiva e insolente de filhotismo e infectados pela delação e pela intriga. Os elementos maus vieram à tona e o Governo

pulhice
sinônimo de ação vil.

meu pai
refere-se a Afonso Celso
de Assis Figueiredo –
Visconde de Ouro Preto,
político e magistrado,
último presidente do
conselho de min. do
Imperador D. Pedro II.

Tribunal de Sanções
mesmo que
Junta de Sanções.

Raul Fernandes
participou da campanha
da AL, legenda que Var-
gas se candidatou contra
J. Prestes. Posteriormente,
nomeado consultor-geral
da República (1932).

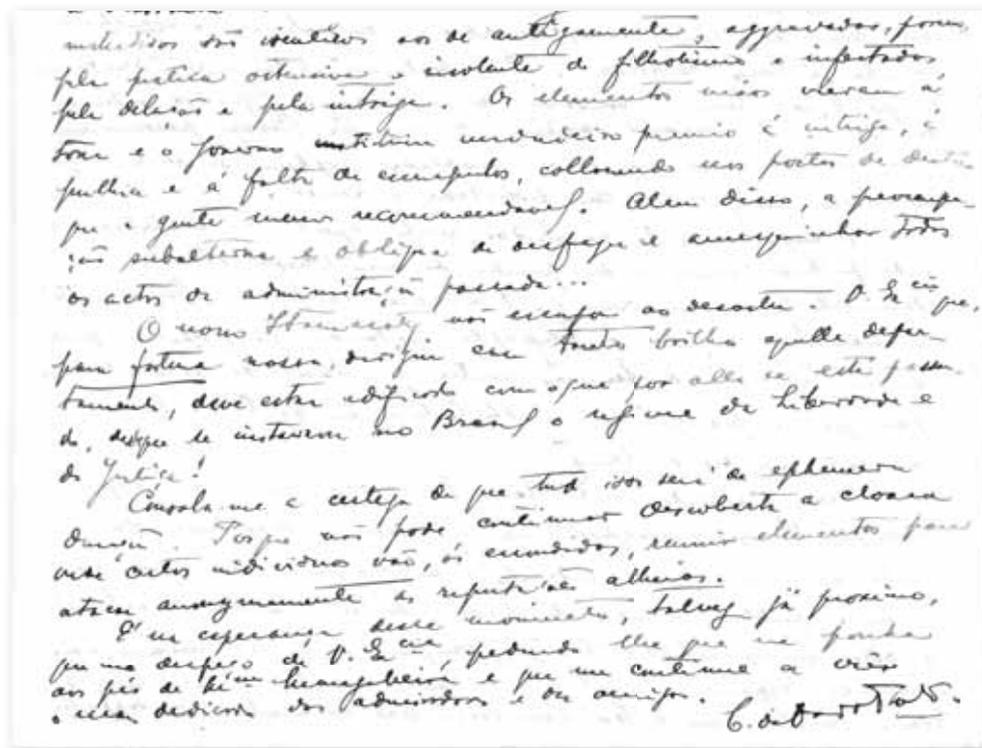
instituiu verdadeiro premio à intriga, à pulhice e à falta de escrúpulo, colocando nos postos de destaque a gente menos recomendável. Além disso, a preocupação subalterna e obliqua de desfazer e amesquinhar todos os atos da administração passada...

O novo Itamaraty não escapa ao desastre. V. Exa. que para fortuna nossa, dirigiu com tanto brilho aquele departamento, deve estar edificado com o que por ali se está passando, desde que se instaurou no Brasil o regime da Liberdade e da Justiça!

Consola-me a certeza de que tudo isso será de efêmera duração. Porque não pode continuar descoberta a cloaca onde certos indivíduos vão, às escondidas, reunir elementos para atacar anonimamente as reputações alheias.

É na esperança desse movimento, talvez já próximo, que me despeço de V. Exa., pedindo-lhe que me ponha aos pés de madame Mangabeira e que me continue a crer o mais dedicado dos admiradores e dos amigos.

Conde de Ouro Preto



instituiu verdadeiro premio à intriga, à pulhice e à falta de escrúpulo, colocando nos postos de destaque a gente menos recomendável. Além disso, a preocupação subalterna e obliqua de desfazer e amesquinhar todos os actos de administração passada...

O novo Itamaraty não escapa ao desastre. V. Exa. que para fortuna nossa, dirigiu com tanto brilho esse departamento, deve estar edificado com o que por ali se está passando, desde que se instaurou no Brasil o regime de liberdade e de justiça!

Consola-me a certeza de que tudo isso será de efêmera duração. Porque não pode continuar descoberta a cloaca onde certos indivíduos vão, às escondidas, reunir elementos para atacar anonimamente as reputações alheias.

É na esperança desse movimento, talvez já próximo, que me despeço de V. Exa., pedindo-lhe que me ponha aos pés de madame Mangabeira e que me continue a crer o mais dedicado dos admiradores e dos amigos.

C. de O. P.

Conde de
Ouro Preto

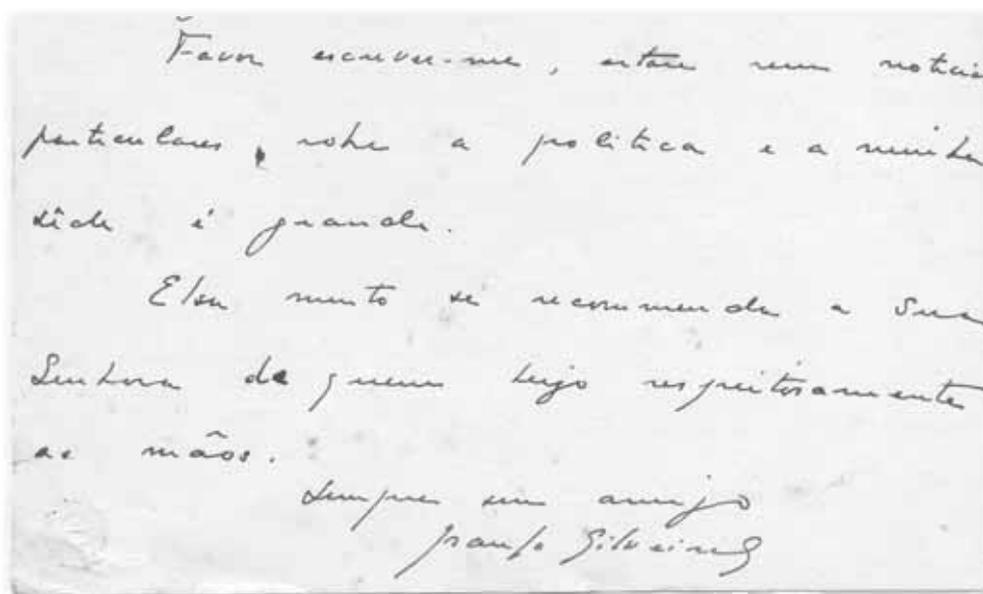
refere-se a Afonso Celso de Assis Figueiredo Júnior, advogado, dep. geral por Minas Geras na Assembléa Geral. Colaborou no *Jornal do Brasil*, *Tribuna Liberal*, *Correio da Manhã* dentre outros. Foi dele o discurso de recepção a Octávio Mangabeira na Academia Brasileira de Letras.

CASTEL GANDOLFO, 15 DE AGOSTO DE 1931

Fermo Posta Roma
Meu caro ministro
Afetuoso abraço.

Ainda estou em Castel Gandolfo, diante de um lago plácido como uma página de Platão, com as margens cobertas de vinhas e de oliveiras tranqüilas, como aquelas que deram sombra e consolo à figura divina do nosso Salvador. Da porta do meu quarto, que dá para o lago, vejo a lendária cidade *Alba-Longa* toda colorida de ouro e rosa pelo suave *tramonto* romano. Aqui, diante desta paisagem que exprime as páginas olímpicas de Goethe, com as suas cerejeiras e as suas magnólias, a minha triste alma de brasileiro sente o bálsamo religioso de uma paz, cheia de caridade e perdão, pelas infelizes criaturas que, neste momento, desgraçam a nossa pátria com a ferocidade inconsciente de animais selvagens.

Pobre Brasil! Moralizando-se e civilizando-se com a pedagogia política do Osvaldo Aranha e do Távora! A minha terra parece uma lata de lixo revolvida e desfrutada por uma matilha desesperada de cães famintos! Os gaúchos que ainda vivem, respirando o ar político de Rosas, Bento Gonçalves, Artigas, Flores e outros caudilhos, estão confundindo patriotismo com valentia. O espírito latino-americano que



Favor escrever-me, sobre um notável
particular, sobre a política e a unidade
do Brasil.
Este momento se recomenda a sua
sentença de quem seja resplendoramente
as mãos.
Sempre seu amigo
Francisco de Sá

Alba-Longa
segundo a lenda
precedeu a fundação
de Roma por Rômulo,
irmão de Remo.

tramonto
significa pôr-do-sol.

Rosas
refere-se ao gal. Juan
Manuel José Domingo
Ortiz de Rozas y López
líder argentino, conside-
rado o unificador
da Argentina.

Bento Gonçalves
refere-se a Bento
Gonçalves da Silva, mi-
litar líder da Revolução
Farroupilha, 1835.

Artigas
refere-se a José Gervasio
Artigas, político e militar
uruguaio, considerado
herói nacional.

produziu os Facundos, os Melgarejos, os Porfírio Dias e o soturno ditador Francia, cuja alma habita hoje a carcaça república de Borges de Medeiros, invadiu completamente a nossa adorada pátria, que a civilização e sabedoria dos estadistas do Império e da República de 89 haviam polido e envernizado com uma cultura européia, com um liberalismo britânico, para sempre nos separaram da mentalidade sediciosa a platina dos outros povos sul-americanos. Os bárbaros conquistaram o Brasil e agora estão querendo através da mentalidade mexicana do Osvaldo Aranha, nos mergulhar nas trevas de uma ditadura, que a nossa civilização repele e abomina. É o resultado desastroso do romantismo pecuário, do provincianismo oratório do Luzardo e do João Neves e da falta de visão política do Antônio Carlos, o Deus ex máquina de toda essa maxinifada república que nos está empobrecendo e arruinando!

Pelos jornais que tenho recebido, o Getúlio, o Osvaldo, o Távora e outros não querem saber de constituição. Querem o país nú em pelo, sem roupa constitucional. E depois eles sabem que há muita gente esperando calmamente a hora do ajuste de contas... Mas eles estão perdidos, estão completamente queimados. A campanha constitucional no Brasil já se pode considerar ganha. O Osvaldo Aranha e o Távora são dois pedaços de cortiça sobre as ondas da vontade popular... Sinto que perderam as rédeas do governo revolucionário e vão cair da tipóia em disparada. Pobre Osvaldo, tenho muita pena dele! Vai apanhar muita bordoadada quando os pregos se transformarem em martelos... Tudo isso é conseqüência da falta de cultura e equilíbrio moral. Se ele tivesse lido Plutarco e Gustavo Le Bon, teria sabido evitar uma porção de erros e violências que foram praticadas inutilmente e que só serviram para criar na classe dos mutilados políticos um sentimento que não haverá anistia que apague: o ódio. Coitado, ele não conhece a psicologia das multidões e vai ter que se alimentar das cinzas tristes de um entusiasmo que os revolucionários criaram com o sangue dos inocentes, a mentira e a ambição! Está chegando a hora do juízo final. Os humilhados e ofendidos esperam o momento da *vendetta*. Não se escarnece e nem se brinca com a honra dos inimigos, arrastando-a pela sarjeta da baixa popularidade, eu por mim não esquecerei nunca, nunca mais. A minha pena há de picar-lhes constantemente o coração. Não passei a vida me educando na Inglaterra, na Bélgica, na Alemanha, na França e na Itália

Facundos

refere-se a Fecundo Quiroga caudilho que apoiou o federalismo na época da formação da Argentina.

Melgarejos

refere-se ao cruel ditador da Bolívia, cedeu ao Chile o litoral passífico da Bolívia e, em retribuição ao cavalo que o B. do Rio Branco lhe deu de presente, cortou no mapa com uma régua, um pedaço da Bolívia e deu para o Brasil.

Porfírio Dias

refere-se a José de la Cruz Porfírio Díaz Mory, militar e líder político mexicano.

Francia

refere-se a José Gaspar Rodríguez Francia, ditador da República do Paraguai.

Antônio Carlos

refere-se a Antônio Carlos Ribeiro de Andrada, líder político mineiro.

maxinifada

significa mistura de coisas, mixórdia.

Plutarco

refere-se a Plutarco de Queroneia, filósofo e grego cuja ética baseia-se na convicção de que para alcançar a felicidade e a paz, é preciso controlar os impulsos das paixões.

Gustavo Le Bon

psicólogo, sociólogo e físico amador francês.

vendetta

significa vingança

rebenque
chicote de couro.

Paulo Silveira
refere-se a Paulo M.
de Assis Silveira, adido
Consulado de Primeira
Classe, em Roma.

para deixar-me governar por qualquer Getúlio, cujo cérebro é um depósito de estrume.

Tenho certeza que venceremos essa batalha e que o seu nome, ao qual nós cultos e civilizados, tanto devemos, será em breve a bandeira vitoriosa dos nossos ideais políticos. Conheço o seu espírito, a sua inteligência harmoniosa, aos quais a Bahia de Cotegipe e Rui Barbosa dará todo prestígio e toda a sua força cívica. A enxurrada passará e estou certo que o Sr. terá na nossa terra o lugar de honra que os salteadores do governo querem a todo transe arrancar-lhe. Mas será inútil, pois com todas essas perseguições mesquinhas eles só estão engrandecendo a sua personalidade diante dos brasileiros.

São Paulo é um osso tremendo que eles têm atravessado na garganta. Até agora não resolveram nada e não resolverão no futuro. Falta-lhes flexibilidade política, molas espirituais, para governarem o Brasil. Perderam a partida. Agora, naturalmente vão entrar no regime das violências, pensando que com isso evitarão a marcha da constituição. Mas contra essa idéia, que atualmente alagou completamente o país, a força não valerá de coisa alguma, naufragará. O Brasil não é colônia política do Rio Grande do Sul e o gaúcho hoje em dia sente a impossibilidade de dominar o país, com o rebenque dos seus tropeiros. Sente-se na atmosfera política o desejo de calma e de paz, coisa que não poderá existir em domínio turbulento dos gaúchos.

Eu e minha mulher ficamos muito contentes em saber que a sua filha tenha sido muito feliz na operação. Louvado seja o Nosso Senhor Jesus Cristo! Chegou o momento em que os males vão cessar de nos atribular.

Creio que parto para o Brasil no próximo dia 18 de Setembro. Vou aumentar as fileiras dos que lá estão combatendo a ditadura. Pode contar comigo. Chegou a ocasião da onça beber água.

Favor escrever-me, estou sem notícias particulares sobre a política, e a minha sede é grande.

Elsa muito se recomenda à sua Senhora de quem beijo respeitosamente as mãos.

Sempre seu amigo,

Paulo Silveira

TÓQUIO, 16 DE AGOSTO DE 1931

Senhor Ministro e querido amigo:

Foi para mim um grande prazer receber sua carta e, maior ainda, saber das boas notícias que, a seu respeito, nela me dá V. Exa. Muito nos alegamos de que a operação a que se submeteu Edyla tenha sido coroada do melhor êxito, e fazemos votos pelo seu pronto e completo restabelecimento.

Depois de ter escrito a V. Exa. resolvi modificar um pouco minha resposta à Comissão de Sindicância, conforme verá pela copia que aqui junto.

Mandei procuração ao Edgar de Castro Rebello para defender-me ante a Junta, dizendo-lhe, porem, para agir sempre de acordo com Dr. João.

Como vê, Sr. Ministro, se outros predicados não puder V. Exa. descobrir na minha humilde pessoa, porque não possuo, não se enganou, porem, quando a mim entregou os serviços do Gabinete que apenas requeriam de quem os executasse, lealdade e dedicação!

Esteja certo, Sr. Ministro, de que agindo como agi, obedeci, somente, segundo minha consciência, aos ditames do mais comezinho dever, sem ter em vista, em absoluto, a possibilidade sequer de qualquer proveito futuro. Poderia parecer assim, agora que a Bahia unânime e com ela, certamente, a maioria dos brasileiros presentes, reclama para V. Exa. o lugar que lhe compete na direção dos destinos da Pátria, pelo seu talento, cultura, patriotismo, honradez e tantas outras qualidades de que tem dado provas em sua vida pública; e que a volta de V. Exa. ao cenário político do Brasil se afigura iminente e, justamente, triunfal.

Além do mais, tenho a plena convicção de que, em se lhe deparando novamente a oportunidade, V. Exa. passando por alto as tergiversações de caráter de alguns – talvez os mais beneficiados e apreciados quando da gestão de V. Exa. – premiará apenas os méritos reais e palpáveis dos meus colegas (só na minha classe há, creio 20 mais antigos). De que nunca procurei obter vantagens pessoais, ninguém melhor do que V. Ex. está no caso de dizer.

Releve-me V. Exa. minhas expressões e, talvez, sua inoportunidade, e não veja nelas a menor parcela de ressentimento da parte de quem,

Edgar de
Castro Rebello
intelectual e escritor.

J.B. de César Berenguer refere-se a Jacome Baggi de Berenguer César; foi auxiliar de gabinete do ministro Octávio Mangabeira (1926-1930).

como eu, lhe dedica a maior admiração e uma real amizade: não é próprio desta o privilegio de conversar franca e abertamente?

Peço-lhe transmitir a D. Esther e a Edyla nossas saudades e aceitar um afetuoso abraço deste que se confessa, mais uma vez, seu sincero e seguro amigo.

J.B. de César Berenguer



PEQUIM, 21 DE AGOSTO DE 1931

Meu caro Senhor Ministro

Tive o grande prazer de receber sua carta de 6 de julho. Não recebi, porém, o retrato, de cuja remessa V. Exa. me falou no *post-scriptum*. Felizmente, encontrei nas minhas malas, entre papeis vindos do Ministério, um retrato, não muito mau que fiz enquadrar e já inaugurei na chancelaria.

Estou para escrever a V. Exa. há muito tempo, mas o calor não m'ó tem deixado. O verão em Pequim é verdadeiramente tremendo. A única vantagem sobre o verão do Rio é que dura apenas um mês e, qualquer que seja o caso, a roupa de brim ou de palha de seda é tolerada. A pouca energia que me restava, durante o calor, eu era obrigado a reserva-la para o meu expediente que, embora diminuto, é todo feito por mim. Há dois dias somente, graças a algumas chuvas torrenciais, a temperatura diminuiu.

Minha mulher e eu estimamos saber que a operação de Edyla havia corrido bem. Aliás, ela não podia ter sido confiada a melhores mãos do que as do Prof. Gosset. Conheço muito a casa de saúde da rua George Bizet, onde vários amigos meus foram operados, inclusive o Edmundo Bittencourt, há catorze anos.

Vejo o que V. Exa. me disse da chegada de Ronald. Ainda bem que ele o foi visitar. Eu tenho prevenido o Dantas sobre o seu mau caráter e o tenho aconselhado a afasta-lo o mais possível da Embaixada, soltando-o nos meios literários, onde ele, aliás, fará boa figura. Dizem que o Ronald recebeu 40 contos de ajuda de custo. Enviaram-lhe, porem, um telegrama anônimo para bordo, dizendo-lhe tirasse “bom proveito do premio da traição”.

A partida dele do Rio deu lugar a manifestações ridículas pelo seu exagero. Não sei o que teria feito se ele tivesse vindo como Embaixador. E o seu discurso foi infantil, pretensioso e cínico, por parte de um homem que vivia a dizer, até o dia 23 de outubro, que o Governo podia mobilizar 400 mil homens para bater os rebeldes. O pobre do Fiel, a criar cabritos agora, deve ter tido uma profunda decepção com o Ronald e o Portugal, seus grandes amigos!

Edmundo Bittencourt

jornalista e fundador do Jornal *Correio da Manhã*.

Ronald

refere-se a Ronald de Carvalho, poeta, historiador e literato foi jornalista do *Diário de Notícias*. No Itamaraty exerceu diversas funções.

Dantas

refere-se a Luís Martins de Souza Dantas, embaixador do Brasil na França (1922-1943).

Fiel

refere-se a Fiel de Carvalho Fontes, dep. est. Bahia.

Junta de Sanções
trata-se da Junta de Sanções, criada em substituição ao Tribunal Especial com objetivo de erradicar a corrupção.

Ouro Preto
Afonso Celso de Assis Figueiredo Júnior, advogado, nomeado Conde de Ouro Preto pela Santa Sé, membro da ABL, do IHGB, dep. geral por Minas Geras na Assembléia Geral

Collor
refere-se a Lindolfo Leopoldo Boeckel Collor, ocupou a pasta de min. do Trabalho, Indústria e Comércio (1930-1932), por ele criada.

Afrânio
refere-se a Afrânio de Melo Franco, min. das Relações Exteriores.

José Maria Belo
Foi candidato ao governo de Pernambuco em 1930.

Recebi, há dias, de Paris, um recorte de jornal, com uma lista fornecida pela Procuradoria da Junta de Sanções, sobre os pagamentos efetuados pelo Gabinete e pela Contabilidade, a título de despesas reservadas. Essa questão das sindicâncias no Itamaraty parece, por vezes, dormir e, de repente, despertar. Figuramos todos na lista, recebendo dinheiro ou efetuando pagamentos. O **Ouro Preto** escreveu-me indignado, pedindo-me uma declaração, que já lhe mandei, de que, por minhas mãos, ele não havia jamais recebido quantia alguma, sob pretexto algum.

Eu, às vezes, penso que Collor, no lugar de Afrânio, talvez tivesse zelado melhor pelo bom renome do Itamaraty, junto à opinião pública brasileira e no estrangeiro, isto é, na América do Sul, onde aquelas coisas não poderão deixar de repercutir. A publicação feita em torno das sindicâncias do Ministério, importa, afinal, na revelação de segredos de Estado, com prejuízo para o prestígio e a segurança do país. Não admira que os três empregados, quase subalternos, de Fazenda, incumbidos daquela tarefa ingrata, não tivessem uma perfeita consciência disso. Mas é incrível que o Afrânio não houvesse, ao menos, recomendado a devida reserva quanto à publicação dos resultados do inquérito.

Gostei imenso do manifesto de V. Exa. aos Baianos. Recebi, há poucos dias, uma carta de José Maria Belo, dizendo-me que a posição de V. Exa. na Bahia era excelente. Nunca tive dúvida, aliás, a esse respeito. Seria muito difícil aos seus inimigos solapar os alicerces de sua posição política na Bahia – alicerces lançados por V. Exa. e consolidados em mais de vinte anos de carreira. O seu prestígio na Bahia sempre foi próprio e nunca lhe veio por empréstimo.

Mas, o mesmo José Maria mostra-se muito desanimado com as coisas do Brasil, em geral. Não é para menos. Diz ele que, há nove meses, os homens não fazem senão governar para traz, nada construído. Faltou à revolução um cerebro coordenador. Os homens que estão governando o Brasil são de uma pobreza de inteligência e de uma estreiteza de vistas de fazer pena. Em 1889, em vinte dias, havia sido lançadas as bases do novo regime. Mas, estou agora convencido de que foi a Bahia, com o Rui, quem fez a grandeza da revolução que estabeleceu a República no Brasil.

Sou muito pessimista e ando deveras apreensivo. Não acredito mais na volta do Brasil ao regime normal, enquanto os homens de lá estão se conservando no poder. Fala-se agora na outorga de uma Constituição

provisória, como na China, o que corresponde à perpetuação do Getúlio e comparsas, no Governo. E o pior é que o Brasil vai resvalando para as mãos da soldadesca baixa, como em São Paulo, onde impera o Miguel Costa. A confusão, portanto, tende a aumentar.

Na Argentina, como V. Exa. sabe, caminha-se para uma outra revolução, convencidos como estão os Radicais de que o Uriburu não deixara as eleições correrem livremente. No Brasil, porém, não temos nenhum elemento organizado, comparável aos radicais argentinos, para por termo ao atual estado de coisas. Como disse, portanto, ando sinceramente apreensivo.

As coisas, aqui pela China, continuam também embrulhadas. O Governo conseguiu dominar uma tentativa de guerra civil no Norte, perto de Pequim. Mas, noutra província também no Norte, surgem agora sinais de agitação. Ora, até hoje, o caso de Cantão, onde se estabeleceu um governo independente, não teve solução, nem terminaram ainda as operações militares contra os exércitos comunistas, ao sul de Nanquim. E, para cumulo da infelicidade, a natureza associou-se aos homens para desgraçar o país. Cinco províncias, das mais ricas, estão sendo vítimas de inundações sem precedentes, havendo cerca de 50 milhões de indivíduos sem abrigo e ameaçados, a esta hora, de graves epidemias de tifo e cólera.

Minha mulher envia muitos cumprimentos a V. Exa. e à madame Mangabeira, a quem apresento as mais respeitadas homenagens. Nossas saudades à Edyla e aceite V. Exa. os protestos do profundo respeito com que sou

De Vossa Excelência atento servidor e amigo gratíssimo

P. Leão Veloso

Miguel Costa
refere-se a Miguel
Alberto Crispim Costa
Rodrigues, comandante
da Força Pública paulista
e da Secretaria de
Segurança do Estado.

Afonso de Carvalho
poeta, escritor, biógrafo,
ensaísta, foi diretor da
revista Nação Armada.

VITTEL, 26 DE AGOSTO DE 1931

(Particular)

Meu caro major Afonso de Carvalho,

Somente agora me veio às mãos o exemplar, com cuja oferta se dignou distinguir-me, do seu livro intitulado – 1ª Bateria, Fogo! – que tive o prazer de ler. Sou-lhe grato, já à lembrança, já aos termos, tão amáveis, com que a autografou.

Decorrido quase um ano sobre os movimentos de Outubro, lamento, cada vez mais, se lhes não houvesse evitado, fosse como fosse, a irrupção. Cada povo tem o governo que merece. Terá a revolução que merecer. Aplique-se ao caso vertente: o regime, tão falho, que tínhamos, era a expressão política do atraso, em que, por enquanto, nos achamos, e que não se revoga por decreto, nem se corrige com a força. A revolução, que viesse, teria logicamente, de corresponder, com as naturais agravantes, a um tal estado orgânico.

Qual é, na atualidade, o panorama? Anulou-se Minas Gerais, cindindo-se-lhe a política. Os irmãos de João Pessoa, os dois coronéis inclusive, são oposição na Paraíba. São Paulo não existe. O Norte é apenas uma expressão geográfica. A pretexto de desarmar os sertanejos, apreendeu em diferentes estados, sobretudo na Bahia, grande quantidade de armamentos. Funciona, na própria sede do governo, formada por três ministros revolucionários, uma chamada “junta de sanções”, que é um atentado menos ao país que à civilização do nosso tempo. Corta-se a moeda brasileira quase pela metade do valor que tinha em setembro de 1930. Um técnico estrangeiro, chamado pelo governo para dar-lhe as diretrizes da administração nacional, com o que nos arrolamos, por nós mesmos, entre as nações secundárias, preconiza uma estabilização sob taxa ainda menor que aquela de que se fez, contra o Presidente deposto, cavalo de batalha. As forças armadas, evidentemente divididas em grupos e sub-grupos, e, pois, neutralizadas – elas que hão de ficar, perante a História, como as responsáveis maiores pela ruptura da legalidade, por conseguinte, pelo que daí adventa – governaram o país oito dias, o que lhe inspirou, no seu livro, aquela boa frase, que guardei: “seguraram, desta vez, o cavalo, para o paisano montar”.

João Pessoa
refere-se a João
Pessoa Cavalcanti de
Albuquerque, gov. da
Paraíba e candidato
a vice presidente da
república assassinado.

Há, todavia, alguma coisa de pé: o Rio Grande. Sendo, de si mesmo, entre os Estados, o mais afeiçoado à luta armada, arma-se, só ele, até os dentes, em grande parte com as armas, como usa os recursos da União, e traz aos pés a Nação, desarvorada e inerme, que há de receber, para os pulmões, o ar que lhe dê a generosidade dos seus dominadores que, nem por serem irmãos, por sinal dos mais queridos, menos a humilham, se a subjugaram, expressa, ou tacitamente.

Mas... vejo que prolongo, com o dr., a conversa que, há quase um ano, entretivemos, quando me deu o prazer de ir à nossa casa. Faço ponto por aqui. Estarei vendo mal? Deus o permita. Estarei pessimista? Pode ser. Mas, em todo caso, o que me inspira é o amor do meu país, tanto mais quanto dele agora ausente, para melhor por ele estremecer.

Com os renovados agradecimentos, um abraço do

Octávio Mangabeira

Adresse: Embaixada do Brasil

CORUMBÁ, 27 DE AGOSTO DE 1931

Meu Caro Octávio,

Pelo dia de hoje que não esqueci, mando ao meu caro amigo o meu afetuoso abraço, com os meus mais ardentes votos pela sua felicidade e dos seus. Quisera, nesta data, mandar-lhe um telegrama de felicitações, mas as minhas magras posses não o permitem. Esta carta, portanto, suprirá essa falta e dará a você a convicção de que sua pessoa continua a viver no meu pensamento e no meu coração.

Logo que aqui cheguei, em começo de fevereiro, escrevi-lhe umas linhas, para a Itália, com endereço da nossa Embaixada, em Roma. Como o envelope levava o seu nome, receio que você não a tenha recebido. Hoje, porém, para maior segurança, vou mandar esta ao Luiz Dantas esperando que ele a faça chegar às suas mãos.

Estou por aqui há sete meses, como capitão nos portos deste Estado, sem saber quando me farão regressar ao Rio. Outros, que vieram depois de mim, já regressaram. Eu, porém, que hoje sou órfão de tudo, tenho que aguardar que um dia se lembrem de mim. O clima aqui é mau, muitíssimo quente, com variações de temperatura, que levam o termômetro de 38 e 40 graus a 12 e 14, em poucas horas. É preciso boa fibra para resistir, o que já me falta, um pouco. Contudo, vou agüentando.

De política nada sei, apenas posso lhe dizer que a nossa pobre e infeliz Bahia vai ser entregue a um Tenente, Juracy Magalhães, ou Juracy Mamede.

Mande-me duas linhas suas, peço-lhe.

Recomende-me muito a D. Esther e a Edyla.

Receba um abraço muito saudoso.

Do amigo para sempre.

Ruizinho

Luiz Dantas

refere-se a Luís Martins de Souza Dantas embaixador do Brasil na França (1822-1934), por ser de confiança de Mangabeira, emissário que levava e trazia correspondências.

Juracy Magalhães

refere-se a Juracy Montenegro Magalhães, revolucionário de 30, interv. fed. na Bahia (1931-1935).

Juracy Mamede

refere-se a Jurandir Bizarria Mamede, comandante da Brigada Policial de Pernambuco.

Ruizinho

refere-se a Alfredo Rui Barbosa, filho de Rui Barbosa; foi militar e político.

SALVADOR, 27 DE AGOSTO DE 1931

Mensagem nº. 20

Exmo. Snr. Dr. Octávio Mangabeira

A Associação dos Cirurgiões Dentistas da Bahia prevalece-se da passagem, 27 de agosto do corrente, dia do natalício de V. Exa., para, numa demonstração inconcussa de coerência com as atitudes que tem assumido, desde a data de sua fundação, em 1917, vir render, respeitosamente, a V. Exa., como o vem fazendo todos os anos, as homenagens especiais de alto apreço, firme solidariedade e cordial simpatia, de par com os mais profundos testemunhos de reconhecimento a V. Exa., que tanto os merece pelos assinaláveis e inolvidáveis serviços que há prestado a essa Associação, em particular e, no geral, à Odontologia Pátria.

A fecunda e luminosa trajetória da vida social e política de V. Exa., que na esfera do jornalismo e na bancada parlamentar, quer no Itamaraty, onde tanto exaltou e dignificou o Brasil, é, aqui e ali, assinalada por significativo préstimo à Odontologia Nacional.

No Parlamento, V. Exa. defendeu, com o brilho e o calor da palavra eloquentíssimo, a causa sagrada do Ensino da Odontologia.

No Itamaraty, V. Exa. cercou, com a aura prestigiosa da solidariedade oficial, os representantes, não só baianos e brasileiros, como estrangeiros, que constituíram aquele importante cenáculo de saber e de doutrina que foi a 3^o Congresso Odontológico Latino-Americano, realizado, em julho de 1929, na Capital do País, e que logrou reunir cerca de 3 mil dentistas em torno das mais belas causas da Odontologia.

As demonstrações de simpatia que a Chancelaria brasileira prodigalizou então aos delegados brasileiros e estrangeiros àquele magno certamente receberam um novo cunho de alta significação no apoio direto que V. Exa. dispensou aos trabalhos do 3^o Congresso Odontológico Latino-Americano e na maneira cordealíssima com que V. Exa. recebeu, no salão de honra do Itamaraty, os membros delegados, que foram unânimes em salientar e agradecer o quanto V. Exa. contribuiu afim de que o Comitê Brasileiro Organizador do magestoso certame pudesse imprimir-lhe a elevada feição cultural de que o mesmo se revestiu.

Justo, pois, que a Associação se orgulhe e desvaneça em ter V. Exa. como seu mui alto sócio Honorário, título que, embora substanciasse modesta, mas sincera homenagem, foi conferida a V. Exa. em um dia significativo e memorável, como o de hoje, a 27 de agosto de 1930, data que recorda as glórias do Tribuno, as vitórias do Jornalista e do parlamentar, e os honrosíssimos lauréis do Diplomata.

Se, porém, a Associação se orgulha de contar V. Exa, no numero de seus mais eminentes sócios honorários, a Bahia e o Brasil se envaidecem de possuir em V. Exa. um dos mais dignos e ilustres filhos.

Político idealista e sincero, jornalista vibrante e independente, parlamentar eloqüente e indefeso, culto e imperterrito estadista e diplomata, a cuja visão aquilina jamais escapariam os prementes problemas que diziam com a integridade, hegemonia, e grandeza o Brasil, V. Exa. continuou, na Chancelaria Brasileira, a vincar os sulcos de ouro imarcescível que a pena áurea do Rio Branco deixou, para todo e sempre, nos anais da diplomacia brasileira.

A obra reconstrutora e nacionalizadora, de tão expressiva brasilidade, do Chanceler Octávio Mangabeira, está maravilhosamente refletida, aos olhos dos contemporâneos, nos trabalhos profícuos, constantes, elevados que a chancelaria brasileira, sob a orientação superior de V. Exa. desenvolveu, na órbita ampla de uma política de harmonia e de concórdia, com todos os países estrangeiros. Eles estão refletidos e concretizados na seleção e aproveitamento de valores culminantes para a obra da diplomacia; no culto acendrado aos prohomens que elevam e enobreceram o nome do Brasil; no carinho tutelar em adquirir e custear as mais preciosas heranças científicas, artísticas e históricas que antepassados ilustres legaram à terra mater; no zelo, quase religioso, pela expansão e pela divulgação, no estrangeiro, do idioma nacional, divina “flor do Lácio”, que Bilac cantou.

A obra, realmente grandiosa de V. Exa., quer na esfera intelectual, quer na esfera material, está, ainda, consubstanciada na magnífica restauração do Itamaraty, da sua biblioteca, do seu arquivo, da sua secretaria, da suas salas e dependências que fazem, hoje, o lustre do Ministério do Exterior.

Essa obra, tão assinalável e digna de louvor e reconhecimento dos contemporâneos, não se limitou, não se circunscreveu às fronteiras do

Brasil. Irradiou, por elas, afora, na continuidade do mesmo raio luminoso, para as lides das repúblicas sul-americanas, muitas de cujas questões de demarcação e limites V. Exa. resolveu, com honra para o Brasil, e sem uma nota discordante sequer na cordial harmonia que reina entre as nações da Sul América e a República Brasileira.

Exmo. Sr. Dr. Octávio Mangabeira, V. Exa. realizou, plena e verdadeiramente, no Brasil contemporâneo, obra de tão alto quilate, que resiste às críticas mais severas e apaixonadas, e de tão vastas proporções e alcance, que só pode ser avaliada e medida pelos juízos mais serenos e justos da posteridade. Tal exteriorizou a palavra insuspeita, desinteressada e santa de uma lídima glória do clero brasileiro – o eminente tribuno baiano, Monsenhor Elpidio Ferreira Tapiranga.

Mercê de Deus, V. Exa. conquistou para a Bahia, glória imarcescíveis que fizeram reverdecer os louros que enastraram as frentes de Cotejipe, Zacarias de Góes e Vasconcelos, Cairu, Rui Barbosa, Visconde do Rio Branco, Manuel Vitorino e outros mestres tutelares da Pátria.

A Associação dos Cirurgiões Dentistas da Bahia, que sempre aplaudiu, com entusiasmo, a obra sadia, patriótica e cívica que V. Exa. desenvolveu, no jornalismo, no parlamento, na chancelaria, na diplomacia, não pode furtar-se a exprimir os seus sinceros votos pela saúde e felicidade de V. Exa. e Exma. Família e por que Deus permita regresse V. Exa., dentro em breve, ao seio do torrão brasileiro, afim de poder continuar a prestar, à Bahia e ao Brasil, os altos e inestimáveis serviços do jornalismo, do político, do parlamentar, do estadista, do diplomata, reivindicando o direito inalienável a que V. Exa. fez jus, o direito ao apreço, à consideração, à estima de todos os Brasileiros que saibam estremecer a Pátria, e o maiores filhos que por ela se sacrificaram, até o ostracismo ou até o holocausto.

Monsenhor Elpidio
Ferreira Tapiranga
eclesiástico e escritor.

à consideração, à estima de todos os Brasileiros que saibam estre-
 mecer a Patria, e os maiores filhos que por ella se sacrificaram
 até o ostracismo ou até o holocausto.

- | | |
|------------------------------------|--------------------|
| Augusto Apóstolo | Presidente |
| José Chaves de Almeida | 1º Vice-Presidente |
| Dr. Antonio de Jesus Coelho, Prof. | 2º Vice-Presidente |
| José Tomé Homem | 1º Secretario |
| Pedro Antonio de Almeida | 2º Secretario |
| Paulo de Mello | Thesoureiro |
| Rualdo Marques de Figueiredo | Bibliothecario |
| Alcides de Albuquerque | Vogal |
| Adelin de Souza | " |
| Leandro da Silva Nogueira | " |
| Mario Ramo de Guizor | " |
| Cicero Mendes | Orador Official |
| Pedro de Almeida e José Ramon | |
| Dr. Pedro Pereira Maltez | |
| bracy Lopes de Silva | |
| Antônio do Costa Lorea | |
| Augusto Wey de Almeida | |
| José Augusto de Almeida | |
| Ruy Vazquez Greire | |
| João R. Germano | |
| Washington de Almeida | |
| Epifanio de Almeida | |
| Dr. José Pedro de Almeida | |

Paulo Faria
Alexandre Alves de Castro
Octavio Campello
Alvaro Salgado
Mário Roberto Leite
- Cesar Barroso de Souza
Mário Soares Pinheiro
Balthazar de Sousa de Cavalho
Mori Antonio de Jesus
Jurema Jara Labota
Antonia Baptista dos Santos
Florencia
Isabel de Menezes Hart
Isaura Leônia Vieira Lourenço
Alice Faria
Miro Silva Santos
João Almeida
Jupia
Regal de Gama
Raymundo Augusto da Silva
Eliana Baptista
Arendine Trons Faria
Darina dos Santos Piro-pó
Augusto Desolecio Barizé
Augusto de Oliveira Brown
Dulce Laura da Silva
Letícia Laura da Silva
Abelagarias Rocha

PARIS, 30 DE AGOSTO DE 1931

Batista

refere-se a Antônio
Batista Pereira; foi
secretário de embaixada,
genro de Rui Barbosa.

Batista:

Recebi, com prazer, a sua carta, e li a boa síntese que faz dos dias que vão correndo...

Não lhe preciso exprimir a grande satisfação com que recebi sua carta. Vejo que você pensa como João, relativamente ao manifesto, que mandei, para aí, de Roma. Foi aliás opinião geral, no seio dos amigos, que não fosse o mesmo publicado. Os daí, como os daqui. Continuo, entretanto, a divergir. Ter-se-iam seguido a ele outras publicações complementares, e, sem dúvida nenhuma, quaisquer que pudessem ser as repercussões do momento, melhor, para com o país e para com a minha própria consciência, estaria eu cumprindo o meu dever. O espetáculo de insensibilidade, que os políticos decaídos têm oferecido, envolvendo confissão de falta de autoridade – “desmoralizados”, como o inconsciente do Getúlio disse, com todas as letras, a um jornal dos Estados Unidos, e o Afrânio fez divulgar, pelas nossas missões diplomáticas – é mais uma sombra a carregar na tristeza desta fase, por tudo, a mais triste da História do Brasil. Só vejo, para consolo, uma explicação que coonesta – a de que se teve o propósito de deixar a ditadura em plena liberdade, para que assim não reste a ela pretexto com que justifique o seu fracasso. Todo o mal que, porventura, fez, em quarenta anos, ao país, a república velha, não iguala os que, só nos nove meses, já nos tem feito a nova. Nunca tive, aliás, ilusões. Se cada povo tem o governo que merece, terá a revolução que merecer. Aplique-se ao caso concreto: se o regime, tão falho, que tínhamos era a expressão política do atraso, em que por enquanto nos achamos, a revolução que viesse teria por força de corresponder, com os naturais agravantes, a um tal estado orgânico. O mais, é fantasia...

Que o Brasil, progredindo materialmente, como indiscutivelmente progrediu, retrogradou, contudo, nos seus índices intelectual e moral, só um cego o não verá. Basta que se confrontem as duas épocas, 1889 e 1930: Deodoro e Getúlio; Rui Barbosa e Osvaldo Aranha. Basta que se faça um paralelo entre a grande oposição que Deodoro sofreu, como, depois, Floriano, malgrado exílio e fuzilamentos, e o silêncio com que se aturam todos os escarros da ditadura vigente que, a nenhum título, é

João

refere-se a
João Mangabeira.

Afrânio

refere-se a Afrânio de
Melo Franco, integrou
a Comissão Executiva
da AL. Posteriormente,
nomeado min. das
Relações Exteriores.

comparável com aquela. A reação contra o Washington, esta não prova nada. Salvo um ou outro episódio, a destacar-se, entre todos, a atitude do Presidente a 24 de outubro, o historiador, amanhã, há de tapar o nariz, quando tiver de ler-lhe os documentos. Tudo, aliás, se explica. Mudemos, porém, de assunto, porque, neste passo, iremos longe...

Vindo de Itália e Suíça, estive em Paris quatro meses. Dali, fui a Londres, Paris, Biarritz, fazendo, por fim, em Vittel, a clássica estação das três semanas. Estou de novo em Paris, a bem dizer, de passagem, pois vou tomar outro rumo, provavelmente a Alemanha. Tenho visto e observado, o mais que posso, as cousas por aqui, e feito algumas leituras, que há tanto, a política não me permitia. Quantas e quantas vantagens levam sobre nós os que florescem por estas velhas paragens! Que teria sido o nosso Rui, se nascesse na França ou na Inglaterra! Porém, tanto mais desfavoráveis às condições do Brasil, tanto mais a ele nos votamos. Vamos encher, com algumas gerações, a grande profundidade, para que, um dia, os nossos descendentes possam viver mais felizes à imagem daqueles soldados que morrem servindo de aterro, para que sobre eles passem os outros que se cobrirão dos louros... E não lutamos com certos grandes problemas com que por aqui se luta, a guerra sempre uma hipótese a flamejar no horizonte.

Quanto a regresso ao Brasil, nada tenho ainda resolvido.guardo a ocasião mais oportuna – e encareço, nesse sentido, as impressões dos amigos – por muito que me custe o sacrifício de permanecer no estrangeiro, com todas as restrições imagináveis, graças, sobretudo, às taxas nobres por que a revolução – a benemérita – encontrou meios de substituir o câmbio vil do Washington. Está, no momento, o franco pelo dobro do que valia em setembro de 1930!

Esther e Edyla vão sem novidade, sendo que Edyla, já você deve saber, se operou de apendicite, felizmente com todo o êxito.

Já será tempo de você mandar-me novo relatório. João lhe orientará sobre o meio mais seguro de remessa.

Lembranças a todos os seus. Transmita, com todo o carinho, a d. Maria Augusta, as nossas saudades.

Um grande abraço do

Octávio (Mangabeira)

Washington

refere-se a Washington Luís Pereira de Sousa, ex-presidente do Brasil.

Maria Augusta

refere-se a Maria Augusta Viana Bandeira, esposa de Rui Barbosa.

SETEMBRO DE 1931

Meu caro José Maria:

Acabo de receber a sua carta, que, à espera de portador, como ficou, veio com certo atraso. Andávamos, os dois, pelo que vejo, um a notar o silêncio que o outro se guardava. Mas é claro que eu, daqui, nada tenho a dizer aos amigos. A eles, sim, é que cumpre trazer-me ao par dos fatos, que se venham por ai desenrolando.

Não tenho decepções. A revolução corresponde à minha expectativa. Nunca me passou pela cabeça que pudesse ser coisa melhor. Os males que já nos fez – e excedem, nestes dez meses, aos da república velha, durante os seus quatro decênios – são, todavia, menores que os que ainda nos reserva. Preparemo-nos para, se chegarmos aos sessenta ou setenta anos de idade, nos recordar-mos da fase, que se encerrou a 24 de outubro, como de tempos áureos... Acreditar que os defeitos, de que todos nos queixávamos, só corrigíveis, evidentemente, com a ação do trabalho e do tempo, se concertariam com a melhora – sabida, como era, e ressa-bida, a espécie das mazorqueiros, que não vinham da Inglaterra, nem da França e, muito menos de Saturno, ou Júpiter – é de mera ingenuidade inverossímil. Somemos às nossas mesmas outras muitas; aumentamos, em grande proporção o nosso passivo, em todos os sentidos; agora, há de ser grande a trabalhadeira... para voltar ao que éramos.

Da República Velha, a meu juízo, a página mais triste é a da falta de criatividade, em que tem reconhecido os seus homens, insensíveis a todos os agravos, “desmoralizados”, chamou-os, com todas as letras, o porco do Getúlio, em uma entrevista que deu a um jornal dos Estados Unidos, e o Afrânio divulgou por intermédio das nossas missões diplomáticas! Deodoro, e se chamava Deodoro, encontrou opositores. Floriano, que fuzilava gente, gente encontrou que o enfrentasse. Mas Getúlio, não lhe toques. É um insulto? Suporte-se, para que não venda a bofetada. É uma bofetada? Tolere-se, para que não venha o chicote. É um chicote? Transija-se, para que não venha a bala. É uma bala? Chame-se o médico. Morreu? Enterre-se. Isto, sim, ultrapassou a minha expectativa. Tenho conhecido tiranias, que acabam, afinal, por impor-se. Mas depois de esmagar muita gente. O que se passa no Brasil é inédito. Confesso-lhe que, na parte que me toca, apesar de ter documentos – e

Mazorqueiros
sinônimo de baderneiro,
desordeiro.

Deodoro
refere-se a Deodoro
da Fonseca, primeiro
presidente do Brasil
1889-1891.

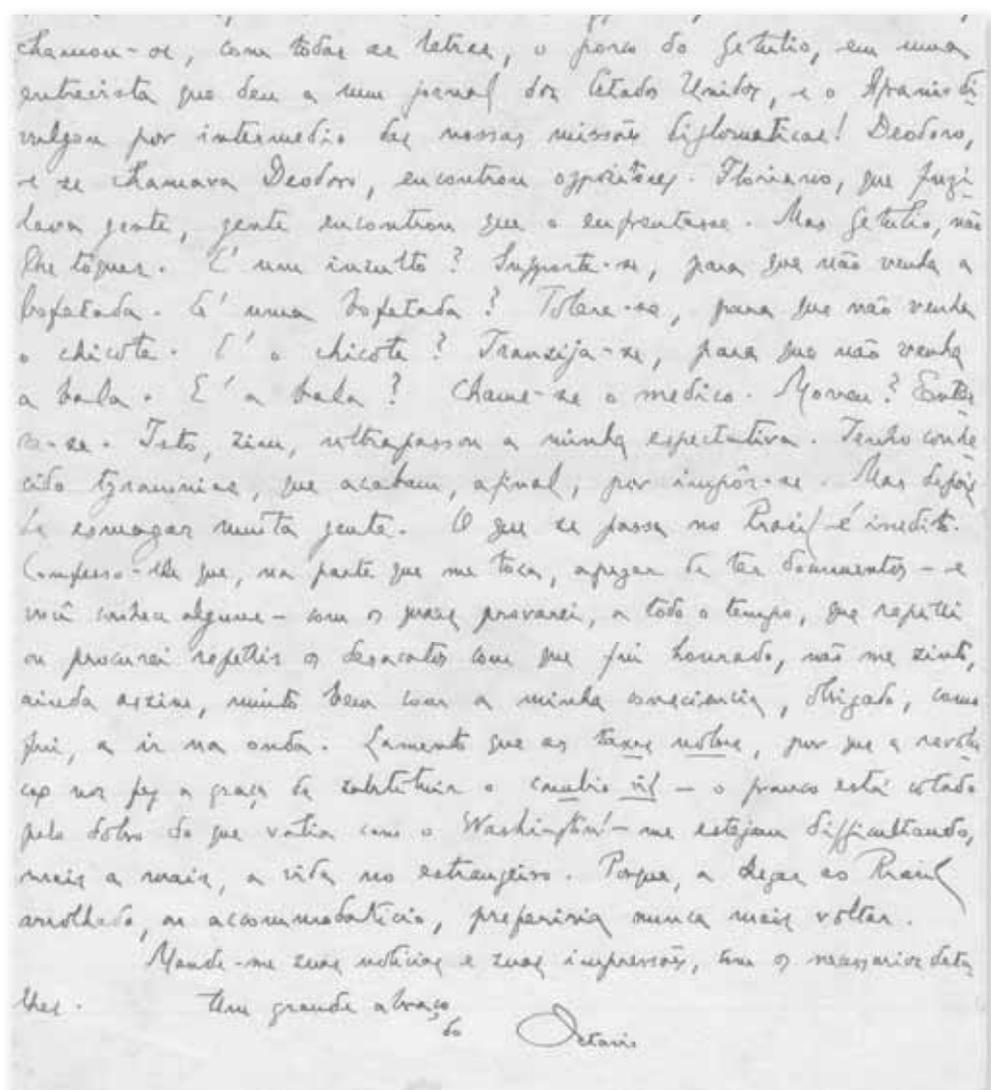
Floriano
refere-se a Floriano Pei-
xoto, segundo presidente
do Brasil (1891-1894).

você conhece alguns – com os quais provarei, a todo tempo, que repeli ou procurei repelir os desacatos com que fui honrado, não me sinto, ainda assim, muito bem com a minha consciência, obrigado, como fui, a ir na onda. Lamento que as taxas nobres, por que a revolução não fez a graça de substituir o câmbio vil – o franco está cotado pelo dobro do que valia com o Washington! – me estejam dificultando mais a mais, a vida no estrangeiro. Porque, a chegar ao Brasil arrolhado, ou acomodaticio, preferiria nunca mais voltar.

Mande-me suas noticias e suas impressões com os necessários detalhes.

Um grande abraço

do Octávio



chamou-se, como todas as outras, o povo do Getulio, em uma
entrevista que deu a um jornal dos Estados Unidos, e o Spanio de
vulgar por intermedio das nossas missões diplomaticas! Deodoro,
e se chamava Deodoro, encontrou opposição. Floriano, que fugi-
lava gente, gente encontram que o representasse. Mas Getulio, não
lhe toques. É um inseto? Suprante-se, para que não vinda a
bafatada. É uma bafatada? Tolare-se, para que não vinda
o chicote. É o chicote? Transija-se, para que não vinda
a bala. É a bala? Chame-se o medico. Morreu? Entes-
ca-se. Tudo, zéu, ultrapassou a minha expectativa. Tenho com-
dito transmissão, que acabou, afinal, por impôr-se. Mas depois
de começar muita gente. O que se passa no Brasil é inédito.
Confesso-lhe que, na parte que me toca, apesar de ter comentários – e
mãe ainda alguma – sou o que provarei, a todo o tempo, que repelli
ou procurei repelir os desacatos com que fui honrado, não me sinto,
ainda assim, muito bem com a minha consciência, obrigado, como
fui, a ir na onda. Lamento que as taxas nobres, por que a revolução
aprove a graça de substituir o câmbio vil – o franco está cotado
pelo dobro do que valia com o Washington! – me estejam dificultando,
mais a mais, a vida no estrangeiro. Porque, a chegar ao Brasil
arrolhado, ou acomodaticio, preferiria nunca mais voltar.
Mande-me suas noticias e suas impressões, com os necessários deta-
lhes.
Um grande abraço
Octavio

Washington
refere-se a Washington
Luís, presidente do Brasil
deposto pela Rev.
de 1930.

Fernando
Magalhães
refere-se a Fernando
Augusto Ribeiro Maga-
lhães, médico e presiden-
te da Academia Brasileira
de Letras.

PARIS, 3 DE SETEMBRO DE 1931

Meu caro dr. Fernando Magalhães:

Agradeço-lhe, antes de tudo, o telegrama de felicitações, com que me honrou a 27 de Agosto.

Espira, a 25 do corrente, o prazo de seis meses, adicional ao primeiro, dentro do qual, normalmente, me cumpriria ter tomado assento na Academia de Letras. Como, oportunamente, lhe avisei, tenho, há seis meses, o discurso escrito. Deixei, não obstante, de enviá-lo, porque, adiada a cerimônia da posse, a bem dizer indefinidamente, precisarei talvez modificá-lo. Já agora acredito preferível não se tratar mais do assunto. Tomarei posse logo que volte ao Brasil, do que lhe darei ciência com a antecedência devida. Estou pronto, entretanto, a cumprir as suas instruções.

A resistência do hábito faz com que continue a escrever fora das novas regras, que, todavia, procurarei adotar. O que fez a Academia, quanto à reforma ortográfica, foi o que sempre entendi que se devia fazer.

Transmita à sua senhora os cumprimentos, meus e de minha mulher, e, com todos os votos mais sinceros pelo seu constante êxito, receba um grande abraço afetuoso do seu

amigo e admirador

Octávio Mangabeira

MONTREUX, 12 DE SETEMBRO DE 1931

Octávio,

Não tendo você respondido minha última carta, penso não a ter recebido e mando esta para Tude levar.

Mando-lhe alguns recortes de jornais, dos muitos que recebi do Rio. Nenhum fato novo.

Brant e Pena deixaram o BB, pelo resultado da sindicância feita pelo governo, em torno da ação de ambos.

Confirmo tudo quanto disse sobre Minas. Olegário firme, tendo concentrado em Belo Horizonte toda a força disponível, sob pretexto de festejar o 7 de setembro. Trata Getúlio de igual para igual, tem o apoio do Leite de Castro e dos elementos militares. O caso mineiro, entretanto, poderá ainda dar lugar a muitas surpresas. Falava-se no Rio, no dia 12, em mudança da situação, num golpe militar.

O Campos partia no dia 12 para Belo Horizonte, onde deve ter sido recebido com uma manifestação formidável. A polícia de Minas (1200 homens) guarnece a Mantiqueira e as fronteiras do Espírito Santo, Rio e S. Paulo. Impossível a intervenção em Minas. O governo federal não a tentará.

Confirmo o que disse sobre a sua situação. A 7 de setembro houve no teatro São Caetano uma manifestação significativa por ocasião da colação de grau dos bacharelados. Eis como Ramiro descreve: “O diretor chamava um a um os bacharelados para a colação de grau. Flávio Brant, orador oficial, foi com o pai (Mário Brant) atender a chamada. Meia dúzia de palmas, seguidas de profundo silêncio... Depois o diretor chama Francisco Mangabeira, que entra com o João. Palmas calorosas e prolongadas. As aclamações atingiram verdadeiro delírio. A mocidade toda de pé, berra loucamente: Mangabeira! Mangabeira! Mangabeira!”.

Ramiro acha que você não deve vir tão cedo. É o grande nome da atualidade. Em toda a parte fala-se em você.

Abraço do

Brito

Montreux
cidade da Suíça.

Brant
refere-se a Augusto
Mário Caldeira Brant,
pres. do Banco do Brasil.

Pena
refere-se a Afonso
Augusto Moreira Pena
Júnior diretor do
Banco do Brasil.

Olegário
refere-se a Olegário
Dias Maciel, engenheiro,
governador octogenário
de Minas Gerais.

Leite de Castro
refere-se a José Fernan-
des Leite de Castro; foi
militar, revolucionário de
1930 e min. da Guerra.

bacharelados
refere-se aos que se
formaram em Direito.

Ramiro
refere-se a Ramiro
Berbert de Castro,
político e produtor rural
da região de Ilhéus.

Brito
refere-se a Manuel Tomás
de Carvalho Brito, jorna-
lista e político, ajudou a
criar a AL em oposição a
Washington Luís.

SETEMBRO DE 1931

(Euvaldo)

Cópia manuscrita feita por Euvaldo Pinho

João
refere-se a João Mangabeira, um dos representantes de seu irmão Octávio Mangabeira.

Junta de Sanções
tinha o objetivo de combater a corrupção, investigando, julgando e punindo os culpados.

Washington
refere-se a Washington Luis P. de Sousa, ex-presidente (1926-1930) deposto e exilado pela Rev. de 1930.

A última carta que tive de João, pelo correio aéreo da semana passada, estava muito otimista. A Junta de Sanções (esqueci-me e escrevi isto em letras maiúsculas) virtualmente dissolvida. A Constituinte próxima. Vamos a ver. Estou no firme propósito de só voltar ao Brasil quando puder fazê-lo com a palavra e os movimentos livres. Abomino a escravidão, máxime sob o comando de gaúchos, que estão batendo, em inabilidade, o Washington, pois conseguiram, em seis meses, pela burrice e pela grosseria, incompatibilizar-se com o país.

A sindicância no Itamaraty, não sei como a agradecer. Hei de fazer dela um galardão, quando me couber analisá-la.

Não se deve dar à publicação o nome de “manifesto”, mas o de “declaração”, ou de “mensagem”, para estar de acordo com a intenção.

(Octávio Mangabeira)

BONN, 24 DE SETEMBRO DE 1931

Meu prezado amigo
Senhor cônsul Falcão

De posse da sua carta de 24 do corrente, estou pronto para ajudar, que o nosso muito respeitado ex-Ministro leve de nós e da Alemanha a melhor impressão possível. Para este fim minha casa está a dispor, e minha Senhora declarou-se pronta para preparar a canja, a feijoada e a perna de peru. Posso mostrar então ao nosso ex-Ministro, em sua companhia, Bonn e o Ahrtal. Faremos juntos por automóvel uma excursão no Reno, ao Lachersee e na floresta negra, voltando depois à Wiesbaden.

Como está vendo, estamos aqui às ordens, para receber com todas as honras quem o merece. Queira portanto incluir no seu programa o que achar conveniente e dispor para o dia 10 de outubro.

Do seu amigo e admirador

Otto Mattheis



Alemanha, Bonn.

D-E: Cônsul Otto Mattheis, Octávio e D. Esther Mangabeira e Sra. Mattheis.

Falcão

refere-se a Idelfonso
Falcão, cônsul na
Alemanha.

RIO, 2 DE OUTUBRO DE 1931

Octávio

Somente hoje recebi sua carta de 6 de setembro.

Aqui a situação piorou. Voltaram os boatos de movimento militar, sobretudo em S. Paulo, e a censura na imprensa e nos correios e telégrafos está rigorosa. É que, como lhe disse, o governo está materialmente forte, porque apoiado no Rio Grande unido, e moralmente fraco, porque impopularíssimo. Não há dúvida que, se Washington saltasse hoje no Rio, e houvesse liberdade, receberia uma manifestação formidável, como acinte e demonstração de desagrado ao governo.

Tudo isto, porém, não o livra da condenação de ter, que por seus erros e crimes – pois é um crime querer fazer a pulso, um sucessor, para se perpetuar no foro do poder – levado o país à revolução. E quanto mais os homens da revolução se desmandam e erram, maior, ao meu ver, a responsabilidade do Washington, que foi quem deu causa aos malefícios.

Continuo, porém, no meu antigo pensar. Apesar de todos os erros e abusos dos homens incompetentes que representam a revolução, esta foi um bem para o país, porque partiu uma máquina de opressão que poderia durar ainda 100 anos, ao passo que a monstruosidade provisória que aí está, não durará mais que 1 ano, porque cessará com a Constituinte.

Neste assunto, aliás, dificilmente nos compreenderemos. Porque eu era e sou por uma revolução muito mais larga e profunda, e que os homens do governo daqui não teve capacidade para tentá-la; uma revolução que, sem chegar ao comunismo, abalasse a sociedade, reformando-lhe os quadros, alterando-lhe o conceito da propriedade e de outros institutos civis, e transformando o regime capitalista, que tem feito a desgraça humana. É pena que os homens da revolução de 3 de outubro não tenham sabido aproveitar a oportunidade.

Mas, ainda assim, partindo uma velha máquina, a revolução abriu-lhe um horizonte para dias melhores. Tem tardado, mas hão de vir, com a Constituinte.

Digo-lhe isto num momento de todos os pontos de vista mau para mim. Por perseguição a Cincinato vão abrir, ou já abriram, sindicâncias

Washington
refere-se a Washington
Luis, ex-presidente de-
posto pela Rev. de 1930.

Cincinato
refere-se a Cincinato
Braga, político paulista,
presidente do Banco do
Brasil (1923-1925).

sobre estes fatos, relativos às usinas de Campos, onde serei envolvido. E nem eu, nem ele, temos culpa.

Isto, porém, mesmo injustamente condenado, não me tira a serenidade no julgamento.

Não sei como Cincinato fará. Mas a sua defesa será irresponsável. Eu, porém, em caso algum apresentarei defesa perante a Comissão de Correção, e não sei se permitirão que a imprensa publique o que eu quiser. Responderei a tudo com altivez, energia e coragem.

Tenho informações que o Temístocles envolverá meu nome na tal denúncia.

Como você viu, a Junta de Sanções foi transformada em Comissão de Correção, que não julga. Opina somente, cabendo o julgamento a Getúlio, por decreto. Desmoralizou-se a tal Comissão, ainda mais do que a Junta. Porque o plano é ficar Getúlio, com o Julgamento em suspenso, como uma espada sobre todos os denunciados! Que imbecilidade!

Dizem que amanhã serão estudados os 14 inquéritos ou sindicâncias contra você, pois já a Comissão do Itamaraty encerrou os seus trabalhos. Naturalmente, como tem feito com os outros, lhe darão por telegrama um prazo de 15 dias para defesa.

Que comédia!

Também aqui não há quem leve a sério esta justiça. Nem mesmo os que dela fazem parte.

Você fala em Rui, Ouro Preto e tantos outros. Todos publicaram seu manifesto no estrangeiro. Porque o não podia fazer nos seus países. É o que acontece agora aqui. A imprensa nada pode publicar, sem ordem da censura.

Adeus. Abraços a Você, Esther e Edyla, do irmão muito amigo.

João (Mangabeira)

RIO DE JANEIRO, 2 DE OUTUBRO DE 1931

Octávio

Todos os bens da vida, desejáveis a um “*globe trotter*”.

Seu cartão, de que foi portador o dr. Fernandes, João m’o entregou esta tarde. Por ele, estou certo que esta carta irá encontrá-lo em outro hemisfério.

Você se distraíndo por ai, enquanto eu aqui peno e me lastimo. Que ambiente intranquilo e deprimente! Os boatos, que haviam escasseado, recrudesceram nesses últimos dias. Está no cartaz o Miguel Costa, que reunindo a Legião Paulista em convenção, estendeu uma cerca de arame farpado entre S. Paulo e os gaúchos. Você se informará com os recortes que, em abundância, lhe são remetidos.

Adianto dois fatos: 1º) o Olegário mandou emissário à Convenção para selar a aliança com a Legião; 2º) a Convenção recusou aprovação a um telegrama de solidariedade ao Getúlio.

O Miguel Costa consumiu alguns quilômetros de eloquência, em discursos sucessivos, verdadeiras cartas de alfinetes. “A Constituição não tardará; ninguém poderá impedi-la”, “virá antes do que se supõe” – e outras afirmativas do mesmo teor.

Tais declarações, e outras interdidas à publicidade pela censura, causaram emoção pública, enquanto os “provisórios”, em cólicas, despacham emissários para S. Paulo. Ontem, à noite, a cidade esteve dominada pelo boato de que Miguel Costa havia deposto o Laudo, e metido a coroa paulista na cabeça, em desafio a Getúlio. Foi boato. Fato autêntico, porém, é que, à noite, uma ala do batalhão naval embarcava em trem da Central, com destino paulista. É corrente que, Costa e o macróbio de Minas, que está com doze mil homens na polícia, imporão ao Getúlio a convocação da Constituinte.

Minha impressão: descrente de qualquer atitude em proveito do país, não me parece que se venha a consumir o “*ultimatum*” anunciado.

Da Bahia que tristeza! Recordar-se das nossas conversas de Paris, dos temores que lhe exprimi. Há muita gente ali, segundo informações que me chegam, contente com o cativo, achando que o tenente vai bem. Dizem-me todas que, por hora, vai manso.

Fernandes
refere-se a Raul Fernandes, Rev. de 1930 e nomeado consultor-geral da República em 1932.

Miguel Costa
comandante da Força Pública paulista e Secretário de Segurança do Estado de S. Paulo.

Olegário
refere-se a Olegário Dias Maciel, governador do estado de Minas Gerais (1930-1933)

Laudo
refere-se a Laudo Ferreira de Camargo, interventor de São Paulo 1931, em substituição ao ten. João Alberto.

macróbio de Minas
refere-se ao octogenário governador de Minas Gerais, Olegário Maciel.

Tenho me esbofado para convencer Lago e João que urge descruzarmos os braços. Prontifico-me a ir correr os percalços da luta “sur le champ”; Lago está desanimado, e o João, “coração liberal” esperançado de melhores dias, perde-se em longas dissertações doutrinárias; nisso ficamos. Aliás, recebi da Bahia, ao chegar, boas vindas sem conta e apelos para ir me por à frente dos amigos, em sua grande maioria fiéis. Como agir, porém, sem o apoio de Lago e João, acordes em reputarem inopertunas qualquer ação imediata? A ordem é rressonar...

Dos seus, sei que vão bem. Ainda não fomos a Niterói, por estar a Guanabara revolta pelo mau tempo reinante.

Pouco antes de escrever-lhes encontrei o seu cunhado Simas, na Avenida. Quis falar-lhe, mas, interveio um sinal de paralisação de tráfego e perdi-o de vista.

O “*Diário de Notícias*”, edição desta tarde, a primeira, anuncia que, na próxima semana serão julgados os seus 14 processos. Você baterá assim dois “*records*”, os dos processos e o das viagens. Sua condenação será um bem. Duplicará o seu prestígio. A opinião lhe é inteiramente favorável, enquanto escarnece dos “comediantes” da “Casa de Correção”. Muita gente, a cada passo, pede-me suas notícias. Aqui está o Bião, muito abatido, após uma gripe. Foi a São Lourenço. Falou-me da última carta que lhe escreveu. Também encontrei o Fiel, que havia recebido carta sua. Ruizinho voltou de Corumbá. Não o vi ainda.

Até o próximo correio.

Nossas saudades à d. Esther e à Edyla.

Um grande e afetuoso abraço do

Simões Filho

Lago

refere-se a Pedro Lago, eleito gov. da Bahia em 1930 em substituição a Vital Soares, vice-presidente eleito na chapa com Júlio Prestes.

cunhado Simas

refere-se a Artur Simas Magalhães, casado com Eulina Soares de Pinho, irmã de Euvaldo Pinho e Esther Pinho Mangabeira.

Bião

refere-se a Joaquim Climério Dantas Bião, representante político de Mangabeira na cidade de Alagoinhas.

Ruizinho

refere-se a Alfredo Rui Barbosa, filho de Rui Barbosa. Foi militar e político.

RIO DE JANEIRO, 7 DE OUTUBRO DE 1931

Prezado amigo Dr. Octávio Mangabeira

Queria me desculpar não ter ainda agradecido a sua amável carta de Lausane, lamentando a minha retirada forçada da carreira. Somente agora tive conhecimento da intriga que me armaram. Como um dia vem depois do outro, espero ainda ter ocasião de liquidar esse caso e varrer a minha testada. Emprestaram-me declarações que jamais fiz e cuja procedência e autoria são bem conhecidas em Roma. Enfim, estou pagando por alguém que a Divina Providencia já puniu de uma maneira atroz! Estou informado que o Governo também o castigou retirando-o da sua sinecura.

No dia 1º de julho do ano passado V. Ex., por telefonema, me autorizou a fazer o pagamento de £ 380, correspondentes a despesas feitas para conservação e aquisição de mobiliário, consertos de caloríferos, paredes, cortinas, fogões e instalações elétricas. Estas despesas foram adiantadas por mim em tempo oportuno. Depois da revolução – não podendo ficar no desembolso essa quantia – retirei da verba do Instituto Internacional de Agricultura essas £ 380.

Na mesma ocasião, para liquidar esse encontro de contas, pedi ao meu amigo Dr. Eptácio Pessoa, no momento da sua partida para o Rio, que expusesse o caso ao Ministro Melo Franco, pedindo o pagamento dessa soma. Tratando-se de um momento anormal, com o cambio depreciado, e não podendo continuar a ficar no desembolso da somas elevadas, como já me aconteceu com a diferença de £ 330 das passagens em 1926, e £ 260 viagem a Spezia, para o lançamento do Humaitá e banquete a De Pinedo e Aeronáutica Italiana, com tive ocasião de informar a V. Exa., em ofício de janeiro de 1929 – nada de extraordinário que me tenha cobrado desse adiantamento. Agora a Comissão de Sindicância do Ministério do Exterior pede que apresente os recibos dessas despesas. Em carta de 19 de julho de 1930, quando me ocupei do caso do imposto do café, tive ocasião de juntar as comprovantes dessas despesas. Muito grato ficaria a V. Exa. se pudesse me facilitar a remessa dos recibos que acompanham aquela carta. Para que V. Exa. tenha uma idéia do prejuízo que sofri com a minha retirada de Roma basta dizer-lhe que, chegando ao Rio, o meu *deficit* era o seguinte:

De Pinedo
refere-se a Francisco De
Pinedo, aviador italiano.

Dívida Banco Comercial	45:000\$000
Dívida Maison Blad	21:000\$000
Contas a pagar na Itália	74:000\$000
Diferença vencimentos	
1º Trimestre 1931 (delegacia	25:000\$000
	<hr/>
	165:000\$000

Não bastando isso – estou sem receber um vintém do Tesouro desde abril – isto é, 7 meses sem vencimentos!

Foi o que me custou a retirada de Roma. Vou vender uma casa da minha senhora para fazer face a esses pagamentos.

Essa é a recompensa de um diplomata que, durante 35 anos de carreira, só teve um fito: elevar no estrangeiro a representação do Brasil!

Queria apresentar as nossas homenagens a madame Mangabeira e dispor sempre do amigo muito grato

Tefé

Tefé
refere-se a Oscar de Tefé,
diplomata.

BAHIA, 9 DE OUTUBRO DE 1931

Prezado amigo Octávio

Deus o tenha em paz e com saúde, onde se achar, e a sua Exma. família.

Recebi sua carta de Paris, pela qual sei que você está forte, atravessando bem a temporada que passa na Europa, apesar da saudade e do mínimo a que está reduzido nosso dinheiro.

Estava me reservando, para lhe escrever, depois do julgamento do tribunal disparatado e irrisório, que o chamou às contas.

Enquanto chamam assim os limpos de alma e de bolso, vão distraíndo as vistas do país, dos que estão fazendo parte da pandilha, muitos deles, que deviam estar dormindo à chaves, bem a contento do povo. Esperando o dia e a notícia telegráfica, mas os jornais até agora, nada dizem. O pobre Neiva foi despachado, sem mais aquela, como caixeiro, que não soube entrar nem sair, no negócio complicado da casa. Tive pena do nosso conterrâneo, salvo apenas, como glória cientista, pelos médicos, seus colegas, numa manifestação na Academia.

Está na cana do leme o tenente Juracy, que parece animado de boa vontade. Mas já estão em ação os descontentes da própria família fardada, fazendo-lhe caretas e escaramuças. A fortaleza do Barbalho está com muitos seguros e outros sendo vigiados.

Deus que dê juízo a esta gente, senhora de nossa terra, por direito de assalto. Andamos assustados e sem recurso de fuga, em plena estação política da febre de mau caráter, agravada pela “peste russa”, que nos traz aterrados, pelo modo com que ela está assolando, em outros países mais prevenidos, quanto mais entre nós, que temos os portos à disposição de sua fácil invasão e domínio absoluto.

As solenidades da inauguração da estátua do Cristo Redentor, no Rio, estão com um sucesso ainda não visto, em outra parte. Milhares de pessoas comungando, e as peregrinações sendo extraordinárias. Quanto isto consola a todos nós brasileiros, que contamos com a força salvadora da fé, para nossa grandeza e prosperidade!

Muitas saudades. Visito a exma. família, e abraço-o como

Vosso amigo e servo

Tapiranga

Neiva
refere-se ao cientista Ar-
tur Neiva, interventor da
Bahia (fev. a jul. 1931)

cana do leme
madeira ou metal, encai-
xada na cachola do leme,
pela qual se imprime
movimento ao mesmo.

tenente Juracy
refere-se ao ten. Juracy
Magalhães, interventor
da Bahia.

peste russa
referência ao
comunismo.

inauguração
da estátua do
Cristo Redentor
obra iniciada em 1926
e inaugurada a 12 de
outubro de 1931.

Tapiranga
mons. Elpídio Tapiranga,
eclesiástico, intelectual,
professor e escritor.

RIO DE JANEIRO, 11 DE OUTUBRO DE 1931

Meu caro Octávio

Recebi com vivo prazer sua carta que o João me entregou. Aparentemente, tem você razão; o espetáculo que oferecem ao país os políticos vencidos o ano passado é de inominável covardia. Aceitamos, sem uma palavra, ou um gesto de protesto, todas as ameaças e insultos que nos fazem. Dir-se-ia que, viciados por um longo e impune domínio, não podemos conceber a vida com risco e com luta. Eu, que não me tenho como herói, muitas vezes, repeti entre correligionários e amigos nossos, palavras análogas. Todavia, refletindo melhor e melhor conhecendo a atual ambiência brasileira você modificaria suas impressões. Nada realmente podemos fazer, senão contemplar a obra de destruição sistemática dos atuais dominantes. O Brasil paga o seu tributo a uma fatal provação histórica. Arruinado, e incapaz de um movimento cívico, será arrastado ao fundo do vale, pela incrível incapacidade e incrível maldade dos que lhe assaltaram o poder. E quando aí chegar, criará forças para nova ascensão, isto é, claro, se as condições trágicas do mundo o permitirem.

Se tentássemos qualquer coisa agora, seríamos vencidos e reuniríamos os nossos adversários comuns, profundamente divididos entre si por todas as ambições e despeitos.

Você, de longe, não pode ter uma visão exata do panorama brasileiro. Eu não creio que já tenha registrado a história uma revoluçãozinha mais mesquinha e grotesca do que a nossa. Se não fosse a humilhação e o prejuízo que ela significa para todo o país, despertaria o riso universal. Feito por soldados e padres, alimentado por plutocratas e batizada pelo cardeal, é um anacronismo pitoresco; nem sequer pode mascarar-se numa caricatura de fascismo ou de hitlerismo. A Junta de Correção é a sua miragem e o seu símbolo, o ditador Getúlio o homem que merecia. Nem um passo à frente. Os tenentes, com Juarez Távora como mentor, talham o país à vontade. O ditador concorda e o seu ministro do Exterior executa. A nação, apesar do seu desespero íntimo, muitas vezes acha graça no espetáculo de circo. Os mais apreensivos perguntam, em silêncio, onde vamos. A formidável depressão econômica, as tremendas desilusões revolucionárias, a impaciência e a inquietação reinante preparam os espíritos para a ideologia russa. A mística comunista alastra-se

Junta de Correção trata-se da Comissão de Correção Administrativa, órgão da Justiça revolucionária de 1930, criada para substituir o Tribunal Especial e a Junta de Sanção que posteriormente, em setembro de 1931, passou a se chamar Comissão de Correção Administrativa.

PEQUIM, 10 DE OUTUBRO DE 1931

Meu caro Sr. Ministro,

Enviei a V. Exa. um telegrama, dirigido à Embaixada, no dia 26 de agosto, com os meus votos de felicidade. Espero que V. Exa. o tenha recebido.

Há muito tempo, não nos escrevemos. Mas tenho sempre, indiretamente, notícias de V. Exa. Sei que V. Exa. esteve, em setembro na Alemanha e era, no fim daquele mês, esperado em Haia. Soube-o pelo **Ciro**, já se vê, mas o **Dantas** também, quando me escreve, dá sempre notícias de V. Exa.

Não consigo mais compreender o que se passa no Brasil. Não é que me falte notícias. Tenho-as em quantidade enviadas da Europa. Dizem-me que foi promulgada a lei eleitoral, conferindo, aliais, o direito de votos às mulheres, pelo que já felicitei minha mulher, mas, por outro lado, dizem-me que as eleições só se realizarão em 1933! Será exato? É verdade que, na Argentina, estabeleceram que o Presidente seria eleito agora, em novembro, mas só tomaria posse no dia 9 de julho do ano próximo! Outro absurdo!

Soube também que o **Bernardes** havia organizado um golpe em Minas para derrubar o **Olegário**, mas que a mazorca havia sido mal sucedida. Soube, porem, em seguida, que o **Chico Campos** se demitira e, por fim, que os tenentes ganhavam terreno, todos os dias, no Brasil, sob a chefia do **Osvaldo Aranha** – o que não me surpreenderia – e do ... **Bernardes**.

São notícias que parecem contradizer-se e, dadas de longe, causam a maior confusão. Está acontecendo aqui comigo o que se sucedia no Brasil, quando eu procurava inteirar-me do que se passava na China. Tenho a impressão, contudo, de que mesmo na Europa, não se conhece, ao certo, o que vai pelo Brasil.

Maurício escreveu-me em 14 de agosto. Concluiu o projeto de reorganização dos Correios e Telégrafos. Falando sobre V. Exa. disse-me: “o Ministro, sob o ponto de vista também político, está muito bem e creio que é por isso mesmo que alguns lhe movem guerra, que não encontra, aliás, apoio”. Na mesma carta, pouco acima, ele me falou numa comissão de oficiais, nomeada pelo **Leite de Castro**, para visitar o **Itamaraty** e adotar no Ministério da Guerra o que V. Exa. havia feito no do Exterior.

Ciro
refere-se a **Ciro de Freitas Vale**, diplomata.

Dantas
refere-se a **Luis Martins de Souza Dantas**, embaixador do Brasil na França (1922-1943).

Chico Campos
refere-se a **Francisco Luis da Silva Campos**, min. Educação e Saúde.

Maurício
refere-se a **Maurício Nabuco**, diplomata.

Leite de Castro
refere-se a **José Fernandes Leite de Castro**, min. da Guerra.

A crise na Inglaterra e a deslocação para a França dos interesses financeiros mundiais, tem-me feito pensar no caso brasileiro dos empréstimos ouro. Até nisso V. Exa. andou acertadamente, não tratando com o pouco caso com que o Félix Pacheco o tratou, um negocio em que estavam interessados os representantes de um mercado financeiro que se tornou o primeiro do mundo. Apenas, foi lastimável – embora disso V. Exa. não tenha culpa – que o Tesouro não se tivesse habilitado a cumprir a sentença de Haia.

Propuseram ao Berenguer a remoção para a Secretaria. Aconselhei-o a aceitar. Ele não está satisfeito no Japão e, apesar de todos os esforços do Dr. João Mangabeira, perdeu por completo a ilusão de ser transferido para a Europa ou sequer para a China. Nessas condições, a única desvantagem que ele terá no Brasil é a dos vencimentos, mas para a qual há remédio, desde que ele vá morar com o sogro, que é rico e tem família pequena. As vantagens de estar no Brasil, por outro lado, são inúmeras para ele, a começar pela da educação dos filhos e a terminar pela vantagem, nesta hora, de estar presente no Ministério, para defender os seus interesses pessoalmente. O Berenguer é vivo. Tem amigos, inclusive na Secretaria. No fim de dois anos, conseguirá, no mínimo, um bom posto. Ele, em Tóquio, entre outras coisas, tem um chefe de pouco espírito, o Amaral, que não lhe permitiu vir a Pequim passar um mês comigo. Nessas condições, o melhor é mesmo ir-se embora.

Tenho para V. Exa. um recado do Pimentel Brandão. Ele muito sentiu não ter podido obsequiar V. Exa. em Paris, quando lá se encontraram. O motivo foi, na ocasião, a falta de recursos, em virtude de embargos financeiros.

Mandaram-me dizer que o Ronald havia sido enviado a Paris para espionar os emigrados. Sei que ele adula muito o Dantas. Mas este foi prevenido por mim de que não tivesse ilusões a respeito do homem. Talvez, dessa maneira, não se deixe embrulhar.

Em seis meses na China já assisti à constituição de um Governo rebelde independente em Cantão, a uma campanha militar contra bandos comunistas armados, a uma guerra civil, a inundações de uma extensão inimaginável e, finalmente, a um conflito com o Japão. À vista disso, não me posso queixar de falta de distrações.

Félix Pacheco

refere-se a Félix Pacheco, ex-ministro das Relações Exteriores, antecedeu a Octávio Mangabeira (1922-1926)

Berenguer

refere-se a Jacome Baggi de Berenguer César, funcionário do Itamaraty.

Amaral

refere-se a Silvino Gurgel do Amaral, embaixador do Brasil em Tóquio (1931-1934).

Pimentel Brandão

refere-se ao encarregado de negócios em Paris, França.

Ronald

refere-se a Ronald de Carvalho, ex-oficial de gabinete do ministro Octávio Mangabeira.

Dantas

refere-se a Luís Martins de Souza Dantas, embaixador do Brasil na França (1922-1943).

S.D.N.
trata-se da Sociedade das Nações, instituída após a guerra de 1914-1918. Antecedeu a O.N.U (Organizações das Nações Unidas).

Briand
refere-se a Aristide Briand, ex-premier francês e min. das Relações Exteriores.

Lord Reading
refere-se a Rufus Isaacs Daniel, Marques de Reading, foi Secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros da Inglaterra.

Afrânio
refere-se a Afrânio de Melo Franco, min. das Relações Exteriores.

Exequatur
trata-se de documento de estado que autoriza o exercício das funções de cônsul.

Nelson Tabajara de Oliveira
refere-se ao cronista, romancista, jornalista e diplomata. Foi oficial da coluna Prestes.

P. Leão Veloso
refere-se a Pedro Leão Veloso Neto, diplomata.

O que o Japão tem feito é, a meu ver, revoltante, por maiores que sejam os seus interesses aqui e por mais justificadas que sejam também as razões de queixa que aquele país tinha do governo chinês. Mas não vejo meios de impedir que ele continue a sua ação violenta, até obter o que pretende. Imagine V. Exa. que é o partido militar, de acordo com o Imperador, que tomou, não obstante a resistência dos elementos civis do Governo, inclusive do Ministério dos Negócios Estrangeiros, a si a direção, nesse assunto, da política externa do Japão. Todas as recomendações da Sociedade das Nações deixaram de ser atendidas pelos generais, não obstante os compromissos assumidos, em Genebra, pelo Governo Japonês. A China dirigiu um apelo desesperador aos Estados Unidos e às potências representadas no Conselho da S.D.N. Se esses países, às voltas com embaraços domésticos graves, nada fizeram, o prestígio das potências ocidentais no Extremo Oriente, já muito abalado, receberá um golpe fatal. A China insiste, neste momento, pela presença do Briand e de Lord Reading na próxima reunião do Conselho em Genebra, ameaçando de voltar-se para a Rússia, caso os Estados Unidos, a França e a Inglaterra não atendam os apelos. Estou com um revolucionário em Xangai. O Afrânio, depois de me fazer pedir *exequatur* para vários Cônsules Gerais que nunca apareceram aqui, designou um auxiliar contratado, Nelson Tabajara de Oliveira, para dirigir o Consulado de Xangai. Será para espionar-me? Graças a Deus, até agora, estamos em muito bons termos.

Minha mulher envia muitos cumprimentos a dona Esther, a quem apresento as mais respeitadas homenagens. Muitos cumprimentos também de minha mulher para V. Exa. Nossa saudade à Edyla. Aceite V. Exa. os protestos de profundo respeito e um abraço com que sou

De Vossa Excelência

Amigo dedicado e atento servidor

P. Leão Veloso

pela mocidade intelectual e dadas as analogias entre a Rússia e o Brasil, com o profundo desnível comum entre as suas pequenas elites intelectuais e as massas populares, analfabetas, humildes e semi-escravas, não deve ser estranha às nossas cogitações um surto de anarquismo. Evidentemente, não podendo isolar-se como a Rússia, o bolchevismo no Brasil seria sempre um movimento efêmero. Mas de dias que fosse, bastaria para dar-nos algumas amostras cruéis de uma revolta de *Spartacus*...

O nosso curioso ditador sorri, com a perfeita inconsciência, ou a perfeita apatia que Deus lhe deu. Parece que ele só tem uma preocupação – viver a sua boa vida do Guanabara. O resto que leve o diabo. É ditador, como poderia ser presidente ou ser constitucional, governador em nome de outro país, da colônia brasileira ou mesmo comissário da república soviética... Não mata ninguém, mas procura tirar a todo o mundo os elementos da vida pelo marasmo em que deixa o país; descarta-se na volubilidade mórbida do seu ministro do Interior e serve-se da ingenuidade ou dos civis ou tenentes. Precisa que o admirem, a diminuição de todo o mundo. Ontem éramos nós, seus adversários vencidos; hoje são os seus próprios correligionários. O caso de Bergamini é típico. Não se poderia humilhar mais um homem. O A. Chateaubriand, o Cincinato porque fez uma conferência econômica em S. Paulo, o Moniz Sodré e outros, foram ameaçados de exílio. O grupo de João Neves e de Pila falam novamente em constituinte, mas o país, cansado de tantas tapeações, desconfia de tudo e de todos. O Brasil tem agora uma experiência viva de governo gaúcho – uma espécie de conquistazinha estrangeira. Diz-me D. Iaiá que você sempre pensa isso.

Todavia, meu caro Octávio, não seria sincero com você se lhe dissesse que tive pela revolução em si, que me arruinou, a mesma repugnância sua. Não daria um passo para uma subversão política, modelo sul-americano; mas aceitaria um movimento qualquer, inspirado numa alta finalidade social, que destruísse superstições e tabus da ordem estabelecida, marchando decididamente para a esquerda. No poder, como no ostracismo, não se modifica o meu pensamento. Creio que o mundo só se salvará por uma política de socialismo inteligente. A velha organização fez o seu tempo. Ou procuramos bases novas para a vida coletiva dos povos e das nações, incentivado as fórmulas mais justas de equilíbrio, ou caminharemos para o desconhecido, para uma nova confusa idade média. Você, com a sua clara inteligência, verá ai, do centro do

Spartacus

refere-se ao gladiador de origem Trácia, que liderou uma revolta de escravos na Roma Antiga.

Ministro do Interior

refere-se a Osvaldo Aranha que foi min. da Justiça e Negócios Interiores entre (1930-1931).

Caso de Bergamini

refere-se a Adolfo Bergamini, prefeito do Distrito Federal (1930-1931).

A. Chateaubriand

refere-se a Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Melo; foi jornalista e proprietário do *Diário Associados*.

Moniz Sodré

refere-se a Antônio Moniz Sodré de Aragão, proprietário e redator do jornal *Diário da Bahia*.

Pila

refere-se a Raul Pila, médico e político, um dos mais importantes articuladores da Rev. de 1930.

Iaiá

apelido de Constança Mangabeira, esposa de João Mangabeira.

Macedo Soares
refere-se a José Eduardo
de Macedo Soares, jorna-
lista e fundador do jornal
Diário Carioca.

A Noite
trata-se do jornal carioca
de propriedade do jorna-
lista Roberto Marinho.

rentrée
Volta, regresso.

José Maria
refere-se a José Maria
Belo, intelectual destacado,
redator chefe de *A Noite*.

mundo, essas coisas ainda melhor do que eu, sem embargos das ilusões que possam despertar os singulares aspectos da prosperidade francesa.

A tristeza da revolução brasileira é que ela foi feita e está sendo sacrificada por um grupo de incapazes, sem nenhuma visão, sem nenhuma generosidade da alma. Verdadeiros assaltantes do poder, eles não sabem o que querem, além de cartórios, empregos e ridículas ameaças contra os que não podem lutar. No desgraçado deserto moral do nosso país só uma voz se faz ouvir, cheia e vibrante, apesar das paixões pessoais que, freqüentemente, a inspiram a de Macedo Soares. Os artigos que esse homem tem escrito no jornal de sua propriedade ficarão nesta página vergonhosa de nossa história, como incomparáveis documentos de inteligência e coragem. A nós outros, a censura nada permite. Entrei para a redação da *Noite*, não sei bem em que situação e com que vantagem. É um meio de vida para mim e uma vaga esperança de encontrar, um dia, um instrumento dos meus pensamentos sobre a realidade brasileira. Continuaremos a achar, nós, seus fiéis amigos, que deve continuar aí. Aqui você não poderia evitar contatos, que as obrigações, ou contingências, da vida impõem. Nenhum político brasileiro tem condições mais brilhantes para uma *rentrée* mais vitoriosa. O grupinho, que se aglutinou em torno do João, continua firme. Em falta de outra atividade, fazemos em comum os comentários filosóficos ou divertidos da Revolução. Responda-me sobre o caso da *Union* de que lhe falei por uma carta ida pelo Pomphilo. Abraça-o, afetuosamente, o velho e certo amigo.

José Maria

PARIS, 23 DE OUTUBRO DE 1931

Exmº Senhor Doutor Octávio Mangabeira

Tenho a honra de comunicar a V. Ex. que acabo de receber o seguinte telegrama:

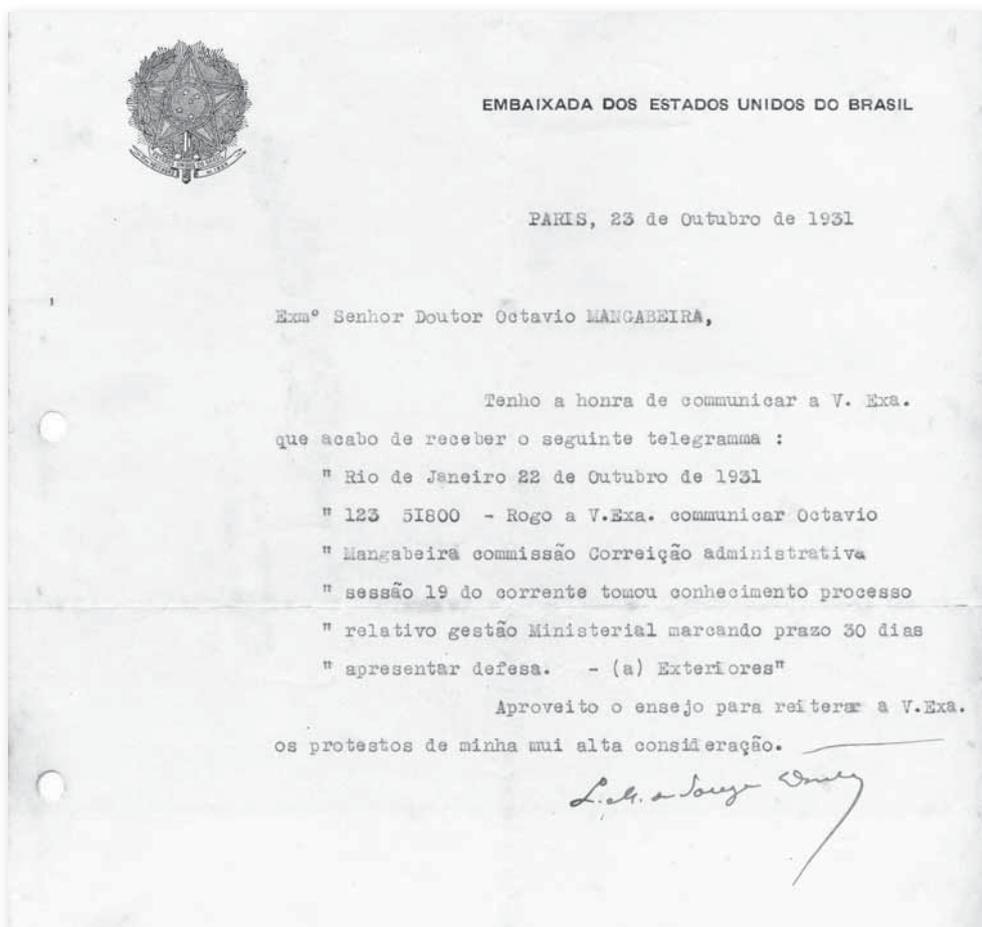
“Rio de Janeiro 22 de outubro de 1931– Rogo a V. Ex. comunicar Octávio Mangabeira Comissão Correição administrativa sessão 19 do corrente tomou conhecimento processo relativo gestão Ministerial marcado prazo 30 dias apresentar defesa. (a) Exteriores”.

Aproveito o ensejo para reiterar a V. Ex. os protestos da minha mui alta consideração.

Luis de Souza Dantas

Luis de Souza Dantas

refere-se a Luís Martins de Souza Dantas, embaixador do Brasil na França (1922-1943).



ROMA, 28 DE OUTUBRO DE 1931

Meu caro Ministro

Há muito que não tenho notícias suas. Disse-me, na sua última carta, que pretendia ir a Berlim. Foi? Tenho um grande desejo de conhecer essa cidade, de visitar esse formidável laboratório de idéias novas, percorrer a maior usina humana de ciências. Mas infelizmente não posso realizar o meu sonho. Os cobres andam curtos e o cambio gelado do Getúlio não dá margem para caprichos turísticos. Vou ficando aqui em Roma, fazendo uma vida de lagartixa entre as ruínas do Foro Romano e as Termas de Caracalla. Cada vez mais estou me aprofundando em história, convivendo com as sombras do passado, conspirando com Catilina, ouvindo os discursos de Cícero e aconselhando o general Marco Antonio a ser interventor em Niterói. Já devorei todo o Plutarco e agora estou mastigando o Tito Lívio. O Tácito guardarei para a sobremesa. E quanto mais penetro nesses escritores, mais o meu espírito se disciplina na arquitetura da civilização latina que construiu o mundo moderno, com a força geométrica do Direito. Roma me conquistou e a minha inteligência já vai adquirindo aquela patina de marfim velho que dá ao mármore romano uma epiderme valorosa. O meu espírito libertado da acidez tropical do cajá-manga e da vaidade gosmenta e *lugentesca* da jaca-mole, se refina ao contato dessa civilização emocionada pela arte de Miguelangelo, pelas tintas carinhosas de Ticiano e por esse suave e helênico Rafael, cujo pincel dá à pele macia das virgens os coloridos tranqüilos dos crepúsculos de inverno. Sinto-me mais sereno, banhado por ondas harmoniosas. O meu espírito parece um cristal sonoro de Veneza irisado pela efervescência das espumas frescas desse Mar Mediterrâneo, que a poesia aventureira de Homero ilustrou com as viagens panorâmicas do astuto Ulisses. Estou com a inteligência límpida e vibrante, como essas águas líricas que cantam nas velhas *fontanas de Roma*. Os versos lustrais de Shelley lavam-me a alma matutina com rimas frescas e dionisiacas:

*I rise as from a bath of sparkling water
A bath of azure light, among dark rocks,
Out of the stream of sound*

lugentesca
viscosa, pegajosa.

fontanas de Roma
fontes de Roma.

Eu surjo de um banho das águas espumantes
Um banho de luz azul entre as rochas escuras
Na tona luminosa da corrente do som!

Desculpe a tradução que foi feita agora mesmo, à vista do freguês. São tão belos os versos, tão cheios de cristais! E foi no meio dessas águas espumantes que o Poeta morreu sonorizando as ondas com as suas rimas eternas.

Mas chega de literatura. Roma sempre me faz divagar, roçar a minha pena nas cordas de ouro da lira. Vamos entrar na capoeira da política nacional. Preciso ser um pouco patriota, admirar os nossos heróis, cuja fama fenece à sombra colonial das bananeiras. Vamos tratar do erotismo revolucionário dos nossos salvadores, dos que conhecem o “espírito da revolução”! O Brasil acha de festejar, nú em pelo, a grande data outubriana. Com certeza deram à Avenida Atlântica o nome de Siqueira Campos e à baía Guanabara passou-se a chamar baía Getulina. Os restos mortais do Batalhão Naval passaram pela Avenida, o Carlos Cavaco, conhecido estuprador de asiladas, faz um discurso chamando o Getúlio de Moreno, o Osvaldo Aranha de S. Martim, o Távora de Bolivar e o Collor, de Corredor Polaco. Um sucesso! O Fanico terá a sua fotografia nas revistas. O Chanceler Fanico com as patinhas de cabrito, de polainas brancas, as mãozinhas curtas de anão, o olhar torvo de índio. Tudo em Fanico é pequenino: os pés, as mãos, os olhos, a alma, o coração. Só a boca é grande. Também para aquele país achincalhado por tantos generais, só a figura mumificada do Dr. Afrânio Martins – o pai de Afrânio, Dr. Virgílio Martins adotou o nome da esposa, D. Ana Melo Franco. O Dr. Virgílio era um tabaréu azinhavrado de Paracatu que enriqueceu em Belo Horizonte, exercendo a profissão israelita de usurário. Dai vem a nobreza displicente do Virgílinho, esse potro mineiro que a sem-vergonhice pecuária do Lineu Paula Machado alimenta nas baías do Jóquei Club. Li o Tijolo de estrume que esse cretino desencantado, *glenteman* de senzala, escreveu sobre a Revolução. O rapaz banca o superior e começa a urinar na cama da política. Um desastre! Tem a mania de ser circunspeto e diz asneiras com uma gravidade de dono da Revolução. Pobre Brasil, um país que faz uma revolução para servir o Virgílinho! Qual meu Deus, eu penso que estou maluco quando vejo aquele povo que punha a boca no mundo, por qualquer coisa sem importância, so-

Siqueira Campos
comandante da Coluna
Prestes e Rev. de 1930.

Carlos Cavaco
jornalista, fiscal do
Departamento Nacional
do Trabalho.

Fanico
sinônimo de pequeno,
migalha; alusão depreciativa à atuação do ministro das Relações Exteriores Afrânio de Melo Franco.

Afrânio Martins
refere-se ao pai de
Afrânio de Melo Franco.

Virgílio Martins / Virgílinho
refere-se a Virgílio Martins de Melo Franco, filho de Afrânio, neto do homônimo Virgílio.

Lineu de Paula Machado
refere-se ao empresário e fundador do Haras São José e Expeditus.

in albis
em branco.

frer agora fome, miséria, sem dar um pio! Revolucionar-se uma nação inteira, atira-se à miséria milhares de famílias, para se por no Catete aquela almôndega de esterco que é o Getúlio. Santo Deus, tende piedade dos nossos patrícios.

Há dois meses que não recebo jornais do Brasil, e a quarenta dias que não saio de casa, que não vou a Roma, o meu pé continua ferido e eu não posso caminhar. Estou preso em casa. Ficaria muito grato ao meu ilustre amigo se me respondesse esta com brevidade e me enviasse, ao par com algumas notícias do Brasil, alguns retalhos de jornais. Nada sei do que se está passando em nossa terra. Estou *in albis*, completamente alheio aos acontecimentos.

Mas, não desanimo; tenho certeza que a nossa hora está chegando. O Getúlio, o mais torpe dos homens, figura asquerosa de Judas, tem que prestar contas a Deus. Ele pagará caro a desgraça que fez cair sobre a nossa pátria. Tenhamos paciência e fé, muita fé no Todo Poderoso. Cristo dizia: clama, que serás ouvido. E a nossa voz límpida e clara, voz que sai luminosa da nossa consciência, há de chegar a Deus. Ele nos ouvirá e salvará a nossa terra dessa praga horrível de inconscientes que a estão empobrecendo e desmoralizando. Deus é grande!

Elza muito se recomenda à sua senhora e filha, às quais envio os meus votos de felicidade. Para o meu Ministro, um abraço muito afetuoso.

Do amigo de sempre

Paulo Silveira

Paulo Silveira
refere-se a Paulo M. de
Assis Silveira, adido no
Consulado de Primeira
Classe, em Roma.

CURITIBA, 1º DE NOVEMBRO DE 1931

Dr. Octávio Mangabeira

Insigne patricio!

Não julgue V. Exa. que por estar no exílio e fora do poder o tenha esquecido quem muito o admira. Se bem que tenha participado alucinadamente da Revolução e exercido um posto de grandes responsabilidades, nunca deixei de fazer justiça ao brasileiro ilustre. Em meados de outubro de 1930, vários jornais do país publicaram um longo e carinhoso radiograma por mim firmado e dirigido a V. Exa. Nele rendia a V. Exa a homenagem da justiça. Depois disso, tive ocasião de por várias vezes me solidarizar com os baianos no tributarem a um dos homens mais brasileiros da Pátria o afeto e o reconhecimento claro e sincero. Pelos jornais de Curitiba, depois da Revolução, por mais de uma vez, vi-me na contingência de esmagar os ataques que a politicagem de aldeia desferiu contra V. Exa. pela tribuna do jornalismo venal.

A homenagem do Paraná a V. Exa., no claustro do Itamaraty, será cumprida. Espero, apenas que decorram alguns meses mais. Se não encontrar companheiros – e isso será absurdo, custearei e levarei, sob a minha inteira responsabilidade, até o fim, a empreitada que foi e é inspirada por uma intensa e incalculável admiração.

Respeitosamente

Paulo Tacla

Paulo Tacla
refere-se ao cônsul do
México no Paraná.

MONTEVIDÉU, 13 DE NOVEMBRO DE 1931

Exmo. Sr. Dr. Octávio Mangabeira

De certo que a sua excelência ficará muito surpreso ao receber carta minha e mais ainda, de Montevideú; mas tendo lido, nos jornais do Rio, a carta que você enviou à Comissão de Sindicância, eu não pude resistir à tentação de lhe enviar minha mais calorosa felicitação pela forma tão ativa, e valente, e digna com que você respondeu a quem se crê com o direito de julgar seus atos!

Na consciência de todos os brasileiros está a grande obra que você realizou no Ministério das Relações Exteriores, durante o seu brilhante período de atuação, e todos sabem que você, além do seu preclaro talento e sua larga visão de estadista, que o fez ser chamado, com justa razão, de o segundo barão do Rio Branco, é também um homem de grande coração, sempre disposto a estender a mão generosa, a quem precisa. Meu marido e eu sempre o lembramos com admiração e gratidão, lamentando como sua excelência deve viver magoado no exílio, após haver-se doado todo para o Brasil que tanto lhe deve! Porém você deve voltar ao Rio, onde tem grandes amigos e todos o estimam. O Brasil necessita de homens de seu porte.

Para nós, Dr. Mangabeira, a revolução tem sido fatal. Após dois meses em Montevideú, Ângelo foi posto em disponibilidade, e tendo que voltar ao Rio. Ao chegar, também foi demitido do emprego que tinha no Ministério da Justiça. A situação ficou para nós muito difícil, mas Ângelo continuou a trabalhar no *Jornal do Comércio* e conseguiu outro emprego na agência Havas, mas você bem sabe, Dr. Mangabeira, que de jornalismo não se vive no Brasil, e para Ângelo conseguir um emprego no governo é muito difícil, principalmente por ser irmão de Alfredo e Atila Neves!

Para nós este tem sido um ano de tristezas e desilusões, mas o meu marido não diminui os seus esforços para entrar no Itamaraty e se prepara bem para o concurso de terceiro oficial.

Estávamos tão felizes na nossa chegada a Montevideú, e nos sentimos felizes de ter feito esse grande desejo, graças à sua grande bondade. Por este motivo o meu marido e eu somos seus melhores amigos e fa-

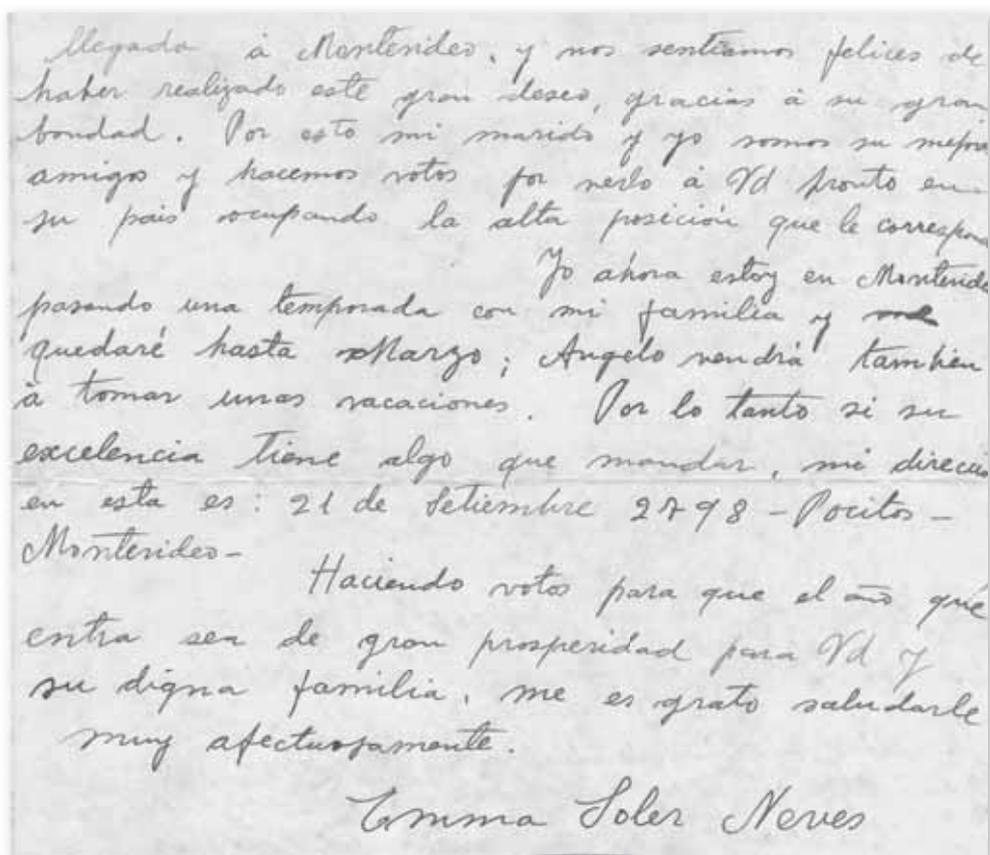
Alfredo
refere-se a Alfredo da
Silva Neves, jornalista e
presidente da Associação
Brasileira de Imprensa
em 1930.

zemos votos para vê-lo em breve no seu país, ocupando a alta posição que lhe corresponde.

Estou agora passando uma temporada em Montevideu com minha família e ficarei até março; Ângelo também irá tirar umas férias. Portanto, se sua excelência tem algo a enviar, o meu endereço é: 21 de Setembro 2798 – Pocitos – Montevideo.

Fazendo votos para que o ano que entra seja de grande prosperidade para você e sua digna família, tenho o prazer de saudar-lhe muito afetuosamente.

Ema Soler Neves



Llegada a Montevideo, y nos sentimos felices de haber realizado este gran deseo, gracias a su gran bondad. Por esto mi marido y yo somos su mejor amigo y hacemos votos por verlo a Ud pronto en su país ocupando la alta posición que le corresponde.

Yo ahora estoy en Montevideo pasando una temporada con mi familia y me quedaré hasta marzo; Ângelo vendrá también a tomar unas vacaciones. Por lo tanto si su excelencia tiene algo que mandar, mi dirección en esta es: 21 de Setiembre 2798 - Pocitos - Montevideo.

Haciendo votos para que el año que entra sea de gran prosperidad para Ud y su digna familia, me es grato saludarle muy afectuosamente.

Ema Soler Neves

VIENA, 16 DE NOVEMBRO DE 1931

Meu eminente Amigo e Chefe:

Aquela antecipação de meia hora de sua partida de Viena para Budapeste impediu a colônia brasileira de apresentar despedidas a V. Ex. Mal o auto-ônibus que o conduzia dobrou a esquina da Schwartzberg Platz, saltavam de um táxi, esbaforidos e desolados, os Drs. Benevides, Goulart e Duvivier... Minha cunhada Elisabete chegava minutos depois, contrariada por não ter podido cumprimentar Edyla.

O nosso simpático orador, Brasileiro Lima (do PRP) puxou-me gravemente pelo braço, até um dos cafés do Ring e ai me sussurrou, confidencialmente, ao ouvido: "Te peço, meu caro Ouropreto, quando você escreveres ao Dr. Mangabeira não deixais de lhe dizeres o quanto apreciei-lhe e admiro-lhe!..

Mas a verdade é que o Ministro seduziu, encantou e conquistou a todos os brasileiros de Viena. Foi realmente um novo *Veni, vidi, vici*. Posso assegurar-lhe que a totalidade da nossa excelente colônia não cessa de entoar-lhe louvores unânimes e calorosos e que, em cada um desses rapazes, tem o Ministro um amigo e um admirador fervoroso.

Muito nos sensibilizou a Maria e a mim o amável telegrama expedido de Berlim. Mas não havia o que agradecer.

Ao contrário, nós é que ficamos a dever agradecimentos. Com efeito, a visita de Edyla e do Ministro a estas remotas margens do Danúbio foi para nós um acontecimento festivo, digno de ser assinalado com a pedra branca com que os antigos marcavam as datas festivas. E não se apagará tão cedo da memória a lembrança daquelas longas e interessantes palestras, em que o nosso eminente chefe nos proporcionou, prodigamente, o prazer sempre vivo e sempre renovado de escutá-lo. Estamos já cheios de inveja do Hélio, do Ciro e do Sr. Guimarães...

Que impressão teve Edyla da formosa Budapeste, com os seus minaretes, as suas pontes, os seus banhos, as suas czardas, a sua páprica e o seu Taró?

Os jornais recém-recebidos do Brasil nada de sensacional anunciavam sobre aquela terra de palmeiras, a não ser o telegrama que aqui

Veni, vidi, vici

famosa frase proferida pelo general e cônsul romano Júlio César em 47 A.C. perante o senado romano.

Maria

refere-se a Maria Augusta Mangabeira, irmã de Octávio Mangabeira.

Hélio

refere-se a Hélio Lobo, diplomata, foi min. plenipotenciário no Uruguai (1930-1931).

Ciro

refere-se a Ciro de Freitas Vale, diplomata.

Guimarães

refere-se a Mário da Costa Guimarães, diplomata encarregado de negócios em Haia, Holanda.

envio, num recorte do *E. de São Paulo*, e relativo ao casamento aeronáutico do Vitor Konder.

O 15 de novembro transcorreu aqui discretamente. Houve almoço na Legação, mas na intimidade, sem solenidade e sem discursos. É verdade que lá não esteve o Brasileiro. O aniversário da República foi, assim, celebrado de maneira confidencial. Antes assim. Essa senhora perdeu de todo a compostura e, aos 42 anos, caiu na farra com uns tenentes.

E até Paris, meu querido Ministro. Lembre-nos muito afetuosamente à Edyla. Maria muito se recomenda à Senhora Mangabeira a quem beijo respeitosamente as mãos.

Rogo-lhe que receba a expressão de minha amizade devotada.

Conde de Ouro Preto



Vitor Konder

refere-se ao ministro da Viação e Obras Públicas no governo Washington Luis (1926-1930).

Legação

trata-se de Missão mantida por um gov. em outro país onde não tem embaixada.

Conde de Ouro Preto

refere-se a Afonso Celso de Assis Figueiredo Júnior, advogado, dep. geral por Minas Geras na Assembléia Geral. Colaborou no *Jornal do Brasil*, *Tribuna Liberal*, *Correio da Manhã* dentre outros. Foi dele o discurso de recepção a Octávio Mangabeira na Academia Brasileira de Letras.

PARIS, 20 DE NOVEMBRO DE 1931

Meu caro Ministro e amigo

Recebi ontem o seu cartão datado de Berlim a 17, em que me comunica haver terminado o seu passeio à Alemanha, tendo ido à Praga, Viena e Budapeste.

Já deve estar a esta hora em Haia, para onde mando a minha resposta, felicitando-o por ter empreendido essa excursão que tão útil lhe vai, não obstante ter sido rápida.

Causou-me viva satisfação saber que os nossos diplomatas e consulares o receberam condignamente, retribuindo assim a quem no ministério tanto se esforçou para levantar a carreira, respeitando e fazendo respeitar os direitos de todos eles.

As missas celebradas no Rio e em S. Paulo tiveram repercussão com que não contaram decerto os seus promotores, e ainda menos esperaram os poucos e fracos discricionários que ainda lá existem. Segundo cartas, que de lá acabo de receber, o ambiente está completamente transformado, mostrando-se propício a uma reação contra o estado de coisas que muito está enfraquecendo o Brasil, interna e externamente.

O chefe do governo discricionário, a 5 de outubro do corrente leu uma xaropada com que procura justificar a sua incapacidade em resolver os problemas brasileiros. Atacou os saldos orçamentários, negando-os, em linguagem que me obrigou a quebrar o silencio até agora mantido e a dar uma entrevista ao *Correio da Manhã*, publicada a 6 de novembro. Ocupa ela nove colunas na primeira e segunda página. Não obstante, foram eles obrigados a suprimir muita coisa, que seria (sup. digo) impedida pela censura e a resumir outras por amor ao espaço. Dizem-me, de lá, que foi grande o efeito produzido. Pelo menos assim me escreveu Costa Rego. Foi fazer publicá-la na integra em folhetos. Penso ter liquidado a questão do saldos, se é que se pode liquidar alguma coisa diante da má fé.

Eu e Sofia muito nos recomendamos a D. Esther, a quem apresento as minhas homenagens, e a Edyla a quem desejo muitas felicidades.

Abraços afetuosos do amigo e admirador

Washington Luis

Costa Rego
refere-se a Pedro da
Costa Rego, jornalista
e ex-governador de
Alagoas (1924-1928).

GENOVA, 1º DE DEZEMBRO DE 1931

Exmo. Sr. Dr. Octávio Mangabeira,
Cordiais saudações,

A penúltima remessa de jornais do Rio faz, sobre o “Caso do Itamaraty”, referências a depoimento meu, de que remeto a V. Exa. a prometida cópia, mas não alude a outro documento escrito, que lhe fora anexado, e interessante, também.

A de hoje, nem se refere mais ao caso, que se anunciava tão escandaloso.

Sem saber se teve, também, divulgação esse outro papel, remeto-o, por cópia, a V. Exa., com as reservas que julgar conveniente.

Parece-me que só assim poderá avaliar, quanto foi meu firme, resolutivo, propósito, pôr, desde logo, a questão em seus devidos termos, sobre um caso continuado e referente a nomes e fatos já em pleno domínio público.

Não havia, graças a Deus, fatos, nem provas a esconder, mas, apenas, contas a prestar, relativas a período administrativo que cessara abruptamente.

Nessa emergência, semelhante encargo só eu, mesmo, poderia ter, como era de máxima conveniência, desempenhado imediatamente, com a documentação em mãos e bem segura, antes que se precipitassem documentos previsíveis e não fosse mais possível, então, apresentar o caso em seus singelos termos e devidas proporções.

E, só para me certificar de que ainda sabia, ao menos, sorrir, sentia-me, de vez em quando, na pele de meu ilustre homônimo romano, às voltas com cetões e teutões. Parece, no entanto, que certos amigos do governo passado não tiveram, talvez por zelo em excesso, bastante serenidade, para perceber isso, como vim a saber por, entre outros, o nosso Dr. Fiel Fontes, com seu transbordante coração. Essa é a razão única, porque só agora digo isso tudo a V. Exa., que sempre me honrou com a sua confiança.

A simples leitura dos dois papéis juntos, estou certo de que bastará a V. Exa. para apreciar, com justiça, o alcance e a exatidão de seus termos.

Não havia verdades a revelar, mas despesas de caráter reservado a documentar. Tudo mais, já era, há muitíssimo tempo, caso corriqueiro,

homônimo romano
refere-se ao general Caio Mário (157-86) A.C. Foi político e militar da República Romana.

Cetões e teutões
refere-se a povos/tribos que viveram no norte e centro da Europa. Foram derrotados pelo general Caio Mário, 120 a.C.

Fiel Fontes
refere-se a Fiel de Carvalho Fontes, dep.fed. da 1ª República.

banal, que só a perversidade de alguns poderia, com o auxílio de muita inépcia ou estupidez minha, deturpar revolucionariamente.

Minha senhora e eu muito nos recomendamos à Sra. Mangabeira, fazendo votos para que V. Exa. e todos os seus consigam manter-se de perfeita saúde neste inverno, que promete ser inclemente.

Com a mais viva satisfação, tenho a honra de agradecer a V. Exa. as duas reconfortadoras cartinhas, com que me brindou e de apresentar-lhe os protestos de altíssima consideração do

De V. Exa. patricio, grato amigo e grande admirador

Mario de B. Vasconcelos

Mario de
B. Vasconcelos

Mário de Barros
Vasconcelos, ex-chefe da
contabilidade do MRE.



Itália. D-E: Octávio, D. Esther e Edyla Mangabeira, na extrema esquerda.

BAHIA, 10, 11 E 12 DE DEZEMBRO DE 1931

Mangabeira

Venho fazer-lhe um relatório político. Em meado de dezembro, seu representante chamou-me para conversar. Com ele estava o meu colega. Disse que tinha estado com o Pontes, que lhe contara estar o Feitor interessado na organização de um partido político; dizia ser necessário reunir homens de responsabilidade, e pedira a ele, Pontes, o ajudasse, indicando nomes; que ele indicara o seu e o do Matoso; que não foram impugnados, mas objetara que não tinham aqui na Bahia pessoa com quem se pudesse fazer um entendimento; que perguntara seria possível um entendimento com pessoa como o Agitado, tipo que merecia antes cuidado da polícia; que ele, Pontes, contestara ser o Agitado seu representante, pois sabia que a única pessoa aqui com poderes para politicamente cuidar dos seus interesses era o “seu representante”. Que, apesar de todo o esforço do Pontes, este não conseguira convencer o Feitor, que disse saber que o Agitado andava mostrando a todo o mundo cartas suas e do Matoso, que o Pontes aconselhara serem tomadas providências, afim de afastar do espírito do Feitor essa convicção. Que ele, seu representante, ali nos chamara a fim de serem tomadas providências. Que ele se lembrara de três: primeiro, uma nota redacional do *Imparcial*, declarando não ser filiado a nenhum grupo ou pessoa política; segundo, procurar-se uma pessoa da intimidade do Feitor, a fim de explicar-lhe quem era de fato que aqui lhe representava; terceiro, promover-se uma reunião de seus amigos, só com o fim de, ao noticiá-la fazer saber que fora sob a presidência dele, seu representante. O meu colega ao começo não quis opinar. Eu disse que nunca fora, não era, não queria ser político; que se ali tinha estado, muitas vezes, a tratar de assuntos do seu interesse, era devido à sua situação, e só e só por causa da ausência, que continuaria a colaborar com eles até quando esta perdurasse; que achava as providências merecedoras de observações; que estava certo, não teriam as pessoas políticas e não políticas da Bahia, dúvida sobre quem aqui lhe representa; que a nota desejada no *Imparcial* não me parecia oportuna, parecia, antes, encomendada e podia colocar em situação um tanto duvidosa o Pontes, porém que o meu colega, que no momento acabara de referir fatos, demonstrando seu prestígio naquele jornal, poderia obter a tal nota; que quanto à pessoa da intimidade do Feitor,

seu representante
refere-se a
Eutychio Bahia.

Pontes
refere-se a Arnaldo
Pimenta da Cunha,
ex-prefeito de Salvador.

Feitor
refere-se ao interventor
da Bahia tenente
Juracy Magalhães.

Matoso
refere-se a Miguel Cal-
mon Du Pin e Almeida,
ex-ministro de estado.

Agitado
refere-se ao jornalista
José Rabelo.

Barrote
refere-se de modo jocoso,
por ser de baixa estatura,
a Bernardo Martins
Catarino.

**Carlos de
Igreja Nova**
refere-se a Carlos
Olimpio, correligionário
de Joaquim Climério
Dantas Bião, em Alagoi-
nhas, que morava perto
de Igreja Nova.

Venturoso
refere-se ao major Juarez
Távora, membro da
Comissão de Correção
Administrativa, e um dos
fundadores do Clube 3
de outubro.

ao que eu sabia, a mais capaz era o Barrote, porém que o essencial era saber o que este pensava a seu respeito, porque podia sair tudo às avessas, sendo portanto necessário, preliminarmente, descobrir quem capaz de colher suas impressões; e ficou logo assentado que o Carlos de Igreja Nova seria esse capaz; e quanto à reunião, a achava inoportuna, porque não se a fizera, quando você preso, nem deportado e agora não havia para ela nenhum pretexto. Acrescentei que não se devia ainda tomar em nenhuma consideração as declarações do Pontes. E o fiz admitindo que ele podia querer dar um golpe no Agitado, que o vinha atacando pelo seu jornal. Ignoro se ficaram, ou não, satisfeitos comigo. Poucos dias depois, procurei o Pontes que me contou mais ou menos a mesma coisa, acrescentando, porém, que, a sós com o Feitor, este lhe dissera ser ele candidato, dele Feitor e do Venturoso, ao cargo de governador, tendo porém, ele Pontes, recusado terminantemente. A mim, disse não querer, não lhe convir, não ter direitos porque nunca fora revolucionário e que, se alguma coisa pudesse fazer, seria só e só em seu benefício; tudo faria para que fosse você. Presumo não ter descartado, fazendo-lhe ver que não se poderia cogitar da possibilidade, ao menos, do seu nome, não só porque os revolucionários jamais quereriam, como também, e principalmente, porque, para tanto, eram indispensáveis entendimentos que você jamais teria com essa gente; que se ele, Pontes, podia prestar serviço a você, este era aceitar, a indicação, preparando, para o futuro, melhor situação para você. E ficou nesse ponto a conversa desse dia. Poucos dias depois, voltei a procurá-lo, mas para dizer que tinha recebido notícia sua, em que falava da volta e inquirindo seus amigos da melhor época para esta; e que sendo ele a única pessoa de nossa absoluta confiança, no grupo dos vitoriosos, era natural soubesse do que se passava, para esclarecer-nos. Nessa ocasião, ele disse que o Feitor voltara a falar, já agora na presença do Barrote, acrescentando era ele o candidato a governador. Voltei a falar na conveniência para você de que ele fosse para o lugar, mesmo porque se não fosse ele, haveria de ser um qualquer tenente. Continuou a relutar (comigo) dizendo que absolutamente não aceitava. Pedi-lhe, nessa ocasião, permissão para lhe por ao par de tais ocorrências. Disse ser ainda um pouco cedo. Esperasse mais um pouco. Hoje procurei-o e, não o encontrando para falar pessoalmente, telefonei-lhe depois, dizendo era indispensável você tivesse conhecimento do que ele me narrara. Respondeu-me haveria hoje uma reunião e que amanhã o procurasse. Pouco depois aqui veio, de passagem para a tal

reunião e, tendo eu frizado a conveniência de você saber de tudo, observara o seu receio de que, ignorante em política, não apreendendo bem as coisas, viesse a dar impressão não verdadeira, o que lhe colocaria mal. Repliquei você bem o conhecia e sabia da sua ignorância em política, sabendo portanto como encaminhar o seu juízo sobre tudo isto. Ele foi para a reunião em companhia do Barrote que aqui passou para tomá-lo. Espero poder amanhã dizer mais alguma coisa.

Dia 11 – Ontem escrevi de casa. Esta é do escritório. O Pontes não voltou lá em casa ontem. Fui vê-lo hoje. Disse ter acabado a reunião às 12 ½ da noite. Falou pouco. Que na reunião foram trocadas idéias sobre os elementos a serem solicitados para fazerem parte do novo partido. Perguntou-me a respeito do Gordilho, que lhe parecia um bom elemento. Confirmei, acrescentando, porém, que era todo do Rios, como sempre fora, e que não indo para este, iria para o Destemido. Depois, dando saltos na conversa, como costuma, disse que falara



Pedro Gordilho



Pedro Lago

claramente ao Feitor a seu respeito, da possibilidade de sua candidatura à Constituinte. Que o feitor dissera não ter escrúpulo em apoiar sua candidatura, pois que reconhecia o seu valor; que o fato de você não reconhecer nos vencedores autoridade, não importava coisa alguma; pontos de vista, que cada um os tinha a seu jeito. Que ele, Pontes, perguntara se podia dizer aos seus amigos aqui, guardadas as necessárias reservas, que era conveniente não assumirem atitude; respondeu que sim, podia dizer isso aos seus amigos. Disto dei ciência ao Bahia, que aliás ontem mesmo, em visita ao Silvano, dissera que era isso que estava aconselhando a todos, pois tinha instruções suas em tal sentido. Não pude conversar mais com o Pontes, porque ele teve de atender a um graúdo. Mas disse me falaria hoje mesmo, à noite, em nossa casa, ou na dele. E fiquei de telefonar para acertar. Quero lhe fazer sentir

Gordilho

refere-se a Pedro Gordilho, ex-sec. de Segurança (1930).

Rios

refere-se a Pedro Lago, gov. eleito da Bahia (1930); não tomou posse devido à revolução.

Destemido

refere-se a Simões Filho, jornalista e político, proprietário do jornal *A Tarde*.

Bahia

Eutychio Bahia.

Silvano

cel. Silvano Ramos de Queiroz, dep. est. (1925-1930).

Linha Circular
refere-se a Anísio Massora,
dir. da CIA Linha Circular
de Carris da Bahia.

Medeiros
refere-se a Antonio Garcia
de Medeiros Neto, um
dos mais fortes homens
junto a Juracy Magalhães.

**homem da gazeta da
cidade baixa**
refere-se a Altamirando
Requião, dir. e redator-
chefe do jornal *Diário de
Notícias*, que se localizava
no bairro do Comércio,
cidade baixa.

Franklin
refere-se ao cel. Franklin
Lins de Albuquerque,
chefe político no médio
São Francisco.

Moacir
refere-se a Antônio
Pereira da Silva Moacir,
dep. fed. (1924-1930),
comerciante.

João Paulino
refere-se a João Alberto
Lins de Barros, interven-
tor de S. Paulo.

Marques
refere-se a João Marques
dos Reis.

Sena de Lençóis
refere-se ao advogado
Arlindo Sena, que repre-
sentava o cel. Horácio de
Matos chefe político de
Lençóis, assassinado em
maio de 1931.

Ajuda
refere-se ao jornal
O Imparcial.

que em tudo isso limito-me a transmitir o que colho, que talvez lhe seja útil. Você conhece o Pontes e pode, portanto, tirar as suas conclusões. Creio que ele se interessa por você, contanto que os seus interesses não estejam a prejudicar os dele. Vamos ver se poderemos conversar à noite e o que colherei para lhe dizer.

Não, colhido do Pontes, notícias de diversos que se dizem sempre bem informados. O Feitor convidou, para chefiar o 1º distrito, o Linha Circular; para o 2º, o Medeiros; para o 3º, o homem da gazeta da cidade baixa; para o 4º, o Franklin e o Moacir. Estas conversas têm fundamento, apesar do Pontes dizer-me hoje que não sabia. Disse-me ainda, hoje, o Pontes, que o João Paulino não suporta o Destemido, com quem o Feitor estava também descontente, porque tendo, a pedido do mesmo, conversado demoradamente no Rio, depois da conversa, o Destemido apelara para a fé de cavalheiros, afim de que não fosse divulgado o entendimento e, não obstante, depois, 4 pessoas a ele, Feitor, falaram sobre o ocorrido; e que não era pois um homem com quem se pudesse tratar. O Feitor mandou chamar o Marques (aquele que antes de ser alta autoridade andou brincando no Carnaval com roupa de marinheiro) pedindo o apoiasse e com ele colaborasse no trabalho de elevar a Bahia; o Marques, depois de relutar, aquiesceu e começará por ser o autor do programa do partido. Isto é certo. Muito lastimei. Dadas as simpatias dele por você, eu sempre imaginei seria futuramente um ótimo elemento para você.

Aquele menino que embrulhou o Arouca, está botando prestígio. Ofereceu a um amigo nosso dois municípios, para indicar prefeitos e fazer todas as nomeações. O nosso amigo recusou. Também aquele que foi com o Feitor para o sertão, como mandei lhe dizer na última carta, ofereceu ao Sena de Lençóis a chefia deste município. Foi recusado. Também é certo isto.

É também que para o novo partido cogitam de adquirir Ajuda. É certo. Estão em ajuste. Tudo depende do preço. Será então o órgão do partido.

Dia 12. Estive com o Pontes ontem à noite. Nada, absolutamente nada, adiantou. Tive a impressão de que não queria me falar mais nada. Alegou não ter podido estar com o Feitor ontem à tarde. Mas, sem se lembrar que tendo começado a conversa pela manhã, suspendera a conversa, devido ao fato de ter entrado no seu gabinete pessoa da confiança do Venturoso, um fiscal de consumo que ontem mesmo me havia dito dever em grande parte a nomeação a você que, por causa

de uma recomendação de A. Viana tinha ido com ele pessoalmente ao Oliveira Botelho interceder a seu favor. Como pois não ter à noite nada mais a dizer, quando, ao interromper a conversa da manhã, dissera que deixássemos para conversar à noite, na casa dele ou na nossa? Enfim está no caráter desse nosso amigo, ser inconstante e inseguro. Ele é de parecer que você não deve se manifestar agora, deve deixar que se estraguem esses outros que pretendem ser agitadores da opinião pública. E como eu lhe disse que seria bom você viesse para perto, embora ficando alheiado, mas podendo observar mais de perto a marcha dos acontecimentos, passando uma temporada em Alagoinhas, ou mesmo em Busca Vida, ele concordou comigo, que assim seria bom.

A série enorme de notícias, a disparidade entre elas, não permitem a um ignorante do assunto, como eu, colher nenhuma impressão. É uma mistura dos diabos. Há quem diga que o Destemido, traz poderes do Matoso, do Velhote, do Rios, para organizar a frente única aqui na Bahia. Outros dizem que, você consultado, não se manifestou, ficou retraído. Outros, que o Destemido diz ter poderes de você para agir. Enfim é uma baralhada dos pecados. O Velhote está de viagem marcada para aqui. Creio que sai do Rio no dia 20 deste.

O “Nervoso” e o “Agitado”, procuraram-me há dias para saberem o que havia, se você dera alguma autorização ao Destemido, ou não se manifestava, por enquanto. Respondi que isso era com o “seu representante”, só este é que podia dizer alguma coisa. Protestaram ambos apoio a você, seus propósitos de lhe servirem. O Nervoso porém disse que jamais estaria onde estivesse o Destemido.

O Feitor tem deixado compreender que é candidato à Constituinte. E parece que os tenentes querem nela meter o focinho.

O Gonçalo Porto foi muito solicitado para entrar para o Conselho Consultivo, mas recusou terminantemente.

O Barrote já teve ocasião de se manifestar ao Pontes, seu grande admirador, dizendo mesmo que a você cabia tomar conta de nossa terra, sob pena de cair ela nas mãos do Destemido.

Ontem à noite, o Pontes, mais uma vez, disse que essa gente, que aí no poder está, não admite, nem por sombra, a ascendência do Destemido.

(Eivaldo Pinho)

A. Viana

Aurélio Viana, médico, sen. est. (1929-1930)

Oliveira Botelho

Francisco Chaves de Oliveira Botelho, ministro da Fazenda no governo Washington Luís (1926-1930).

Busca Vida

região próxima a Salvador, onde se localizava um sítio pertencente à Companhia Agrícola de Una S.A., no qual Eivaldo Pinho costumava descansar e veranejar.

Velhote

refere-se a J.J. Seabra, então com 76 anos, o mais idoso entre os oposicionistas.

frente única

União de partidos políticos; não funcionou na Bahia.

Nervoso

refere-se a Mário Monteiro, diretor e redator chefe de *O Imparcial*.

Gonçalo Porto

refere-se a Gonçalo Porto de Souza, advogado e juiz do TRE - Bahia (1932).

RIO, 12 DE DEZEMBRO DE 1931

Octávio

Recebi sua carta de Bruxelas, tendo antes recebido cartões de Bonn, Praga, Viena, Budapeste e Haia. Também não lhe tenho escrito nos 3 últimos sábados. Resolvi deixar que você passasse tranqüilo, sem notícias daqui. Aliás o que se passara de importante, sairá nos jornais, que várias pessoas lhe remetem. O Ramiro me diz que manda tudo para o Brito, que por sua vez, passa a você os jornais. Recebi os cartões para Raquel e Estela e os entreguei.

Acho que já se está aproximando o momento de sua volta. O ambiente tem se mudado neste últimos tempos. Pelo discurso do J. Neves, Flores, Pilla, etc, que você já deve ter lido, deverá ter sentido que tudo se está transformando, no sentido de esquecimento do passado. A tal Comissão de Sindicância está nas últimas. E o desprezo público por ela é tão grande, que ninguém mas, absolutamente ninguém, ali comparece, e são raros os que lêem as notícias que os jornais publicam a tal respeito. O discurso do Neves provocou uma grande ofensiva dos tenentes que, no fundo, querem a ditadura militar. A opinião geral ainda está um pouco descrente, convicta de que o Getúlio não quer a Constituinte, que está “despistando” e o Rio Grande tapeando, pois não romperá com ele... Eu, porém, não penso assim. Sei, que o Rio Grande está pela constituinte, como estava pela revolução. Isto é, todo o seu povo está contra a continuação da ditadura, e exaltado neste sentido. A situação ali é igual a de 1 ou 2 de outubro do ano passado. E sei que Getúlio e Osvaldo, em caso algum cairão no erro do Paim. Em hipótese nenhuma ficarão contra o seu Estado. O Getúlio pode, no coração, não querer a constituinte. Mas está indo para ela, embora transigindo também com outros tenentes. Ontem estiveram aqui à noite, João Neves e a senhora, aos quais ainda não tinha visto depois que chegaram. Disse-me o João Neves que não há quem evite a constituinte e que a nomeação do Maurício Cardoso é decisiva. Porque lá no Rio Grande, em comparação ao Flores, Pila etc, ele, João Neves, era moderado; e que o Maurício vem, como representante da frente única, para acabar já e já com a lei eleitoral, iniciar o alistamento, e organizar o movimento para a constitucionalização; que o Assis Brasil partiu com a palavra do Getúlio, para transmitir ao Flores, ao Pila e ao Borges no

Ramiro

refere-se a Ramiro Berbert de Castro, liderança política de Ilhéus e produtor rural.

J. Neves

refere-se a João Neves da Fontoura, um dos líderes da Rev. de 1930. Por divergir do gov. provisório recusou o min. da Justiça.

Flores

refere-se a Flores da Cunha, foi ministro da Justiça (1932-1934).

Pilla

refere-se a Raul Pilla, médico e político, foi um dos grandes articuladores da Rev. de 1930 no RS.

Osvaldo

refere-se a Osvaldo Aranha acumulou cargo de min. da Justiça e Negócios Interiores e da Fazenda.

Paim

refere-se ao gal. Firmino Paim Filho, foi senador do Brasil durante a Primeira República.

Maurício Cardoso

refere-se a Joaquim Maurício Cardoso, min. da Justiça (1931-1932).

frente única

trata-se da coligação dos principais partidos políticos do Rio Grande do Sul, para unir forças, diante da política vigente.

sentido da Constituinte. Que ele Assis, duvidava que a eleição se poderia proceder a 2 ou 14 de julho e a Constituinte se reunir a 3 de outubro. Isto, porque o processo da operação pelo sistema do voto proporcional é moroso. Mas o alistamento começaria em fevereiro, durando 4 meses. Ele, João Neves, porém, acha esse prazo curto, propõe o de 6 meses; e opina para que a Constituinte se reúna, no dia de Natal. “Nasceria assim, sob um signo de harmonia e de paz”. Não oculto, porém, que o Neves, embora fortíssimo no Rio Grande, pelo apoio do Borges e do Pila, aqui no governo tem a mesma situação que nós, no governo Calmon. No fundo, Getúlio e Osvaldo detestam-no. Por outro lado, os tenentes estão furiosos com ele, pelo movimento que encabeçou no Rio Grande, e prometem dissolver a constituinte caso ela se reúna já. Mas de uns dias para cá, estão entregando os pontos e já declaram que se submeterão ao que Getúlio resolver; e acatarão o que o Maurício decidir, pois consideram que este não tem prevenção contra eles.

Mas, se como tudo faz prever, o alistamento vai começar em fevereiro, é tempo de você se preparar para vir, até mesmo porque ainda terá que parar em Portugal.

Nem há mais razão para você continuar fora daqui.

Antes bem, era justo que não se quisesse submeter a aborrecimentos de comissões de sindicâncias e bobagens. Mas agora isto acabou.

Acho que você tomou a única resolução sensata e digna quanto à nova intimação para defesa – a de nem quer se acusar o seu recebimento.

Não julgo necessário republicar o seu relatório. Porque todos os membros da tal Comissão o possuem, bem como um dossiê com tudo o que saiu na imprensa, sobre as sindicâncias no Itamaraty. Não pusemos “os pontos nos is”, porque a opinião geral considerou o relatório do Miguel Teixeira a sua defesa, ou melhor, a justificação dos seus atos; reconsiderariam a publicação de sua carta, que eu consegui saísse sem passar pela censura. Além disso, a dos, mas absolutamente a todas, as insinuações, já entrevista do funcionário, as cartas de Gregório e Mateus e as notas da Noite, os artigos do Macedo, do Correio, etc, haviam respondido. Assim, até o próprio Simões, que achava quando chegou, e eu lhe disse, que só estava esperando o relatório, para fazer com meu nome uma defesa em todos os sentidos; até ele mesmo achou que eu nada mais devia fazer, reabrindo uma questão morta na opinião e enterrada pelas quatro pa-

Calmon

refere-se a Francisco
Marques de Góes
Calmon, gov. da Bahia
(1924-1928).

Macedo

refere-se a José Eduardo
de Macedo Soares
fundador do jornal
Diário Carioca.

Ari Parreiras
refere-se ao militar
e político, que
atuou ativamente na
Rev. de 1930.

lavras do ultimo artigo do Macedo examinando o relatório. Ele achou mais: que eu tinha feito uma bobagem em dizer alguma coisa sobre o caso da minha passagem.

Ainda há 8 ou 10 dias, o Ari Parreiras dizia do Silva Reis, que os “seus processos não tinham importância. As irregularidades vinham desde o Rio Branco. Mas você tinha sido um ótimo ministro”. O mesmo mais ou menos disse Osvaldo há 3 dias ao Luiz Pinto. Aliás há 2 ou 3 meses que não me encontro com Osvaldo. Tenho evitado encontrar-me com ele, desde que os seus processos chegaram a fase de julgamento e subiram à junta os outros do negócio de Santa Cruz. Não queria que ele nem ninguém pensasse que eu estava implorando misericórdia. Preparei-me logo para a defesa que seria esmagadora e absoluta, pois nada tinha que ver no caso. Mas a canalhice do tal Azevedo, a quem não conheço nem de vista tinha metido meu nome no embrulho. E aí Osvaldo foi correto comigo. Não sei por ele, mas por um parente de Temístocles. Foi ele quem impediu que este fizesse um escândalo com meu nome, dizendo-lhe que isto era uma injustiça, a que ele se opunha. Ainda não estive com ele, pois só o quero fazer depois de encerrada a tal junta.

Ontem deu em droga o processo do Banco do Brasil.

Assim, pois, você vê que seu caso não tem mais a mínima importância. Não o teria, ainda quando a junta desse parecer contra você. É exatamente o caso do Washington no processo dos 400 contos dados à Prefeitura de Petrópolis.

Quanto à publicação dos seus escritos, acho que a publicação oportuna é dias depois de sua chegada ao Brasil. Agora seria tolice. Por que não tendo sido publicados naquela época, só o deveria ser num momento em que disto você tire vantagem. Este momento é 2 ou 3 dias depois de sua chegada, ou mesmo no dia seguinte, tudo enquadrado num manifesto sereno e altivo à Nação. Somente a página sobre 24 de outubro, você publicaria a parte. Até mesmo porque é de prever alguma crítica a que você teria de replicar. Porque, por exemplo, a entrevista do Washington causou bom efeito. Mas *o Jornal do Comércio* e a *imprensa do governo* matou-a em seguida, com esta simples pergunta: Se houve dantes saldos, porque limpou o seu governo todo o ouro da Caixa de estabilização e mais, os 10 milhões do Banco do Brasil, e ainda os 2 milhões do fundo de resgate? Porque o seu governo deixou o Brasil sem uma lira ouro, coisa que

nunca tinha acontecido? Como saldos? E com estas e outras perguntas sem respostas liquidaram o êxito de 48 horas da entrevista Washington. Porque sobre este já há uma sentença unânime: homem de bem, de brio, de coragem; mas burro, teimoso, vaidoso, que desgraçou o país, com um plano de estabilização errado e uma política louca, que levou o Brasil à revolução. Pelas primeiras qualidades, merece, apesar de tudo, o respeito até dos tenentes; pelas últimas ninguém, nem Vilaboim, nem Arnolfo, nem Ataliba, nem ninguém o quer mais, nem para inspetor de quartirão.

Assim, retomando, o fio, acho que os escritos, isto é as cartas, devem ser enquadradas num manifesto. Não precisam elas de retoques. Porque eu e Edgard fizemos, na do Brasil os de que ela precisava. Porque você sem a serenidade habitual, escreveu algumas frases ásperas que não lhe ficavam bem. Assim, eu suprimi dela, a frase em que você dizia pode ser que o Rio Grande, e assim mesmo duvido, aceite essas práticas. Suprimi, por amplamente infeliz. Primeiro porque não se provoca a antipatia de um povo inteiro; segundo porque era uma grosseria para com o Assis Brasil, rio grandense, a quem você endereçava a carta e a quem não queria pessoalmente ofender. Por este ultimo motivo, também suprimi, a frase em que você dizia, mais ou menos; o que digo e que entre os homens do governo alguns há que não poderia abrir devassas sobre ninguém. Conservei, porém, o período que diz: Devassas para os que descem sem devassas para os que sobem; não creio que homem honesto, me diga que isto é digno. Como não tenho a carta cito, de cor. Edgard cortou, depois, apenas a frase – Hão de voltar aos seus esconderijos; porque achou-a pesada. Tudo mais se conservou, tal como você fez. E todo o mundo que leu as cartas, espalhadas pelo Brasil inteiro, achou-as magníficas. Ao meu ver o mais fraco no fundo, como na forma de seus escritos é o manifesto, que cada vez mais me convenço, que bem procedi não o publicando. E você quando aqui vir disto se convencerá. Até mesmo porque, se fosse publicado, teria sido, só por isso, a mais cabal refutação dele próprio. Porque, sob regime constitucional, mas em estado de sítio, não haveria por mal que o estampasse. Mas se numa ditadura o publicassem, é sinal de que “sobre uma tirania não se havia construído outra maior”. Ao contrário, o que havia era uma ditadura liberal, como nunca se vira no mundo, pois o ditador permitia que seus adversários o agredissem pela imprensa completamente livre e fizessem a propaganda popular da contra revolução, pelo ataque violento ao governo revolucionário, aos seus processos e aos seus homens. Mas isso não aconteceria. Porque o ambiente naquela época

Vilaboim

refere-se Manuel Pedro Vilaboim, foi líder da maioria na Câmara (1928-1930).

Ataliba

refere-se ao gal. Ataliba Jacinto Osório, militar, assumiu interinamente o gov. da Bahia (1930), antes da indicação do primeiro interventor Leopoldo Amaral.

Edgard

refere-se a Edgard Soares de Pinho, irmão de Esther Mangabeira.

Brasil / Assis Brasil

refere-se a Joaquim Francisco de Assis Brasil, min. da Agricultura (1930-1932)

Civilismo
ideologia defendida por Rui Barbosa em oposição ao militarismo (Hermes da Fonseca) na campanha de 1909, para a presidência da República.

Floriano
refere-se a Floriano Peixoto, ex-presidente (1891-1894).

A. Lima
refere-se a Antônio Augusto de Lima, magistrado, pres. de MG (1891)

Chiquito
refere-se a Frâncico Mangabeira, filho de João Mangabeira.

Fiel
refere-se a Fiel de Carvalho Fontes, político baiano, foi deputado da 1ª República.

Maltez
refere-se a Aristides Maltez, médico de grande prestígio, criador do hospital para cura do câncer (HAM)

não era o de hoje. Havia ainda muita paixão e muito ódio. A réplica teria sido seu banimento incontinentemente com o apoio de toda a imprensa, que abriria contra você – sem defesa, sem que uma vez pudesse encontrar abrigo na imprensa, a arma minha, uma campanha terrível de difamação, demonstrando com falsidade e embustes, que o seu ministério foi um foco de escândalos e abusos e crimes. A opinião se formaria neste sentido. E quando você, anos depois, quisesse restaurar a verdade, não sei se conseguiria. Ao próprio Rui, não fosse o *civilismo*, e nunca desfaria a campanha infame movida contra ele, indefeso, pelo Floriano. Lembrou-se de como o julgava Papa e, até o *civilismo*? Estava certo de que o Rui enriquecera, roubando no Governo Provisório. Era o que aconteceria com você. Não teria, como teve e tem aqui, uma imprensa favorável, com artigos de Macedo, Chateaubriand, Correio, A. Lima etc. E todos estes artigos são transcritos pelos jornais dos Estados, consolidando-se assim o seu renome de um grande Ministro. Esta a sua situação no momento. O oposto seria se eu tivesse feito a publicação. Nisto, estou de consciência tranqüila. Fiz tudo quanto devia fazer por você, com eficiência. Fiz o que faria por Chiquito. Além de que, sem parecer, sou mais calmo que você, no momento de necessidade ou perigo; tinha mesmo razão de estar mais calmo; e por isso de ver melhor. Sei que alguns me censuram. Não dou importância. Não me hei de guiar por malucos, como Fiel. O meu feito consegui. E se as paixões se serenaram para isto concorri.

Adeus. Abraços a todos

João (Mangabeira)

P.S. Maltez disse a Chiquito, e por ter concluído a operação: “O resultado é animador. Os gânglios não foram atingidos. Apenas uma determinada região superficial endurecida. Mas entre esta e os gânglios há uma camada de tecidos em perfeito estado”. O Kroepff disse-me que sendo de ambos os lados era quase impossível não haver ao menos um gânglio atingido. E que às vezes é tão pequeno o ponto, que é quase imperceptível. Espero ir breve vê-la. Ela me encontra num momento apertado. Mas espero receber uma quantia boa, dentro em breve. É liquidar uma questão, que espero ganhar de qualquer forma, se for preciso darei um jeito para ela ir à Europa, ou aos E. Unidos, que dizem ser a última palavra no assunto.

Nota: este P.S. sugere trata-se de pessoa da família atingida pela câncer, possivelmente a mãe de Esther, que não demoraria a falecer.

A BORDO DO NAVIO CONTE VERDE, 17 DE DEZEMBRO DE 1931

Meu caro Ministro,

Rumo à desordem de botão dourado, escrevo ao meu ilustre amigo, deixando as terras da Europa. Vou jogar. A política é uma roleta. Um ano e oito meses de Itália, prepararam-me o ânimo para a luta. Não conheço mais a política do meu país, mas chegando na barra, pedirei ao práctico para entrar no porto. Tenho fé em Deus que tudo irá bem. O meu amigo verá a minha pena fazendo tudo pelo seu nome. Não sou bajulador como sabe, sei ser seu amigo, em defesa dos brasileiros, que julgo útil à minha pátria e não a mim. Nada quero, querendo tudo para o Brasil. É com essa intenção que vou desembarcar.

Muito grato pela sua carta cujas, afetuosas palavras muito bem fizeram a mim e a Elsa. Seremos sempre amigos.

Meus respeitos à Exma. Senhora e saudades a Edyla.

Creia-me sempre seu amigo devotado.

Paulo Silveira

Endereço do Rio: Rua Marquês de S. Vicente 256 – Gávea – Rio de Janeiro



Jardim de inverno do navio Conte Verde

Paulo Silveira

refere-se a Paulo M. de Assis Silveira, adido no Consulado de Primeira Classe, em Roma.

FAZENDA TABAJARA, 24 DE DEZEMBRO DE 1931

Meu prezado e ilustre colega Dr. Octávio Mangabeira,

Perdoe-me a qualidade do papel em que lhe envio os meus muitos votos de boas festas de Natal e de feliz ano novo. Espero que esta lhe chegue às mãos em princípio de janeiro, ainda no período de festas. Enviei-lhe cumprimentos pelo seu aniversário natalício, para o endereço mencionado em nossa lista acadêmica, não sei se lhe chegará às mãos estas linhas.

Pelos jornais tenho tido notícias suas, de suas viagens em França. Bem avalio quanto passa um alto e culto espírito como o seu, deve a visita dos monumentos artísticos e históricos, causar o mais vivo interesse e prazer.

Por aqui continuo na mesma faina trabalhando nas minhas questões de história das bandeiras paulistas e de história da cidade de S. Paulo, mas ando bastante cansado e sinto-me bem avelhantado [...] que não poderei de todo concluir tão longos trabalhos afanosos.

Estou certo de que mais meses meus meses, teremos impressos mais algumas amostras de seu peregrino talento.

Reiterando-lhe meus cumprimentos e votos, peço-lhe que apresente os meus muitos respeitos à Exma. D. Esther e me tenha com seu muito afetuoso admirador e colega,

Affonso de E. Taunay

P.S. Releve esse tão feio papel e envelope. Não tenho outro à mão e desejo que estas linhas lhe cheguem logo.

Affonso de
E. Taunay

refere-se a Afonso
d'Escragnolle Taunay,
professor, biógrafo,
historiador, ensaísta,
lexicógrafo e romancista.
Confrade de Octávio
Mangabeira na Academia
Brasileira de Letras.

PARIS, 1932

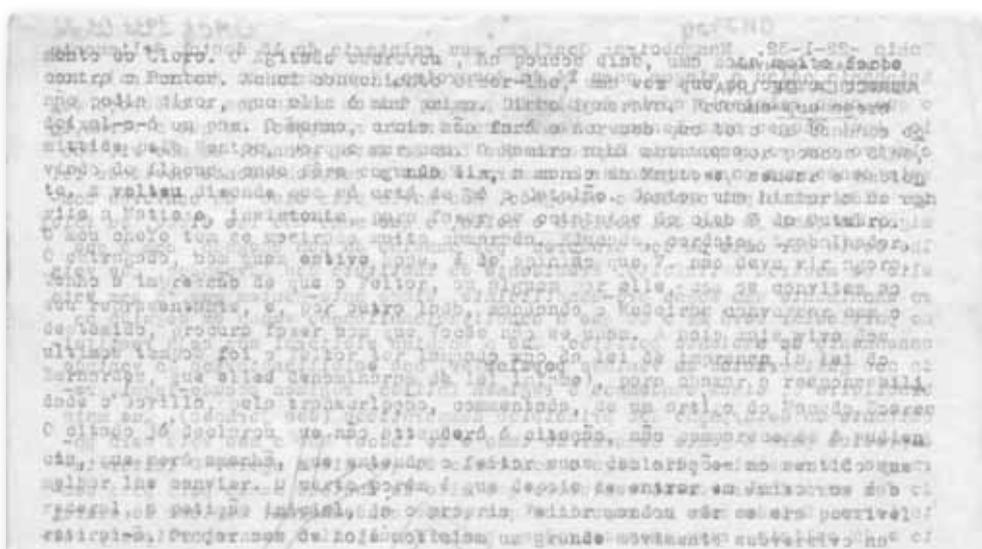
Ditadura brasileira impossibilitada comprar armamento França, governo francês negou permissão necessária toda, agora as obtê-lo Holanda. Trata-se ditadura absolutamente condenada contra a qual a opinião do meu país se rebela hoje, exigindo realização eleições, restabelecimento ordem legal. Em nome grande papel Holanda sempre exerceu civilização, paz, eu peço chamo atenção Vossa Excelência eu ouso esperar governo holandês também recusará exportação armamentos destinados alimentar guerra civil no Brasil.

Respeitosamente

Octávio Mangabeira

Nota da Coordenação: Semelhante telegrama Octávio Mangabeira ao presidente Masarick, agradecendo que a “ditadura brasileira ante a recusa da França em vender-lhe armamento, acaba de compra-lhe na fabrica Brno, Tchecoslováquia. Octávio Mangabeira pede-lhe não permita exportação de tal material.

“Ancieur” Ministro Assuntos Estrangeiros Brasil.



Zaleski
August Zaleski, ministro
dos Negócios Estrangeiro
da Polônia.

PARIS, 1932

Sua Excelência Zaleski
Ministro de Assuntos Estrangeiros
Varsóvia
(Pessoal Confidencial)

Governo Francês após haver vendido munições artilharia ditadura brasileira, resolveu anular contrato evitando intervir guerra civil país amigo ponto Assegura-se governo Polônia vai fornecer material bélico ditadura ponto Numerosas colônias polonesas São Paulo Paraná poderão ser vítimas munições origem polonesa ponto Opinião pública brasileira sempre dedicada Polônia jamais esquecerá que no momento que ela se bate por suas liberdades políticas, as armas que vai dispor ditadura são provenientes Polônia ponto Primeira expedição munições terá lugar amanhã Dantzig navio Norma e outras outubro salvo intervenção medidas urgentes ponto Ouso pedir muita atenção vossa excelência.

Octávio Mangabeira

Antigo Ministro Assuntos Estrangeiros do Brasil, hotel Windsor Etoile.

Obs: documento traduzido do francês.



Zaleski, primeiro plano, segundo da esquerda para a direita, 1932

PARIS, 1932

Meu caro Sr. Severino Sombra

Acuso recebida sua carta, de 20 de janeiro, que me foi entregue, em Sevilha, pelo Dr. José Rabelo. Demorei a dar-lhe resposta porque, tendo passado algumas semanas, ora em um, ora em outro lugar, ficou, em consequência, em grande atraso, a minha correspondência, e tive de pô-la em dia; afora uma serie de cartas, entrando em certos detalhes, que, especialmente para a Bahia, julguei necessário escrever, sobre o momento político.

Já tinha conhecimento, por leitura de jornais, da sua ação no Brasil, e, propenso a todo o trabalho que vise acudir as classes proletárias fora das loucuras de Moscou, senão dentro das formulas cristãs, tanto mais idôneas e saudáveis, quanto mais restituídas à pureza das fontes evangélicas, só podia ver com simpatia as suas atitudes. Depois tendo começado a vida publica, a bem dizer, aos dezessete anos, contando hoje quarenta e seis, nada me é mais grato ao espírito, que não sei se começa a envelhecer, do que ver e sentir, nos mais moços, civis ou militares, o ardor no zelo pelos destinos da pátria. Li, assim, com prazer, os recortes, de que veio acompanhada a sua carta, e que hora lhe devolvo.

Sim. Compreendo o alcance da palavra “novo” na acepção de que se trata. Por isso mesmo, ao verificar que os “novos”, até inclusive, os mais jovens, que se estabeleceram no Brasil, não fazem senão empregar métodos “velhos”, quem sabe se velhíssimos, apenas agravando-os, não posso deixar de sofrer uma decepção profunda...

Resistir a que se implantem, no Brasil, praticas e regimes que redundem na sua ignomia, é hoje o primeiro dever de cada brasileiro. A este dever, modesta mas firmemente, custe o sacrifício que custar, procurarei ser fiel. Não me sinto com autoridade para falar pelo Norte. Não sei se o largo tempo que vivi na atividade política de um regime deposto não me terá dado hábitos, que me tornem porventura menos idôneo para a ação dos novos dias. Como quer que seja, porem, estou pronto a ir lacrando a terra, até que possa passar a pá e a enxada aos mais aptos. Uma coisa, entretanto, lhe asseguro em plena sinceridade: não tenho pretensão de qualquer ordem; a nada aspiro, senão a fazer honra aos compromissos

Severino Sombra
Severino Sombra de
Albuquerque integralis-
ta, fundador da Legião
Brasileira do Trabalho.

José Rabelo
refere-se ao redator do
jornal *O Imparcial*.

Figueiredo
refere-se a Euclides
de Oliveira Figueiredo
revolucionário em
1930 e 1932.

que julgo ter para com a minha pátria, seja como simples cidadão, em hora que reputo das mais críticas da nossa evolução nacional.

Inteirado das suas sugestões e dos seus pontos de vistas. Fiz depender, como era natural, a ação que venha a ter, de informações, que o coronel Figueiredo ficou de remeter-me, e ainda não recebi. Alias, independente de um golpe armado, com que não se tem direito de abalar o país senão com os elementos necessários, e a serviço de um grande programa, verdadeiramente benfazejo, há, de qualquer modo, a fazer-se, a campanha política, avaliando e orientando os espíritos em torno dos interesses da Nação, que, não nos iludimos, os mais altos, os mais essenciais, os mais profundos, estão a correr perigo. Oportuno e louvável, portanto o seu eloqüente apelo “à mocidade no Norte”. Já terá seguido o seu destino? Irei de fato oportunamente a Lisboa. Estimarei, todavia, continuar a ter suas notícias e suas impressões. Resta-me a agradecer-lhe as atenções e o conceito com que me distingue, e afirmar-lhe a melhor simpatia do

Octávio Mangabeira



Severino Sombra

1932

“Se não lhe respondi o ofício, que em tempo me enviou, foi porque nada tinha a responder-lhe. Junto lhe mando, em um recorte do *Correio da Manhã*; a carta, recentemente publicada, e que dirigi, em fevereiro do ano próximo passado à tal Comissão de Sindicância, que se instalara no Itamaraty. Nem é o caso do bom entendedor... Basta-lhe, pois, responder que não dei qualquer resposta, o que equivale a dizer que não tomei qualquer conhecimento da nova intimação.”

(Octávio Mangabeira)

exportation

Dictature brésilienne impossibilitée acheter (arrosement) France
gouvernement français ~~à~~ a refusé permission vient les acheter
Tchécoslovaquie fatigue Berna stop Il s'agit dictature absolue
condamnée toute laquelle ~~se~~ toute opinion brésilienne se
rebelle ~~exigeant~~ exigent réalisation méthode rétablissement
ordre légal stop, ~~à~~ Tchécoslovaquie ayant toujours non possédant
un vrai ~~citoyen~~ humanité

J'ose espérer votre existence ami paix citoyen en
humanité ne permettra votre pays exporté matériel
dentini alimentés ~~par~~ ~~de~~ ~~par~~ tyrannie moi
totalitaire toute liberté d'expression stop République
moi U. M.

Mon existence Président Masarik
Prague

ancien ministre affaires étrangères Brésil - U. M.
Ministre des Affaires Paris 80

FAZENDA N. S. DA PAZ, 6 DE JANEIRO DE 1932

Octávio

Só aqui, reconciliado com a paz da minha roça posso dispor de tempo para escrever-lhe. Na cidade, desde que cheguei, os dias e todas as horas foram poucas para atender a amigos, correligionários e quiçá, curiosos. Muita gente deve ter tido a curiosidade de ver como havia voltado um exilado. Como quer que seja, as demonstrações de simpatia que recebi desde o desembarque, a uma hora da manhã, e os que, até hoje, se sucedem, asseguram a fidelidade da nossa terra à nossa causa. A situação em que encontrei a Bahia é a de uma terra conquistada. O espetáculo das tropas invasoras, que, de esporas e faca de ponta, acamparam na velha metrópole do civilismo – que irrisão! – ocupando, desde o Palácio da Aclamação, até as escolas, terá tido um efeito que ainda perdurará. Não tome como vaidade da minha parte, afirmar que, com a minha chegada o ambiente se modifica a olhos vistos. Faltava um animador. Tem sido o meu papel. O tenente, obsesso, entrou a fazer política, alegando que eu preparo uma “formidável ofensiva” (*sic*) contra ele. Depois de bater em muitas portas, abriram-se ao seu comando as do Pacheco, Requião e Franklin, pelas quais dividiu no Estado, a organização do seu partido. O Medeiros lhe tem a ele, simpatia, mas não terá ânimo de aparecer ostensivamente ao seu lado. Franklin, segundo carta que recebi de Lago e João, teve a adesão do Chico Rocha, que se recusou; sob fútil pretexto, a assinar um pequeno manifesto que propus, a dirigir. Mas ao Estado, advertindo-o do nosso firme propósito de pelejar a sua libertação. Tenho feito o que posso, desenvolvendo toda a atividade, de que ainda disponho. Os feitores mais ou menos irritados, fazem, de quando em vez, distribuir boletins com ameaças, esquecidas que, veterano do Paraguai, não morro de caretas. Da política federal, João lhe passará ao corrente. Assim certo de que ninguém terá força para deter a corrente caudalosa que desaparecerá, em 8 ou dez meses mais, na Constituinte. E você? Já é tempo de regressar, francamente, não vejo mais porque se justifique a sua ausência, a menos que, depois de percorrer o velho continente, se disponha a conhecer a

Palácio da Aclamação

trata-se da residência oficial do Governador da Bahia.

tenente

refere-se a Juracy Magalhães, interventor federal na Bahia.

Pacheco

João Pacheco de Oliveira, político e fundador do Partido Evolucionista em 1931.

Requião

refere-se a Altamirando Alves da Silva Requião, político e diretor e redator-chefe do jornal *Diário de Notícias*.

Franklin

refere-se ao Cel. Franklin Albuquerque, chefe político de Pilão Arcado e Remanso.

Medeiros

refere-se a Antonio Garcia de Medeiros Neto, advogado, político e jornalista. Em 1933, juntamente com Juracy Magalhães fundou o PSD da Bahia.

Chico Rocha

refere-se a Francisco Joaquim da Rocha, político do Sertão de São Francisco e Lavras Diamantinas, posteriormente Dep. Ass. Nac. Const. (1934) com apoio de Juracy Magalhães.

Ásia. Suas notícias não as tenho há muito tempo. Nossas saudades a d. Esther e Edyla, de que não nos esquecemos. Um grande abraço do seu amigo,

Simões

Suplemento:

Tenho estado continuamente com o seu estado maior. Dos nossos elementos, nenhum mais do que os seus, está menos intimidado. Firmes e decididos para tudo.

O Seabra chegou há dias. Desembarcou às 2 horas da tarde. Penosa recepção. Veio com a promessa do J. Neves, de que me será entregue a Bahia.

Os seus e os de d. Esther, estão bons. O Euvaldo sempre me procura.

Simões

Simões

refere-se a Ernesto Simões Filho, proprietário do jornal *A Tarde*.



Simões Filho

BAHIA, 7 DE JANEIRO DE 1932

Esther e Mangabeira

Apenas algumas linhas para não deixar de escrever e enviar as notícias do dia 31, e, com elas, a carta para as irmãs do Mangabeira, do mesmo dia. Fico bem ciente dos termos da nota, que já transmiti ao Bahia, que, ainda hoje, dará delas conhecimento aos amigos convocados para uma reunião. Essa é a tal reunião, que já devia se ter feito a mais tempo, e foi adiada por motivos imprevistos. Pouca coisa de novo. De referência ao Bião, o que há certo é que ele nem esteve com o Juracy. Não se viram. Nem houve entendimento algum. Aqui o Juracy tem feito constar que o João é quem quer apoiá-lo, mas que ele só aceitará a sua colaboração se houver declaração pública, do João, desse apoio. O Carigé foi convidado para uma reunião que o Juracy vai fazer, agora, às 4 da tarde, de todos os chefes políticos da Capital. O Carigé respondeu que isso será com o Bahia e o intermediário (o Carlos Clemente Gomes), disse que também estava incumbido de convidá-lo. Este convite porém não tinha sido feito até às 3 horas da tarde de hoje. Está aqui uma baralhada que ninguém entende. Uma balburdia dos pecados. A Liga já publicou o manifesto. Assinaram-no, dentre muitos outros (cerca de 80) o Prado Valadares e o Fernando Luz. São 4 1/4. Vou encerrar. Ainda tenho que ir ao Bonfim levar a sua carta às suas irmãs e, depois, seguir para Busca Vida, onde vamos passar 4 ou 5 dias, e de onde voltarei, definitivamente, no próximo dia 10. Na próxima semana, escreverei mais longamente. Chegou aqui o Ramiro. Veio a negócios. Diz estar satisfeito e folgado. Declarou ao L. Viana que, se João ficasse com os tenentes, o acompanharia. Termine. Esther, recebi as cartas vindas pela mala comum. Acho bom Mangabeira escrever ao Bião, aconselhando o alistamento até que ordens venham sobre eleição.

(Euvaldo Pinho)

Bião

refere-se a Joaquim Climério Dantas Bião, dep. e sen. est. na 1ª República; era o representante de Octávio Mangabeira, em Alagoinhas.

Juracy

refere-se a Juracy Magalhães, interv. na Bahia.

Carigé

refere-se ao dr. Augusto Carigé, cirurgião dentista.

Liga

trata-se da Liga Eleitoral Católica criada em 1932, para atrair votos.

Prado Valadares

refere-se a Antônio do Prado Valadares, prof. da Fac. de Medicina da Bahia; fundador da cadeira n° 30 da ALB.

Fernando Luz

refere-se ao prof. da Fac. de Medicina da Bahia; membro da Comissão diretora da LASP em oposição ao PSD de Juracy Magalhães.

Ramiro

refere-se a Ramiro Berbert de Castro, chefe político em Ilhéus, dep. est. e dep. fed. na 1ª República.

L. Viana

Luis Viana Filho, a principio apoiou o movimento constitucionalista paulista (1932).

RIO DE JANEIRO, 10 DE JANEIRO DE 1932

Meu caro Octávio

Recebi, ontem, sua carta de Natal e muito lhe agradeço os afetuosos votos que formula pela minha felicidade.

A situação aqui é completamente favorável ao seu retorno, mesmo agora, sem nenhum perigo ou ameaça de vexame para a sua pessoa.

De acordo, completamente de acordo com as suas ponderações e, por isso mesmo, considero que a sua presença está se fazendo necessária não só no tocante à política da Bahia como à federal. Vê-se, sem esforço, que não há cabeças; as poucas que existem no seu lugar estão reunidas pela paixão que reina nos dois campos dos vencedores: tenentes e civilistas chefiados pelo Rio Grande do Sul.

O próprio Bernardes considera os dois grupos sem capacidade, sem valor para resolver seja o que for, e acha que só uma terceira força poderia guiar os acontecimentos e tirar a política do impasse em que se encontra. Ele veria com a maior simpatia a atuação dessa força nova e, quiçá a ela se juntando ou apoiando seu programa. Declara, antecipadamente, que nada quererá em troca e que o seu nome, cansado, usado e visado, só poderia valer afastado de possíveis candidaturas a cargos de relevo na situação federal ou na estadual...

Na Bahia, os políticos começam a desmandar-se, ao invés de formarem um bloco.

Confirma-se o que lhe disse: a nossa gente estava parada, à espreita, mas sem ligação, sem solidariedade. Quem puder varar a trincheira o fará, mesmo sacrificando companheiros.

Cada um pensa em si, no seu pequeno grupo. Uma coordenação das forças antigas seria, no entanto, o primeiro trabalho a fazer-se. Mas, ali está o perigo do triste espetáculo público de prováveis fragmentações.

Confio de tal maneira na sua capacidade que ousou considerar indispensável sua presença aqui, nem que seja como simples e discreto observador, nos primeiros tempos.

A Constituinte virá, se o Rio Grande, como penso, vencer a partida contra a militância ambiciosa, e condenada em toda a parte. Maurício Cardoso trabalha ativamente, com a comissão de juristas, na lei eleito-

Civilista

trata-se dos elementos civis, oligarcas, que apoiaram a revolução de 1930.

Bernardes

refere-se a Artur da Silva Bernardes, ex-presidente da República (1922-1926), apoiou a revolução de 1930.

Maurício Cardoso

refere-se a Joaquim Maurício Cardoso advogado e político gaúcho.

bernarda
trata-se de motim, re-
volta popular em alusão
às rebeliões constantes
ocorridas na presidência
Artur Bernardes.

heureusement
felizmente

Wenceslau Brás
refere-se a Wenceslau
Brás Pereira Gomes
presidente do Brasil
(1914-1918).

Cândido Campos
jornalista, proprietário do
jornal carioca *A Notícia*.

ral. Ela ainda este mês deverá ser sancionada e a seguir, sem demora, o alistamento terá início.

Se as interventorias de São Paulo e Paraná forem preenchidas por civis, os tenentes terão perdido as esperanças de mando e, até março, não haverá no Norte mais nenhuma interventoria militar. Ou farão uma bernarda ou irão por água abaixo.

Alegam os tenentes que o Rio Grande quer, com a Constituinte, eleger um rio grandense e dominar o país com o manto de uma legalidade precária. A verdade, porém, é que eles querem tudo isso, sem manto algum... E, até lá, muitos sois serão passado; a vontade, a inteligência clara, o patriotismo de um condutor de homens, que bem pode ser você, modificará facilmente os planos hoje aparentemente vestidos de êxito.

A revolução não deu uma cabeça, não fez surgir um homem, não criou um estadista. Os que tinham algum prestígio estão hoje afundados. Diante de 40 milhões de habitantes de uma grande nacionalidade, existe o vácuo ou a desordem, que gerará o caos, mais cedo do que nos parece.

O Brasil, como já aconteceu na Grande Guerra, está hoje vivendo e talvez resolva as suas dificuldades, mercê da desgraça em que estão caindo as grandes civilizações.

As causas de nossa crise nada tem de comum, com as da Europa e dos Estados Unidos, mas a nossa felicidade está em que esses povos organizados, com tradição, com programa, não têm mentalidade para nos compreender, nem nos interpretar... *heureusement*.

Causa-me pesar ver que o governo está perdendo uma ótima ocasião de tirar proveito enorme para o país, explorando as lamurias e os efeitos gravíssimos e extensos da crise universal. O Wenceslau Brás que emitiu 950 contos em quatro anos aí está apontado como benemérito!

Venha meu caro amigo, logo que possa. O Brasil precisa dos seus esforços para congregar tanta gente em dissídio, sob a mesma bandeira da harmonia, da fraternidade. Há quinze meses que há vencidos e vencedores entre os brasileiros!

Há quinze meses há estados em escravidão e almas em pena como se no seu solo abençoado o Brasil fosse teatro das lutas de raças estranhas a se entredevorarem.

Homenagens respeitadas para a sua Exma. Família e para você um grande abraço do velho amigo

Cândido Campos

BAHIA, 15 DE JANEIRO DE 1932

Mangabeira

Recebi sua carta de 26 de dezembro. Aqui continua tudo muito baralhado. O Seabra deu entrevista ruidosa, na qual fez ataques à política do feitor. Este revidou violentamente. O João Paulino, o bombeiro e o americano, telegrafaram ao feitor protestando solidariedade e apoiando em sua atuação política e administrativa. O destemido, depois da chegada e de umas ameaças pela imprensa, encolheu-se e foi para a sua propriedade agrícola. A Castro Alves deixou de se manifestar pela constitucionalização, retraindo-se consideravelmente. Voltou ele a semana passada e parece estar agindo aliás, com bons modos, constando no que não creio, que se encontrou casualmente, com o feitor, na casa do Barrote. O que é certo porém, é que o velho capitalista, pai do proprietário da Ajuda, procura aproximar o destemido do feitor. Esse procurou ontem o seu representante e teve ocasião de dizer que iam, ele, você, Matoso, e o irmão do homem do Barbalho, que está na Europa, lançar um manifesto pró-constituente concitando o pessoal da situação decaída, o eleitorado, e os elementos independentes a se alistarem para as lutas futuras. Disse que esse manifesto só seria assi-



Bernardo Martins Catarino



Álvaro Catarino

Seabra

refere-se a J.J. Seabra, ex-gov. da Bahia (1912-1916; 1920-1924).

bombeiro

refere-se a Miguel Costa, comandante da Força Pública de SP, à qual estava integrado o Corpo de Bombeiros.

americano

refere-se ao embaixador dos USA, Edwin Morgan.

destemido

refere-se ao jornalista e político Ernesto Simões Filho.

Castro Alves

refere-se ao jornal *A Tarde*, localizado na Praça Castro Alves.

Barrote / o velho capitalista

refere-se a Bernardo Martins Catarino, empresário do ramo têxtil.

o proprietário da Ajuda

refere-se a Álvaro Martins Catarino, proprietário de *O Imparcial*.

Matoso

refere-se a Miguel Calmon Du Pin e Almeida, ex-ministro de estado.

irmão do homem do Barbalho

supomos tratar-se de Vital Soares, vice-pres. da República eleito, não empossado, irmão de Alfredo Soares, referido como o "homem do Barbalho".

Rios
refere-se a Pedro Lago,
sen. fed. (1923-1930),
gov. eleito e não empos-
sado da Bahia (1930).

Sapucaia
refere-se a Heitor
Sapucaia, farmacêutico.

Silvano
refere-se a cel. Silvano
Ramos de Queiroz, dep.
est. (1925-1930).

Linha Circular
refere-se a Anísio Masso-
ra, diretor da Companhia
Linha Circular de Carris
da Bahia.

seu representante
refere-se a
Eutychio Bahia.

nervoso
refere-se a Mário Mon-
teiro, diretor e redator
chefe de *O Imparcial*.

agitado
refere-se ao jornalista
José Rabelo.

P.R.B.
Partido Republicano da
Bahia, criado em 1927.

nado por pessoas de grande responsabilidade; que já tinha permissão do irmão do homem do Barbalho, e que desejava saber a opinião dele, seu representante. Este respondeu que aguardaria suas instruções e que, como ele, fariam todos os seus amigos. O destemido disse que ia lhe telegrafar e como seu representante aconselhasse seria preferível escrever, ele se deu por bem aconselhado e disse assim ia fazer pelo avião amanhã. Disse mais, que o Matoso ficara de vir até aqui com o Rios mas que, por último, ambos declararam não poderem vir pelo que ele iria ao Rio, ainda que por poucos dias. Isto me foi contado hoje pelo seu representante que me pediu lhe mandasse dizer que não lhe tem escrito porque eu o faço e com ele estou constantemente. Manda dizer mais que o Sapucaia tem estado muito doente, o que o tem preocupado. O Silvano continua a não passar bem. E eu tenho a impressão de que não chegará aos oito meses que lhe foram concedidos. Antes do destemido, o seu representante foi procurado pelo *Linha Circular* que, declarando logo de começo, não ter com você, nem com o Matoso incompatibilidades e conhecendo a opinião do feitor, sabedor de quem a este agradava ou não, embora não ignorando a atitude de alheamento mantida por seus amigos, não obstante desejava fazer ver a ele, seu representante, a conveniência em seu benefício, de colaborar na organização de forças eleitorais, no primeiro distrito, à direção dele confiada. O seu representante disse que não tendo instruções suas em nada se envolveria, conservando-se absolutamente alheio a tudo. E lhe manda dizer que esta será a atitude dele e de todos os seus amigos que o ouvem. Manda dizer mais que está se preparando para realizar um serviço de alistamento, eficiente, tendo já pessoa incumbida de, em um cômodo na casa dele, dedicar-se, só e só a esse trabalho. Ontem, à tarde, o nervoso procurou-me por telefone, muito interessado em saber se você estava em Paris. Eu disse achava que não. Quis saber isso, com certeza. Eu disse que certeza não tinha. Presumia você achar-se no sul da França. Mas diante dessa insistência, indaguei a causa. Respondeu que o agitado tinha levado uma nota para sair hoje na Ajuda, noticiando que o destemido, de acordo com você, com Matoso, com o Rios, com o irmão do homem do Barbalho, ia reunir ou convocar as forças do P.R.B., para se reorganizarem e darem combate ao tenentismo. Que ele, embora o agitado lhe houvesse dito ter estado, ontem mesmo, com o destemido que lhe mostrara um telegrama seu, de Paris, dizendo estar de acordo e que dera, ou ia dar, instruções ao

seu representante em Alagoinhas, não acreditava por isto, como se dizia, que o telegrama era de Paris, ele queria ter a certeza se você nessa cidade se achava. Acrescentou que estava disposto a dar uma nota, hoje, contra o destemido, criticando o seu recuo, pois que aqui chegara como um leão, e depois se fora meter na fazenda, como um sendeiro. Cerca de uma hora depois, veio aqui em casa o agitado, dizendo que tinha levado uma nota para ser publicada hoje na Ajuda, nota aliás, de acordo com as suas instruções, e que o nervoso, se negara a publicar, dizendo que, em vez de publicá-la, escreveria para sair hoje, uma outra contra o destemido. Estava nervoso. Perguntei-lhe se, de fato, havia instruções suas. Respondeu que o destemido lhe mostrara telegrama seu. Indaguei se o mostrara, por mostrar, um telegrama, ou lhe dera a ler o telegrama. Disse que dera a ler, e que o telegrama dizia que estava de acordo, e dera instruções ao homem de Alagoinhas. Indaguei de onde era o telegrama. Que era da França, não reparando de que lugar. E pediu-me que fosse obter do nervoso não publicasse nenhuma nota contra o destemido. Fui à noite procurar este. Repetiu-me o que já havia dito pelo telefone, acrescentando, entre outras coisas, que o agitado andava em conversas constantes com o destemido, e que isso não lhe agradava. Não estava disposto a permitir se lançasse mão da Ajuda para servir a este, cuja atitude não lhe agradava, e ia procurá-lo.

Consegui que isto não fizesse. Não havia vantagem. O interesse de todos os seus amigos estava em se não manifestarem, conservarem-se indiferente a tudo. Concordou. Mas queria que eu pusesse a limpo esse negócio do telegrama. Se tivesse vindo, naturalmente, em atenção a você, nada diria, mas se fosse mentira, como ele estava certo, buliria com o destemido. E me aprou para eu, hoje, até às dez ou dez e meia da noite, responder-lhe. Fui hoje à tarde. Disse-lhe que estava certo não ter havido nenhum telegrama seu porque, a dar instruções aqui para a cidade, você as daria ao seu representante, e não para Alagoinhas. E, depois de muita conversa, consegui dele a promessa de que não buliria com o destemido. De todas estas ocorrências seu representante tem conhecimento. A opinião de Paulo, sobre a oportunidade do seu regresso, colhida através de Franklin, seu futuro genro, é que é tempo de você voltar, “o terreno já esta aplainado”, lembrando a atitude dos gaúchos, em outubro de 30, que, se não tem corrido às pressas, para o Rio, encontrariam as posições ocupadas (!). A opinião do

seu representante
em Alagoinhas
refere-se a Joaquim
Climério Dantas Bião.

Paulo
refere-se a Paulo Fontes,
juiz federal aposentado
compulsoriamente pela
revolução.

Franklin
refere-se a Franklin de
Oliveira Ribeiro.

Marques

refere-se a João Marques dos Reis, professor da Faculdade de Direito (BA) e presidente do IAB.

Pontes

refere-se a Arnaldo Pimenta da Cunha, prefeito de Salvador (1931-1932).

Rochinha

refere-se a Francisco Joaquim da Rocha, médico e político baiano da região de Barreiras.

Franklin

refere-se a cel. Franklin Lins de Albuquerque.

homem de Alagoinhas ainda não temos. Seu representante mandou pedir-lhe que lh'a desse diretamente. Estive ontem com o Marques (que passa a ser "advogado"). Está inteiramente às ordens, para tudo que for em seu benefício, dizendo mesmo que isto era uma questão de coração, que lhe daria muita alegria espiritual. E me pediu mesmo que, se entendesse de falar a outras pessoas capazes, ou em condições de tomarem parte ativa no movimento para a sua chegada, dissesse que ele é que me havia procurado, oferecendo-se e empenhando todo seu esforço. Disse ter sido procurado insistentemente pelo feitor, pelo qual tem aliás muita simpatia. Que, no que pudesse ser útil, estaria ao seu dispor, porém, que não podia deixar de manifestar, de qualquer modo, seu interesse pela volta do país à normalidade e, muito menos sua admiração por você. Disse que sua recepção aqui deve ser um desagravo da Bahia. Ainda não quis entender-me com os três consultores. Aliás, deles, o que é vizinho do Pontes, é muito ligado ao Marques (advogado) que, penso, deve falar-lhe. Soube, por suas irmãs, que o Matoso mandara dizer você estaria no Brasil em fevereiro, indo diretamente para o Rio, onde passaria alguns dias, vindo depois para a Bahia. É, de fato, um problema difícil, esse da oportunidade de sua chegada. Teriam os homens de cá chegado ao pé da ladeira por onde vem rolando? Esbarrarão aí? Ou com a força que trazem, irão adiante? É difícil saber-se. Não tenho estado com o Pontes. Cogitou-se de uma manifestação popular ao Feitor. Ele, Pontes, deu dela notícia ao seu representante, fazendo sentir a necessidade deste e de todos os seus amigos se associarem aos manifestantes. Seu representante disse ia ver. Depois quis justificar a vantagem deste procurar o feitor, elogiar-lhe a administração, para forçar aproximações. Seu representante, apesar dos embaraços que tais conselhos trazem, fez ver a inconveniência que disso havia. O Rochinha escreveu do Rio uma carta ao seu representante, dizendo ter sido procurado pelo Rios, com uma nota para ser publicada aqui, em nome do P.R.B. Que ele se negara em absoluto a assiná-la, e que opinara nenhuma atitude deveriam tomar sem a sua presença, pois o "considerava um nome nacional, que não se poderia submeter aos martírios de notas sibilinas" de pseudo-amigos. E pedia ao seu representante que lhe respondesse com franqueza o que pensava. Aliás, eu e o seu representante, fomos informados de que ele, Rocha, tivera entendimentos com o Franklin sobre seus interesses no S. Francisco. Não dei conhecimento ao Pontes de sua carta de 26.

Não dei, e o seu representante está de acordo comigo. E acho não se deve dar. Ele está muito com o feitor. Ainda é muito cedo para se saber o rumo das coisas. É melhor que saiba de alguma coisa dito por mim, do que escrito por você. Ele, Pontes, depois daquelas conversas, não mais me procurou e, embora já estivéssemos juntos, não tocou no assunto. Notamos, o seu representante e eu, que ele está reservado. Ele, que chamou a si a aproximação do feitor com o chefe político do velho Severino em Itapagipe, levou aquele à casa deste, por ocasião das festas de ano novo. Esta foi começada, ontem, em casa, e acabada hoje, no escritório. O nervoso, contra minha expectativa, deu uma nota hoje, estranhando a atitude do destemido, de retraimento, quando aqui chegara com promessas de ação. Não tem nada de ofensiva. Simples cócega...

Não esqueça do agradecimento ao Baleeiro da Associação. É útil. O destemido, quando fui visitá-lo pela chegada, e depois quando nos encontramos na visita que fez ao Silvano, disse-me desejava falar-me. Não fui; nem quero ir. De referência à política geral, a gente sente que as coisas não andam boas. O caso de S. Paulo, sem solução. Continua o cidadão-coronel. Consta hoje que o Góes Monteiro vem para a Região de Pernambuco. Fala-se muito em Pernambuco. O fato é que aqui na Bahia estão o encouraçado S. Paulo e cinco aviões de bombardeio. Fazem viagem de instrução...

O venturoso, em entrevista recente, declara-se pela Constituinte, mas em ocasião oportuna. E pergunta para que a Constituinte agora, com os mesmos defeitos do Congresso dissolvido? Isso importaria na necessidade de ser também dissolvido...

O destemido, na conversa com o seu representante, disse que o feitor queria aproximar-se; que não se oporia, sem as honras de general; viria como tenente, para ficar de pé e só sentar-se quando se mandasse; para falar com a mão na pala do boné...

Haverá alguma coisa de comum entre essa declaração e o propalado encontro, na casa de Barrote, da qual me deu notícia o nervoso? Parece que, travada, se for a luta de que se fala, entre o tenentismo e os constitucionais, o João Paulino ficará com aqueles...

Um telegrama de anteontem divulga terem sido apreendidos, em Santos, caixas com metralhadoras que iam do Rio Grande para Mi-

chefe político do velho Severino em Itapagipe
refere-se a Pedro Lago, discípulo político do ex-gov. Severino Vieira.

Baleeiro
refere-se a Jaime Baleeiro, diretor da Associação Comercial da Bahia.

cidadão-coronel
refere-se ao então interventor de S. Paulo, cel. Manoel Rabelo.

Góes Monteiro
refere-se a Pedro Aurélio de Góes Monteiro, comandante em 1932.

venturoso
refere-se ao major Juarez Távora, Rev. de 1930.

tenentismo
movimento político-militar englobando uma série de rebeliões de jovens oficiais do Exército Brasileiro na década de 1920 e início de 30.

Cristiano Machado
refere-se a Cristiano
Monteiro Machado,
advogado e político
mineiro; dep. fed. (1930).

**Virgílio
Melo Franco**
refere-se a Virgílio Alvim
de Melo Franco, político
mineiro, compôs a ala jo-
vem, mais radical, da AL.

Vina
refere-se a Lavinia
Mangabeira, irmã de
Octávio Mangabeira.

Maria
refere-se a irmã de
Octávio Mangabeira.

Cecília
refere-se a Cecília Man-
gabeira, irmã mais velha
de Octávio Mangabeira.

Augusta
refere-se a Maria
Augusta, irmã de
Octávio Mangabeira.

velho Freire
refere-se a Carlos Freire,
médico, político. Faleceu
em 1931.

nas... Vieram à imprensa o Cristiano Machado e o Virgílio Melo Franco declarar que era encomenda feita antes da revolução. Provavelmente haverá quem acredite na desculpa...

Morreu a Olindina, filha da Tia Julinha. Mamãe sem novidade. No Rio todos bons. Aqui também nada de importante quanto a saúde dos nossos, a não ser, está visto, aquela morte, já havia muito esperada. Vina e Maria irão à Ilhéus, onde já estão Cecília e Augusta. Os filhos do velho Freire a todo momento, mandam dizer que aqui estão no mesmo lugar em que o pai os deixou, obedientes às suas ordens, embora contra a vontade do Linha Circular, que os procurou. Abraços para Esther e Edyla.

(Euwaldo Pinho)

da hontem em casa, é acatada hoje, no escritorio, O nervoso, contra minha
expectativo, deu um nota hoje, estranhando a atitude do destemido, do retrai-
mento quando aqui chegara com promessas de ação. Não tem nada de ofensiva. Sim-
ples coçga... Não esqueça do agradecimento ao Salgueiro da Associação. É util.
O destemido quando fui visita-lo pela segunda e depois quando nos encontramos
na visita que fez ao Sylvano, disse-me desejava falar-me. Não fui, não quero ir.
De referencia à politica geral, a gente sente que as cousas não andam boas. O
caso do S. Paulo sem solução. Continua o cidadão-coronel. Consta hoje que o S.
Gões Monteiro vem para a Região de Pernambuco. Fala-se muito em Pernambuco. O
fato é que aqui na Bahia estão o encouraçado S. Paulo e cinco aviões de bom-
bardeio. Fazem vingas de instrução... O venturoso, em entrevista recente de-
clarou pela constituinte mas em ocasião oportuna. É pergunta para que a con-
stituinte agora com os mesmos defeitos do congresso dissolvido? Assimpo-
tarin na necessidade de ser também dissolvido... O destemido na conversa com o seu
representante disse que o feitor queria aproximar-se; que não se ocorria mas sem
assimbrar de general: viria como tenente, para ficar de só e só montar-se aqui
quando se lhe mandasse; para falar com a mão na pala do bonat'..... Haverá
alguma cousa de comum entre essa declaração e o proclamo deontico na casa do
barrote, da qual se deu noticia o nervoso? Parece que travada se fôr a lu-
ta de que MKE se fala entre o tentemista e os constitucionlistas, o João Pau-
lino ficará com aqueles.. Um telegrama de antechontem divulga terem sido apre-
ondidos em Santos alguns com metralhadoras que iam de Rio Grande para Minas..
Vieram à imprensa o Cristiano Machado e o Virgílio Melo Franco declarar que
era encomenda feita antes da revolução. Provavelmente haverá quem acredite na
desculpa... Morreu a Olindina filha de Tin Julinha. Mãe sem novidade. No
Rio todos bons. Aquitambem nada de importante quanto à saúde dos nossos, a não
ser, está visto, aquela morte, já havia muito esperada. Vina e Maria irão à
Ilhéus, onde já estão Cecília e Augusta. Os filhos do velho Freire a to-
do momento, mandam dizer que aqui estão no mesmo lugar em que o pai os
deixou, obedientes às suas ordens, embora contra a vontade do Linha Cir-
cular que os procurou. Abraços para Esther e Edyla.

BAHIA, 22 DE JANEIRO DE 1932

Mangabeira

Confirmo meu relatório de 15 deste. Felizmente Epifânio adiou a viagem para 14 de fevereiro, (quatorze de fevereiro), sem o que esse relatório seria devolvido, porque foi em carta com o endereço dele. Aqui chegou anteontem o Venturoso. Grande recepção. Os que a viram, inclusive seu representante disseram que foi de fato, grande. Eu não vi. Não quis concorrer para aumentar o número. Nela a surpreendente novidade foi ter sido principal orador o advogado. Não havia oito dias da conversa comigo, da qual já lhe dei notícia e nela, o que acho não lhe disse, eu falei-lhe devia ser ele um dos oradores por ocasião da sua chegada, com o que ele se mostrou satisfeito. Presidente do Instituto dos Advogados, que votará unanimemente uma moção pró-constituente, disse ante ontem que “o bom voto no particular será o de que a constitucionalização venha em seguida ao saneamento do ambiente político. Que a máquina eleitoral não seja restituída aos guitarristas da vontade popular, aos estelionatários da vontade brasileira” e, dizem, condenou o regime falido, regime pseudo-legal, resultante da deturpação dos princípios democráticos (dos jornais). Que mais é preciso para a gente descreer de tudo e de todos? Mas o meu voto será para que, ao recebê-lo, ele diga o contrário do que disse agora. O feitor tudo fez para fazer ver ao venturoso que ele de fato é amado pelo povo desta terra. E tudo como na república que eles condenaram: músicas do exército e da polícia, ruas embandeiradas, ponto facultativo nas repartições, soldados e guardas-civis, a paisano, bancando povo independente... O Negreiros procurou o seu representante, e muito insistiu para levá-lo ao feitor.

O Pontes não mais me falou sobre política, nem ao seu representante.

Está parecendo não ficou satisfeito com este, por não ouvir os seus conselhos de ir ao Feitor. E comigo, porque mostrou desejo de levar este a Busca-Vida e eu desinteressei-me. O agitado recebeu carta do Matoso recomendando harmonia e, especialmente, não combatesse o doente nem o genro deste que foi Secretário da Saúde Pública. Seria entendimento com o outro genro que foi deputado e que está no Rio? Vejo neste um ótimo elemento para você. Ontem, seu representante

Epifânio

refere-se a Epifânio Fernandes de Souza, sócio gerente da Tude Irmão e Cia.

Venturoso

refere-se ao major Juarez Távora, Rev. de 1930.

o advogado

refere-se a João Marques dos Reis, presidente do Instituto dos Advogados.

Negreiros

refere-se a Artur Negreiros Falcão, apoiou a Rev. de 1930, dep. à Ass. Nac. Const (1934-1935).

doente

refere-se a Francisco Marques de Góes Calmon, ex-gov. da Bahia (1924-1928) que se encontrava enfermo.

o genro deste que foi Secretário da Saúde Pública

refere-se a A. L. de Barros Barreto, médico, sec. de Saúde e Assistência Pública no gov. Vital Soares (1926-1930).

o outro genro que foi deputado

refere-se a José Wanderley de Araújo Pinho, político e historiador.



Miguel Calmon



Al. Barros Barreto



José Wanderley de A. Pinho



Francisco Marques de Góes Calmon

esteve com o destemido, que acha você deve vir o mais breve possível e declarou ter todo empenho em chefiar o movimento por ocasião de sua chegada. Que há de levar à rua, então, mais de vinte mil pessoas. De Alagoinhas para baixo descera muita gente. O comércio fechará. E afirmou: há de fechar. Um entusiasmo extraordinário. A meu ver, as coisas, como eu lhe disse, ficariam melhor. Manifestação sem política, grupos políticos ou políticos. Certo assim, estes se aliariam sem serem sentidos. E os independentes não teriam escrúpulo em agir desembaraçadamente. Hoje, eu penso que você deve ficar em Portugal, mais perto, portanto, aguardando a oportunidade. É possível que as coisas mudem de um momento para o outro. O general irá às Alterosas, ainda este mês, comer um churrasco. Nessa ocasião o Neves Ruinzinho irá iniciar ali a

general
refere-se a Pedro Aurélio
de Góes Monteiro.

Alterosas
refere-se ao estado de
Minas Gerais.

Neves Ruinzinho
refere-se a João Neves
da Fontoura, um
dos líderes da Rev. de
1930. Por divergir de
Getúlio, aqui está referi-
do como Ruinzinho.

campanha pró-constituente. Isto depois da apreensão dos caixões com metralhadoras que, do Rio Grande, iam para as Alterosas.

Com a ida do general à terra dos queijos, coincide a vinda do venturoso às fazendinhas do norte, para dar ordens aos feitores. Horizontes turvos. Creio que dos agradecimentos a fazer, e relacionados por você no bilhete do dia 9 deste, faltaram o Wenceslau Galo que escreveu dois artigos, o Martagão Gesteira, o Luís Viana Filho, e o Prof. Belfort Saraiva. Não sei se você acha conveniente escrever a D. Augusto, que patrocinou, com todo interesse, o movimento do Clero. O Agitado escreveu, há poucos dias, uma nota muito forte contra o Pontes. Achei conveniente dizer-lhe, uma vez que outra coisa não podia dizer, que ele é meu primo. Disse ignorava. Presumo que agora deixá-lo-á em paz. O mesmo, creio não fará o nervoso que teve um cunhado demitido pelo Pontes, porque mereceu. O Ramiro aqui esteve, por poucos dias, vindo de Ilhéus, onde fora, segundo diz, a mando do Matoso, sondar o ambiente. E voltou dizendo que só está de pé o Catalão. Contou uma história de convite a Matoso, insistente, para fazer os estatutos do Clube 3 de Outubro. O meu chefe tem se mostrado muito camarada. Educado, cordato, trabalhador. O estragado com quem estive hoje, é de opinião que você não deve vir agora. Tenho a impressão de que o Feitor, ou alguém por ele, com os convites ao seu representante e, por outro lado, mandando o Medeiros conversar com o destemido, procura fazer com que vocês não se unam. A nota mais viva nos últimos tempos foi o feitor ter lançado mão da lei de imprensa (a lei do Bernardes, que eles denominaram de lei infame), para chamar à responsabilidade o Gorila, pela transcrição, comentada, de um artigo do Macedo Soares. O citado já declarou que não atenderá à citação, não comparecendo à audiência, que será amanhã, que entenda o feitor suas declarações no sentido que melhor convier. O certo, porém é que, depois de entrar em Juízo que é o Federal, a petição inicial, já o próprio Feitor mandou ver se era possível retirá-la. Os jornais de hoje noticiam um grande movimento subversivo na Espanha. É de presumir, você lá não irá mais. Vou deixar o resto para amanhã. É possível surjam novidades.

(Eivaldo Pinho)

fazendinhas do norte

modo jocoso de referir-se aos estados do norte-nordeste, sob o controle do major Juarez Távora.

Wenceslau Galo

refere-se ao Advogado, redator do jornal *A Tarde*, opositor de Juracy Magalhães.

Martagão Gesteira

Joaquim Martagão Gesteira, médico, dir. do Dep. da Criança do Estado da Bahia (1935).

Prof. Belfort Saraiva

refere-se a João Belfort Saraiva de Magalhães, médico e poeta.

D. Augusto

refere-se a Dom Augusto Álvaro da Silva, arcebispo da Bahia.

Catalão

refere-se a Pedro Levino Catalão, cacauicultor, chefe político em Ilhéus.

Clube 3 de outubro

trata-se de organização político-militar de apoio aos tenentes mais radicais.

estragado

termo depreciativo referente a João Marques dos Reis por apoiar Juracy Magalhães em detrimento de Octávio Mangabeira.

Gorila

refere-se a Antônio Moniz Sodré de Aragão, redator-chefe do jornal *Diário da Bahia*.

Macedo Soares

refere-se a José Eduardo de Macedo Soares, redator-chefe do jornal *Diário Carioca*.

PEQUIM, 27 DE JANEIRO DE 1932

Meu caro Senhor Ministro,

Não tornei a escrever a V. Exa., desde o dia 17 do corrente, porque, não só andei ocupado, como ligeiramente adoentado. O inverno é aqui rigorosíssimo, à menor imprudência, vai a gente para a cama, resfriado. Já duas vezes me aconteceu isso, depois que começou a estação fria: em outubro e agora.

Não preciso falar no grande prazer que me deu a carta de V. Exa. Eu tinha notícias, freqüentemente, pelo *Ciro, Dantas, Levy, Elpídio*, etc. Recebi também os postais enviados por V. Exa. de Viena e Haia. Mas, esperava a carta com ansiedade, não tendo V. Exa. mais escrito desde o verão.

Não se podia tirar melhor partido do que V. Exa. tem tirado do ostracismo. Assim, sem os contra-tempos da política, talvez V. Exa. não tivesse nunca ensejo de conhecer a Europa. Se o Prestes tivesse sucedido normalmente ao Washington, V. Exa. estaria preso, por mais quatro anos, no Rio de Janeiro – e assim por diante. Eu mesmo não teria, provavelmente, vindo à China. Isso prova não haver duvida de que “*lès voies de Dieu sont impénétrables*”, como se diz em França. Sinto, apenas, que a China esteja tão longe, ou que V. Exa. não tivesse pensado no transiberiano, que o teria trazido aqui em duas semanas.

Tem V. Exa. razão quando diz que só se salva, da revolução no Brasil, a parte humorística. Só merecia ficar, realmente, a figura do *Coronel Rabelo* – tão depressa afastado do governo de São Paulo. Mas, é um espetáculo triste, este de, num país novo, fazer-se uma revolução e não surgir, em doze meses, um homem que se aproveite – nem uma idéia. É de perder-se a fé em nossa raça. Verifica-se hoje que, afinal de contas, os homens que governavam o Brasil, no passado regime, eram a sua elite. E são eles – isto é, V. Exa. e outros – que terão, amanhã, de correr em socorro do Brasil, para organizar o que os autores da revolução não souberam fazer. O Rio Grande, então, está julgado, depois de haver dado à República dois presidentes: o *Hermes* e o *Getúlio*!

As ultimas noticias do Brasil, trazida pelo *Afonso Lopes de Almeida*, que de lá saiu em II de novembro, são as mais pessimistas. Ele acredita

Ciro

refere-se a *Ciro de Freitas Vale*, diplomata.

Dantas

refere-se a *Luís Martins de Souza Dantas*, embaixador do Brasil na França (1922-1943).

Levy

trata-se de *Levi Fernandes Carneiro* Consultor Geral da República (1930-1932)

lès voies de Dieu sont impénétrables

os caminhos de Deus são impenetráveis.

Coronel Rabelo

refere-se a *Manuel Rabelo*, interventor em São Paulo (1931-1932).

Hermes

refere-se a *Hermes Rodrigues da Fonseca*, presidente da República entre os anos 1910-1914.

Afonso Lopes de Almeida

advogado, poeta, escritor e diplomata.

na possibilidade de uma outra revolução e de uma guerra civil, à menor veleidade do Getúlio resistir aos tenentes. Sendo assim, como será possível acreditar-se em próxima constituinte? O tal Maurício Cardoso – que devia ser chamado o “o gaúcho desconhecido” – vai perder, a meu ver, o seu latim.

No principio da revolução – e mesmo já aqui – eu, iludido, cheguei a pensar, algumas vezes, que teria sido melhor que V. Exa. se tivesse separado de Washington por ocasião da candidatura do Prestes e tivesse formado na “Aliança Liberal”. Parecia-me, nesses momentos, que o papel de um homem como V. Exa. devia ter sido ao lado dos que se propunham a remodelar o país – onde havia, com efeito, muito o que se reformar. Hoje, contudo, penso de modo radicalmente contrário. A revolução não passou, na realidade, de uma patacoada, a que foi muito bom, sob todos os pontos de vista, que V. Exa. não se houvesse associado.

O Berenguer aqui se acha desde novembro. Ficou morando conosco até encontrar casa. É possível que se mude no mês próximo. Tem-me feito, como é natural, excelente companhia e é freqüente recordarmos juntos os tempos do Gabinete. Somos hoje, dessa maneira, uma grande colônia brasileira na China, isto é, a maior que aqui já houve: 8 pessoas! Dela faz parte um tenente revolucionário (até na China!), Nelson Tabajara de Oliveira, Auxiliar de Consulado contratado, em Xangai, e admirador fervente de todos os Mangabeiras, segundo me disse, desde V. Exa. até ao Chiquito. Este, sobretudo, por ser marxista.

O Mario de Vasconcelos, ao chegar a Genova, escreveu-me uma longa carta, dando-me uma porção de explicações, que eu não lhe havia jamais pedido. “*Excusatio non petita est accusatio manifesta*”. Donde conclui que ele é que nos havia, de algum modo, denunciado à Comissão de Sindicância. E isso, naturalmente, para eximir-se de qualquer responsabilidade. É um canalha, forrado de imbecil.



O dr. Mario de Vasconcelos, diretor da Contabilidade do Ministério das Relações Exteriores. (*Revista Fon Fon*, p. 49)

Maurício Cardoso
refere-se a Joaquim Maurício Cardoso, min. da Justiça.

Aliança Liberal
trata-se da Coligação que apoiou Getúlio Vargas e João Pessoa, em oposição aos candidatos à presidência Júlio Prestes e Vital Soares.

Berenguer
refere-se a J. B. de Berenguer Cesar, diplomata.

Chiquito
refere-se a Francisco Mangabeira, filho de João Mangabeira.

Mario de Vasconcelos
ex-chefe da contabilidade do MRE.

Excusatio non petita est accusatio manifesta
desculpa não pedida é acusação manifesta.

Acioli
refere-se a Hildebrando
Pompeu Pinto Acioli,
Chefe de Gabinete
do ministro Afrânio de
Melo Franco.

P. Leão Veloso
Pedro Leão Veloso Neto,
diplomata, foi chefe de
gabinete de Octávio
Mangabeira no MRE.

Diz V. Exa. que a dignidade e o civismo lhe impõem a volta ao campo de atividade política. Creio bem. Mas, será preciso uma boa dose de abnegação de sua parte para, depois de tantas misérias, aceitar novamente um posto de Ministro. Eu não o poderia. Entretanto, não me posso queixar do Ministério. A começar pelo Acioli, todos tem sido gentis para comigo, com raras exceções – entre outras a do Acir Paes. Recebo em cada correio muitas cartas, sempre amabilíssimas.

Minha mulher envia-lhe atenciosos cumprimentos e à Dona Esther, a quem apresento respeitosa homenagem. Lembrança à Edyla e aceite, com os protestos do meu profundo respeito, um abraço do

De Vossa Excelência amigo grato e menor criado.

P. Leão Veloso



P. Leão Veloso

BAHIA, 30 DE JANEIRO DE 1932

Mangabeira

Confirmo a carta que seguiu pelo avião de sábado último, faz hoje oito dias.

Morreu ontem e enterra-se hoje o Góes Calmon. Está muito mal o Wenceslau Guimarães. O Silvano embora animado não tem melhoras. É coisa de mais ou menos tempo, porque o câncer se vai desenvolvendo. Há mais de oito dias não vou vê-lo, mas ontem tive notícias dele pelo Fernando Luz.

Ontem o J. Rabelo foi agredido por dois tenentes do exército, armados. Houve murros ou murro recebido pelo agredido. A imprensa veio forte contra os tenentes, inclusive o Altamirando.

Anda a cidade cheia de boatos de toda espécie. O General chegou ao Rio onde disse à imprensa que teremos a constituinte ainda este ano. Vai a S. Paulo onde o esperam com grandes festas. O homem de Alagoinhas esteve aqui a semana passada. Dei-lhe a ler sua carta de 26 de dezembro. Ele ficou de lhe escrever, pelo avião da próxima semana. A mim e ao seu representante, disse que achava que você deveria ficar mais perto possível, esperando a oportunidade; que você vir sem falar, sem agir, seria atitude contra o seu feitio; falar agora seria talvez inoportuno. Eu sinto que há, pelo Rio, alguma coisa no ar. A gente nas notícias que aqui chegam, que se processa algo de extraordinário. Ontem encontrei-me com o destemido. Falou na necessidade de sua presença, o que lhe tinha feito saber. Falei com o Pontes sobre a sua chegada. Está cheio de entusiasmo. Disse que tomará parte, acintosamente, com todos os elementos que dispõe. Manda dizer que você deve preparar uma conferência, para fazer aqui, no Instituto Histórico poucos dias depois de sua chegada. Perguntei-lhe o assunto e o fim. Disse que assunto não lhe faltava, por exemplo, limites do Brasil (!) Fim: fazer barulho em torno do seu nome para que a gente possa fazer manifestação (textual). Fica você ciente. O Sapucaia melhorou muito. Parece ficará bom. O nervoso disse lhe escreveria pelo avião de hoje. O Spínola manifestou estranheza por ter sido feita publicação dos seus agradecimentos, de primeira mão na Ajuda e que o feitor, conversando com ele, também estranhara, dizendo que

Góes Calmon
refere-se a Francisco
Marques de Góes
Calmon, ex-gov. da
Bahia (1924-1928).

**Wenceslau
Guimarães**
ex-pres. do sen. est. da
1ª República.

J. Rabelo
refere-se a José Rabelo,
redator do jornal
O Imparcial.

Altamirando
refere-se a Altamirando
Requião, político,
dir. e redator-chefe do
Diário de Notícias.

General
refere-se ao gal.
Góes Monteiro.
Em SP ele condenaria
aspirações separatistas.

**O homem
de Alagoinhas**
refere-se a Joaquim
Climério Dantas Bião.

Pontes
refere-se a Arnaldo Pi-
menta da Cunha, prefeito
de Salvador (1931-1932).

Spínola
refere-se a Carlos
Spínola, jornalista.
Trabalhou na
Agência Americana.

Herval Chaves
médico de Juracy
Magalhães.

padre Barbosa
refere-se a Manuel de
Aquino Barbosa, pároco
da Igreja de Nossa
Senhora da Conceição da
Praia, membro da ALB.

Fiel
refere-se a Fiel de Carva-
lho Fontes, dep. est. e fed.
por diversas legislaturas
na 1ª República..

era um jornal que muito o combatia; que ele mantinha boas relações com seus amigos e perguntou quem se incumbira de dar a publicidade. Que respondeu não ter sabido, senão depois de publicados, mas achava terem sido dados à publicidade por um seu cunhado. Eu disse ao Spínola que fora eu quem mandara publicar e que preferia Ajuda porque os outros jornais tinham partido e aquele não; que nem você nem seus amigos tiveram interferência nisso; que se fora erro ele o atribuisse à minha ignorância em política. E perguntei-lhe quais eram esses seus amigos a quem o feitor distinguia com as suas atenções. Citou o Herval Chaves. O Spínola é inimigo do agitado e do nervoso. Não gostou por isto. Mas eu estou certo de que andei bem fazendo o que fiz, aliás, tudo de acordo com o seu representante.

Sáiram todos os agradecimentos no mesmo dia, pela manhã, no *Imparcial* e à tarde, na "*Tarde*". Causaram admirável impressão. Estavam muito bons. Quanto ao do clero, entendi-me com o padre Barbosa, que achou conveniente publicar logo, ficando de falar com o atual vigário geral, Monsenhor Clodualdo e de escrever ao Monsenhor Pires, mandando o original e explicando porque dera para publicar. No mesmo dia em que acertei a publicação, véspera desta, telegrafei a João e a Fiel.

Edyla – Comecei a saborear ontem à noite os seus Diários e já estou desejoso do terceiro volume. Para Esther, abraços e saudades.

(Eivaldo Pinho)



Wenceslau Guimarães



Padre Barbosa

PARIS, 30 DE JANEIRO DE 1932

Simões:

Recebi sua última carta aérea, datada – que maldade! – de N. S. da Paz, dia de Reis... Encheu-me a boca de água.

Pretendia ir à Côte d’Azur. Mas o inverno em Paris está correndo tão bem que vou permanecendo. Hoje, por exemplo, está frio, três abaixo de zero, mas sem chuva, com um pouco de sol. Agradabilíssimo, portanto. Depois é época das conferências, e têm-nas havido muito interessantes. Já agora, ao que me parece, não arrancarei de Paris, se não para o regresso. Farei então o trajeto Côte d’Azur, Avignon, Espanha, Portugal, embarcando aí.

Quando? Não há de ser muito longe, mas também não será já e já. A não ser que pareça a vocês, amigos daí e do Rio, que deva ir com presteza. A mim, pelo que estou vendo, se afigura só há conveniência, para a nossa causa política, em que ainda demore um pouco, por muito que, sobretudo quando suspendo as viagens, me volte a nostalgia. Você, Lago e João irão fazendo o que for sendo preciso. Estou pronto, entretanto, a partir.

Posso bem imaginar o que lhe estará custando a permanência aí, no indefinido da situação em que por enquanto nos achamos, e através dos incidentes que vejo se desenrolam. Difícil, lhe há de estar sendo, manter-se um tanto em reserva, quando os seus precedentes e os da *A Tarde* obrigam a atitudes incisivas. Mas acredito que as coisas não demorarão a definir-se. Vá fazendo, pois, “o animador”, e não pouco terá feito.

Ou não estou vendo claro – não é fácil ver claro, de tão longe – ou, dentro em breve, temos novidades. Essa história de Rio Grande, Borges, Pila, Flores, Neves, Maurício Cardoso, tenentes, Getúlio, Clube 3 de Outubro, Constituinte, S. Paulo, etc, está para desandar em alguma zoadá, que não sei bem qual será, mas vem vindo por aí. Quem põe o ouvido no chão, como que já houve tropel... Getúlio, compreendendo o que o espera quando deixar o governo, a este se há de agarrar a pés e mãos, animando por todos os meios a corrente militar contrária a Constituinte. Ficará o R. Grande bigodeado, como até agora vai sendo? A não ser que se trate de comédia, o desenlace há de vir.

Lago

refere-se a Pedro Lago, eleito gov. da Bahia, não assumiu devido à Rev. de 1930.

Clube 3 de outubro trata-se da organização política idealizada por Góes Monteiro, fundada em fevereiro de 1931 com o objetivo de servir como grupo de pressão junto a Getúlio Vargas.

Viana do Castelo
refere-se a Augusto Viana
do Castelo, político
mineiro, foi min. Justiça
e Negócios Interiores no
governo Washington Luís
(1926-1930).

Renato Lago
foi auxiliar de gabinete
do min. Octávio
Mangabeira no MRE.

Estácio
refere-se a Estácio de Al-
buquerque Coimbra, gov.
de Pernambuco deposto
pela revolução de 1930.

Epifânio
refere-se a Epifânio Fer-
nandes de Souza, sócio
gerente da Tude Irmão
e Cia, na filial de Paris.

Não descreio da Bahia. Tenhamos, em todos os casos, a máxima to-
lerância, evitando separações que depois não se possam corrigir pela
coesão, na hora própria. *A bon entendeur...*

Viana do Castelo, regressa, pelo Cap Arcona, a 27 de Fevereiro. Vai,
no mesmo navio, o Renato Lago. Estácio foi há dias para Lisboa, de
onde embarca, em março, para o Rio. Washington vai fazer uma excu-
rsão de inverno pela Itália. Epifânio parte a 12.

Não passo, diariamente, pelo 118, Naussman, sem que me recorde
dos amigos, inclusive o homenzinho e a mocinha. Saudades nossas a to-
dos. Madeleine, Ópera, Saint Augustin, não se conformam com a falta.
Precisamos estar em contato. Escreva-me, pois, com freqüência.

Um grande abraço do

Octávio (Mangabeira)



BAHIA, 5 E 6 DE FEVEREIRO DE 1932

Mangabeira

Como mandei dizer na carta da semana passada o Rabelo foi agredido por dois representantes da força. Agressão com pouca violência. Os jornais, notadamente *A Tarde*, profligaram o atentado. Esta foi forte. O gorila foi ao Rio. Reuniram-se os tenentes e resolveram tirar um desforço do destemido. É um fato. Devido à oposição do feitor e do Pontes, eles acomodaram-se um pouco, mas o destemido foi aconselhado a retirar-se ou sair daqui durante algum tempo. Parece escolheu o primeiro alvitre. Estamos num regime idêntico àquele do Muniz. A diferença está em que naquele tempo o processo era acabar com os jornais. E hoje é quebrar a cara dos jornalistas. O fato é que *A Tarde* de ontem, em nota de destaque, declara que à vista das ameaças documentadas, deixa de fazer comentários sobre a administração do Estado, o que só voltará a fazer quando houver liberdade de pensamento.

O destemido mandou dizer ao Matoso e ao Rios que viessem cá, isto antes da agressão ao Rabelo, mas eles não parecem dispostos a isso.

O Pontes esteve lá em casa no domingo passado, demoradamente. Falou muito, contou muita coisa, mas do presente. Recusou-se a falar do futuro, quanto à política. Falou com entusiasmo de sua volta, do sucesso que isto será. Da atividade que desenvolverá. Disse da boa vontade do feitor, que só vê contra você do que para acusar, “o desbarato de dinheiros”, “a facilidade com que os distribuía”, citando (ele feitor) os nomes do Pedrinho e do filho do velhote. Esta-se a ver, claramente, resultado de conversas daqui da Bahia e, nelas, o Linha Circular e o moleque que se fez sócio do Arouca. Este safado, então, está na nossa lista negra. Eu mesmo tenho direito a dizer-lhe umas verdades, o que ainda não fiz por falta de oportunidade.

O Almir, o Baleeiro, não receberam seus cartões de agradecimento. Até agora. Não esqueça os outros que referi em minha penúltima carta, como também não esqueça de agradecer a moção, ou nome que o valha, dos “Universitários”, publicada aqui no dia do seu aniversário e que lhe foi remetida diretamente pelo Bahia.

Rabelo

refere-se ao jornalista José Rabelo, de *O Imparcial*.

gorila

refere-se a Antônio Moniz Sodré de Aragão, redator-chefe do jornal *Diário da Bahia*.

destemido

refere-se ao jornalista e político Ernesto Simões Filho.

Pontes

refere-se ao prefeito de Salvador Arnaldo Pimenta da Cunha.

regime idêntico àquele do Muniz

refere-se ao regime de governo do seabrista Antônio Ferrão Muniz de Aragão.

Matoso

refere-se a Miguel Calmon, ministro de estado dos presidentes Afonso Pena (1906), Nilo Peçanha e Artur Bernardes (1926-1930).

Rios

refere-se a Pedro Lago, governador eleito da Bahia, não empossado devido a Rev. de 1930.

Pedrinho

refere-se a Pedro Costa, advogado e político.

filho do velhote

refere-se ao filho de J. J. Seabra.

Almir

refere-se a Almir de Azevedo Gordilho, diretor da ACB.

Baleeiro

refere-se a Jaime Baleeiro, diretor da ACB.

Bahia
refere-se a Eutychio
Bahia, representante
político de Octávio Man-
gabeira durante o exílio.

Silvano
refere-se ao coronel Sil-
vano Ramos de Queiroz,
dep. est. (1925-1930).

Sapucaia
refere-se a Heitor
Sapucaia, farmacêutico.

Georgina
refere-se à esposa de
Euvaldo Pinho.

Henriqueta
esposa de Esthor
Sores de Pinho.

Mamãe
refere-se a Maria
Carolina, matriarca da
família Soares de Pinho.

Edgard
refere-se Edgard Pinho,
irmão de Esther e
Euvaldo Pinho.

Octavinho
refere-se ao filho
de Esther e Octávio
Mangabeira.

Eulina
refere-se a Eulina Soares
de Pinho, irmã de Euval-
do Pinho. Casou-se com
Artur Simas Magalhães.

Estivemos ontem, eu e o Bahia, com o Silvano. Aparentemente melhor, fala muito, às vezes esquecendo-se do assunto. Um perfeito esqueleto coberto de pele. Fala muito na sua volta, na sua recepção; no alistamento; no que vai fazer. Mas não fará nada. Nada poderá fazer. É pena.

O Sapucaia já está de pé. Vou deixar para concluir esta amanhã.

Dia 6 – Nada de novo. Estive com o Pontes. Perguntei se tinha alguma coisa a lhe dizer. Que lhe dissesse tudo ia bem. “Que quando você chegasse lançaria a rede e muito tubarão viria tenro como um verme-lho”. Muito entusiasmo pelos dominadores, que dizem estão com força. Apenas esclareceu ontem que também o feitor opinava por um castigo físico no destemido... Este vive sempre com amigos ao lado e, dizem, já teve de ser obrigado pelos amigos a dormir fora de casa.

Disse-me o Pontes lhe informaram que o Matoso se negara a dar assinatura para o manifesto que o destemido quer fazer publicar. Este não é suportado pelo Pontes e, diz este, muito menos pelo feitor.

Nada de mais a acrescentar que lhe possa interessar.

Esther, há muito não temos suas notícias. Georgina aborrecida porque segundo você mandou dizer não recebeu a carta que ela lhe escreveu sobre a morte de tia Bela. Do Rio as notícias são boas. D. Julita foi para fazer companhia a Henriqueta. Mamãe estava com Edgard semana passada, levada por este, que pretende ir à Caxambu depois do Carnaval. Do Otavinho as notícias vindas por intermédio de Eulina é que está bom e estudando muito. Deve você ficar muito contente com tais notícias. E é justo. Os parentes de cá sem novidade maior. Edyla, acabei de ler o segundo número do diário. Estou esperando o terceiro.

(Euvaldo Pinho)

PARIS, 6 DE FEVEREIRO DE 1932

Confidencial

Meu caro Pimenta

Antes de tudo, os meus votos por que seja crescente seu êxito na administração municipal, que tantos aplausos tem conquistado.

Estou a dar por encerrado o meu estágio na Europa que não pensei se prolongasse tanto. Não dou, aliás, por mal empregado o ano e tanto que aqui venho passando, ora em um, ora em outro país, a ver, a observar, a refletir. Sinto apenas que as finanças se tenham arrebentado de uma vez. Mas, ainda nisto, há o consolo de que até as da Inglaterra andam abaladas...

Vejo com certas apreensões as coisas da nossa Pátria. Tanta dispersão nos espíritos, dividindo e separando, no organismo combalido, as energias, já de si mesmas tão fracas, não sei até onde nos poderá conduzir.

Regressando ao Brasil, creio que estou no dever de desembarcar na Bahia. Não alimento ódios. Não cultivo ressentimentos. Sobretudo, não tenho pretensões, senão a de portar-me de maneira a poder andar de frente erguida entre os meus compatriotas. Envolvido nos fatos notórios estou chamado a dizer, na primeira oportunidade, em termos claros – não só por dignidade, senão também por civismo – o que se passou comigo, e como exerci, no país, um posto de governo. Se você tiver a dar-me alguma impressão que possa ser útil, peço-lhe m'a dê, na confiança da lealdade recíproca que saberemos guardar em todas as circunstâncias.

Recebi, em tempo, o folheto, com a sua dissertação na Escola Úrsula Catarino. Li o seu telegrama em resposta ao do dr. Acioli, e o mostrei aqui ao Hélio Lobo. Por tudo, muito obrigado.

Lembranças nossas aos seus. Um grande e sincero abraço do

Octávio Mangabeira

Pimenta

refere-se a Arnaldo Pimenta da Cunha, prefeito de Salvador (1931-1932).

Acioli

refere-se a Hildebrando Pompeu Pinto Acioli, foi Chefe de Gabinete do min. Relações Exteriores Afrânio de Melo Franco, demitindo-se após a derrota da Revolução Constitucionalista de 1932.

Hélio Lobo

diplomata, min. plenipotenciário do Brasil no Uruguai (1930-1931).

PEQUIM, 9 DE FEVEREIRO DE 1932

Meu caro Sr. Ministro

Passando os olhos, há dias, pelo “Estadista do Império”, deparei, à página 207 do Primeiro Tomo, como o trecho cuja copia remeto à V. Exa. Estou certo de que o documento figurará, com oportunidade, no *dossiê* que V. Ex. estiver construindo para a sua defesa, no futuro. Entregarei uma cópia ao Berenguer, para que ele a envie ao Dr. João Mangabeira. Um dos mais surpreendidos com o achado será o Maurício que, seguramente, não tem de cor a obra do pai e deve haver esquecido aquela passagem. Quanto a V. Exa., não podia estar em melhor companhia do que na de Paulino, Paraná e Nabuco, homens de Estado e do maior valor e de proverbial austeridade. Paulino – o Visconde do Uruguai – foi, como V. Exa., um Ministro que deixou a marca de sua passagem pelo Ministério dos Negócios Estrangeiros, organizando o corpo diplomático brasileiro.

Com a agravação da situação no Extremo Oriente – onde os Japoneses e os Chineses se batem, agora, na Manchúria e em Xangai – estamos quase sem comunicações com o mundo, a não ser telegráficas. Não sei mais, portanto, o que se passa no Brasil. As minhas ultimas noticias abrangiam o dez de dezembro, ou melhor, os primeiros dias daquele mês.

Os fatos de Xangai tem-me ocupado e preocupado. O perigo mais imediato por eles criado consiste em precipitar a China numa anarquia profunda. O Governo já não se pode, sequer, agüentar em Nanquim. Uma parte já foi transferida para o interior. É como se, no Brasil, uma agressão estrangeira forcesse o governo a refugiar-se em Goiás. Em Xangai, temos alguns brasileiros e, além disso, alguns uruguaios e argentinos invocam nossa proteção. Em Pequim, tem havido calma até agora, mas a situação pode, de uma hora para outra, perturbar-se também.

Minha mulher envia-lhe, atenciosamente, cumprimentos e à madame Mangabeira, a quem apresento respeitosas homenagens. Nossas lembranças à Edyla e aceite, com as seguranças do meu mais profundo respeito, um grande abraço do

De Vossa Excelência atento servidor e amigo

P. Leão Veloso

Estadista do Império
“Um Estadista do Império”,
obra escrita por Joaquim
Nabuco, lançada em
1897.

Berenguer
refere-se a J. B. de
Berenguer César,
funcionário do Itamaraty.

Maurício
refere-se a Maurício
Hilário Barreto Nabuco
de Araújo, diplomata,
filho de Joaquim Nabuco.

Paulino
refere-se a Paulino
José Soares de Souza,
Visconde do Uruguai,
ex-ministro.

Paraná
refere-se a Honório
Hermeto Carneiro Leão,
Marques do Paraná,
ex-ministro.

Nabuco
refere-se a Joaquim
Aurélio Barreto Nabuco
de Araújo, diplomata
e intelectual brasileiro,
líder do movimento
abolicionista, ex-ministro.

P. Leão Veloso
Pedro Leão Veloso Neto,
diplomata, foi chefe de
gabinete de Octávio
Mangabeira no MRE.

BAHIA, 13 DE FEVEREIRO DE 1932

Mangabeira

Recebi a carta de 30 de janeiro no dia 6 deste. Neste dia lhe escrevi. Como minha carta já estivesse no correio, pedi à Maria, sua irmã, que acusasse o recebimento. O Simões estava na Fazenda e por isso entreguei ao irmão dele, o Cícero, que naquele dia ia para lá, a carta daquele. “*A Tarde*”, creio que do dia 10, noticiou sua vinda no próximo mês de março. Isso logo depois de sua carta ao Simões.

O destemido anda murcho. Muito murcho. Depois da nota que me referi na minha última carta, está mudo e quedo como penêdo. Parece vai para o Rio em breve. As ameaças dos homens a isso o obrigaram.

As festas do Carnaval trouxeram sossego político. Aqui e no Rio. O feitor segue esta semana para lá. Outros feitores estão para lá de viagem. Parece que tudo devido à Constituinte. Vão se manifestar diretamente ao João Paulino. De fato, “quem puser o ouvido no chão ouvirá o tropel”.

O advogado, ontem, conversando comigo, opinou pela sua demora ainda. Que possivelmente em maio você aqui chegará como triunfador. Ele acreditava na nota da *A Tarde*, que dizia você estaria aqui para o mês. Ele, bem como os amigos seus e meus, com quem tenho falado a respeito, é de parecer que você deve vir diretamente para aqui. Até hoje, só o Bahia, por motivos que não explica, acha que você deve ir para o Rio. Esta semana dois dos nossos amigos do consultivo deverão falar ao feitor preparando ou ajudando a preparar o ambiente.

O José Pinho, que veio do Rio a semana atrasada, depois da morte do sogro, me disse ter ouvido do Afrânio que os seus processos estavam resolvidos pois, que foi apurado que o Itamaraty concorrera com as despesas de D. Leme quando este foi receber o chapéu cardinalício... Coisas do Afrânio?

O Silvano no mesmo. O Bahia manda lhe dizer que conseguiu colocar na Caixa mais um filho do Carlos Freire. Era promessa que a este tinha feito.

Entreguei as cartas para o Leitão e para o Rabelo. Este anda doente e doença que demanda cuidado que não tem.

Cícero
refere-se a
Cícero Simões.

**mudo e quedo
como penêdo**
trata-se da metáfora
de “Os Lusíadas” de
Camões, (V, 51-59)

José Pinho
José Wanderley de
Araújo Pinho, político
e historiador, filho do
ex-governador João
Ferreira de Araújo Pinho
(1908-1911).

Afrânio
refere-se a Afrânio de
Melo Franco, min. das
Relações Exterior.

D. Leme
refere-se a Dom Sebastião
Leme cardeal e arcebispo
do Rio de Janeiro.

Caixa
trata-se da Caixa
Econômica Federal.

**um filho do
Carlos Freire**
refere-se a Armando Es-
pinheira Freire de Carva-
lho, funcionário da Caixa
Econômica Federal.

Leitão
Carlos Arthur da
Silva Leitão,
advogado e político.

Carmen
Carmem Drummond
de Oliveira, esposa de
Edgard Pinho.

tia Honorina
Honorina Amália de
Pinho Cunha, mãe de
Arnaldo Pimenta da
Cunha, irmã de Quintino
Soares de Pinho, o pai de
Euvaldo Soares de Pinho.

Washington
Washington Luís Pereira
de Sousa, presidente de-
posto pela Rev. de 1930.

Epifânio
Epifânio Fernandes Tude
de Souza, gerente do
escritório de Paris da
firma Tude Irmão e Cia.

Una
S. A. Agrícola de Una,
empresa de capital belga.

Euvaldo Pinho
serventuário da Justiça
Federal, foi um dos mais
importantes correspon-
dentes de Octávio Man-
gabeira durante o seu
exílio. Superintendente
da S. A. Agrícola de Una
(1924-1945).

Suas irmãs, Vina e Maria resolveram não ir mais a Ilhéus.

Esther – Recebi sua carta do dia 30. Muito obrigado. Os nossos do Rio estão bons. Não há novidade nenhuma. Penso que Edgard e Carmem irão agora a Caxambú. Ele bem que precisa. Tio Emílio não tem novidade. Sempre foi doente e quer ser doente. Não se trata. Talvez por economia... Inspira mais cuidados a saúde de tia Honorina. Muito sofreu com a morte de tia Bela. Atanásia tem estado doente com o abscesso na garganta. Mas já melhorou. Como sabe ela está conosco. Aliás mora conosco. Trabalha num laboratório. Sai pela manhã, vem almoçar e volta à noitinha.

Edyla. Causou-nos, a mim e a Georgina, mais surpresa a sua carta, do que se aqui nos chegasse à notícia de que o Washington tivesse deixando as barbas aí em Paris. O que foi que lhe deu? Às vezes isso acontece. Não é comum. É raro. Mas acontece. A gente vai direitinho, normalmente, quando dá uma coisa e a gente faz o que não quer, o que não esperava... Isso acontece. Gostei dos seus diários, que vou devolver para o Rio. Espero agora o terceiro volume. Adeus, Deus lhe dê juízo e postura.

Mangabeira. Recebi, agora sua carta do dia 6 com a do Pontes. Entregarei esta hoje. Muito boa. Oportuna. Se pudesse mandaria depois amigos credores do que ele gere, pedirem pagamento. Seriam atendidos na certa... Recebi também de 6, carta do Epifânio. Os negócios da Una, no ar, mal parados, aí na Europa, enquanto aqui melhoraram muito ultimamente.

(Euvaldo Pinho)

BAHIA, 19 DE FEVEREIRO DE 1932

João

Desejo-lhe, bem como a D. Iaiá, a quem Georgina se recomenda, muitas felicidades.

Temos urgente interesse em saber em que pé se acham os processos contra Octávio. Em serviço telegráfico de há 15 dias, os jornais noticiaram que eles tinham sido remetidos ao Ministro do Interior para devidos fins. Queremos saber com urgência o que há. Que fim terão. Se há apurado alguma coisa que possa ser ainda objeto de futuras explorações?

De acordo com instruções recebidas, estamos preparando aqui o ambiente para ser recebido, como a Bahia quer e como ele merece.

Elementos incumbidos dessa preparação pediram-nos indagássemos o que acima lhe pergunto. Faça-me o favor de responder, por intermédio do portador, pelo primeiro avião.

Aqui muito se falou em sua vinda, tendo o Simões me dito que ela era breve. Depois cessaram de falar. E foi muito bom você não ter vindo. Cá não há mais dendê. É aí que se o cultiva. É aí mesmo que estão os ingredientes para preparar o angu que não é mais da Bahia.

Há pouco, dois comissionados agrediram o nosso Rabelo. Agora um ex-comissionado, em franca advocacia administrativa dentro do Tribunal de Contas, aí mesmo agride o seu presidente...

Minhas recomendações para D. Iaiá e para você um abraço do

(Euvaldo Pinho)

Iaiá

Constança Mangabeira,
esposa de João
Mangabeira.

o angu

sinônimo de pirão,
mistura, mexido de
farinha e água; metáfora
usada na 1ª República
para designar a confusa
política baiana.

Rabelo

José Rabelo, jornalista
do *O Imparcial*.

BAHIA, 20 DE FEVEREIRO DE 1932

Mangabeira

O tropel aumenta hora a hora...

A agitação é grande. Os democratas de S. Paulo fizeram aliança com perrepistas, tendo em vista libertarem aquela terra do domínio dos forasteiros, e trabalharem pela constitucionalização. O acordo mineiro é um fato. Os libertadores gaúchos protestam apoio aos democratas de S. Paulo. O general boliviano ou argentino declara que a situação por que atravessa S. Paulo decorre do erro do presidente em ter nomeado para interventor o J. Alberto; que (jornais de hoje – serviço telegráfico) se dentro de 24 horas o caso paulista não estiver resolvido, renunciará o generalato que lhe foi dado, e ao comando da polícia de S. Paulo... Que não sabe com que cara chegará a São Paulo (fala do Rio) para dizer, mais uma vez, àquela gente que o caso da interventoria será em breve resolvido. Que não quer chinês em S. Paulo... Por aí se vê como estão as coisas... Fossas biológicas... Das fezes, micróbios diversos, que destruirão. É afinal água, inofensiva, nada...

O feitor, esta manhã, foi para voltar logo, mas parece demorar, porque mandou chamar a mulher, que ficara, e avisou por lá estará ainda por uns doze ou quinze dias. O Flores que viera para voltar logo, está demorando, vai ficando.

O projeto eleitoral, depois de estudado pelo Presidente, voltou ao Secretário para retoques. Depois, dizem, será discutido pelo ministério, onde se espera seja impugnado pelos tenentistas.

O J. Alberto combate a inelegibilidade dos que exercem função de comando. Faz assim defender-se. O feitor, antes de ir, jantando em casa do mais rico, aliás o único rico, dos consultores, declarou estar satisfeito do que fez, de sua obra, sabe do reconhecimento dos elementos independentes desta terra, que já pode deixar, mesmo porque tem dois que não são de sua classe, não são forasteiros e absolutamente capazes de substituírem, o Pontes e o advogado. Àquele diz que é o candidato dele e do venturoso. A outros diz que além do Pontes tem também o advogado... Isto não é boato. É coisa certa, que não sei se digo ao Pontes. Não. Não digo. É melhor deixar tudo e todos nesse engano d'alma ledo e cego

democratas
membros do PRD.

perrepistas
membros do PRP.

O general boliviano
ou argentino
refere-se a Miguel Costa,
refugiou-se na Argentina
com o fim da Coluna
Prestes. Euvaldo Pinho
não tinha certeza se ele
se refugiara na Bolívia
ou na Argentina.

J. Alberto
ten. João Alberto, foi
interv. fed. em São Paulo
depois chefe de polícia
da capital federal (RJ)
em 1932.

feitor
refere-se ao interv.
Juracy Magalhães.

Flores
Flores da Cunha, inter.
do Rio Grande do Sul
(1930-1935), apoiou o
ao Mov. Const. de São
Paulo (1932) e em
seguida a repressão

Pontes
refere-se a Arnaldo
Pimenta da Cunha,
prefeito de Salvador
(1931-1932).

venturoso
refere-se ao major
Juarez Távora.

que a fortuna não deixará durar muito. Entreguei sua carta ao Pontes, no mesmo dia em que recebi. Deu-me logo a ler. Ficou contente. Disse-me que na primeira oportunidade boa em que estiver a sós e demoradamente com o feitor há de lhe dizer que é seu admirador, seu amigo e contra-parente. Que por tudo isso é solidário com você em tudo. Que se cogita de sua volta, de recebê-lo aqui condignamente. Que, pois, dada a possibilidade de alguma ofensa a você, de alguma desconsideração, ele, Pontes, deixará imediatamente o cargo que vem ocupando...

Esta semana, um ex-tenente comissionado desacatou, dentro do Tribunal de Contas, fisicamente, e ameaçou de maior desforço, o presidente daquela instituição, o *Martineli*. O ex-tenente, no regime em que se acabou a advocacia administrativa, em que não se admite ninguém procure papéis em repartição alguma, sem estar munido de procuração – fora pedir andamento para um processo de pagamento, em que ele não era parte, nem procurador e, não sendo de pronto atendido, desacata a mais alta figura da casa.

O *Rabelo* vai mal, principalmente nos negócios. Está doente, recomendado de fazer uma estação de águas, sem poder, e além disso, sofrendo duas penhoras. Procurou minha interferência e estou vendo o que posso fazer. Mas tudo é difícil para ele. Cercou-se de má fama e isto é o diabo. Ele quer ir para o Rio, no começo de março, e daí para Cambuquira. Está de fato doente. O *Silvano* piorou muito esses dias. Febre e disenteria. Acho que não durará muito. Outro aborrecimento que nos tem aparecido é com o *Dagoberto Menezes*. O tesoureiro dos telégrafos deu um desfalque de mais de 300 contos. Verificou-se que vinha de 1927. Agora, no inquérito administrativo, aparecem acusações àquele nosso amigo, não de conivência no desfalque; de falta de exação no cumprimento de deveres, porque não dava balanços, não fiscalizava o serviço da tesouraria. Ele, *Dagoberto*, antes de descoberto o desfalque, porque em consequência da unificação dos correios e telégrafos foi nomeado o *Pernet*, havia pedido aposentadoria, por não querer ir para Alagoas, para onde fora removido. Esta aposentadoria, se diz, está ameaçada. Estamos vendo o que se poderá fazer. O presidente do inquérito é o *Hermógenes*, que já passou por dores iguais. Acabou-se o papel. Acabo esta. Abraços para Esther e Edyla.

(Euvaldo Pinho)

Martineli

Ariston Henrique Martineli, ligado a J. J. Seabra, foi pres. do TCE (1932-1934).

Rabelo

José Rabelo, jornalista do *O Imparcial*.

Silvano

refere-se ao coronel Silvano Ramos de Queiroz, dep. est. (1925-1930).

Dagoberto Menezes

Chefe do Distrito Telegráfico.

Pernet

Francisco Pernet, diretor regional dos Correios e Telégrafos.

Hermógenes

Hermógenes Montenegro de Oliveira, advogado.

Simões
Ernesto Simões Filho,
jornalista e político.
Proprietário de *A Tarde*.

PARIS, HOTEL WINDSOR, RUE BEAUJOU
24 DE FEVEREIRO DE 1932

Simões,

Recebi sua carta. Foi sempre meu pensamento fazer uma estação em Portugal, no momento do regresso. Não voltaria, como não voltarei, ao Brasil, sem cumprir esta parte do programa. Ir, porém, aí, para voltar, não me pareceu conveniente. Ficar aí indefinidamente, não se seria acertado. Motivos outros, também, me têm retido aqui. Por outro lado, vive-se em Paris como se quer, sem obrigações de qualquer ordem, e em Paris, como de noite, “todos os gatos são pardos”. Aliás, acredito que a família não suportará aqui mais este inverno. Serei forçado a emigrar. Digo a “emigrar”, porque já me considero habitante da cidade.

Imagine que tive, duas vezes, viagem marcada. O destino, porém, conspirava contra o meu regresso ao Brasil. Faz amanhã precisamente dois anos que de lá parti! E o que se apresenta é o que vemos... Ânimo, felizmente, não me falta. Nem fôlego. Quantos nas minhas condições, já teriam caído dos quartos!

Será possível que nos resignemos a confiar no imprevisto, ou que nos disponhamos a assistir, sem remissão nem agravo, à eternização da ditadura, ou, ao que será talvez pior, à sua legislação por atas falsas? Sinto que há qualquer coisa a combinar entre os que, já agora em grande número, estamos no estrangeiro.

Como da Bahia e do Rio se me falasse muito em alistamento, desabafei em uma representação, ou que melhor nome tenha, de que junto lhe mando cópia.

Especialmente aos amigos, porém mesmo aos que eu não conheço entre os seus companheiros de viagem, transmita, da minha parte, as mais afetuosas expressões. É grande favor que lhe peço.

Tenho visto o Cerne e a senhora, que vão bem.

Mande-me sempre suas notícias, retribua as lembranças ao Vilaboim, e aceite abraços afetuosos.

do

Octávio

Vilaboim
Manoel Vilaboim, min.
do STJ em São Paulo.

RIO, 25 DE FEVEREIRO DE 1932

Euvaldo

Somente agora, descendo de Petrópolis, recebi sua carta.

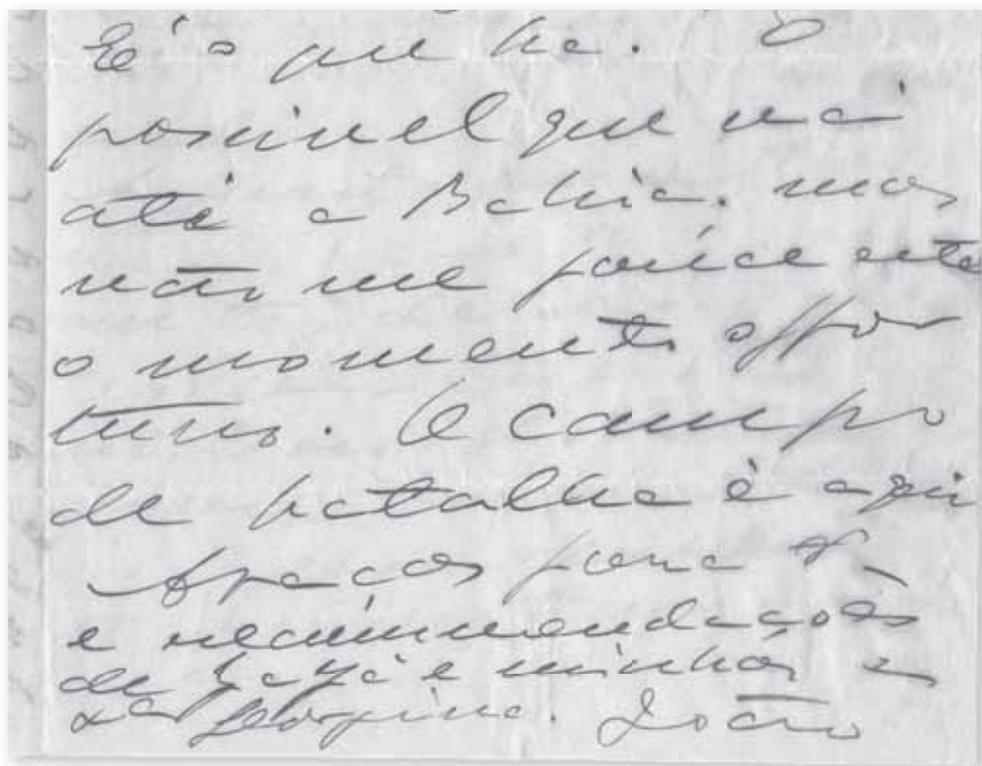
Creio que de referência “aos processos de Octávio” não haverá mais nada.

A Junta, como você viu, nada resolveu, ou antes decidiu devolver tudo ao Ministério do Exterior, para proceder como julgasse conveniente, salientando apenas que havia irregularidade, quanto ao código de contabilidade.

Quer isto dizer que todos os processos ficaram sepultadas nos arquivos do Itamaraty, uma vez que a Junta não os julgou. É o que há. É possível que vá até a Bahia; mas não me parece este o momento oportuno. O campo de batalha é aqui.

Abraços para você e recomendações de Iaiá e minhas a D. Georgina.

João (Mangabeira)



É o que há. É possível que vá até a Bahia; mas não me parece este o momento oportuno. O campo de batalha é aqui. Abraços para você e recomendações de Iaiá e minhas a D. Georgina. João

Iaiá

refere-se à Constança Mangabeira, esposa de João Mangabeira.

D. Georgina

esposa de Euvaldo Soares Pinho.

(SALVADOR), 27 DE FEVEREIRO DE 1932

Mangabeira

Calmon

Francisco Marques de Góes Calmon, ex-gov. da Bahia (1924-1928).

Pontes

refere-se a Arnaldo Pimenta da Cunha, prefeito de Salvador (1931-1932).

Diário Carioca

jornal dirigido por José Eduardo de Macedo Soares.

Marques

refere-se a João Marques dos Reis, presidente do Instituto dos Advogados.

Plínio Tude

comerciante, foi Presidente da Associação Comercial da Bahia (1926-1927)

Bião

refere-se a Joaquim Clímério Dantas Bião, chefe político em Alagoinhas.

Cantídio

refere-se a Cantídio Teixeira de Souza, vice-pres. da ANL.

Bento

refere-se a Bento Berílio de Oliveira, industrial e construtor de Ilhéus, genro de Edgard Soares de Pinho.

M. Monteiro

Mário Monteiro, redator-chefe do jornal *O Imparcial*.

Olimpio

refere-se a Carlos Olimpio, correligionário de Joaquim Clímério Dantas Bião.

Tenho aqui seu bilhete de 13 e a carta de 12, chegada ontem pelo portador. Estranhei você dizer não ter recebido carta pelo avião que aí devia ter feito distribuição de correspondência no dia 8. Escrevi. Foi a carta do dia 30, que falava da morte do Calmon. Foi a em que eu, falando do Pontes, lhe dizia que este lembrava uma conferência sua no I. Histórico, pouco depois de sua chegada, tema, o que você entendesse; fim, “a gente fazer manifestação”. Gostarei de saber se você recebeu essa minha carta. Aqui as coisas de mal a pior. O tropel aumenta. Foi empastelado no Rio, anteontem, o *Diário Carioca*. Feridos empregados do mesmo. Os empasteladores saltaram de automóveis e causando pânico com armas que deflagraram, entraram no edifício e tudo arrebentaram. O governo (!) mandou abrir rigoroso inquérito. Está, pois, salva a situação: e metem, com certeza, o exército na cadeia. Foi assinada, mas ainda não publicada, a lei eleitoral. O Simões embarcou ontem para o Rio. Foi inesperadamente. Disse que a chamado. Há porém quem diga que ele não voltará tão cedo. Foi só, isto nada quer dizer. Poderá a família ir depois. O jornal dele noticiou que ele voltará em breve. Tenho falado a amigos sobre sua vinda. Falado, salvo exceções, como o Pontes, como coisa minha, Marques, Plínio Tude, Bião (que havia se manifestado aqui, a mim e ao Bahia), Cantídio, Bahia, Waldemiro, Bento, M. Monteiro, acham que deve vir para aqui. Apenas dois acharam que você deveria ir para o Rio, o Olímpio e o Pontes. Aquele porque entende que no Rio você colherá elementos para aqui se nortear. Este, não apresentou uma razão plausível, clara. E acha que de lá, então, onde se deve demorar pouco, você deve vir para cá. Ontem à noite fui à Barra com o Bahia e, então, lá se resolveu lhe passar o telegrama com o “sim”. Não foi possível falar aos dois outros consultores. O mais velho está fora e só deve chegar amanhã. O outro também fora, deve chegar hoje. O Cantídio incumbiu-se falar ao Tapiranga, mas como até ontem não tivesse dado uma resposta, não era mais possível esperar.

Voltando aos assuntos de minha carta do dia 30 de janeiro, acrescento que nela eu informava que me havia me desobrigado das incumbências concernentes à publicação dos seus agradecimentos.

A Tarde publicou agora “Os últimos momentos de legalidade”, com uma nota dizendo que você lera esse seu depoimento aí para o Simões, dando-lhe uma cópia e, dada a oportunidade, resolveram publicar. Mas parece que o Spínola recebeu um jornal de S. Paulo com a publicação e a mandou para *A Tarde*. Serviram-se do momento. Saiu pessimamente impresso. Erros de toda a espécie. Não gostei da publicação. Era meu plano lhe sugerir a publicação do seu trabalho em livreto para ser o produto doado no Asilo de Mendicidade ou outra instituição pia, aqui de nossa terra. Não lhe falei isso porque talvez suas finanças exigissem outro fim. O Monteiro, que me tinha pedido para obter de você a preferência na publicação, mostrou-se magoado. Expliquei-lhe que fora o Spínola que mandara para o outro jornal como recorte da *Gazeta de S. Paulo*. Quando conversei com o Pontes a respeito do destino que você deve tomar, ele mostrou muito interesse em só dar uma resposta depois que o feitor volte. Disse que quer conversar demoradamente com ele, expondo os seus pontos de vista a seu respeito, as razões que tem para ser seu amigo e admirador, e por outro lado, a necessidade, para bem geral, de não lhe ser criada nenhuma dificuldade, pois que, queiram ou não queiram, estão reservadas as melhores posições no país. E disse ia dizer ao seu feitor que se aqui a você for feita alguma ofensa, se você aqui sofrer alguma humilhação, ele será inteiramente solidário com você, e deixará de dar sua colaboração. Mas frisou, são coisas que exigem condições especialíssimas, momentos muito oportunos, que ele procurará ter, quando o feitor voltar. Diz que por isto ainda não lhe escreve agora. Quer escrever depois dessa conversa, para não dizer senão coisas seguras.

De referência à carta que veio pelo portador, vejo tudo ali de fácil execução. Excetuo apenas a parte da presidência. O homem é terrível. É mesmo muito sabido. Haja vista, de referência à moção do clero. O plano traçado foi para que ele a redigisse, ou fosse o primeiro a assinar. Adotou tudo, mostrou-se interessado, interessou-se mesmo, mas com a mão de gato. Não apareceu. Tudo o mais é exequível. E desde agora lhe digo que, salvo modificação no cenário, suas preferências devem ser para o vapor do dia 30. Vou ver como falar ao Raimundinho. Se nós soubéssemos que ele era seu amigo, há muito tínhamos procurado uma aproximação. E ele vai ao Rio agora, mas parece não deve demorar. O Sá voltará de fora somente na próxima semana. Acho que o Marques vai ter com ele amanhã onde ele está. Falarei ao Marques hoje e, conforme

Spínola
refere-se a Carlos Spínola, jornalista e advogado.

Gazeta de S. Paulo
jornal *A Gazeta*, fez oposição a Rev. de 1930, apoiando posteriormente a Rev. constitucionalista de 1932.

Raimundinho
refere-se a Raimundo Brito, advogado, jornalista e político.

Sá
refere-se a Pedro Bacellar de Sá, comerciante e industrial. Foi diretor da firma Magalhães Comércio e Indústria S/A e consultor do Estado da Bahia (1932-1936).

as coisas, também irei. Você deve ter notado o meu interesse em pôr-me em contato com Sá, Marques & Cia. É porque o futuro presidente da casa onde está o meu escritório, é gente deles, tomará posse na próxima semana, devendo ser eleito hoje. Está aí a razão, além de outras, que não são, como esta, que é a principal. Hoje eu e o Bahia iremos conversar com o Tapiranga. Este poderá dizer-nos sobre o processo de ir ao candidato à presidência. Pode ser que eu me engane. Pode ser. Mas tenho a impressão de que você será recebido triunfalmente. Todos, a todo instante, indagam quando você chega, e para onde vai. Há de se fazer coisa boa. O Bahia tem estado de acordo comigo. E espero assim vá até a hora de sua chegada.

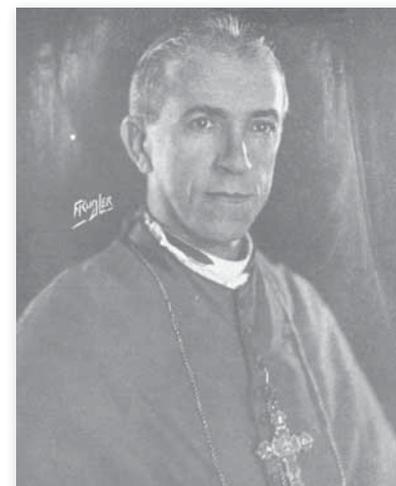
Até esta hora, o Almir Gordilho, o Baleeiro e os outros a que já me referi, não receberam, suas cartas. A não ser que tenham chegado pela mala de ontem. Não esqueça o agradecimento aos universitários. Eu lhe lembrei cartas para D. Augusto, Marques, Martagão, etc., W. Galo e o Luís Viana Filho.

Vou parar aqui. À tarde, pouco antes de fechar a mala, prosseguirei.

Estamos à tarde. Nenhuma notícia merecedora de destaque (refiro-me à política) senão que jornais do Rio, todos em sinal de protesto contra o empastelamento do *Diário Carioca*, deliberaram deixar de sair hoje. Notícia esta de agora, dada a mim pelo Almir Gordilho, que a ouviu de Aloysio de Carvalho Filho.



Miguel Calmon



Augusto da Silva



Aloysio de Carvalho Filho

Almir Gordilho
diretor da ACB.

Baleeiro
refere-se a Jaime
Baleeiro, diretor da ACB.

Martagão
refere-se a Joaquim
Martagão Gesteira,
médico, dir. do Dep. da
Criança do Estado da
Bahia (1935).

W. Galo
Wenceslau Galo, foi
advogado, redator do
jornal *A Tarde*, opositor
de Juracy Magalhães.

Aloysio de
Carvalho Filho
advogado, jornalista e
presidente da LASP.

Está eleito presidente da Associação Comercial o Otávio Machado.

Uma notícia que lhe vai compungir: faleceu o velho professor Allionni. Faleceu ontem e enterrou-se hoje, pela manhã. Eu não pude ir ao enterro. Os meus dias são muito cheios. Nos dias de mala aérea para a Europa, então, transbordam. Já vai esta bem longa. Ainda há papel. Tempo é o que falta, porque está na hora de fechar a mala.

O velho Ponciano chegou hoje. Amanhã irei ter com ele. O Silvano não tem pioras. Também não tem melhoras. O espírito se conserva forte. Agora estou preocupado com a eleição de Presidente da Colônia de Pescadores de Itapoan. Demos uns passos, eu e o Bahia, e esperamos, ele fique contente. A eleição será amanhã.

Esther, recebemos sua carta que veio pelo Epifânio. Você a prometeu longa e veio curta. De tudo fala, menos de sua saúde, do resultado do tratamento a que se submeteu. Isto muito nos interessa. Do Rio, notícias que não são más. Esthor tem andado doente dos intestinos, mas descobriram uns vermes que estavam causando-lhe muito mal, os quais, felizmente, são combatíveis sem dificuldades. Os médicos prometeram curá-lo dentro de 20 dias. Mamãe sem novidades.

Edyla, mais uma carta sua. Que escândalo! Você escrever-nos duas cartas dentro de um mês. É doença na certa. Procure tratar-se direito aí, na Europa.

(Euvaldo Pinho)

Otávio Machado
refere-se a Otávio Ariani Machado, foi pres. da ACB (1932-1940)

Allionni
refere-se a José Allionni, engenheiro e prof. da Escola Politécnica da Bahia.

Ponciano
refere-se ao desembargador Ponciano Ferreira de Oliveira, professor da Faculdade de Direito.

Silvano
refere-se ao coronel Silvano Ramos de Queiroz, dep. est. (1925-1930).

Esthor
Esthor Soares de Pinho, irmão de Euvaldo Soares de Pinho e Esther Mangabeira.

Cardoso

refere-se a Maurício Cardoso, líder da Rev. de 1930, ocupou a pasta da Justiça (1931-1932).

Collor

refere-se a Lindolfo Collor, líder da Rev. de 1930, foi min. do Trabalho, Indústria e Comércio (1930).

Luzardo

refere-se a Batista Luzardo, Rev. de 1930, foi chefe de Polícia no Distrito Federal.

Oswaldo

refere-se a Oswaldo Aranha, min. da Justiça e Negócios Interiores e da Fazenda (1931).

Bahia

refere-se a Eutychio Bahia, representante político de Octávio Mangabeira durante o exílio.

Tapiranga

refere-se ao mons. Elpidio Tapiranga. Eclesiástico e escritor.

Waldemiro

refere-se a Waldemiro de Oliveira, engenheiro civil e advogado.

o pai deste

refere-se ao des. Ponciano de Oliveira.

Marques

refere-se a João Marques dos Reis, foi presidente do IAB.

Plínio Tude

pres. da ACB (1926-1927).

Bião

refere-se a Joaquim Clímério Dantas Bião, chefe político em Alagoinhas.

Cantídio

refere-se a Cantídio Teixeira de Souza, vice-pres. da ANL.

BAHIA, 4 E 5 DE MARÇO DE 1932

Mangabeira

Antes de entrar nos assuntos da carta do 12 de fevereiro, comentemos a degradingolada última. Demitiram-se, partindo de avião para o Rio Grande, onde foram recebidos com grandes manifestações, o Cardoso, o Collor, e o Luzardo. Parece que o ministro no Brasil, e ao mesmo tempo embaixador na Argentina, os acompanhará. O Osvaldo ficou. Há uma grande agitação por todo país. Já não se ouve o tropel. Vêm-se as figuras agitadas. Haverá a luta entre civis e tenentes? Ou entre o sul e o norte? Tristes expectativas. Houve, há poucos dias, levante de um batalhão em Mato Grosso, verificando-se muitas mortes. Ficou apurado que o *Diário Carioca* foi empastelado por oficiais do Gabinete dos ministros do Exército e Marinha e do Interventor do Distrito Federal, chefiando inferiores do Exército. Para o trabalho foram ocupados 3 caminhões do Exército e usados fuzis e metralhadoras. O Governo prometeu providenciar, a fim de evitar o fato se reproduzisse e mandou abrir inquérito...

Mostrei sua carta apenas ao Bahia, suas irmãs, Tapiranga, Waldemiro e o pai deste. Tudo vai de vento em popa. O pai de Waldemiro esteve em nossa casa e conversamos demoradamente. Ele entende que você devia ir primeiro ao Rio. Lá é que terá elementos para saber como agir aqui. Lá é que se resolvem todos os problemas. Nos Estados se refletem todos os alvarás de lá. Sempre foi assim, desde a Monarquia. Quem não tinha influência na corte, mal recebido era nas províncias. Notei, mesmo de referência ao programa de chegada, que o velho está pessimista.

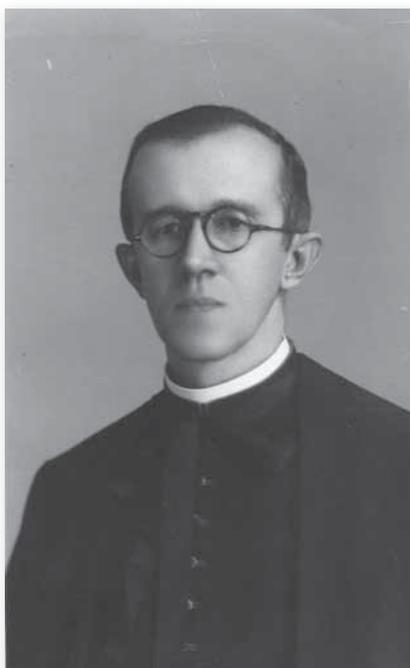
Sobre o capítulo primeiro. Não há dúvida que, se aí permanecer indefinidamente, será alvo de censuras; e que, se voltar, terá dificuldade em corresponder à expectativa. Mas é indispensável, que os homens de responsabilidade, quando não entram em luta, por falta de armas, ao menos com os seus conselhos, estejam no terreno em que ela se trava, a fim de conduzirem, ainda que dos bastidores, a opinião dos que esperam a oportunidade.

Sobre o segundo. Já lhe transmiti na carta última as opiniões colhidas. Marques, Plínio Tude, Bião, Cantídio, Bahia, Waldemiro,

Bento, M. Monteiro, acham que deve vir para aqui. A essa acrescento hoje a do Ápio Silva, com quem conversei demoradamente, no último domingo. Pensam de modo contrário o Pontes, o J. Olímpio e o Ponciano. Coincidência? São os que estão em contato com o Governo e junto a ele exercem funções. Também o consultor Sá e o Carlos Costa Pinto pensam como a maioria. É um problema difícil de resolver. Para os de cá, muito mais para você, tão longe do cenário. Mas tem você, no Rio, grandes amigos, de alta responsabilidade, e que privam na roda dos donos disto e as opiniões deles devem ser colhidas e apreciadas.

Quanto ao terceiro. Até ontem, as opiniões eram que você devia preferir o vapor de 30 de Abril. As notícias das demissões no Governo, foram dadas pelos vespertinos de hoje. Não é mais possível colher novas opiniões, nem eram necessárias, porque ninguém sabe como se vai constituir o governo agora. Mas, seja como for, não creio que na data acima não lhe seja possível ainda voltar. E, quem sabe? A mim, daqui, não será surpresa as notícias de que o chamam às pressas, insistentemente. Não há, pois, uma previsão possível. Mas, dadas às circunstâncias atuais, parece a oportunidade será o vapor de 30 de Abril.

Quarto. De fato. Se não ficar entre a espada e a parede, ficará entre a cruz e a calderinha. Pode ser que me engane, aliás, sou fácil de enganar. Sua recepção será um triunfo. Sente a gente, em tudo, em todos, o desejo de que você volte. A confiança em você, a necessidade de um responsável para conduzir a opinião. Que se enciumem. É natural. É mesmo desejável. Que lhe hostilizem, não creio. Eles precisam de quem os ajudem. Prestes a irem ao fundo, anseiam por qualquer coisa flutuante, quanto mais por um exímio nadador. E que assim não seja. Que lhe importam tais hostilidades? Todas as que fizeram serviram apenas para engrandecê-lo, diminuindo-os. Certo isso já sentiram. Você já não se pertence. Homem público, entregue há muito aos interesses da nação, deles há que



Monsenhor Ápio Silva

Bento

refere-se a Bento Berílio de Oliveira, industrial, sogro de Edgard Soares de Pinho.

Pontes

refere-se a Arnaldo Pimenta da Cunha, prefeito de Salvador (1931-1932).

J. Olímpio

José Olímpio da Silva, prof. da Faculdade de Medicina da Bahia.

Consultor Sá

refere-se a Pedro Bacellar de Sá, comerciante e industrial; consultor do Estado da Bahia (1932-1936).

Carlos Costa Pinto

comerciante e empresário, pres. das Casas Magalhães e Cia.

Carlos Olímpio
correligionário de
Joaquim Climério
Dantas Bião.

**Arquimedes
Gonçalves**
diretor da Escola
Politécnica da Bahia
(1922-1934).

Almir Gordilho
foi diretor da ACB
(1930-1932).

Café
refere-se a Quintor Café,
advogado, presidente da
União Caixeral.

D. Augusto
Dom Augusto Álvaro da
Silva, arcebispo da Bahia.

P. Ribeiro
Pedro Ribeiro de Araújo
Bittencourt, presidente
do Tribunal de Justiça da
Bahia (1920-1937).

Epifânio
refere-se a Epifânio
Fernandes de Souza,
sócio gerente da Tude
Irmão e Cia.

cuidar. Isso não quer dizer inoportunamente, inadvertidamente, o que seria prejudicar tais interesses. Agora resta saber, e isto é com você, se chegou a hora de se dar a tais cuidados.

Quinto. Conversei, como já disse, demoradamente, com o Consultor Sá, C. Costa Pinto, Marques, Ápio Silva, Carlos Olímpio, Arquimedes Gonçalves, Tapiranga, J. Olímpio, o pai de Waldemiro, Almir Gordilho, Waldemiro, sobre o programado, dando-o como nosso, menos a Tapiranga, Waldemiro e o pai. Tenho estado em contato diário com o Bahia. Este entendeu-se com a Diretoria dos Varejistas e com o Café, presidente dos Auxiliares do Comércio. Ia-me esquecendo dizer que também, demoradamente conversei, esta semana, com o Pontes. Salvo modificação, far-se-á o seguinte. Às vésperas do seu embarque, para aqui, se vier direto, ou se assim não for, quando você, do Rio o marcar, serão feitos convites pela imprensa, a todos os seus admiradores e amigos, sem partidarismo ou cor política, de todas as classes, a fim de comparecerem, em dia e hora determinados, à sede do Instituto Politécnico, a fim de deliberarem sobre o modo de recebê-lo. Ao par destes convites pela imprensa, outros, por cartões impressos, serão dirigidos a quem soubermos capazes de colaboração ou apoio. Na reunião, aclamar-se-á uma grande comissão, composta de representantes de todas as classes e instituições. Esta comissão, no mesmo dia, ou depois, aclamará o Presidente de honra. Este, será D. Augusto. Entenderam o Bahia e o Tapiranga que se não devia consultá-lo. Basta dar-lhe ciência, pois assim não há como fugir. Eu opinei que, para segurança, se devia consultar. Venceu a maioria. Far-se-á sem consulta se, daqui até lá, as circunstâncias forem outras, lembrei seja então presidente o chefe do serviço judiciário, P. Ribeiro. O mais será de ocasião. O Pontes, enquanto não conversar, demoradamente, com o feitor, (o que só poderá fazer quando este voltar, se voltar) não terá programa. Seu desejo é recebê-lo oficialmente. Porém, entre nós e o feitor, é preferível fique com este. O Ápio, depois de conhecido o programa, disse-me podia dizer aos seus amigos que contassem com todo seu apoio. E falando-lhe eu no auxílio valioso que o Clero nos podia dar, disse ele iria conversar com o Augusto. Hoje, estive com este. Casou-se o Epifânio, na capela privada do Arcebispado (por sinal que fui padrinho por parte dele) e depois indo cumprimentar o Augusto, este perguntou-me “como ia o nosso amigo e quando voltaria”. Respondi-lhe ia bem e

voltaria talvez em maio. Pediu-me, dizendo tinha nisto todo o interesse, que fosse pessoalmente avisá-lo, quando tudo estivesse assentado.

Parece já o Ápio tinha conversado. Quanto a oradores na recepção, não parecendo fácil o Augusto, tudo leva a crer seja, pelo Clero, o próprio Ápio. O outro, senão o Marques, talvez o Gesteira. Os detalhes, só oportunamente serão cuidados. Tenho grande confiança no êxito. O Consultor Sá mostra-se grandemente empenhado. Tenho nele muita confiança. Não pude ainda obter um meio de estar em contato com o R. Barbosa. Mas espero chegará à ocasião. O Destemido, como lhe mandei dizer na última carta, seguiu para o Rio. Disse a muitos que por 15 dias. Parece foi-se encontrar com o Miguel e acertar a publicação do manifesto que se disse ser elaborado pelo Vital o que consta você autorizou a João dar sua assinatura. Creio que a interferência do Destemido no programa aqui será contraproducente. Retrair-se-ão o Sá, o Marques, afora o M. Monteiro e o Requião. Melhor será que o serviço dele se limite a uma divulgação constante do que se for fazendo e de notas expressivas pelo seu jornal. O Bahia já obteve o apoio declarado dos Varejistas. Também obteve o mesmo apoio do Café. O Bahia perguntou-me se não ficaria bem o seu grupo político designar um orador para a recepção. Disse eu que não convinha e que, se queriam render-lhe uma homenagem expressiva e adequada ao momento, promovessem para depois da chegada, uma grande missa, na Igreja do Bonfim, em ação de graças pelo seu retorno à Pátria. Achou boa a idéia. Talvez isso se realize.

Sexto. Todos combinam com declarações afetuosas, ao chegar, e no discurso no mesmo sentido. Quanto à exposição do que se passou a seu respeito, daqui até lá, há tempo de sobra para se resolver. Politeama já não existe. A conferência, não proporcionaria ensejo a que os ciúmes e hostilidades, fossem provocar apartes ou interpelações? Não será preferível o Manifesto? Para o momento penso pela afirmativa. Chegada à ocasião, talvez a conferência se imponha.

Sétimo. Não temos, os que nos interessamos por você – inclusive os que, como eu, vivem eternamente dominados pelo pessimismo – não temos, repito, a menor dúvida em que o ambiente comporte o programa estabelecido. As bases deste programa estão lançadas. Cumprir-se-á? A situação do país é tão grave que não há previsão possível. Falei com o C. Olímpio sobre o êxito de os amigos de Alagoinhas virem, em trem es-

Gesteira

refere-se a Joaquim Mar-
tagão Gesteira, médico,
dir. do Dep. da Criança
do Estado da Bahia
(1935).

R. Barbosa

refere-se a Alfredo
Rui Barbosa, filho de
Rui Barbosa.

Miguel

refere-se a Miguel
Calmon Du Pin e
Almeida, ministro de
estado na 1ª República.

Vital

refere-se a Vital Soares,
gov. da Bahia (1928-
1930), vice presidente
eleito e não empossado.

Requião

refere-se a Altamirando
Requião, diretor proprie-
tário e redator-chefe do
jornal *Diário de Notícias*.

Politeama

após a destruição do
teatro São João (1923),
o teatro Politeama
tornara-se o principal
palco de lançamento de
candidaturas e comícios
políticos. No seu lugar
foi construído o Inst.
Feminino da Bahia.

C. Olímpio

refere-se a Carlos
Olímpio, correligionário
de Joaquim Climério
Dantas Bião.

Spínola
refere-se a Carlos Spínola, jornalista. Trabalhou na Agência Americana.

Assis Brasil
Joaquim Francisco de Assis Brasil, participou ativamente da Rev. de 1930, min. da Agricultura (1932).

Ariosto Pinto
revolucionário (1930), atuou ao lado de Osvaldo Aranha.

Aranha
refere-se a Osvaldo Aranha, ativo revolucionário.

Dantas
refere-se a Luís Martins de Souza Dantas embaixador do Brasil na França (1922-1943); emissário que levava e trazia correspondências.

Bernardes
refere-se a Artur Bernardes, ex-presidente do Brasil.

Leite de Castro
José Fernandes Leite de Castro, militar gaúcho, participou da Rev. de 1930; min. da Guerra (1930-1932).

panariço
ou panarício, infecção de origem bacteriana; tumor.

pecial, que tomaria outros amigos no percurso, trazer-lhe aqui, à hora da chegada, as suas manifestações. Não serão então, se isto possível, os amigos políticos, transforma-se-ão eles em admiradores de toda aquela zona. Sugeri-lhe, em carta anterior, você escrevesse umas palavras a Augusto. Depois do encontro de hoje volto a lembrá-las. O Bahia não escreve porque lhe falta tempo, que arranjará de qualquer modo se eu não estivesse, de acordo com ele, sempre em contato com você. Nossas opiniões não divergem. Porque o Bahia disto lhe incumbisse, o Spínola procurou o Altamirando para saber como este agiria por ocasião da chegada. Disse que as colunas do seu jornal estariam, como sempre, prontas para tudo que lhe dissesse respeito. Por aí você vê que os seus amigos não se descuidam das suas recomendações. Embora a afinação da imprensa não seja fácil, por falta de afinador, esperamos conseguir afiná-la. A essa altura indaguei para *O Imparcial* das últimas novidades e disseram-me (são 10 da noite) que o Assis Brasil também se demitiu e mais o Ariosto Pinto, Sérgio de Oliveira, um tal que é diretor da *Imprensa Oficial*, enfim, a gauchada toda, com exceção do Aranha, que não nasceu no Rio Grande; nasceu num quartel. Não é gaúcho. É tenente. Vou deixar a conclusão desta para amanhã. Certamente haverá muito a acrescentar.

3 da tarde do dia 5. Nada mais de novo quanto à política. Os vespertinos ainda não saíram. Telefonei neste instante, para *O Imparcial* e estava em comunicação. Não creio tenha havido nada merecedor de especial relevo, que aqui se saiba, porque há censura. Esta vai na correspondência dos nossos amigos. Vou recomendar ao Dantas que entregando-lhe esta incluía, no primeiro telegrama que para cá expedir, o meu nome. Será o sinal do recebimento. Na impossibilidade de falar para *O Imparcial* que está em demorada comunicação, falei com o Spínola que me disse ter o Bernardes e outros representantes de Minas, conferenciado até alta noite com o presidente. Que, depois dessa conferência, foi chamado o Leite de Castro, que esteve em palácio até a madrugada. E, finalmente, que tudo indica será organizado um governo em que predominam elementos de Minas. *O Imparcial* nada tem para informar, pois que estão com serviço telegráfico atrasado desde ontem. São horas de fechar a mala. Abraços para Esther e Edyla. Do Rio, as notícias são boas. Apenas Carmem esteve doente de um panariço, mas já está boa.

(Euvaldo Pinho)

RIO DE JANEIRO, 5 DE MARÇO DE 1932

Octávio

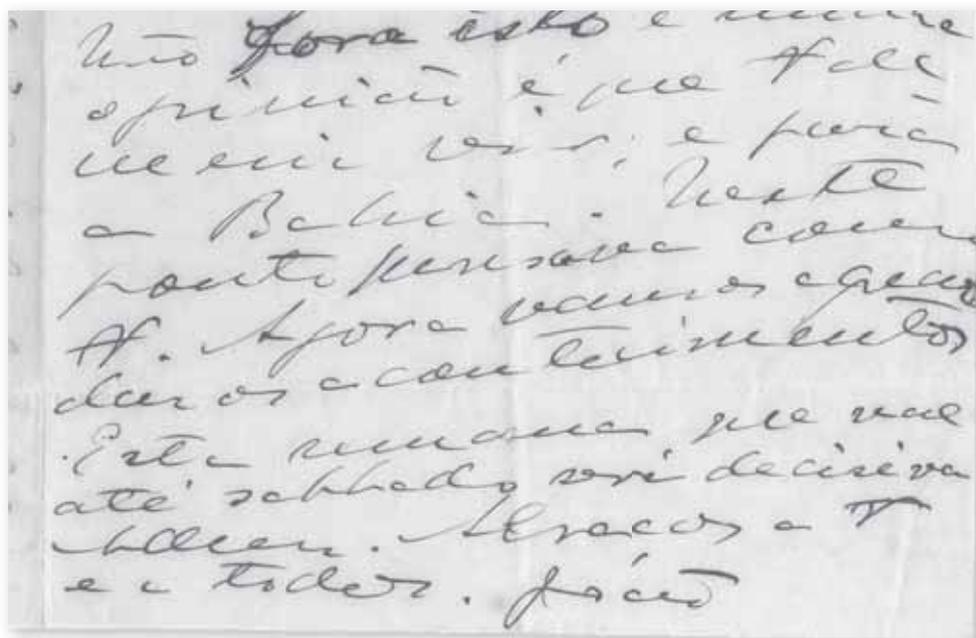
Recebi sua carta de 6 de Fevereiro, que me foi entregue por Edith. Também não lhe havia eu escrito, depois de 21 de dezembro, esperando lhe mandar notícias definitivas.

Deu-se ontem o rompimento entre o Rio Grande e o Getúlio. Como você verá pelos jornais, todos os ministros gaúchos, exceto Osvaldo, pediram demissão. No primeiro lance venceu o *Clube 3 de outubro*, cujo chefe é o Pedro Ernesto. Vamos ver agora como os acontecimentos se desenrolam. O fato, que determinou, aparentemente o rompimento, foi o empastelamento do *Diário Carioca*. Não sei o que haverá, de hoje por diante. E, antes dos horizontes se clarearem, não convêm você vir.

Espere, pois, nova carta minha no sábado vindouro. Não fora isto e minha opinião é que você deveria vir; e para a Bahia. Neste ponto pensava como você. Agora vamos aguardar os acontecimentos. Esta semana, que vai até sábado, será decisiva.

Adeus. Abraços a você e a todos.

João (Mangabeira)



Uma fora isto e minha
opinião é que você
deveria vir; e para
a Bahia. Neste
ponto pensava como
você. Agora vamos aguardar
os acontecimentos.
Esta semana, que vai
até sábado, será decisiva.
Adeus. Abraços a
você e a todos. João

Clube 3 de outubro
Organização
político-militar de
apoio aos tenentes.

Pedro Ernesto
Pedro Ernesto Batista, um
dos fundadores do Clube
3 de outubro, interv. no
Dist. fed. (1931).

PRAGA, 9 DE MARÇO DE 1932

Meu prezado amigo e eminente chefe, dr. Mangabeira:

Todo mês de fevereiro foi, para mim, um mês de doenças. Duas gripes, uma atrás da outra, não me deixaram os 29 dias do mês temível. Complicou-me, ainda mais, as gripes, um telegrama bomba, anunciando a supressão deste Consulado. A notícia veio, na lógica que hoje impera em nosso país, como um corolário de três ofícios, em que o Ministério aprovava e elogiava a ação do Consulado, na questão do argumento do imposto sobre o café, na questão entre importadores e o Instituto do Café, na questão da regulamentação das importações. O Consulado foi suprimido por inútil... Ficamos, neste país, sem representação consular e os importadores obrigados a despachar seus papeis em Hamburgo, apenas a 17 horas daqui. E é um Consulado que legaliza mais de 300 faturas por ano. A renda é pequena, porque o que faz, verdadeiramente, o rendimento dos Consulados são despachos de navios, e por aqui só há faturas e passaportes, isto é, bastante trabalho e pouco dinheiro.

O Consulado foi suprimido há um mês e meio; até hoje não recebi instruções de espécie alguma, nem sei para onde vou. Foi, para mim, um golpe tremendo, o 2º que sofro, em menos de 2 anos. Tinha-me instalado a custo e, de novo, eis-me repetindo os dias cruéis que vivi em Budapeste, com a supressão dos Adidos Comerciais.

Estou seguindo, com ansiedade, o desenrolar dos acontecimentos no Brasil. Nunca o meu Estado foi tão grande como no gesto, que se anuncia, de abrir luta contra a palhaçada da ditadura. Eu tive sempre confiança no Maurício Cardoso. Depois da carta que lhe envie, recebi informações, que confirmavam a convicção em que eu me achava, de que ele só aceitara a pasta para fazer a Constituinte. Corre, agora, que o Osvaldo Aranha deixou a pasta. Será verdade? Confirmado isso, a comedia terminará em seguida, com a retirada dos tenentes, seus chefes e aliados. A vitória do país será obtida sem luta. Que dias estamos vivendo: Que Deus salve o nosso país entregando-o à direção dos homens bons e justos que o engrandeciam.

Com as minhas homenagens à sua Exma. família, receba um forte abraço de muitas amizades e admiração do sempre dedicado e reconhecido amigo e servidor.

Décio Coimbra

Maurício Cardoso
Joaquim Maurício
Cardoso min. da Justiça
(1931-1932).

Osvaldo Aranha
revolucionário de 1930,
assumiu a pasta da Justiça
(1930-1931) e, depois,
a pasta da Fazenda
(1931-1934).

Décio Coimbra
adido comercial
em Budapeste, depois
em Praga.

BAHIA, 12 DE MARÇO DE 1932

Esther e Mangabeira,

Para ambos e para Edyla abraços e saudades. Espero o aviso do Dantas da entrega do relatório, que foi na mala aérea do dia 6 deste. Nada de importante ocorreu nestes últimos dias. Expectativas. Tudo baralhado. Para os gaúchos se definirem, de começo esperavam que chegassem a Porto Alegre o Borges de Medeiros. Depois, passaram a esperar pelo Maurício Cardoso, que foi de automóvel. E agora, passaram a esperar o Assis Brasil. Espera-se de hoje para sábado uma solução, mesmo porque, já a esse tempo, deve o Gegê ter respondido às interpelações, ou coisa que o valha, que lhe foram feitas. Mas tudo leva a crer numa acomodação. É preferível. Ficarão ambos de pé, mas amolecidos. A nota mais sensacional da semana foi o boletim do Comte da 1ª Região Militar, aconselhando paz, e pondo em relevo que o papel dos militares é defender a ordem, não se imiscuindo em política. Depois veio o programa de 8 de outubro, com forte cheiro de comunismo. E nisto estamos. Nesta baralhada vivemos. O Venturoso anda pelo norte, não só nas capitais, também pelos municípios, inspecionando... O feitor embarcará, dizem os jornais, para aqui amanhã. As notícias do Rio são escassas. Há censura.

Eu esperava hoje notícias de você, pela mala hoje aqui distribuída. Nada veio. Só se vier para a Barra, onde só chega a correspondência aos domingos.

Os nossos do Rio sem novidade maior. Esthor adoentando, foi passar uns dias no interior para descansar um pouco. Poucos dias. 15 ou 20. Mamãe boa. Todos, tanto lá como aqui ansiosos pela chegada de vocês.

O Silvano muito fraco. Lá estive no último domingo. Mostrou o tal bolo no estômago, o qual aumenta, o tal calo, como ele supõe. Ele diz que já começa a doer. O espírito sempre forte. Fala com entusiasmo em sua chegada. E no domingo me disse que esperava por-se de pé ainda este mês. É o que mais compunge.

O destemido no Rio. Constou que mandou ir a família. Os que vêm do Rio dão o ambiente de lá muito pesado. Boatos alarmantes, e de toda hora.

Como vêm há hoje pouco ou nenhum assunto. Por isto e porque são já quatro horas, vou encerrar esta.

(Euvaldo Pinho)

Dantas

refere-se a Luís Martins de Souza Dantas embaixador do Brasil na França (1922-1943).

Borges de Medeiros

Antônio Augusto Borges de Medeiros, um dos articuladores do Movimento Constitucionalista de São Paulo (1932).

Gegê

referência popular a Getúlio Vargas.

Comte da 1ª Região Militar

refere-se a João Gomes Ribeiro Filho, que teve participação tímida no Movimento Constitucionalista de São Paulo.

BAHIA, 19 DE MARÇO DE 1932

Esther

Recebemos ontem sua carta do dia 4 deste, vinda pelo Nilo Pedreira. Desejamos que já você esteja curada da gripe e, naturalmente, esperamos com ansiedade novas notícias.

Do Rio, não temos notícias frescas. O Bento seguiu ontem para lá, afim de encontrar-se com Edgard e Carmem, em Caxambu, para onde estes seguiram no dia 15 ou 16 deste. De Esthor, depois que seguiu para o interior, não tivemos mais notícias. Aliás, considero a falta de notícias um sinal de não existência de anormalidade.

Temos estranhado a falta de cartas de Mangabeira. A última foi a que Epifânio trouxe.

Mangabeira

As notícias que podia lhe dar você as tem diretamente do Rio e se referem à política do Rio Grande e de S. Paulo. Para aqui as notícias são poucas. De pouco se sabe. Mas são bastante para a gente sentir a gravidade da situação. Tudo tem concorrido para seu benefício. Que briguem eles entre si. Que se destruam. São os votos de todos. O páreo mais interessante agora é o do Góes Monteiro com o Miguel Costa.

O Dagoberto, por sugestão do seu representante, falou ao Raimundo. Disse ser seu amigo e admirador, e que não foi ainda ao desembarque de nenhum, mas irá ao seu; era seu amigo e sempre frequentou sua casa, deixando de assim fazer depois que você passou a Ministro. O Dagoberto disse que sabia você era amigo dele e que mesmo de uma feita se interessara para que fosse promovido. Ele disse saber disto. Eu é que com ele ainda não pude estar. Não houve oportunidade. Mas espero esta chegar.

Parece que sua reservada para o Pontes surtiu o desejado efeito. Ele a mostrou ao feitor. Disse-me que a mostrou, mas apenas na parte em que você se referia aos seus propósitos de harmonia e paz. Mas estou certo de que mostrou-a todinha. O destemido já aqui se encontra. Dis-

Nilo Pedreira

Nilo Machado Pedreira, comerciante de destaque e um dos portadores das cartas enviadas à Bahia por Octávio Mangabeira.

Bento

Bento Berílio de Oliveira, industrial e sogro de Edgard Soares de Pinho, irmão de Esther Mangabeira.

páreo do Góes Monteiro com o Miguel Costa

divergência entre os dois gerais motivada pela posse do novo interventor paulista Pedro Toledo.

Góes Monteiro

Pedro Aurélio de Góes Monteiro, comandante da 2ª Região Militar.

Miguel Costa

comandante da Força Pública paulista e Secretário de Segurança do Estado (1930-1932).

Dagoberto

Dagoberto de Menezes, chefe do Distrito Telegráfico.

Raimundo

gal. Raimundo Rodrigues Barbosa, comandante da 6ª RM, ocupou interinamente o governo da Bahia em 1931.



João Mangabeira



Miguel Calmon

se-me João dissera a ele que lhe escrevera, aconselhando prolongar por mais tempo sua permanência aí na Europa, e que ele desaconselhara, achando que você devia vir. Declarou que ficará aqui cerca de dois meses. O Miguel também chegou. Está calado. Nem mesmo notícia houve de sua chegada, capaz de despertar atenção. Tudo murcho.

Temos estranhado a falta de suas notícias. Há já quatro malas aéreas que não trazem notícias suas. A última carta recebida foi a que veio pelo Epifânio, aqui chegada no dia 26 deste. É possível que você tenha escrito para a Barra, onde só entregam a correspondência aos domingos.

Tem causado sucesso uma longa entrevista concedida pelo João ao *Correio da Manhã*, na qual há idéias socialistas.

O venturoso deve chegar aqui depois de amanhã. Vem pelo sertão. Está escolhendo campos para batalhas? O feitor estará aqui, segundo me disse o Pontes, no dia 23.

Abraços para Edyla.

(Euvaldo Pinho)

João

João Mangabeira, adv. e político, irmão de Octávio Mangabeira.

Miguel

Miguel Calmon Du Pin e Almeida, foi ministro de estado no gov. Afonso Pena (1906), Nilo Peçanha (1909) e Artur Bernardes.

Barra

bairro de Salvador onde moravam irmãs de O.M.

Correio da Manhã

jornal carioca, dirigido por Edmundo Bittencourt.

PEIPING, 20 DE MARÇO DE 1932

Senhor Ministro e querido amigo:

Muito grato pela sua ultima carta à qual peço-lhe mil desculpas de só hoje responder.

Alegrou-me muito saber que Vossa Excelência e os seus tem passado bem e aproveitado bastante a estada na Europa. De Dr. João não tenho tido notícias diretas, assim como os amigos da Bahia também não me responderam as cartas que lhes escrevi.

Pelas noticias que tenho recebido do Brasil, deduzo que já ali se está dando o devido valor aos “gênios” da revolução. Pobre “gênios” que depois de ano e meio da vitória da revolução apenas conseguirem produzir um projeto de lei eleitoral que nem sequer pode ser aproveitado por ter sido verificada a sua impraticabilidade! Também, o que se pode esperar de um governo que mantém como interventor em S. Paulo e promove a general um Manoel Rabelo?...

Senhor Ministro, não acha Vossa Excelência que é agora a ocasião de reaparecer Vossa Excelência e os seus amigos no cenário político, pugnado pela volta do Brasil ao regime constitucional? Penso que o seu prestigio ainda mais aumentaria com isso e não me surpreenderia nada se fosse Vossa Excelência escolhido para Presidente Constitucional da Nova República.

Que notícias tem Vossa Excelência da tal Junta de Correções? Já foi definitivamente liquidada?

Outra pergunta: o que aconteceu com o Geraldo Rocha? Soube que *A Noite* passou às mãos dos Guinle (os principais beneficiados com esta revolução..) e que o José Maria Belo é agora o seu redator chefe.

Nós aqui estamos, finalmente, instalados em Peiping. Graças à intervenção de Dr. João, o Afrânio resolveu remover-me, atendendo assim, o pedido que fiz oficialmente, em virtude de uma séria doença da Baby e meu filho Alfredo, os quais, segundo os médicos, não poderiam mais suportar o clima do Japão. Felizmente fui removido, pois, independente do fato de estar agora servindo com o Veloso (isso só bastaria para tornar agradável o posto) a vida aqui é muito mais alegre e fácil do que em Tóquio, apesar da situação que atravessamos atualmente.

Manoel Rabelo

interventor de S. Paulo;
foi substituído por
Pedro de Toledo.

Junta de Correções

ou Comissão de
Correção Administrativa,
órgão da Justiça Revolu-
cionária que substituiu
a Junta de Sanção.

Geraldo Rocha

Antonio Geraldo Rocha
Filho, jornalista e pro-
prietário do jornal
A Noite.

José Maria Belo

professor, advogado,
político e jornalista.
Sen. (1930) cassado após
a revolução. Tornou-se
famoso historiador.

Alfredo

Alfredo Henrique de
Berenguer Cesar, militar,
era filho do diplomata
Jacome Baggi de
Bereguer Cesar.

Veloso

refere-se a Pedro Leão
Veloso Neto, diplomata.

A guerra, ou antes, a expedição policial japonesa, não tem afetado muito a vida em Peiping. Não fosse uma certa intranqüilidade e o receio de que, de um momento para outro, estale aqui um movimento anti-estrangeiro, cujas conseqüências seriam terríveis para os que aqui estamos, e nada indicaria que estão se travando tremendas batalhas a pouca horas aqui! Os japoneses, aqui residentes, andam tranquilamente pelas ruas da cidade, como se nada houvesse entre os dois países! A mentalidade do oriental é tão diferente da nossa que nunca a podemos compreender!

Não sei que opinião terá formado Vossa Excelência a respeito do presente conflito, mas acho que o que dele devemos deduzir é a necessidade imperiosa de impedir, por qualquer meio, a continuação da imigração japonesa para o Brasil, para evitarmos serias complicações num futuro muito próximo.

Se as Potências deixarem, como estão deixando, o Japão agir livremente contra a China e não houver ali uma transformação radical no seu regime político, os dois países faltamente acabarão por entender-se e o resultado desse entendimento não é difícil de prever.

Só resta a eventualidade, muito provável, aliás, de movimento político no Japão, onde a mentalidade da nova geração tem evoluído enormemente, não aceitando mais submissamente como antes, a preponderância dos militares. Esta expedição contra a China criou ali uma crise econômica muito séria, pois além dos enormes gastos que acarretou, fechou ao seu comercio um dos maiores centros consumidores; o "boycot" comercial chinês contra o Japão tem sido cumprido à risca e os prejuízos deste último tem sido incalculáveis. Assim, esperamos que as condições internas do Japão, agravadas ainda com a propaganda russa, impeçam-no de levar a cabo seu programa expansionista.

Peço-lhe, Senhor Ministro, apresentar nossos cumprimentos muito amistosos a D. Esther e a Edyla, e aceitar um afetuoso abraço do amigo certo e muito grato.

J.B. de Berenguer Cesar

J.B. de
Berenguer César
funcionário do Itamaraty.

LISBOA, 24 DE MARÇO DE 1932

Meu caro dr. Mangabeira

Acuso a sua carta a 16 deste, com as notícias mais frescas até aquela data. Nada de novo, de positivo, sei depois delas, nem mesmo se o Assis se revolveu a deixar a Embaixada em Buenos-Aires e o cargo de Ministro Honorário da Agricultura, para voltar-se exclusivamente à direção da granja de Pedras-Altas, que acumula com aqueles dois cargos, estes exercidos nas folgas que lhe dá a granja. Acredito que só mesmo forçado, o Leão da Metro-Goldmeyer imitará o Pathé-Collor. Compreenda bem que as empresas sendo, rivais, os seus símbolos não podem ser solidários.

Tem razão o Collor em acusar o Leite de Castro. Eu também, sem outra informação, logo às primeiras notícias do empastelamento do *jornal do Macedinho*, dei-lhe a paternidade do feito. Por mais de uma vez, ele me sugeriu a medida, em relação aos jornais que atacavam o governo e a mim pessoalmente. Leite de Castro nasceu atrasado. Devia ter vindo ao mundo, se isso fosse inevitável, dois ou três séculos antes, para encontrar o ambiente apropriado à sua mentalidade medieval.

Do levante de Mato Grosso, só agora estou sabendo detalhes. As primeiras notícias aqui chegadas referiam-se apenas a bandos armados que haviam invadido o Paraguai pela fronteira de Mato Grosso. Como aquela região é fértil em lampiões de várias modalidades, não me acudiu pudessem os bandos ser de soldados brasileiros. A imprensa do Brasil não nos fala em oficiais, apenas informa que os revoltados eram sargentos e soldados transferidos de Pernambuco por suspeita de terem tomado parte na última demonstração de apreço ao tenente paisano Lins Cavalcante. Pode ser que isso seja verdade, mas, provavelmente, não é toda a verdade. E a se dar crédito aos jornais, o levante tem caráter político (toleremos o qualificativo), além de que é certo, certíssimo, iniciou grande descontentamento em várias guarnições, inclusive Mato Grosso e Rio Grande. O governo diz o contrário, mas só a sua afirmação basta para justificar as minhas suspeitas. Se a violência é o único remédio em voga hoje no Brasil (caso do *Diário Carioca*, *Globo*, *O País*), não é demais que os soldados, a exemplo do que praticam os chefes, e imbuindo-se, ou integrando-se também no espírito revolucionário, imitem a quem os dirige. Não lhe parece?

Assis
refere-se a Joaquim
Francisco de Assis Brasil,
foi min. da Agricultura
(1930-1932).

Leão da
Metro-Goldmeyer
referência jocosa a
Leite de Castro.

Pathé-Collor
referência jocosa a
Lindolfo Collor.

*jornal do
Macedinho*
refere-se ao *Diário
Carioca* de José Eduardo
Macedo Soares.

levante de
Mato Grosso
rebelião em apoio aos
constitucionalistas de
São Paulo.

lampiões
alusão ao chefe canga-
ceiro Virgulino Ferreira
"Lampião" e seu método
de atuação.

O País
jornal carioca fundado
em outubro de 1884 por
João José do Reis Júnior.
Teve sua redação fechada
de 1930-1933.

A *United Press* cansa os seus aparelhos anunciando que a atual crise política do Brasil se resolverá por um acordo com o Rio Grande. Não duvido, tanto mais sendo isso proclamado pela U. P., a cuja frente se encontram, no Brasil, o Dr. Coelho Lisboa, *né* Müller, e a senhora Müller, que nunca serviu a seu Coelho Lisboa, a nossa dedicada amiga de outro tempos. Verdade seja que ela fez como os gatos, criou amor à casa e lá se conserva a divertir os novos donos, esquecida provisoriamente dos antigos.

Seja como for, porém, mesmo que o falado empréstimo de 50.000 contos tenha alternado os ardores constitucionais da frente única gaúcha, a verdade é que se esboça uma mudança à situação. Até o nosso sempre sorridente ex-colega Getúlio já teve coragem para dizer-se tenente, muito embora lhe falte altura para ser soldado raso. Ao mesmo tempo, vejo alguns piolhos a se prepararem para divergir do governo. Não sei se já observou que os piolhos afastam-se à aproximação da morte. Leu a ordem do dia do General João Gomes, atual Comandante da Região Militar da Corte e antigo comandante da Vila Militar, ao nosso tempo, condenando a intromissão dos militares na política?

Não alcanço até onde possa ir a transformação que me parece próxima. Para melhor? Assim, porque para pior não pode ser, e, na pior das hipóteses, servirá para apressar a fase definitiva, pois, inutilizará logo a fornada última de estadistas ainda em preparo na incubadora do gabinete do Leite de Castro.

Nunca me esqueci da história do velho de Siracusa, ao tempo de Dionísio. Por isso, não me admiram as impressões, todas acordes, de amigos ao Brasil, quando me dizem ser o saudosismo a moléstia da moda, com forma epidêmica, que ninguém mais procura ocultar, antes a todos agrada mostrarem-se atacados dela.

Terei muito prazer em vê-lo aqui, quando se resolver a passar algum tempo nesta boa terra lusitana, onde os seus admiradores são sem número. Aqui o estimam bastante, e eu receio que o queiram fazer português efetivo, que honorário já o é, por justo título.

O presidente Júlio Prestes e o dr. Konder vão se dando bem e estão satisfeitos. O coronel Fernando Prestes deve chegar hoje, à noite, no Cap. Arcona.

Peço-lhe a continuação das suas notícias e que apresente os meus respeitos à sua Senhora. Abraço afetuoso do

Nestor Sezefredo dos Passos

Dr. Coelho Lisboa
João Coelho Lisboa, foi deputado e senador pela Paraíba na 1ª República.

Müller
refere-se a Jaimes Irvim Müller, vice-presidente e gerente geral da United Press.

senhora Müller
refere-se a Rosalina Coelho Lisboa Larragoiti, jornalista e escritora feminista.

João Gomes
João Gomes Ribeiro Filho, comandante da 1ª Região Militar.

Júlio Prestes
presidente não empossado devido a Rev. de 1930.

Konder
refere-se a Vitor Konder, Ministério da Viação e Obras Públicas no governo Washington Luis (1926-1930).

coronel Fernando Prestes
refere-se a Fernando Prestes de Albuquerque foi gov. do Estado de São Paulo (1898-1900).

Nestor Sezefredo dos Passos
General de Divisão min. da Guerra de Washington Luis.

BAHIA, 26 DE MARÇO DE 1932

Esther e Mangabeira,

Nossos votos para que Esther já esteja mais uma vez restabelecida. Desejava muito ter recebido hoje, pelo avião, uma carta de Mangabeira, dando notícias da saúde de Esther. Mas procuro tranqüilizar-me, que a falta dessa desejada carta seja sinal de que ela já está completamente recuperada. As notícias do Rio, dos nossos, são boas, como já mandei dizer na última carta. Esther viajou, mas não para uma cidade do interior. Foi para Cambuquira com Henriqueta. Não me mandaram dizer, mas eu acho que os meninos ficaram no Rio, com D. Julita. Edgard está em Caxambu.

Da política poucas novidades. Está aqui o major Távora. O Juracy, ainda no Rio. Já pela terceira vez adiou a volta. O Pontes, falando ao Távora sobre você, dele ouviu que nenhum ato desonesto foi apurado. Criticou apenas os gastos exagerados feitos no Itamaraty. Está conferindo. Falou-se muito, não só aqui, como no Rio, que na reorganização do ministério caberá uma pasta à Bahia, indo ocupá-la o Arnaldo. Este já disse que não aceita. Aliás disse-me. Hoje, porém, telegramas do Rio dizem que, lá se fala também no nome de Vilobaldo Campos... Ainda de referência ao Arnaldo, diz-se que o J. Américo irá para a pasta da Justiça e aquele, para a Viação. O que é certo é que o Arnaldo é muito considerado. Quando aqui passou a mulher do Távora foi ao Arnaldo que ele recomendou a recebesse. Ontem houve um jantar oferecido pelo Pontes, na Mangueira...

Ainda não pude ir ao Silvano levar sua última carta, a que veio pelo último avião, datada de 12 deste mês. Chegou atrasada e, por isto, quando escrevi no dia 29, falava em falta de notícias. O avião atrasou-se e a correspondência só foi distribuída na segunda-feira.

Notícias de anteontem dizem que o Borges de Medeiros faz questão fechada de ver satisfeito o heptálogo, mas de modo positivo, inclusive designação para abertura do alistamento. Disseram também os jornais que o Aranha declarou, no caso de não entendimento, ele ficará com o Rio Grande e passou um telegrama a seus chefes, comprometendo-se a ir breve a Porto Alegre receber ordens.

major Távora

Juarez Távora foi min. da Agricultura (1932-1934).

Pontes

Arnaldo Pimenta da Cunha, prefeito de Salvador (1931-1932).

Vilobaldo Campos

Vilobaldo Machado de Sousa Campos, sec. da Fazenda, na inter. Leopoldo Amaral, depois dir. do Banco do Brasil (1931-1948).

J. Américo

José Américo de Almeida, revolucionário 1930, foi min. de Viação e Obras Públicas (1930-1934).

a mulher do Távora

Nair Távora, prima e esposa do major Juarez Távora.

Mangueira

rua na qual se localizava a casa de Arnaldo Pimenta da Cunha.

Silvano

refere-se ao coronel Silvano Ramos de Queiroz, dep. est. (1925-1930).

heptálogo

Documento elaborado pela Frente Única Gaúcha.

Vou encerrar esta. Além de pouco haver a dizer, está na hora de fechar a mala.

Não esqueçam que muito interesse temos por notícias de Esther. Abraços para Edyla.

(trecho manuscrito)

Agora. 4 ¼ (a mala fecha às 4 1/2) de cuja me telefonaram avisando, a chegada de carta de Mangabeira do dia 19 deste na qual, que mandei abrir, se diz que Esther já saiu da casa de saúde. Felizmente.

(Eivaldo Pinho)



Vilobaldo Machado de
Souza Campos

RIO, 26 DE MARÇO DE 1932

Mangabeira,

Abraço-te e apresento meus respeitos à D. Esther e à Edyla, com votos de felicidade para todos. Chegamos, depois da feliz viagem, a 7 do corrente, e embarquei a 8 para a mina, de onde regressei a 19. Carmem escreveu logo à D. Esther e deu notícias da nossa chegada e do bom acolhimento que tivemos, não obstante os boatos terroristas, espalhados de propósito, de que a polícia impediria o meu desembarque, de que havia conflito preparado, vaia, etc.

Nada, porém, aconteceu, nem, ao menos, apareceram caras suspeitas. O cais cheio de gente boa e famílias e quase todos os amigos. Recebi, depois, visitas, telefonemas e telegramas dos que tinham deixado de comparecer, por qualquer motivo. Não pode ser maior a desmoralização da gente que tomou o governo. Já deve ter recebido notícias da crise que determinou a saída dos ministros e do Chefe de Polícia, bem como da mediação de Minas junto do Rio Grande do Sul, a fim de evitar o rompimento hostil deste com o Getúlio. De certo receberás, juntamente com esta, os retalhos das entrevistas do Borges e do Luzardo. O Flores aqui está em negociações, vai fazer uma semana, sem chegar a resultado algum, tal a firmeza da gente do R. G. do Sul, irritada com os telegramas insolentes que os interventores passaram ao Borges, protestando solidariedade ao Getúlio. Muitos acreditam em nova revolução e mesmo em guerra civil. Sei que a gente de Minas quer evitar esses dois desastres, mas confesso-te que não sei bem como conseguirão, depois de tudo que tem sucedido e, principalmente, diante da falta de tino, de tato e da estouvada inexperiência dos tenentes e dos homens do governo. Mas podes vir sem susto, e não deve atrasar a tua viagem de um só dia. Tudo o que nos confiastes foi já entregue.

O calor já é suportável e o verão ardente já findou. Estou aqui a cuidar de recursos para a mina e logo que os obtenha para ela voltarei, permanecendo lá até fins de Junho, por causa dos serviços. Irei para a frente com ou sem apoio financeiro e não me esqueci de que me falaste na possibilidade de interessares amigos teus nesse negócio, que é grande e tem margem para caber mais gente.

Um abraço do

Viana do Castelo

Borges de Medeiros
Antônio Augusto Borges de Medeiros, Rev. em 1930, participou do Mov. Const. de SP (1932).

Luzardo
refere-se a Batista Luzardo, Rev. de 1930, foi chefe de Polícia no Distrito Federal.

Flores
refere-se a José Antônio Flores da Cunha, inter. do Rio Grande do Sul (1930-1935), apoiou a repressão ao Mov. Const. de São Paulo (1932).

Viana do Castelo
Augusto Viana do Castelo ex-min. da Justiça e Negócios Interiores (1926-1930).

BAHIA, 2 DE ABRIL DE 1932

Mangabeira, Esther e Edyla,

Para todos, nossos abraços e saudades. Muito desejamos que Esther esteja completamente curada e desembaraçada de cuidados médicos. Aqui, de referência à política, o que há de novo é ter o Rio Grande mantido o heptálogo, mas sem romper com o chefe do Governo Provisório, nem se ter demitido o interventor Flores da Cunha. Segredos da escritura... O Juracy chegará hoje aqui de volta do Rio, onde obteve grandes serviços para a Bahia, dentre os quais são dignos de menção dois ternos de galinhas de raça de alta postura e um terno de gansos de Pequim! E os jornais puseram em grande relevo tais serviços.

O Pontes telegrafou-me hoje pela manhã para dizer que falou com o tenente Monteiro (oficial do gabinete de Juracy e pessoa da confiança de Távora, o qual estava incumbido de chefiar o movimento revolucionário, aqui, em 3 de outubro de 1930) a respeito de sua chegada e acrescentou que ele achou justo o que se vai fazer ou vê com bons olhos as manifestações.

Como talvez saiba, o Pontes conseguiu fazer acordo com os credores franceses, dos empréstimos de 1916 e 1918, empréstimos esses no valor de 8 ½ milhões de francos, reduzindo essa dívida para 800.000 francos, pagáveis em 50 anos. A operação foi feita, faltando somente a assinatura de um contrato ou coisa que valha, aí em Paris. Quando das conversas em torno do assunto, há três ou quatro meses, ele me disse ter vontade de lhe dar procuração, para que você aí representasse o município, assinando os títulos da dívida, nos quais se deve fazer menção da modificação operada. Eu observei que achava então delicada a situação para que você de tal se incumbisse. Fizeram seguir, então, procuração para o cônsul; este, parece, não tem dado à incumbência a satisfação desejada. Por isto cogitaram de substituí-lo. Há três dias o Pontes perguntou-me se eu poderia ir ter com ele no gabinete. Fui. Lá estava com ele o Oscar Viana, representante dos franceses, por procuração do Frederico Moraes. Na vista do Oscar, ele me perguntou se achava você podia receber procuração para tomar incumbência do negócio. Disse ser conveniente passar um telegrama, consultando. Isto ficou assentado pedindo-me que voltasse no dia seguinte, para ser feita a redação do telegrama, porque

Flores da Cunha

refere-se ao então interventor do RS, intermediou as negociações da FUG com o Governo Provisório, no intuito de não perder o apoio dos gaúchos.

Pontes

refere-se a Arnaldo Pimenta da Cunha, prefeito de Salvador (1931-1932).

Oscar Viana

advogado, foi procurador geral da República na Bahia.

Interventor interino
refere-se a Manoel Matos
Correia de Menezes,
sec. da Fazenda e Tesouro
e do Interior e Justiça,
Instrução, Saúde e Assis-
tência Pública na interv.
de Juracy Magalhães
(1931-1934).

homem
refere-se ao interv.
Juracy Magalhães.

Bahia
Eutychio Bahia, repre-
sentante político de
Octávio Mangabeira na
Bahia durante o exílio.

ex-Linha Circular
refere-se a Cia Linha
Circular e Energia
Elétrica da Bahia.

irmão do Simões
refere-se a
Cícero Simões.

**o filho do
Adriano Gordilho**
refere-se a Mário de
Lacerda Gordilho, eng.
civil, também exerceu
cargo no Dep. Nac. de
Estrada de Ferro (RJ).

Edith
Edith Soares de Pinho,
irmã de Esther e Euvaldo.

ele achava conveniente de bom avi-
so falar com o Interventor interino.
Voltei no dia imediato e ele disse
que ia pensar mais sobre o assun-
to e que eu fosse no dia seguinte.
Naturalmente não o procurei mais.
Hoje, quando ele me falou pela ma-
nhã, perguntei se lhe tinha telegra-
fado. Respondeu que não. Ia falar ao
homem que chega hoje. Eu lhe dis-
se que ia escrever a respeito, o que
faço. À pessoa que houver de repre-
sentar o município, os franceses estão, pelo contrato, obrigados a pagar
50.000 francos, além das despesas de viagem, aliás, além das passagens.
É dinheiro que não sai dos cofres do município. Está ao par do que há.
Se receber o telegrama, já sabe do que se trata.

O Bahia manda lhe dizer que foi anteontem dispensado de médico
da ex-Linha Circular. Cinco ou seis anos de serviço. O pretexto foi
economia. Com ele foi também dispensado o Virgílio de Carvalho. Fi-
caram o irmão do Simões e o filho do Adriano Gordilho. É uma grande
diferença nas rendas do Eutychio.

O Silvano cada vez mais fraco.

Esther,

Morreu o compadre Damasceno, de Alagoinhas. Dizem que deixou
cerca de 500 contos. A Maninha se casou há pouco e segundo me dizem
com um rapaz moço e quase branco.

Os nossos, do Rio, sem novidade maior. Hoje mesmo recebi carta de
Edith. Edgard em Caxambu, Esthor em Cambuquira, vocês em Paris...
Parece um sonho tudo isto. Ou não parece?

(Euvaldo Pinho)



Correia de Menezes

BAHIA, 9 DE ABRIL DE 1932

Esther e Mangabeira

Para vocês e Edyla abraços e saudades. Felizmente a carta de Mangabeira, a última, do dia 26 de março, diz que Esther já tinha voltado da casa de saúde, onde esteve durante 11 dias. Estávamos, todos, preocupados com essa moléstia. O Augusto, perguntado pelo Ápio, declarou que irá pessoalmente à recepção. O Raimundo, como já mandei dizer, disse a mesma coisa. O Pontes também irá, de qualquer modo; assim diz. Só falta o feitor, que não me admira também vá... Mas não é possível nem desejável. Há cinco dias cerca, o advogado procurou-me para dizer que o Alexandrino Luz lhe dissera ter ouvido o Destemido declarar, naquele mesmo dia, que a frente única era um fato; que ele tinha poderes seu e do Matoso, para iniciar os trabalhos; que de referência à solidariedade do velhote, nada podia dizer; mas que teria também a do gorila. O advogado, dizendo-me isto, acrescentou que isso divulgado seria contra produtor, prejudicial ao trabalho que todos estavam fazendo, principalmente o Pontes, disse ele. Declarei que não acreditava o Destemido houvesse feito tal declaração, porque não tendo você mandado dizer nada a seus amigos, nada teria dito a ele, Destemido. Acrescentou o advogado que, naqueles dias, o Destemido demonstrava muita atividade, principalmente na zona do comércio, e como ele tinha pedido uma conferência à Casa Magalhães, iria saber se ali repetira o que dissera ao Alexandrino Luz. No dia seguinte, informou-se que, na conferência da Casa Magalhães, não tratara de política, mas que ele estivera com o feitor a quem falara sobre aquela declaração do Destemido e acrescentara poder afirmar que, ao menos de referência a você, tal declaração não era verdadeira, pois estava seguramente informado dos seus propósitos de não servir de bandeira de agitações, de aqui chegar sem propósitos hostis; que nessa ocasião o feitor replicara também não acreditar; quanto ao Matoso, porque com este estivera demoradamente no Rio, e quanto a você porque “um homem de valor, necessário a qualquer partido, com inestimáveis serviços prestados ao país” não iria numa situação como a atual assumir tal atitude. Conversei com o Bahia a respeito. Este ficou indignado; que não permitia o Destemido, que se estragara, quisesse estragar também você. Mas resolveu-se nada fazer; aguardar os acontecimentos. Estive anteontem com o Pontes. Acabava havia pouco de falar

Augusto

refere-se ao arcebispo D. Augusto Álvaro da Silva.

Ápio

refere-se ao mons. Ápio Silva.

Raimundo

refere-se ao gal. Raimundo Rodrigues Barbosa, foi militar, comandante da 6ª RM e ocupou interinamente o governo da Bahia em 1931.

Pontes

refere-se a Arnaldo Pimenta da Cunha, prefeito de Salvador (1931-1932).

Destemido

refere-se a Ernesto Simões Filho, político e jornalista, proprietário de *A Tarde*.

frente única

união de partidos políticos em oposição à política vigente.

Matoso

refere-se a Miguel Calmon Du Pin e Almeida, foi ministro de Agricultura, Indústria e Comércio de Artur Bernardes.

Casa Magalhães

S. A. Magalhães e Cia., empresa grande exportadora de açúcar.

Bahia

Eutychio Bahia, representante político de Octávio Mangabeira durante o exílio.

venturoso
refere-se ao major
Juarez Távora.

H. Chaves
Herval Chaves, médico.

Diário da Bahia
jornal de propriedade de
Geraldo Rocha, arrenda-
do a Moniz Sodré, dir. e
redator-chefe.

Secretário
de Polícia
cap. João Facó, vindo
do Ceará com Juracy
Magalhães.

Presos 3 ou 4
entre eles o jornalista Joel
Presidio, redator-chefe do
jornal *Diário da Bahia*.

com o feitor a seu respeito. Conversa de automóvel e, portanto, segundo ele, não bastante precisa, como disse ao próprio feitor, e que, por isso, o convidava para almoçarem juntos, sós, no próximo domingo, para sobre o assunto falarem mais demorada e precisamente. Mas, nessa conversa, contara que o venturoso dissera que nos muitos processos do Itamaraty ficara provado que não houvera de sua parte, apurada, nenhuma desonestidade; que ele, feitor pela sua ausência do meio político antes de 24 de outubro, não conhecia nem podia conhecer os valores do Brasil, mas ficasse certo de que você era dos maiores valores; absolutamente necessário ao país; que, quer quisessem, quer não, você haveria de voltar à posição de elevado destaque que já ocupara; que você vinha com propósitos de harmonia e que conhecia esta expressão sua “quero chegar como uma expressão de paz”; que isto, porém, não lhe inibia, nem podia de modo algum inibir, de chegado, falar ao país, expondo o que fez, o porque de sua prisão e deportação, enfim, defender-se das acusações que lhe fizeram; que este era um compromisso seu para com os seus patrícios e era um dever; que ele, feitor, faria o mesmo, como também faria ele, Pontes. Perguntei o que disse o feitor e ele me respondeu que não disse nada, senão que reconhecia o seu valor e estava certo que um homem como você não viria aqui ombrear-se com o destemido para fazer uma frente única, como este tem propalado. O Pontes disse-me que lhe contasse essas coisas. Que ele deverá lhe escrever pela próxima mala, depois do almoço de amanhã em casa dele. Parece que no Rio o Matoso esteve demoradamente com o feitor.

Não é prudente dar crédito ao que diz o H. Chaves. Talvez lá uma vez por outra ele se descuide e diga uma verdade. Ele contou ao seu representante que o Matoso lhe dissera ter sido solicitado pelo Destemido para lhe dar poderes para organizar a frente única, mas se recusara. Tivemos aqui uma semana de agitações. O *Diário da Bahia* e *O Imparcial* estavam perdendo a medida e, por isto, foi restabelecida a censura. Ao irem os censores ao *Diário da Bahia*, os responsáveis pelo jornal declararam não se submeterem enquanto não houvesse novo decreto do governo provisório restabelecendo a censura. Os censores isto declararam ao Secretário de Polícia. Este mandou convidar aqueles responsáveis a irem à Secretaria. Responderam que só presos. Foi varejado o *Diário* e eles foram presos, 3 ou 4 que lá estavam, sendo soltos no dia seguinte devido à interferência da Associação de Imprensa. E foi suspensa a publicação do *Diário da Bahia*. De referência *O Imparcial*, o José Rabelo foi cha-

mado para dar explicações e, por descuido, levado à enxovia (descuido do guarda, logo desfeito com a chegada do delegado). O José Rabelo seguiu ontem para o Rio, segundo disse para pedir garantias ao Governo. O Mário também foi chamado, mas não foi detido. O Getúlio deve vir para o norte, em excursão, no próximo dia 18, em vapor especial com o J. Américo. A situação do país é de tão grande calma que o Presidente vem espaiar no norte... Segredos da escritura... Voltando atrás. Tanto o advogado como Pontes não suportam o Destemido. Este tem-lhe horror e aquele é inimigo declarado. O Pontes procura por todos os meios evitar uma situação difícil para ele. Vê as vantagens que lhe virão, já não digo em uma aproximação, entre você e os senhores da situação, mas ao menos em uma tolerância. Está certo de que será o candidato ao lugar maior e por tudo isto esforça-se para criar uma situação favorável. Quando me referiu essa última conversa com o feitor, acrescentou lhe dissera que ninguém mais do que você era esforçado pelo desenvolvimento do país, que tinha também, como ele feitor, grandes ideais, programas largos. Que vinha para o país talvez recomeçar sua carreira política. Que ele, Pontes, não podia subir com você as escadas de palácio para jogá-lo nos braços dele. Além de lhe conhecer e saber que você não era homem para permitir tais coisas, também isso não era do feitio dele Pontes que ele fizesse o seu programa, apresentasse os seus projetos que não seria impossível você os conhecendo os adaptasse... Nessa ocasião perguntou-me se eu achava inconveniente mostrasse ao feitor sua carta confidencial. Eu disse que não havia inconveniente. E (isto para você) não havia mesmo porque ele já há muito me declarou tê-la mostrado... E eu pensava que só quem tinha memória fraca era eu...

O Salgado Filho que era Delegado do Luzardo foi nomeado para o Ministério do Trabalho; o J. Alberto, chefe de Polícia. Não foram ainda preenchidas as pastas do Interior e da Agricultura. O Aranha deve seguir amanhã para o Rio Grande. Vai apresentar o programa político da esquerda revolucionária e ver se consegue com ele acabar com o dissídio. O J. Américo, convidado para a pasta do Interior, recusou. Parece que voltou a ser instado. Vagando a Viação, fala-se ir para ela o Pimenta. Cogitou-se de dar a pasta do Trabalho à Bahia e esteve em foco o nome do Marques dos Reis. Este está nas graças. Tendo assinado a moção do Odilon Santos a favor da reconstitucionalização imediata, fez o discurso de recepção do Juarez, em que declarou que a Bahia não

José Rabelo
seguiu para o Rio
aconselhado por um ma-
jor do Exército a deixar a
Bahia, em abril de 1932.

Mário
Mário Monteiro, redator
chefe de *O Imparcial*.

advogado
refere-se a João Marques
dos Reis, foi presidente
do IAB (1931-1932).

Salgado Filho
Joaquim Pedro Salgado
Filho, apoiou Getúlio
Vargas na Rev. de 1930.

**acabar com
o dissídio**
cisão entre os
partidos políticos
gaúchos e Vargas.

Pimenta
refere-se a Arnaldo
Pimenta da Cunha, pre-
feito de Salvador.

nevrose
o mesmo que neurose.

Geovaldo
filho de Euvaldo Pinho.

Irundy
sobrinho de
Octávio Mangabeira.

tem a nevrose da constituinte; e agora tem pronto um voto justificando a conveniência da não reconstitucionalização...

Passo a falar agora da próxima vinda de vocês, de onde irão ficar. Acho que irem para hotel ou pensão será um destempero. A única pensão que tem salões amplos, terraços, etc é a Beau Sejour, mas lá hoje é muito difícil obter-se cômodos, principalmente para vocês que, (não tenham dúvida) são, para pensão ou hotel, hóspedes incômodos, devido às visitas que recebem. Além disso, não parece a época esteja para fazerem despesas de hotel que não poderá ser menor de 80\$ a 100\$ por dia, fora os extraordinários. As outras pensões ou hotéis não tem cômodos que lhes satisfaçam. O melhor hotel hoje, aqui, é o “Wagner”, no palacete do “*A Tarde*”, mas só tem uma sala de recepção e esta pequena... Portanto vocês têm que escolher entre a casa das irmãs de Mangabeira e a minha. A delas é melhor, mais moderna, mais ampla, com todo o conforto. A minha é menor, modesta. O delas tem, para o momento, o grande inconveniente de estar na Barra, longe da cidade. E pra quem não demora, ou pretende demorar pouco, como Mangabeira e nesse período curto atender a tanta gente, retribuir visitas sem número, não de convir que lá é muito longe e que lhe cabe, ao menos em atenção aos amigos ficar mais perto, dando a estes a facilidade de procurá-los. A minha tem, para dormitório 3 quartos regulares, arejados, com janelas e no mesmo pavimento quarto sanitário, com banheiro, etc. e há pouco sofreu asseio interno, já com a previsão de que vocês aceitassem o insistente convite que agora faço. Vocês podem ocupar dois desses quartos. Georgina, Geovaldo e eu passaremos as noites na casa dos meus cunhados, que como sabe, é vizinha. Não haveria para nós nenhum incomodo. E que houvesse. O prazer compensaria tudo. Não sei quantos quartos tem a casa da Barra. Creio que para vocês lá ficarem terão que sair ao menos Francisquinho e se vier Irundy, como certamente virá, terá de ir para hotel. Lá em casa os que saírem quase não sairão, porque ficarão junto. Mas o principal é a distancia da cidade. Penso que vocês devem ficar agora em minha casa e quando voltarem do Rio ficarão na Barra. Além do apontado tenho para o meu serviço pessoal automóvel da Una, com garage defronte de casa e esse automóvel ficará à disposição de vocês, enquanto aqui se acharem, tomando-se para isso um *chauffeur*. Tem também, aliás como na Barra, telefone, em minha casa. Pensei na casa do Bento que está vazia. Mas além de ser longe como a outra, está fechada, precisa de asseio, de serviços de cozinha e de mesa e de criados.

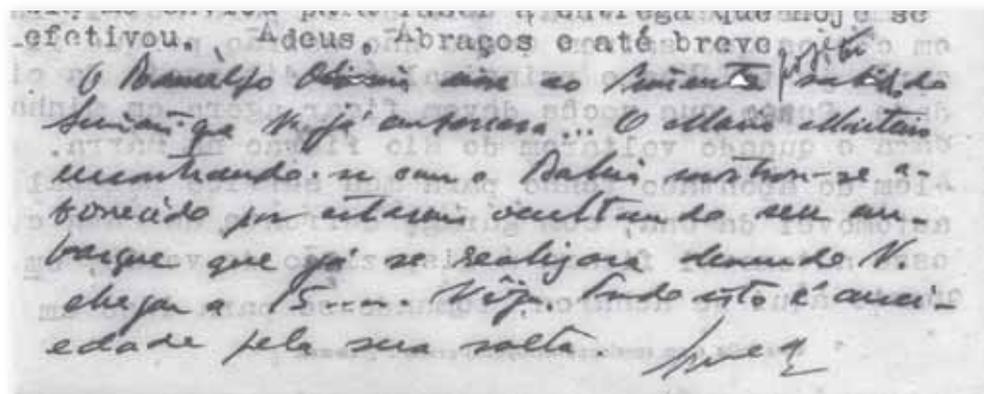
Não convém. O telefone deve estar cortado desde que a velha morreu. Por tudo isso, acho que vocês não devem ir para outro lugar senão para a minha casa. Afinal é natural que para mim se reserve alguma coisa, que me reconheçam o direito a alguma coisa, e que esse direito seja o de ter o grande incomodo de hospedá-los. Tem a saleta de entrada, tem a sala de visitas, para Mangabeira receber a gente toda, e tem ainda a sala de jantar com entrada livre pelo corredor lateral. Espero confiante a aceitação do meu convite, que passará, se preciso, à insistência e até a imposição.

Arnaldo vai mandar hoje, pelo aéreo, com esta, cópias dos papéis concernentes à assinatura dos tais títulos de que falei em minha última carta. Diz que os manda para Mangabeira ir estudando de modo que se for preciso ir a procuração, ao chegar esta aí já ele estará senhor de tudo. Devo dizer que achei prematuro irem esses papéis agora, mas nem sempre é conveniente a gente se manifestar.

Ainda de referência à minha casa devo acrescentar que pode-se dizer que eu deixei para vocês ocuparem, indo para a dos meus cunhados. E isto far-se-á, facilmente.

Edith mandou do Rio, ontem, um bilhete de Mangabeira para Simões. Este, achando-se aqui, ela me enviou para fazer a entrega que hoje se efetivou. Adeus, abraços e até breve.

(trecho manuscrito:)



“O Ranulfo Oliveira disse ao Pimenta hoje ter sabido Simões que você já embarcara... O Mário Monteiro, encontrando-se com o Bahia, mostrou-se aborrecido por estarem ocultando do seu embarque, que já se realizara devendo você chegar a 15... Veja. Tudo isto é ansiedade pela sua volta.”

(Euvaldo Pinho)

Arnaldo

refere-se a Arnaldo Pimenta da Cunha, prefeito de Salvador (1931-1932).

Simões

refere-se a Ernesto Simões Filho, político e jornalista, proprietário de *A Tarde*.

Ranulfo Oliveira

pres. da Associação de Imprensa.

BAHIA, 16 DE ABRIL DE 1932

Mangabeira e Esther:

De referência aos nossos, nada de novo. Todos bons. Edgard ainda em Caxambú. Esthor já em Niterói. Mamãe, Edith, Otavinho, sem novidade. Politicamente muita coisa, mas nada de importante. Minas convidada a indicar o Ministro da Justiça, ainda nada resolveu. Aranha no Rio Grande, em confabulações. Os seus propósitos de obter que os gaúchos modificassem seus pontos de vista, parece sem resultado. Ele voltará como foi. Jornais de ontem noticiam constar com fundamento que o governo pretende desistir do novo alistamento, devido às despesas, adaptando o antigo que será revisto por magistrados. O Américo passou aqui, anteontem, para o norte. Segundo disse para tomar *in loco* providências concernentes à seca que está horrível, mas, parece, vai cuidar também da escolha do substituto do Lima Cavalcanti, que vai para pasta da Agricultura. Achei fora de mão dar publicidade, agora ao agradecimento aos universitários, aliás, fazer esse agradecimento de público. Fiz o seguinte. Procurei um amigo de Waldemiro que é da direção e disse que o Bahia observara não ter vindo com os outros o agradecimento para aquela instituição, e eu lhe fizera ver isso. Que você respondeu tê-lo mandado. Que eu não me lembro de te-lo recebido e assim lhe repliquei. E que você, então, para provar que o mandara enviou, agora, a cópia do mesmo. Que eu assumia a responsabilidade de te-lo extraído, o que explicava com o número enorme de cartas e cartões na mesma ocasião recebidos. Que eles vissem a cópia, a publicassem, se assim entendessem que eu me comprometia a obter de você, quando aqui, o original. E eles deram publicidade ao agradecimento, pela “*A Tarde*” de trás-anteontem.

Tudo se encaminha para o Pontes recebê-lo oficialmente, em nome da cidade. Mas ainda manifesta algum receio de que sua chegada não seja tal como lhe tenha dito. Disse-lhe que você não quer que seja, senão como “expressão de paz”; que não quer ser bandeira de agitação. Combinamos fazer publicar pelo *Imparcial* uma nota com o “consta com bons fundamentos” que você será recebido pelas classes representativas, sem caráter político; e que seus amigos, sabedores de tais propósitos, resolveram deixar para homenageá-lo depois de sua chegada.

Ministro da Justiça com o empastelamento do jornal Diário Carioca, Maurício Cardoso pediu demissão do Ministério da Justiça (4 de mar. de 1932).

confabulações
Oswaldo Aranha foi ao RS tentar reaproximar os gaúchos que apoiavam o movimento pró-constituente em S. Paulo.

Américo refere-se a José Américo de Almeida, min. da Viação e Obras Públicas (1930-1934).

Lima Cavalcanti
Carlos de Lima Cavalcanti membro de família aristocrática. Nomeado gov. Provisório de Pernambuco e, posteriormente, interv. (1930-1935).

Isto mais com o fim de fazer ver o Destemido que só assim convém ser você recebido no momento. Tal deliberação tomamos, porque ele disse ao Álvaro Catarino que fazia questão de tomar a frente do movimento, que havia de trazer à rua toda a Bahia, e que ia fazer por você o que você não faria por ele. Deve se evitar ele chame para si, como demonstração de prestígio próprio o que se vai fazer a você. O Álvaro Catarino tem dito que está para tudo que se precisar. Que fará descer as filarmônicas de suas duas fábricas e todo o pessoal. Temos nos interessados para ver se o pessoal de Alagoinhas poderá vir. Eu não creio no extravio, aqui, de cartas suas. Parece ter havido engano, de sua parte, quando diz que só deixou de escrever em dois aviões. O Silvano, piorando dia a dia. Ultimamente manifestou-se a febre. Vê-se claramente o “bolo” do cancro. Está mumificado. Mas o espírito está vivo e forte. Fala em recebê-lo. Entusiasma-se quando se fala em sua chegada, das homenagens que você receberá. O João Sá está com as posições em Jeremoabo. Estava sendo perseguido como “coiteiro” de Lampião e transigiu. Disse ao Bahia ter feito de acordo com o Fontes. O Rabelo está no Rio. Parece não voltará para o “Imparcial”. Está se agarrando com o João. No dia do aniversário da tia da Mangueira jantou lá o feitor, fui apresentado e conversamos. Começou a falar comigo, dizendo que estivera com o João no Rio. Uma vez na serra, outra na cidade e uma terceira na casa dele onde J. fora em visita de agradecimento. Quando a conversa ia se estendendo fomos interrompidos. Foi muito atencioso comigo. E na apresentação, o Pontes dissera de minhas ligações com você. É só.

(Euvaldo Pinho)



José Américo de Almeida e Juarez Távora

Álvaro Catarino

Álvaro Martins Catarino, industrial, proprietário de *O Imparcial*.

Silvano

cel. Silvano Ramos de Queiroz, dep. est. (1925-1930).

João Sá

líder político na região de Jeremoabo.

“coiteiro”

sinônimo de comparsa, ajudante; aquele que dá acolhida.

Lampião

refere-se a cangaceiro conhecido pela violência de suas investidas em municípios do nordeste do Brasil.

Fontes

refere-se a Paulo Martins Fontes, juiz federal aposentado compulsoriamente.

Rabelo

refere-se a José Rabelo, jornalista do *O Imparcial*.

tia da Mangueira

refere-se a Honorina Amália de Pinho Cunha.

BAHIA, 20 DE ABRIL DE 1932

Mangabeira

Quero ver se terei tempo de acabar esta para fazer seguir pela mala do Graff Zepelin, que fechará amanhã à tarde. As últimas notícias do sul são a declaração formal do Aranha de que deixa de obedecer a inspirações do Papa Verde, para seguir sua consciência, ficando assim contra o Rio Grande; e que o Governo Provisório resolveu entregar S. Paulo à frente única composta do PRP e dos Democratas. São de fato novidades merecedoras de atenção. Aqui o *destemido*, apadrinhando o contrato da *Circular*, rompeu, evidentemente, com o Pontes. Passemos ao que mais diretamente nos interessa no momento. O *Imparcial* publicou, em 17, a nota de que elementos representativos de todas as classes cuidavam de sua recepção. No dia seguinte, o *destemido*, pretextando visita de aniversário, foi procurar seu representante. Mas não o encontrou. Ciente eu, não só pelo que o Álvaro Catarino dissera ao seu representante, mas também pelo que um membro do Tribunal, que é seu admirador, dissera a Plínio Tude, dos propósitos do *destemido* de tomar a frente do movimento para recebê-lo, combinei com seu representante que este fosse retribuir a visita do *destemido* e se aproveitasse do pretexto para demovê-lo. Assim foi feito. Mas o homem, com dificuldade, e devido ao jeito do seu representante, só consentiu em prorrogar a solução para quando você marcar a viagem. Tendo conversado com o consultor que é do comércio, com o advogado, com o consultor que foi da justiça, com o Plínio, e com outros, e todos estão de acordo em que a interferência dele, *destemido*, será no momento prejudicial. O primeiro e o segundo desses referidos, afastar-se-ão. E falei também ao Pontes, que declarou que, se ele, *destemido*, estiver à frente, ele, Pontes, se limitará a recebê-lo em caráter particular. Por todas essas razões, seu representante declarou que tinha resolvido, de acordo com todos os seus amigos políticos, a homenageá-lo depois. Ele porém disse não poder compreender como se queria negar a todos políticos do PRB prestar-lhe a desejada homenagem. E disse se devia fazer como por ocasião da chegada dele: dois convites. Um dos políticos, outro dos não políticos. Por fim, como disse, ficou assentado que tudo se resolveria quando marcada viagem, resolução que seria tomada com a minha presença. Disto não gostei eu.

Papa Verde
trata-se de Borges de Medeiros, assim chamado por ser seguidor do positivismo.

PRP
Partido Republicano Paulista.

destemido
refere-se a Ernesto Simões Filho, político e jornalista, proprietário de *A Tarde*.

Circular
empresa Companhia Circular e Energia Elétrica da Bahia.

Pontes
refere-se a Arnaldo Pimenta da Cunha, prefeito de Salvador (1931-1932).

Álvaro Catarino
proprietário de *O Imparcial*.

Plínio Tude
ex-pres. da ACB (1926-1927).

Consultor do comércio
refere-se a Pedro Sá.

consultor que foi da justiça
refere-se a Paulo Fontes, aposentado em agosto de 1931, substituído por Matias Olímpio de Melo.

Razões muitas, predominando o meu mau gênio, a falta de maneiras para ajeitar as coisas. No último caso, irei. Mas pessoalmente eu não farei sentir a ele vantagem de mais uma homenagem, em dias diferentes. Mesmo porque, já fiz ver ao seu representante, provocaremos a emulação, poremos em brios os dois grupos, afim de que se extremem em cuidados. *A Tarde* publicou, no dia 16, véspera da nota do *Imparcial*, sua carta ao A. Brasil. Positivamente. Todos os seus amigos estranharam, achando inoportuno, e viram nisso propósito de promover má vontade contra você, desfazendo, ao mesmo tempo, o ambiente criado. O Pontes não gostou. O Sá e C. Pinto, idem. Também o advogado. Também os outros nossos amigos consultores. A impressão é que ele afogou-se e quer que você também se afogue... Quando o seu representante lhe falou em representantes de classes, quis saber quais eram. Eu, porém, já havia sido autorizado por alguns a apontar-lhe os nomes e foram apontados, o Almir, o Plínio, o Pontes, o Consultor velho, o Arquimedes, etc. Ele replicou que estava muito direito, mas ninguém se iludisse. Essa gente não sabia fazer as coisas, seria uma chinfrineira. Ao que seu representante respondeu para ajudá-los, e que queríamos os serviços dele, o concurso de sua experiência. Penso que afinal ele se conformará. Chego a pensar que, dada à impossibilidade de demovê-lo, seria melhor você seguir para o Rio. Digo isto porque sei que os ódios contra eles são muito grandes. Pergunto-lhe: não seria conveniente você escrever?

(Eivaldo Pinho)



Bernardo Martins Catarino



Pedro Sá

carta ao A. Brasil
nesta carta ao Assis
Brasil (25 nov. 1930)
OM lamenta o seu exílio
e condena os tribunais
de exceção.

Sá
refere-se a Pedro Sá.

C. Pinto
refere-se a Carlos Costa
Pinto, comerciante.

Almir
refere-se a Almir Azevedo
Gordilho.

Consultor velho
refere-se a Bernardo Martins
Catarino, empresário
do ramo têxtil.

chinfrineira
o mesmo que chinfrim,
reles, que não presta.

BAHIA, 23 DE ABRIL DE 1932

Mangabeira

Escrevi anteontem com o propósito de não escrever pelo avião de hoje. Como há notícias interessantes para lhe dar, abandonei aquele propósito. Havendo o censor do *Imparcial* chegado à redação, hoje pela manhã, já impresso e proibido a circulação do mesmo, foi todo modificado, abandonando-se o que esteve destinado ao corte. Porém a censura não permite que saia em branco os espaços correspondentes ao que foi censurado, eles encheram esses espaços de clichês dos graúdos da situação (três vezes o do interventor), mas tendo ao lado o de bandidos como Lampião, Volta Seca etc., causou sucesso, mas irritou os homens. O Mário foi preso, à disposição do interventor e teve forte alteração com o secretário de polícia. Ontem, devido à censura de *A Tarde*, que foi forte, o Simões zangou-se e falou em suspensão de publicação. Também hoje se fala que este jornal e *O Imparcial* deixarão de circular, até que uma providência seja tomada. As coisas estão obscuras, horizontes turvos...

O Catalão chegou ontem e parece certo de ter sido portador de alguma incumbência junto ao feitor, trazida do Matoso, tanto que deve com aquele conferenciar hoje à noite. Estou sentindo que o Pontes está perdendo prestígio. Isto é desagradável. Devido muito principalmente pelo desentendimento com a Energia Elétrica. O homem da circular parece estar tramando contra ele.

Do Rio, diz o Catalão, o ambiente é de apreensões... O Aranha depois de ter declarado não obedecer mais ao Borges, diz que não abandonou o seu partido. Ninguém pode tomar pé. Ninguém se entende. O Pontes havia se interessado pela nomeação para Erudilho para o lugar de tabelião que era ocupado pelo cunhado do Lago. Estive com ele até o meio do dia e mantinha ainda confiança em fazer nomeado o seu candidato, mas a essa hora já estava nomeado o Guilherme Marback e ele não sabia. O feitor chegou ontem do sertão e ele não foi recebê-lo e nem visita-lo, limitando-se somente a telefonar. Tudo isso se prende a umas declarações que ele, Pontes, fez ao feitor quando esse falou na conveniência de fazer-se um acordo com a Energia Elétrica. Sobre o assunto de sua última carta, o Pontes não mais falou, nem tão pouco o

Volta Seca

refere-se ao cangaceiro do bando de Lampião.

Mário

refere-se a Mário Monteiro, advogado, foi diretor e redator-chefe de *O Imparcial*.

secretário de polícia

refere-se a João Facó.

Catalão

refere-se a Pedro Levino Catalão, cacauicultor, chefe político em Ilhéus.

Matoso

refere-se a Miguel Calmon Du Pin e Almeida, ex-ministro de estado.

homem da circular

refere-se a Anísio Mas-sora diretor da Circular.

Borges

refere-se a Antônio Augusto Borges de Me-deiros, foi Rev. em 1930 e participou do Mov. Const. de SP (1932).

Lago

refere-se a Pedro Lago, foi eleito governador da Bahia, não assumiu devido à Rev. de 1930.

Guilherme Marback

foi oficial de gabinete de Vital Soares e dep. classista (1934-37).

irmão. O destemido disse ontem ao Everaldino que ia para o Rio, não podia mais suportar esta situação da Bahia, ia e assim satisfaria aos pedidos da mulher e da filha.

Esther. Recebi ontem a carta de Edith. Todos no Rio bons. Esthor chegou muito melhorado e mamãe, em carta do dia doze mandou dizer isto de referência a ele e, de referência a Henriqueta, que nunca a viu tão gorda. O Bento também de Caxambu, onde estive com Edgard e Carmem que também já estão no Rio. Diz o Bento que estão ambos muito bem dispostos, passando Edgard a dormir regularmente. Aqui tudo em paz, menos em política. Tem sido uma *sopa juliana* e bem quente. Adeus. Até agora, 4 da tarde, não tenho notícia de carta chegada pelo avião de hoje. Talvez tenha vindo para a Barra, onde só entregam aos domingos.

(Eivaldo Pinho)

irmão (do Pontes)

refere-se a Álvaro Pimenta da Cunha, irmão de Arnaldo Pimenta da Cunha, primos de Eivaldo Pinho.

Bento

refere-se a Bento Berílio de Oliveira, industrial, sogro de Edgard Soares de Pinho.

sopa juliana

referente a esta sopa, feita de vários vegetais picados, para caracterizar a confusa situação política.



Vital Soares



Guilherme Marback

BAHIA, 30 DE ABRIL DE 1932

Mangabeira

No sábado passado, dia 23, não recebemos correspondência sua, a que devia trazer a data de 16. Agora, 3:30 da tarde, estranhando não ter recebido, apesar de saber ter sido já distribuída a correspondência chegada pelo avião de ontem à tarde, carta do dia 23, telefonei para a casa de suas irmãs e Vina disse que recebeu, inclusive para mim, e que já me mandara levar, lá para casa. Não posso, portanto, responder sua carta de 23: porque ignoro o que ela contém. Aqui a novidade maior é o desastre de avião, aqui no porto, do qual saíram sem vida o interventor da Paraíba, Antenor Navarro, o Inspetor Geral das Secas, Lima Campos, e um mecânico, e gravemente feridos, o José Américo, Ministro da Viação, o Dante de Matos, aviador da marinha, dois oficiais do gabinete daquele ministério e um jornalista, também do mesmo gabinete. Um desastre impressionante... felizmente os feridos, apesar da gravidade, apresentam sinais de que se curarão.

O Silvano vai mal. Para lhe dar hoje notícias seguras, fui vê-lo ontem. Estava com um pouco de febre e com uma perna muito inchada. O espírito se conserva forte e embora desanimado, quanto ao restabelecimento, tem esperanças de vê-lo ainda. Estava muito prostrado ontem. Está muito mal, em coma, o Eduardo Oliveira, amigo íntimo do Eutychio e do Álvaro Pimenta.

O Mário Monteiro foi posto em liberdade anteontem, dia 28, às 10 da noite. Estava preso desde o dia 23, às 10 da manhã. As medidas legais (*habeas corpus*) não deram resultado. Foram pedidos ao Juiz local do crime, ao Superior Tribunal do Estado e ao Juiz Federal. Todos se declararam incompetentes, à vista de decreto do Governo Provisório que declara incompetente o poder judiciário para tomar conhecimento de atos e decretos do Governo Provisório e dos interventores. E ainda há homens, e homens do Direito, que acham dispensável o regime legal.

O J. Rabelo, como já mandei dizer, está no Rio. Tem vontade de não voltar. Está agarrado ao Vilobaldo Campos e ao Anísio Teixeira, a ver se consegue colocação.

Silvano
cel. Silvano Ramos
de Queiroz, dep. est.
(1925-1930).

Álvaro Pimenta
irmão do prefeito
Pimenta da Cunha.

Mário Monteiro
advogado, foi diretor e
redator-chefe de
O Imparcial.

J. Rabelo
José Rabelo, jornalista
do *O Imparcial*.

Anísio Teixeira
jurista, intelectual
e educador de
renome nacional.

O caos da política central é cada vez mais cheio de surpresas. Notícias do Imparcial de hoje, que o *Diário de Notícias* confirma, dizem que o chefe do governo resolveu marcar para 23 de fevereiro de 33 as eleições da Constituinte; que diante disto, Minas se deliberara a aceitar a Pasta da Justiça. O entendimento que teve, em São Paulo, o Góes Monteiro com a frente única, parece que não foi apoiado pelos dirigentes da política, os do 3 de outubro. O que fez com que se chegasse a afirmar que o Pedro de Toledo pedira demissão, que não foi dada. O Távora acaba de declarar que logo apresente ao Governo o seu relatório sobre a viagem ao norte, apresentar-se-á ao Ministro da Guerra para ir servir nas fileiras. Estou certo de que você, do Rio, dos seus amigos, recebe sempre correspondência que o ponha ao par dos acontecimentos de lá. Ontem, o padre Barbosa, da *Era Nova*, me procurou para saber se estava marcada sua volta. Recebera poderes de amigos e admiradores seus, do Paraná, incumbindo-o de representá-los por ocasião de sua chegada. O Pontes não mais me falou sobre o negócio dos títulos, senão para dizer que a publicação da carta sua ao A. Brasil, além do mais, criara uma incompatibilidade para isso. Razões... de cabo de esquadra.

Para Esther e Edyla, abraços e saudades, e votos para que não tarde o dia da chegada. De Edyla, nem mais uma linha, ou linhazinha, pequenininha. De Esther, quase nada. O Dantas vem por aí, mas em vapor nacional. Vem se arrastando.

(Euvaldo Pinho)



Anísio Teixeira

Diário de Notícias

jornal diário, vespertino, moderado.

3 de outubro

refere-se ao Clube 3 de Outubro, reduto conservador dos tenentes.

Pedro de Toledo

Interventor de São Paulo.

Távora

Juarez Távora, min. agricultura (1932-1934).

Ministro da Guerra

José Fernandes Leite de Castro.

Era Nova

pequeno jornal a serviço da Ação Católica.

Pontes

refere-se a Arnaldo Pimenta da Cunha prefeito de Salvador (1931-1932).

A. Brasil

Joaquim Francisco de Assis Brasil, foi min. da Agricultura (1930-1932).

Dantas

Luis Martins de Souza Dantas embaixador do Brasil na França (1822-1943).

Montreal
a maior cidade da
província de Quebec,
Canadá, à margem do rio
São Lourenço, na qual
predomina o francês.

MONTREAL, 5 DE MAIO DE 1932

Meu eminente chefe e amigo, dr. Mangabeira

A minha dívida de gratidão para consigo cresce à medida que a maldade dos seus falsos amigos se encarniça conta mim. Nesta quadra terrível de desilusões, eu só encontrei afeto e simpatia na sua amizade boa e confortadora, afeto e simpatia que, ainda uma vez mais, se traduziam, de maneira tão cativante, no acolhimento bondoso que me dispensou em Paris. Deixe-me agradecer-lhe com todas as forças da minha sinceridade e da minha gratidão. Uma amizade dessas cura a mais pertinaz das misantropias. Ela ensina que nem tudo no mundo é ruindade, é perversidade e perjúrio. Ainda há homens bons e justos, e a bondade e a justiça sobrevivem neles e com eles. Bem acolhido pelos bons, que me importa animosidade dos maus? Rendo graças a Deus, por me ter dado afinidade de alma com aqueles. A minha consciência tranqüila diz-me que não devo, nem posso rebelar-me contra as injustiças de que tenho sido vítima. Elas reagem e estimulam as energias morais que constituem o verdadeiro patrimônio de dignidade. Pelo bem que a sua amizade generosa me tem feito, pelo conforto moral que ela me tem proporcionado, pela lição de coragem e de resignação que nela tenho aprendido, um milhão de agradecimento, toda a minha gratidão.

Esta carta já lhe deveria ter sido escrita há mais tempo, mas as trabalhadeiras da chegada retardaram-na. Vim substituir, aqui, um Cônsul paralítico há mais de 3 anos. Tenho que dobrar o meu trabalho para fazer o que o meu antecessor não podia fazer.

A nossa viagem foi atrasada pelos nevoeiros da Terra Nova, que nos obrigaram, depois de 2 dias de espera, parados, em plena escuridão, a descer até enfrente de Nova York. No São Lourenço, encontramos os destroços de grandes “icebergs” e o nosso navio, verdadeiro quebra gelo, teve que romper a massa enorme de extensos campos de gelo. Uma paisagem polar! Parece que o frio aqui não é fantasia dos contadores de viagem. Não tenho dúvidas de que incorri nas más graças da ditadura: destinaram-me uma verdadeira “geladeira”.

Montreal é curioso. Quem vai do Brasil para Praga, estranha menos a cidade e as gentes e os costumes do que vindo para cá. As casas com

Terra Nova
grande ilha da província
do Lobredor, a leste
do Canadá.

as suas altas escadas externas, as moradias tranqüilas ao lado de ruas bulhentas, a montanha dentro da cidade, as farmácias que vendem de tudo e até de agencias de correio desempenham; as igrejas protestantes com grandes reclames às portas e nos jornais de domingo, anunciando semanários, como os teatros anunciam artistas de elite, todo um conjunto de coisas desconcertantes. A vida standardizou-se na lata de conserva: nada de criados, nem para a casinha, nem para os outros serviços domésticos. Uma lata de carne, ou de verdura, e uma varredoura elétrica – aí estão os substitutos do braço humano.

A coabitação das 2 raças é realmente surpreendente: ingleses e franceses detestam-se, mas associam-se; desentendem-se a todo instante, mas não brigam, e todos dois tem orgulho da terra canadense. O francês é bilíngüe; o inglês impermeabilizou-se no seu idioma. O grosso da população de Montreal (75%) é de origem francesa.

A crise atingiu o Canadá muito menos do que o seu vizinho do sul. Nos E. Unidos teme-se até o fantasma de uma revolução da fome.

Aí tem as minhas primeiras impressões das margens do São Lourenço.

As noticias do Brasil aqui são ainda mais escassas do que na Europa. Vem alguma pelos jornais americanos, mas deficientes. Ignoro quanto esteja se passando lá, pois não leio jornais brasileiros desde que sai da Europa. Envio-lhe um recorte do ultimo telegrama que apareceu no “New York Times”.

As minhas homenagens e as saudações de minha mulher à sua Exma. Esposa e Filha. Receba um afetuoso abraço de muita amizade e gratidão do sempre seu dedicado servidor.

Décio Coimbra

Décio Coimbra
diplomata, antes fora
Adido Comercial em
Budapeste e Praga.

BAHIA, 7 DE MAIO DE 1932

Mangabeira

Logo recebi sua carta de 30 de abril, isso no dia 4, à tarde, passei o telegrama para “T.S. Paris. Abraços”. Espero a carta de hoje confirmando o embarque, a 10 de junho, em Lisboa, pelo “Alcântara”. Pretendemos dar publicidade à notícia de sua vinda logo no começo da próxima semana. Não se pode demorar em dá-la, porque há providências muitas a tomar, inclusive as de ordem financeira.

Sua carta foi dada a conhecer às suas irmãs e ao seu representante. Quanto a vapor para a viagem daqui para o Rio, há os seguintes. Do Lloyd Alemão, a 3 de julho, o “General Osório”, bom, mais ou menos do tipo dos holandeses, com camarotes de luxo. Não atracam aqui, mas atracam no Rio. Acho é esse que lhe convém. Você passará aqui 16 dias. Em 8 de julho há o Arlanza e o Orania. Da Navegação Costeira, dos melhores, há todas as terças-feiras e do Lloyd Nacional, todas as sextas-feiras. Uns e outros têm camarotes de luxo, confortáveis, mas são vapores pequenos e, dizem, jogam muito e trepidam bastante. Do Lloyd Brasileiro, os únicos que com antecedência precisam o dia da chegada e chegam no dia que marcam, são os da linha da Europa. Mas, o primeiro do mês de julho é o Raul Soares, a 17. Os outros dessa Cia. da linha norte ainda não estão anunciados. Espero poder indicá-los na próxima carta. Os vapores do tipo *Southern Cross*, não tocam mais na Bahia. Há, de alguma sorte, razão de sua parte quando diz notar de nossa parte preocupação de não desagradar. Há, de fato, mas não exagerada. Mas, essa preocupação é para que os do poder não criem dificuldade, o que faria com que perdessemos muitos elementos de valor, dos tais independentes. Nosso esforço tem sido para criar para você um ambiente de liberdade ampla, para fazer o que entender. Tudo fazemos para que você se sinta inteiramente à vontade para agir depois de conhecer a situação política do país. Não desejamos que se criem correntes que possam obrigá-lo, por dever, a segui-las. Daí o esforço para afastar o destemido que já está numa corrente. Mas não pense que seu representante e eu jamais houvéssimos cogitado de outra coisa. Ao Pontes, como a outros graduados, tenho feito sentir isso. De referência à atitude que deva este ter, faremos, conforme sua recomendação, com que se limite a uma

Destemido

refere-se a Simões Filho,
proprietário do jornal
A Tarde.

Pontes

refere-se a Arnaldo
Pimenta da Cunha,
prefeito de Salvador
(1931-1932).

colaboração discreta, não obstante, efetiva. Parece que, de fato, o destemido vai na próxima semana para o Rio, mas disse que voltará para a sua chegada. Ontem, conversei demoradamente com o E. Pondé. Ele está muito ligado à situação dominante. Dará todo apoio ao que se fizer, e disse-me estará para o que desejarmos. Tudo faremos para que as recomendações suas sejam atendidas. Mas, tudo isso por intermédio de terceiros. Se estes não se desobrigarem satisfatoriamente das incumbências, só assim, elas poderão não ser completas. Quanto à classe acadêmica é que não vejo facilidade. Tem decaído tanto, está tão desunida e desprestigiada, que não inspira confiança e não goza das simpatias de outrora. A idéia do banquete foi lançada e embora não fácil de êxito, é bem possível que vingue. A de um chá no Baiano de Tênis, já estava em elaboração. Darei ciência ao Pontes e ao Rogério de que ficarão para depois a conferência do Instituto e a posse na Academia Baiana de Letras. Perguntei hoje ao Pontes se tinha alguma resposta para o seu recado da última carta de avião. Disse-me que lhe respondesse que fica muito agradecido; que já estava desconfiado e que as desconfianças se firmaram com o seu recado, que o levou a outras atitudes; que lhe escreverá pela próxima mala aérea. Disse mais que conversou demoradamente com o feitor de Sergipe, da fazenda de lá, e que este é um grande admirador seu, “que é dos nossos”. Isso não adianta, mas não faz mal.

As notícias mais interessantes, do centro. O General Távora, apresentou-se ao Ministro da Guerra e parece lhe vai ser dado o comando de um batalhão de cavalaria. O Góes Monteiro pediu demissão do comando da 2ª Região. Foi-lhe negada e ele como bom soldado e obediente às ordens superiores repetiu a frase de Pedro I... e ficou.

O Ministro da Guerra fez um apelo aos interventores para que dispensem das comissões os oficiais que exercem comissões nos Estados, porque são necessários ao Exército, que está sem patentes de comando.



Ezequiel Pondé

E. Pondé

refere-se a Ezequiel de Souza Pondé, des. do TJB.

Baiano de Tênis

Clube social da alta classe de Salvador.

Rogério

refere-se a Rogério Gordilho de Faria, professor da Faculdade de Direito.

feitor de Sergipe

refere-se ao interventor de Sergipe, ten. Augusto Maynard Gomes.

Light
Cia. de Energia Elétrica
do Rio de Janeiro.

P.S.N.
Partido Social
Nacionalista.

P.R.M.
Partido Republicano
Mineiro.

A. Gordilho
refere-se a Almir
Gordilho.

Agora se fala que a data de eleição da Constituinte que se disse de começo, seria em 24 de fevereiro do ano vindouro, e depois, em 21 de abril, será em 3 de maio. Isto por enquanto.

Mas, o feitor disse àquele amigo com quem eu referi ter conversado ontem que, quanto à Constituição, só a teremos em 1934... Escrevo pela manhã. Deixarei para concluir esta à tarde, depois dos jornais saírem e depois de receber sua carta a chegar hoje.

Às 3 da tarde. Últimas novidades: greve na Light, no Rio, estando a cidade sem telefones, sem bondes e sem auto-ônibus. Greve na São Paulo Railway. O Virgílio Melo Franco rompeu com P.S.N. (sucessor do P.R.M.) por não ter Minas dado ministro para a Justiça. O Adolfo Gordo, secretário da Fazenda, rompeu com o Pedro de Toledo. O Juarez declarou que, para bem da revolução, o Miguel Costa deverá ser prestigiado em S. Paulo mesmo à força de armas... É só e não é pouco. O C. Pinto segue para a Europa, via Rio, por todo este mês. O A. Gordilho seguirá para o Rio, talvez, no mesmo vapor em que você chegar aqui. Estive ontem com o Silvano. Cada vez pior, embora notasse, agora, mais animado.

Até agora não recebemos a correspondência que devia ter chegado hoje. Nem lá em casa, nem na Barra. Do Rio as notícias sobre a saúde dos nossos são boas. Até breve. Abraços e saudades para Esther e Edyla.

(Eivaldo Pinho)

BAHIA, 13 DE MAIO DE 1932

Mangabeira

Já avisei ter recebido a carta de 30 de abril, e a respectiva cópia; aquela pelo Zepelin e esta, pelo avião. Se sua carta de amanhã confirmar o embarque em Lisboa, no dia 10 de junho, amanhã mesmo faremos divulgar a notícia, a fim de que o convite para a reunião da Escola Politécnica, na qual se tratará do programa da chegada, seja publicado no *Imparcial* de domingo e a reunião se celebre na sexta feira, dias respectivamente, 15 e 20 desde mês. Redigiu esse convite, de poucas palavras o Mons. Ápio Silva. Assiná-lo-ão, Ápio, Pedro Ribeiro, Ponciano, Pedro Sá, J. Olímpio, Bernardino, Arquimedes Gonçalves, Simas, Marques dos Reis, Almir Gordilho, Gamboa, Álvaro Catarino, Plínio Tude, Carlos Costa Pinto, Arlindo Ramos, Rodolfo Tourinho, Sabino Filho (Pres. Inst. Advgs) Durval Gama (Diretor Escola Comercial) A. Martinelli (Pres. Tribunal Contas) Ed. Valente (Pres. Universitários da Bahia) Ramiro Loson (Pres. Varejistas) Martagão Gesteira, Euvaldo Diniz (Diretor em exercício da Faculdade de Medicina). Verá que todas as classes, por seus diretores ou presidentes, serão representadas. Não inclui o Presidente da Associação Comercial por não ter, ainda, a resposta dele dando a autorização, mas é certo que esta será dada. Também não está a imprensa, que será representada pelo Presidente da Associação de Imprensa da Bahia o Ranulfo Oliveira, que não negará a assinatura, mas que só pode ser falado amanhã. Também falta o Presidente do Centro de Auxiliadores do Comércio, Ricardo Machado, que ainda não foi falado. Notará você a falta do Centro Operário. Mas essa associação está em forte luta interna e o grupo empossado é de gente do Pacheco. Resolvemos, por isso não mandar procurar essa gente, que, não obstante será convidada para a reunião e fará parte da comissão central. Está parecendo que os oradores serão mesmo o Ápio e o Aristides Novis embora de referência a este (que se acha no Rio) eu saiba que aborrecimentos entre você e o Clementino se tenham refletido aqui entre membros da família deste. Mas os organizadores da recepção não sabem disso e ele é diretor da Faculdade de Medicina. O Pondé conversou com o Simões, que apesar de ter aquele falado no caráter não político da recepção e da conveniência de assim ser, do propósito dos mangaberistas de homenageá-lo separadamente, se mantém intransigente, disposto a promover a manifestação

Pedro Ribeiro

Pedro Ribeiro de Araújo Bittencourt, presidente do Tribunal de Justiça da Bahia (1920-1937).

Ponciano

refere-se a Ponciano Ferreira de Oliveira, foi des. do TJB.

Bernardino

refere-se a Bernardino José de Souza, diretor da Faculdade de Direito da Bahia (1923-1935).

Arquimedes Gonçalves

dir. da Escola Politécnica da Bahia (1922-1934).

Simas

refere-se a Américo Furtado de Simas, engenheiro.

Rodolfo Tourinho

Comerciante e proprietário da Usina Dom João, era genro de Amado Bahia.

Ed. Valente

Edgar Valente, médico, irmão de Gilberto e Jorge Valente.

Pacheco

refere-se a João Pacheco de Oliveira, fundador do Partido Evolucionista, ligado a Juracy Magalhães.

Aristides Novis

médico e prof. da Faculdade de Medicina.

Clementino

refere-se a Clementino Fraga, secretário-geral de Saúde e Assistência da Prefeitura do Distrito Federal.

Pondé

refere-se a Ezequiel Pondé, professor da Faculdade de Direito.

consultor do comércio
refere-se a Pedro Bacellar de Sá, comerciante, consultor do Estado no setor comercial (1932-1936).

destemido
refere-se a Ernesto Simões Filho, político e jornalista, proprietário de *A Tarde*.

dos elementos do PRB. Diante de tais propósitos e tendo em vista sua carta, quando diz que não há mal em que todos colaborem, combinamos, apareçam logo, pela imprensa, os manifestantes não políticos. Assim além da vantagem dos políticos virem depois, aqueles não mais poderão recuar. Por isto procuramos grande número de assinaturas para o convite. O consultor do comércio disse-me que se a manifestação aparecer com o destemido à frente, ele se retrairá e aqui lhe apontará as razões por que o fez. Que só duas razões poderão conduzir o Destemido a tal propósito: blasonar que foram as classes representadas, pelo prestígio do partido, por ele no momento guiado, que ao partido se uniram, reconhecendo que só neste há homens capazes; ou com o fim de levar você à situação má, difícil e antipática em que ele, Destemido, se acha. Eu, porém, vejo outra razão: a de prestar-lhe um serviço, mas apontando tudo o que se fizer como resultado do esforço dele, do prestígio dele. Para mim isso não tem a menor importância. Para mim, pessoalmente, o que interessa é que você tenha uma grande recepção, parta de onde partir, deva-se a quem dever. O que eu não desejo, para o que eu muito me interesso é para que elementos como esses, constantes da relação acima, se retraiam, por que eles de fato representam o que a Bahia tem de melhor. O que eu quero é que você encontre aqui no Brasil campo livre para fazer o que achar conveniente; que não chegue encontrando correntes para seguir. É este meu desejo. Nem de leve se suponha que me inclino, eu mesmo, a aplaudir ditaduras ou tenentismos. Nunca. Mas, também, não quero que lhe criem dificuldade para agir, como quiser e entender. A minha situação é delicada em frente do Destemido. Certamente ele sabe, por que aqui tudo se diz, que quem tem estado com os manifestantes sou eu, que por isto não estou de acordo com ele. Paciência. Neste caso, por não ser eu político, agindo errado, não há motivo para, com você ou com os seus amigos políticos, ele se aborrecer. Fique, porém, certo de que se ele à frente do movimento conseguisse ou conseguir trazer às ruas da cidade os 30.000 homens, arrastar as populações do Recôncavo e de Alagoinhas para baixo, e “fazer por você o que você nunca faria por ele” e por cima, ainda, fazer no cais o discurso que a situação impõe, (palavras ao Pondê) fique certo de que faria com que fossem divididas com você as antipatias que recaem atualmente sobre ele. Que colabore com os manifestantes; que ponha o seu jornal à disposição deles, que faça com que os 30.000 homens venham à rua; mas tudo dentro do programa dos manifestan-

tes, sem partidarismo. Nunca se pode tirar às festas o caráter político, você é político. Em virtude da política, foi desterrado. Se não fosse esse desterro não se cogitaria de assim recebê-lo. Portanto é ao político a manifestação e, portanto a manifestação é política. Dissemos que não é. Dissemos. Mas “para atrapalhar”. Isso é que ele devia ver. Disso é que ele devia tirar proveito, mas futuramente, oportunamente. Fazer, porém partidarismo político neste momento é contraproducente. Portanto, ou há pouca visão, ou perfídia.

Dia 14. O Otávio Machado também assina o convite. Nota-se que para um simples convite a lista é grande demais. Há, porém o propósito de prender, desde já, toda essa gente. Acrescente-se mais, nela, Plínio Moscozo, Maneka Pedreira e Epifânio. A idéia do banquete foi lançada, mas não tenho muita confiança. Também foi lançada a idéia de ser convidado o feitor. A mesma pessoa que me falou, respondi que talvez fosse mais conveniente afastar todo elemento oficial. Tenho procurado interessar a classe acadêmica. Esta hoje é melhor representada pela Associação dos Universitários. O atual presidente desde já tem poderes conferidos pelos demais diretores e constantes de ata, para representá-la nas homenagens. Por enquanto as homenagens dos signatários do convite limitam-se, à recepção no cais e à sessão na Escola Politécnica. Hoje, porém já está encaminhada outra homenagem, dos portugueses, certamente no Gabinete Português de Leitura. Falaram em fazê-la no dia imediato à sua chegada. Vou fazer, porém com que adiem para 5 ou 6 dias depois. Veio sua carta do dia 7, com o recado para mim. Estou muito atrapalhado. Estava combinado que com a esperada confirmação, nessa carta, sairia amanhã o convite para a 1ª reunião. Isso eu forcei, porque publicado o convite, com as assinaturas todas, a ninguém seria lícito recuar se depois aparecesse o destemido com outro convite do PRB, ou com o programa das festas deste. Tendo sido falada tanta gente, é de recear e receio que o destemido precipite as coisas do lado dele, fazendo o que nós queríamos fazer. E isto acontecendo é bem possível que assinaturas sejam retiradas. Hoje que tenho conversado sobre política, (em consequência dos entendimentos sobre sua chegada com os homens do comércio, é que vejo quanto o destemido é odiado, quanta prevenção há contra ele). Só há um meio de desfazer tais prevenções: é ele encostar-se a você e você apoiado por essa gente, protegê-lo contra tais prevenções. Estranhamos muito você dizendo em sua carta de 7 que, no dia 8, recebida a corres-

Otávio Machado
Otávio Ariani Machado,
foi pres. da ACB
(1932-1940).

Plínio Moscozo
Plínio Moscozo Barreto
de Araújo, industrial e
exportador, representante
das classes conservadoras.

Maneka Pedreira
refere-se a Manoel
Rodrigues Pedreira,
comerciante, cunhado
de Pânsito de Carvalho.

Álvaro
Álvaro Pimenta da
Cunha, farmacêutico e
bancário, irmão de Arnaldo
Pimenta da Cunha.

Arnaldo
Arnaldo Pimenta da
Cunha, prefeito de
Salvador.

Mangueira
refere-se à rua onde
residia Honorina Amália
de Pinho Cunha, mãe
de Álvaro e Arnaldo
Pimenta da Cunha.

***marche aux
flambeaux***
marcha com tochas.

Bahia
refere-se a Eutychio da
Paz Bahia, representante
político de Octávio Man-
gabeira durante o exílio.

Rogério
refere-se a Rogério Gor-
dilha de Faria, professor
da Faculdade de Direito.

Moraes Barros
Paulo de Moraes Barros,
revolucionário de 1930,
min. da Viação e Agri-
cultura (1930), sec. da
Fazenda de SP. (1932).

M. Costa
refere-se ao
ten. Miguel Costa.

pondência pelo Zepelim e pelo avião, telegrafia, confirmando, não ter nesse dia 8, nem até telegrafado. Adiou a viagem? Fiquei muito embaraçado. Andei errado tendo, para segurança, falado com aquela gente e obtido autorizassem as assinaturas? Resta-me a esperança de que você, ainda hoje, telegrafe. No dia 8, domingo último, aniversário do Álvaro, na presença deste, Arnaldo perguntou-me para onde você ia, aqui chegando. Disse-lhe que não sabia, mas era de presumir fosse para casa de suas irmãs, ou a minha, ou então para uma pensão. Ele disse que via na minha casa o inconveniente de ser pequena, inconveniente que também via nas de suas irmãs e mais do que nas duas em qualquer pensão; que, uma vez no Rio, quando você no Ministério, cogitando de vir até aqui, ele falou na casa dele, e na de tia Honorina, isso não sei, se a você, ou a Esther; que via a dele não tinha os cômodos da de titia; e que você devia ir para esta, para a Mangueira. Eu disse que era difícil, principalmente por causa de titia que está velha e cansada e não deve tomar trabalhos. Ele e o Álvaro mostraram todas as vantagens da casa, grande, confortável, com salões diversos, pátio, etc., podendo você receber tantas pessoas quantas quisessem, de uma só vez e podendo receber umas sem que outras vissem. Chamaram titia ali mesmo e esta começou por dizer que já se lembrara, mas... era pequena demais para ter tão grande honra. Conversou-se sobre o assunto e titia disse que ia escrever a vocês. Presumo que escreveu, por que o Álvaro anteontem, pelo telefone, pediu-me o endereço. Acho que se inconveniente, de ordem para mim desconhecida, não impossibilitar, vocês devem aceitar o convite. O Arnaldo chegou a falar em titia ir ficar com ele. Vocês aqui, nos poucos dias que passarão hão de estar sempre a jantar com uns e com outros, portanto a casa seria mais para dormirem e Mangabeira receber. Vamos a assuntos outros. Tenho falado a alguns estudantes sobre a *marche aux flambeaux*. É possível se faça. Embora o inconveniente da época de férias de S. João. Tenho estado com o Bahia. E todos os passos que dou são de acordo com ele. Logo seja recebido seu telegrama, ele convidará os velhos mangabeiristas para uma reunião, a fim de dar-lhes notícia do que se há feito. O Rogério foi ao Rio, mas parece voltará amanhã. O caso de S. Paulo sem solução. Agora se tem falado no Moraes Barros, democrata, para a interventoria, esse caso é de fato um caso. O M. Costa e o Góes Monteiro continuam a se arranharem. Hoje, às 3 da tarde; com toda a solenidade, inclusive presença de corpo diplomático, o Gegé lerá o

prometido manifesto à nação e lerá também o decreto marcando as eleições para a constituinte para 3 de maio de 1933. Em São Paulo estão em greve 90.000 operários. Segundo uns, insuflados pelos comunistas. Segundo outros, pelos políticos do PRP.

Esther, você será recebida aqui pelas senhoras de nossa alta sociedade. E depois certamente lhe será oferecido um chá no Baiano de Tênis. Há nessas homenagens a você muito interesse de senhoras de alta distinção. O próprio presidente do Baiano de Tênis foi quem me falou nisso. Hoje minha maior preocupação é a volta de vocês. Interesse-me por isto e muito, hão de ter, cada um de vocês homenagens adequadas e merecidas. A boa vontade é geral; mais do que boa vontade, a ansiedade. Que nada perturbe a felicidade desse dia. Eu imagino a alegria dessa ocasião. E para mim não será surpresa ouvir de vocês que valeu a pena o desterro, pelo prazer que a volta lhes deu.

Mangabeira, o Mário entregou-me, pedindo-lhe encaminhasse uma carta, que segue com esta. Disse-me, me agradeceria se eu lhe pedisse tomasse interesse pelo assunto. Dizendo-lhe isto revelo o interesse. O Arnaldo manda lhe dizer que resolveu mandar a Paris o Dr. Armando Mesquita, (tal desembargador aposentado de Sergipe e que trabalha aqui, no escritório com o Medeiros) para tratar do assunto do empréstimo; que as suas informações foram muito úteis e é, em consequência delas que resolveu fazer ir esse emissário; que lhe fica muito agradecido e cá estou sempre o mesmo e pronto para tudo. O serviço telegráfico do *Diário de Notícias* nada adianta. O Spínola também sem novidades. Apreensões gerais sobre a situação de São Paulo...

Eu é que com a sua resolução de não dar, pela carta hoje chegada, uma designação, como estava prometido, fiquei com a cara de viandante apressado, que se esbarra numa encruzilhada. E o pior, que não tenho tino para descobrir a que me convém. Nem vejo a quem pedir me ensine o caminho... Abraços para vocês e para Edyla.

(Euvaldo Pinho)

Baiano de Tênis
Clube social da alta classe de Salvador.

Mário
Mário Monteiro, foi diretor de *O Imparcial* (1931-1932).

Armando Mesquita
Armando da Hora Mesquita, des. do TJB e consultor jurídico da prefeitura de Salvador (1932).

Medeiros
refere-se a Antonio Garcia de Medeiros Neto. Foi consultor jurídico da prefeitura de Salvador (1932)

Spínola
Carlos Spínola, jornalista.

dois generais
refere-se a Miguel Costa
e Góes Monteiro.

Toledo
Pedro de Toledo, inter-
ventor de São Paulo.

Washington
refere-se ao ex-presi-
dente Washington Luis.

Flores
refere-se a Flores
da Cunha, interv. RS
(1930-1935).

M. Cardoso
refere-se a Joaquim
Maurício Cardoso
ocupou a pasta da Justiça
durante o Governo Pro-
visório (1930-1932).

**Solano
Carneiro da Cunha**
min. da agricultura
(interino-1935).

Barros Porto
refere-se a Aloísio Hen-
rique de Barros Porto,
sec. do Interior, Justiça,
Educação, Saúde e Assis-
tência Pública (1931)

Prefeito
refere-se a Arnaldo
Pimenta da Cunha.

a Circular
Companhia Linha Circu-
lar de Carris Elétricos da
Bahia, então dirigida por
Anísio Massora.

Zé Povinho
refere-se a José
Americano da Costa,
dep. fed. em várias
legislaturas na República
Velha, "homem forte" de
Juracy Magalhães.

marinetti
em alusão ao famoso
intelectual modernista
italiano que, em
visita ao Brasil, fora
ridicularizado na Bahia.

BAHIA, 21 DE MAIO DE 1932

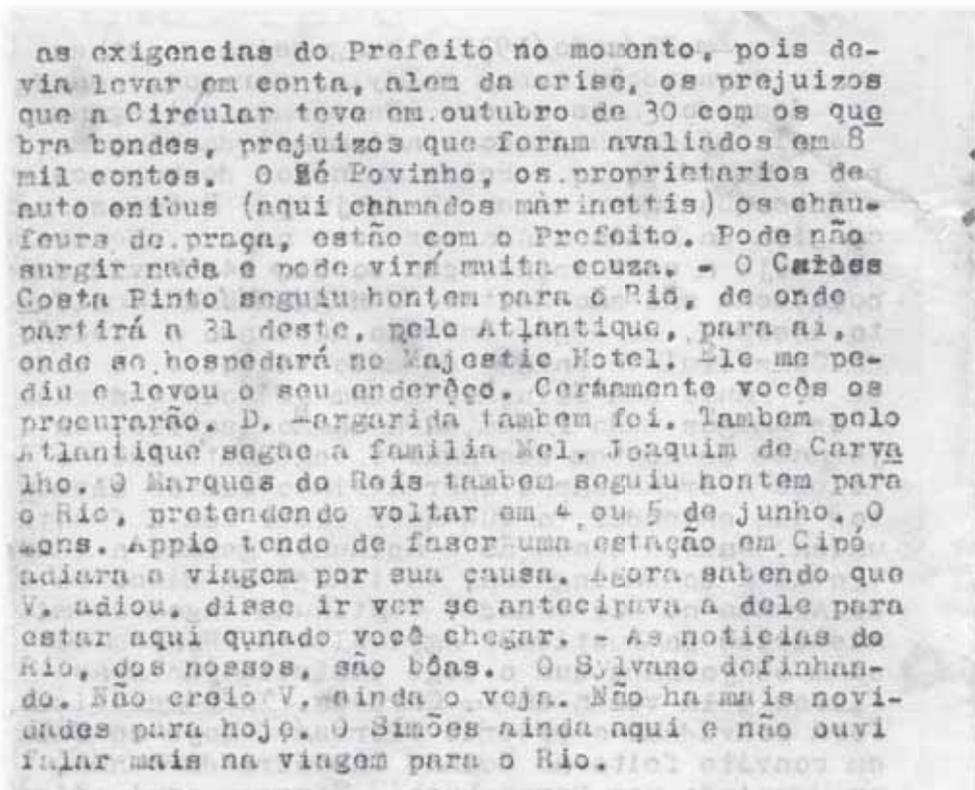
Mangabeira e Esther:

Para vocês ambos e Edyla, abraços e saudades, dos meus e meus. Recebemos o telegrama do dia 15 e comunicamos o adiamento da viagem por mas um pouco. Pelos anúncios de vapores parece que agora só em 17 de julho. E foi-se a canjica da Bahia ainda por este ano... Recebemos hoje a correspondência do dia 14. Novidades políticas não são muitas. Manifesto insôso, do Gegé. Decreto marcando a eleição da Constituinte para 3 de maio vindouro. O caso de S. Paulo, sem solução. Lutam os dois generais e os amigos tudo fazem para harmonizá-los. Os jornais de ontem dizem que o Gegé autorizou o Toledo a organizar o secretariado com os elementos que entender, o que quer dizer com a frente única. Causou sensação e aplausos gerais a entrevista de Washington, revidando um discurso do Aranha no Rio Grande. Continuam vagos os ministérios da Justiça e Agricultura. Ontem, diziam os jornais que o Gegé insistia, junto ao Flores, pela volta do M. Cardoso. Também se disse fora convidado o próprio Flores. Hoje se fala em convite feito ao Solano Carneiro da Cunha, ex-deputado por Pernambuco. Tivemos aqui crise na administração com a demissão de Barros Porto ocasionada por um incidente entre o Diretor Geral da Instrução (um fulano Pitangueira) e o Diretor da Escola Normal, Álvaro Silva. Outra crise está por horas. A retirada do Prefeito devido à luta com a Circular. Diariamente, os jornais trazem artigos de uma e outra, de ataques bem fortes. O prefeito, de feitio irritado, não se tem conservado com a necessária serenidade e se tem exagerado em exigências concernentes ao contrato. A Circular revida na altura. Situação delicada para o prefeito. O interventor (a gente sente) dá força à Circular. E se assim não fosse, o Pacheco, que com ele convive, e no domingo último foram juntos a Alagoinhas, não permitiria que ela estivesse tão forte. Eu sinto que o Prefeito está por horas. Os homens de negócios, os do comércio acham desarazoadas as exigências do Prefeito no momento, pois devia levar em conta, além da crise, os prejuízos que a Circular teve em outubro de 30 com os quebra bondes, prejuízos que foram avaliados em 8 mil contos. O Zé Povinho, os proprietários de auto ônibus (aqui chamados de marinetti) os chausseurs de praça, estão com o Prefeito. Pode não surgir nada e pode virar

muita coisa. O Carlos Costa Pinto seguiu ontem para o Rio, de onde partirá a 31 deste, pelo Atlantique, para aí, onde se hospedará no Majestic Hotel. Ele me pediu e levou o seu endereço. Certamente vocês os procurarão. D. Margarida também foi. Também pelo Atlantique segue a família Manuel Joaquim de Carvalho. O Marques do Reis também seguiu ontem para o Rio, pretendendo voltar em 4 ou 5 de junho. O Mons. Ápio tendo de fazer uma estação em Cipó adiará a viagem por sua causa. Agora, sabendo que você adiou, disse ir ver se antecipava a dele para estar aqui quando você chegar. As notícias do Rio, dos nossos, são boas. O Silvano definhando. Não creio você ainda o veja. Não há mais novidades para hoje. O Simões ainda aqui e não ouvi falar mais na viagem para o Rio.

P.S. Gostaria muito de poder colher, por seu intermédio uma impressão de Dr. Burlet, a respeito da Agrícola de Una, dos negócios que se estão encaminhando por intermédio dele. Não se haverá para você a oportunidade porque os negócios se fazem segredo. Veja o que pode fazer.

(Euvaldo Pinho)



as exigências do Prefeito no momento, pois devia levar em conta, além da crise, os prejuizos que a Circular teve em outubro de 30 com os quebra bondes, prejuizos que foram avaliados em 8 mil contos. O Sr. Povinho, os proprietarios de auto enfius (aqui chamados marinettis) os chauffeurs de praça, estão com o Prefeito. Pode não surgir nada e pode virá muita couza. - O Carlos Costa Pinto seguiu hontem para o Rio, de onde partirá a 31 deste, pelo Atlantique, para aí, onde se hospedará no Majestic Hotel. Ele me pediu e levou o seu endereço. Certamente vocês os procurarão. D. Margarida também foi. Também pelo Atlantique segue a família Mel. Joaquim de Carvalho. O Marques do Reis também seguiu hontem para o Rio, pretendendo voltar em 4 ou 5 de junho. O Mons. Ápio tendo de fazer uma estação em Cipó adiará a viagem por sua causa. Agora sabendo que V. adiou, disse ir ver se antecipava a dele para estar aqui quando você chegar. - As notícias do Rio, dos nossos, são boas. O Silvano definhando. Não creio V. ainda o veja. Não há mais novidades para hoje. O Simões ainda aqui e não ouvi falar mais na viagem para o Rio.

Carlos Costa Pinto
comerciante
e empresário de
grande destaque.

D. Margarida
refere-se a Margarida
Costa Pinto, esposa de
Carlos Costa Pinto.

**Manuel Joaquim
de Carvalho**
refere-se ao falecido Manuel Joaquim de Carvalho, fundador da Joaquim de Carvalho e CIA, sociedade mercantil. Era uma das famílias mais ricas e poderosas da Bahia.

Marques dos Reis
refere-se a Antônio Marques dos Reis, advogado e jornalista.

Mons. Ápio
Monsenhor Ápio Silva, prof. de diversos estabelecimentos de ensino, escreveu diversos artigos nos jornais *A Tarde*, *Diário da Bahia*, *O Imparcial*, *A Voz*, *A Tribuna*, *Boletim das Obras Sociais* e outros. Foi Membro do IGHB e dir. da Fundação Instituto Feminino da Bahia (1933).

Silvano
refere-se ao cel. Silvano Ramos de Queiroz, dep. est. (1925-1930).

Simões
refere-se a Ernesto Simões Filho, um dos líderes da Campanha Autonomista.

Burlet
advogado que representou a empresa Agrícola Una S/A na negociação para a quitação de empréstimos efetuados junto a *Société Anonyme Mutuelle Mobilière*.

Agrícola de Una
S. A. Agrícola de Una, conglomerado de acionistas, qual a família de Octávio Mangabeira integrava.

BAHIA, 27 DE MAIO DE 1932

Mangabeira

Começo hoje a carta que deve seguir amanhã. Há novidades interessantes. Fora daqui. Em São Paulo, houve um movimento merecedor de aplauso de todo o Brasil. Com a chegada do Aranha, que fora à procura de solução, o povo revoltou-se, a Associação Comercial interveio para que o comercio fechasse, como fechou, os estudantes tomaram a frente do movimento e a multidão foi a palácio exigir do interventor a Constituição imediata de um secretariado com elementos paulistas e civis. E assim foi feito. Foi pena que os estudantes se deliberassem a atacar a sede do Partido Popular, resultando 4 mortes e 20 feridos. Invadiram a tal sede e arrebentaram tudo. Foram fazer o mesmo na sede do “3 de outubro”, mas com a intervenção de Isidoro Lopes, morador do mesmo edifício (Palacete Martineli) que fez ver ali moravam muitas famílias que nada tinham com o clube, nem com o caso, desistiram. Foi constituído secretariado com elementos democratas, perrepistas e não políticos. Os militares que exerciam funções civis tanto na capital, como no interior deixaram tais funções. Na madrugada do mesmo dia o Góes Monteiro, que estava no Rio foi demitido do comando da 2ª Região e nomeado para ela o hoje general cidadão Manoel Rabelo. O Miguel Costa estava em São Paulo, mas fora da cidade. Foram baixados decretos reformando-o, como também há um irmão que comandava a cavalaria. Tudo isso o Aranha assistiu de São Paulo, atacado de forte gripe, na casa de um parente, mas por causa das dúvidas com a casa guardada pela polícia, veja bem que não foi pelo Exército, foi pela polícia. O secretariado foi comunicar-lhe os fatos e ele declarou que o que estava feito, estava feito... Enquanto isto o P. Toledo declara que organizara o secretariado de acordo com o Getúlio e com ciência do Aranha. Este ainda adoentado meteu-se num automóvel e tocou para o Rio, onde se negou a falar aos jornais.

Em Porto Alegre o povo fez uma formidável manifestação de regozijo pela solução do caso em São Paulo, dizendo os telegramas que poucas manifestações tem havido ali como essa. No Rio os estudantes fizeram uma passeata cívica de pesar pela morte dos seus companheiros de S. Paulo. O Gegé vai concentrando seus elementos de força no Rio, João Alberto, e agora, Góes Monteiro. Muita gente se tem estragado. Muito homem tem caído ao mar. O “3 de outubro”, do Rio fez uma manifes-

Aranha

Oswaldo Aranha, foi ministro do Governo Provisório.

Partido Popular

Partido Popular Paulista, criado por Miguel Costa.

Isidoro Lopes

chefe militar da revolução const. de 1932.

Miguel Costa

participou do Movimento Constitucionalista de SP (1932).

P. Toledo

Pedro Toledo, interventor de São Paulo.

tação de desagrado aos políticos mineiros. Por isso o Djalma Pinheiro Chagas deixou o partido e em Minas se fala numa manifestação de desagravo ao Bernardes. Tem se falado agora que o Flores da Cunha vem para o Ministério da Justiça e Maurício Cardoso para a Interventoria do Rio Grande. No movimento de São Paulo, vaiaram e deram pancada no Silvio Gordo quebrando-lhe dentes. Também se diz que o Aranha foi ali vaiado e... gripou-se. Aqui na Bahia, o nosso caso Circular versus Prefeitura estar rendendo e forte. O Pimenta, com providencias de exagerada energia desmandou-se e perdeu a força. A Circular contra ele tem investido desabridamente. Vejo de traz dos lutadores as figuras de Pacheco, Medeiros e Negreiros, a fazerem crer o Juracy que é preciso tirar a força ao prefeito, que a empregará oportunamente em seu benefício. Há muito tenho dito isto a amigos. E os fatos últimos demonstraram que eu estava pensando certo. O Juracy tinha feito ver ao prefeito a conveniência de uma comissão mediadora para solucionar o caso. Encontrou porem uma certa resistência. Esta afinal parece vai cedendo. A história que eu vou contar, ocorrida entre os outros personagens, história absolutamente verdadeira, põe em relevo que atrás da questão da circular está a política...

O feitor talvez receando entendimento com o Pontes, que podia dar em desentendimento, mandou chamar a mulher deste, com quem tem intimidade e que é pessoa influente, para conversar. E na conversa fez ver a conveniência do Pontes ser transigente, não só quanto a administração, como também a política. Disse que ele Pontes estava naturalmente indicado para tomar conta da Fazenda, mas para isso era necessário se aproximasse do grupo, que era ele feitor que precisava de um homem como o Pontes para a luta futura em torno da sua sucessão, principalmente porque sabia você ser candidato. Observe-se de relance que ele falou isso com a mulher do Pontes, em vez de falar a este ou ao irmão deste. Note-se agora que ele falou em você ser candidato a feitor da Fazenda, e sabendo das relações do Pontes com você, ele pretende que este deve ser transigente com os partidários dele, feitor, afim de criar uma situação e poder ser candidato contra a você. Sabedoria, para fazer falar a mulher do Pontes? Meio de fazer dizer a este que jamais se candidataria contra a você e portanto, afastá-lo, como candidato, que se diz ser, do Venturoso? Segredos que só você decifrará. Eu sinto que a luta do Prefeito contra a Circular fará com que este se afaste do cargo. Descambaram para individualidades e já o Pacheco escreveu uma nota forte contra o Arnaldo, desafiando-o para acerto de contas em qualquer terreno.

Djalma Pinheiro Chagas

médico, revolucionário em 1930 e 1932. Apoiava Artur Bernardes.

Bernardes

Artur Bernardes, apoiou o movimento constitucionalista de São Paulo (1932).

Circular *versus* Prefeitura

refere-se à questão do aumento das passagens dos bondes, desejado pela Circular e rejeitado pelo prefeito Álvaro P. da Cunha.

Pimenta

refere-se a Arnaldo Pimenta da Cunha, foi prefeito de Salvador (1931-1932).

Pacheco

refere-se a João Pacheco de Oliveira, dep. fed. (1927-1930); diretor do jornal *Diário da Bahia*.

Medeiros

Antônio Garcia de Medeiros Neto, foi consultor jurídico da prefeitura de Salvador (1932).

Negreiros

Artur Negreiros Falcão, apoiou a Rev. de 1930.

a mulher deste (Pontes)

Marieta Gonçalves do Passo Cunha, casada com Arnaldo Pimenta da Cunha (o Pontes).

Fazenda

referência jocosa ao Estado da Bahia, da qual o governador seria o feitor.

venturoso

refere-se ao major Juarez Távora, Rev. de 1930.

Mocanguê
ilha localizada na Baía
de Guanabara.

Melo Viana
ex-vice-presidente da
República (1926-1930).

Edgar Romero
membro do Cons.
de Intendência do RJ
(1928-1930)

Sezário de Melo
médico e dep. fed.
(1924-1926)

Melo Viana
vice-presidente
(1926-1930).

Armando Mesquita
refere-se a Armando
da Hora Mesquita,
des. do TJB; represen-
tante da prefeitura de
Salvador para tratar dos
empréstimos junto a
credores franceses.

Álvaro
refere-se a Álvaro
Pimenta da Cunha,
farmacêutico e bancário,
irmão de Arnaldo
Pimenta da Cunha.

Dia 28. Os jornais da manhã trazem notícias de sensação. Esteve preparado um golpe, no Rio, contra o governo, e foram presos a bordo do vapor “Pedro 1º”, ancorado em Mocanguê, o Melo Viana, o Azevedo Lima, o Batista Pereira, Eurico Leão, Dormundo Martins, Machado Coelho, Solfieri de Albuquerque. J. Pires Ferreira, Edgar Romero, Sezário de Melo. Será confirmada esta notícia? Desligou-se também do “3 de outubro” o Cristiano Machado. Na noite do movimento em São Paulo, foram empastelados o “*Correio da Tarde*”, e a “*Razão*”, um órgão do Miguel Costa e outro de um primo de Aranha, ambos jornais revolucionários.

Os estudantes daqui fizeram uma passeata solidariedade com os colegas de S. Paulo e de pesar pelas mortes. Outra novidade interessante é a prisão de 168 tenentes ex-legalistas prejudicados pela classificação dos anistiados. Fizeram um protesto ameaçador perante o Ministro da Guerra e foram por isso presos. O Juracy que a eles telegrafara protestando solidariedade, antes do protesto ao Ministro, agora, como colega, lastimava o que está ocorrendo, como militar, está com o Ministro, pelo bem da disciplina. Vou deixar para concluir à tarde, depois de notícias mais recentes. 3 ½ da tarde. O Juracy embarcou hoje inesperadamente no avião-correio para o Rio. Saiu às duas da madrugada. A notícia da prisão do Batista Pereira está desmentida e não está confirmada a do Melo Viana. Dizem os telegramas que a prisão do Azevedo Lima é devido à agitação comunista por ele promovida. Pelo mesmo motivo a dos outros. Divulga-se um telegrama do Flores ao Gegé hipotecando todo apoio do Rio Grande, afim de que ele evite a onda de anarquia que assola o país. Interpreta-se que é para evitar que elementos militares levem o Gegé a não dar como liquidada a solução de S. Paulo.

O Arnaldo me pede para dizer-lhe que tudo que fizer aí pelo Dr. Armando Mesquita que seguiu pelo Atlantique receberá como a ele Arnaldo feito. O Dr. Armando não me procurou, é verdade, ao menos para oferecer os préstimos e perguntar se eu queria alguma coisa, mas o Álvaro o justificou dizendo que ele isso queria fazer, mas não pudera por ter adocido na véspera da viagem. As coisas estão ficando pretas pelo lado de cá. O Simões deve seguir para o Rio no dia 3 de junho. Por hoje basta. Até agora não recebi carta, nem fui avisado de ter chegado a Barra. Estive anteontem com o Silvano. Pior. Agora está com os membros inferiores muito inchados. Abraços e saudades para Esther e outros tantos para Edyla.

(Euwaldo Pinho)

RIO, 2 DE JUNHO DE 1932

Octávio

Há muito que não recebo carta sua. Nem sei mesmo se você recebeu as duas últimas que lhe escrevi sobre sua viagem. Anteontem é que recebi uma carta de Vina, dizendo-me que você transferiu o embarque e o motivo. Há 3 dias recebi de Carlos a carta que lhe envio. E ontem o Penafiel, chegado de Porto Alegre, trazia-me o mesmo recado de Carlos, acrescentando que ele ouvira o Flores e este fora da mesma opinião – que você não deveria vir já.

É verdade que aqui tem havido, como você já sabe pelos jornais, umas prisões. Mas os presos não tinham na “velha república” um grande relevo. Alguns são, a bem dizer, gente de última espécie. Ninguém sabe ao certo, e olhe que tenho indagado, porque foram e continuam presos. Ao mesmo tempo, as pessoas mais salientes, e de mais importância no governo passado, continuam a não ser incomodadas; e não há violência, nem perseguição a ninguém.

Não há dúvida que o momento está confuso; tão confuso que pode se não ver claro o recuo político que o governo vai tomar. Mas, repito, exceto essas prisões, cujo motivo ignoro, não há perseguição a ninguém, e a imprensa tem a mais completa liberdade. Em todo o caso, se lhe for possível demorar-se mais um mês por aí, até as coisas se esclarecerem melhor, será conveniente.

Pelos jornais, tem você o conhecimento do que se passa aqui, tanto quanto os que aqui se acham e pode muito bem formar uma opinião própria. Porque, fora do que está nos jornais, não há nada, senão boatos.

O ambiente popular, porém, é de tranqüilidade, senão de indiferença. Isto aqui no Rio, onde tenho estado sempre.

Simões, por um telegrama, que li no *Jornal do Comércio*, embarca hoje na Bahia para aqui.

Adeus. Abraços a você, Esther e Edyla, do irmão muito amigo.

João (Mangabeira)

Vina

refere-se a Lavinia Mangabeira, irmã de Octávio.

Carlos

refere-se a Carlos Mangabeira, irmão de Octávio, residente em Porto Alegre.

Penafiel

refere-se a Antônio Carlos Penafiel, médico, político, professor e jornalista.

Flores

refere-se a José Antônio Flores da Cunha, interv. RS (1930-1935).

Simões

Ernesto Simões Filho, apoiou o Mov. Constitucionalista de S. Paulo, foi deportado junto com outros revoltosos.

OS PRESOS E DEPORTADOS DA REVOLUÇÃO DE 1932

A cena do Guanabara e o meu depoimento pessoal

Extraído de Vivaldo Coaracy. *A sala da capela*.
Rio de Janeiro: José Olympio, 1933.
Apud Rui Mesquita Filho.
Cartas do Exílio. 2006, p. 24.

CIVIS

Álvaro de Carvalho
Altino Arantes
Antônio Mendonça
Antônio de Padua Salles
Antônio Pereira Lima
Aureliano Leite
Austregésilo de Athayde
Carlos Cyrillo Júnior
Carlos de Souza Nazareth
Cesário Coimbra
Cícero de Azevedo
Ernesto Simões Filho
Francisco da Cunha Junqueira
Francisco E. da Fonseca Telles
Francisco Mesquita
Francisco Morato
Felisberto Caldeira Brant
Guilherme de Almeida
Ibrahim Nobre
Joaquim Sampaio Vidal
José Cardoso de Almeida Sobrinho
José Rodrigues Alves Sobrinho
Júlio de Mesquita Filho
Leven Vampré

Luiz Américo de Freitas
Luiz de Toledo Piza Sobrinho
Manoel Pedro Villaboim
Osvaldo Chateaubriand
Paulo Duarte
Prudente de Moraes Neto
Sylvio de Campos
Theodomiro Correia Santiago
Thyrso Martins
Tito Pacheco
Virgílio Benevenuto
Vivaldo Coaracy
Waldemar Ferreira

OFICIAIS DA FORÇA PÚBLICA

Majores

Antônio Pietscher
Reynaldo Saldanha da Gama

Oficial da Marinha Mercante
Comandante Mário da
Fonseca Tinoco

OFICIAIS DO EXÉRCITO

Generais

José Luiz Pereira de Vasconcellos
Isidoro Dias Lopes
Pantaleão Telles Ferreira
Bertholdo Klinger
Firmino Borba
João Nepomuceno Costa
Sotero de Menezes

Coronéis

Chistovam Colombo de Mello Mattos
Euclides de Figueiredo
José Joaquim de Andrade
Joaquim Theopompo de Vasconcelos
Luiz Lobo

Tenetes-coronéis

Abílio Pereira de Rezende
Joaquim de Aquino Correia
Manoel Severiano Marques
Oswaldo Villa Bella e Silva

Majores

Aristides Paes de Souza Brasil
Cyro Vidal
Ivo Borges
José Novais

Capitães

André de Souza Braga
Floriano Peixoto Keller
Iberê Leal Pereira
Mariano da Silva Chaves
Oswaldo Pereira de Carvalho
Othello Franco
Rogério de Albuquerque Lima
Sebastião D. Menna Barreto
Túlio Paes Leme

Tenentes

José de Campos Christo
Agildo da Gama Barata
Sebastião Hollanda Cavalcanti
Carlos Tamoyo da Silva
Severino Sombra
Argemiro de Assis Brasil
Joaquim de Mello Camarinha
José de Figueiredo Lobo
Adaucto Pereira de Mello

(SALVADOR), 4 DE JUNHO DE 1932

Esther e Mangabeira,

Recebemos as cartas do dia 28 de maio, aqui chegadas hoje. Acho que uma vez Mangabeira admite a possibilidade de adiar para depois de 16 de julho o embarque em Lisboa, pois “espera que novos fatos não o perturbem de novo”. Preferível seria que viesse daí, entre o recebimento desta e dia 16 de junho corrente (pelo menos com a antecedência de um mês) um telegrama “Agricuna – Bahia – Abraços”. Agricuna é o endereço da Agrícola de Una. Recebido esse telegrama, divulgaremos aqui a data do embarque e iniciaremos as providências sobre a chegada. Assim, lembro porque novas providências aqui e novo adiamento me porão com cara de constrangimento.

Fica assim pois assentado. Aguardamos esse telegrama para providenciarmos, e em resposta mandarei os “abraços”, sinal do recebimento do daí e da divulgação aqui. No mesmo dia em que eu fizer aqui a divulgação telegrafarei a Edith, em termos que avisarei antes, fazendo-a ciente da divulgação.

Ciente dos inconvenientes da ida para a Mangueira.

O advogado da prefeitura, como já mandei dizer, seguiu pelo Atlântico. Ele certo procurará vocês ao chegar. Ele e o Bráulio foram nomeados para o Tribunal Eleitoral. Os suplentes foram o Marques dos Reis, o Ponciano e um terceiro, cujo nome agora me fugiu. A situação do Pimenta melhorou um pouco, um pouco. Acho-a, porém, ainda muito confusa. O Juracy seguiu para o Rio, como já mandei dizer. Devia ter voltado anteontem, adiou para hoje e já não vem mais hoje. As coisas no Rio, atrapalhadas. Muitos presos políticos a bordo do “Pedro 1º”, ancorado em Mocangué. Os últimos presos foram, além do Aristides Rocha políticos do Estado do Rio. O Batista Pereira preso não foi o genro do Rui. Foi um outro, que era intendente em outubro de 1930. O Leite de Castro pediu demissão. Mas, Gegé não deu, devido aos relevantes serviços por ele prestados ao Brasil e à revolução. As pastas da Justiça e da Agricultura ainda vagas. Jornais de anteontem divulgaram que para a primeira seria convidado e João Alberto e para a segunda o Maciel Junior. Não é possível. O caso de S. Paulo resolvido. A esquerda revolucionária parece que constrangidamente se conformou.

Agrícola de Una
empresa agrícola na qual
Octávio Mangabeira e
Euvaldo tinham interesse.

Advogado
da prefeitura
refere-se ao
dr. Armando Mesquita.

Bráulio
refere-se ao desembarga-
dor Bráulio Xavier.

Leite/
Leite de Castro
refere-se a José Fernandes
Leite de Castro, então
min. da Guerra.

J. Alberto/
João Alberto
João Alberto Lins de Bar-
ros, então chefe de polícia
do Distrito Federal.

Maciel Junior
Rev. 1923 e 1930; min.
da Justiça (1932-1934).

O Flores em nome do Borges e do Pila telegrafou ao Gegé dando-lhe apoio para que ele desse como liquidado esse caso, evitando assim, a onda de anarquia que ameaça o país. Gegé não gostou e respondeu de modo que essa resposta foi interpretada “que ele vem governando sem esse apoio e se sentia forte para combater sem ele a tal onda”. A lembrança do A. N. para orador partiu do nosso grupo mesmo, mas ele não estava aqui na ocasião; e como, ao voltar, a chegada estivesse adiada, não chegou a ser falado.

“*A Pátria*”, de Florianópolis, divulgou movimento de tropas do Rio Grande, em direção à fronteira de S. Catarina. Tendo-se noticiado que o Rio Grande ia enviar tropas de sua policia para ali, o J. Alberto interpelou o Flores em nome do Getúlio e aquele respondeu que ao Estado cumpria movimentar sua tropa, de acordo com os seus interesses, sem precisar dar explicação ao Governo Provisório. Gegé pensou em federalizar todas as forças policiais dos Estados que passariam a obedecer os comandos das regiões. Minas não combinou, e o Flores respondeu que as forças de Minas só se submeteriam ao comando do exercito quando houvesse Constituição, e se esta isso facultasse. Gegé desistiu da federalização ... Não são boatos. São fatos noticiados pelos jornais e não contestados.

O Aranha depois que voltou de S. Paulo, onde se diz foi vaiado, ficou mudo e quedo. O caso último, posterior ao protesto dos tenentes anistiados, é o pedido da demissão de Andrade Neves da região do Rio Grande, ocasionado por transferências de oficiais de sua confiança, daquela região para outras, sem ser ouvido. O Leite de Castro explicou-se e disse que ia submeter o pedido à apreciação de Gegé.

Ontem telegramas diziam que a oficialidade destacada no Rio Grande promoviam-lhe uma manifestação de desagravo. Pobre país. Dado o dissídio entre os tenentes e o Ministro da Guerra, um tenente que aos colegas protestantes havia telegrafado empenhando solidariedade (o nosso interventor), lançou-se aos ares a procurar um acordo, que dizem ter encontrado lavrando-se de tudo uma ata, no forte de Copacabana, onde se realizou uma grande reunião em que foi parte um representante do Ministro. Que vergonha. Eu não creio que o Leite saia. A situação desgraçadamente é a pior e mais triste possível. Tenho a impressão que o Rio Grande quer apoiar o Gegé mesmo à força. Minas silenciosa... trabalha nos bastidores. É sabido que esses três Estados trabalham de comum acordo.

A. N.
refere-se a Artur Neiva,
ex-interventor na Bahia.

A Pátria
jornal fundado por João
Bayer Filho (1930).

Aranha
refere-se a Osvaldo Eu-
clides de Sousa Aranha,
então min. da Fazenda.

ficou mudo e quedo
citação de “Os Luziadas”.

Andrade Neves
militar e político gaúcho.

Ministro da Guerra
refere-se a José Fernan-
des Leite de Castro.

Prisco Paraíso
advogado, prof. a Fac.
de Direito e político,
secretário no gov. Vital
Soares, entre 1928-1930.

Bahia
refere-se Eutychio da Paz
Bahia, médico e político.

Waldemiro
refere-se Waldemiro
Montenegro de Olivei-
ra, engenheiro civil e
advogado.

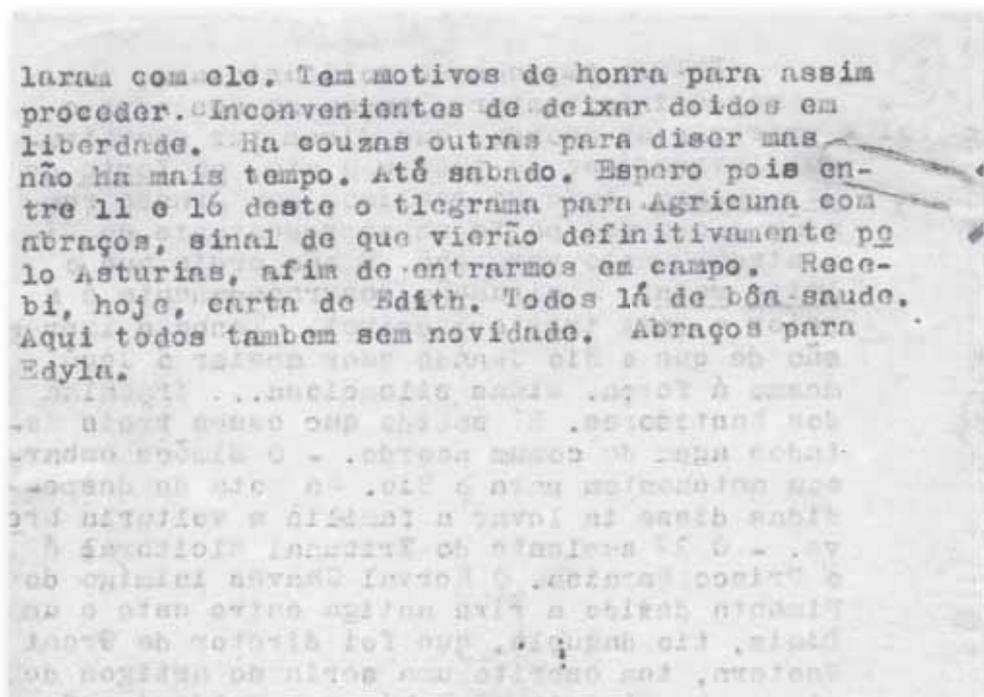
O Simões embarcou anteontem para o Rio. Na nota de despedida disse que ia levar a família e voltaria breve.

O 3º suplente do Tribunal Eleitoral é o Prisco Paraíso. O Herval Chaves inimigo do Pimenta devido a rixa antiga entre este e um Diniz, tio daquele, que foi Diretor do Great Western, tem escrito uma série de artigos de ataque ao Pimenta. O Bahia e o Waldemiro falaram com ele. Tem motivos de honra para assim proceder. Inconvenientes de se deixar doidos em liberdade.

Há coisas outras para dizer, mas, não há mais tempo. Até sábado. Espero pois entre 11 e 16 deste telegrama para Agricuna com abraços, sinal de que vieram definitivamente pelo Astúrias, afim de entrarmos em campo.

Recebi hoje carta de Edith, todos lá de boa saúde. Aqui todos também sem novidades. Abraços para Edyla.

(Euvaldo Pinho)



(SALVADOR), 11 DE JUNHO DE 1932

Mangabeira e Esther

Vou pelo estilo telegráfico, dando as últimas notícias de que tenho conhecimento pelos jornais. Uma debanda geral no “3 de outubro”. Já o deixaram, o Aranha, o Góes Monteiro (agora definitivamente), o Leite de Castro, e outras grandes figuras da revolução. Tem-se a impressão de que os tenentes perdem terreno. Também deixou aquele clube o Távora. Os jornais da manhã de hoje noticiam que chegou ao Rio, inesperadamente, o Flores. Os jornais do Rio prevêem alterações no governo provisório. O Leite de Castro parece deixará mesmo o ministério seguindo para a Europa. Já se fala no substituto: Mena Barreto, Andrade Neves, Johnson Ferreira. Corre também o boato de demissão do Pedro Ernesto. O Luzardo é esperado com ansiedade em Minas. O General-Cidadão Rabelo chegou ontem inesperadamente ao Rio. É O *Globo* quem divulga profundas modificações no ministério, dentro de 24 horas. O Secretário da Justiça de S. Paulo e o Morato conferenciaram demoradamente com o Gegé e voltaram muito satisfeitos para S. Paulo. Também se desligou do “3 de outubro” o Alencastro Guimarães. Fala-se agora no Raul Fernandes para a Justiça. Notícia-se que o A. Brasil seguiu para Buenos Aires para reassumir o lugar de embaixador. Novas prisões no Rio. Dentre outros foi preso o Moniz Sodré. Sabedor disto o Protógenes foi visitá-lo na prisão (Pedro 1º) tendo conversado demoradamente. Saindo daí foi ter com o Gegé e, do Catete, telefonou para o J. Alberto, em nome do Gegé, mandando soltar o Sodré. Não se diz ainda hoje se foi solto. Quanta vergonha. Que anarquia! Acabo de saber, pelo Spínola que já foram soltos o Solfieri de Albuquerque, o Paulo da Silveira, o Dormundo Martins, o Edgar Romero e o Sodré. O Seabra havia protestado perante o Ministro da Justiça contra a prisão do Sodré e os alunos da Faculdade de Direito daqui da Bahia telegrafaram ao Gegé protestando e deixaram de ir às aulas por um dia.

Aqui, ainda vaga a secretaria da Justiça. Diz-se que o Marques aceitou o convite do Juracy. Não creio, porque ele está no Rio e está conhecendo a situação. Enfim como também se diz que o Juracy vai afastar-se daqui por cerca de 2 meses passando-lhe a interventoria, é possível que o só prazer de ocupar o governo o leve a essa asneira. A situação

Mena Barreto

João de Deus Mena Barreto, um dos membros da junta governativa; interventor do RJ (1931).

Johnson Ferreira

João Ferreira Johnson, sub-chefe do EME.

Pedro Ernesto

Pedro Ernesto Batista, um dos fundadores do Clube 3 de Outubro, era chefe de polícia do DF.

General-Cidadão Rabelo

refere-se a Manoel Rabelo, interv. fed. em São Paulo (1931-1932).

Secretário da Justiça de S. Paulo

Waldemar Martins Ferreira.

Morato

Francisco Morato, fundador do PD de S. Paulo.

Alencastro Guimarães

Napoleão de Alencastro Guimarães, Rev. de 1930 foi min. de Viação e Obras Públicas.

Raul Fernandes

participou da campanha da AL. Com a vitória da Rev. de 1930, foi nomeado consultor-geral da República (1932).

Moniz Sodré

Antônio Moniz Sodré de Aragão, redator-chefe do jornal *Diário da Bahia*.

Protógenes

Protógenes Pereira Guimarães, min. da Marinha (1931-1935).

Paulo da Silveira

Paulo M. de Assis Silveira, foi adido no Consulado de Primeira Classe em Roma.

J.
João Mangabeira.

Carlos
Carlos Mangabeira,
irmão de Octávio.
Era farmacêutico em
Bagé (RS), pertenceu ao
PR gaúcho de Borges de
Medeiros e depois PRL
de Flores da Cunha.

Rocha
Francisco Joaquim da
Rocha, chefe político
baiano da região
de Barreiras.

Alvinho
refere-se a Álvaro Pimen-
ta da Cunha, farmacêuti-
co e bancário, irmão do
ex-prefeito de Salvador
Arnaldo Pimenta da
Cunha (1931-1932).

da prefeitura com a Circular tomou novo rumo com a designação da comissão arbitradora sob a presidência do interventor ou pessoa que ele indicar. Mas o Pimenta já disse que se o arbitramento for contrário a ele deixará o cargo.

Suas irmãs me disseram ter recebido carta de J. narrando que o Carlos conversara com o general e este dissera achar que você não devia voltar tão cedo. Adianto isto porque elas ficaram de lhe transmitir essa notícia. O Rocha está aqui e me disse que tem trabalhado para criar, aqui, em torno do seu nome uma boa situação para a chegada.

Vou suspender e deixar o resto para a tarde.

3 da tarde. Nada de importante a acrescentar. Confabulações muita lá pelo Rio e nada mais. Todos esperam uma real modificação no governo, ficando os tenentes ou “a esquerda revolucionária” com o prestígio enfraquecido.

Os nossos, todos, de boa saúde, tanto os daqui como os do Rio.

Dei a tia Honorina a carta de Esther e li para todos a de Mangabeira em que dizia dos inconvenientes de irem para a Mangueira. Acharam justas as razões. Apenas Alvinho não as achou assim.

O Silvano piorando dia a dia. Faz agora, no dia 19, seis meses que ele foi operado e o prazo de vida que lhe deu o Fernando Luz foi de 6 meses.

É só, por hoje. Abraços para Edyla e muitas lembranças, para vocês, de Georgina e dos meninos.

Está desmentida a demissão do Pedro Ernesto.

(Ewaldó Pinho)

BAHIA, 18 DE JUNHO DE 1932

Mangabeira e Esther,

Se vocês tivessem chegado aqui ontem, teriam passado pelo aborrecimento de assistirem ao enterro do Silvano. Ele morreu às 3 da madrugada de ontem e enterrou-se às 4 da tarde, nas Quintas. A chegada aqui ontem, se não houvesse o adiamento, seria um insucesso, por todos os motivos. Ele morreu em perfeito estado de espírito. Apenas 24 horas antes falava com dificuldade, imperceptivelmente. Enterro muito concorrido. Pus uma grande coroa de biscuit, em nome de Mangabeira, com a inscrição: “Ao bom e dedicado amigo Silvano, saudade e gratidão, de Octávio Mangabeira”. O Bahia pôs outra em nome dos amigos e correligionários políticos. O Silvano, na antevéspera da morte, me pediu cuidasse do montepio dele. Falou em seu nome, chorando, e pediu-me desse um beijo. Era de fato um grande amigo seu. Não lhe dei mais a ler o seu último bilhete. Ele estava tão mal que receei o bilhete, o comovendo, precipitasse o desfecho. Todos, se ele recebia, beijava com lágrimas nos olhos. A família não fica desamparada de recursos. Tem a chácara onde ele morava, no Cabula, uma pequena roça na Boca do Rio, dois montepios, um de Gerente de Caixa e outro de ex-funcionário estadual. E ouvi dizer deixou também uma casinha na Soledade.

Notícias de hoje, chegadas pela manhã para a Agência União e ainda não publicadas: o Morato, em nome das frentes únicas do Rio Grande, de São Paulo e de Minas, exigiu de Gegé a recomposição do Ministério, com elementos dessas frentes. O Gegé concedeu a demissão pedida pelo Leite de Castro, falando-se, para substituí-lo, em Tasso Fragoso e Johnson. Também o Morato exigiu ainda a demissão do João Alberto e do Pedro Ernesto. Disse como certo o convite e aceitação do Flores da Cunha para a Pasta da Justiça, indo para interventoria do Rio Grande, o Maurício Cardoso. Como este impõem condições, diz-se que, não sendo ele, será o Sinval Saldanha. É uma baralhada em que ninguém toma pé. Mas não há dúvida que a tal esquerda revolucionária esteja perdendo terreno. Se já não perdeu de todo.

Aqui a questão da Circular com a Prefeitura parece será resolvida por arbitramento. O árbitro do prefeito é o Américo Simas. O da Cir-

Bahia

Eutychio Bahia, representante político de Octávio Mangabeira durante o exílio.

Leite de Castro

José Fernandes Leite de Castro, min. da Guerra (1930-1932).

Tasso Fragoso

gal. Augusto Tasso Fragoso, comandante do Estado Maior do Exército (1931-1933)

Johnson

João Johnson Ferreira, subchefe do Estado Maior do Exército.

Morato

Francisco Antonio de Almeida Morato, um dos fundadores da Frente Única Paulista e Rev. de 1932.

Pedro Ernesto

interventor do Distrito Federal.

Sinval Saldanha

advogado e político, foi sec. do Interior do gov. Flores da Cunha (1930-1935)

Conselheiro Pondé
des. Ezequiel de
Souza Pondé.

Pimenta
Arnaldo Pimenta da
Cunha, ex. prefeito de
Salvador (1931-1932).

Waldemiro
Waldemiro Montenegro
de Oliveira, engenheiro
civil e advogado.

Calmon
Miguel Calmon
du Pin e Almeida,
engenheiro e político.

Neves
João Neves da Fontoura,
Rev. 1932.

Um Bahia
(filho mais moço
do Amado Bahia)
Francisco Amado Bahia.

Leopoldo
Leopoldo do Amaral,
engenheiro, inter. fed. da
Bahia (1930-1931).

Moniz Sodré
Antônio Moniz Sodré de
Aragão, redator-chefe do
jornal *Diário da Bahia*.

Whitaker
José Maria Whitaker,
advogado, banqueiro e
político. Tesoureiro da
Campanha do Ouro que
angariava fundos para o
Mov. Const. de 32.

cular, o Sabino Pereira, atual presidente do Instituto dos Advogados. O desempatador, designado pelo interventor, é o Conselheiro Pondé. Tem-se a impressão de que o interventor não prestigia o prefeito. Pelo menos não o tem prestigiado, na polêmica pela imprensa. Agora a campanha contra o prefeito se faz também pela imprensa do Rio. O Pimenta está uma pilha de força. Ele pediu a colaboração do Waldemiro, por indicação de Pondé, antes de este ser indicado arbitro. O Monteiro passou a prestigiar o Pimenta no seu jornal.

Notícias de boa fonte dão como organizada a frente única baiana com você e João, Simões, Lago, Seabra e Calmon, tendo constado que este relutara um pouco mais, afinal decidiu-se. Consta também que o Simões, daqui, saiu em virtude de carta do Neves. Um Bahia (filho do Amado Bahia) o mais moço, que fora nomeado pelo Leopoldo, prefeito da Mata de São João e foi demitido pelo Juracy, comprou o *Diário da Bahia*, ou entrou com dinheiro para isso. Consta ainda que essa gazeta será o órgão oficial da frente única, sob a direção do Moniz Sodré, que virá para cá. Não posso afirmar a veracidade de tais notícias. A que parece com fundamento é a da frente única. Não creio venha para cá o Sodré. Falei agora (3 da tarde) com o Mário. Disse ter telegrafado, afirmando que o Flores vai para a Justiça, com as condições de ir o Cardoso para a interventoria do Rio Grande e de serem feitas modificações radicais na situação política. O Cardoso, por sua vez, só aceita a interventoria em virtude da exigência do Flores. Parece que o Aranha deixa o Ministério e já se fala no Whitaker. Um telegrama do *Imparcial* de hoje dizia que o Flores aceitara com a condição de ser convocada a Constituinte para Outubro deste ano. Recebi sua carta do dia 11 deste. O telegrama que eu pedi não veio até agora. Não é possível tomar-se aqui nenhuma providência relativa à sua recepção sem um telegrama seu confirmando o embarque no dia 16 de julho. Assim, pois, nada faremos sem que venham os abraços para Agricuna. Com toda franqueza. Não vejo aqui na Bahia quem esteja em condições de ter opinião segura, opinião que se possa seguir, sobre a oportunidade de sua vinda. Parece que daqui a um mês a situação estará clara. Não creio que tal esquerda revolucionária possa impor coisa alguma. A nomeação do Flores para a Justiça, ele que foi a primeira voz a favor da Constituinte, é significativa. A não ser que ele seja um cafajeste. E se o é, você o sabe. A exigência de modificação radical na situação política,

não é a entrega dos governos do norte aos civis e o afastamento do Ernesto e do Alberto dos cargos que ocupam? Sendo difícil obter aqui uma opinião valiosa sobre a oportunidade de sua vinda, o jeito é você seguir ou opinião dos amigos do Rio ou, pelos fatos que lhe narram, deliberar por si mesmo.

Do Rio as notícias, quanto à saúde dos nossos, são boas. Muita gripe, tanto lá como aqui. Tia Honorina recebeu a carta de Esther e já mandei dizer. Achou razoáveis as ponderações de Mangabeira. Tia Julinha e os dela vão bem. Recebi Esther, a correspondência que veio pelo Dantas. Atanázia está boa e em nossa companhia. Isto é, mora conosco. Trabalha na rua, mas dorme e come lá em casa.

Estou com vontade de passar 4 ou 5 dias da próxima semana (festas de São João) em Busca Vida.

O Gesteira me falara na sugestão feita a Mangabeira para falar no rádio dia 16 deste, acrescentando que caso não pudesse, avisasse. Não vindo aviso, preparamo-nos todos para ouvi-lo. E eu, avisei para o Rio a possibilidade de você ser ouvido. Gastei os cobres. E gastamos o tempo. O Álvaro, para isso chegou a fazer montar um aparelho na Mangueira. Um *bleuf* geral.

Um amigo nosso conversou com o feitor pela primeira vez, esta semana. Falou este, sobre a necessidade de se reunificar os valores da terra a fim de lhe prestarem serviço, mesmo os que acompanhavam por amizade ou simpatia elementos decaídos. Nosso amigo disse que havia entre os decaídos elementos aproveitáveis. Ele perguntou quais eram e antes da resposta, tornou a perguntar: “O destemido? Mas este é um safado.” (textual). O nosso amigo que tem pelo safado suas simpatias, também ficou safado. Mas, disse, “Temos também o Octávio Mangabeira.” ele, um pouco constrangidamente, concordou, mas acrescentou, “mas tem uma esteira ruim, um grupo de gente que só vive de empregos, gente sem independência e pouca.” O nosso amigo replicou que achava ele estava enganado, que procurasse sindicá-lo bem, que você gozava de grande simpatia, em toda a Bahia, não só na cidade como no interior. Notou porém que o homenzinho não ficou muito contente. Parece que está modificando as impressões a seu respeito. Conseqüências da inabilidade do Pontes. Os políticos que rodeiam o feitor parecem o convencerem de que a ascendência do Pontes seria a sua ascendência.

Dantas

Luis Martins de Souza
Dantas embaixador
do Brasil na França
(1822-1943).

destemido

cognome referente a
Ernesto Simões Filho,
dono do jornal *A Tarde*.

E daí a necessidade de cortar as asas a este. Esta minha opinião. Outros pensam que ele procura desprestigiar o Pontes por despeito; devido ao prestígio de que este está gozando nas classes populares.

Telegrama do *Diário de Notícias*, diz que o Calmon contestou a existência da frente única baiana. Chega por hoje. São horas de fechar a mala.

Esther, Georgina não lhe tem escrito porque teve gripe duas vezes, seguidamente, e ficou muito abatida. Agora ela está melhorada. Abraços para Edyla.

(Ewald Pinho)



Ezequiel Pondé



Ernesto Simões Filho

(SALVADOR), 1 DE JULHO DE 1932

Mangabeira e Esther

Não escrevi no último sábado porque fomos passar o São João em Busca Vida, de onde só voltamos no dia 27, segunda-feira. Recebi a carta do dia 18 de junho. Basta o aviso da partida, daí venha com um mês de antecedência sobre a data da chegada. De referência a Una, o meu interesse estava se realizasse o negócio com os alemães, porque Epifânio havia assentado teria eu vantagem material na transação, além disso como aos alemães não interessaria a serraria que a empresa Una tem aqui na cidade, seria, obtida aquela vantagem, possível eu ficar com a serraria. Os negócios da Una aqui na Bahia corriam regularmente, não obstante da Europa não nos prestaram nenhum auxílio pecuniário que nos permitiriam ampliar tais negócios. Eles, aí, contraíram um empréstimo de trezentos contos, para pagarem dentro de um ano em francos belgas, que, ao vencimento, em novembro do ano passado, equivaliam a mais de quinhentos. Não tendo eles satisfeito a obrigação, nem sendo possível a nós aqui, satisfaze-la, a prestamista, *Societé Anonyme Mutulle Mobilière*, com sede em Anvers, mandou executar a hipoteca, constituindo advogado Guerreiro de Castro. Epifânio conseguiu prorrogação por 6 meses que findam em 31 de Julho. Ao fazer isso já ele estava em entendimento com o Burlet e vindo embora, deixou-o incumbido de prosseguir nas damarches. Executada a hipoteca, não creio os bens da Una, que valem no mínimo 800.000\$ alcancem a importância do debito. É possível que a credora fique com os bens para organizar nova empresa. Mais provável porém, dada à situação da Europa e também do nosso país, é que eles sejam vendidos a quem mais der. Numa ou noutra hipótese, eu ficarei sem esse achego, sem o qual minha situação será muito má, uma vez que se rendas do cartório não dão nem para a metade das minhas despesas indispensáveis. Conhecerá o Burlet o presidente da *Mutuelle Mobilière*, o Barão *De Launoit*, de Bruxelas? Talvez pudesse eu saber quais as intenções da *Mutuelle* e obter uma recomendação que me pudesse ser útil. Peço-lhe se interesse pelo caso. Tratei até agora de mim. Mudemos de assunto. É difícil transmitir impressões da política do país. A última, de mais sucesso, é o rompimento das frentes únicas do R.

Una
S. A. Agrícola de Una.

Anvers
Antuérpia, cidade
da Bélgica.

Epifânio
Epifânio Fernandes
Tude de Souza.

Burlet
advogado, representou
a empresa Agrícola Una
S/A na negociação para
a quitação de emprés-
timos efetuados junto a
*Societé Anonyme Mutulle
Mobilière*.

Marechal Espírito Santo Cardoso

Augusto Inácio do Espírito Santo Cardoso, min. da Guerra.

João Neves

João Neves da Fontoura, advogado, jornalista, diplomata e político. Exerceu o cargo de consultor jurídico do Banco do Brasil (1932).

O RADICAL

jornal carioca fundado por João Alberto Lins de Barros.

Pedro de Toledo

Pedro Manuel de Toledo, interv. em São Paulo (1932).

Miguel

Miguel Calmon, foi min. da Agricultura, Indústria e Comércio no governo Artur Bernardes (1922-1926).

mulher do Pontes

refere-se a Marieta Gonçalves do Passo Cunha.

Pachecos

refere-se aos irmãos João e Vicente Pacheco de Oliveira.

Grande e de S. Paulo com o Getúlio. Assentada a modificação total do ministério que seria reorganizado com elementos do R. Grande, S. Paulo e Minas, exonerou-se o Leite de Castro, sendo nomeado para substituí-lo o Marechal Espírito Santo Cardoso, pessoa de confiança e indicada pelos revolucionários da Esquerda com que fosse ouvido o João Neves, representante daqueles estados. Foi a causa, ao menos declarada, do rompimento. O que tem causado surpresa é a notícia do *O RADICAL*, Jornal Revolucionário, de que, após o rompimento, o Flores da Cunha telegrafou ao Presidente protestando solidariedade. Está uma trapalhada horrível. Fala-se que o governo quer demitir o Pedro de Toledo; que as frentes únicas paulistas organizam a militância civil, na qual já se transcreveram mais de vinte mil pessoas. De referência à Bahia muito se propala que está organizada a frente única, na qual não entrou o Miguel, porque, entre ele e o Seabra havia os cadáveres dos dois irmãos. Há três dias o interventor disse ao Pontes que a frente única baiana estava organizada, a luta ia se travar e que indispensável era este se deliberasse a colaborar politicamente. Você deve estar lembrado de que lhe mandei dizer a respeito da conversa que o interventor teve com a mulher do Pontes. Depois dessa conversa e antes da de três dias, ele teve oportunidade de falar a respeito com o Pontes. Este, das duas vezes respondeu que fora chamado para administrar e não para fazer política, de que não entendia, para o que não tinha jeito, onde sabia seria um verdadeiro desastre; que seria preferível pusesse no lugar dele pessoa capaz de fazer política. O que compreendo que o interventor ou quer obrigá-lo a uma manifestação elaborada de solidariedade política, receoso das relações dele com você, ou quer aproveitar-se da questão da Circular e obter, em troca de apoio que lhe deve dar, o apoio político que lhe será valioso. Ontem conversei demoradamente com o Consultor do Comércio. Este está organizando “O Grêmio Político do Comércio”. Esta agremiação, criada sob inspiração do Interventor, tem por fim prestigiá-lo. Parece irá avante, apesar de ser por muitos combatido, inclusive pelo *Diário de Notícias*. A impressão do dito consultor é que o Pontes perdeu completamente a influência de que gozava sobre o interventor; e que a causa foi a falta de tato nas manifestações de amizade e gratidão a você. Deu margem às explorações dos Pachecos, Medeiros, etc. Eu disse ao Consultor que essa era minha impressão. Ele me falou ainda



Miguel Calmon



João Pacheco de Oliveira



J. J. Seabra

a respeito da frente única baiana, dizendo não querer acreditar você se aliasse ao Seabra e ao Simões. Que ele vem há muito preparando o espírito do interventor, mas sem demonstrações inoportunas, criando um ambiente que possa futuramente ser útil. Que, sem referir nomes, tem feito ver, entre os decaídos, elementos de valor necessários. Que tudo isso tem feito tendo em mira sua personalidade. De referência à sua chegada, disse que se esta for feita de acordo com o programa já traçado, poderemos contar inteiramente com ele. É corrente, está organizada a frente única baiana. O M. M. mostrou-me carta do proprietário da gazeta em que aquele escreve, dizendo que as conferências entre Simões, Lago e João Neves eram constantes, que o prestígio do Seabra no R. Grande é grande e que, vencida a esquerda revolucionária, a ele seria dada toda a força na Bahia, convindo prestigiá-lo pela gazeta, mas sem prejudicar você, que continuava visto com muitas simpatias por todas as correntes. Achei conveniente conversar com o Bião para colher impressões e lhe transmitir. Aliando esse interesse ao de rever Alagoinhas e mostra-lo a Georgina, convidei o seu representante para irmos hoje até lá, dizendo-lhe fazia questão

Seabra

José Joaquim Seabra, governador da Bahia (1912-1916; 1920-1924). Fez oposição a Juracy Magalhães, integrando a *Campanha Autonomista* (1932).

M. M.

Mário Monteiro, redator-chefe do *Imparcial*.

Lago

Pedro Francisco Rodrigues Lago, exilou-se em fins de 1931.

Francisco Bahia

Francisco Amado Soares
Bahia, proprietário do
jornal *Diário da Bahia*
(1932).

Lauro Vilas-Boas

Lauro Lopes Vilas-
Boas, advogado, político,
seabrista.

**questão Prefeitura
versus Circular**

resultante da oposição
do Prefeito ao aumento
de preço das passagens
de bondes e elevadores.

Sabóia de Medeiros

José Sabóia Viriato de
Medeiros, advogado no
Rio de Janeiro.

Consultor Técnico

Oscar Weinschenck,
engenheiro de prestígio
nacional.

disso porque é ele quem politicamente aqui lhe representa. Ainda não sabe se vão porque tem em casa um sobrinho da mulher, seriamente doente. Irei hoje, pois, a Alagoinhas. (a 2 de Julho) o serviço telegráfico do *Imparcial* divulga haver o *Globo* afirmado que, não só o Flores da Cunha, mas também os comandantes da Região da Brigada Policial e da Guarda Civil do R. Grande telegrafaram ao Getúlio, protestando solidariedade. Os libertadores estão indignados, muito se receia o rompimento destes com o governo do R. Grande. – O *Diário da Bahia* ficou arrendado ao Francisco Bahia, amigo do Seabra. Dirige-o atualmente o Lauro Vilas-Boas. – Houve uma modificação no tribunal arbitral, constituído para resolver a questão Prefeitura versus Circular. O arbitro da prefeitura é o Metódio Coelho, passando o Simas para Consultor Técnico. O arbitro da Circular é o Sabóia de Medeiros e o Consultor Técnico é o Diretor da Inspetoria de Portos, Rios e Canaes, cujo nome ignoro.

(Eivaldo Pinho)

PARIS, 2 DE JULHO DE 1932

(confidencial)

Meu caro Pimenta:

Recebi seu cartão de que foi portador o Dr. Mesquita. Acompanho de longe a sua atividade e já os cartões que recebi, já pessoas que vem do Brasil, especialmente do Rio, não fazem senão elogios aos relevantes serviços que vai você prestando à nossa terra, o que é sempre para mim motivo de prazer. Ontem jantamos em um restaurante com o Hélio Lobo e a senhora. Seu nome foi lembrado. Não me arrependo de ter chamado em tempo sua atenção para o caso do acordo financeiro. Está efetivamente verificado que a *Société Civile* não tem autoridade para nada resolver em nome dos portadores, senão daqueles que se declarem expressamente de acordo com as suas resoluções. Ora, sendo assim, e representando os portadores por ela apresentados, menos da quarta parte do total, seria sem dúvida um erro entregar desde logo aos banqueiros a totalidade dos títulos do “empréstimo de prioridade” que poderiam ser negociados, entrando, pois, os banqueiros, na posse do seu produto representado em dinheiro, passando adiante os títulos que são ao portador, sem que, entretanto, a operação principal, isto é, a conversão da dívida, estivesse de fato assegurada, visto como os demais portadores, ou pelo menos muitos dentre eles, poderiam divergir, não tendo sequer os banqueiros mais interesse no caso, por isso que já tinham recebido o total da comissão, três mil e tantos contos em títulos, a distribuir entre eles, a *société*, etc.

O Dr. Armando Mesquita, depois dos primeiros entendimentos que teve, pediu, a meu conselho, ao embaixador, que escolhesse um jurista de renome e de reputação indiscutível, para estudar o assunto. Eu mesmo ponderei ao embaixador a relevância do caso. Daí resultou um parecer, que confirma o que se sabia sobre a *société civile*. Disse-me o Dr. Mesquita que a *société* e os banqueiros insistiam em afirmar o contrário. Observei-lhe que a opinião dos leigos, e sobretudo dos interessados, não tinha maior expressão. Seria então melhor que ele, Mesquita, lhes mostrasse o parecer e lhes pedisse que trouxessem um outro, firmado igualmente por jurista idôneo, contradizendo aquele. Assim se fez, e o parecer não veio, pois o caso é de plena evidência: as resoluções sobre a

Mesquita

Armando Hora de Mesquita, advogado e jurista.

Hélio Lobo
e a senhora

diplomata e jornalista,
casado com Viola Leckie Lobo.

espécie da *société civile* só obrigam os portadores que, com ela, expressamente, se houveram comprometido.

Como os banqueiros declararam ao Dr. Mesquita que estariam prontos a assumir toda e completa responsabilidade por quaisquer danos futuros, provenientes da ação de quaisquer portadores divergentes, dei ao Dr. Mesquita a opinião de que isto seria inteiramente platônico. Por todos os motivos. Sendo, entretanto, a operação em si mesma, conveniente para o Município e, podendo os banqueiros, em todo o caso, obter com certo esforço a adesão de um número considerável de portadores, poder-se-iam talvez conciliar as causas, mediante condições, por exemplo, como estas: a) dada sempre ao grupo de portadores que a *société* representa a iniciativa da proposta, para que nunca se diga que o Município a impôs a seus credores, marcar, no contrato, um prazo para a liquidação da operação e um mínimo para o número dos títulos que devam ser convertidos, estabelecida uma pena de execução segura, para a hipótese de não cumprimento; b) pagar a comissão, embora por prestações antecipadas, nos títulos instituídos no contrato, mas gradualmente e na medida da conversão efetiva que se for executando. Assim, parece, se ficaria a saber do ludíbrio que, pelo atual acordo, seria inevitável.

Interessante é que o Estado, ao que me consta, fez um acordo análogo, creio que em maiores proporções, e, não fosse uma impugnação da Bolsa de Londres sobre questão de detalhes, já tudo estaria findo. Nem sei se a comissão já não foi paga.

Tenho também chamado a atenção do Dr. Mesquita para a existência, no Credit Français, e creio que em outro banco, segundo o sr. Bonaud se compromete a provar, de dinheiros pertencentes à municipalidade da Bahia e que nunca foram pagos aos portadores de títulos a que se destinavam. Pergunto: não seria possível, com a assistência do embaixador, fazer-se entrar o Município na posse, ou na direção de tais dinheiros, seja restituindo-os, direta ou indiretamente, aos seus cofres, seja destinando-os aos credores, mas de modo inteligente? Há dinheiro também do Estado, nas mesmas condições. São coisas que parecem inverossímeis.

Não preciso insistir sobre o caráter estritamente confidencial de tudo o que aqui lhe digo. É sempre no mesmo caráter que aqui converso

com o Dr. Mesquita, pedindo-lhe sempre a mais completa reserva. Meu interesse é unicamente o seu, e o nosso é o da Bahia. Quanto dela hoje me lembro! 2 de julho...

Vou, nestes dias, provavelmente a Vichy, e quando de lá regressar tratarei de partir para o Brasil.

Abraços a todos os seus. Saudades de

M. (Octávio Mangabeira)

Vichy
cidade localizada
a sudoeste de Paris,
famosa pelas águas.

Empréstimo de 1913		
Produto do adiantamento		5.590:793\$140
<i>Saldo do empréstimo</i>		
Em 13 de Junho (<i>British Bank</i>)		
	505:000\$000	
« 16 « «	454:500\$000	
« 2 de Agosto	503:333\$330	
« 18 « «	505:611\$100	
« 1º de Setembro	505:000\$000	
« 30 « «	503:111\$100	
« 2 de Outubro	751:128\$400	
« 27 « «	150:000\$000	
« 29 « «	504:777\$800	
(Caixa do Exercício)	74:702\$436	4.457:164\$166
<i>Pago na Europa</i>		
<i>Financial News</i> —pela publicação da mensagem do Dr. Governador Lbs. 250.		
	3:735\$408	
Pagamento em Londres no dia 25 de Julho da 1ª prestação do empréstimo de 1913 (Lbs. 17.637—10—0)		
	412:949\$409	
Pagamento em Londres, para satisfação em Paris do resgate das letras do <i>Credit Mobi-</i>		

Empréstimos do Estado da Bahia: exposição apresentada ao Sr. Dr. Governador da Bahia pelo secretário de Estado Dr. Arlindo Fragoso, 1914, p. 166.

(SALVADOR), 9 DE JULHO DE 1932

Esther e Mangabeira

Estive no domingo último em Alagoinhas. Minha terra está muito melhorada. Muito mesmo. Fui com Georgina e Dinorah. Dormimos no hotel, onde chegamos às 9 ½ da noite. No dia seguinte saímos cedo no automóvel do Bião e passeamos pela cidade. Às 11 fomos para a casa dele, onde almoçamos e só saímos à noite. Voltamos de lá às 4 ½ da madrugada de segunda. Conversei bastante com o velho amigo. Ele teve uma forte gripe que muito o abateu. Como é cauteloso, parece que resiste ainda a muitos embates. É um desiludido de política. Não crê voltemos agora à normalidade. Mesmo quanto ao seu prestígio ali e à reorganização de seu corpo eleitoral, não se mostra muito animado. Está velho, cansado, impossibilitado de trabalhar. E os seus dois auxiliares de confiança, o Carlos Azevedo e o cunhado que é dos telégrafos, têm dificuldade em prestar-lhe serviços. O primeiro porque veio para a Bahia e lá vai uma vez por outra. O segundo porque devido à função que exerce não se pode expor na quadra atual. Pelo menos é o que diz o velho amigo. É de esperar porém que com a presença, se restaurem as forças, por influência da amizade que é grande. Falei a ele do programa traçado para a recepção, mostrando-se inteiramente de acordo. Pulo a par de coisas que ignorava, dizendo-lhe o que sabia. Ele ficou de lhe escrever, talvez pela mala aérea de hoje.

Epifânio mostrou-me um carta do Burlet, na qual este se queixava de dificuldade por que vai passando, dizia que ia fazer novos esforços aí, revelava desejos de ser aproveitado pelo Ep. em qualquer serviço, mesmo que fosse em uma fazenda aqui no Brasil. Lembrei-me que dada a influência de Burlet, as simpatias de que goza no Rio, talvez fosse a ele conveniente estudar a situação da Una a ver se lhe convinha fazer negócio. Para isso, vão junto algumas notas para que, se Mangabeira achar conveniente, ele tenha uma vaga impressão do negócio. A prorrogação obtida por Ep. terminará a 31 de agosto e não 31 de julho, como mandei dizer em minha última carta. Ep. não sabe que tratei deste assunto, nem convém que saiba, porque o próprio Burlet ficou aí, por ele incumbido das démarches com os alemães. Dado que ele se possa interessar pelo negócio, convém que o faça como coisa dele,

Bião

Joaquim Climério
Dantas Bião, chefe
político de Alagoinhas.

Epifânio / Ep.

trata-se de Epifânio
Fernandes de Souza.

Burlet

advogado que represen-
tou a empresa Agrícola
Una S/A na negociação
para a quitação de
empréstimos efetuados
junto a *Société Anonyme
Mutuelle Mobilière*.

Una

S. A. Agrícola de Una,
empresa de capital belga.

espontânea. Enfim [entrego] ao tato de Mangabeira esse caso. Já disse do meu interesse. Estou absolutamente seguro de que adquiridos os haveres da Una, mesmo por 800 contos (preço que estou certo não alcançarão) e com mais 500 para compra de gado e ampliação das pastagens, seria um negócio muito bom.

Como sabe fracassaram os entendimentos entre as frentes únicas e o governo, para organização de um ministério de concentração. O Olegário fez uma tentativa, convidando os líderes das frentes únicas para a reunião em Belo Horizonte. Parece não haver possibilidade de reatamento de negociações porque os chefes gaúchos viram que serão vãos todos os esforços e se querem limitar de agora em diante a reunir os elementos capazes de colaboração, de todos os Estados, a fim de intensificar a campanha pró Constituinte. De dois dias para cá a gente está sentindo que há qualquer coisa de anormal pelas alturas. Reuniões de ministros altas horas da noite. Permanência do Ministro da Guerra, até a madrugada, no Ministério. Mudanças de comandantes de regiões. Enquanto ontem me era dada a notícia de que estourara um movimento em Mato Grosso, chefiado pelo Klinger, hoje o *"Imparcial"* noticia que ele foi chamado com urgência pelo Ministro da Guerra.

Ontem à noite o Pontes, que estivera com o feitor, me disse que tinha novidade. Não podia dá-la pelo telefone. Vou procurá-lo para saber qual é, a fim de lha transmitir por esta.

Ele Pontes muito atrapalhado. Tem metido os pés pelas mãos. Seu telegrama sobre o empréstimo foi-lhe mostrado no mesmo dia. Ele ficou muito satisfeito. Depois da conversa que tive com o Consultor do Comércio, sobre a qual já falei, conversei também com o advogado que já voltou do Rio e não quis pegar em pão com formiga; não aceitou a Secretaria da Justiça. Ele deu-me a entender a quanta irritação causou a notícia de que se organizara a frente única baiana. Agora o C.S. da agência União, confirma a notícia do movimento em Mato Grosso, acrescentando que foi deposto o interventor; que todas as forças aquarteladas naquele Estado estão rebeladas; que já Goiás foi invadido; que o Klinger tem radiografado a todas as guarnições dos outros Estados pedindo apoio para derrubar o governo atual, entregando o país a um que represente a vontade do país. Tais notícias, segundo o informante, vêm do comando da região. Acrescentou que consta estar o L. C. Prestes também em Mato Grosso. Esta notícia (a que não dou crédito)

Olegário

Olegário Dias Maciel, octogenário governador de Minas Gerais, único gov. a permanecer no posto após Rev. de 1930.

Ministro da Guerra

refere-se a Augusto Inácio do Espírito Santo Cardoso.

Klinger

Bertoldo Klinger, militar que apoiou Vargas na Rev. de 1930.

Consultor do Comércio

refere-se a Pedro Sá, comerciante, consultor do Estado no setor comercial (1932-1936).

advogado

refere-se a João Marques dos Reis.

C.S.

refere-se a Carlos Spínola, jornalista, trabalhou nas agências União, Vitória e United Press International, e diversos jornais.

L. C. Prestes

Luis Carlos Prestes, militar comunista, liderou a Coluna Prestes, através do Brasil, 1927.

J. Neves

João Neves de Fontoura, participou ativamente no Movimento Constitucionalista de SP (1932).

J. Alberto

João Alberto Lins de Barros, chefe de polícia do RJ (1932).

Tapiranga

mons. Elpídio Tapiranga. Eclesiástico e escritor.

José Américo

refere-se a acidente aéreo em Salvador, no qual entre as vítimas estava o min. da Viação José Américo que permaneceu em SSA para se recuperar.

é desagradável. Estão suspensos, pelo governo local, dois jornais no Maranhão. No Rio Grande do Norte o próprio chefe de polícia chefiou o empastelamento de um jornal. Quando era, a semana passada, mais agitada o movimento no Rio pela reorganização do ministério, tenentes cogitaram de seqüestrar o J. Neves, não o fazendo devido à intervenção do J. Alberto. Vou suspender esta, deixando para concluí-la à tarde. Até logo.

3 da tarde. Telegramas do Rio informam o seguinte: Partiram com urgência para Minas (Belo Horizonte) e para São Paulo, os generais recém nomeados para as regiões, cujos nomes não me ocorrem. Essas nomeações são de 2 ou 3 dias. O Comandante da Região do Paraná, para lá seguiu de avião, hoje. O *Correio da Manhã* noticia que o Klinger foi reformado administrativamente. O J. Alberto forneceu nota à imprensa, informando que tendo o Klinger passado um telegrama desrespeitoso ao Ministro da Guerra, este mandou censurá-lo energicamente, determinando passasse o comando da região ao Cel. F. tendo isto se realizado normalmente. Estive com o Pontes que confirmou a notícia do movimento (era a novidade de que ontem à noite me falara) acrescentando que aqui se tomavam medidas preventivas, tendo se recomendado que até o corpo de bombeiros ficasse de prontidão.

O Tapiranga melhorou. Do Rio, dos nossos, as notícias são sem importância. Todos bons. Apenas Edgard aborrecido com os negócios e principalmente com a tal fazenda de Petrópolis, onde mais uma vez entraram roubando tudo e agora arrebatando o que não puderam levar.

Se houver de fato, agora, um movimento revolucionário, é que não parece conveniente a vinda de vocês. Sei que aqui o chefe da terra anda muito zangado. O José Américo ainda aqui na Bahia, constando porém que viajará dentro de poucos dias.

Estou sempre com o Bahia a quem digo o que sei e que também me diz o que sabe.

(Ewald Pinho)

PEQUIM, 13 DE JULHO DE 1932

Meu caro Sr. Ministro,

Fui surpreendido ante-ontem, à hora do jantar, com um telegrama do Governo, anunciando um movimento em S. Paulo. Não tenho cesado, depois disso, de receber outros telegramas, inclusive um com um longo manifesto do Getúlio. O primeiro despacho não continha muitos pormenores, de modo que supuz que fosse um movimento de tenentes, contra a volta do país à normalidade. Mas, vi, em seguida, que ao contrário, se trata de um movimento pró-constitucionalista.

Não tenho, há muito tempo, notícias do Brasil. Fui, portanto, como disse, verdadeiramente surpreendido. Os acontecimentos parecem-me graves porque, não obstante o Governo reiterar as suas declarações de que conta com o apoio de todo o exército, de toda a marinha e de todos os interventores, já se lá vão quatro dias que estourou a bernarda e não vejo sinais de que ela esteja sendo dominada. Começo a crer que o movimento é paulista e popular, em vez de puramente militar. Ora, se o Getúlio, como o Washington, conta que os generais se irão bater para tomar S. Paulo, acho duvidoso o resultado para o governo provisório. Na melhor hipótese, a coisa acabará num acordo com os revoltosos.

As informações do Governo, que V.Ex., talvez conheça pela Embaixada aí, dizem que os civis, cabeças do movimento, são políticos do antigo regime. Parece-me isso pouco verossímil porque, ao que me consta, eles haviam constituído uma frente única em S. Paulo e assinado um acordo com o João Neves. Nessas condições, os civis que tomaram parte no movimento devem pertencer a uma geração mais moça. Não lhe parece? O telegrama do Governo não cita, aliás, um só nome, o que me parece assaz estranho.

Não sei o que daria para saber exatamente o que há e poder, assim, formar uma idéia da qual possa ver o desenvolver dos acontecimentos. A força do movimento paulista está em que, conforme me disse Maurício Nabuco, em carta de 13 de maio, só há uma causa certa no Brasil, em matéria de política, isto é, o desejo quase máximo de que o país seja restituído à ordem legal. Se assim é, o incêndio pode alastrar-se, na hipótese de S. Paulo resistir dez dias.

João Neves
João Neves da
Fontoura, representou
a FUG na negociação
com o governo provisório
para evitar o Mov. Const.
Rev. de 1932.

Maurício Nabuco
foi oficial-de-gabinete do
ministro Octávio Manga-
beira (1926-1930).

Ah! Se V.Ex.pudesse escrever, esclarecendo-me!

Minha mulher envia atenciosos cumprimentos à V.Exa. e à madame Mangabeira, a quem apresenta as mais respeitosas homenagens. Saudades à Edyla. E aceite um abraço e os protestos do profundo respeito com que sou

De Vossa Excelência amigo, admirador e menor criado

P. Leão Veloso

Pedro Leão Veloso Neto,
diplomata, foi chefe
de gabinete do min.
Octávio Mangabeira.

P. Leão Veloso



Pedro Leão Veloso Neto, embaixador extraordinário do Brasil na China, ministro do Brasil na China, atualmente servindo como chefe de gabinete do sr. ministro das Relações Exteriores. (*Revista Fon-Fon*, 23.8.1930, p. 48)

(SALVADOR), 16 DE JULHO DE 1932

Mangabeira e Esther

Em a carta do último sábado eu falei no movimento das forças federais aquarteladas em Mato Grosso. Nesse mesmo dia, forças federais de S. Paulo, aliadas à milícia estadual e ao povo, aclamaram o P. Toledo governador do Estado e declararam luta ao governo provisório.

Está o Brasil em luta fratricida... E parece bastante séria. As primeiras escaramuças tiveram lugar de ontem para cá. Uma em Itatiaia, S. Paulo, quase fronteira com o Estado do Rio e outra nas proximidades de Angra dos Reis, entre fuzileiros navais e força do “Exército Constitucionalista”. Na primeira, divulgada pelo governo, foram aprisionados 3 rebeldes; na segunda, estes foram vencedores. Esta não foi divulgada. Só o foi a primeira. Um segundo tomo de Viana do Castelo, correto e aumentado se incumbe de dar notícias falsas ao país. De começo espalharam aos quatro ventos que haviam tomado Santos. Depois eles mesmos desmentiram esta notícia. Hoje o rádio tudo espalha. Todas as noites ouvimos S. Paulo irradiar. Há aqui grande interesse por isto. Temos ouvido da Mangueira e da casa de Heitor.

Ontem ouvimos o Bertoldo Klinger, generalíssimo das forças do “Exército Constitucionalista”. Fazem proclamações os grandes intelectuais paulistas. Fazem apelos aos seus conterrâneos, filhos de outros estados lá residentes. Ontem falou aos baianos o Álvaro Brito, filho do Alfredo Brito, casado com uma filha do Alberto Muiyaert. São Paulo toma providências seguras. Age como uma nação em tempo de guerra. Todas as suas providências são irradiadas. O primeiro regimento mandado à fronteira do Paraná contra S. Paulo confraternizou com os constitucionalistas e almoçou em Itararé. Travou-se afinal assim a *célebre batalha de out. de 30?* Ontem ouvimos falar pelo rádio, concitando os aviadores militares a deixarem o governo provisório, o tenente Mota Lima, aviador do exército, que ontem mesmo às 3 da tarde, fugira com o seu aparelho do Campo dos Afonsos e fora aderir. E essa gente é como ganso. Quando um sai, saem os outros atrás.

Não há, aqui, notícias do Simões, do Lago, nem do Seabra, nem do Sodré. Se não estão refugiados, estão presos. O chefe supremo das for-

P. Toledo

Pedro Manuel de Toledo, fundou o PR no município de São José do Além Paraíba (MG), interv. em São Paulo (1932).

Viana do Castelo

Augusto Viana do Castelo, político mineiro, min. no gov. Washington Luís (1926-1930).

Heitor

Heitor Frões, intelectual, membro da ALB.

Alfredo Brito

Alfredo Tomé de Brito foi diretor da Faculdade de Medicina da Bahia (1901-1908).

Alberto Muiyaert

pianista, maestro e intelectual.

Isidoro

gal. Isidoro Dias Lopes, comandante da 2ª RM (1931), foi o chefe militar do movimento de 1932.

Firmino Borba

Firmino Antonio Borba, militar, comandou a Força Pública de Minas Gerais na revolução de 1932.

Vasconcelos

José Luis Pereira de Vasconcelos, militar, adido do Departamento de Guerra, com. da 2ª RM - SP (1932).

Pantaleão Teles

Pantaleão Teles Ferreira, militar, gal-de-divisão (1931), revolucionário (1932).

D. Becker

Dom João Becker, arcebispo de Porto Alegre.

ças de São Paulo é o Klinger. Subchefe o Isidoro. São maiores o Cel. Euclides Teixeira e o major Lupércio ou Lupatércio de Rezende. Diz-se que oficiais de muito valor. O M. Costa preso em S. Paulo. Nas vésperas de estourar o movimento tinham sido nomeados para comandar a 2ª e a 3ª regiões, o Firmino Borba e o Vasconcelos. Foram logo destituídos e presos. Parece estão, também, presos o Tasso Fragoso e o Pantaleão Teles. Talvez receio de que queiram constituir nova junta... Mas a coisa está preta e bem preta, para o Gegé. Já os telegramas de ontem diziam que D. Becker se entendia com D. Leme no sentido de alcançarem uma fórmula conciliatória. E se D. Leme entra só, não é para encomendar, porque o que se encomenda é a alma, o que no homem não há. E o povo quando sabe que há gente doente em uma casa e sabendo da visita do Padre dá o camarada como morto. E o próprio camarada trata logo de fazer as últimas declarações. O movimento de tropa é intenso; já daqui saiu o 19, único do exército aqui aquartelado; sendo quase certo que embarcará hoje o 1º batalhão da polícia. Dão guarda às repartições, a guarda civil e os bombeiros. Organiza-se uma guarda cívica. Dos nossos, do Rio, nestes últimos dias, depois da revolução, não tenho notícias. A última foi em carta de mamãe para tia Julinha, recebida há 5 dias, e nessa carta ela falava em força de cavalaria e metralhadoras na rua. Isto em Niterói, há mais de 8 dias, portanto. Vocês estão longe. Deviam ficar mais perto. Seria esplêndido se pudessem ficar esperando os acontecimentos em Uruguai. Mas também este nosso vizinho cortou relações diplomáticas com a Argentina... Mando com esta uma notícia em que se pretende explicar a atitude do Rio Grande. Ninguém entende os gaúchos. O Borges e o Pilla consultaram S. Paulo como receberia a interferência deles para uma conciliação.

(Ewald Pinho)

(SALVADOR), 22 DE JULHO DE 1932

Mangabeira e Esther

Escrevo sem saber ainda se a censura permitirá. Pelo avião de sábado último, até às 4 da tarde, diziam da agência não haver censura. Amanhã não sei se haverá. Acabo de receber o telegrama de ontem com o recado para o Pontes. Mas o Arnaldo não é mais prefeito. Teve que sair. Em linguagem clara: foi posto fora. Havia muito notava-se que ele desagradava. A mim chegavam notícias de conversas nas quais eram feitas críticas, inclusive com pessoas que não eram da administração. Jornais eram proibidos de dar notas de elogios. Ele porém não compreendia; ou não queria compreender. Eu mesmo fui abrir-lhe os olhos e respondeu-me não querer saber dessas coisas, mas fez-lo de tal modo que me vi obrigado a científicá-lo de que nesse aviso devia ter apenas o meu interesse por ele, e nenhum outro interesse. Voltando atrás, mostrou-se agradecido. Mas continuou surdo e cego ao trabalho dos que queriam inutilizá-lo. Veio a revolução e continuou alheio às tramas, ao trabalho dos Pachecos, quase não indo ao Palácio e desinteressando-se dos acontecimentos. Nomeava (grave erro) para comandar o Corpo de Bombeiros um tenente de esquerda, que viera do Gabinete do Interventor. Esse tenente provocou um atrito e desrespeitou-o. Ele quis demiti-lo e teve a fraqueza de comunicar o seu propósito ao Interventor, que deu razão ao tenente e declarou não combinar com a demissão. Ele então deu, por carta, sua demissão, que foi logo aceita. Mas como não bastasse isso, foi mandado para substituí-lo, o Aurélio de Menezes, funcionário da prefeitura que se indispusera com o Arnaldo, a quem este suspendera; que recorrera dessa suspensão para o Interventor que deste recebera, em despacho ao recurso, forte censura, por escrito. É do mundo... Bem disse Esther que ele não se fiasse. Recebeu visitas muitas e de gente de toda espécie, mas nenhuma manifestação pública. E mesmo que quisesse fazer manifestação o governo não permitiria.

Estamos em verdadeira guerra civil. Muito triste a situação de nossa terra. Aqui passam diariamente batalhões do exército e de polícia dos Estados do Norte. Daqui já seguiram o 1º Batalhão da Brigada Policial e o 19 do Exército. O Governo do estado criou mais dois batalhões de polícia. Suspensão do serviço postal e telégrafo para S. Paulo e Mato

Aurélio de Menezes
ex-dir. do Depart. de
Obras Municipais, fiscal
da prefeitura junto à
Cia. Linha Circular.

Grosso. Prorrogação por 15 dias, (por enquanto) de títulos e obrigações contratuais vencíveis até 30 de agosto. Crédito e mais créditos; até agora 35 mil contos. Irmãos contra irmãos. Muito triste tudo isso. S. Paulo baixa decretos. Emite bônus de circulação obrigatória. Cria o serviço de correios e telégrafos, para os dois Estados. Navios de guerra estrangeiros forçam o bloqueio de Santos e entram nesse porto. Representantes diplomáticos dão explicações, que são logo aceitas. Os jornais cá do norte dão apenas notícias oficiais e a dá-las são obrigados. Temos notícias de S. Paulo somente pelo rádio e estas incompletas e embora menos do que as de procedência oficial, merecedoras de poucos créditos. Itararé tomado pelo exército da ditadura. Dizem notícias oficiais. Itararé não foi tomado. Afirmam as irradiações de S. Paulo. Batalhas tem havido e mortes. Estas o próprio governo não esconde. Notícias de que aviões de S. Paulo bombardeiam hospitais de sangue; que em tal lugar içaram bandeira branca e quando as forças legais se aproximam foram varridas a metralha; dizem notícias do governo. Tudo como em guerra entre nações. Mentira de todos os lados. E o Brasil sente paralisada a sua vida: fecham-se escolas, fábricas. Parece que Deus não é mais brasileiro. Repudiou sua terra e naturalizou-se noutra. As irradiações de S. Paulo demonstraram muito ânimo, muita disposição para a luta.

M. Cardoso

Maurício Cardoso, foi min. da Justiça ((1931-1932); apoiou o Mov. Const. de SP (1932).

Wenceslau Braz

Wenceslau Brás Pereira Gomes, pres. do Brasil (1914-1918), uma das figuras políticas mais consultadas sobre as principais turbulências que o país e seu estado passaram entre 1924-1934 e 1937-1947.

O. Maciel

Olegário Dias Maciel, sen. MG 1930; pres. MG 1930; interv. MG 1930-1933.

Mário Brant

Augusto Mário Caldeira Brant, dep. fed. na 1ª República; pres. Bco. Bras. 1930-1931; Rev. 1932.

Vou mandar-lhe, com esta o manifesto do Borges e do Pila. A gente sente que o Rio Grande quer prestigiar S. Paulo. De ontem para cá surgem notícias que fazem crer na possibilidade de acordo. Chegou ao Rio, como embaixador das frentes únicas do Rio Grande, o M. Cardoso. Este saiu devido à pressão do tenentismo, por não concordar com o predomínio desta corrente. E saiu como se sabe. Vem agora como embaixador da frente única gaucha. Enquanto isso, nas alterosas o Wenceslau Braz deixa o retiro de Itajubá e vai a Belo Horizonte conferenciar com todos os políticos mineiros sob a presidência do O. Maciel. Quero crer na iminência de acordo. Jornais de hoje noticiam que um emissário do Bernardes foi detido por forças getulistas e em seu poder encontradas cartas comprometedoras deste para os paulistas. Dá cunho de veracidade à notícia o nome do portador dos documentos. Por outro lado divulga-se que numa escaramuça nos limites de Minas com S. Paulo foram feitos prisioneiros dos rebeldes e entre estes um filho do Mario Brant.

Esta foi começada pela manhã e são agora 4 da tarde.

Ainda não se tem notícias do que foi resolvido na reunião de Minas.

Em ordem do dia, de ontem, o G. Monteiro, manda elogiar o comandante e oficiais de um regimento, mortos no campo de luta. E se morreram o comandante e oficiais, o que não sofreu a tropa? É tudo isso uma verdadeira desgraça.

Vi, mandados do Rio, pelo Destemido, prospectos e proclamações lançados sobre a Capital Federal por aviões de S. Paulo. Vi também uma carta daquele seu amigo. Diz que a situação é muito grave, que confia plenamente na vitória dos paulistas. E manda o verdadeiro manifesto do Medeiros e do Pila, do qual lhe mando a cópia. Imagine que o governo, depois de muitos dias, fez publicar essa peça, mas cortada. Foi a esse cortada, que acima me referi. Mas obtive depois o verdadeiro.

Vou deixar o resto para amanhã, quando espero ter novidades importantes.

Dia 23, pela manhã.

Nada de novo. Os rádios dos conhecidos nada pegaram. De S. Paulo só irradiam as notícias importantes entre 2 e 4 da madrugada. E não é grande o número dos que a tanto se dispõem. O governo geral dos Estados rebeldes é constituído do Isidoro Lopes, do Bertoldo Klinger, o F. Morato e do Pádua Sales. Sob a assinatura destes tem sido proclamado, que a revolução visa, principalmente, entregar o governo do país a uma junta, composta de 5 membros, um riograndense, um paulista, um mineiro, um do Distrito Federal e um representante do norte, elegendo esses cinco, dentre eles, um presidente; segundo, fazer entrar em vigor, imediatamente, a Constituição de 91, menos no que concerne ao legislativo; terceiro, fazer eleger imediatamente a Assembléia Constituinte.

As notícias, colhidas nas entrelinhas, fazem crer que os soldados da Ditadura tem sofrido muitas derrotas. Não há dúvida que aqui na Bahia, se houvesse uma pessoa que coordenasse todos elementos descontentes e inspirasse confiança, já se tinha posto fora o atual interventor. Imagine que dentro do Quartel General um major de engenheiros disse bem alto que a responsabilidade do atual estado de coisas na Bahia cabia aos políticos baianos que neste momento daqui se apartavam. E em tom de censura a você, disse que lhe cabia aqui achar-se, porque era o único homem capaz de levantar a opinião e trazer o povo para o campo da luta. Mas em vez de assim fazer, preferia o conforto

G. Monteiro

Pedro Aurélio de Góes Monteiro, foi nomeado comandante do Destacamento do Exército do Leste, compondo as tropas fiéis ao governo federal, no Mov. Const. de São Paulo.

Medeiros

refere-se a Antônio Augusto Borges de Medeiros, foi revol. em 1930 e participou do Mov. Const. de SP (1932).

Bertoldo Klinger

foi com. da Circunscrição Militar de Mato Grosso (1931) e Rev. 1932.

F. Morato

Francisco Morato, um dos fundadores da Frente Única Paulista.

Pádua Sales

membro do Partido Republicano Paulista.

J. Alberto

João Alberto Lins de Barros, chefe de polícia do RJ (1932).

Caio Moura

Médico, professor, dep. est. e sen est. na 1ª República.

Bernardes

Artur Bernardes, apoiou a Rev. de 1930 e, em 1932 o movimento constitucionalista de São Paulo.

W. Brás

trata-se de Wenceslau Brás pres. Rep. (1914-1918).

Spínola

Carlos Spínola, jornalista, trabalhou nas agências União, Vitória e United Press International, e diversos jornais.

de Paris. Pessoalmente você saberá quem foi esse. Estou convencido da vitória de São Paulo, que se dará sem maior derramamento de sangue. E assim há de ser. Pelo menos teremos já e já a Constituinte. Está se dando com o Getúlio o mesmo que se deu com o Washington: confia no que lhe informam. O super ditador, o J. Alberto dá notícias falsas ao Pres. e este cairá como um patinho.

No sábado último não tivemos cartas de vocês. Morreu ontem Caio Moura. Parece mais conveniente virem as cartas para a caixa 478, com endereço à máquina para a S. A. Agrícola de Una, ou, se manuscritas, com letra de Esther ou Edyla, dirigidas, para a mesma caixa, a Mario A. Gomes. De uma hora para outra poderemos ter a censura para as malas de Europa e talvez a esta hora já tenhamos.

Vou deixar o resto para a tarde.

3 da tarde.

O homem de 4 no braço e que esteve à disposição de Mangabeira diz que é um fato que já há luta no Rio Grande; que o Bernardes reúne elementos e entrará na luta ao lado dos paulistas; que em Itararé as forças do governo ocuparam apenas um setor; que as forças paulistas estão nas proximidades de Angra dos Reis, tendo havido batalha em “Cunha” e elas fazem caminho para Mangaratiba; que um batalhão de engenharia aquartelado em Itajubá confraternizou com os paulistas e daí a viagem de W. Braz para Belo Horizonte a fim de trabalhar pela paz. Ouvi de um tenente da polícia daqui que foram presos em Conquista (perto de nossos limites com Minas) o delegado de polícia e a força ali destacada, estando o governo a prestar força para mandar para lá. Mas não sabe se presos por forças de Minas ou mesmo por cangaceiros. Em um pedaço de papel mando com esta as cópias de dois telegramas que estão em meu poder e me foram fornecidos neste momento pelo Spínola. Quando telegrafarei a respeito das lâminas? Falta pouco.

Abraços. Saudades.

(Euvaldo Pinho)

RIO DE JANEIRO, 26 DE JULHO DE 1932

Estado Maior do Exército

Confidencial

Ao Sr. Chefe do Governo Provisório o Chefe do Estado Maior do Exército.

Objeto

Sobre o bombardeio de São Paulo

Sr. Chefe do Governo,

Respondendo á consulta que me foi feita pelo Governo, de como encarava no conjunto das operações militares o bombardeio da cidade de São Paulo, sob o pretexto de danificar as fabricas de munições lá existentes, cabe-me transmitir a V. Exa. a única resposta que me dita a consciência de brasileiro e de general: – no momento em que o Brasil aprova a Conferencia do Desarmamento a proscricção da aviação de bombardeio, o seu governo pretendendo e ordenando o bombardeamento de uma cidade sua, indefesa, a sua maior fonte de riqueza, o Chefe do E.M.E. só tem uma resposta: O SEU PEDIDO DE DEMISSÃO DO CARGO QUE OCUPA, O QUE EFETIVA NESTE DOCUMENTO.

Ass. General Tasso Fragoso

Concordo inteiramente

General João F. Johnson

Por informações via Paraguai e Argentina, recebidas pelo Ministério do Exterior, o general Flores da Cunha, interventor do Rio Grande do Sul, foi deposto na madrugada de 26 do corrente.

Tasso Fragoso

Augusto Tasso Fragoso,
chefe do Estado Maior
do Exército.

João F. Johnson

João Ferreira Johnson,
sub-chefe do Estado
Maior do Exército.

BAHIA, 30 DE JULHO DE 1932

Esther e Mangabeira

Já há duas semanas não recebemos notícias de vocês. Com o telegrama último, com recado para Arnaldo, pensei que já estivessem em Paris, trazidos pelo interesse de, mais de perto torcerem contra o Gegé. Ou deixaram de escrever receosos da censura? Mais do que eu podia dizer, dirão os papéis que com esta lhe mando. Naturalmente vão notícias que nos agradam. As outras, as oficiais, talvez mais mentirosas do que as que nos transmitem os paulistas, certamente vocês as tem por intermédio da Embaixada. Esta guerra tem sido um forte torneio de mentiras? Talvez. Se vencer quem mais mentir, creio que os paulistas perderão. Mas a verdade é que 21 dias são decorridos e a Ditadura tem levado o pior partido. A impressão é que se o Flores não traísse, o que levou os paulistas a retirarem tropas do setor do vale do Paraíba, para mandar para o sul, fronteira do Paraná, a esta hora as forças constitucionalistas já tinham entrado no Rio de Janeiro. Tudo leva a crer que, de fato, o Rio de Janeiro está convulsionado. Embora o Maurício Cardoso ainda não tenha dado por finda sua missão junto à Ditadura, tanto que não voltou para o Rio Grande, o Borges e o Pila começam a agir. Parece fora de dúvida que o Luzardo e o Paim Filho à frente de tropa seguem para o Paraná, a fim de atacarem as forças do Waldomiro Lima pela retaguarda. Afirmam-se que os elementos de Bernardes aliciam elementos, para combaterem por S. Paulo. E é significativa a carta do Mário Brant, irradiada e da qual mando cópia. Disse também que na porta sul de Minas que está com os paulistas, foi aclamado Governador o Wenceslau Brás. E ontem os telegramas, dizem ter vindo a Belo Horizonte, a chamado urgente do Maciel, o W. Brás. Infelizmente, aqui na Bahia tudo continua morno. Apenas ontem surgiram notícias da deposição do prefeito de Ilhéus. Houve também qualquer coisa em Conquista e em Carinhanha. Mas são divergências na política local, sem importância. E esta tranquilidade na Bahia, será para nós um mal. O Neves tem cachaça pelo velho Seabra e certamente tem empenho em entregar-lhe a Bahia. Este o grande receio de todos aqui, que preferem continuar o governo nas mãos do Juracy. E a respeito, não tenha dúvida. A vir para o Governo

Arnaldo

Arnaldo Pimenta da Cunha, prefeito deposto de Salvador.

Gegé

refere-se a Getúlio Vargas, chefe do Governo Provisório.

Maurício Cardoso

Maurício Cardoso, foi min. da Justiça ((1931-1932); apoiou o Mov. Const. de SP (1932).

Paim Filho

general Fermino Paim Filho, atuou nos confrontos de 1923, na região do RS.

Waldomiro Lima

Waldomiro Castilho de Lima, militar, tornou-se gov. por SP (1932-1933).

Maciel

Olegário Dias Maciel, sen. MG 1930; pres. MG 1930; interv. MG 1930-1933.

Wenceslau Braz /W. Brás

Wenceslau Brás Pereira Gomes, pres. do Brasil (1914-1918)

o Sodré ou qualquer Lauro, a Bahia prefere que permaneça o tenente. Este parece começar a duvidar de que a Bahia esteja com ele. Tem feito solicitações ao Arcebispo, ao Pres. da Associação Comercial, ao Pres. do Instituto dos Advogados e ao próprio Medeiros, para falarem ao rádio, mas nada tem conseguido. Aqui na Bahia só os acadêmicos de medicina tem assumido atitude. Cogitaram de se organizarem em associação para fins políticos, dando a você a presidência e ao Arnaldo a vice-presidência. Um deles veio me dizer que iriam em missão ao Bahia e a mim indagarem se podiam fazer isso, de referência a você. Respondi que era conveniente que tomassem tais providências sem consultas. Não sei do resultado. Também no Rio os acadêmicos se manifestaram. Fizeram uma grande passeata em que se limitaram a cantar o hino nacional. Chamados pelo Governo e aconselhados a não fazerem manifestações, no dia seguinte repetiram a passeata, mas em lugar de cantarem iam com rolhas na boca. Foi um sucesso. A polícia interveio e dispersou-os. Pessoas vindas do Rio dizem ser insustentável a situação do Gegé. Diz-se que intelectuais promovem um apelo ao Gegé para que renuncie. Diz-se que ele tem querido fazer isso, mas o Aranha, o J. Alberto, o P. Ernesto, é que o dissuadem. O segundo tendo seguido para chefiar um setor em Parati (onde devia estar o G. Monteiro) e Cunha, voltou e reassumiu a chefatura da polícia. E com esta volta coincidiu o boletim dos paulistas dizendo que quem o substituiu se passou para o outro lado.

Pergunto a vocês se o afastamento do Arnaldo fez cessar a incompatibilidade que havia em irem para a Mangueira. Certamente o programa de recepção terá que ser modificado. Tenho absoluta confiança em que nessa ocasião já a situação estará mudada. Madalena, irmã de Rachel, chegada do Rio ontem, com o marido, esteve com os nossos. Foi ver mamãe. Achou-a bem disposta e forte de espírito. Disse que de mamãe ouviu que se sente bem e que não há razão para nos incomodarmos com a saúde dela. Esthor escreveu-me. Está agitado com o movimento. Isto é o que é pior.

Vou ficar por aqui. Se houver qualquer coisa importante escreverei à tarde.

Às 3 da tarde.

Parece certo que o Tasso Fragoso e o Johnson Ferreira, pediram demissão da Chefia do Estado Maior, o 1º, e de outra função, também

Sodré / Lauro

Lauro Sodré, militar, foi secretário de Benjamin Constant no Ministério da Guerra, primeiro gov. do Pará, dep. fed. e sen.

Arcebispo

refere-se a D. Augusto Álvaro da Silva.

Pres. da Associação Comercial

refere-se a Francisco José Rodrigues Pedreira.

Pres. do Instituto dos Advogados

refere-se a José Sabino Pereira Filho.

Bahia

refere-se a Eutychio da Paz Bahia, era o representante político de Octávio Mangabeira.

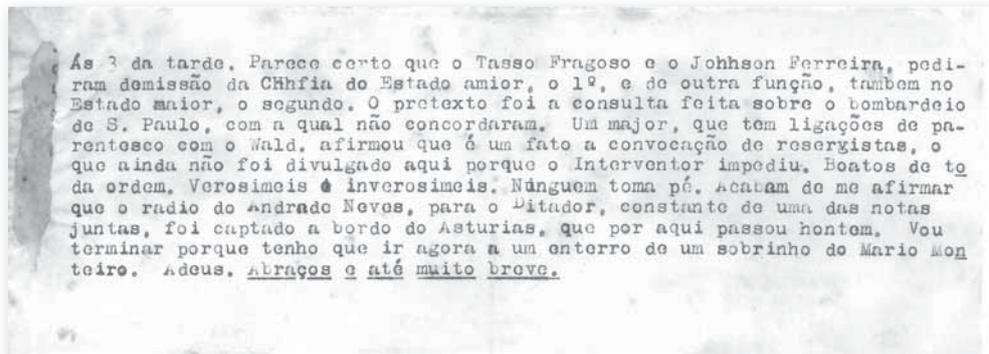
rádio do
Andrade Neves
trata de telegrama
interceptado por
Francisco Ramos de
Andrade Neves, militar
e político gaúcho.

sobrinho do
Mário Monteiro
trata-se de Zadir
Monteiro de Almeida,
cirurgião dentista.

no Estado Maior, o segundo. O pretexto foi a consulta feita sobre o bombardeio de S. Paulo, com a qual não concordaram. Um major, que tem ligações de parentesco com o Waldomiro afirmou que é um fato a convocação de reservistas, o que ainda não foi divulgado aqui porque o Interventor impediu. Boatos de toda ordem. Verossímeis e inverossímeis. Ninguém toma pé. Acabam de me afirmar que o rádio do Andrade Neves, para o Ditador, constante de uma das notas juntas, foi captado a bordo do Astúrias, que por aqui passou ontem. Vou terminar porque tenho que ir agora a um enterro de um sobrinho do Mário Monteiro.

Adeus. Abraços e até muito breve.

(Ewaldó Pinho)



As 3 da tarde. Parece certo que o Tasso Fragoso e o Johnson Ferreira, pediram demissão da CHfia do Estado maior, o 1º, e de outra função, também no Estado maior, o segundo. O pretexto foi a consulta feita sobre o bombardeio de S. Paulo, com a qual não concordaram. Um major, que tem ligações de parentesco com o Wald, afirmou que é um fato a convocação de reservistas, o que ainda não foi divulgado aqui porque o Interventor impediu. Boatos de toda ordem. Verossímeis e inverossímeis. Ninguém toma pé. Acabam de me afirmar que o radio do Andrade Neves, para o Ditador, constante de uma das notas juntas, foi captado a bordo do Asturias, que por aqui passou hontem. Vou terminar porque tenho que ir agora a um enterro de um sobrinho de Mario Monteiro. Adeus. Abraços e até muito breve.

ROMA, 3 DE AGOSTO DE 1932

Prezado Doutor Mangabeira

Afim de satisfazer a um pedido de Secção do Protocolo do R. Ministério dos Negócios Estrangeiros da Itália, rogo-lhe a extrema bondade de completar e corrigir os nomes na lista que acompanha esta carta.

Deseja o Governo italiano obsequiar, com uma medalha de ouro, as senhoras em questão, que participaram de um movimento de amparo às vítimas do “Princesa Mafalda”, quando este transatlântico naufragou há tempos próximo às águas brasileiras.

Esse pedido é, concomitantemente, uma grata comunicação à Senhora Mangabeira, que encabeça a relação das homenageadas pelo Governo italiano.

Valho-me da ocasião para dizer-lhe que o meu colega Gastão do Rio Branco, que é seu amigo, e se encontra em férias fora de Roma, foi transferido para a Secretaria de Estado, devendo partir proximamente.

Sempre inteiramente ao dispor do Doutor Mangabeira, subscrevo-me, seu

Afetuosos Admirador

Jorge Barbosa

Princesa Mafalda
transatlântico italiano
que naufragou na costa
da Bahia no dia 27 de
outubro de 1927.

Gastão do
Rio Branco
sobrinho do Barão do Rio
Branco, encarregado de
negócios em Buenos Aires
no período de 1926 a
1930, quando foi transfe-
rido para Roma.

BAHIA, 06 DE AGOSTO DE 1932

Esther e Mangabeira,

Abraços. Recebemos as cartas de 23 julho. Continuamos aqui cheios de preocupações. Não se tem uma noção, ao menos vaga, do que ocorre pelo sul. A Ditadura mente de modo deslavado. Os paulistas, se não mentem deslavadamente, mentem apenas. Itararé, Buri, Túnel da Mantiqueira, Parati e Cunha, foram tomadas vezes diversas, por um e por outro. Isso transtorna a gente. Não é possível tomar um rumo. Não digo possível a mim; digo possível aos que querem tomá-lo. Quanto à atitude do Rio Grande, ninguém a conhece aqui na Bahia. O J. Neves diz que ele virá em auxílio de São Paulo. O Flores telegrafia afirmando que tudo lá vai em paz, que houve uma tentativa de levante, subjugado no nascedouro. Mando a propósito um boletim distribuído no Rio. Espero tenham recebido minha última carta e as cópias de boletins que com ela foram. Transtornou-nos um pouco a notícia de que o Ag. Miranda, que está em Porto Alegre, escreverá ao Agnelo Brito, de quem é cunhado, isso no dia 28, dizendo que tudo lá está em paz. Só se foi para atrapalhar... Em correspondência para a “*A Tarde*”, o Sertório declarou que em resposta ao M. Brant, o O. Maciel se comprometera pela neutralidade de Minas, uma vez que os paulistas evacuem o território desse Estado. Os fatos parece confirmam, porque os paulistas têm recuado, embora diga o Governo que forçados. O M. Cardoso, depois de passar alguns dias entre Minas e São Paulo, conferenciando com os responsáveis por um e outro Estado, voltou ontem ao Rio e dizem terá hoje conferência com o Ditador. Consta que ele levará a São Paulo a proposta de nomeação de um ministério de “concentração nacional” (ministros representantes das frentes únicas) e de anistia geral. Não parece São Paulo aceite nenhum acordo que não tenha como condição primeira a renúncia do Gegé. No Rio tem havido distúrbios, que parecem de importância, porque o próprio governo diz ter prendido senhoras, estudantes, etc, empregando mesmo gazes lacrimogêneos. Notícias particulares dão notícias de mortes e prisões sem conta. Estão presos, ao que aqui sabemos o Simões e o J. Rabelo. O F. Fontes também esteve detido, mas parece por pouco tempo. O J. devido a uma carta da mulher de um aviador ao marido

J. Neves

João Neves da Fontoura, participou do Mov. Constitucionalista (1932), sendo exilado. Retornou em 1934.

Ag. Miranda

engenheiro dos Correios e Telégrafos.

Agnelo Brito

comerciante de grande influência político-social.

Sertório

Sertório de Castro, intelectual e jornalista.

M. Brant

Augusto Mário Caldeira Brant, exilado por suas das atividades políticas, retornou em 1934.

O. Maciel

Olegário Dias Maciel, tentou reunir as forças políticas mineiras do PSN, mas seus esforços não lograram êxito em razão do Movimento Constitucionalista de São Paulo (1932).

M. Cardoso

Joaquim Maurício Cardoso, ocupou a pasta da Justiça durante o Governo Provisório (1930-1932)

F. Fontes

Fiel de Carvalho Fontes, foi dep. (1930-1932) na 1ª República.

J.

João Mangabeira



João Mangabeira

dizendo que ele por duas noites entrara tarde para um apartamento contíguo ao em que ela mora, quase vai preso. Não foi porque o J. Alberto preferiu mandar vigiá-lo primeiro. Esse apartamento em que ele passara essas noites era o da enteada, para onde fora nos dois dias de mais agitação. Notícias particulares dizem verdadeira a demissão de Tasso e do Johnson de Chefe e Sub-Chefe do Estado Maior, por meio do ofício de que dei notícia na última carta, e do qual tenho a íntegra. Mas o Governo não deu as demissões. Daqui a três dias fará um mês de luta. Onde iremos? Só Deus sabe. São Paulo fabrica, por dia, 4000 capacetes de aço. Senhoras se despojam de jóias que entregam ao Governo para que este lhes dê o fim que achar justo. Se não fosse a traição de Flores, já tudo estaria concluído. Mando cópias de boletins espalhados no Rio. Aqui só os acadêmicos têm assumido atitude franca (os de medicina e os de direito). As escolas de medicina do Rio e de Niterói e a de direito do Rio, estão fechadas. O primo foi para Santo Amaro. Aqui muita vontade, muita conversa, e nenhuma ação. Fala-se, mas nada de positivo. Também é difícil, porque não há um responsável. Os nossos, do Rio, de boa saúde. Aqui também. Quem não passa bem, está inspirando muito cuidado, é o Tapiranga. Fomos visitá-lo, ontem, o Bahia e eu. Queira Deus poupá-los de perderem mais esse amigo. Houve aqui esta semana uma procissão tocante: saiu Senhor do Bomfim, pela terceira vez, de sua igreja. Foi um apelo pró

J. Alberto

João Alberto Lins de Barros, chefe de polícia do Distrito Federal (1932).

O primo

refere-se ao ex-prefeito Arnaldo Pimenta da Cunha.

Jornal do Comércio
fundado no RJ, destaca-se por sua abordagem político-econômica.

paz. Veio para voltar quando voltar a paz. Procissão emocionante. Senhoras de boa sociedade, fizeram o percurso descalças. Muita lágrima, muito apelo em altas vozes, de mães, de filhos, de irmãs, de noivas, de esposas. Muita lágrima vi eu. Pesa sobre o Brasil a asa negra da diversidade. Traz anteontem um verdadeiro ciclone danificou prédios, arrancou árvores, derrubou postes, interrompeu serviços de bondes e telefones, no Rio. Anteontem um grande incêndio destruiu os 3 andares superiores do *Jornal do Comércio*. Os negócios paralisados. Tristeza em tudo. Deixo o resto para a tarde.

P.S. 3 da tarde. Medo de novo. Notícias infelizmente não confirmadas, de levante no Rio Grande do Norte com deposição do interventor. O radio paulista noticia a ocupação de Itaberá por jovens paulistas que procuram envolver uma coluna “legalista”. Boatos não faltam. Uma série. Mas não convém levá-los tão longe.

(Eivaldo Pinho)

(SALVADOR), 20 DE AGOSTO DE 1932

Esther e Mangabeira,

Recebi as cartas, de vocês ambos, do dia 6 deste. O naufrágio do vapor da Aero Postale, que daqui levou a correspondência do dia 6, deu fim à minha carta desse dia, com a qual tinham seguido a “Páscoa Revolucionária”. “Aos homens de caráter” o “Manifesto dos intelectuais”, a cópia do ofício de Tasso Fragoso dando sua demissão e um boletim referente à situação do Rio Grande. Destas peças vou ver se obtenho ainda cópia de três primeiras, para mandar hoje. Das últimas eu tinha duplicata que mando. Tudo isso veio do Rio. É jogado à rua por meio de boletins. Mando outras peças, daqui e do Rio, inclusive o manifesto do Bernardes. Este, segundo irradiação desta noite, da Rádio Educadora Paulista, entrou em luta, já à frente de 1.000 homens, tendo seguido para Caratinga. Sendo isso verdade parece que obedece ao plano de entrar no Espírito Santo (Estado). Não confundir com o Ministro da Guerra. Sente-se S. Paulo tão forte que, em vez dele ter ido para lá, seguiu para o Norte? Vocês não imaginam o estado de espírito em que nos achamos. Não se trabalha, porque andam uns à procura dos outros para obterem notícias. Não se dorme, porque as irradiações de S. Paulo começam às 10 horas e vão até 1/2 noite e 1 hora. Preocupações; só preocupações. Não há forças que bastem para irem garantir a ditadura. Fala-se aqui, até no embarque da guarda civil e dos bombeiros. Mas a Bahia não dorme. Não se levanta, porque não tem um guia. Todos os passos foram dados, providências foram tomadas, mas faltou um chefe, um responsável, inspirador de confiança. Houvesse aqui essa pessoa e a Bahia já tinha se libertado, o que seria um golpe na ditadura e um auxílio formidável a S. Paulo. Hoje que tenho estado em contato com pessoas que tem responsabilidade, pelas funções e pelo valor pessoal, é que vejo quanto elemento bom anda por aqui disperso, pedindo um chefe, desejando quem os conduza. Esses elementos, todos são admiradores de Mangabeira – 40 dias luta, inglória, fraticida. Paralisada a vida do país, nos seus centros produtores. Fechadas as Escolas Superiores do Rio, de Niterói, de S. Paulo, do Paraná e do Rio Grande. O comércio, mesmo o daqui da Bahia, inativo. Um desastre completo. Fala-se que no dia 25 o comércio do Rio fechará suas portas. Não creio. Há

Tasso Fragoso
Augusto Tasso Fragoso,
Comandante do Estado
Maior do Exército
(1931-1932)

Ministro da Guerra
refere-se ao
Gal. Augusto Inácio
Espírito Santo Cardoso.

M. M.
Mário Monteiro, diretor
de *O Imparcial*.

Luís Viana
advogado e político,
apoiou o Mov. Constitu-
cionalista de São Paulo.

Flores
José Antônio Flores
da Cunha, inter. do
Rio Grande do Sul.

interesses materiais de muitos que se chocam com os prejuízos de outros. E o reconhecimento do estado de beligerância? Isso seria de fato medida de grande alcance. Não foi esse o serviço muito útil a nós e a nossa Pátria? Aqui a censura à imprensa é cada vez mais asfixiante. O M. M. está favorável a S. Paulo, os jornais só publicam os telegramas. De procedência oficial. Não fossem os rádios e a divulgação que das notícias dão os que ouvem, pessoalmente e por escritos que passam de mão em mão, e a impressão era que S. Paulo estava esmagado. Mando uma nota do apanhado no rádio de ontem à noite pelo primo Álvaro. Mostrando-a ao Luís Viana (que está comigo uma e duas vezes por dia) que ouviu o rádio ontem, ele, manuscritas, fez ratificações, e também acréscimos. De S. Paulo ontem atacaram fortemente o Flores. De traidor, tartufo, neto de Nero, fizeram-lhe a festa. Foi de fato um canalha. Não fosse a traição e a ditadura já tinha caído. Pelas notas junto vocês terão uma impressão das coisas. As classes conservadoras, Federação das Associações Comerciais, Associação Comercial, Associações da Lavoura, Associação dos Empregados do Comércio e outra, estão trabalhando, sendo esperadas importantes deliberações, se não alcançarem o êxito desejado. (Telegrama de hoje) Será o anunciado fechamento do comércio? Acabo de receber as cartas do dia 31. Do Rio, dos nossos, boas notícias. Por hoje basta.

(Euvaldo Pinho)



Luís Viana Filho

SETEMBRO DE 1932

(Eivaldo Pinho)

Vai junto um bilhete para o Tapiranga.

Como é possível que tenham transmitido para aí a referida entrevista, julguei conveniente habilitá-los a esclarecer, se for preciso, o que houve, pois tenho horror a tais explorações. Acredito que o sr. Lobo agiu de boa fé, pensando fazer-me bem. Felizmente, ele deu a entrevista quando ainda se acreditava na vitória de São Paulo. Não creio ninguém vá supor que o entrevistado, a bem dizer um anônimo, possa interpretar meu pensamento. Mas conheço a facilidade com que, na nossa terra, se forma opinião. Daí o meu cuidado em preveni-los. Aliás, para acentuar minha conduta, com retidão e coerência, excluindo qualquer hipótese de fraqueza ou de maromba, não há nada melhor que divulgar meu telegrama a S. Paulo, passado justo no dia da sua derrota, e depois desta.

Nota. Um dia, passava eu aqui no boulevard, um senhor brasileiro, a quem nunca tinha visto, dirigiu-se a mim e saudou-me, com referências amáveis. Como era natural, correspondi. Disse-me chamar-se Luiz Lobo. Formado em Direito, vivia, não obstante, de comércio, estabelecido, que era, no Rio de Janeiro. No correr da palestra, aliás muito breve, que tivemos, deu-me ele a perceber que era simpático à revolução de 1930, como havia sido às anteriores, acrescentando, porém, que eu era uma exceção entre os políticos da República Velha, pois gozava de grande apreço nos próprios meios revolucionários, e ele mesmo, e amigos seus, por ocasião da sucessão de Washington Luís, me tinham por candidato. Dias depois, convidou-me, por telefone, para tomar um café. Conversamos, então, mais longamente. Vi então que o homem era revolucionário dos rubros, mas, com efeito, simpático em relação a mim. Expus-lhe serenamente o meu modo de ver as coisas, mostrando que o dever dos patriotas era concorrer no sentido de volta à legalidade, por meio de eleições livres e honestas, mas que seria impossível realizar eleições sob a tirania vigente e com a ocupação militar reinante nos estados. O que se impunha ao Brasil era um governo pacífico, que assegurasse a liberdade a todos, tenentes e não tenentes, de maneira que o povo livremente escolhesse o seu governo. Ele acabou concordando

Tapiranga

Elpidio Ferreira Tapiranga,
eclesiástico e escritor.

maromba

atitude dissimulada,
de quem espera os
acontecimentos
para se definir.

inteiramente comigo, e citando até o nome de Hermenegildo de Barros para assumir o governo e presidir à eleição.

Ponderando-me que havia, entre os tenentes, muitos idealistas e sinceros, respondi que não punha em dúvida, e estes só mereciam simpatia, não tendo, porém, em regra, competência para governar estados, nem, sobretudo o direito de ditar leis ao país, sobretudo por prazo indefinido. Foi assim que, de passagem, se aludiu ao interventor da Bahia.

Mostrando-lhe como S. Paulo não podia ser vencido, mesmo que o fosse em aparência, reconheci que os tenentes, com as forças de que dispunham, não podiam também ser esmagados, que, tendo lutado tanto em oposição, mais o haviam de fazer dispendo do governo, e daí precisamente impor-se um meio termo que, garantindo a liberdade a todos, desse ao povo, pelo voto, a decisão. Ele concluiu manifestando o pesar que tinha em que, em uma hora tão grave para o país, não estivesse eu colaborando na sua direção.

Eis o que houve. Chegando, recentemente, ao Rio de Janeiro, deu o sr. Lobo uma entrevista ao *Correio da Manhã*. Diz que os exilados políticos fazem grande campanha no estrangeiro contra o Brasil e o seu governo. Abre, porém, uma exceção para mim, dizendo que sei colocar a Pátria acima dos sentimentos políticos, e que, tendo estado comigo, aliás pela primeira vez, de mim ouviu as coisas mais sensatas sobre a situação do país, e acrescenta que eu reconheço que os revolucionários sinceros não poderão ser vencidos, não ocultando as minhas simpatias pelo que o tenente Juracy tem feito na Bahia.

(Octávio Mangabeira)

(SALVADOR), 3 DE SETEMBRO DE 1932

Esther e Mangabeira,

Nas duas últimas malas aéreas não recebemos cartas de vocês. Esperamos também pelo Zepelin, que chegou em Recife no dia 1º e não veio. Mando com esta a cópia de um telegrama que o Lago, João e Simões passaram ao Aristides Novis. Este telegrama não foi recebido pelo telégrafo, mas eles remeteram pelo correio. Mando também o manifesto do Borges, do Pila, do Luzardo e do Collor, dado à publicidade no dia 25 de agosto, quando assumiram atitude contra a ditadura e contra Flores. S. Paulo irradiou, anteontem, que as cidades de Bagé, Santa Maria, Livramento, Uruguaiana, Cruz Alta e Cachoeira, além de outras menores, já se haviam levantado contra a ditadura; que as guarnições, tanto federais, quanto estaduais, nelas aquarteladas, tinham aderido; que o Borges fora, pelas populações dessas cidades, aclamado Governador civil do Rio Grande; que como Governador ele havia transferido a capital do estado para Santa Maria; que em Porto Alegre havia distúrbios entre parte da polícia, fiel ao Flores e a guarnição federal aí aquartelada. Ontem confirmou essas notícias e acrescentou que há também perturbações em Pará, Estado do Rio, Minas. Como se vê, sendo verdade isso, a coisa mudará de figura dentro em pouco tempo. Do Bernardes não há notícias. Nem dadas pelo Governo, nem dadas pelo rádio de São Paulo. Esta parecendo que ele ficou isolado, porque saindo de Viçosa rumou para o norte. Minas oficial já deixou a neutralidade de alguns dias e investe contra São Paulo. As forças constitucionais haviam evacuado o território mineiro, onde logo no começo da revolução haviam penetrado, no pressuposto de por ali invadirem o Estado do Rio. Dada à atitude do governo de Minas, retiraram suas forças para a linha que divide os 2 Estados. Dá-se porém a manifestação do Bernardes e Minas, que havia prometido neutralidade, se evacuado seu território, assume atitude. E por essa região limítrofe penetram as forças do governo do Estado de São Paulo, visando principalmente Campinas. Espera-se a todo momento um golpe no Rio. Tem-se a impressão de que elementos de prestígio na armada agem nesse sentido. Mas a demora já é grande. A gente está se cansando de tanto esperar. O *Diário da Bahia* foi adquirido pelo grupo dos tenentes, a frente dos quais está o Pacheco. O interventor tem

Aristides Novis
Aristides Novis, médico.

Borges
Borges de Medeiros, apoiou o Mov. Const. de São Paulo, foi preso e confinado na Ilha Rasa (RJ) e posteriormente na Ilha Rijo (PE). Recuperou seus direitos políticos após decreto de Vargas (1934).

Pila
Raul Pila, integrou o movimento constitucionalista de São Paulo (1932), exilado, retornou ao Brasil (1934).

Luzardo
João Batista Luzardo, apoiou a FUG.

Collor
Lindolfo Leopoldo Boeckel Collor, min. do Trabalho, Indústria e Comércio (1930-1932), apoiou o Mov. Const. de São Paulo.

Flores
Flores da Cunha, depois de apoiar o Mov. Const. 32, retirou esse apoio.

Bernardes
Artur da Silva Bernardes, apoiou o Mov. Const. de 1932; exilado, retornou ao Brasil em 1934.

Pacheco
João Pacheco de Oliveira, fundou o Partido Evolucionista, mais tarde absorvido pelo PSD. Foi vice-presidente da Ass. Nac. Const.

Pontes
refere-se a Arnaldo
Pimenta da Cunha,
prefeito demitido
de Salvador.

Nelson de
Souza Carneiro
Nelson Carneiro, advogado, foi redator-chefe da Imprensa Oficial da Bahia (1930-1932), autor de famoso livro contra a repressão de 22 de agosto na Bahia.

Péricles de Melo
Péricles Pereira Melo, advogado, de origem pernambucana foi membro da Comissão de Sindicância na Bahia.

pedido a várias pessoas do comércio para adquirirem ações. É evidente o propósito dos tenentes de montarem política na Bahia. O Pontes depois de demitido foi para uma usina dos parentes da mulher, em Santo Amaro. Aniversário dele, anteontem, admiradores que procuraram até esconder os nomes, fizeram celebrar missa na Catedral. Muito pouca gente. Um desastre. As únicas pessoas que foram visitá-lo em Santo Amaro, foram o irmão e dois amigos. Os professores e outros civis que aqui estavam presos em casa sob palavra, já estão em liberdade. Três acadêmicos, dos mais destemidos, foram presos e deportados, depois de serem surrados com fios condutores de eletricidade. Também foram deportados e estão presos no Rio, o Nelson de Souza Carneiro, filho do engenheiro Souza Carneiro e o célebre Péricles de Melo. Tomaram grande surra antes de embarcarem. Tão grande que a bordo do vapor que os levou foram recolhidos à enfermaria. Vejam vocês que vergonha! E há ainda baianos que dão apoio a esta situação. Que tristeza. Vou suspender aqui. Deixarei o resto para a tarde.

3 da tarde. Nada de importante a não ser que várias pessoas ouviram a rádio de S. Paulo confirmar as notícias a respeito do movimento no Rio Grande, acrescentadas as notícias acima com a de que foi tomado por civis o Arsenal de Guerra de Porto Alegre. Recebemos ontem carta de mamãe e de Esthor. Todos lá bons. *A Tarde*, daqui, de ontem, publicou um clichê do dia 26 de vocês ambos. Vejo que Edyla já saiu do colégio. Não é assim? O Tapiranga apresenta melhoras.

(Euvaldo Pinho)

PARIS, 10 DE SETEMBRO DE 1932

Edgard:

Recebi a carta aérea. Confesso que não tenho tido cabeça para pensar em outra coisa, senão no que se passa no Brasil. Desde que vi o Getúlio entregar a uma corrente militar os postos de governo, senti que de duas uma: ou a nação se submeteria, o que não era possível, à ditadura desses militares, de modo indefinido, ou teria de haver luta grande para que se voltasse à ordem legal. Não sei, aliás, se digo bem, dizendo que o Getúlio entregou, ou se prefira dizer que os militares tomaram os referidos postos. Ambas as coisas. Os militares tomaram e o Getúlio entregou de bom grado, julgando estupidamente que era o meio de perpetuar-se no poder, por não crer em reações em um país como o nosso. A surpresa, que lhes deve estar causando o golpe de S. Paulo, não há de ser pequena.

Agora, estamos diante do seguinte: mesmo que os chamados “tenentes” não tenham força, como não terão, para dominar o país, e haja, afinal, de ceder, mais semana, menos semana, à reação que tem por Centro S. Paulo, força terão de sobra – dispondo, como dispuseram, discricionariamente, do país, durante nada menos de dois anos – para perturbar qualquer governo que se estabeleça sem eles, e principalmente contra eles. O útil para o Brasil seria, se fosse possível, a Constituição de um governo a cuja sombra todos pudessem viver, e cujo programa se concretizasse na realização de eleições livres, que todos, sem distinção, pudessem pleitear, com todas as garantias, reanimando a nação na sua integridade. É só, aliás, o que S. Paulo pretende, e por isto S. Paulo sabe vencer, pois só este pode ser o sentimento geral do povo brasileiro.

Mas, até lá, muito podemos sofrer. Principalmente de longe, não se compreende que, até hoje, não se tenham levantado no Rio e em todo o país, mas principalmente no Rio, grandes demonstrações esmagadoras, por que se poupem no Brasil tamanhos sacrifícios. A polícia dissolve ajuntamentos. Não dissolveria, entretanto, manifestações em que de fato aparecesse o povo, nas suas verdadeiras expressões. É o que falta sempre em nossa pátria. Muitas vezes, as próprias forças em luta estimariam que aparecessem essas grandes forças decisivas, mas, realmente, para dividir com a imponência da sua mentalidade, e não por meio de comissões ou grupos, quase sempre suspeitadas. Estamos, porém, ainda

Edgard

refere-se a Edgard Soares de Pinho, cunhado de Octávio Mangabeira, e um dos irmãos de Euvaldo Pinho.

Fiel
refere-se a Fiel de Carvalho
Fontes, dep. est. e fed.
por diversas legislaturas.

Richard
refere-se a Antônio
Eugênio Richard Júnior,
diretor gerente da
Companhia Brasileira de
Imóveis e Construções.

longe, em grau de cultura cívica. Assistimos, de braços cruzados, ao incêndio da nossa casa, com os nossos filhos lá dentro... Ando com muita vontade de tomar de um momento para outro o rumo da Bahia, sem ponderar conseqüências.

Mudando, porém, de assunto.

O amigo, que esteve há pouco no país do contrato, trouxe de lá as credenciais necessárias para entender-se com o bureau aqui. Pensei, porém, que, diante da situação no Brasil, seria melhor, por enquanto, não dar andamento ao caso. À vista, entretanto, da sua carta, pedi-lhe que iniciasse a discussão do assunto.

A carta que eu mandei para Fiel, tendo ai chegado a 22, pelo Frederico, ainda não tinha chegado a 27 às mãos do destinatário, e devia, entretanto, produzir os seus efeitos antes daquela data, tornando-se depois inútil. O caro compadre e amigo, em vez de entregar “imediatamente” a cada um a sua, entregou ambas as cartas a Edith, para que esta entregasse a de Fiel, o que é coisa diferente, e Edith, provavelmente não sabendo que seria urgência no caso, guardou a carta. Ficou, pois, “na gaveta”. Ou não?

Outra coisa. Não há meio de eu saber ao certo o que se passou com os meus seguros. O Lins, creio que zangado com as histórias de Richard, nunca mais me escreveu. O fato é que os seguros há muito se ultimararam e eu nada recebi. Sei agora que o Lins está doente. São três seguros. Você um tempo me disse que estava tudo em ordem. Nada mais. Não devo escrever ao Lins, mas é natural que me interesse em saber o que há. Estando com Lins, faça-lhe as minhas visitas.

Muitos abraços a Carmem, à afilhada e ao Edgard.

Saudade do Mangabeira

(SALVADOR), 17 DE SETEMBRO DE 1932

Esther e Mangabeira,

Abraços. Esperamos cartas hoje, como também esperamos pelo Zepellin, aqui chegado ontem. Continuamos ainda em situação de dúvida, mais ou menos. O recuo das tropas constitucionalistas na zona leste, embora já há muito anunciada, causou um certo desânimo. Não em mim; mas em muita gente. O que nos preocupa são as notícias absolutamente contraditórias. De referência ao Rio Grande, ninguém toma pé. Enquanto, por exemplo, os paulistas afirmam que as tropas do Borges tomaram Bagé, o Flores comunica a organização de corpos com sede nessa cidade. Os constitucionalistas afirmam que o General Zeca Neto marcha contra Pelotas à frente de 1.200 homens. O *Jornal da Manhã*, de Porto Alegre dá entrevista do mesmo General protestando solidariedade ao Flores. É para atrapalhar e de fato a gente se atrapalha. Aqui continuamos na mesma. O Interventor organiza batalhões de desocupados, de flagelados, de jagunços e os manda para o sul. Hoje segue mais outro batalhão. A opinião pública, pelo menos 80% contra a ditadura. Mas ninguém se manifesta. Os jornais não falam. Todos tem medo. É uma situação vergonhosa para a Bahia. Houve aquela manifestação de estudantes e depois tudo silenciou. E não faltam elementos para ação. No sertão vários chefes estão dispostos. Mas quase não há armas, não há dinheiro e, principalmente não há um homem, aqui de confiança em torno do qual esses chefes se pudessem reunir. Não obstante um grupo de moços, ainda que pouco confiantes, esforça-se para conseguir alguma coisa. Se houvesse possibilidade de vir aqui um homem político de prestígio e seguir para o sertão, estou certo de que este se levantaria. Lavras anseia a vingança da morte de Horácio. Enfim, apesar de todas as dificuldades apontadas, não se dorme. E afirmo: a Bahia não se manifesta porque não há um chefe. Mas não percamos as esperanças.

O Pontes recebeu do seu ex-chefe uma carta muito indelicada, ofensiva mesmo, reptando-o a que declare se ouviu ou sabe de alguma coisa referente a uma acusação ao mesmo chefe feita, de haver recebido duas centenas e meia de contos de réis, da Companhia de Energia Elétrica, para que o afastasse do cargo que exercia. Essa acusação foi

Borges

refere-se a Antônio Augusto Borges de Me-deiros, revol. em 1930 e participou do Mov. Const. de SP (1932).

Flores

refere-se a José Antônio Flores da Cunha, interv. RS (1930-1935).

General Zeca Neto

refere-se a o gen. José Antonio Matos de Neto.

Horácio

refere-se a Horácio de Matos, importante líder político na região de Morro do Chapéu e de Lavras Diamantina, foi assassinado (1931) após sair da prisão.

Pontes

refere-se a Arnaldo Pimenta da Cunha, prefeito de Salvador (1931-1932).

Nelson de Souza Carneiro
advogado, foi redator-
chefe da Imprensa Oficial
da Bahia (1930-1932).

Francisco de Campos
min. da Educação e Saú-
de Pública (1930-1932).

Velho Olegário
refere-se a Olegário
Maciel, octogenário
gov. de Minas Gerais.

Washington Pires
médico e político mineiro.

Melo Franco
Afrânio de Melo Franco,
ministro do Exterior que
sucedeu a Mangabeira.

Coronel
Ataliba Osório
com. da 6ª RM.

feita em um dos muitos manifestos e boletins aqui espalhados. Vai responder. Segundo o projeto de resposta que me foi mostrado, esta será altiva.

Mando junto cópia da carta vinda de Porto Alegre, do dia 1º de setembro, para pessoas de responsabilidade no Rio. Foi trazida para a Bahia por pessoas de confiança e para uma outra que aqui veio ter, devido a se ter manifestado por S. Paulo. Dou muita importância a essa carta, que parece conter muita verdade. Recebi do Rio impressa a carta de 20 de julho, do João Neves ao Borges. Com certeza vocês receberam, mandada do Rio. Quero ver se lhes mando, para que vocês ajuízem do que aqui se passa, a cópia da carta do Nelson de Souza Carneiro, para uma tia que o criou, na qual ele descreve como foi espancado e o que sofreu desde que foi preso. É uma miséria. Um bacharel, advogado, jornalista, apanhando de taca e palmatória, porque teve a coragem de pela imprensa e da janela da Faculdade de Medicina atacar a ditadura. E isso na Bahia. E feito por filhos de outras terras. É muito triste.

A notícia mais importante de hoje é a demissão do Francisco de Campos, os motivos ainda não estão esclarecidos. E não se pode ainda prever quais sejam. Parece-me porém que irá ficar montando guarda ao velho Olegário. Foi nomeado para substituí-lo o Washington Pires. Os paulistas noticiaram adesões e tomadas de várias cidades em Santa Catarina e no Paraná.

A situação do Bernardes é que não está clara. Segundo os paulistas ele à frente de gente sua tem ocupado várias cidades. Segundo o governo acha-se refugiado em uma Fazenda. O movimento do Pará fracassou. Foi divulgada a deportação do Mario Brant. O Assis Chateaubriant foi deportado num navio japonês. Haviam prometido ao ministro do Japão que ele iria com os papéis legalizados; mas embarcaram-no sem passaporte. O ministro fez voltar o navio e desembarcar o Chateaubriant e enviou a respeito uma nota ao Governo do Brasil. Triste figura a desse Melo Franco.

3 da tarde do dia 17.

Nada de novo, boatos muitos, vivemos aqui em alternativas. Ora as correntes criados pelos boateiros inclinam-se para S. Paulo, ora para a ditadura. O Coronel Ataliba Osório, gaúcho, comandante da Região, aqui, em outubro de 1930 e que prestou relevantes serviços à revolução

de então, estava em Santa Catarina ultimamente e foi nomeado outra vez para comandar esta região. Com surpresa foi notificado, hoje, ter sido ele transferido para a reserva. Parece que já se passou para o lado dos paulistas.

Acabo de receber as cartas do dia 10. Não há dúvida em que é preciso serem entregues aos destinatários. O João escreveu a alguns professores, o Simões fez o mesmo. O Lago não sei. O Miguel se recusou a assinar o telegrama de que lhe mandei cópia. Nada posso dizer a respeito de sua vinda agora. É preciso refletir e demoradamente. Parece fora de dúvida que os amigos do Rio tem receio. Só o Simões se mostra destemido. Mas certo não pode deixar o Rio. Imagino que até os estudantes que foram presos para o Rio e os 2 bacharéis foram obrigados, pela polícia a assinar um documento em que se comprometeram a não se “envolverem em conciliábulo políticos”! Já entreguei ao Luís Viana a carta para ele. Sempre está comigo, duas e três vezes por dia. É um grupo de moços dedicados e entusiasmados, a tudo dispostos; Luís Viana, Nestor Duarte, Gilberto Valente, Aloysio de Carvalho Filho, Jayme Junqueira Ayres, Jaime Baleeiro, Inocêncio Calmon e outros que diariamente se reúnem e discutem e se manifestam desejosos de tudo enfrentarem. Notícias do Rio, dos nossos quanto à saúde, boas. Não há tempo para mais escrever hoje.

Abraços.

(Euvaldo Pinho)

Miguel

refere-se a Miguel Calmon Du Pin e Almeida, min. de Agricultura, Indústria e Comércio (1922-1926).

Luís Viana

advogado e político, apoiou o Mov. Const de SP (1932).

Nestor Duarte

advogado, integrante da LASP.

Gilberto Valente

Membro da LASP, entrou na política pela Concentração Autonomista, em oposição a Juraci Magalhães.

Jayme Junqueira

Jayme Tourinho Junqueira Ayres, membro da LASP, atuante na oposição a Juraci Magalhães.

Inocêncio Calmon

advogado, filho do ex-governador da Bahia Francisco Marques de Góes Calmon.

(SALVADOR), 23 DE SETEMBRO DE 1932

Mangabeira e Esther,

Abraços e saudades.

Previendo faltar-me tempo amanhã, começo a escrever hoje a carta que deve seguir pelo avião de amanhã. Notícias muito más, muito desoladoras. Foi preso no Rio Grande, em combate, o velho Borges. E se ainda não embarcou, embarcará dentro em breve, para o Rio, onde será recolhido ao Copacabana. Telegrama para o *Imparcial*, de 11 ½ de hoje, ainda não publicado pelos jornais diz que o Governo, em nota oficial, noticia a prisão do Bernardes, perto de Viçosa. Certo também virá para o Copacabana... E fica a gente a pensar nas voltas do destino. Flores prendendo Borges; Olegário prendendo Bernardes. Enfim não serão essas as primeiras vezes que as criaturas se voltam contra os criadores. Parece um sonho. Borges, que era há pouco o Rio Grande, preso no Rio Grande, tendo apenas, segundo notas oficiais, ao seu lado um grupo de cem amigos, dos quais fugiram cinquenta, inclusive o Luzardo. Vê-se que no Brasil, em todo ele, de norte a sul, só há um prestígio, o do poder ou da posição, é triste, mas é verdadeiro. Há três meses cerca, o Flores ia amiúde a Irapuãzinho ouvir a palavra do Borges sobre política. Hoje, traidor aos compromissos assumidos, prende o Borges, porque este quis ser fiel a esses mesmos compromissos. Ontem a *Rádio Educadora Paulista* noticiou que o J. Alberto abandonara a chefatura de polícia do Rio, deixando cartas para o Getúlio e o Melo Franco. Será verdade? Se fosse teria importância. Hoje ocorreu, à tarde, a notícia de que o Flores fora assassinado. Boato de rua, que, se confirmado, viria recomendar muito mal, nossos processos políticos. Aliás, para assim recomendá-los, mais não é preciso do que os processos dessa guerra. Ainda hoje os jornais noticiam que os paulistas bombardeiam Lorena, por meio de aviões e que, em represália, 50 canhões do governo bombardeiam violentamente Guaratinguetá. Triste, profundamente triste, tudo isso. Em telegrama de hoje, o Flores declara que não há no Rio Grande mais nenhum grupo de armas! Que todo o Estado está em completa paz. Não é possível isso. E que é feito do Luzardo, do Zeca Neto, do Marcial Terra, do Urbano Garcia, dessa gente toda que os paulistas diziam estar em armas? E do Collor? E do

Borges

refere-se a Antônio Augusto Borges de Medeiros, participou o Mov. Const. de SP (1932).

Bernardes

refere-se a Arthur Bernardes, participou do Mov. Const. de SP (1932).

Luzardo

refere-se a João Batista Luzardo, participou do Mov. Const. de SP (1932).

J. Alberto

refere-se a João Alberto Lins de Barros, chefe de Polícia do Distrito Federal.

Melo Franco

refere-se a Afrânio de Melo Franco, min. do Exterior (1930-1933).

Marcial Terra

Marcial Gonçalves Terra, grande chefe político (RS), participou da criação do exército constitucionalista no Rio Grande do Sul (1932).

Urbano Garcia

chefe político gaúcho, 1933 foi feito secretário do PL em Porto Alegre.

Pila? E como se deixou o Bernardes prender, assim, como um cordeiro? Não parece tudo isso um sonho, um mal sonho? É da gente desesperar. Aqui o interventor continua a organizar batalhões no interior e mandá-los para o sul. E não lhe faltam baianos que auxiliem nessa sinistra empreitada de fazer da Bahia África antiga de onde retira escravos para a chacina. Que miséria para a nossa pobre terra! E, enquanto isso ocorre, enquanto manda filhos da Bahia para morrerem nas trincheiras, refastelam-se nas cômodas poltronas do palácio tenentinhos, filhos de outros Estados, cercados, todos, de baianos despudorados. Vejo, pela carta última, que Mangabeira está muito aborrecido pelo fato de chefes políticos da Bahia se conservarem no Rio neste momento, em vez de aqui estarem trabalhando pela causa geral. Deve considerar porém, que dos que aqui podiam estar, de todos eles apenas dois capazes de ação, não seria permitido, pela polícia, sair do Rio. Não dariam salvo conduto. E, se conseguissem chegar até cá, seriam imediatamente presos. Mas não é devido à ausência deles que a Bahia está inerte. Mesmo de lá podiam e podem ser úteis. Foram solicitados. Esperamos a ver que atitude tomam. Posso afirmar que aqui não há indiferença. Elementos novos, principalmente os que enumerei em uma das últimas cartas, estão a tudo dispostos. Faltam, porém muitos recursos. Muitos. Como sabe, após a vitória de 30 grupos revolucionários percorrerem os nossos sertões desarmando-os completamente, inteiramente. Parece uma mentira; mas todas as armas de fogo foram apreendidas. Até facões tomaram aos pobres tabaréus. E fizeram mais: mataram, prenderam, tiraram as posições, e prestígio, de todos os antigos e conhecidos chefes sertanejos. Que fazer em tal emergência? Com que elementos? Com poucos, bem poucos, que restaram. E esses poucos, mesmo assim, estão prontos. Faltam-lhes apenas “roupas”.

Mandarei pelo Arlanza, a 27, o livro de Arlindo Frago. Não foi fácil obtê-lo. O Guilherme Marback, a quem pedi, porque fui informado ele o tinha, quis saber para que eu o queria, e dito que era para você, foi pressuroso em oferecer dedicatória. Como esse livro só se refere a empréstimos do Estado e você fala no municipal de 1904, obtive este de que mandarei cópia, conjuntamente com o livro. Este vai para Deschaseaux Frères. Lembrei de mandar o livro pelo avião de manhã, mas como me custa o porte cerca de 95\$000 e você não pediu pressa, resolvi mandar pelo vapor.

o livro de
Arlindo Frago
trata-se do livro
*Empréstimos do Estado:
Exposição apresentada
ao Sr. Dr. Governador da
Bahia – Saldos da Caixa
Econômica.*

Deschaseaux Frères
trata-se de firma com
endereço fixo em Paris,
ponto de contato para
recebimento e remessa
de cartas de Octávio
Mangabeira.

Bião
refere-se a Joaquim Clí-
mério Dantas Bião, chefe
político de Alagoinhas.

paredro
no sentido de
sumidade política.

General Mariante
Álvaro Guilherme
Mariante, com. da 1ª RM
(1932-1934).

General Monteiro
gal. Pedro Aurélio de
Góes Monteiro, foi
comandante do Exército
do Leste (1932).

Desejo saber alguma coisa a respeito dos negócios da Una. A *Mutuelle Mobilere* consentiu em prorrogar até o fim do ano o prazo da hipoteca. Haverá possibilidade de fazer o negócio que Epifânio planejou? Se não há, tentaria ver se por cá se faria alguma coisa. Porque perdendo esse negócio ficarei numa situação muito desagradável. O Bião vai sem novidade. O Tapiranga se bem em estado grave, contudo poderá viver ainda meses dependendo de fatores estranhos à mesma moléstia. Está aqui o Rochinha. Frequenta palácio, com regalias de paredro. Muito amigo do Bernardes que hoje dizem preso e que estava manifestamente contra os tenentes, e amigo muito dileto do General Mariante e do General Monteiro.

As cartas para os professores e para o Centro Universitário, causaram muito boa impressão. Já o João e o Simões haviam escrito aos professores, além de terem enviado o telegrama de que foi para aí a cópia. Vamos ver as notícias que o Rádio dará hoje. Que desgraça para São Paulo se perder nessa luta. Em que situação ficará de agora em diante esse grande estado? Quanto ódio de todo o norte? Agora sim é que lá hão de vingar as idéias separatistas que estavam em embrião. E os ódios contra o Rio Grande? Nunca mais haverá harmonia entre esses Estados. Nunca mais. Ódio de morte. De fato, não fosse a traição do Rio Grande e logo na primeira investida a ditadura tinha ido por terra. Vocês não podem imaginar e não se pode descrever como está paralisada a vida da nação. O comércio paralisado. As indústrias estacionadas. Fecham-se, mesmo aqui, fábricas cujas matérias-primas vinham de São Paulo. Fecham-se outras, cujas vendagens eram em mais de metade feitas em S. Paulo. Fecham-se casas comerciais, que de São Paulo recebiam suas mercadorias. E por quanto tempo ainda perdurará esta desoladora situação? Tem-se a impressão de que faltam a São Paulo armas e munição. A retirada no setor de leste isso evidência. Enquanto isso falta a São Paulo, recebe o Governo, em quantidade, parece que da América do Norte, aviões, armas e muita munição. E mandam-lhe os tenentes, em quantidade, levas de nortistas, analfabetos, ignorantes, que após a grande seca se satisfazem com o simples soldo. Até amanhã.

(Eivaldo Pinho)

BAHIA, 24 DE SETEMBRO DE 1932

3 da tarde

Telegramas do Rio, dizem ali devia ter chegado, hoje pela madrugada, preso, o Artur Bernardes. Foi preso numa cabana, em uma fazenda, só, completamente só, profundamente abatido... Dizem isso os telegramas. Será verdade? Será possível que o nível moral do brasileiro tenha baixado tanto? Será possível que o brasileiro não veja os homens, não lhes reconheça o valor, só veja as posições que eles ocupam e os favores que podem conceder? A Rádio Educadora Paulista noticiou ontem adesões das guarnições federais aquarteladas em D. Pedrito e Uruguaiana; tomada de diversas outras cidades, em Rio Grande, em Santa Catarina e no Paraná. Não revelaram os paulistanos, ontem, pelo rádio, enfraquecimento. As batalhas continuam em vários setores. Mortes muitas. Feridos sem conta. Já começam a remeter estes para os Estados de procedência. Já aqui chegaram diversos e diversos teem, passando para Estados do norte. Escondem, de um lado e de outro, como é natural, o número de perdas. Não sabe a gente como definir a situação. No meio de tanta tristeza, aparecem cenas alegres. O Borges, com mais de setenta anos, ao ser preso, em combate, estava trajado à gaucha, chapéu desabado, ponche bombacha, fuzil, cartucheira, uma “parabelum”, faca à cintura. E estava sereno. O Bernardes, refugiado em uma cabana, só, desarmado e muito acabrunhado. Cenas de covardia.

Já vai esta muito longa.

Não recebemos cartas hoje, daí. Esther: as notícias do Rio, dos nossos, são boas, especialmente de referência à saúde. Recebi esta semana cartas, de mamãe, de Eulina e de Esthor. Todos dizem que mamãe passa bem. Dela escondem muita coisa referente à guerra, tudo que pode entristecê-la. E fazem bem assim. Diz Eulina que Octavinho vai bem. Apenas triste e aborrecido por não ter aulas. Concluo aqui. Presumo que estas notícias não os entristecerão, porque já as tem de outra fonte. Os jornais daqui publicaram um telegrama de Lisboa, dizendo no Porto, na Universidade de Engenharia, se preparam grandes homenagens a Mangabeira. Isso deu lugar a que todos pensassem que vocês já estivessem em Portugal. Até para a semana.

(Euvaldo Pinho)

CREKVENICA, 26 DE SETEMBRO DE 1932

Meu querido Chefe e Amigo,

Sua carta de 15 p.p. anda peregrinando através de mim por estes remotos Iugoslavios, alcançando-me anteontem na pacata cidadezinha de onde lhe estou a escrever.

Vim à Dalmácia em gozo de férias, de que principalmente minha mulher e meu filho estavam precisando. Aqui há muito sol, muita luz e muito calor; o banho de mar, nossa principal ocupação e nosso único divertimento, é na realidade exultante. Contamos prolongar a nossa permanência por estas bandas até meados de outubro entrante, fazendo uma excursão até o sul – Spalato, Ragusa e Montenegro.

Até a minha partida de Viena, a 16 de setembro, nada havia de novo sobre a encomenda de armamentos. Os homens do Wintenberg não haviam voltado ao Consulado, o qual, por sua vez, não tinha recebido do Itamaraty instruções ulteriores.

Tanto o Sabóia quanto o Souza Dantas continuavam no propósito de entrar, na medida do possível, a execução de encomenda.

Esta deveria estar pronta em começos do mês vindouro. Escrevo agora ao Sabóia, perguntando se há algo de novo e se já se conhece o nome do vapor que deverá transportar as munições. Estou informado de que o Gov. fez encomenda na Suécia, na Tchecoslováquia (esta última, a troca de café) e na Polônia.

Acabei de saber do gesto generoso e intrépido do Hélio Lobo. Oxalá todos lhe imitassem o nobre exemplo! Em carta anterior, de fim de agosto, se me não engano respondi aos quesitos formulados por V. Exa.

Terá ela chegado ao destino? Achamos imensa graça no telefonema do Félix Pacheco. Brigam os amadores... Tanto melhor. Mas a homenagem prestada a V. Exa. permanece, como expressão de uma grande verdade taticamente admitida e publicada. Nossos respeitosos cumprimentos a madame Mangabeira e saudades à Edila.

Dedicadamente

Conde de Ouro Preto

Sabóia

refere-se a José Sabóia
Viriato de Medeiros,
jurisconsulto e advogado.

Souza Dantas

refere-se a Luis Martins
de Souza Dantas, embaixador do Brasil na França
(1922-1943).

Félix Pacheco

José Félix Alves Pacheco,
min. das Relações
Exteriores do gov.
Artur Bernardes.

**Conde de
Ouro Preto**

Afonso Celso de Assis
Figueiredo Júnior,
advogado, nomeado
Conde de Ouro Preto
pela Santa Sé, membro
da ABL, do IHGB, dep.
geral por Minas Geras na
Assembléia Geral.

BAHIA, 27 DE SETEMBRO DE 1932

Mangabeira:

Endereçados a Deschaseaux, mando hoje, um pacote com os livros de Arlindo Fragoso e Teófilo Falcão e, junto a estas, duas cópias do contrato de 1905. Espero que essas peças lhe satisfaçam. Não bastando, avise que se há de obter o que lhe convenha.

Parece que o abandono da chefatura de polícia pelo João Alberto, é um fato. Aqui já chegou, hoje, cópia da carta que ele escreveu ao Melo Franco. Mas tem-se a impressão de que o Presidente adiou a solução. Quem foi esperar o Bernardes, ante ontem, quando chegou preso, foi o 3º Delegado Auxiliar. E se o J. Alberto estivesse em exercício não se furtaria a esse prazer. As notícias acerca da prisão estão agora aparecendo com um cunho de veracidade. Ele apresentou-se, em conseqüência de entendimento, tendo sido o esconderijo indicado por um sobrinho e de acordo com ele. Isso foi feito para evitar as perseguições de que estavam sendo vítimas os seus amigos. Infelizmente essa prisão faz descrecer das notícias da Rádio Educadora de que toda Zona da Mata estava em luta contra a ditadura. Enfim de algum modo encontramos nesses fatos (na prisão do Borges e do Bernardes) um consolo: é o castigo do mal que fizeram ao país em 1930, pois sem o apoio deles a revolução desse ano não teria triunfado. Hoje notícias do Rio, aceitáveis, dizem que lá a situação se complica porque três correntes aparecem: uma dos civis que entende deve ser entregue o governo a civis, com o afastamento dos militares, meio de por termo à luta; outra dos tenentes que quer manter o Getúlio, levando ao fim a guerra com o esmagamento de São Paulo e outra dos militares de patente que pretendem encontrar uma fórmula na entrega da ditadura ao Góes Monteiro, com o afastamento dos oitobristas e dos civis. É uma atrapalhada dos pecados.

Esther – fique tranquila quanto à saúde dos nossos. Estão todos bons. Mamãe continua forte; alimenta-se bem, escreve direito, vai às missas, etc. Está cansada, o que é natural, diminui a visão e também a audição, o que também é natural.

Abraços a Edyla.

(Euvaldo Pinho)

os livros de Arlindo Fragoso trata-se do livro *Empréstimos do Estado: Exposição apresentada ao Sr. Dr. Governador da Bahia – Saldos da Caixa Econômica.*

Teófilo Falcão

Teófilo Borges Falcão, dir. da Receita Pública do Estado da Bahia na 1ª República.

João Alberto

João Alberto Lins de Barros, chefe de Polícia do Distrito Federal.

Melo Franco

Afrânio de Melo Franco, min. do Exterior (1930-1933).

Bernardes

refere-se a Arthur Bernardes, participou do Mov. Const. de SP (1932).

Borges

refere-se a Antônio Augusto Borges de Medeiros, participou o Mov. Const. de SP (1932).

Góes Monteiro

gal. Pedro Aurélio de Góes Monteiro, foi comandante do Exército do Leste (1932).

RECEBIDO EM PARIS, 28 DE SETEMBRO DE 1932

Vapor norueguês norma deveria partir quinta feira carregamento municição Rio. Marcados outros transportes outubro adquiridos governo Polônia. Urgente providenciar impedir partida norma. Tudo confidencial.

Almeida

TELEGRAMME

MINISTRO MANGABEIRA
HOTEL WINDSOR RUE
BEAUJON PARIS

042

ORIGINE	REMERQUE	NUMERO DE ORDRE	DATE	HEURE	RECEPTION
			DANZIG / 5	329 34	28 0815

VAPOR NORUEGUEZ NORMA DEVERA PARTIR QUINTAFEIRA
CARREGAMENTO MUNICAO RIO STOP MARCADOS OUTROS
TRANSPORTES OUTUBRO ADQUIRIDOS GOVERNO POLONIA STOP
URGENTE PROVIDENCIAR IMPEDIR PARTIDA NORMA STOP
TUDO CONFIDENCIAL = ALMEIDA =

15

T. L. G., N° 102. (1902-1932) (A. 1912-1932) - 1794 (1902-1932)

BAHIA, 30 DE SETEMBRO DE 1932

Mangabeira e Esther

Para ganhar tempo venho escrever desde hoje. Os acontecimentos ocorridos de ontem para cá, vocês os conhecerão antes do recebimento desta. Estamos aqui num abatimento moral muito grande. Completo desengano. S. Paulo caiu redondamente. As promessas que nos davam pela rádio Educadora, parece tinham falso fundamento. O que mais nos surpreendeu, depois do pedido de armistício foi a deposição do Pedro de Toledo, sua prisão e a de seus secretários e o fato de ter o Klinger assumido o governo ali. Ainda se ignora o motivo dessa reviravolta. Surpresas sobre surpresas. Desenganos sobre desenganos. Borges de Medeiros e Bernardes, aguentando, ali no rijo! Anteontem, tarde da noite, M. Monteiro telefonou-me dizendo haver recebido telefonema do Rio, nestes termos: “Procedente Europa jornalista João Lobo falou *Correio da Manhã* expondo situação da França, particularmente a respeito da revolução brasileira. Disse que os inimigos da arrancada de outubro estão atívisimos, contrastando esta atitude com a das autoridades diplomáticas e consulares que nada fazem, deixando o campo livre aos adversários. Irineu Machado está atívisimo, tentando impedir a compra de armamentos pelo governo brasileiro. João Lobo destaca a gente da velha república, recebendo reforços continuamente daqui, gente que parece vai propositadamente ativar tarefa antipatriótica descrédito do Brasil no exterior, todavia as exceções as mais dignas de admiração como O.M. pondo o Brasil acima de tudo, numa atitude digníssima. O.M. segue com maior atenção a atuação do tenente Juracy Magalhães na Interventoria baiana, não oculta suas simpatias por tudo quanto Juracy está fazendo. Acrescentou que ele não acredita que os revolucionários (certamente os de 30), sejam vencidos, pois, antes, como idealistas, não foram vencidos, portanto não poderão ser agora, quando tem força considerável. Referiu-se frisando bem revolucionários sinceros.

Esse telegrama, achei não devia ser publicado aqui e pedi ao Mário só o divulgasse até aquele ponto “... numa atitude digníssima”. No dia imediato cedo, entendi-me com o Aloysio Castro, diretor gerente do *Diário de Notícias*, com o Luís Viana, de *A Tarde* e também com o

Pedro de Toledo
Pedro Manuel de Toledo,
interv. em São Paulo
(1932).

Klinger
refere-se a Bertoldo
Klinger foi com. da
Circunscrição Militar de
Mato Grosso (1931) e
Rev. 1932.

Borges de Medeiros
refere-se a Antônio
Augusto Borges de Me-
deiros, Rev. 1932, então
com 69 anos de idade.

Bernardes
refere-se a Artur da Silva
Bernardes, Rev. 1932,
então com 57 anos de
idade.

M. Monteiro
Mário Monteiro de
Almeida, redator-chefe de
O Imparcial (1931-1932).

Irineu Machado
sen. (1927-1930) depor-
tado pela Rev. de 1930.

Aloysio Castro
advogado, jornalista, dep.
constituente pelo PSD de
Juracy Magalhães.

Luís Viana
advogado e político,
apoiou o Mov. Constitu-
cionalista de São Paulo.

Padre Barbosa
Manuel de Aquino
Barbosa, pároco da
Conceição da Praia.

Era Nova

Pequeno jornal de
orientação católica a
serviço da Ação Católica.

Bahia

refere-se a Eutychio
Bahia, representante
político de Mangabeira
durante o exílio.

G. Monteiro

Góes Monteiro foi
comandante do Desta-
camento do Exército do
Leste em 1932.

J. Alberto

João Alberto Lins
de Barros, chefe de
polícia do Distrito
Federal em 1932.

Basílio Taborda

Rev. de 1932.

Padre Barbosa, da *Era Nova*, para que estes jornais não publicassem o telegrama. Agi com jeito, frisando que não era conveniente neste momento divulgar impressões políticas suas, principalmente quando eram dadas por intermédio de terceiro, as quais não se podia crer que fossem autorizadas por você. Nenhum jornal aqui, até hoje, publicou. Essas providências, era preciso fossem tomadas muito cedo e por isso tomei-as, sem consultar o Bahia que, você sabe, acorda muito tarde e não tem telefone em casa. Mais tarde, porém, procurei-o dando-lhe notícia do havido. Acho que, se divulgada aqui esta entrevista, comentários, e desagradáveis, senão censuras, teriam surgido.



Padre Barbosa

Isso logo depois de suas cartas aos professores que foram presos e a mensagem aos estudantes causaria má impressão. Acha que fiz bem? – A notícias de hoje a respeito das condições de paz são incertas. Telegramas oficiais, aliás, com taxa oficial, dizem que o governo impõe punição aos responsáveis pelo movimento, principalmente para os políticos que o promoveram e se conservaram na retaguarda. Diz-se que logo assinado o pacto da paz, o governo baixará decreto pondo em vigor a Constituição de 91, com as modificações que entender conveniente, assentando também que será impreterivelmente a 3 de maio de 33 a eleição da Constituinte. Têm-se a impressão de que há luta entre generais e tenentes. Parece certo e decidido, entre G. Monteiro e J. Alberto.

Dia 1º de outubro – Esta, começada ontem, só hoje pode ser continuada.

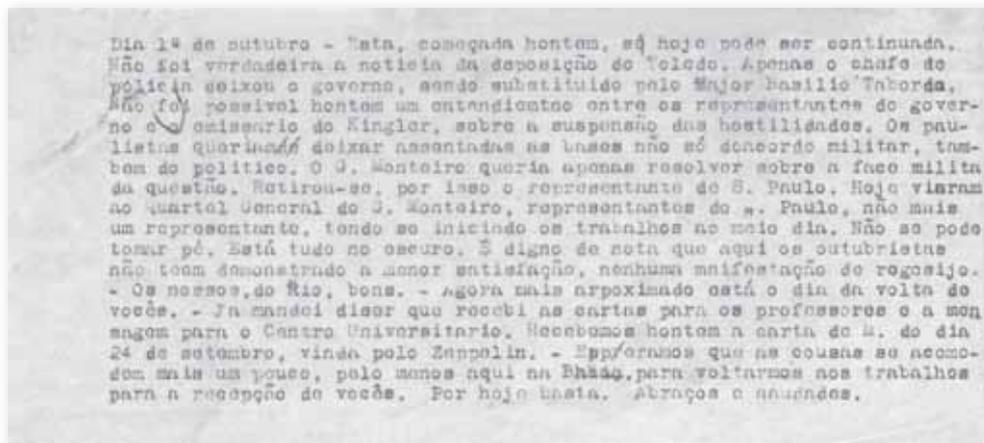
Não foi verdadeira a deposição do Toledo. Apenas o chefe de polícia deixou o governo, sendo substituído pelo major Basílio Taborda.

Não foi possível ontem o entendimento entre os representantes do governo e o emissário do Klinger, sobre a suspensão das hostilidades. Os paulistas queriam deixar assentadas as bases, não só do acordo militar, também do político. O G. Monteiro queria apenas resolver sobre a face militar a questão. Retirou-se, por isso o representante de S. Paulo. Hoje vieram ao quartel General do G. Monteiro, representantes do S.

Paulo, não mais o representante, tendo se iniciado os trabalhos ao meio dia. Não se pode tomar pé. Está tudo no escuro. É digno de nota que, aqui os outubristas não tem demonstrado a menor satisfação, nenhuma manifestação de regozijo.

Os nossos do Rio, bons. Agora mais aproximado está o dia da volta de vocês. Já mandei dizer que recebi as cartas para os professores e a mensagem para o Centro Universitário. Recebemos ontem a carta de M. do dia 24 de setembro, vinda pelo zepelin. Esperamos que as coisas se acomodassem mais um pouco, pelo menos aqui na Bahia, para voltarmos ao trabalho para a recepção de vocês. Por hoje basta. Abraços e saudades.

(Eivaldo Pinho)



OUTUBRO DE 1932

Para todos

Ceci, Vina, Maria, Euvaldo. A correspondência da semana chegou regularmente.

Apesar de algumas cartas ainda pelo último avião, datadas, portanto, de 24 de setembro, assegurarem ainda a vitória de São Paulo, e outras, menos animadas reconhecerem, contudo, que São Paulo resistiria, confesso que, desde alguns dias, vinha interpretando fielmente o que se passava em São Paulo, como dei a perceber na minha carta de sábado: fiou-se apenas no Rio Grande do Sul, cujas forças unidas às suas, arrastariam as de Minas Gerais, e tudo o mais era um castelo de cartas. Para o Norte, não deu muita palavra, o que só se explica pelo fato de contar com a vitória rápida e segura, senão teria previsto que, depois de aberta a luta, não seria possível preparar o movimento no Norte, e este, ao contrário, se transformariam em viveiro de soldados. Para o estrangeiro, não deu a menor providência, o que se explica pelo mesmo fato, pois, se não se tratasse de um plano que devesse vingar em poucos dias, ter-se-ia compreendido que secundar, no estrangeiro, a ação da guerra civil, era evidentemente indispensável. Quando, pois, se volveram contra ele, em vez de lhe virem em auxílio, as forças gaúcha e mineira (tenho a impressão de que o Borges, com as suas costumadas contemporizações, deixou muito tempo no Flores...) o que se deu em São Paulo foi um grande movimento de civismo, verdadeiramente admirável, que partia, entretanto, do fracasso das combinações fundamentadas e assim fracassaria.

São Paulo, desde o princípio, assumiu o papel do mais fraco: manteve-se na defensiva. Por outro lado, raciocinemos. Quantos soldados, no máximo, terá empregado a ditadura, no seu ataque a São Paulo? 50 mil? 60 mil? Ora, quem ataca, para fazê-lo com êxito, necessita, logicamente, o dobro, senão mais do dobro das armas ou da força de que precisará quem se defende, digamos, dentro de casa. Portanto, a conclusão é que São Paulo não tinha senão um diminuto exército este mesmo mal provido, que seria bastante, com sobra, para unido ao Rio Grande, com a neutralidade a princípio, e em seguida com o apoio de Minas, por abaixo o governo, mas que era deficiente para o caso, que

veio a verificar-se. Se São Paulo, como aliás se dizia, se tivesse preparado, não podia ter sido vencido, por muito menos, nas condições em que o foi. Recursos não lhe faltavam (população e dinheiro) para ter, por exemplo, organizado um exército de 100 mil homens, hipótese na qual em tempo próprio, teria tomado a ofensiva, e não tenho a menor dúvida que, se houvesse infligido, desde logo, derrotas à ditadura, lhe obteria a queda. A verdade, porém, é que São Paulo, não obstante sempre em defensiva, não fez senão recuar, o que vale dizer que a ditadura não fez senão avançar, prestigiando-se.

De qualquer modo, porém, embora viesse assim formando o meu juízo – e muito aqui se discutia o assunto – nunca supus, todavia, que a derrota assumisse as proporções, verdadeiramente exageradas, que acabou por assumir, tocada até de ridículo quando se reflete nas coisas que se andaram propalando. A vitória material da ditadura não podia ter sido mais completa. Não tenho mesmo notícia de outra igual.

Parece que as circunstâncias se esmeraram em corresponder-lhe aos caprichos, escolhendo até a data – 1, ou 2 – para a rendição de São Paulo (que rendição!) de modo que o 3 de outubro já pudesse ser comemorado.

A coisa, porém, é tão má, que não há êxito que a galvanize. Não é necessário ser profeta, para estabelecer este dilema: ou a ditadura se corrige, com a lição da experiência, promovendo, por suas próprias mãos – no que aliás não creio – o restabelecimento, em boa forma, das liberdades públicas, ou avolumadas, como se avolumaram, as forças que hostilizam, se hão de levantar mais adiante, e desta vez não será para que se reproduza o caso de São Paulo. Agora, com efeito, já se sabe com o que a ditadura está contando, e dúvida não há que os que a combatem poderão reunir muito mais, além de neutralizar-lhe, em muitos pontos, a ação.

As divergências entre os vencedores (Flores da Cunha, Góes Monteiro, tenentes, etc.) vão ser inevitáveis. Nem todos se quererão submeter a pontos de vista comuns. Flores da Cunha se esforçará por levar-se, pregando liberalismo. Góes Monteiro e o 3 de outubro se atritarão facilmente. É de recear que São Paulo saia muito ressentido da luta, e que o espírito de separatismo, que nunca existiu de fato, passe de fato a existi, criando no organismo do país um ponto melindroso. Vejo que se fala em punições (sempre a mesma burrice...). Irá punir o Borges de

José Carlos
Macedo Soares
jurista, historiador, político
e diplomata. Emb. do
Brasil na Bélgica (1931),
exerceu diferentes
funções diplomáticas na
Europa (1932).

Medeiros? Mas, se ele não for punido, restará autoridade para punir os outros. Depois, muitos incidentes hão de vir...

A mais de um paulista que daqui partiu (José Carlos Macedo Soares, Garcia Rosa, etc.) pedi que tornasse claro, nos circulares paulistas, que “eu estava com São Paulo, e ainda mais estaria, se ele fosse vencido”. Assim, logo que feita a paz, se abriu aqui o telégrafo para as comunicações com São Paulo, dirigi o seguinte telegrama: “Redação Estado de São Paulo – São Paulo. Restabelecidas as comunicações entre São Paulo e o estrangeiro, cumpro o dever de saudar, no grande povo paulista, seu culto à liberdade, sua devoção ao Brasil. Octávio Mangabeira”.

Não creio que o telegrama tenha chegado a destino, nem, pois, que tenha sido publicado. Mande-o, entretanto, por cópia, com o competente recibo, por esta a mala aérea via Rio, afim de que se publique na primeira ocasião, e desde já, se divulgue, por meios particulares. Será que os jornais aí, já poderão publicá-lo estimarei que o façam daqui a mais uns três ou quatro dias, isto é, depois que a cópia houver chegado a São Paulo, mas com a explicação de que o passei no dia 3 de outubro, quer dizer, quando o telégrafo aqui se reabriu.

Com a discrição que julgarem necessária, mostrem, contudo, esta carta, aos principais amigos, para que saibam onde paio, de como estou vendo os acontecimentos.

Saudades de

Octávio Mangabeira

RIO, 4 DE OUTUBRO DE 1932

Octávio

Há muito que não lhe escrevo; sendo minha última carta uma que remetia outra de Carlos. De você também nada tenho recebido, a não ser um postal de Lisboa datado de 27 de agosto.

Depois que estourou a revolução em S. Paulo, resolvi nada lhe escrever a respeito. Previa o resultado, desde que Rio Grande e Minas não entraram na luta. Ao menos um dos dois. Houvesse o Rio Grande tomado armas juntamente com S. Paulo, e o Getúlio não se agüentaria 48 horas. Mas S. Paulo isolado não podia vencer. Não queria, porém, lhe dar opinião derrotista, em contrário das que você recebia e, sobretudo, porque em nada adiantava, servindo apenas para lhe perturbar o espírito.

Por outro lado, achava que a revolução era precipitada. Devia S. Paulo aguardar se Getúlio cumpria ou não o compromisso de encaminhar o país para a Constituinte, cuja eleição marcara para 2 de março. S. Paulo, que tudo melhor tem, devia aguardar os acontecimentos, máxima e agora que tinha um governo feito por ele mesmo.

Mas, enfim, são águas passadas. A revolução terminou pela traição da polícia paulista, que desde 1924, sempre falha, à última hora.

Tenho muita pena do João Neves, que se portou com uma grande bravura cívica e física; e sobretudo, porque ele era contrário à revolução, como sempre me disse e me repetiu dois ou três dias antes de rebentar o movimento. Não que tivesse dúvida sobre o êxito, porque estava certo que o Rio Grande “faria a vanguarda”. Mas receava “novos heróis, cavalos no obelisco e caça de cartórios”.

E, para manter, ou salvar a honra do Rio Grande, envolveu-se no turbilhão. O mesmo fizeram Borges e Bernardes, entrando numa revolução já, claramente, perdida, para cumprimento da palavra empenhada. Cincinato, procurado em casa pela polícia, à véspera da revolução, está oculto aqui no Rio, até hoje.

Na Bahia você já sabe o que se passou. Dei a Edith, que lhe enviou, uma cópia do memorando que redigi, e logo Simões e eu assinamos. Miguel cometeu a miséria de recusar assinatura.

“faria a vanguarda”
significa estaria à frente.

“novos heróis,
cavalos no obelisco
e caça de cartórios”
refere-se aos militares
frente ao obelisco da
Av. Rio Branco comemorando a entrada no D.F. e vitória da Rev. de 1930.

Miguel
refere-se a Miguel Calmon, min. por três vezes na 1ª República.

José Carlos
Macedo Soares
jurista, historiador
e diplomata.

Laudo Camargo
interv. fed. no governo de
São Paulo (1931).

Terminado o movimento em S. Paulo, diz o Getúlio que a eleição se realizará de qualquer modo a 3 de maio e que nomeará um interventor civil e paulista. Fala-se em José Carlos Macedo Soares ou Laudo Camargo.

O meu palpite é que Getúlio encaminhará, desta vez, o país para a ordem legal e agirá com serenidade, e um espírito de vingança. Oxalá não me engane!

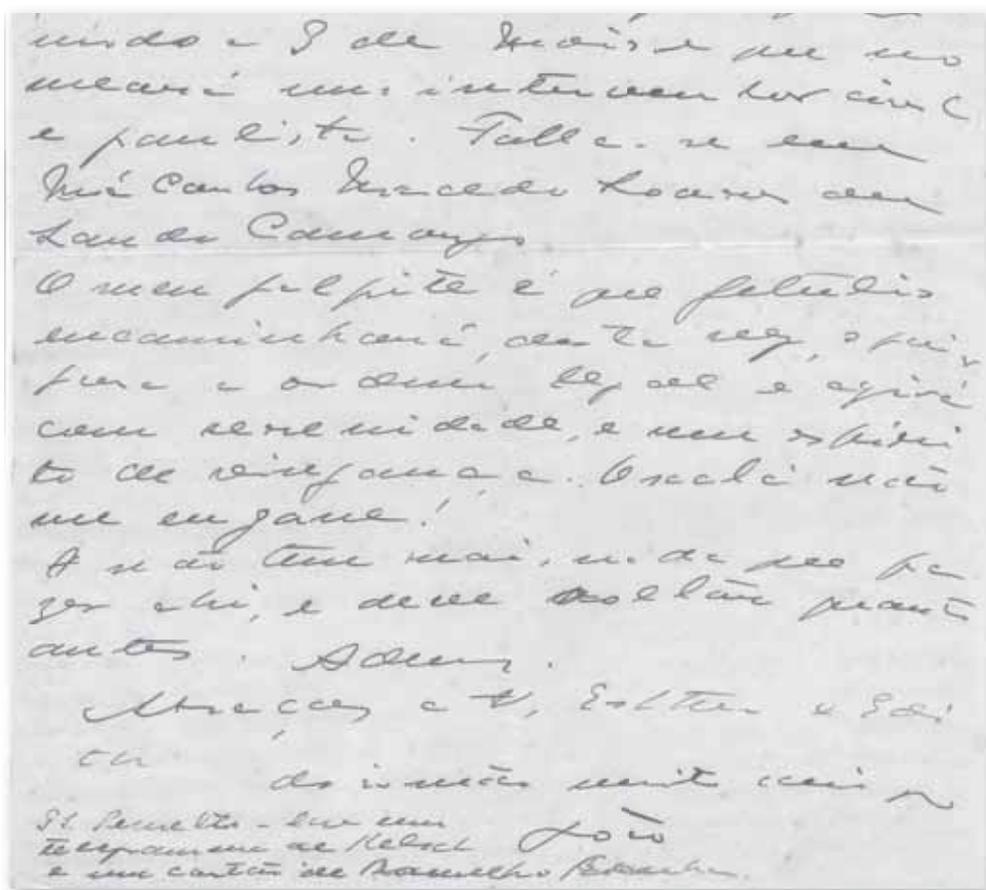
Você não tem mais nada que fazer aí, e deve voltar quanto antes.

Adeus.

Abraços a você, Esther e Edyla do irmão muito amigo.

João (Mangabeira)

P.S. Remeto-lhe um telegrama de Raquel e um cartão de Ramalho Cunha.



Terminado o movimento em S. Paulo, diz o Getúlio que a eleição se realizará de qualquer modo a 3 de maio e que nomeará um interventor civil e paulista. Fala-se em José Carlos Macedo Soares ou Laudo Camargo.

O meu palpite é que Getúlio encaminhará, desta vez, o país para a ordem legal e agirá com serenidade, e um espírito de vingança. Oxalá não me engane!

Você não tem mais nada que fazer aí, e deve voltar quanto antes. Adeus.

Abraços a você, Esther e Edyla do irmão muito amigo.

P.S. Remeto-lhe um telegrama de Raquel e um cartão de Ramalho Cunha.

PARIS, 5 DE OUTUBRO DE 1932

Cópia de telegrama para o *Estado de São Paulo*, SP
Redação Estado de São Paulo.

Restabelecidas as comunicações entre São Paulo e o estrangeiro, cumpro o dever de saudar, no grande povo paulistano, seu culto à liberdade, sua devoção ao Brasil.

O. M. (*Octávio Mangabeira*)

PARIS, 12 DE OUTUBRO DE 1932

Cópia de telegrama para o *Correio da Manhã*, Rio.
Dr. Paulo Bittencourt

Agradecerei tornar público desautorizo quaisquer referencias me forem atribuídas envolvendo qualquer restrição na incompatibilidade absoluta que me separa da situação que atualmente domina, na União e na Bahia. Saudações Cordiais.

O. M. (*Octávio Mangabeira*)

Paulo Bittencourt
advogado, proprietário
do Jornal *Correio da
Manhã*.

BAHIA, 7 DE OUTUBRO DE 1932

Esther e Mangabeira

Começo hoje, quando disponho, por ser noite, de algum tempo. Talvez amanhã haja o que acrescentar. Ainda não nos equilibramos do tombo tomado, com a rendição de São Paulo. Foi imprevista, ao menos para agora. Os fatos estão demonstrando que houve traição da parte da polícia paulista, chefiada, aliás, por um sergipano. O Klinger teve, no Rio, uma recepção ruidosa. Flores e tentativa de agressão. Vivas e morras. Houve agitação. O Klinger, falando aos jornais disse assumia inteira responsabilidade do movimento. O mesmo disse o Isidoro. Tem-se, e com razão, a impressão de que em tudo isso houve um entendimento. Quando passou preso por Cruzeiro, foi o Klinger procurado, no *wagon*, pelo G. Monteiro, e conversaram os dois, a sós, durante 40 minutos. Aqui os do 3 de outubro fizeram, na noite desse dia, uma passeata de regozijo pela vitória do governador. Foi uma decepção. No máximo 500 pessoas, e desclassificadas. O Marques cumprimentou o interventor em nome da sociedade baiana e ofereceu-lhe uma corbeile de rosas rubras. E disse do valor da co-participação do mesmo em prol do prestígio ao princípio da autoridade, sem que, assim agindo, deixasse de atuar com uma generosidade de que ele, Marques, podia oferecer testemunho. Esse discurso deu causa a que, no dia imediato, fosse recebido na Faculdade de Direito, ao ir dar aula, debaixo de vivas a São Paulo. Apesar disso foi dar aula, mas a esta só compareceram poucos alunos. Ele falou sobre a paz que voltara, da vitória do princípio da autoridade. Foi ouvido com frieza pelos poucos presentes, enquanto de fora continuavam os vivas a S. Paulo. Diz-se que é ele agora o candidato do tenentinho a governador constitucional da Bahia. Outros falam que também o Paulo Filho é candidato do Juarez. Este saiu do cartaz. Tem-se a impressão de que os generais mantêm o propósito de fazerem com que os militares voltem aos quartéis. O G. Monteiro em entrevista, anterior à vitória do governo, opinou pela necessidade de uma lei orgânica nesse sentido. Quando se discutia o armistício confirmou esse e outros pontos de sua entrevista. O Waldomiro Lima, em recente entrevista, disse a mesma coisa. Se isto se der; se eles isso fizerem, de algum modo nos servirá a revolução. *A Era Nova*, apesar de

Marques
refere-se a João Marques
dos Reis, foi juiz substitu-
to do TRE da Bahia.

Paulo Filho
Manuel Paulo Tales de
Matos Filho, jornalista e
Constituinte em 1934.

Waldomiro Lima
militar, comandou as
forças de combate aos
revoltosos de 1932, ao
lado de Góes Monteiro,
com. da 1ª RM.

se ter comprometido comigo o Padre Barbosa, deu precedida de elogios a você e com o seu clichê, a tal entrevista de João Lobo ao *Correio da Manhã*, Lobo que não é jornalista, e sim capitalista, como agora está explicado. Os comentários aqui foram muitos e quase todos desagradáveis. Felizmente foi tomado como perfídia e procuramos justificar as declarações que lhe foram atribuídas, dizendo que, mesmo verdadeiras eram, anteriores às violências aqui praticadas pelo Juracy. Em fim, não gostamos das tais declarações que o Lobo lhe atribuiu e muito menos da divulgação aqui na Bahia.

Recebeu em tempo o telegrama sobre laminas? Embora previsse que, ao recebê-lo, já de tudo estava informado, mesmo assim resolvi mandá-lo, só para satisfazer compromisso.

Lembro que precisamos de esclarecimento sobre a chegada. Mantêm-se o mesmo programa? Acho que sim. Mas lembre-se que agora, para empregar o termo adotado e ajustado à época, é preciso fazer novas articulações.

O pesar aqui na Bahia, pela queda de São Paulo foi muito grande. Tendo o governo decretado feriado, foi com dificuldade que o comércio fechou. A prefeitura mandou para a rua os seus fiscais forçarem o fechamento. Uma frieza enorme em tudo. Só o grupo reduzido dos tenentes estava alegre. Já aqui chegou o Dr. Mesquita. Como se foi ele com você? Tendo feito a viagem devido ao Álvaro, tendo este muito o auxiliado aqui em preparativos para o que foi fazer, só escreveu até o dia em que o Arnaldo estava na prefeitura; depois disso, nada mais escreveu e nem ao menos avisou a chegada. Também até hoje não se encontraram. O Mesquita aqui chegou há 4 ou 5 dias.

(Eivaldo Pinho)

Padre Barbosa
Manuel de Aquino
Barbosa, pároco da
Conceição da Praia.

Mesquita
refere-se a Armando
Mesquita, consultor
jurídico da Prefeitura
(1932).

PARIS, 8 DE OUTUBRO DE 1932

Simões

refere-se a Ernesto Simões Filho, jornalista e político, exilou-se na Europa após a derrota do Mov. Const. de SP (1932).

Simões

Acredito que o 4 de outubro, você o não terá comemorado com a boca muito doce... Em Deus nos permita festejar melhor os 47 anos, que aí vem pesando no lombo.

Leia as notas, que lhe serão mostradas, por dupla economia, economia de tempo, para não escrever as mesmas coisas a três ou quatro pessoas, e, talvez, sobretudo,... de avião.

Mande-me as suas notícias e as suas impressões.

Lembranças nossas a d. Helena e a Regina, um grande abraço do

d. Helena

refere-se a esposa de Simões Filho.

Regina

refere-se a filha de Simões Filho.

Octávio

Simões: Acredito que o 4 de Outubro, você o não terá comemorado com a boca muito doce... Em Deus nos permita festejar melhor os 47 anos, que aí vêm pesando no lombo.

Leia as notas, que lhe serão mostradas, por dupla economia, de tempo, para não escrever as mesmas ou sei a três ou quatro pessoas, e, talvez, sobretudo,... de avião.

Mande-me as suas notícias e as suas impressões.

Lembranças nossas a d. Helena e a Regina, um grande abraço do Octávio.

Paris, 8-10-32.

SALVADOR, 8 DE OUTUBRO DE 1932

(Esther e Mangabeira)

3 1/2 da tarde. Recebemos as cartas do dia 1º, vindas pelo avião que chegou hoje, e também às cartas de agradecimento, de felicitações vindas pelo Arlanza. Estas já começaram a ser distribuídas. De referência ao filho de Carlos Freire, parece que é mesmo Alberto o nome do que morreu. Já falei ao Bahia que ficou de averiguar. Os jornais falam agora na nomeação do Flores para a Pasta da Justiça e na ida do Osvaldo para a interventoria do Rio Grande. Também se diz que o Leão da Metro voltará à Pasta da Agricultura. É duro. Cadê vergonha? Pela carta de Mangabeira do dia 1º, vejo que aí ele está ao par dos movimentos de cá como nós aqui na Bahia, ou melhor do que nós. É preciso ver agora o que pretende fazer de referência à volta. Quando será? É muito desejado esse dia. Esther, deve compreender como desejei passar o dia 7 de setembro com mamãe. Desejei muito mesmo. Nessa época precisamente o movimento revolucionário estava muito aceso. Eu não podia sair daqui, absolutamente, por motivos que só pessoalmente serão ditos. Não fossem esses motivos e eu teria feito um sacrifício e iria vê-la. Agora meu projeto, e isso mesmo já fiz saber a ela, é ir daqui com vocês, quando vocês forem daqui para lá. Georgina não lhe tem escrito como deve e deseja, porque está sempre ocupada. Fala sempre em vocês e com saudade. Epifânio está bom. A mulher dele nos tem dado impressão muito boa. Não só a mim. Aos parentes dele e aos amigos. Ele está agora menos nervoso. Tia Honorina cada vez mais cansada e triste. Ela sentiu muito os aborrecimentos havidos com Arnaldo. Zazá ainda doente da mão. Alvinho bom. Arnaldo, desde que se demitiu, meteu-se na usina do cunhado, em Santo Amaro, e não veio mais à cidade. A mulher dele aqui e lá. Quando aqui, fica na Mangueira, onde estão os filhos. Tia Julinha e tio Emílio e os respectivos aderentes, bons. Quem não se esquece de você um só instante e pede sempre para lhe dar lembranças é D. Isaura de Albino. Zizinha também manda sempre lembranças. Morreu a irmã mais velha que ela tinha, a Pequena. Hoje restam apenas ela e Ranulfo. Esthor sempre me escreve. Esteve um grande entusiasta dos paulistas e sofreu com a derrota. Esther, deve fazer o possível para não perder a paciência a aguentar a deportação até o fim, com ânimo

Alberto

refere-se a Alberto Espinheira Freire de Carvalho.

Leão da Metro

referência jocosa a Leite de Castro, ex-min. da Guerra (1930-1932).

Epifânio

refere-se a Epifânio Tude de Souza, gerente do escritório de Paris da firma Tude Irmão e Cia.

tia Honorina

refere-se a Honorina Amália de Pinho Cunha, mãe de Arnaldo Pimenta da Cunha, irmã de Quintino Soares de Pinho, pai de Euvaldo Soares de Pinho.

Zazá

refere-se a Isaura Amália de Pinho Cunha, irmã de Álvaro e Arnaldo Pimenta da Cunha.

D. Isaura de Albino

refere-se a Isaura Bahia Leitão, esposa de Albino Artur da Silva Leitão médico e professor universitário.

irmã do
Madureira de Pinho
refere-se a Constança
Madureira de Pinho.

Bahia
refere-se a Eutychio
Bahia, representante
político de Octávio
Mangabeira na Bahia
durante o exílio.

Bião
refere-se a Joaquim Cli-
mério Dantas Bião, chefe
político em Alagoinhas.

forte. Falta menos agora. Acho que o mais tardar, em novembro, vocês devem estar aqui. Cheguei mesmo a admitir que viessem no inglês, que sai daí a 22 de outubro e no qual vem o Carlos Costa Pinto. Mangabeira, as impressões que temos, consequente de notícias que nos dão aqui na Bahia, é de que houve muita morte, na revolução. E muitos feridos. Jornais de ontem falaram em cinquenta mil mortos. Parece um grande exagero. Mas parece que houve muita morte. Quanto a feridos, o governo chegou a requisitar hospitais particulares, no Rio, para acomodá-los. Esta parece não foi uma passeata, como a de 1930. S. Paulo perdeu, é certo, mas o Brasil ganhará com certeza. Creio que agora as coisas mudarão e tenho confiança em que os militares dentro em pouco voltarão aos quartéis. Estou enganado? Talvez. Mas espero não esteja. Morreu hoje, aqui, uma irmã do Madureira de Pinho. O Tapiranga não tem pioras. Mas não trabalha, não sai de casa e recebe apenas um número limitado de visitas por dia. Não vieram os agradecimentos aos parabéns do Bahia e do Bião, foram, de ambos, por meu intermédio, dentro de carta minha. Vou concluir esta, Até para a semana. Abraços muitos para a Edyla.

(Ewald Pinho)

Dia 8, ás 3 1/2 da tarde. Recebemos as cartas do dia 1º, vindas pelo avião que chegou hoje, e também as cartas de agradecimento de felicitações vindas pelo Arlanza. Estas já começaram a ser distribuídas. De referência ao filho do Carlos Freire, parece que é mesmo "liberto" o nome do que morreu. Já falei ao Bahia que ficou de averiguar. - Os jornais falam agora na noção de Flores para a Pasta da Justiça e na ida do Oswaldo para a interventoria do Rio Grande. Também se diz que o Leão da Metro voltará à Pasta da Agricultura. É duro? Cadê vergonha? Pela carta de Mangabeira do dia 1º, vejo que ele aí está ao par dos movimentos de cá como nós aqui na Bahia, ou melhor do que nós. É preciso ver agora o que pretende fazer de referência à volta. Quando será? É muito desejado esse dia. - Esther: Deve compreender como desejei passar o dia 7 de setembro com mamãe. Desejei muito mesmo. Nessa época precisamente o movimento revolucionário estava muito aceso. Eu não podia sair daqui, absolutamente, por motivos que só pessoalmente serão ditos. Não fossem esses motivos e eu teria feito um sacrifício e iria vê-la. Agora meu profeto, e isso mesmo já fiz saber a ela, é ir daqui com vocês, quando vocês forem daqui para lá. - Georgina não lhe tem escrito como deve e deseja, porque está sempre ocupada. Fala sempre em vocês e com saudades. Epiphany está bom. A mulher dele nos tem dado impressão muito boa. Não só a mim, aos parentes dele e aos amigos. Ele está agora menos nervoso. Tia Honorina cada vez mais enxada e triste. Ela sentiu muito os aborrecimentos havidos com Arnaldo. Zazá ainda doente da mãe. Alvinho bom. Arnaldo desde que se demitiu meteu-se na usina do cunhado, em Santo Amaro, e não veio mais à cidade. A mulher dele aqui e lá. Quando aqui fica na Mangueira, onde estão os filhos. Tia Juliana e tio Emilio e os respectivos aderentes, bons. Quem não se esquece de você um só instante e pede sempre para lhe dar lembranças e D. Izaura de Albino. Zizinha também manda sempre lembranças. Morreu a irmã mais velha que ela tinha, a Pequena. Hoje restam apenas ela e o Ranulpho. - Estão sempre me escreve. Esteve uma grande entusiasmo dos paulistas e sofreu com a derrota. Esther deve fazer o possível para não perder a paciência e aguentar a deportação até o fim com animo forte. Falta menos agora. Acho que o mais tardar em novembro vocês devem estar aqui

PARIS, 14 DE OUTUBRO DE 1932

Meu caro Paulo Bittencourt:

Tive motivos para dirigir-lhe, em data de anteontem, 12 de outubro, o seguinte telegrama:

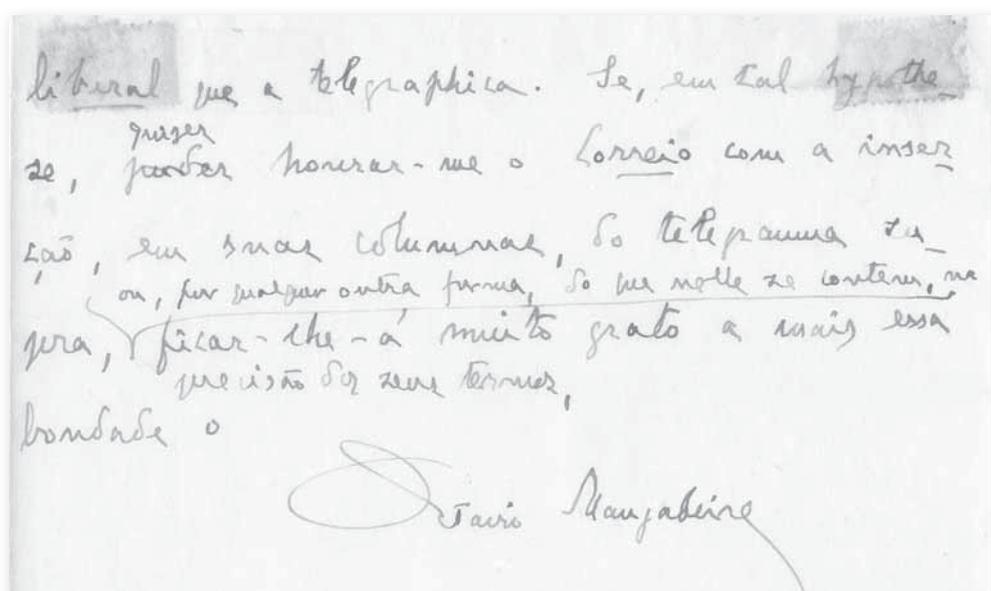
Paulo Bittencourt. *Correio da Manhã*. Rio. Agradecerei tornar público desautorizo quaisquer referências me sejam atribuídas, envolvendo qualquer restrição na incompatibilidade absoluta que me separa da situação que atualmente domina, na União e na Bahia. Saudações cordiais.

Ontem, recebi do Telégrafo o aviso, que junto lhe remeto. Por ele vim a saber que o telegrama, retido pela censura, não chegou ao seu destino.

Trata-se, aliás, como vê, de uma simples declaração, que não ofende a ninguém que, ao menos pela sua lealdade, merece respeito e que, se poderá prejudicar, é unicamente ao seu signatário.

Pode ser que a censura jornalística seja mais liberal que a telegráfica. Se, em tal hipótese quiser honrar-me o *Correio* com a inserção, em suas colunas, do telegrama supra, ou, por qualquer outra forma, do que nele se contém na precisão dos seus termos, ficar-lhe-á muito grato a mais essa bondade o

Octávio Mangabeira



liberal que a telegraphica. Se, em tal hypothese
se, ^{quiser} poder honrar-me o Correio com a inserção,
em suas columnas, do telegrama supra,
ou, por qualquer outra forma, do que nele se contém, me
para, ficar-lhe-á muito grato a mais essa
precisão dos seus termos,
bondade o

Octávio Mangabeira

Paulo Bittencourt
diretor do *Correio*
da Manhã.

Antônio
Marques dos Reis
advogado e jornalista
foi diretor do jornal
governista, *O Estado da
Bahia* em 1933.

(S/D)

Para todos

Foram aí divulgados os meus dois telegramas.

O Estado de São Paulo e ao *Correio da Manhã*?

Desfizeram, completamente, aqueles dois telegramas, o mau efeito da entrevista, aliás visivelmente sem nenhuma autoridade, do tal João Lobo? Espero que sim.

Escrevo, semanalmente, para o fim de que se esteja aí habilitado a esclarecer qualquer coisa que possa surgir em torno do meu nome, senhores, como estão sempre, do meu pensamento.

Estou inclinado a regressar ao Brasil quando se positive claramente a fase eleitoral. – a ida já, não me apreço agradável. Como pensam aí?

O Antônio Marques dos Reis, que justiça seja feita, se mostrou sempre meu amigo, pede-me enviar algumas palavras, a meu juízo, para o 1º número do *O Estado da Bahia*, que me diz ser um órgão do comércio, e que deverá sair a 15 de novembro. Caso valha a pena, passe-me, Euvaldo, o habitual telegrama: “pretendo”, mas só palavra, sem assinatura. Mandarei, então, por aviação alguma, coisa para... as galerias.

(Octávio Mangabeira)

carta de Octávio Mangabeira manuscrita frente e verso

BAHIA, 15 DE OUTUBRO DE 1932

Esther e Mangabeira,

Abraços para ambos e para Edyla. Escrevo hoje pelo Zepelim. São 8 da manhã. No dia 12 esta deve estar em poder de vocês. É um *record*. Já falei no recebimento da carta de vocês do dia 1º de setembro, recebida pelo avião que aqui chegou no dia 8. Não há muita coisa interessante para dizer hoje. Muitos políticos, de São Paulo, presos no Rio. Naquela cidade houve, há 3 ou 4 dias, sérios distúrbios do qual resultaram 8 mortes e 20 feridos, dos quais alguns em estado grave. O povo paulista não se conformou com a paz negociada. As manifestações de agora visam os nortistas, sendo depredadas as casas comerciais a estes pertencentes. Continuam os generais Góes e Waldomiro a fazer declarações sobre a necessidade de não se afastarem os militares de suas funções. Os jornais noticiam ter pedido demissão o Carneiro de Mendonça, interventor do Ceará. O Lima Cavalcanti foi ao Rio no Zepelim e voltou pelo mesmo. Fala-se muito que será substituído. Li hoje na organização, pelo J. Alberto, de um batalhão, no Rio, de “polícia especial”. Parece que os tenentes não quererão se entregar. O daqui continua nos seus propósitos de fazer política. Agora mesmo está no sertão. Procura a todo transe agradar os chefes sertanejos. Açudes, estradas de rodagem, pontes, ele dá a todos e a todos está agradando. Muito receio de eleição da Assembléia Constituinte com esses tenentes no poder. Nas capitais e cidades principais pode-se conseguir alguma coisa. Fora daí, será difícil. O alistamento aqui começará por estes dias. Já instruções foram dadas a todos os juizes do interior para o começarem. Aqui na capital as providências estão sendo tomadas, devendo começar para a semana. O Flores pede um tribunal de honra para julgar sua atitude última, referente à revolução de São Paulo. Pândegos. Fala-se que homenagens serão prestadas ao J. Neves quando chegar ao Rio Grande. O Flores pediu ao Getúlio fizesse sem efeito o decreto que cassou a nomeação do Pila para professor da Faculdade de Medicina de Porto Alegre. E vocês, quando se dispõem a vir embora? O “Astúrias” chegará aqui na Bahia no dia 18 de novembro. É cedo ainda? O velho Frederico Costa tem andado muito doente. Mais um dos antigos que se demorará pouco entre nós. O Tapiranga no mesmo. Estou esperando notícias para poder

Góes

refere-se ao gal. Pedro Aurélio de Góes Monteiro foi comandante do Destacamento do Exército do Leste (1932).

Waldomiro

refere-se ao gal. Waldomiro Castilho de Lima, interv. em São Paulo (1932-1933).

Lima Cavalcanti

Carlos de Lima Cavalcanti interv. Pernambuco (1930-1935).

J. Alberto

João Alberto Lins de Barros, chefe de polícia do Distrito Federal.

Frederico Costa

político tradicional, foi presidente do Senado Estadual por cerca de 12 anos.

P. Sá
Pedro Bacellar de Sá,
consultor do estado no
setor comercial
(1932-1936).

O. Machado
Otávio Ariani Machado
foi pres. da ACB
(1932-1940).

Marques
refere-se a João Marques
dos Reis, juiz substituto
do TRE da Bahia.

Pondé
refere-se ao des.
Ezequiel Pondé.

**Antônio
Marques dos Reis**
tornou-se diretor do
jornal governista,
O Estado da Bahia
em janeiro de 1933.

Agenor Gordilho
comerciante exportador
de cacau.

voltar aos entendimentos com os amigos. Tenho estado com o Mons. Ápio. Passou um dia comigo em Busca Vida e já jantou em nossa casa. Sobre esse, não tenho dúvidas. Quero crer que o P. Sá se manterá firme. Dúvidas tenho a respeito do O. Machado e do Marques. Estão muito ligados e submissos.

O *Diário da Bahia* já saiu sob a direção do Pacheco. É sociedade anônima. O Juracy (belezas do regime) mandara chamar a Palácio o P. Ribeiro e, dando-lhe uma lista com os nomes dos membros do Superior Tribunal de Justiça, pediu-lhe obtivesse deles subscrevessem para a organização da empresa. Sei que o Ribeiro subscreveu 5 contos e o Pondé 1. Outros subscreveram. Não todos. Sairá por estes dias o "*Estado da Bahia*", o jornal do grêmio das classes produtoras, sob a direção do Antônio Marques dos Reis, um que falhou já aqui e no sul, tanto em advocacia como em jornalismo. O tal grêmio tem sede aqui na Cidade Baixa e organizou um serviço para alistamento eleitoral. Admira o Pedro Sá, Otávio Machado, Carlos Correia Ribeiro, Agenor Gordilho, etc, estarem se preocupando e muito com tais coisas. O Almir Gordilho, genro do Catharino, arreventou-se. Fez concordata. Mangabeira não escreveu ainda ao Eutychio e ao Dr. Bião, agradecendo os cartões de felicitações enviados por meu intermédio. Os do Rio, todos de boa saúde. Os daqui também bons. Esther: Geovaldo manda lhe pedir para guardar e trazer para ele alguns selos postais, das cartas que vocês receberam daqui pelo avião e pelo Zepelim. Principalmente estes. Vou mandar esta para o Hotel Windsor, Place Etoile. Assim talvez chegue mais depressa e dispensa dois envelopes. Mangabeira recebeu os livros do Arlindo Fragoço e do Falcão? Muitas lembranças para Edyla.

(Ewaldto Pinho)



Agenor Gordilho

BAHIA, 22 DE OUTUBRO DE 1932

Esther e Mangabeira

Recebemos a carta de Mangabeira, do dia 15. “*A Tarde*”, creio que o sábado último, dia 15, publicou um telegrama do Rio, dando notícias do telegrama para o *Correio da Manhã*. Foi devido a esse telegrama que resolvemos não desmentir a tal entrevista do Lobo. Fiz publicar, três dias depois de recebida sua carta do dia 8, isto é no dia 18, seu telegrama para o *Estado de S. Paulo*. Essa publicação foi no *Imparcial* e no “*A Tarde*”. Mando os retalhos. Mando também um retalho do “*A Tarde*” do dia 17 com um tópico, da autoria do Luís Viana, apreciando o seu telegrama para o *Correio da Manhã*. A censura cortou a palavras que vai nas entrelinhas. Triste e fútil censura. Comentários muito elogiosos têm sido feitos de seus telegramas. Muito bem. – O Juracy e o Facó, este chefe de polícia, seguiram ontem para o Rio. Diz-se que o segundo não voltará. Não creio. Fala-se muito na substituição do interventor baiano. Agora a última notícia é que o Protógenes se empenha para que venha para a interventoria baiana Brasil Silvado. É verossímil. Um rapapé ao Seabra e um sinal de reconhecimento ao filho deste, o Artur. Mas não creio isso consiga, se é verdade que há o empenho. Aliás quem me deu a notícia a ouviu em palácio. Tem-se a impressão de que os tenentes não estão satisfeitos. Seguem com esta, cartas do Arnaldo, do Mário Andréa e do Luís Viana. Este torce pela sua vinda, certo de que é necessário se trabalhar aqui. O alistamento não começou por falta de livros. Mas o Hermenegildo, em telegrama para o Tribunal Eleitoral daqui, diz que chegarão no fim deste mês. Não há notícia da vinda para a Bahia de nenhum dos políticos que se encontraram fora. É de fato uma coisa que não se compreende. E há muito elemento novo capaz de bom aproveitamento, que anseia um chefe. Foi entregue o seu bilhete ao Tapiranga. Ele piora aos poucos. Agora apareceu um abscesso que preocupa os médicos porque ele é diabético. Do Rio, dos nossos, as notícias são boas. Gozam de toda saúde. Aqui todos bons. Abraços e até para a semana. Ainda não sei se Mangabeira recebeu os livros que remeti. Abraços para Edyla, especialíssimos.

(Euvaldo Pinho)

Luís Viana
advogado e político,
apoiou o Mov. Constitu-
cionalista de São Paulo.

Brasil Silvado
foi chefe de polícia
no RJ (1899).

Artur
refere-se a Artur Seabra,
militar, filho de J. J.
Seabra.

Mário Andréa
professor da Faculdade
de Medicina da Bahia.

Hermenegildo
refere-se a Hermenegildo
Rodrigues de Barros, min.
do STF (1919-1937).

PEIPING, 25 DE OUTUBRO DE 1932

Senhor Ministro e querido amigo:

Ainda não pude me compenetrar de que o fracasso do movimento de S. Paulo seja uma realidade! Todas as notícias que recebemos aqui cada vez mais fortaleciam a esperança que nutria de que os dias de ditadura estavam contados, apesar da desconfiança com que o resto do Brasil vê tudo quanto parte de S. Paulo; era isso que, desde que estalou o movimento, fazia com que tivesse certas dúvidas quanto ao seu triunfo.

Uma coisa, porém, S. Paulo assegurou: as eleições de maio próximo, apesar da pouca vontade do G.P., pois que o movimento de agora veio bem demonstrar que o povo brasileiro não se submete, de forma alguma, a qualquer ditadura declarada e que se tolera a atual é porque a maioria crê nas suas promessas de volta próxima, com data fixada, ao regime constitucional, promessa a que, agora, não se atreverá a faltar.

Muito apreciei a atitude de Hélio e de Mário Guimarães; aqui junto, mando uma carta àquele, rogando a V. Exa. o favor de fazê-la chegar às suas mãos, pois não sei o seu endereço nem qual a sua sorte. Espero, entretanto que contra ele não tomem uma medida extrema.

Que prêmio caberá ao Ronald por ter tomado conta da Legação, mesmo sem a guarda do 3^a Regimento, do Portugal e do Osvaldo Tavares? Oxalá me engane, mas tenho a impressão de que ele ainda terá que pagar bem caro, mais tarde ou mais cedo.

Acabo de chegar de Xangai e Nanquim, onde acompanhei o Veloso que foi negociar com o governo chinês, a pedido deste, certas modificações ao nosso tratado. Os chineses são uns pândegos: com toda a anarquia que aqui reina, quando eles mesmos não sabem quem os governam, nem qual a sede do governo (pode-se dizer que há três: Nanquim, Loyang e Peiping) querem abolir a exterritorialidade.

Gostei muito de Xangai, uma cidade tão adiantada como os grandes centros europeus, ou americanos, e que, creio, é a 5^a do mundo em população; ali não se tem a impressão do Oriente, conquanto predomine o elemento chinês. Os hotéis são o que pode haver de melhor e o comércio é de primeira ordem. O terreno, na parte comercial, vale tanto

G.P.
refere-se ao
Gov. Provisório.

Hélio
refere-se a Hélio Lobo
Leite Pereira.

Mário Guimarães
diplomata, encarregado
de negócios em Haia.

Ronald
refere-se a Ronald Car-
valho oficial de gabinete
do ministro Octávio
Mangabeira, encarregado
de Negócios, na legação
do Brasil na Holanda
(1932).

Veloso
refere-se a Pedro Leão
Veloso Neto, ministro
plenipotenciário de
segunda classe, seguiu
para Pequim como em-
baixador extraordinário
(1931-1934).

quanto em N. York! O contraste com Peiping é tão grande que não se pode tentar, sequer, uma comparação: seria o mesmo que comparar o Rio com a Barra de Pirai.

Visitei as ruínas de Chapei (um dos arrabaldes de Xangai, fora das concessões) onde os japoneses arrasaram tudo, não deixando pedra sobre pedra. O interessante é que mesmo os chineses de Xangai, de certa importância, “torciam” e torcem pelos japoneses; quando estes atacaram Chapei, em 28 de janeiro, as tropas chinesas ali aquarteladas, tinham pedido, dias antes, uma avultada soma aos banqueiros e negociantes de Xangai, chineses e estrangeiros, sob a ameaça e assaltarem e saquearem a cidade, caso suas exigências no fossem satisfeitas até o dia 31. Como as guarnições européias e americana não chegavam a 3.000 homens, e os chineses eram 55.000, pode-se bem avaliar com que satisfação os habitantes de Xangai assistiram o ataque japonês, sobretudo quando ainda está bem viva a recordação do que foi o massacre dos estrangeiros em Nanquim, em 1928, quando todos os estrangeiros ali residentes, americanos, ingleses, franceses, alemães, etc. foram trucidados, depois das mulheres serem violentadas, sorte que também coube ao próprio Cônsul do Japão!

Por essas e outras é que dou graças a Deus de estar em Peiping, onde o povo é pacato e as guarnições européias e americanas são bem mais fortes do que as próprias chinesas.

Com as nossas saudades a D. Esther e a Edyla, rogo aceitar, Senhor Ministro, um afetuoso abraço do amigo certo.

Berenguer César J. B.

Berenguer
César J. B.
funcionário do Itamaraty.

28 DE OUTUBRO DE 1932

Meu caro Sr. Ministro,

Recebi em Xangai, donde regresssei ontem, a carta de V. Exa. de 16 de setembro. Ontem veio-me às mãos, quando recebia uma carta do Hélio, o bilhete de 19 do mesmo mês.

Infelizmente, o movimento de S. Paulo fracassou. Não me explico ainda como isso se deu. Não duvido que haja sido, em grande parte, por incapacidade dos chefes e, especialmente, no terreno militar, do Klinger. Mas estou persuadido de que, à ultima hora, houve traições. A luta prolongou-se demais, o que tornou possível a traição.

Qual será o resultado do triunfo do Governo? Se a gente que nos domina fosse outra e pudesse compreender o que foi o movimento de S. Paulo, o seu principal cuidado seria a pacificação do país. Em Xangai, com efeito, o Ministro da Itália me disse que havia recebido um comunicado, dizendo que o Getúlio havia discutido uma anistia geral. Mas, chegando aqui, soube que, por exemplo, o Klinger, o Borges e o Bernardes tinham sido presos e transportados para o Rio, afim de serem julgados. Hoje, os jornais aqui publicaram em telegrama, a notícia de que, em Buenos Aires, corre o boato de que o governo provisório vai suspender, por três anos, os direitos políticos de 600 personagens implicados na rebelião paulista ou que prestaram apoio ao Washington Luís. V. Ex., naturalmente, está compreendido nesse número.

Isso está mais nas hordas dos miseráveis que nos governam, do que o cuidado de pacificar o país. Por conseguinte, a situação do Brasil se torna a mais obscura. Terá que haver, não sei quando, nem como, outra reação. E, uma das duas: ou triunfam, dessa vez, os elementos agora batidos, ou caímos, francamente, na ditadura militar, com o Góes Monteiro, por exemplo, à testa do Governo.

Recebi esta manhã uma circular do Ministério que me intrigou. O Governo acaba de decretar que, doravante, o 7 de setembro seja o dia de nossa festa nacional, em vez do 15 de novembro! Dar-se-ia que a ditadura se quer tornar anti-república? Francamente, não compreendo, a esta altura, o alcance da medida do Governo.

O triunfo do Getúlio veio acentuar o que houve de inepto na ação do Washington em defesa de seu governo, em 1930. No espaço dum sé-

Klinger
refere-se a Bertoldo
Klinger participa da Re-
volução Constitucionali-
sta em 1932, preparando
o movimento em Mato
Grosso e depois assumin-
do o comando geral dos
rebeldes em São Paulo.

Góes Monteiro
Pedro Aurélio de Góes
Monteiro, comandante
do 1º regimento contra
o Movimento Constitu-
cionalista de São Paulo
(1932).

culo, as revoluções, no Brasil, só conseguiram depor dois homens: Pedro II e o Washington Luis! Isso parece querer provar que, em nossa terra, os homens de bem não foram feitos para governar.

Escrevi ao Hélio, ontem, aplaudindo a sua atitude no caso do despacho de armas para o Governo. Foi, sem duvida, nos anais de nossa diplomacia, um ato único de coragem. Aliás, conhecendo o Hélio, o gesto não me surpreendeu. O que me causou surpresa foi a posição tomada pelo Mário Guimarães, por quem eu não tinha simpatias. Lá se foi o Ronald (sem a patrulha do 3º Regimento, como diz V.Ex^a) tomar conta da Legação. O canalha vai, naturalmente, ser promovido, agora, a ministro, por atos de guerra.

Tenho tido a sorte de estar aqui atirado na China, sem o que, durante toda esta tormenta, também teria fatalmente passado maus momentos. Mas, com a feição que, como suponho, as coisas vão tomar no Brasil, tenho as minhas duvidas quanto ao meu futuro.

Não recebi nunca o retrato que V.Exa. me enviou. Não me admira, porque o correio na China, como tudo mais, é incerto. O que me espanta é não perder maior numero de correspondência.

Minha mulher muito se recomenda à V.Exa. e a D. Esther, a quem beijo as mãos. Muitas saudades à Edyla e aceite, com os protestos do meu profundo respeito, um abraço do amigo, admirador e menor criado

P. Leão Veloso

A photograph of a handwritten letter in cursive script, written on aged paper. The text is somewhat faded and difficult to read in some places, but it matches the typed transcription provided in the adjacent text block. The signature 'P. Leão Veloso' is clearly visible at the bottom right of the page.

Hélio

refere-se a Hélio Lobo, diplomata., colocado em disponibilidade inativa pelo governo.

Mário Guimarães

diplomata, encarregado de negócios em Haia.

Veloso

refere-se a Pedro Leão Veloso Neto, embaixador do Brasil em Pequim (1931-1935).

BAHIA, 29 DE OUTUBRO DE 1932

Esther e Mangabeira

Abraços e saudades. Esperei que pelo Zepelim, que por aqui passou ontem, viessem notícias de vocês. Não vieram. Espero pelo avião de hoje. Notícias do Rio, as mais importantes, são as prisões do Lago, do Simões, do Vilaboim. A *Era nova*, de hoje, noticia também as prisões de João e do M. Calmon. Parece, porém que não foram propriamente prisões e sim chamados à polícia para informações. Aliás, é digno de nota que se chame à polícia um membro da Comissão incumbida do projeto da Constituição. Confio, porém no desmentido da notícia, ao menos na parte referente a João. As opiniões aqui divergem no tocante à volta de Mangabeira. Uns pensam que ele deve vir; outros que deve esperar mais um pouco. Na Bahia ocorre que ninguém de responsabilidade aqui se encontra capaz de chefiar. Há muito quem esteja desgostoso e disposto a agir. Mas não há quem chefie. Continuaremos assim por muito tempo? Acho que, mesmo dada à impossibilidade de virem para aqui, deviam dar instruções aos chefiados, determinando ou comandando mesmo de longe. O alistamento ainda não começou, por falta de livros... Jornais do Rio, falam em cassação de direitos políticos a mais de 800 políticos da situação decaída, aliás, hoje, das situações decaídas. No rol dos últimos presos está também o Bergamini. O Tapiranga vai piorando gradativamente. Não sei se o Mangabeira encontrará esse amigo. Do Rio, dos nossos, quanto à saúde, as notícias são boas. Aqui também todos de boa saúde. O Arnaldo segue hoje para o Rio. Vai entender-se com o Ministro da Viação, provavelmente esperançoso de que lhe seja dada uma comissão; senão, terá que ir para o Ceará, para o serviço das secas. Lendo o *Diário de Notícias* de hoje vejo também que o Moniz Sodré esteve na polícia, a chamado. Jornais de ontem deram notícias, procedentes do Rio, de que o Bernardes será deportado para o Pará, o P. Toledo para Recife e o Borges, aqui para a Bahia. Imaginem o Bernardes sob as vistas do Barata... Aqui faço o ponto de hoje. A mala aérea já foi distribuída e não veio correspondência. Até para a semana.

Em 29 de outubro de 1932. Edyla: por Georgina, pelos meninos e também por mim, um abraço forte e bom pelo dia de hoje. Que a vida

Vilaboim
refere-se a Manoel
Vilaboim, min. do
Superior Tribunal de
Justiça de São Paulo,
apoiou a candidatura
Júlio Prestes.

Bergamini
refere-se a Adolfo
Bergamini apoiou a
Rev. de 1930, assumiu a
redação do jornal *Diário
Carioca* (1932-1934).

Arnaldo
refere-se a Arnaldo
Pimenta da Cunha foi
prefeito de Salvador;
pediu demissão em
julho de 1932.

Ministro da Viação
refere-se a José
Américo de Almeida.

Barata
refere-se a Agildo da
Gama Barata Ribeiro,
militar e político. Atuou
no Mov. Const. de São
Paulo (1932).

lhe seja muito longa e farta em venturas. Que volte breve e dos de cá não se esqueça. Cá a esperamos muito breve, contentes e satisfeitos. Maria Helena escreveu-lhe há alguns dias. Você nunca mais escreveu aqui para os meus. Basta.

(Euvaldo Pinho)



Euvaldo Pinho

RIO DE JANEIRO, OUTUBRO DE 1932

Estando sendo distribuídos dois impressos sob a assinatura de Octávio Mangabeira, posso afirmar que ambos são apócrifos. Do primeiro, só tive conhecimento por telegrama do Rio, publicado no “*New York Times*”, de 25 de outubro p. passado, conforme carta deste dia, que acabo de receber.

Do segundo, nem sequer sabe ainda da existência. Distribuído quatro dias após o discurso a que simula responder, materialmente impossível, portanto, ser esse escrito de sua autoria, se as injustas e grosseiras referências nele feitas a pessoas de particular apreço e estima do pseudo autor, desde logo não excluíssem a hipótese de sua autenticidade.

Assim, dos tais impressos, um, de fato, não é dele; o outro dele não poderia ser.

João Mangabeira

ESTORIL, 1º DE NOVEMBRO DE 1932

Octávio

Recebi a sua carta.

É pena que você “afrancesado” como está, não se anima a deixar Paris, para vir me fazer companhia. Isto aqui é muito apazível e a sociedade, como o povo, se esmera por nos cercar de atenções. Que gente meiga!

Excelente, a sua representação. Por menor que venha a produzir efeitos será um momento que fica. Vencidos materialmente, a arma que nos resta por hora é essa.

O Luzardo, que pode passar aí dentro de dois ou três dias logo lhe procurará para conversar sobre possibilidades, que ainda temos, de acossar a ditadura.

Ele lhe procurará imediatamente, sobretudo para fixar a cooperação da Bahia. Já lhe dei, a ele, o meu modo de ver.

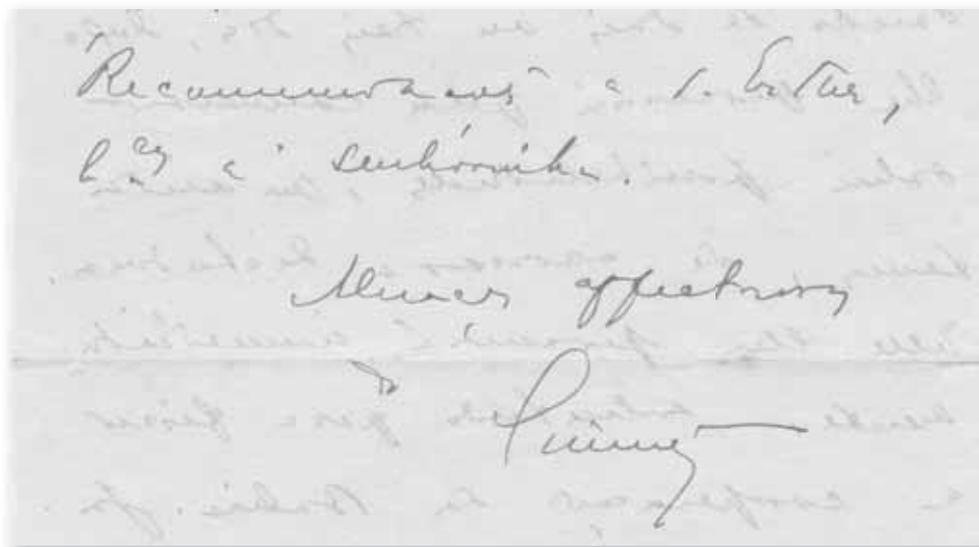
Espero a família, talvez a 13 pelo “Cap Arcona”. Só depois farei o programa do 2º exílio.

Tenho transmitido a todos os companheiros as suas saudações.

Recomendações a d. Esther, recomendações à senhorinha.

Abraços Afetuosos

Simões Filho



Luzardo
refere-se a Batista Luzardo, foi exilado após derrota do Movimento Constitucionalista de SP (1932).

Simões
refere-se a Ernesto Simões Filho, jornalista e político, foi exilado na Europa após a derrota do Mov. Const. de SP (1932).

BAHIA, 4 DE NOVEMBRO DE 1932

Esther e Mangabeira:

Morreu ontem, às 18 horas, o Mons. Tapiranga, depois de muito sofrimento. Morreu com as faculdades mentais em perfeito estado. Enterrou-se hoje, às 16 horas. Fui com Georgina. Também foram, além de outros e muitos amigos de Mangabeira, Maria e Augusta e o Eutychio grande enterro. À pé, até o Cemitério das Quintas. Muita gente mesmo. E com muito aparato. Como ele houvesse pedido que não lhe mandassem flores, nem capelas, deixei de mandar em nome de Mang. Quem está muito doente é o velho Frederico Costa. Também não durará muito. Recebemos a correspondências do dia 22 de outubro. Um pouco atrasada, devido a ter sido endereçada para a Barra, motivo porque não a acusei na carta do dia 29. Por terem os jornais daqui, como já mandei dizer, dado publicidade aos seus telegramas para o “*Correio da Manhã*” e para o “*Estado de São Paulo*”, achamos desnecessário, aliás, conforme suas instruções, mandá-los imprimir para divulgação. Hoje o Rogério me disse que os leu em jornais de São Paulo. De referências ao futuro “*Estado da Bahia*”, depois de conversar com o Eutychio, que concordou inteiramente comigo, resolvi não mandar o telegrama de abraços. Penso já ter mandado dizer que o P. Sá me contou que o Juracy, há muitos meses, talvez no começo do ano, lhe falara na conveniência das classes produtoras (seria melhor classes comerciais) se organizarem em partido. Depois de ouvir amigos, ele, Sá, deliberou organizar o tal “Grêmio político das classes produtoras”. Este mais ou menos organizado ou em via de organização, o Juracy insinuou que o tal grêmio devia ser para apoiá-lo, combatendo os políticos decaídos. O Sá disse-lhe que, para esse fim, com ele, nem com os seus amigos, contaria! Que o grêmio seria para o fim de, defendendo os interesses de classe, apoiar os bons governos. Organizou-se o partido, alugou prédio (onde foi antigamente o Banco Econômico), está organizando secretaria e montou jornal, que é o *Estado da Bahia* que, soube por seu intermédio, sairá no dia 15 deste. Ora, os organizadores e diretores do tal partido, são precisamente os elementos tenentistas do comércio: Pedro Sá, Heitor Dourado, Carlos Correia Ribeiro, Júlio Lamatabois, Agenor Gordilho (!), etc. Desse modo o tal grêmio e a sua gazeta, apresentam-se aqui na Bahia como tenentistas. Aparecer o primeiro número do jornal

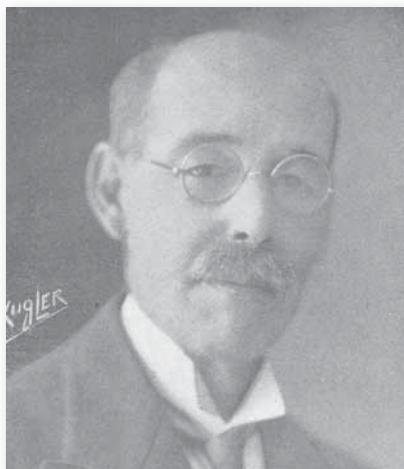
Maria e Augusta
refere-se a Maria Augusta
(Pepe) e Maria da Glória
Mangabeira, irmãs
de Octávio.

Frederico Costa
político tradicional, foi
presidente do Senado
Estadual por cerca
de 12 anos.

Rogério
refere-se a Rogério Gor-
dilha de Faria, professor
da Faculdade de Direito.

P. Sá
refere-se a Pedro
Bacellar de Sá, consultor
do Estado no setor
comercial (1932-1936).

desse grêmio com um artigo seu, principalmente depois dos seus dois telegramas, não nos pareceu que ficasse bem. Esse um motivo. Há outro, para mim secundário e que o Bahia julga o principal. Tendo *o Imparcial*, *A Tarde* e mesmo o *Diário de Notícias*, tido sempre a melhor vontade para com você, publicando, sempre com a maior boa vontade, o que lhes pedimos, não fica bem você aparecer nesse jornal novo, o que importa recomendá-lo, sem que houvesse, escrito daí qualquer coisa para aqueles. Dizem que as máquinas do jornal novo estão já montadas, porém que os cobres foram dados pelo Sá, organizando-se depois uma sociedade anônima. Não creio no êxito desta gazeta, principalmente sob a direção do A. M. R. que não passa, graça ao bom Deus, de delirante. Como aqui ainda não está anunciado o dia da saída do jornal, é provável que não saia no dia 15, portanto você pode, se achar que não temos razão, escrever ainda alguma coisa. O Carlos chegou hoje. Esperei-o no cais. Deu-me muito boas notícias de vocês. Disse ter trazido correspondência numa valise que não estava com ele, mas que logo a mandaria. Não mandou até agora, 9 da noite. Talvez ainda possa escrever amanhã sobre essa correspondência. O Luís Viana me tem falado sobre assunto de que tratará em carta, que disse, escreverá amanhã. Eu fiz ver a ele, que assuntos políticos, que interessem a você aqui na Bahia, só poderão ser tratados pelo Bahia; que fez bem em lhe escrever; que, quanto a mim, não sou nem quero ser político; que sou escrivão e não me agradaria perder o cargo ou ser removido; que ele não visse no meu interesse pela vitória dos paulistas, interesse político pessoal; porém que no que estivesse ao meu alcance, faria, mas sem aparecer, sem expor-me. A idéia dele é boa. E creio na sinceridade de sua ação. Tem inteligência, atividade, ação, coragem. Acho



Jayme Junqueira Ayres

terá um grande futuro. É seu admirador, mas muito dedicado ao Simões. Há aqui, atualmente, um grupo de moços, inteligentes, animados, que pertencem a grupos diferentes, mas se reúnem sempre em casa do Madureira para conversarem sobre política. Cito, dentre outros, o L. Viana, o Nestor Duarte, Inocêncio Calmon, Albérico Fraga, Gilberto Valente, Francisco Calmon (irmão de Inocêncio) Jayme Junqueira Ayres, Aloysio de Carvalho Filho, Jaime Baleeiro, etc. É nesse

A. M. R.

refere-se a Antonio Marques dos Reis, advogado, irmão de João Marques dos Reis.

Carlos

refere-se a Carlos Costa Pinto, comerciante e empresário, pres. das Casas Magalhães e Cia.

Madureira

refere-se Bernardino Madureira de Pinho, ex-sec. de Segurança Pública no governo Góes Calmon (1924-1930).

Albérico Fraga

advogado, prof. da Faculdade de Direito (BA), foi chefe de gabinete do gov. Vital Soares (1928-1930).

Antônio Fontes
refere-se ao filho do juiz
federal aposentado
Paulo Martins Fontes.

Epifânio
refere-se a Epifânio
Fernandes Tude de Souza,
gerente do escritório
de Paris da firma Tude
Irmão e Cia.

Fiel
refere-se a Fiel de
Carvalho Fontes, dep. est.
e fed. na 1ª República.

O. Machado
refere-se a Otávio Ariani
Machado pres. da ACB
(1932-1940).

grupo que está lançada a idéia de que lhe vai falar o Luís Viana. O Bahia manda dizer que não está descuidado dos trabalhos de alistamento; tem se entendido com todos os amigos e todos estão dispostos à luta. O que a todos preocupa é que lhe cassem os direitos políticos. Telegramas do Rio dizem que tê-los-ão cassados cerca de 800 pessoas. Certo vocês aí já sabem que viajam no Pedro 1º para o norte, a fim de, depois do último porto da linha da Europa, ser passados para bordo do Siqueira de Campos, 73 pessoas, civis e militares que tiveram responsabilidade na revolução paulista. E o Simões foi no embrulho. Ficaram, dizem que por poucos dias, o Bernardes, o Borges e o Toledo. Os dois primeiros deviam ter sido os primeiros a serem deportados. Estão bem castigados. Sem o apoio deles esses tenentinhos de borra não teriam sido vitoriosos em 1930. O Antônio Fontes, filho do Dr. Paulo, fez a campanha da revolução, durante toda esta, e teve ferimentos, felizmente leves. Mangabeira não mais me falou a respeito dos negócios da Una. Foi prorrogado até fim de novembro a opção dada ao Epifânio. Desejaria saber o que diz o Dr. Burlet, que em cartas ao Epifânio dá esperanças. Está aqui na Bahia a mulher do Fiel. Veio visitar a família, depois da morte do irmão, o Eduardo. Achei-a bem. Estive com ela na hora do desembarque do Carlos, hoje. Ela dá notícias muito boas de mamãe. Acha-a bem disposta e louva-lhe a resistência. As cartas que recebo do Rio, dos irmãos (ainda ontem recebi de Esthor) confirmam essas notícias. Agora, parece tão cedo não teremos vocês por cá. É triste isso. Muito. Mas confiemos que as coisas não hão de ser como querem os nossos senhores. Termina por hoje. Amanhã acrescentarei mais alguma coisa.

Dia 5 de novembro – de referência ainda ao Grêmio das Classes Produtoras, esqueci-me de dizer uma coisa muito interessante e que não é boato. O Juracy desejou, antes da viagem que fez ao Rio, fazer uma visita ao grêmio e ser aproveitada essa visita, para as classes conservadoras, de que é representante o Grêmio, lançarem a sua candidatura a futuro Governador do Estado. Parece um despautério isso, agora, nesta época, quando ainda não se sabe ao menos se haverá eleição de Constituinte em maio. Mas é verdade. O portador da insinuação, trazida ao Sá, foi o O. Machado. Mas o Sá se opôs, declarando que o Grêmio não era partido do governo e sim da classe e que não concordava. Poderia apoiar oportunamente essa candidatura, mas lança-la, nunca.

Também o Juracy trabalha para que o *Estado da Bahia* venha lançar essa sua candidatura. Não sei se conseguirá. Diz-se que se o *Estado da Bahia* não lançar, lançá-la-á o *Diário da Bahia*. Ele, Juracy, tem empenho em que isso seja feito enquanto ele estiver no Rio. Quanto à parte de lançamento da candidatura pelo *Estado da Bahia* ou pelo *Diário da Bahia*, não posso garantir a veracidade, mas quanto ao lançamento pelo Grêmio, garanto-a. Espero que suas longas conversas com o C. Pinto, venha influir consideravelmente no ânimo do Sá. Este tem em mãos o Grêmio e tem influência no comércio. É, além disso, seu admirador. É de homens como esse que você precisa aqui na Bahia. Além de tudo isso, não está estragado. Recebi o pacote com a correspondência trazida pelo Carlos. Será distribuída sem demora. Não recebi, pelo menos até agora, a correspondência de avião. Desejava escrever mais alguma coisa, principalmente a carta de L. Viana, mas não tenho tempo. São 3 ½ da tarde e tenho que seguir no trem das 4, para Pojuca, a negócio da Agrícola da Una.

Abraços,

(Euvaldo Pinho)

RIO, 8 DE NOVEMBRO DE 1932

Octávio

Recebi sua carta de 19 de outubro, que me foi entregue por Edith.

Você, distante dos acontecimentos, não pode acertar sempre nos seus julgamentos.

Assim o movimento de São Paulo foi um mal, e grande, para o Brasil. A reação brilhante e útil tinha sido a de 23, quando o povo paulista conquistou e organizou na rua o seu governo. Isto feito, deveria coligado com o Rio Grande e Minas, forçar o Governo Provisório a restabelecer no país a ordem civil e a efetuar, no dia 3 de maio, a eleição para a Constituinte. A força dos três estados era irresistível. Tudo, portanto, se alcançaria por uma ação exclusivamente política. Bem me lembro que a 5 de Julho, isto é 4 dias antes da revolta, o Neves me dizia “A revolução seria uma passeata (ele contava que o Flores a chefiaria). Mas sou contrário a isto, e prefiro a ação política, forçando o Getúlio a ceder, porque tenho medo de novos heróis, novos lenços encarnados, novos cavalos no obelisco e novos cartórios”. E ele via claro, ao meu parecer. Mas, desencadeada a revolução, os homens diretores de São Paulo mostraram uma incapacidade, dificilmente igualável. Transformaram uma revolução em guerra defensiva! O Klinger é um imbecil. Deus nos livre do seu comando, em dia de guerra contra o estrangeiro. Faltou a São Paulo um homem de coragem na sua direção. Basta dizer que durante 5 ou 6 dias, não teve o governo um soldado, até Nova Iguaçu. E os paulistas, na defensiva, abrindo trincheiras! Dois mil homens que tivessem tomado a ofensiva sob o comando de um chefe capaz, viriam, sem topar viva alma, até a Vila Militar, cuja guarnição aderiria, como depois se viu. Durante semanas, ainda depois que as tropas do governo chegaram a Resende, tiveram os paulistas superioridade em homens e armas. E não se moveram!! Como aquele grande povo foi sacrificado por uma direção inepta! Recebi, há poucos dias uma longa carta de Hermes Lima, em que me expõe, com clareza e brilho, a situação ali. E entre outras coisas ele diz: “os próprios políticos que andaram tecendo os fios do levante, ficaram surpresos ante a extensão e vigor do movimento popular”. Mas nunca vêem como amigo, um povo tão entusiasta, tão disposto a todos os sacrifícios, que

Neves
refere-se a João Neves da
Fontoura, um dos funda-
dores da FUG, exilou-se
após a derrota do Mov.
Const. de SP (1932).

Flores
refere-se a Flores da
Cunha depois de ma-
nifestar apoio, ajudou a
reprimir a Movimento
Constitucionalista de São
Paulo (1932).

Hermes Lima
político, jurista, jornalista,
professor e ensaísta.

teve para dirigi-lo um governo tão medíocre, tão abaixo do seu papel, e das circunstâncias do momento. O governo, meu caro amigo, cometeu o pecado mortal da burrice. Que governo burro! Este o epitáfio que há de lhe chamar a memória na posteridade! Tenho conversado com várias personalidades vindas dali. São unânimes em condenar os políticos paulistas pela sua incapacidade. Na revolução, a bem dizer, desapareceram! E, resultado? Ao que me dizem, os partidos, Republicano e Democrático, estão dissolvidos na opinião pública. A formidável oposição ao Governo Provisório se organizará em outra direção, e composta de combatentes das trincheiras, acadêmicos, elementos da sociedade, o povo enfim.

Parece-me que o interventor civil será o José Carlos de Macedo Soares. Conta o Getúlio com este ato modificar a situação em S. Paulo.

Daí não ceder aos extremistas que queriam prender e deportar o arcebispo e vários bispos e processar os chefes civis e militares do movimento, aplicando-lhes as penas de uma nova lei, promulgada ao tempo do Ministério Leite de Castro, e pela qual seriam punidos até com 30 anos de prisão.

O Getúlio, porém, empregou como costume, o seu processo, protelatório, emoliente e macerativo, procurando vencer pelo cansaço.

Porque, não se iluda, o governo está moralmente fraco; impopularíssimo; mas materialmente forte. Conta com os estados militarmente ocupados, e com as forças armadas. Porque o exército se divide em várias correntes que se combatem; e se articulam somente com Getúlio. Góes, Manoel Rabelo, Waldomiro, não se entendem, dizendo cada qual, o diabo dos outros dois. Na Marinha reformou todos os Noronhas e consolidou-se. O Macedo dizia, com razão, a propósito destes 3 almirantes, que se encolheram pela revolução: “Que homens extraordinários! Suicidaram-se para não morrer!”

E, por todos estes motivos, ou antes, por estar materialmente forte, creio que o governo fará a eleição a 3 de maio. O povo, descrente, não se alista. E, com um eleitorado reduzidíssimo, composto quase todo de governistas, se fará uma eleição, que dará em resultado uma assembléia, que elegerá Presidente Constitucional o Getúlio.

Foi isto o que resultou da revolução de S. Paulo.

José Carlos Macedo Soares
jurista, historiador e político.

Góes
refere-se a Pedro Aurélio Góes Monteiro, foi nomeado comandante do Destacamento do Exército do Leste comendo as tropas fiéis ao governo federal.

Manoel Rabelo
foi interv. fed. em São Paulo (1931-1932).

Waldomiro
refere-se a Waldomiro Castilho de Lima, militar revolucionário em 1930.

Noronhas
refere-se àqueles que apoiaram o vice-almirante Isaias de Noronha, membro da Junta Governativa Provisória.

Lauro Sodré
gov. do estado do Pará
(1917-1921).

Magalhães Almeida
Dario de Almeida
Magalhães, advogado
e jornalista. Dirigiu
os *Diários Associados*
quando Assis Chateaubriand foi exilado.

José Maria Belo
jornalista e político, foi
redator chefe de *A Noite*.

Costa Rego
Pedro da Costa Rego, jornalista e ex-governador de Alagoas (1924-1928).

Dodsworth
refere-se a Henrique
Dodsworth, apoiou
o Mov. Const. de SP
(1932).

Frontin
refere-se a Alberto Gustavo Paulo de Frontin, foi prefeito do RJ.

Luz Pinto
Edmundo Luz Pinto,
dep. fed. (1927-1930),
ocupou a função de
Procurador Adjunto da
República (1933).

Como você já sabe, fui nomeado para a comissão que tem de organizar o projeto da Constituição.

Antes e depois de vencida a revolução de S. Paulo, consultei se deveria aceitar ou não a indicação, as seguintes pessoas: Durval Vasco, Lauro Sodré, Magalhães Almeida, Francisco Sá, Tomás Rodrigues, José Augusto, José Maria Belo, (o Aníbal estava em Recife), Costa Rego, Lago, Simões, Dodsworth, a quem pedi ouvisse o Frontin, Sampaio Correia, Arnolfo, Cincinato, Luz Pinto. Todos exceto Lago, foram de opinião que eu deveria comparecer. Era, aliás, o meu parecer, que ia emitir por último, declarando, porém, desde o início, que me submetia à deliberação da maioria. E isto porque não se explicava que, sendo nós partidários da constitucionalização, eu me recusasse a colaborar neste trabalho.

Foi um custo ouvir o Cincinato, oculo desde o dia 8 de julho, quando à madrugada a polícia foi-lhe à casa para prendê-lo. E oculo ainda continua.

Eis o que há sobre o caso de S. Paulo, eleição e constituinte.

Estou certo que marchamos para a constitucionalização, que é o melhor que pode acontecer ao Brasil, assim seja, bom e adiantado, o projeto que se vai fazer.

Para a constituição de 24 de Fevereiro precisa de grandes reformas. Estou certo que o Getúlio continuará a conter os extremistas, com os seus processos protelatórios, e não fará maiores violências, até que venha a anistia.

Quanto à República Velha, com seus quadros integrais, não há risco de voltar. Nem o país isso quereria. Da confusão e dos erros do presente há de surgir coisa nova. O passado não volta mais; é por sua natureza irreversível. A própria onipotência divina não teria forças de o ressuscitar. Devemos preparar o espírito para as realidades que estão e que virão. Aqui, e no mundo. Quem olhar para trás, correrá o risco de ficar como a mulher de Lot. Oposição ou governo, nada se poderá fazer nos modelos do passado morto. Política não é arqueologia.

Mas, apesar de abafada, desiludida, a opinião pública existe no Brasil, e vibra, e promete ainda grande coisa. E isto é o consolo e a salvação.

Adeus. Abraços a Esther, Edyla e você do irmão muito amigo

João (Mangabeira)

DANTZIG, 11 DE NOVEMBRO DE 1932

Meu caro Chefe e amigo

Há dois meses, mais ou menos, não tenho suas notícias. A minha carta a D. Esther e o postal de felicitações à Edyla pela passagem do dia 28 de outubro, também ficaram sem resposta. Tinha interesse em saber se D. Esther recebeu a radiografia que lhe enviei.

As notícias do Rio não são boas. Nova lei dos exilados e a nomeação de Antunes Maciel para a Justiça. Os tenentes estão ainda dirigindo o país. Não posso prever o desfecho dessa situação. O crédito desapareceu e a exportação reduzida a um terço. Fala-se na Constituinte formada pela representação de classes. Mas pergunto que classes são estas e a que organização obedecem? Para que se possa tomar a sério isso teríamos que provar primeiro que elas estão suficientemente adestradas para exercerem o ofício de governar. Não se pode justapor ao nosso país, ainda *in feiri* de organização, os processos de velhos e cultos povos? Em todo o caso estes não pensaram em prescindir da existência dos partidos. Veja que belo e edificante exemplo acaba, ora, de dar a grande Alemanha, promovendo por todos os meios um governo de concentração nacional, a fim de salvar os seus mais vitais interesses, não importando a luta encarniçada e apaixonada que teve a eleição para o *Reichstag*. É que aqui há educação e a gente que governa coloca, acima de tudo, a causa do seu país. Do estudo que tenho feito e observações, acredito que o protestantismo muito ou de uma maneira radical contribuiu para a formação e solidez do caráter do povo alemão, fazendo-o avançar mais que os outros povos. Só quem aqui vive e procura certificar-se da existência de certas verdades, terá talvez a oportunidade de conhecer como influi o sentimento religioso na vida dos povos. Praticamente, esta influência é mais decisiva e radical e dela muito depende a situação econômica. O nosso país, principalmente no meio oficial, maior predominância tem as virtudes negativas, sobretudo a mentira e a vaidade. Porventura, não é em grande parte responsável pelo que está acontecendo, a nossa educação religiosa? Muitos são os feitos e fatos que corroboram esta asserção. Não gostei e nem tenho gostado da atitude do Senhor Cardeal Leme, recomendando paz ao povo paulista, repudiado, ludibriado e escravizado sob o peso dos mais duros sofrimentos. A paz deveria ser suplicada

Antunes Maciel
Francisco Antunes Maciel
Júnior, min. da Justiça
(1932-1934).

in feiri
expressão latina que
significa “em evolução”.

Reichstag
Parlamento alemão.

Cardeal Leme
Arcebispo do Rio de
Janeiro. Em, 1933,
organizou e dirigiu a
Liga Eleitoral Católica.

Almeida
membro do corpo
diplomático na Polónia.

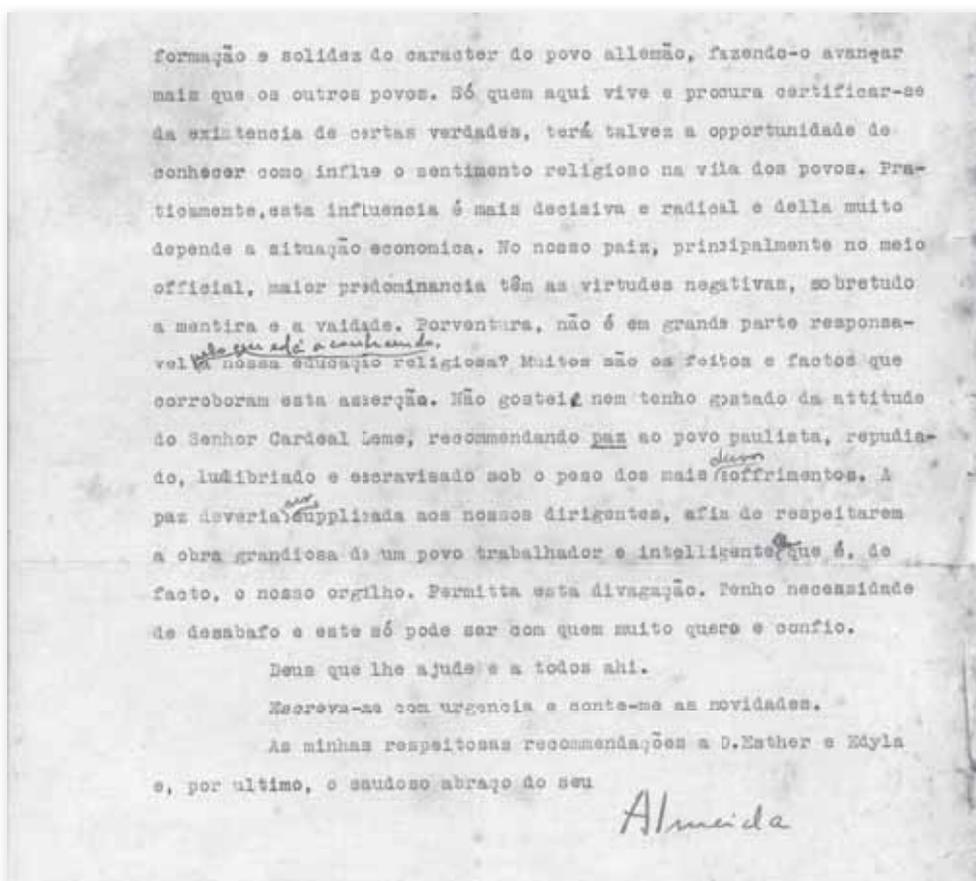
aos nossos dirigentes, afim de respeitarem a obra grandiosa de um povo trabalhador e inteligente e que é, de fato, o nosso orgulho. Permita esta divagação. Tenho necessidade de desabafo e este só pode ser com quem muito quero e confio.

Deus que lhe ajude e a todos ai.

Escreva-me com urgência e conte-me as novidades.

As minhas respeitosas recomendações a D. Esther e Edyla e, por último, o saudoso abraço do seu.

Almeida



BAHIA, 12 DE NOVEMBRO DE 1932

Esther e Mangabeira,

Já acusei o recebimento da correspondência vinda pelo Carlos Costa Pinto. Hoje acuso o da vinda pelo último avião, de 29 de outubro, acompanhada das “palavras” para o *Estado da Bahia*. Depois de conversar com as irmãs de Mangabeira, com o Bahia, com Rogério e com Waldemiro, deliberei não as entregar ao A. M. R. Além dos motivos já expostos, em carta anterior, surge agora outro: a quase certeza de que não seriam publicadas. Mas não sendo seriam divulgadas nas rodas tenentistas e silenciadas para o público, justamente quem as devia conhecer. Ótimas. Admiráveis. Infelizmente não se deve publicar. Às “notas” apensei o acrescido na carta de 29, acrescido este datilografado. Tenho-as feito conhecer dos amigos íntimos, mesmo assim despertando-lhes a atenção para a advertência de “confidencial, para os mais íntimos”. Creio que hoje o Luís Viana escreverá novamente a respeito da “Liga de Ação Social Política”. Disse-me ia mandar o programa. A idéia da Liga, de criá-la, é boa. Quanto ao programa há restrições a fazer e disse a ele pensar que este só deveria ser lançado depois de conhecido e aprovado pelos chefes, cujo apoio eles estão invocando. O grupo está muito animado. Cogitam de um diretório, de sete membros, que pretendem ser os seguintes: Nestor Duarte (representante do pensamento político do Madureira, de quem é muito amigo) – Luís Viana (do Simões) – Inocêncio Calmon (família Calmon) – Heitor Fróes (devido às relações deste com a nossa família, tem-no como seu. Também devido à atitude que assumiu no movimento da Faculdade de Medicina) – Aloysio de Carvalho Filho (da Faculdade de Direito) – Arquimedes Guimarães (da Faculdade de Engenharia) – Rafael Menezes (da Faculdade de Medicina). Acontece que Heitor Fróes disse não aceitar. Sabedor disto, por ele mesmo, que apresentou razões justas, lembrei ao Viana o Waldemiro de Oliveira. Devo dizer que não tenho estado em entendimento com os organiza-



Aloysio de Carvalho Filho

A. M. R.

refere-se a Antônio Marques dos Reis, advogado e jornalista.

“Liga de Ação Social Política”
agremiação política, fundada em 1932, conhecida como LASP, reuniu a oposição baiana contra o interventor Juracy Magalhães.

Madureira

refere-se a Bernardino Madureira de Pinho, ex-sec. de Segurança Pública no governo Góes Calmon (1924-1930).

Heitor Fróes

intelectual, membro da ALB.

Arlindo Sena
ligado ao chefe
político de Lençóis
Horácio de Matos, que
foi assassinado em 1931.

José Pinho
José Wanderley de
Araújo Pinho, político e
historiador, filho do
ex-governador João
Ferreira de Araújo Pinho
(1908-1911).

Gordilho
refere-se a Pedro
Gordilho, ex-secretário
da Polícia e Segurança
Pública (1930).

dores. Entendo-me com o Viana. E diariamente procuro o Bahia com quem troco idéias, tudo fazendo de acordo com ele. O Waldemiro, além das vantagens de ser de confiança e da situação em que estão o pai e o sogro, não se pode dizer seja político de sua corrente. Deste modo se você não der apoio à Liga, não se poderá dizer que nela já estava um representante seu. A indicação do Heitor Fróes, foi feita à revelia minha. Só vim a saber, depois. Ele não aceitando e sendo-me dito que a sua inclusão foi feita porque era gente sua, achei devia lembrar um de nossa confiança. Aliás, o Bahia e eu depois de muita conversa, só encontramos dois de confiança e à altura do grupo: o Waldemiro e o **Arlindo Sena**. Este, porém tinha o inconveniente de ser sabidamente seu, tendo sido deputado por você indicado. O Viana mostrou desejo de ir comigo ao Bahia, para expor os fins da Liga. Fomos. O Bahia depois de ouvi-lo disse que está muito bom, louvava a idéia, mas nenhuma aprovação daria sem ordem sua. Viana disse já estar por meu intermédio sabedor disso e que por este motivo já havia lhe escrito, tendo ido ali só para pô-lo sabedor do programa da liga. Disse-me o Viana que o Simões, de Recife, já mandou apoio à Liga; que o Inocêncio escreveu ao Miguel e ao José Pinho; que ele escreveu também ao Lago, pedindo desse autorização ao Gordilho, para entrarem na Liga, caso ele, Lago, aprovasse a idéia. Eu lembrei a conveniência de chamarem ao grupo um amigo do Seabra, não por este indicado, mas escolhido por eles e lancei o nome do Dr. Durval Gama, muito amigo do Seabra, disposto, contrário aos tenentes, e Diretor da Escola Comercial. Isso faria com que também entrasse outro membro, passando o diretório a ter nove. Neste caso, se tempo houver, você vier a dar apoio completo à Liga, eu forçarei a entrada do **Arlindo**, mas agora como representante do sertão, especialmente das Lavras. Quero fique você certo de que não tenho nenhum interesse nessa Liga, nem em nenhuma outra, nem em política. Entendo-me com o Viana porque, sabendo todos que não sou político, havendo erros de minha parte, ou atitudes que você não aprove, ficará tudo à minha conta, sem responsabilidades ou compromissos para o seu grupo... Nós aqui na Bahia, depois da vitória da ditadura sobre São Paulo, aguardamos mais perseguições, mais violências. Consta que o Tenente declarou no Rio, que agora voltará para servir os amigos e dar uma lição aos inimigos. Esperemos. Voltando ao assunto do "*Estado da Bahia*", há cerca de 15 dias o P. Sá disse ao Viana que o primeiro número só sairá em fins

de dezembro. Há tempo de sobra para você decidir sobre as “palavras” e dar-nos determinações. Estive esta semana com o Carlos Costa Pinto. Ele está muito seu, apesar de tenentista. Não pudemos conversar muito porque aqui está o Raimundo Magalhães e, por isto, ele muito ocupado. Mostrou desejo de ter uma longa conversa, para tratar a seu respeito, com o P. Sá e com o Marques, na minha presença, conversa que disse ia provocar logo que viajasse o Raimundo, o que devia ser dentro destes dias. Parece que ele deseja que o grupo Magalhães & Cia (especialista em açúcar, charque, bacalhau, óleos, política e outros gêneros de estiva) demonstre ao interventor interesse por você, procurando conhecer sua situação entre os revolucionários. Que fique à conta deles. Não parece ser mal. Sua opinião já é conhecida. E quem sabe atitude franca a seu favor não importaria num estremecimento das boas relações que mantêm? Não seria isso de todo mal. O alistamento aqui ainda não começou. Começou em São Paulo e, segundo informações, com um entusiasmo extraordinário. Já agora não tenho esperança de que vocês possam vir tão cedo. Dentro de poucos dias fará dois anos que partiram do Rio... Insiste-se no Rio em dizer que o Governo mantém o propósito de caçar direitos políticos, já agora a cerca de 1.000 políticos, os que exerceram cargos eletivos de qualquer espécie, legislativo ou executivos. Miséria das misérias. Mando com esta um retalho de “*A Tarde*”, do dia 10, com a notícia da eleição dos dirigentes do Grêmio Político das Classes Produtoras, para que você os conheça. Epifânio e Carvalho não aceitam. O velho Catarino e Tosta Filho, declararam ao Viana, depois de eleitos, que renunciariam. Por isto *A Tarde* de ontem já fez divulgação dessas declarações. Conversando Epifânio com o Carlos Costa Pinto sobre os propósitos do Grêmio, no concernente ao futuro Governador da Bahia, este disse que só via um homem capaz, você. Não sei se já é de seu conhecimento que Magalhães & Cia, obtiveram do interventor rescisão do contrato com a E. de F. de Santo Amaro, rescisão essa pleiteada já nos governos do Calmon e do Vital, quando não lograram êxito. Dizem que é de alguns milhares esse presente àquela firma. No próximo dia 15 de novembro o Mons. Ápio vai comigo passar o dia em Busca Vida. Está muito meu camarada. É seu admirador e será seu amigo. A última vez que estive em nossa casa levou para ler os trabalhos com que você concorreu à Academia de Letras. Segundo o Dr. Matias, o alistamento aqui já podia ter começado.

Raimundo Magalhães

fundador e sócio-proprietário da S. A. Magalhães e Cia.

P. Sá

Pedro Bacellar de Sá, comerciante, consultor comercial do Estado (1932-1936).

Marques

refere-se a João Marques dos Reis, juiz substituto do TRE da Bahia.

Magalhães & Cia

S. A. Magalhães e Cia.

Carvalho

refere-se a Manuel Joaquim de Carvalho Junior, comerciante de alto prestígio.

O velho Catarino

Bernardo Martins Catarino, empresário do ramo têxtil.

Tosta Filho

pres. do Instituto do Cacau.

E. de F. de Santo Amaro

Estrada de Ferro de Santo Amaro.

Dr. Matias

refere-se a Matias Olímpio de Melo, juiz federal que substituiu Paulo Fontes.

Costa
refere-se a A. Pereira
Costa, chefe da polícia
aduaneira do porto
de Salvador.

Faltam os livros, que são para registro de eleitores. Isso sendo, porém ato posterior, já se podia ter iniciado o processo de alistamento. Mas não começou. Até hoje não se alistou ninguém. O Costa, guarda-mor, sempre me procura. Fora de hora, quando a casa já está fechada e trato de dormir, mas procura para pedir notícias e cacetear um pouquinho. Deixarei para concluir esta à tarde, para depois de aberta a mala da Europa.

3 da tarde – Nada de novo. Se Luís Viana, que, hoje ainda, não me apareceu, não trazer a carta que ficou de escrever e com ela o programa da Liga, enviarei eu mesmo, com esta, o aludido programa. Já foi distribuída a mala aérea de hoje e não veio carta. A não ser que tenha seguido para a Barra, como no penúltimo sábado. Nada mais a acrescentar. Abraços.

(Ewald Pinho)

as "palavras" e dar-nos determinações. Estive esta semana com o C. C. Pinto. Ele está muito ~~suu~~, apesar de tenentista. Não pudemos conversar muito porque aqui está o Raymundo Magalhães e por isto ele muito ocupado. Mostrou desejo de ter uma longa conversa, para tratar a seu respeito, com o P. Sá e com o Marques, na minha presença, conversa que disse ia provocar logo viajasse o Raymundo, o que deita ser dentro destes dias. Parece que ele ~~XXXXXXXXXXXX~~ deseja que o grupo Magalhães & Cia (especialista em açúcar, xarque, bacalhão oleos, politica e outros generos de estiva) ~~XXXXXX~~ demonstre ~~XXXXXX~~ interesse por V. procurando conhecer sua situação entre os revolucionarios. Que ficou conta deles. Não parece ser má. Sua opinião já e conhecida. E quem sa be ~~XXX~~ atitude franca a seu favor não importaria num estromecimento das boas rglações que mantem? Não seria isso de todo má. O alistamento aqui ainda não começou. Começou em S. Paulo e, segundo ~~XXXXXXXXXXXX~~ informações com um entusiasmo extraordinario. - Já agora não tenho esperança de que vocês possam virã tão cedo. Dentro de poucos dias fará dois anos que partiram do Rio... Insiste-se no Rio em dizer que o Governo mantem o propposito de caçar direitos politicos, já agora a cerca de 1.000 politicos, os que exerceram cargos eletivos de qual quer especie, legislativos ou executivos. Miseria das miserias. - Mando com esta um retalho d"O Tarde", do dia 10, com a noticia da eleição dos dirigentes d do Gremio Politico das Câãsses Produtoras, para que V. os conheça. Epiphãnio ~~XXXXXX~~. O velho Catharião e Costa Filho, declararam ao Viana, depois de eleitos, que renunciariam. Por isto a Tarde de hontem já fez divulgação dessas de clarações. Conversando Epiphãnio com o C. C. Pinto sobre os propositos do ~~XXXXXX~~ me, no concernente ao futuro Governador da Bahia, este disse que só via um homem capaz, você. Não ~~XXXXXX~~ se já é de sua conhecimento que Magalhães & Cia, obtiveram do interventor rescisão de contrato com a E. de F. de Santo Amaro, ~~XXXXXX~~ rescisão essa pleiteada já nos governos de Calmon e do Vital, quando não lograram exito. Bisem que é de alguns milhares esse presente ~~XXXXXX~~ a aquela firma. No proximo dia 15 de novembro o Mons. Rocio ~~XXXXXX~~ passar o dia em Busca Vida. Está muito meu camarada. É seu admirador e será seu amigo. A ultima vez que estive em nossa casa levou para ler os trabalhos com que V. concorreu á Academia de Letras. - Segundo o Dr. Mathias, o alistamento aqui já podia ter começado. Faltam os livros, que são para registro de eleitores. Isso ~~XXXXXXXX~~ sendo porem ato posterior, já se podia ter iniciado o processo de alistamento. Mas não começou. Até hoje não se alistou ninguém. O Costa, guardamór, sempre me procura. Fóra de horas, quando a casa ja está fechada e trato de dormir, mas procura para pedir notícias e cacetear um pouquinho. Deixarei para concluir esta á tarde, para depois de aberta a mala da Europa.

3 da tarde - Nada de novo. Se Luís Viana, que hoje ainda não me apareceu, não trazer a carta que ficou de escrever e com ela o programa da Liga, enviarei eu mesmo, com esta, o aludido programa. Já foi distribuída a mala aérea de hoje e não veio carta. - não ser que tenha seguido para a Barra, como no ~~XXXXXXXXXXXX~~ penultimo sábado. Nada mais a acrescentar. Abraços.

BAHIA, 12 DE NOVEMBRO DE 1932

Querida Esther

Recebemos a sua carta de 20 de outubro, de que foi portador o Carlos Costa Pinto. Ele nos deu muito boas notícias a respeito de sua saúde, da de Edyla e de Mangabeira. Antes assim. Em meio a todos os grandes aborrecimentos, já é uma felicidade. Ele me disse que, devido à entrada do inverno, Mangabeira pretendia ir, agora em novembro, para Portugal, onde o clima é muito ameno. Eu penso que Mangabeira só queria, e mesmo devia ir a Portugal, quando já de rumo ao Brasil. Mas agora tudo inclinado a que ele ainda aí se demore, talvez esse plano tenha de ser modificado. Já quase dois anos vocês se foram daqui. E quanto tempo ainda demorarão? Triste terra. Infeliz gente. Diziam que Deus era brasileiro. Parece agora que ele renunciou à Pátria e naturalizou-se, quem sabe? Talvez chinês ou russo. É preferível, a ser brasileiro. Os nossos, do Rio e daqui, todos de boa saúde. Mamãe, segundo todas as notícias, vai atravessando. Como mandei dizer, o meu grande desejo é ir vê-la. Queria ir com você, quando por aqui passassem. Mas se demorarem? Acho teria que ir sozinho. Para mim é um sacrifício sem nome. Das 3 vezes que fui ao Rio, duas foi por conta da Una, e a última com as passagens que M. forneceu. Agora, porém, além das coisas estarem piores, não tenho esses auxílios. Mas não há sacrifício que baste para ter o prazer de ver a nossa querida mamãe e dar-lhe alguma alegria. Não tenho recebido correspondência de Edith com a costumada regularidade. Ela coitada, parece que tem como única preocupação, vocês. De Octávio todas as notícias são boas. Gostei muito da notícia sobre a dissertação por ele feita. Dei a ler a nota às irmãs dele. Eu e os meus de boa saúde. Os meninos sempre magros, mas gozando saúde perfeita. As meninas estudam muito e nos têm dado muita satisfação. Maria Helena é a primeira do seu curso, a mais premiada. Dinorah acompanha-a de perto. Geovaldo um pouco vadio, mas, enfim, é homem. Adeus, por hoje. Abraços de Georgina, com carinhos dos meninos e beijos e abraços do irmão.

(Euvaldo Pinho)

Octávio
refere-se a Octávio
Mangabeira Filho.

PARIS, 12 DE NOVEMBRO DE 1932

Exmo. Sr. Ministro Hermenegildo de Barros
M.D Presidente do Superior Tribunal de Justiça Eleitoral.

Não fosse Vossa Excelência – Presidente do Superior Tribunal de Justiça Eleitoral, no caráter de Vice-Presidente do Supremo Tribunal Federal – um juiz em quem se reúnem os predicados de inteligência e de civismo; não figurassem, sob sua presidência, no dito tribunal, cidadãos merecedores da confiança e do apreço dos seus compatriotas, e, certamente, não me teria ocorrido dirigir-lhe estas palavras.

Anuncia-se, por todo país, que se vão alistar eleitores, para o fim de eleger-se, a 3 de maio, uma assembléia constituinte. Trata-se, como se vê, nem mais nem menos, da constituição do eleitorado, para a escolha dos mandatários, que hajam, em nome da Nação, de elaborar a sua carta política.

Ouso formular uma pergunta: Há, atualmente, no Brasil, mesmo no Distrito Federal, mais especialmente nos Estados, as condições, digamos as garantias, aquelas ao menos que se devam ter como estritamente essenciais, para que se processe o alistamento da ordem do que se está cogitando?

Sim. Porque, no caso, o alistamento pode ser considerado como a primeira fase da eleição, que a ele se segue imediatamente, se é que de fato a eleição se vai realizar. Pergunto: Vigoram, presentemente, nos Estados Unidos do Brasil, as liberdades, a bem dizer primárias, aquelas sem as quais, em boa lógica, não se compreende o sufrágio? Há, neste momento, no Brasil, liberdade de pensamento, na publicidade ou na tribuna, liberdade de reunião, e até de locomoção, no seu verdadeiro significado?

Ora, se o Superior Tribunal de Justiça Eleitoral fosse, para os fins do alistamento, nas atuais circunstâncias, um aparelho destinado a funções elementares, adstrito ao puro serviço, material, burocrático, da inscrição dos eleitores, nada se teria a articular. Dada, porém, a qualidade dos homens de que ele se compõe, e atribuída a sua presidência a um alto magistrado, inclino-me a acreditar que, afora aqueles deveres, propriamente regulamentares, há um grande dever político, há um grande dever moral, há um grande dever cívico, independente dos regulamentos,

porque resulta do próprio senso das coisas, e que assim sobranceia a quaisquer outros, a ser cumprido pelo Tribunal.

Ou se estabelece no país o ambiente compatível com o alistamento e a eleição, e é justo que, nestes termos, a eleição e o alistamento fiquem sob a tutela incomparável de tribunais presididos por órgãos dos mais elevados do Poder Judiciário; ou a vivermos em um regime, no qual o governo, a seu talante mutila, se não suprime as liberdades públicas, e dispõe, como quer e entende, dos direitos dos seus adversários, ou dos cidadãos em geral, indiscutível se torna que o alistamento e a eleição tomam ou tendem a tomar as proporções de uma burla – na hipótese, um paradoxo, desde que se considere que se subverteu a ordem legal em nome ou sob o pretexto de reivindicações liberais, sobretudo em matéria eleitoral – e já a isto não se explicaria que desse, com seu concurso, a sua autoridade, uma organização prestigiada, como a dos tribunais eleitorais, pela respeitabilidade, antes de tudo, da magistratura brasileira.

Tive a honra de exercer, por muitos anos, o mandato legislativo, eleito, mais de uma vez, na oposição, isto é, contra os governos, na chamada “república velha”. Ministro de Estado, durante a campanha presidencial, que desnaturou no conflito, de que proveio a queda do governo, acarretando a da legalidade, não terá sido pela intolerância que se caracterizou, notoriamente, a minha ação política. Preso a 7 de Novembro de 1930, e, logo em seguida, intimado a vir para o estrangeiro, escrevi, naquele momento: “Voltarei logo que possa, ou logo que as circunstâncias me permitam. Aguardo apenas que o povo se possa manifestar.” Não tenho pretensões de qualquer ordem. Forças humanas, contudo, não há, nem as reconheço, capazes de demover-me do propósito de intervir, quanto em mim caiba, nas coisas da minha Pátria, e tanto mais quanto ela for crescendo, batida pelo infortúnio, no direito à devoção, mesmo dos mais obscuros de seus filhos.

A um magistrado, como vossa excelência, a brasileiros, como os que têm assento no Superior Tribunal que Vossa Excelência preside, animo-me a sugerir e, se for o caso, a requerer que façam depender o alistamento, para que se venha a efetuar, da restauração, no país, por decretos e por fatos, das garantias e das liberdades que, juristas como são, reputam essenciais, imprescindíveis, toda vez que se queiram por em prática, para os sistemas representativos, as instituições eleitorais.

Porque, então, de duas uma. Ou o governo discricionário prossegue tal como existe, e a Nação saberá que fazer, para reconquistar, desagravando-se, a soberania que lhe usurpam; ou, se de fato o referido governo quer a volta do país ao regime legal, não seja na base de eleições corruptas, desde as suas origens – nem mais é preciso, para corrompê-las, que a atmosfera inadequada ou imprópria, em que elas se realizam, a partir do alistamento – que se haja de edificar a nova ordem de coisas, condenada, se assim for, a inevitáveis desmoronamentos.

O regime de voto, no mundo, acaba de confundir os seus adversários – adeptos de inovações que nada trazem de novo, porque a tirania, em última análise, a que elas se reduzem, é tudo que há de mais velho – com uma série de provas deslumbrantes. Na monarquia parlamentar, que é a Inglaterra, na França, república parlamentarista, mas, por igual, na Alemanha, até certo ponto em ditadura, e nos Estados Unidos, berço e escola do presidencialismo americano, vimos, uma após outra, derrotadas, pacificamente, nas urnas, as situações dominantes, responsável, cada povo, pelo programa ou pelas diretrizes, a que dá ganho de causa, e forte, cada governo, pela confiança do povo, em cujo nome, autorizadamente, se investe no exercício do poder.

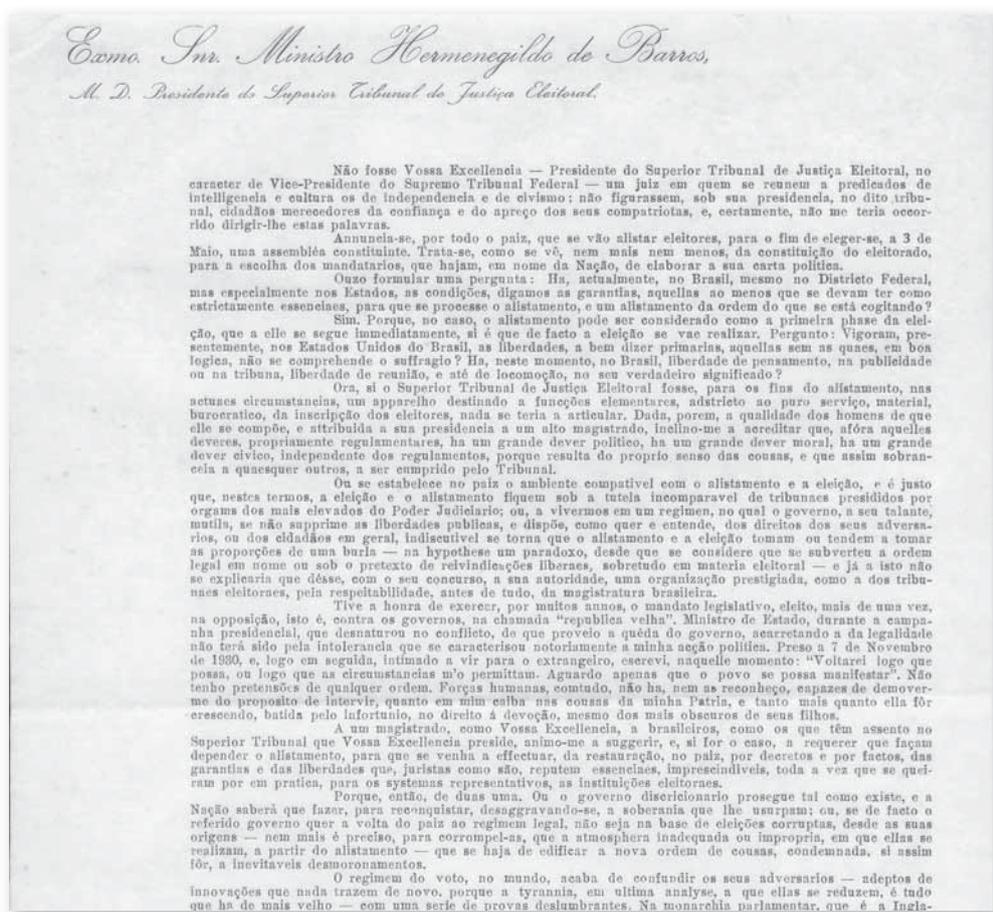
Sei quanto a nossa hipótese é diversa das a que estou me referindo, tratando-se, como se trata, de países em condições tão diferentes das nossas. Não quer isto dizer, todavia, que devamos fazer para trás a nossa evolução. Aí, onde não houver, de alguma sorte a liberdade de crítica, imprensa e tribuna livres, a liberdade de reunião, as liberdades que me permitem qualificar de primárias – ninguém dirá que não seja o caso atual do Brasil – aí onde não houver as garantias inerentes, por simples bom senso, ao exercício pelos cidadãos do direito eleitoral, não pode haver eleição, nem, pois, alistamento. Donde, portanto, a preliminar que se impõe, do restabelecimento do país, das franquias, ainda as mínimas, para que possa haver eleitorado, e este possa julgar pelo voto, que outra coisa não é que um julgamento, a que se liga necessariamente à idéia de um debate, sobretudo estando em causa, mais que o regime nos seus fundamentos, a Nação na lei orgânica por que se deva reger.

Alistamento? Sim. Mas alistamento de verdade; alistamento a que possam concorrer, indistintamente, os brasileiros, qualquer que seja a sua fé política; alistamento sob as garantias, que estimulem e consagrem, na República, o seu espírito cívico. Perfeitamente. Alistamento, porém,

na ausência da liberdade: alistamento em circunscrições militarmente ocupadas, como hoje os nossos Estados, na sua quase totalidade; com a imprensa sob censura, as reuniões ou os comícios virtualmente extintos, opositoristas ao governo distribuídos aos grupos, entre a prisão e o exílio, seria antes uma negação que uma afirmação dos propósitos de restituir à Nação o direito a que se prende, com todos os seus interesses, a sua dignidade — o de governar-se a si mesmo.

Exmo. Sr. Ministro Hermenegildo de Barros, M. D. Presidente do Superior Tribunal de Justiça Eleitoral: Quando o destino coloca, em um posto como o que Vossa Excelência ocupa no momento, um cidadão da sua envergadura, reserva-lhe, em certos casos, um papel de significação inestimável. Não seria a primeira vez que a força, caindo em si, se renderia ao respeito das liberdades civis, por honra da justiça desarmada, que clama pela voz dos magistrados.

Octávio Mangabeira



ROMA, 12 DE NOVEMBRO DE 1932

Prezado amigo e eminente mestre, Sr. Dr. Octávio Mangabeira

Venho agradecer-lhe a resposta à minha consulta, dada com suas linhas de outubro último, recebido, como sempre, com pronunciada satisfação.

Pergunta-me o nobre amigo se o Dr. Rio Branco partiu para o Brasil, como eu havia adiantado. Encontra-se já, de fato, na Secretaria, onde dirige o Serviço de Publicações. Substituiu-o o Sr. M. Soares.

Tenho o prazer de torná-lo ciente, de que o meu trabalho sobre fronteiras, redigido sob a sua gestão ministerial, acaba de ser mimeografado em edição confidencial. Revista, em La Paz, só depois datilografado em redação final, não foi folheado pelo Doutor Mangabeira, que o autorizou. Ali focalizo a matéria nos múltiplos aspectos que oferece, numa substanciosa cópia de dados e concludo – ainda na vigência da Constituinte de 91 – pela necessidade de uma lei orgânica de fronteiras. As ilhas Margarida, as atuais ocorrências de Letícia e numerosos fatos menos concretos, estou a indicar a urgência de uma medida sistemática a respeito do assunto. Felicito-me em ter oferecido a tão importante problema, uma pequena contribuição sob o seu patrocínio.

Rogo receber com o meu respeitoso abraço, os meus votos de felicidade pessoal, ao entrar o novo ano, extensivos à excelentíssima senhora Octávio Mangabeira.

Do Admirador. Obrigado

Jorge Barbosa

Rogo receber com o meu respeitoso abraço, os meus votos de felicidade pessoal, ao entrar o novo ano, extensivos à excelentíssima senhora Octávio Mangabeira.

12 de Novembro de 1932

Jorge Barbosa

Dr. Rio Branco
refere-se a Gastão Paranhos do Rio Branco, encarregado de negócios em Buenos Aires no período de 1926 a 1930, quando foi transferido para Roma. Era sobrinho do barão do Rio Branco.

M. Soares
refere-se a José Carlos Macedo Soares, jurista, membro da Academia de Letras, posteriormente interv. fed. de SP (1945).

ilhas Margarida
situada no Caribe, pertence à Venezuela. É considerada uma das 50 mais belas do mundo.

Letícia
situada na Colômbia, faz fronteira com o Brasil e Peru, é uma cidade conflituosa.

Jorge Barbosa
funcionário do Ministério das Relações Exteriores.

ISTAMBUL, 12 DE NOVEMBRO DE 1932

Ao Sr. dr. Octávio Mangabeira – Paris

Meu caro Ministro e Amigo.

Afetuosas saudações.

Tenho vivo prazer em acusar recebimento de sua carta de 31. Já lhe deve ter chegado às mãos a que escrevi pouco antes dessa data.

A minha impressão da nossa triste e turva atualidade nacional coincide, em gênero e número, com a sua aguda síntese. Não é, positivamente, edificante o espetáculo que oferecemos. A revolução entrou, há meses, no período de autofagia. Com autênticos expoentes de suas diretrizes iniciais, devora também, elementos que, em vez de lhe terem sido contrários, (alguns só o foram na aparência) contribuíram, decisivamente, por omissão e inércia, para destruir o travejamento do edifício político e social, cuja conservação lhes era, no entanto, condição imprescindível de segurança e vida. Exemplo: São Paulo, ou, antes, P.R.P. Que penosa ilusão de ótica, a dos seus *leaders*! E que tremenda lição!

Continuo a ter dúvidas quanto à oportunidade do seu regresso. Não lhe parece preferível aguardar a dissipação da fumaceira? A sua influência moral e o seu prestígio político, hoje em dia, representam, para a Nação, inapreciável pecúlio, derradeira reserva que se não pode, nem se deve arriscar. Atualmente, no Brasil, o simples equilíbrio é uma função difícil, tal a violência da deslocação de ar produzido, em todas as direções, pelo entrecchoque de forças desencadeadas. Verdade é que, de Paris, se vê o Brasil mais nitidamente do que da Turquia. É possível que a imagem por mim daqui vislumbrada não corresponda mais à realidade.

Reitero o convite que lhe fiz, nas cartas anteriores. Fuja à invernia parisiense; venha até cá. Pomos o nosso apartamento à sua disposição. Será nosso hospede integral. Se se decidir, como espero, avise-me por telegrama.

Queira apresentar as nossas sinceras homenagens é sua senhora.

Com a amizade, admiração e reconhecimento de sempre, aceite um forte abraço e votos de completa felicidade, do

João Pinto da Silva

Boite Postal, 2.227

João Pinto da Silva
diplomata, embaixador.

ALAGOINHAS, 14 DE NOVEMBRO DE 1932

Caro Mangabeira

Fico ciente do que me diz em sua carta de 19 de outubro p. findo. Acompanhei o desenrolar dos acontecimentos e o desenlace da luta.

Li seus telegramas ao *Correio da Manhã* e ao *Estado de S. Paulo*. Suas atitudes, sempre sobranceiras e dignas. Sua carta foi escrita antes da deportação dos políticos e outros, que tomaram parte no movimento contra a ditadura. Perdeu o Governo uma boa oportunidade de praticar um grande ato político e de se mostrar à altura dos acontecimentos. Os ódios ainda fermentam no espírito dos vencedores, que não se lembram de que, na vida, tudo é precário e transitório. Ainda agora se anuncia um decreto do Governo, interditando para a vida política grande número de brasileiros, que não lêem pela cartilha dos outubritas. No estado atual das coisas, apesar de sua boa vontade e de suas elevadas intenções, creio que não lhe seria possível colaborar no sentido de que a Bahia tenha uma representação condigna na futura Constituinte. A intolerância é grande. Penso que o alistamento eleitoral e a eleição se farão sob uma forte pressão por parte dos governantes, que lançarão mão de todos os meios, inclusive a violência, para a vitória de sua causa. O nosso Interventor já revelou de quanto é capaz e não faz mistério de seus propósitos.

Resistir à violência e reagir contra o arbítrio, não creio possível, talvez por muito pessimismo. Velho e doente, não me sinto com forças para a reação, no terreno da luta. O espírito se revolta, mas a matéria, afinal, também tem seus direitos.

Espero que, depois de ouvir nossos patrícios em caminho do exílio, você, bem informado, poderá fazer um juízo melhor da situação e com acerto resolverá o que se deverá fazer.

Visitamos com saudades D. Esther e Edyla.

Se eu pudesse dar um pulo até aí...

Me sinto muito enfraquecido e, como é natural, um pouco desanimado e descrente.

Abrace e escreva ao velho amigo

Bião

outubristas
referência aos líderes
da Revolução de 1930,
desfechada no dia
3 de outubro.

Bião
refere-se a Joaquim
Climério Dantas, chefe
político de Alagoinhas.

BAHIA, 19 DE NOVEMBRO DE 1932

Esther e Mangabeira

Abraços para ambos. Recebemos a carta de Esther, do dia 4, vinda pelo Armando Carvalho e o pacote de selos para Geovaldo, que agradecerá. Recebi hoje as cartas vindas pelo avião, datadas de 12 e acompanhadas da “representação” ao H. Barros. Ainda não veio uma ordem precisa sobre as palavras para o “*Estado da Bahia*”. Foi bom eu não ter entregue ao A. M. R. pois agora está anunciado que o jornal só sairá em 20 de dezembro, se sair... aguardo o telegrama do Rio para dar publicidade à “representação”. Muito boa, ótima. O Viana ansioso por uma resposta a respeito da Liga de Ação Social e Política. Ele e os companheiros continuam em franca atividade. Agora movimentam-se o clero, que fará tudo a seu alcance para que todos os católicos se alistem e votem. Disse-me hoje o Mons. Ápio que a campanha para isso será intensa, não indo porém além disso; não tomarão partido; “mas se o Mangabeira for candidato descarrega-se nele”. Não há hoje notícias interessantes a dar. O nosso tenente, no Rio, politicando. Congresso dos revolucionários. Congresso dos gaúchos. Reuniões do clero. Mas em todos os grupos sente-se uma forte inclinação para o socialismo. Chegou aqui, ontem, o Viriato. Deu-me notícias de vocês, mas ligeiramente. Só para a semana poderei conversar. Deu-me boas notícias da saúde de vocês. Todos aqui acham que não devem voltar agora, principalmente esses que daí vieram; Carlos C. Pinto, o Armando Carvalho e o Viriato. É um problema difícil de resolver. Aqui os acadêmicos dispostos à luta. Querem associar-se, não sendo difícil aderiram a Liga. O Arnaldo ainda no Rio. Os dele na Mangueira. Tia Honorina tem se visto. Hoje sem tempo para escrever mais longamente.

Adeus Abraços.

(Eivaldo Pinho)

Armando Carvalho
refere-se ao filho do jornalista Carlos Freire de Carvalho.

H. Barros
refere-se a Hermenegildo Rodrigues de Barros, pres. do TSE (1931), reeleito (1934).

A. M. R.
refere-se a Antônio Marques dos Reis, advogado e jornalista, diretor do jornal governista, *O Estado da Bahia* (1933).

Liga de Ação Social e Política
trata-se da agremiação que reuniu a oposição baiana contra o interv. Juracy Magalhães e seu partido, o PSD da Bahia (1933).

Viriato
refere-se a Viriato de Bittencourt Leite, diretor-gerente do Banco Econômico da Bahia.

Armando Carvalho
refere-se a Armando Espinheira Freire de Carvalho, foi funcionário da Caixa Econômica Federal.

Arnaldo
refere-se a Arnaldo Pimenta da Cunha, ex-prefeito de Salvador.

ROMA, 23 DE NOVEMBRO DE 1932

O sr. dr. Octávio Mangabeira, ex-ministro das Relações Exteriores, atualmente em Paris, dirigiu-nos o seguinte telegrama.

“Redação “*Estado de São Paulo*”. Restabelecidas as comunicações telegráficas entre São Paulo e o estrangeiro cumpro o dever de saudar, no grande povo paulista, seu culto à liberdade, sua devoção ao Brasil – (a.) Octávio Mangabeira”

Exmo. Sr. Ministro,

Este recorte do “*Estado de São Paulo*”, do dia 27 de outubro, que aqui junto – me proporciona a ocasião de escrever a V.Exa. na tríplice qualidade de sincero admirador e amigo certo; de brasileiro que antepõem a liberdade, à própria pátria e de paulista de alma e coração bandeirante e por conseguinte muito brasileiro.

Felicito “*ex-corde*” V.Exa. pela nobilíssima saudação ao povo que lutou pela liberdade de sua pátria – saudação que veio encerrar a primeira fase de um grande trabalho, em parte, por V.Exa. feito, em prol da Nação, nos momentos característicos e decisivos em que se conhecem, pela seleção natural que faz a história, os homens.

Ilmo. Ministro, V.Exa. sabe que tem aqui em Roma um patricio dedicado, um jornalista desinteressado, esta sucursal da Agenbras, ao seu inteiro dispor.

Peço a V.Exa. querer apresentar minhas homenagens à sua Exma. Senhora.

De V.Exa. admirador e amigo certo e obrigado,

Antonio Calmon

BAHIA, 26 DE NOVEMBRO DE 1932

Esther e Mangabeira:

Abraços e saudades para ambos. Parece que hoje não veio carta, pelo menos para mim. Passei no correio e a caixa estava vazia. Agora vai até lá outro portador. Aqui não há coisas importantes a dizer. O tenentinho ainda no Rio. Os Pachecos, de braços dados com os Negreiros, promovem um banquete para quando ele voltar. O P. de Oliveira procurou, ontem, o O. Machado, pedindo adesão para essa homenagem. Respondeu que como presidente da Associação, negava colaboração, a não ser que o convite lhe fosse trazido por uma comissão e dirigido à Associação, hipótese em que reuniria a diretoria desta para deliberar. Alegava que se tratava de uma homenagem política, por isso desse modo se manifestava. Replicando que fazia parte de uma agremiação política, respondeu que esta, o tal Grêmio das Classes Produtoras, se constituía para o fim de apoiar aqueles cuja política fosse favorável a essas classes, mas não para ter iniciativas de caráter político. Barafunda... O certo é que P. Oliveira não saiu satisfeito. Aqui há desentendimento entre Pacheco, Medeiros, Negreiros e Altamirando. Até cartas já foram trocadas entre eles. Diz-se que demoram no Rio os interventores do Norte trabalhando, para que se não realize, em 3 de maio, a eleição. Já o interventor do Pará comunicou ao próprio Chefe do Governo Provisório ter sido lançada sua candidatura a Governador Constitucional, por operários. Agora todos os outros irão aos poucos passando por idênticos aborrecimentos. Pena é que o daqui não tenha sido o primeiro. Não veio do Rio o telegrama de abraços. Por isto nada publiquei. Não teriam entregue ao destinatário, ou entregaram, mas não acharam conveniente publicar? Aqui ainda não se começou o alistamento. Um grande desânimo em tudo. Não se confia em nada: tem-se medo de tudo. Estive com D. Augusto, há três dias, num casamento. Perguntou por você. Falou sobre o alistamento dos católicos. Disse do receio que tem da situação do país e da influência dos socialistas. Teve ocasião de dizer, quando eu falei que parecia que o Aranha queria ser Presidente, que se você fosse candidato, isso sim, todos os católicos votariam em você... Pela primeira mala marítima, enviarei os artigos e discursos do Valadares, de referência aos últimos movimentos e o relatório da comissão de médicos incumbidos

Os Pachecos
refere-se aos irmãos
João e Vicente.

Barafunda
no sentido de mistura
desordenada de pessoas
ou coisas; confusão.

Medeiros
refere-se a Antonio
Garcia de Medeiros Neto,
advogado e jornalista,
consultor jurídico da
prefeitura de Salvador
(1932) e no ano seguinte,
ao lado de Juracy Maga-
lhães, um dos fundadores
do PSD da Bahia.

Negreiros
refere-se a Artur Negrei-
ros Falcão, apoiou a Rev.
de 1930 e integrou a
Comissão Executiva do
PSD de Juracy Maga-
lhães, elegendo-se pos-
teriormente dep. à Ass.
Nac. Const. (1934).

Altamirando
refere-se a Altamirando
Alves da Silva Requião,
foi diretor proprietário e
redator-chefe do jornal
Diário de Notícias.

Valadares
refere-se a Antônio do
Prado Valadares, prof.
catedrático de clínica
médica, fundador da
cadeira nº 30 da ALB.

José Américo
refere-se a José Américo
de Almeida, foi min. de
Viação e Obras Públicas
(1930-1934).

de prestarem assistência aos professores e alunos da Faculdade de Medicina presos em agosto. Ambos têm dedicatória. Seguem estas cartas: de Tia Honorina para Esther e do Bião para Mangabeira. Segue também uma cópia do papel recebido da Paraíba com a lista dos parentes de José Américo nomeados no governo de regeneração. Abraços.

(Eivaldo Pinho)



Altamirando Requião

BAHIA, DEZEMBRO DE 1932

A Simões Filho

Ao querido exilado, este primeiro exemplar, que distribuo, da minha última produção oratória, até aqui retida, a bom recato, pela “censura” amiga, que mais eficiente que a tenentista, com usar carinhos onde esta age com ameaças – conseguiu convencer-me de que a minha saúde não me permitia o prazer de ir fazer-lhes companhia, a você e aos demais compatriotas que espiam no desterro, o nefando crime de pretenderem para o Brasil o regime da Lei. Mas... é um simples esboço de defesa da Bahia, cuja atitude, por se lhe desconhecem as causas, tão mal se interpreta lá fora. Defesa sem vibração, sem veemência, naturais nas reações do brio, defesa porventura anódina – que mal poderia fazer aos nervos dos levitas dos “postulados” possessos da mentalidade outubrista? Onde, nela, uma irreverência às instituições que nos vão conduzindo à ... glória?

“Inútil bater boca com o arbítrio, sabido que a sua lógica não opera à custa de razões, que lhe basta, de sobra, um pretexto”. E com esta réplica irretorquível, a “censura” amiga encerrou a discussão e recolheu ao armário o meu “canto do cisne”.

Veja, meu caro Simões, que a minha dedicatória se mudou na carta. Receba-a pois, como tal, a primeira que lhe faço depois de saber o seu paradeiro.

E... até breve, que a Liberdade, crucificada e sepultada com o Cristo, há de ter também como Mestre, o seu “terceiro dia”. Ao termo desse tríduo de trevas, quando a vierem procurar os liberticidos, os fiéis guardadores do túmulo lhes anunciarão o malogro do crime praticado, repetindo o Arcanjo: – “Surrexit, non est hic!”.

Assinado

Vital Soares

levitas

referência irônica ao bíblico povo levita. Eram os responsáveis pela guarda do tabernáculo, para isso se purificavam e lavavam as suas vestes.

canto do cisne

significando a sua mais bela obra.

**“Surrexit,
non est hic!”**

ressuscitou, não está aqui!

Vital Soares

governador da Bahia (1928-1930), renunciou para se candidatar à vice-presidência da República na chapa de Júlio Prestes em 1929. Autuado pela Comissão de Sindicância (BA); faleceu pouco depois, em abril de 1930.

PEQUIM, 2 DE DEZEMBRO DE 1932

Meu prezado Senhor Ministro

Recebi a carta de V. Exa., datada de 25 de outubro. Recebi-a com um mês, apenas, de diferença. O resumo da situação política no Brasil e dos acontecimentos de S. Paulo está simplesmente luminoso.

O Paulo Filho havia-me enviado, numa carta com grandes elogios a V. Exa., a entrevista do tal brasileiro. O telegrama ao Paulo Bittencourt deve ter causado, nos arraiais do “*Correio*”, uma grande decepção. Mas, V. Exa. fez muito bem. Confesso que admiti que V. Exa. pudesse estar em bons termos, se não com o Governo da União, com o Juracy, porque vi que ele havia procurado o Dr. João Mangabeira, antes de tomar conta do Governo da Bahia, e tinha convidado o Pimenta da Cunha para ser seu Secretário. Compreendo, contudo, que V. Exa. não deve querer parecer que está publicamente solicitando as boas graças daquele tenente.

O Dantas já me tinha dito que V. Exa. estava pensando em voltar ao Brasil. Não duvido que V. Exa. tenha mil razões, depois de dois anos de ausência, de querer regressar. Mas, os jornais aqui, em principio de novembro, deram noticia que o Governo havia exilado 178 pessoas, civis e militares, envolvidos nos acontecimentos de S. Paulo. O telegrama acrescentava mesmo que a policia as havia embarcado num vapor do Lloyd. Vi também no “*Times*” a noticia do discurso do Osvaldo Aranha sobre as eleições futuras, em que ele havia declarado que os *leaders* do passado regime deviam ser privados dos seus direitos políticos, afim de não poderem concorrer ao pleito. Não sei se essa declaração é sincera, ou se não passa duma manobra para iludir os tenentes. Em todo caso, esses fatos reunidos dão-me a impressão de que o momento não é, talvez, ainda favorável – nem seguro – a presença no Brasil dum político em evidencia como V. Exa.

Diz V. Exa. em sua carta que se revela agora, nitidamente, o dissídio entre os generais e os tenentes. É natural que isso aconteça. Mas, não lhe parece que, nesse caso, os tenentes, entrando em luta com os generais, estariam perdidos? Não acredito, apesar de tudo, que a massa do exército acompanhe os tenentes. Os coronéis, afinal de contas, preferem ainda ser comandados pelos generais, seus superiores hierárquicos, do

Paulo Filho
jornalista do *Correio da Manhã*.

Paulo Bittencourt
jornalista, proprietário do *Correio da Manhã*.

Dantas
refere-se a Luís Martins de Souza Dantas embaixador do Brasil na França (1922-1943).

que pelos outros. Além disso, os generais, segundo V. Exa. mesmo diz, contam com o apoio de elementos como o Flores.

Consta que houve uma crise de Gabinete no Itamaraty. O Afrânio promoveu a Cônsul Geral o Osvaldo Correa, em vez do Saint-Brisson, e o Acioli e o Camilo demitiram-se. Parece que foram nomeados o Maurício, para Chefe do Gabinete e o Acir para o lugar do Camilo. Será exato? O Maurício sentirá a diferença entre trabalhar com um Chefe como V. Exa. e com o Afrânio, que é um homem que, quando trata um assunto, esgota a paciência dos outros, falando uma hora sobre coisas perfeitamente inúteis e inteiramente estranhas ao caso.

A pedido do Paulo Filho, tenho enviado umas correspondências, embora não assinadas, para o *Correio* sobre a China. Envio uma cada mês. Já mandei três. Mas, tenho a impressão que o Edmundo está zangado comigo. Depois que estou na China, escrevi-lhe umas quatro vezes e nunca tive resposta. Ora, o Edmundo sempre me escreveu, antes. Suponho que a razão de sua zanga seja a minha declaração à Comissão de Sindicâncias de que dei dinheiro ao Paulo Silveira. O Edmundo é um homem que não tem limites nas suas paixões. Não me admiraria, assim, que ele haja realmente rompido relações comigo por aquele motivo.

A respeito de sindicâncias, viu V. Exa. que o Supremo Tribunal, na Argentina, havia anulado os processos contra o Irigoyen e seus Ministros? Estava nos jornais de Lisboa, que o meu colega de Portugal me dá aqui a ler.

Recomendo a V. Exa. a leitura dum livro intitulado *Can those things be*, dum jornalista americano Seldes, outrora correspondente da *Chicago Tribune* em Roma. Tudo quanto ali se refere ao fascismo na Itália é muito interessante. Sob esse ponto de vista, o livro é um verdadeiro manancial para um processo contra as ditaduras. Foi publicado nos Estados Unidos.

Minha mulher muito se recomenda a V. Exa. e a D. Esther, a quem apresento respeitosas homenagens. Nossas saudades à Edyla. E aceite, Sr. Ministro, os protestos do mais profundo respeito e um abraço do

De Vossa Excelência

Amigo, admirador e menor criado

P. Leão Veloso

Acioli

refere-se a Hildebrando Pompeu Pinto Acioli, primeiro secretário e chefe de gabinete do ministro Afrânio de Melo Franco.

Maurício

refere-se a Murício Nabuco, diplomata, funcionário do Itamaraty.

Paulo Filho

Manuel Paulo Tales de Matos Filho, jornalista e Constituinte de 1934.

Edmundo

refere-se a Edmundo Bittencourt, fundador do jornal carioca *Correio da Manhã*.

Irigoyen

refere-se a Juan Hipólito Del Sagrado Corazón de Jeús Irigoyen, por duas vezes presidente da Argentina; em 1930 foi deposto por um golpe militar liderado pelo gal. Uriburu.

P. Leão Veloso

Pedro Leão Veloso Neto, embaixador do Brasil em Pequim (1931-1935).

RIO, 3 DE DEZEMBRO DE 1932

Caro amigo Dr. Geraldo Rocha

Disse-lhe, na última carta, que os interventores, notadamente o da Bahia, estão se esforçando para organizar partidos, visando à presidência constitucional dos respectivos Estados. Procurei sondar elementos ligados ao interventor baiano, com o fim de alcançar informações mais ou menos seguras, que lhe transmito com imparcialidade.

O tenente está vigilante, e é esperto; pretende utilizar-se dos velhos elementos sem lhes dar, salvo a um ou outro, posições, para não desagradar os seus amigos e colegas de farda. Mesmo nos municípios só lhes deu posições aparentemente, por que, estava em entendimento direto com os chefes sertanejos. Trata-os com a ativa benevolência com que os déspotas tratam os dependentes.

Daqueles políticos o que se reputava em melhor situação, como o homem do tenente, era o Sr. Pacheco de Oliveira, mas esse entrou em crise que não sei como será resolvida, pois ontem o interventor recebeu um telegrama, comunicando-lhe que o referido cavalheiro se desentendera com o Sr. Medeiros Neto e com oficiais do Exército, que se dispunham a abandonar a Bahia.

O tenente acha que a gente mais limpa da política brasileira é a do sr. Octávio Mangabeira, e deseja o seu apoio, como uma espécie de atestado moral de decência. Acredito – e isto não é informação, mas opinião minha, que ele pretende manobrar com os melhores elementos do passado, para atrair os amigos e partidários do Sr. Octávio Mangabeira, cujos representantes na Bahia – e volto às informações - segundo foi dito ao interventor, não são pessoas de importância social à altura dessa representação.

O Sr. Berbert de Castro, não sei com delegação de qual das partes, tentou uma aproximação entre o Dr. João Mangabeira e o tenente Juraci e, a propósito dessa tentativa, o interventor disse o seguinte: “o Dr. João Mangabeira sempre esteve conosco pelas palavras, e contra nós pelas atitudes. Agora, quer que eu o garanta contra a inelegibilidade, porém só faz promessas secretas”.

Geraldo Rocha
Antonio Geraldo
Rocha Filho, jornalista
e proprietário do jornal
A Noite.

chefes sertanejos
trata-se dos líderes
políticos da região do
sertão, conhecido tam-
bém como “coronéis”.

Pacheco de Oliveira
refere-se a João Pacheco
de Oliveira, vice-presi-
dente da Ass. Nac. Const.

Medeiros Neto
refere-se a Antônio
Garcia de Medeiros
Neto, consultor jurídico
da prefeitura de Salvador
(1932).

Berbert de Castro
refere-se a Ramiro
Berbert de Castro, chefe
político em Ilhéus, dep.
est. e dep. fed.



Medeiros Neto



João Marques dos Reis

Depois disso, a situação do Dr. João Mangabeira se agravou pelo seguinte fato, que talvez, ele próprio desconheça: Num jantar oferecido ao tenente, disse-lhe o Sr. Arlindo Leoni, no maior segredo, que o ex-senador baiano lhe dissera não se incomodar muito com a política do interventor, porque estava com o sr. Osvaldo Aranha e este se comprometera a entregar-lhe a direção da política baiana.

O tenente ficou indignado e não quis saber de segredos. Com o seu desembaraço soldadesco foi aos ministros da Fazenda e da Justiça, e com eles combinou, ou disse que combinou, que só se aceita o apoio daquele ex-senador, se ele se traduzir numa declaração pública, e seja incondicional.

O tenente, neste momento, não pensa em lançar a sua candidatura à presidência do Estado, e examina a possibilidade de fazer seu candidato o Sr. Marques Reis. A grande reunião, em S. Salvador, para fundação do partido do tenente com os políticos do passado, será em fins de janeiro, salvo nova resolução.

Toda essa nova política, que se faz à maneira antiga, gira em torno das possibilidades da Constituinte. O momento é de um certo nervosismo. Informações, que reputo seguras, dizem que o sr. Osvaldo Aranha voltou do sul com a convicção de que o Rio Grande não está em condições de repor o Sr. Getúlio, se o destronarem. É preciso, pois, transigir com os tenentes.

Arlindo *Leoni*

Arlindo Batista Leoni, político ligado a Juracy Magalhães e um dos fundadores do PSD da Bahia; eleger-se para Ass. Nac. Const. (1933).

Marques Reis

refere-se a João Marques dos Reis, juiz substituto do TRE da Bahia.

Creio que viveremos em apatia, entre boatos, por alguns meses, e penso que, com Constituinte ou sem Constituinte, o Brasil marcha para dois perigos: um, mais ou menos próximo, o domínio do sabre; o outro mais remoto, o domínio de massa. Se as coisas continuam neste andar, os soldados tomam conta do Brasil, reduzem as despesas até desorganizar os serviços e aumentam os impostos até que a fome se revolte e os substitua no poder.

Com os nossos cumprimentos, da minha mulher e meus a Mme. Geraldo Rocha e ao prezado amigo, receba o ilustre casal os sinceros votos de felicidades.

mea candidatura à presidência do Estado, e peço a possibilidade de fazer o seu candidato o sr. Marques Reis. A grande reunião, em S. Salvador, para fundar o partido do tenente com os políticos do passado, terá um fim de ganho, sobre a nossa situação.

Toda esta nova política que se faz à maneira antiga gira em torno da possibilidade da Constituinte. O assunto é de muito interesse. Informações que respeito seguras, dizem que o sr. Euclides França voltou de sul com a certeza de que o Rio Grande não está em condições de apoiar o sr. Getúlio, ou o sr. Eurípedes. É preciso, pois, transigir com os tenentes.

Creio que viveremos em apatia, entre boatos, por alguns meses, e penso que, com Constituinte ou sem Constituinte, o Brasil marcha para dois perigos: um, mais ou menos próximo, o domínio do sabre; o outro mais remoto, o domínio de massa. Se as coisas continuam neste andar, os soldados tomam conta do Brasil, reduzem as despesas até desorganizar os serviços e aumentam os impostos ^{até} que a fome se revolte e os substitua no poder.

Com os nossos cumprimentos, da minha mulher e meus a Mme. Geraldo Rocha e ao prezado amigo, receba o ilustre casal os sinceros votos de felicidades.

Leal de Souza
Rio, 3 de Dezembro de 1932

BAHIA, 4 DE DEZEMBRO DE 1932

Esther e Mangabeira

Abraços para vocês e Edyla. Recebi a carta do dia 19 que veio com a destinada a D. Augusto. Não me foi possível fazer a entrega pessoalmente porque ele estava adoentado. Confiei-a ao Cônego Ápio e fiquei de aparecer em outro dia o que aliás ainda não pude fazer. Sugeri ao Ápio a publicação da carta, que, como você recomendou, foi entregue fechada, envelope de Aero Postale. Deve passar por aqui amanhã, com destino à Europa, uma outra leva de deportados e entre eles José Rabelo. Para ele isso é equivalente ao duodécimo da loteria de Espanha, mas para você é um pau por um olho. Se ele ficar em Portugal, muito bem. Mas se vai para Paris, você tem que se ver. Certamente ele irá ao seu encontro, de qualquer modo. Farei jeito de ir vê-lo a bordo. Como é possível que você com ele se encontre aí na Europa, devo dizer-lhe que no período da revolução recebi dele uma carta em que se mostrava sentido por estar eu intervindo na política de Cachoeira, “onde tem todo prestígio, onde se sacrificou financeiramente por sua causa, e por onde seria eleito deputado federal no primeiro pleito”. Citava que eu havia me entendido com o Mario Guimarães (casado com uma sobrinha do Ubaldino) e com o Dr. João Mendes para que



E-D Ernesto Simões Filho, Pedro Lago, João Pacheco de Oliveira, ten. cel. João Henrique de Faria.

D. Augusto

Cardeal Dom Augusto Álvaro da Silva, nomeado arcebispo da Bahia (1924).

Cônego Ápio / Ápio

refere-se a Ápio Silva, professor e eclesiástico, nomeado Cônego (1915), Vigário Geral (1931).

José Rabelo

advogado, redator do jornal *O Imparcial*, passando a residir no Rio de Janeiro (1932).

Ubaldino

refere-se a Manuel Ubaldino do Nascimento de Assis, político de prestígio em Cachoeira, exerceu diversos mandatos no antigo regime.

João Mendes

João Mendes da Costa Filho, membro da LASP.

Mário Guimarães

Mário de Costa Guimarães, encarregado de negócios designado para Haia, Holanda (1931) e posteriormente Copenhague quando requereu disposição inativa por dois anos.

Flores

refere-se a Francisco Flores, chefe político sertanejo.

Franklin de Albuquerque

Franklin Lins de Albuquerque, político de grande influência no médio S. Francisco.

dr. Fernandes

refere-se a Francisco José Fernandes, médico, foi dep. est. pelo PR (1927-1930)

Maurício Wanderley

refere-se ao chefe político sertanejo da região de Barão de Cotegipe.

Marques dos Reis / A.M.R.

refere-se a Antônio Marques dos Reis, advogado e jornalista, foi diretor do jornal governista, *O Estado da Bahia* em janeiro de 1933.

J. A. da Silva Costa

José Antonio da Silva Costa, industriário.

Átila Amaral

Átila Barreira do Amaral, presidente do Club 3 de Outubro de Salvador, foi dep. à Ass. Nac. Const. (1933) pelo PSD.

se preparassem para chefiar a sua política ali. Não pude compreender a razão de tão grande disparate. Para não dar uma resposta que fosse desagradar esperei uns dias; mas nesse ínterim ele foi preso. Não respondi mais. Estou certo que foi uma fantasia dele mesmo. Nunca falei a pessoa alguma. Presumo que ele sabedor de minhas boas relações com o João Mendes, advogado, rapaz inteligente e que ali vem fazendo um grande número de amigos, receoso de qualquer coisa, quis logo destruir o que ele pensou se podia realizar, e botou no meio o Mário Guimarães só para atrapalhar. O José Rabelo pensou (como estão pensando amigos outros seus) que eu quero me meter em política. É um dos motivos por que desejo sua volta o mais breve possível, para que eles se tranquilizem. Os chefes políticos de São Francisco, depois de reunidos para fins políticos, Flores, Franklin de Albuquerque, dr. Fernandes, Maurício Wanderley e Francisco Rocha, lavraram uma ata em que se comprometia a apoiar o Juracy “com a Constituinte ou sem a Constituinte”. Dessa deliberação deram notícia ao Juracy em telegrama que o *Diário da Bahia* publicou. Este jornal, ontem, publicou um telegrama do Rio em que se noticiava a organização de um partido político para apoiar o atual interventor, partido cujo diretório seria dos seguintes nomes: Medeiros Neto, Pacheco de Oliveira, Marques dos Reis, J. A. da Silva Costa, Átila Amaral (presidente do 3 de outubro, aqui na Bahia) Francisco Rocha e outros políticos da situação decaída. Parece que o *Estado da Bahia* sairá no dia 20 deste mês. Entre 10 e 12 entregarei o que escreveu. Entregarei eu mesmo ao A. M. R. e, na véspera, indagarei se sairá publicado, afim de telegrafar



Átila Amaral

para o Rio. Os abraços do Rio não vieram. É porque lá não divulgaram a representação dirigida ao Hermenegildo de Barros. Telegramas do Rio, desta semana noticiaram que em reunião do Superior Tribunal Eleitoral o Afonso Celso falou, tratando mais ou menos dos pontos de sua apresentação. Não seria influência do que você mandou? A Liga da Ação Social e Política ainda não veio à tona, porque o manifesto está recebendo assinaturas. Estas não tem sido muitas. Gente há e não pouca que dará todo apoio, mas não quer aparecer. Contudo os organizadores continuam animados. O Lago escreveu ao Viana a respeito do apoio que este lhe pedira. Se não o negou, também não o deu. Acha que o momento deve ser de retraimento, que todos devem esperar oportunidade que não é esta. Que receia seus amigos que se metam em luta venham a sofrer. Aliás isso fique em segredo, porque veio em carta confidencial. Aqui esteve por uns dias o Arquimedes de Matos, irmão do Horácio de Matos. Esteve hospedado em casa de Arlindo Sena. O Bahia e eu fomos visitá-lo. Ele lhe mandou lembranças. Está firme, com todos os elementos que eram do Horácio. Vou deixar para concluir à tarde, depois de recebida a mala aérea da Europa.

3 ½ da tarde. Recebi as cartas do dia 26. Atrapalhou-me a concordância com o que disseram suas irmãs. Não foi o mesmo que mandei dizer? Depois da resolução desta semana, conseqüente de conversa com elas e com o Bahia, essa sua aprovação de agora à resolução de não publicação, confundiu tudo. Enfim vamos fazer nova articulação, uma vez que você já declarou que dará por bem feito o que resolvemos. Não tenho deixado de escrever e, pois, não compreendo como você não recebeu a carta do dia 5. A título de curiosidade mando um retalho do *Diário da Bahia* de hoje com uma entrevista do Chico Rocha.

Ainda não me possível conversar com o Carlos Costa Pinto para colher as impressões do grupo. Li a carta para o Luís Viana. Ele, que já estava contente com o recado da carta anterior, vai ficar radiante agora.

Esther: Georgina e os meninos não tiveram tempo de escrever hoje dando com antecedência os parabéns pelo dia 6 de dezembro. Enquanto eles não cumprem esse dever eu o vou antecipando. Deus lhe dê muitos anos de vida e muita saúde. E não preciso dizer mais nada.

(Euvaldo Pinho)

Hermenegildo de Barros

pres. do TSE (1931) e reeleito (1934).

Afonso Celso

Afonso Celso de Assis Figueiredo Júnior, colaborador no *Jornal do Brasil*, *Tribuna Liberal*, *Correio da Manhã* e outros.

Liga da Ação Social e Política

trata-se da agremiação que reuniu a oposição baiana contra o interv. Juracy Magalhães e seu partido, o PSD da Bahia.

Lago

refere-se a Pedro Lago. Citado pela Comissão de Sindicância, exilou-se na Europa, em Berlim, no final de 1931, retornado em 1934.

Viana /Luís Viana

Luís Viana Filho, advogado. Apoiou o movimento constitucionalista de São Paulo (1932).

Horácio de Matos

importante líder político do sertão. Coronel da Guarda Nacional, foi convocado para combater os revolucionários de 1930 na Bahia.

Chico Rocha

refere-se a Francisco Joaquim da Rocha, médico e político sertanejo.

Carlos Costa Pinto

comerciante e empresário de grande destaque.

M. Elpidio
Tapiranga
Monsenhor Elpidio
Ferreira Tapiranga,
eclesiástico e escritor.

*In vanum
laboraverunt*
em vão trabalharam.

Augusto Álvaro
Augusto Álvaro da Silva,
arcebispo da Bahia,
nomeado em 1924.

S. SALVADOR, 4 DE DEZEMBRO DE 1932

Exmo. amigo e Sr. Dr. Octávio Mangabeira

Mais uma demonstração de delicada fineza de sincero amor à nossa Bahia foi a carta de pêsames que V. Exa. se dignou enviar-me e ao nosso enlutado clero pelo falecimento do M. Elpidio Tapiranga. Não é somente o alto sentimento cristão que ali palpita tão sincero e tão justo, como era grande o querido sacerdote falecido, é ainda o santo amor à Pátria idolatrada que perdeu, com ele, um esforçado trabalhador do seu progresso moral e intelectual, sem o que, bem se poderá dizer, apontando para os que sem isso pretendem salvá-la: *in vanum laboraverunt!*

Fiz publicar a carta de V. Exa., como um documento de amor pátrio, e venho trazer a V. Exa. pelo conforto carinhoso daquelas palavras tão de coração dirigidas a mim e ao clero baiano, a nossa gratidão profunda.

Augusto Álvaro

Dr. Octavio Mangabeira

Mais uma demonstração de delicada fineza de sincero amor à nossa Bahia foi a carta de pêsames que V. Excia. se dignou enviar-me e ao nosso enlutado clero pelo fallecimento do M. Elpidio Tapiranga. Não é somente o alto sentimento christão que ali palpita tão sincero e tão justo como era grande e querido o sacerdote fallecido, é ainda o santo amor à Patria idolatrada que perdeu, com elle, um esforçado trabalhador do seu progresso moral e intellectual, sem o que, bem se poderá dizer, apontando para os que sem isso pretendem salvá-la: *in vanum laboraverunt!*

Fiz publicar a carta de V. Excia. como um documento de amor patrio, e venho trazer a V. Excia. pelo conforto carinhoso daquellas palavras tão de coração dirigidas a mim e ao clero bahiano, a nossa gratidão profunda.

Augusto Álvaro

SALVADOR, S/D

Esther e Mangabeira

Abraços para vocês e Edyla.

Esta semana tive demoradas conversas com P. Sá e Carlos C. Pinto, por duas vezes, e com D. Augusto, também demorada, uma vez. Há da parte de todos um grande interesse por Mangabeira para que venha para a Bahia, mas todos acham que por enquanto não deve vir. É provável que com a volta do interventor, na próxima segunda-feira, as coisas melhor se aclarem. As coisas estão muito confusas. Quando confiávamos que o nosso tenente voltasse do Rio enfraquecido ele consegue a demissão do Mario Ribeiro do cargo de Procurador da República e a nomeação para substituí-lo, do Raul Alves. Demite-se um protegido do velho Seabra e seu sobrinho a fim para nomear o Raul Alves. E este aceita pressuroso. Mas não é isto a imoralidade. Não havia nota que desabonasse o demitido. E dias antes, jornais que apóiam o governo divulgaram que o Raul viria para a Bahia fazer política com o Juracy e como membro do diretório do partido a criar-se, para apoiá-lo. Onde se conclui que o Raul precisava de um cargo para vir, e deram-lhe o de Procurador da República. Esses os processos de regeneração. Agora insiste-se em dizer que o Arlindo Leoni virá chefiar esse partido do Juracy. O Alfredo Mascarenhas não aderiu ao atual governo? O Pedro Ribeiro, presidente do Superior Tribunal de Justiça do Estado, o chefe do judiciário baiano, não vai ser o orador do banquete que vão oferecer agora ao Juracy? Telegrama de hoje noticia que foi lavrado o decreto de cassação de direitos políticos por 3 anos a todas as autoridades depostas em 1930, aos implicados no movimento de S. Paulo (portanto a todos paulistas) e aos deputados e senadores que votaram pela depuração das bancadas da Paraíba e Minas, na última legislatura. Assim sendo o Pacheco, o Arlindo Leoni, o Raul Alves e João, não poderão ser eleitos para a Constituinte. Depois da conversa que tive com o P. Sá e o C. C. Pinto acho necessário entregar as palavras ao Antônio M. Reis. Também assim pensam suas irmãs e Eutychio. Delas o grande receio é que saia truncado o que você escreveu. Não creio que isso ocorra. Portanto, salvo ordem sua outra, em carta de hoje, vou entregar. O *Estado da Bahia* só sairá em janeiro, talvez no dia 1º. O M.

Raul Alves

Raul Alves de Souza foi dep. est. (1899-1900 e 1909-1912).

Arlindo Leoni

político ligado a Seabra, depois de 1930 a Juracy Magalhães; elegeu-se dep. para Ass. Nac. Const. (1933).

Alfredo Mascarenhas

Alfredo Pereira Mascarenhas, dep. constituinte de 1933 pelo PSD de Juracy Magalhães.

Pacheco

refere-se a João Pacheco de Oliveira, vice-presidente da Ass. Nac. Const.

Antonio M. dos Reis

refere-se a Antonio Marques dos Reis, advogado e jornalista, foi diretor do jornal *O Estado da Bahia* (1933).

Casa Tude

trata-se de grande empresa exportadora de café, tabaco, couros, cacau.

Agripino Barbosa

refere-se ao prof. da Faculdade de Medicina da Bahia e dir. de Saúde Pública (1931-1937).

Euvaldo Diniz

refere-se ao médico e professor da Faculdade de Medicina.

Augusto Viana

refere-se a Augusto César Viana, prof. da Faculdade de Medicina da Bahia.

Rochinha

refere-se a Francisco Joaquim da Rocha, médico e político baiano da região de Barreiras.

Catalão

refere-se a Pedro Levino Catalão, cacauicultor, chefe político em Ilhéus.

Noé Nunes

Noé Rodrigues Nunes, um dos sócios da empresa Tude Irmão e Cia.

Carlos Olímpio

refere-se a correligionário de Joaquim Climério Dantas Bião.

Bião

refere-se a Joaquim Climério Dantas Bião, Chefe político em Alagoinhas.

Monteiro vai deixar o *Imparcial* e advogar em Itapira, sul do Estado. Afirma ser isso certo. Pediu-me até uma recomendação para a agência da Casa Tude naquela cidade. O Eutychio podia indicar uma pessoa para substituí-lo. Mas é difícil. Não há aqui ninguém em condições. E se houvesse, não é fácil achar quem queira negócios com o proprietário da gazeta. Houve, ontem, aqui na Faculdade de Medicina um incidente desagradável. Em agosto já era Diretor da Instrução Pública o Agripino Barbosa. Os professores que foram presos, inclusive ao Euvaldo Diniz, um estudante, aliás tenentista, declarou que fora o Agripino quem indicara ao Juracy os professores que deviam sofrer aquela pena de prisão. Chegando ao conhecimento do Agripino que Euvaldo lhe atribuíra aquele papel, escreveu-lhe uma carta pedindo que indicasse quem isso a Euvaldo tinha dito. Euvaldo não deu resposta a essa carta. Ontem reuniu-se pela primeira a Congregação depois dos acontecimentos de agosto, para eleição do Diretor. O candidato do governo é o Augusto Viana. O candidato dos professores descontentes com o governo é o Euvaldo. Com a palavra, o Agripino procurou justificar sua atitude e os atos do governo. A sessão tornou-se agitada. Em certo ponto, o Agripino faz referência à carta que escrevera a Euvaldo e a este pergunta porque não lhe respondera. Euvaldo dá suas razões e o Agripino chama-o de covarde. Euvaldo a ele se dirige e pede confirme a ofensa. Agripino confirma, o Euvaldo dá-lhe uma bofetada em plena congregação. Há intervenção de outros professores e é suspensa a sessão. Só quem conhece de perto o Euvaldo e sabe quanto ele é ponderado e avesso a essas coisas, pode imaginar quanto isso o aborreceu. O pior são as consequências. O Agripino é um impulsivo, capaz de uma represália no primeiro momento. A família Diniz é muito unida e são todos muito briosos. É essa a última novidade da Bahia. Vou mandar hoje a entrevista do Rochinha que fiquei de mandar a semana passada e me esqueci e também (se a carta a receber hoje não determinar o contrário) copia de minha carta de 12 de novembro, que deve ter sido a que vocês não receberam e a que se referem nas cartas de 26, também de novembro. O Catalão, estando em Ilhéus, manda-lhe, por intermédio de Noé Nunes, que ali mora o bilhete vindo para ele. A pedido de Carlos Olímpio vou mandar ao Dr. Bião uma cópia da representação ao Hermenegildo de Barros; vou deixar o resto para a tarde, depois de distribuída a mala do avião. As irmãs do Mangabeira estão no Alto do Bonfim, casa velha, porém confortável e muito fresca. Eu-

tychio mudou-se para Itapagipe. Deixou mesmo a casa da ladeira da Praça. A Liga vai indo morosamente. Estão a tomar assinaturas. Têm cerca de 40. ½ da tarde. O avião chegará hoje muito atrasado. Devia ter amanhecido e só chega agora. Por isto encerro esta antes de distribuída a mala. Está muito doente o Vital Soares. Novo insulto cerebral. Apresentou melhoras de ontem para hoje, mas opinam os amigos que não mais se restabelecerá. Cumprindo recomendações, procuraremos, aliás somente Eutychio e eu, estar em contato com todos os grupos. Sobre a Casa Magalhães, (o quarto poder do Estado, elevada em substituição à Linha Circular) e sobre o clero, não há dúvidas. Vai tudo bem. O Ápio muito meu camarada. A semana passada voltou a jantar comigo. Ele vai agora para o sertão, de onde só voltará em fevereiro. Pena é que não tenhamos elementos outros que nos ajudem. O Rogério está em S. Paulo onde foi levar a filha. É dedicado mas além de doente sem tempo, dedicado à advocacia. Os que têm tempo não têm representação. Como sabe, a pobreza nesse sentido é grande. Quanto à mocidade, toda ela disposta e amiga. Falo da mocidade das Escolas. De referência à do comércio, não sei bem. Temos o Quintor, mas não me parece muito decidido.

(Euvaldo Pinho)



Pedro Sá, representante comercial do estado da Bahia.



José Joaquim Seabra, um dos líderes opositores no gov. Juracy Magalhães.

Liga

trata-se da Liga de Ação Social Política.

Vital Soares

candidato à vice-presidência da República na chapa de Júlio Prestes em 1929.

Linha Circular

trata-se da empresa Companhia Linha Circular de Carris da Bahia, prestadora de serviço de bondes.

Quintor

refere-se a Quintor Café, presidente da União Caixerai.

PARIS, 12 DE DEZEMBRO DE 1932

Simões

Tenho em mãos sua última carta. As notícias do Brasil e da Bahia – ainda se vindas pelo avião de hoje – acentuam no meu espírito a impressão de que atravessamos um momento dos mais delicados e críticos. Promovem-se, não há dúvida, para 3 de maio, eleições mais ou menos clandestinas. Excluindo-se, pela cassação dos direitos, os elementos julgados mais incômodos, ou menos convenientes, procura-se aproveitar a atmosfera de desmoralização do adversário – desmoralização pela derrota, mas principalmente pela inércia – para chamar de vez as adesões, que a consideram necessárias.

Na Bahia, você pode, depois de fundado o partido do comércio, fazer-se agora o dos caixeiros, em reunião presidida pelo representante do interventor Franklin, Flores, Dr. Fernandes, João Maurício, Francisco Rocha firmaram ata de apoio ao interventor, “com a constituinte [...] ela”, e passaram telegrama neste sentido ao Diário da Bahia. Vi presentes a uma recepção, que o interventor deu no Rio, Arlindo Leoni e filha, Raul Alves e irmã, Regis do Amaral, Francisco Rocha, etc. Telegrama do Rio, publicado na Bahia diz estar organizando um diretório político, para dar apoio ao interventor, com os nomes de Medeiros, Pacheco, Marques dos Reis, Silva Costa, Francisco Rocha, Atila Amaral, “e mais alguns escolhidos entre os da situação decaída”.

Há dias, foi aqui publicado um telegrama, dizendo que o Getúlio recebera um convite, “firmado por milhares de patrianos, de todas as classes”, para que visite a Bahia, que deseja consagrá-lo. Não me contive. Era um sábado, dia de [...]. Mande para lá as palavras que junto lhe envio por cópia, pedindo que divulgassem, se fosse verdade a notícia do dito telegrama. Não se sei terão cabimento. Mas tudo tem limite. Não tive ainda confirmação do fato.

Recebi uma carta, do L. Viana Filho, sobre a organização de uma liga, conforme certo lhe terá escrito. Respondi animando francamente. Que ao menos as moças cumpram o seu dever... “E não há tempo a perder” – Acrescentei!

O ato da ditadura, cassando direitos políticos, dias depois do episódio do embarque do Bernardes, é a prova de que ela se julga material-

Franklin

refere-se a Franklin Lins de Albuquerque, pos a disposição do governo o seu exército de jagunços, para lutar contra as forças revolucionárias (1932).

Dr. Fernandes

refere-se a Francisco José Fernandes, chefe político de Caetité.

João Maurício

João Maurício Wanderley, participou do manifesto em apoio ao interventor Juracy Magalhães, “na Constituinte e sem a Constituinte” (1932).

Raul Alves

dep. est. na 1ª República.

Medeiros

refere-se a Antonio Garcia de Medeiros Neto, advogado e jornalista. Foi consultor jurídico da prefeitura de Salvador (1932).

Marques dos Reis

refere-se a João Marques dos Reis, juiz substituto do TRE da Bahia.

Silva Costa

refere-se a José Antonio da Silva Costa, coronel, industrial.

Atila Amaral

médico, presidiu o *Clube 3 de Outubro*. Após a Rev. de 1930 eleito dep. à Ass. Nac. Const. (1933) pelo PSD. Atuou como jornalista e redator do *Diário de Notícias* e diretor de *A Bahia* e *A Rua*.

mente muito forte, e considera o adversário um cadáver, no qual pode cortar impunemente.

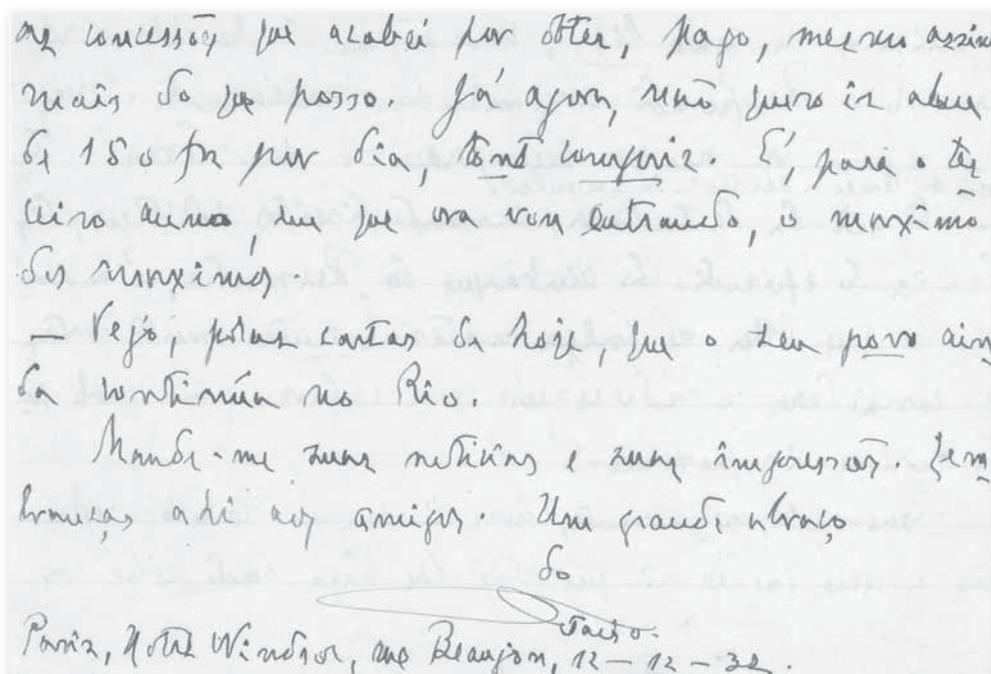
Escrevendo, recentemente, duas linhas ao Rabelo, referi-me a uma impressão que você lhe teria dado sobre coisas que me tocavam. Ele ai lhe mostrará, pois, se não ele, ao menos a mulher, que também está de viagem, deve ter recebido. Entregue-lhe o bilhete que ai mando. Seria inútil recomenda-lo a você. Escreveram-me que com ele vem outro jornalista, da Bahia. Quem será?

Deixo Paris a 26 do corrente. Vou provavelmente para Vichy, ou imediações, onde me dizem possível a acomodação a preço módico. Esther e Edyla não suportaram bem outro inverno, e este se anuncia rigoroso. Depois, a indecisão em que vivi, a marcar e desmarcar sucessivamente viagem, me reteve o ano inteiro, no Windsor, onde, não obstante as concessões que acabei por obter, pago mesmo assim, mais do que posso. Já agora, não quero ir além de 150 por dia, tento cumprir. É para ter o terceiro ano, em que ora vou entrando, o máximo dos máximos.

Vejo, pelas cartas de hoje, que o seu povo ainda continua no Rio.

Mande-me suas noticias e suas impressões. Lembranças aí aos amigos. Um grande abraço do

Octávio



as concessões que acabei por obter, pago, mesmo assim
mais do que posso. Já agora, não quero ir além
de 150 por dia, tento cumprir. É para ter o
terceiro ano, em que ora vou entrando, o máximo
dos máximos.

— Vejo, pelas cartas de hoje, que o seu povo ain
da continua no Rio.

Mande-me suas noticias e suas impressões. Lem
branças aí aos amigos. Um grande abraço
do

Paris, Hotel Windsor, rue Beaumont, 12 - 12 - 32.

Rabelo

refere-se a José Rabelo, advogado, redator do jornal *O Imparcial*, passou a residir no Rio de Janeiro (1932).

PARIS, HOTEL WINDSOR, RUE BEAUJON
16 DE DEZEMBRO DE 1932

Simões

refere-se a Simões Filho, jornalista e político, foi exilado na Europa após a derrota do Mov. Const. de SP (1932).

Simões:

Em aditamento a minha última carta.

Avisam-me da Bahia que nada por lá consta, por enquanto, sobre convite a Getúlio para visitar o Estado, como aqui se publicou. Mandei, então, que retivessem o protesto, que havia transmitido, até que a hipótese se verifique.

Eram lá esperados Arlindo Leoni e o Raul Alves, que se dizia iam colaborar na organização do partido de apoio ao interventor.

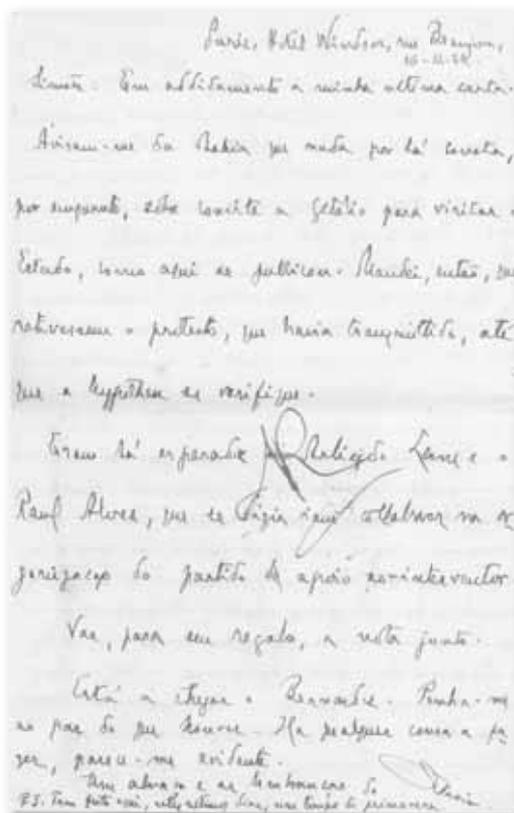
Vai, para seu regalo, a no junto.

Está a chegar o Bernardes. Ponha-me ao par do que houver. Há qualquer coisa a fazer, parece-me evidente.

Um abraço e as lembranças do

Octávio

P.S. tem feito aqui, estes últimos dias, um tempo de primavera.



BAHIA, 17 DE DEZEMBRO DE 1932

Esther e Mangabeira,

Luís Viana Abraços. Na segunda-feira as irmãs de Mangabeira mandaram-me chamar ao Bonfim e mostraram-me o protesto concernente ao convite dos milhares de baianos ao Getúlio para vir visitar a Bahia. Tanto elas como eu, uma vez que aqui não constava a existência de tal convite, achamos que não havia razão de ser a divulgação desse protesto. Contudo, nada fiz sem ouvir o Eutychio que pensou do mesmo modo. Minhas razões foram as seguintes: Parece que o telegrama aí publicado foi só para uso externo, para simular que o ditador está prestigiado, tanto que aqui na Bahia nada se sabia e do Rio nenhum telegrama veio nesse sentido. O protesto divulgaria o que aí se publicou e como importasse num desmentido ao governo, este trataria de obter que o convite se fizesse. E os milhares de baianos apareceriam. Não há dúvida. Só os funcionários, com a polícia e com os sócios do 3 de outubro dariam milhares. E também o governo aqui, só para desfazer o efeito do seu protesto, promoveria o convite, dando-lhe a maior divulgação, o que daria efeito contraproducente. Aliás, pelos termos do seu bilhete encaminhando o protesto, você deixava ao nosso critério a divulgação, tanto que dizia “se acharem que não deve ser divulgado, passem o telegrama de abraços”. Foi por isso que passei o telegrama, no dia 13, fazendo preceder os “abraços” das palavras “convite baiano ignorado aqui” a fim de que você logo soubesse o porquê dos abraços. De Edith recebi antontem, 15, à tarde, o telegrama de abraços, referentes à representação dirigida ao Hermenegildo de Barros. Não havendo mais tempo de dar à publicidade nesse dia, fi-la dar ontem, pela *A Tarde* que o fez bem, com clichê, precedida de algumas palavras de Luís Viana. Quis ver se o “*Imparcial*” também publicava hoje, mas o Mário apresentou a razão de já ter sido publicado pela “*A Tarde*” jornal de grande circulação, e não valer mais a pena. Mas a verdadeira razão é o despeito por não ter tido a primazia. Saiu bem. Mando pelo correio comum. Tenente veio do Rio cheio de novidades. No discurso de recepção, disse deixar de fazer referência aos políticos da situação decaída, por uma questão de higiene. A *Era Nova*, ao publicar o discurso, divulgou esse trecho. Mas ele, no discurso publicado no *Diário Oficial*, o retirou. O Albérico Fraga, que fre-

Luís Viana

advogado. Apoiou o movimento constitucionalista de São Paulo (1932).

Eutychio

refere-se a Eutychio Bahia, representante político de Octávio Mangabeira durante o exílio.

Hermenegildo de Barros

min. do STF (1919-1937)

Mário

refere-se a Mário Monteiro de Almeida, advogado, foi diretor e redator-chefe de *O Imparcial* (1931-1932)

Era Nova

trata-se do Semanário de orientação católica a serviço da Ação Católica.

Albérico Fraga

advogado, prof. da Faculdade de Direito (BA), foi chefe de gabinete do gov. Vital Soares (1928-1930).

João
refere-se a João Mangabeira, irmão de Octávio.

Juracy
refere-se a Juracy Magalhães interv. da Bahia.

Miguel
refere-se a Miguel Calmon, correligionário de Rui Barbosa e min. por três vezes.

Inocêncio
refere-se a Inocêncio Calmon, advogado, filho do ex-governador da Bahia Francisco Marques de Góes Calmon.

Maciel Junior
Francisco Antunes Maciel Júnior min. da Justiça (1932-1934)

Anísio Teixeira
Anísio Spínola Teixeira, Jurista, intelectual, educador e escritor.

Homero
refere-se a Homero Pires, advogado, dep. est. na 1ª República e dep. const. (1935-1937).

quenta muito o Palácio e é grato, naturalmente, à situação que o reintegrou no cargo de diretor da Secretaria da Câmara dos Deputados, contou a diversos, e a mim repetiu, ter ouvido do Interventor mais ou menos o seguinte: teve um encontro com o João na casa de Osvaldo Aranha, encontro por este provocado. Que conversaram muito, durante muito tempo. Que João elogiou os serviços que ele vem prestando à Bahia, acrescentando que só um baiano indigno não reconheceria tais serviços. Que ele, Juracy, na sua conta corrente com a Bahia, tinha grandes serviços no ativo e outros, no passivo menores que os ativos, e nestes o “caso da circular”, a rescisão do célebre contrato. Que ele explicou a situação do caso ao João, dizendo depender do Tribunal Arbitral nomeado. Que falaram muito sobre política, dizendo o João de referência a você que você não estava a par da verdadeira situação política do Brasil e por isso lhe havia escrito uma longa carta, pondo-o a par dessa situação. Que nessa carta lhe dissera que não havia meio dela mudar. Estava tão sólida que nem mesmo o Onipotente a modificaria. Disse que João estava com ele e deu a entender que você, depois dessa referida carta, se modificaria. Disse que, de referência ao Lago, tinha tido diversos entendimentos com o Sá Filho que, por sua vez, estava em entendimentos com o Lago. E de referência aos Calmons, aliás, ao Miguel, queria que ele, Albérico, promovesse um entendimento com o Inocêncio, uma vez que com o Miguel ele, no Rio, não pôde ou não teve oportunidade de tratar. Isso a mim o Albérico disse. Mas ao Luís Viana e ao Inocêncio, no que diz respeito a você, ele acrescentou ter ouvido que o João protestara “solidariedade irrestrita” e que diante da carta do João a você, você mudará dos propósitos de intransigência. O que parece é que o tenente, politiquero, quer baralhar tudo, entrando nos arraiais inimigos e jogando uns contra os outros. Por outro lado, o Albérico é coisa muito ruim. Não merece nenhum crédito. Há grande divergência entre o que me disse e o que disse ao Viana e ao Inocêncio, além dos referidos, em outros pontos de menor importância. Por exemplo. A eles, ele fez referência ao Maciel Junior. Que fora o João quem promovera o encontro, por intermédio do Aranha e, em casa deste, depois de ouvir do Maciel que na Bahia nada se faria sem o Juracy, a quem o governo prestigiaria acima de tudo. Antes do Albérico falar do que ouviu do Juracy, foi-me mostrada, pelo Nestor Duarte, uma carta do Nelson Teixeira, irmão do Anísio Teixeira, afirmando o longo entendimento do João com o tenente. Nessa carta havia uma referência ao Homero, que era o “solicitador

matinal” do tenente. Este, como já mandei dizer, deu um sinal de força, demitindo o Mário Ribeiro e nomeando o Raul Alves Procurador da República. Houve aqui um banquete, promovido pelo Pacheco e pelo Negreiros, ao tenente, 250 talheres. Orador, o Pedro Ribeiro. Não tomou parte o Medeiros que joga as cristas com o Pacheco. Não tomou parte também o Otávio Machado que declarou não ir porque era uma homenagem estritamente política. Também não tomaram parte o P. Sá e o Carlos Costa Pinto. Como já mandei dizer o Mário Monteiro sairá do “*Imparcial*” ainda este ano. Vai advogar em Itapira. O Bahia está certo de que o Catarino, se não fechar o jornal, consultá-lo-á a respeito da substituição de Mário. Por isto ele e eu estudamos a pessoa a quem devia indicar, quando vim a saber, que o Mário já havia falado ao Luís Viana, dizendo que o Catarino o incubira da indicação. Preparando terreno, falei ao Luís Viana, pondo em relevo a influência do Eutychio, que é presidente do Conselho Fiscal do “*Imparcial*” e amigo muito íntimo do Catarino e disse que o desejo do Mário vinha ao encontro do meu, porém que era muito provável que o Catarino trouxesse do Rio um diretor ou que o Bahia tivesse, de acordo com aquele, um candidato. Que eu ia falar ao Bahia. Bahia lhe pergunta se não tem você no Rio pessoa a quem lhe convenha servir e que possa lhe ser útil no momento. Tendo, e sendo caso de interesse talvez convenha mesmo telegrafar, para ver se consegue alguma coisa. Pelo que Bahia tem ouvido de Catarino, este só convidará quem ele indicar. É possível que o Mário continue até 31 deste mês. Neste caso há bastante tempo para uma providência de sua parte. Ainda não entreguei ao A.M.R. suas palavras para o jornal novo. É conveniente deixar para uns 10 dias antes de o jornal sair. Se sair no dia 1º, entregarei esta semana. Justifica-se, por que eu já disse ao P. Sá que tinha lhe mandado dizer que o jornal só sairia no dia 1º de janeiro. São agora 3:30 da tarde. Recebi a carta do dia 10. De referência à representação, já falei acima. Os jornais de hoje noticiam a respeito do Tribunal Eleitoral, o Superior, o seguinte: não foi tomado conhecimento de sua representação, por escapar o assunto à alçada do mesmo tribunal. Demissão irrevogável do Afonso Celso, mas sem explicação da causa. Boato, infelizmente desmentido, de demissão coletiva. Atribue-se a demissão do A. Celso à deportação do Azevedo Lima, depois que aquela corte lhe concedeu habeas corpus a fim de alistar-se. Uma baralhada dos pecados. De referência ao seu protesto, também acima já disse o que tinha a dizer. Não é certo o que se diz a respeito da

Pedro Ribeiro

Pedro Ribeiro de Araújo
Bittencourt des. presidente do TJB.

Medeiros

refere-se a Antonio Garcia de Medeiros Neto, consultor jurídico da prefeitura de Salvador (1932) e um dos fundadores do PSD da Bahia.

Pacheco

refere-se a João Pacheco de Oliveira, advogado e político.

Otávio Machado

Otávio Ariani Machado, foi pres. da ACB (1932-1940)

P. Sá

Pedro Bacellar de Sá, agricultor, empresário, consultor do Estado da Bahia no setor comercial (1932-1936).

Catarino

refere-se a Álvaro Martins Catarino, proprietário de *O Imparcial*.

A.M.R.

refere-se a Antonio Marques dos Reis, advogado, irmão de João Marques dos Reis.

Afonso Celso

Afonso Celso de Assis Figueiredo Júnior, colaborador no *Jornal do Brasil*, *Tribuna Liberal*, *Correio da Manhã* e outros.

Azevedo Lima

João Batista de Azevedo Lima. Líder Comunista.

Fernando Luz
professor catedrático da
Faculdade de Medicina
da Bahia; foi membro
da Comissão diretora
da LASP contra o PSD
criado pelo interv. Juracy
Magalhães.

Inácio de Menezes
catedrático da Faculdade
de Medicina da Bahia.

Ernesto Sá
advogado muito atuante,
foi pres. do IAB
(1924-1926).

Bahia, de ser reduto da ditadura. Não tenha dúvida que pelo menos 70% da Bahia pensante é contra esse governo que aí está. E não fossem os aplausos de alguns interessados, a percentagem a nós favorável seria maior. E não esqueça que muita gente que com eles estão é porque não tem do outro lado quem esteja à altura de fazer frente à situação. O Juracy, diz-se (eu não sei por que não o conheço de perto) é de fato muito hábil, sabe atrair simpatias; é inteligente, “tenente sedutor”. O manifesto com que a Liga de Ação Social e Política se apresentará continua a receber assinaturas. Dentre outros, mais recentes, o Fernando Luz, o Inácio de Menezes, o Ernesto Sá vai devagar, mas irá. Suas cartas são mandadas buscar no Correio, mas na caixa da Una, com a chave do escaninho. Isso quanto às minhas. As que vão para Barra são entregues em casa, salvo exceções.

Esther, recebi sua carta, também do dia 10. Também para vocês nossos melhores abraços de Natal. Que Deus os traga dentro em breve. São os nossos mais ardentes votos atualmente.

(Ewaldino Pinho)

dito. Ha grande divergencia entre o que me disse e o que disse no Vianna e no Innocencio, além dos referidos, em outros pontos de menor importância. Por exemplo. A eles ele fez referencia no "social unior. Que fôra o J. quem promovera o encontro, por intermedio do Aranha e em casa deste, depois de covar do Maciel que na Bahia nada se faria sem o Juracy, a quem o governo prestigiaria acima de tudo.- Antes do Alberico falar do que ouviu do Juracy, foi-me mostrada, pelo Nestor Duarte, uma carta do Nelson Teixeira, irmão do Anísio Teixeira afirmando o longo entendimento de J. com o tenente. Nessa carta havia uma referencia ao Homero, que era o "solicitador matinal" do tenente. Este, como já mandei dizer deu um sinal de força demittindo o Mario Ribeiro e nomeando o Naul Alves, Procurador da Republica. Houve aqui um banquete, promovido pelo Pacheco e pelo Negroiros, ao tenente. 250 talheres, Orador o Pedro Ribeiro. Não tomou parte o Madeiros que joga as cristas com o Pacheco. Não tomavam parte tambem o Octavio Machado que declarou não ir porque era uma homenagem estritamente páitica. Tambem não tomaram parte o P. Sá e o C. Costa Pinto. Como já mandei dizer o Mario Monteiro sairá do Imparcial ainda este ano. Vai devagar em Itaipira. A Bahia está certa de que o Catharino, se não fechar o jornal, consulta-lhe a respeito da substituição de Mario. Por isto ele e eu estudamos a pessoa a quem devia indicar, quando vim a saber que o Mario já havia falado ao Luis Vianna, dizendo que o Catharino e incumbira desde indicação. Preparando terreno para o Luis Vianna pondo em relevo a influencia do Sulyanis, que é presidente do Conselho Fiscal do Imparcial e amigo muito intimo do Catharino e disse que o desejo de Mario vinha ao encontro do meu, poram que era muito provavel que o Catharino trouxesse do Rio um diretor ou que o Bahia tivesse, de acordo com aquela um candidato, que eu ia falar ao Bahia. Bahia las pessoas se não tem mais na mão pessoa a quem lhe convenga servir e que possa lhe ser util no momento. Fôndo, e sem de caso de interesse talvez convencia ao Sr. Illegatim, para ver se consegue alguma coisa. Pelo que Bahia tem ouvido do Catharino, este se convideará quem ele indicar. É provavel que o Mario continue até 31 deste mez. Neste caso ha bastante tempo para as providencias de sua parte. - MEXIAH ainda não entreguei ao A. M. S. suas balavias para o jornal novo. É conveniente deixar para uns 10 dias antes de jornal sair. Se sair no dia 14, entregarei esta semana. Justifica-se, porque até já disse ao P. Sá que tinha lhe mandado dizer que o jornal só sairia no dia 19 de janeiro. - São, agora, 3 1/2 da tarde. Hecebi a carta do dia 10. De referencia á representação, já falei acima. Os jornaes de hoje noticiam a respeito do Tribunal Eleitoral, o Superior, o seguinte: Não foi tomado conhecimento de sua representação por escanar o assunto á alçada do mesmo Tribunal. Menção irrevogavel, do Afonso Celso, mas sem

ESTORIL, 19 DE DEZEMBRO DE 1932

Octávio

Recebida a sua carta, bem como o suplemento.

O protesto ontem a ida do Getúlio à Bahia, muito feliz – na forma e no fundo.

Aqui está o Bernardes, na mesma afinação.

O Luzardo é certo vir. É o coordenador dos planos para o futuro, aos quais só faço uma restrição: que nada se tente sem elementos seguros, afim de poupar ao país nova privação.

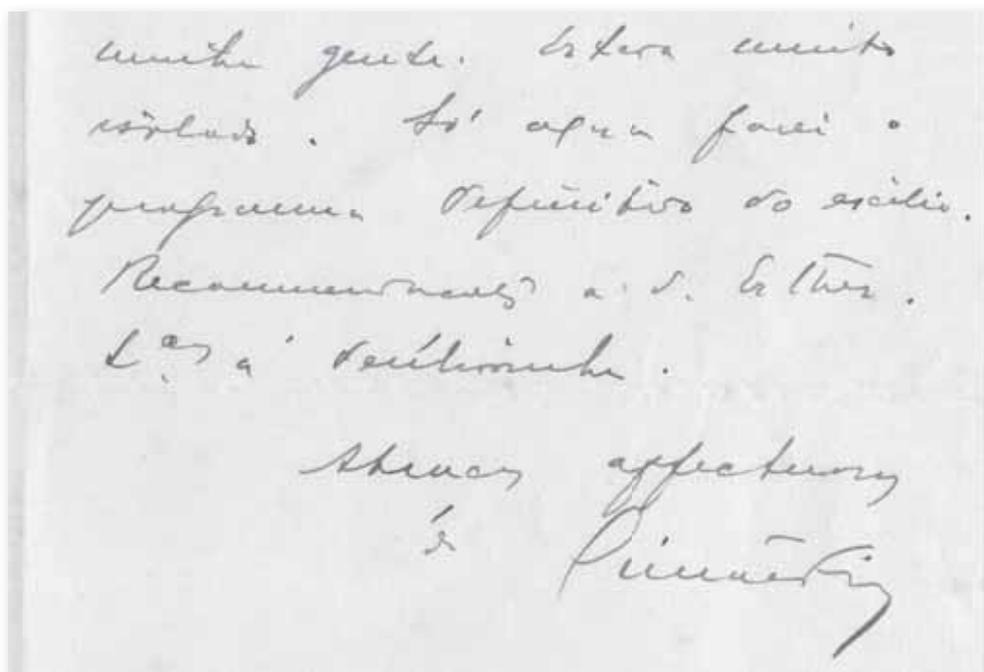
Chegará hoje o José Rabelo. Também espero à mesma hora, pelo “Cap. Arcona”, a muita gente. Estava muito isolado. Só agora farei o programa definitivo do exílio.

Recomendações a Sra. Esther. Lembranças à Senhorinha.

Abrços afetuosos do

Simões Filho

De Recife, mandei umas linhas apressadas para a Bahia, saudando a sua mocidade, em que punha todas as esperanças. Até agora, a censura não permitiu a publicação.



umha gente. Estava muito
isolado. Só agora farei o
programa definitivo do exílio.
Recomendações a Sra. Esther.
Lembranças à Senhorinha.
Abraços afetuosos
do
Simões Filho

Bernardes
refere-se a Artur
Bernardes, ex-presidente
(1922-1926).

Luzardo
refere-se a João Batista
Luzardo, político e
diplomata.

José Rabelo
advogado, redator do
jornal *O Imparcial*.

24 DE DEZEMBRO DE 1932

Esther e Mangabeira e Edyla,

Já na última carta mandei os nossos votos de feliz Natal. Mando hoje os de felicidades do ano novo. Que este nos traga a felicidade para a nossa terra e a tranquilidade para a nossa gente. Que extinga os ódios e a prepotência dos vencedores e imponha aos vencidos que perdoem seus algozes. Entoemos todos o “Glória a Deus nas alturas e paz aos homens na terra”.

Não há grandes novidades para hoje. O Luís Viana, devido ao seu último artigo assinado, esteve às voltas com a polícia e o interventor. O secretário de polícia não o tratou bem. Mas o interventor recebeu-o dignamente. Com este conversou demoradamente, por mais de uma hora. Foi a primeira vez que juntos estiveram. O Lulu ficou bem impressionado. Mas ficou impedido de escrever. Aqui ninguém se entende. Tudo baralhado. No Rio parece que o ambiente não é diferente. Fala-se muita coisa. Nota-se que o tenente veio do Rio modificado. Fala muito em conciliação. Combatem-se, aqui, entre si, o Medeiros, o Pacheco e o Marques. Tivemos uma notícia que muito desagradou o Eutychio. O Heráclio, à troca de nomeações policiais, prometeu ao governo apoiá-lo. Não tivemos ainda confirmação. O Eutychio inclina-se a não acreditar. Mas pretende reunir na próxima segunda-feira os amigos e então apurará isso. Estive com o A.M.R. Disse-lhe que você mandara dizer que na próxima mala mandaria umas palavras para o primeiro número do *Estado da Bahia*. Ficou muito contente. Contou-me que quando foi convidado pelo P. Sá para dirigir esse jornal respondeu que era mangabeirista, inteiramente, e que isso o incompatibilizava. Que o Sá respondeu que não havia ali incompatibilidade, que antes era um meio dele ser útil a você. Afirmou-me que disse ao Sá que, você voltando, estaria ao seu lado para o que desse e viesse. Eu conheço o camarada, mas você deve conhecê-lo melhor. O Bahia mandou imprimir cartões de Feliz Natal e Boas Festas, para, desobrigando-se da incumbência que você lhe deu, distribuí-los com os amigos. O Raul Alves já está em exercício no cargo do Procurador da República. Ficará até as eleições da Constituinte, nas quais é candidato. Diz-se que será substituído por um filho natural do

Lulu
trata-se de
Luís Viana Filho.

Medeiros
refere-se a Antonio
Garcia de Medeiros Neto,
consultor jurídico
da prefeitura.

Pacheco
refere-se a João Pacheco
de Oliveira, advogado
e político, diretor o
Diário da Bahia.

Marques
refere-se a João Marques
dos Reis, juiz substituto
do TRE da Bahia.

Eutychio
refere-se a Eutychio da
Paz Bahia, representante
político de Octávio
Mangabeira na Bahia.

Heráclio
refere-se ao cel. Heráclio
Pires de Carvalho, foi
funcionário da secretaria
do Senado Estadual
da Bahia.

A.M.R.
refere-se a Antonio
Marques dos Reis, diretor
de *O Estado da Bahia*.

P. Sá
Pedro Bacellar de Sá,
agricultor, empresário,
consultor comercial da
Bahia (1932-1936).

Arlindo Leoni. Mas é um verdadeiro cego em matéria de serviço. Dá a impressão de que nunca advogou. Tem sido um inferno os trabalhos da Justiça Federal, ultimamente. Os homens novos não conhecem praxe processual, o que traz muito trabalho aos escrivões. Estamos pela manhã. Terminarei esta à tarde.

½ da tarde. Recebi as cartas do dia 17. De Mangabeira, para as irmãs e para mim. De Esther para Georgina e para mim. Nada de novo da manhã para agora. Também nada a responder. Para mais perfeito esclarecimento, deve Mangabeira ficar bem ciente de que tenho estado em contato diário com Eutychio que do que sei dou sempre notícias às irmãs dele, fazendo elas o mesmo comigo. Quando me referi aos amigos políticos, foi a respeito de outros, presumidos e ambiciosos enquanto que o Bahia se recomenda muito pela falta destas qualidades. Isso, porém não tem importância. O Luís Viana acaba de dizer a mim e ao Eutychio ter o Leopoldo Braga, delegado aqui da capital, declarado que ele ia ser deportado. Não creio absolutamente que isso se dê. Os fatos últimos fazem-me certo que não se cogitará de deportação aqui na Bahia. Adeus. Até sábado.

(Eivaldo Pinho)

Em 24 de dezembro de 1932.- Esther e Mangabeira e Edyla. Já na ultima carta mandei os nossos votos de feliz Natal. Mando hoje os de felicidades no ano novo. Que este nos traga a felicidade para nossa terra e a tranquillidade para a nossa gente. Que extinga os odios e a propotencia dos vencedores e imponha aos vencidos que psooem seus algozes. Entocemos todos o "Gloria a Deus nas alturas e paz aos homens na terra". Não ha grandes novidades para hoje. O Luiz Vianna, devido ao seu ultimo artigo assinado, esteve ás voltas com a policia e o interventor. O secretario de policia não o tratou bem. Mas o interventor recebeu-o dignamente. Com este conversou demoradamente, por mais de hora. Foi a primeira vez que juntos estiveram. ~~XXXX~~ O Lulú ficou bem impressionado. Mas ficou impedido de escrever. Aqui ninguem se entende. Tudo baralhado. No Rio parece que o ambiente não é diferente. Fala-se muita coisa. Nota-se que o tenente veio do Rio modificado. Fala muito em conciliação. Combate-se, aqui, entre si, o Medeiros, o Pacheco e o Marques. Tivemos uma noticia que muito desgrradou ao Eutychio. O Hesaclio, á troca de nomeações policiaes, prometeu ao governo apoiar-lo. Não tivemos ainda confirmação. O Eutychio ~~xxxxx~~ inclina-se a não acreditar. Mas pretende reunir na proxima segunda-feira os amigos e então apurará isso.- Estive com o A. M. C. Disse-lhe que você mandara dizer que na proxima mala mandaria umas palavras para o primeiro numero do Estado da Bahia. Ficou muito contente. Contou-me que quando foi convidado pelo P. Sá para dirigir esse jornal respondeu que era mangabeirista, inteiramente, e que isso o incompatibilisava. Que o Sá respondeu que não havia tal incompatibilidade; que antes era um meio dele ser útil a você. Afirrmou-me que disse ao Sá que você voltando estaria ao seu lado para o que dresse e viesse. Eu conheço o camarada; mas você deve conhece-lo melhor. O Bahia mandou imprimir cartões de feliz Natal e boas festas, para, desobrigando-se da incumbencia que você lhe deu, distribui-los com os amigos. O Raul Rives já está em exercicio de cargo de Procurador da Republica. Ficará até as eleições da Constituinte, nas quaes é candidato. ~~Miz-se~~ que será substituido por

Arlindo Leoni
político ligado a Juracy
Magalhães, elegeu-se dep.
para Ass. Nac. Const.
(1933).

BAHIA, 31 DE DEZEMBRO DE 1932

Esther e Mangabeira

Frederico Costa
político tradicional, foi presidente do Senado Estadual por cerca de 12 anos.

Vital
refere-se a Vital Henrique Batista Soares, vice-presidente eleito da República na chapa de Júlio Prestes em 1930.

Borges
refere-se a Borges de Medeiros apoiou o Mov. Const. de SP (1932) realizando levantes em cidades gaúchas; foi preso com a derrota do movimento.

Cavalcanti
refere-se a Carlos de Lima Cavalcanti, interventor de Pernambuco.

Moacir
trata-se de Antônio Pereira da Silva Moacir.

Artur Lavine
refere-se a vice-intendente de Ilhéus (1908-1912) na chapa de João Mangabeira, reeleito em 1912.

Silvino Kruchewisk
foi dep. est. (1927-1930) e rico proprietário da região de Ilhéus.

Eusínio Lavine
Eusínio Gaston Lavine, político de Ilhéus, apoiou a Rev. de 1930, presidiu o Comitê pro A.L.

Morreu ontem o Frederico Costa. O enterro será hoje às 10 da manhã. Mando junto uma nota dos parentes, para que Mangabeira escolha a quem se dirigir. O Vital, depois de desenganado, melhorou. Mas parece não mais se levantará. Quando muito, sairá da cama para cadeira. O Seabra tem visto morrer todos os governadores que o sucederam e continua rijo e forte. Ele chegará aqui no dia 6 e diz-se virá ativar o alistamento. Não creio queria ou possa fazer alguma coisa. Telegramas de ontem para hoje noticiam o embarque do Borges, ontem, no Rio. Ainda não será bem claro qual será o seu destino. Uns telegramas dizem que ele ficará em Recife, sob vigilância do Cavalcanti, tendo por menagem a cidade. Outros dão a perceber que, em Recife, ele será embarcado em outro vapor, rumo à Europa. Fala-se, murmura-se muita coisa. Mesmo jornais argentinos falam de perturbações da ordem na fronteira. Jornais noticiaram, no Rio, fracasso de dinamitização de pontes, quando por elas devia passar o Flores, em sua última viagem a Uruguaiana. O nosso interventor desenvolve uma grande atividade para a organização do partido. Procura aproveitar todas as “raposas da velha política”. Com ele já está o Moacir. Já frequenta palácio. O Artur Lavine ofereceu-se com Silvino Kruchewisk, amparados ambos pelo Medeiros. Mas, se manteve o Eusínio Lavine.



cel. Frederico Augusto da Costa

Por intermédio do Albérico Fraga, atendendo a convite do Interventor, foi ter com este o Inocêncio Calmon. Queria apoio do grupo calmonista e que Inocêncio, chefiando esse grupo, aderisse. Inocêncio respondeu que não fora político ao tempo do pai e do tio. Que ele, pessoalmente, era contra o atual governo do qual se considerava vítima. Que por assim ser, se tinha empenhado com um grupo de amigos, para a organização de um partido, que era a L. A. S. P. Que ele Inocêncio, não representava a chamada corrente calmonista. O interventor perguntou quem a representava. Respondeu que o José Pinho. Pediu-lhe que, nesse caso, servisse de intermediário junto ao José. Respondeu não ser isso possível, pois não se tinha servido do parentesco para pedir ao José entrasse para L. A. S. P. Perguntou-lhe se o Albérico podia servir de intermediário. Inocêncio disse que sim. A semana passada correu aqui que, em vista da carta do Mário Cravo, prefeito de Alagoinhas, da qual já lhe dei notícia, o Interventor mandara um emissário a Alagoinhas, sondar o Bião. Depois, que esse emissário voltara sem coisa alguma conseguir. As coisas nesse pé, daqui partiu o Juracy para Alagoinhas, tratar da política desse município, como diziam os jornais oficiosos. Depois dele voltar, foi-me dito, antes assegurado, que ele dizia ter procurado o Bião, deste ouvindo mais ou menos o seguinte: Que fora antes procurado por um representante da L. A. S. P. e que dissera que o seu estado de saúde, sua idade avançada, desaconselhavam intervir no pleito, no qual não tinha interesse, uma vez que você não era candidato, que era essa mesma resposta que dava a ele interventor, acrescentando porém que se você fosse, por qualquer motivo candidato, então não medira sacrifícios para que tivesse boa votação; que diante disso, ele, Juracy, organizara um diretório com elementos diversos e assim estava assegurada a vitória eleitoral em Alagoinhas. Nós não acreditamos nessa história, mesmo porque achamos pouco hábil a resposta atribuída ao Bião. Ontem conversei com o Carlos Olímpio, chegado de Alagoinhas anteontem. Disse-me que o Bião não estivera com o Juracy; que no dia em que estive lá ele, Bião, fora para Igreja Nova, tendo estado até na casa dele, Carlos; que saíra mesmo para evitar um encontro; que, se soube, o Juracy dissera mesmo não procurar o Bião, porque o sabia intransigente. Depois de ouvir isso, contei ao Carlos o que aqui se dizia, aliás, o que me afirmaram ter dito o Juracy. Ele, então, pormenorizou: o Bião estivera em sua Fazenda antes de

Albérico Fraga
foi chefe de gabinete do gov. Vital Soares (1928-1930).

Inocêncio Calmon
filho do ex-gov. Francisco Marques de Góes Calmon.

José Pinho
José Wanderley de Araújo Pinho, político e historiador, filho do ex-governador João Ferreira de Araújo Pinho (1908-1911) e genro do ex-gov. Góes Calmon.

Bião
refere-se a Joaquim Climério de Dantas Bião, chefe político de Alagoinhas.

Carlos Olímpio
correligionário de Joaquim Climério Dantas Bião.

Heráclio Pires
refere-se ao cel. Heráclio
Pires de Carvalho;
foi funcionário da secre-
taria do Senado Estadual
da Bahia.

Eutychio
refere-se a Eutychio
Bahia, representante
político de Octávio
Mangabeira na Bahia
durante o exílio.

Arlindo Sena
ligado ao chefe político
de Lençóis Horácio
de Matos, que foi
assassinado em 1931.

família Matos
refere-se à família de
Horácio de Matos, chefe
político da região de
Morro do Chapéu e de
Lavras Diamantina.

**A. Marques
dos Reis**
Antonio Marques dos
Reis; foi diretor do jornal
Estado da Bahia.

meio dia, dizendo só voltaria para a cidade à noite, depois da saída do interventor. Que os seus filhos foram visitá-lo em Igreja Nova, à tardinha e aí souberam que ele tinha ido antes da hora determinada, para a cidade. Que nesta, porém só podia ter chegado às 7 da noite. Que o Juracy saíra às 9. Que mais ou menos entre 7 e 9 foi que se realizara na Prefeitura a reunião para organização do Diretório local. Logo, não lhe parecia possível que se desse o encontro, ainda mais porque dele o Bião nada lhe mandara dizer, como também porque amigos que o tinham ido levar à Estação, dele não lhe falaram. E concluiu achando difícil, muito difícil, fosse verdade o propalado encontro, embora não impossível. Se verdade, que o Bião isso declarou, e se ele se alheiar do pleito, a vitória do governo será total. De referência ao Heráclio Pires nada aqui está ainda apurado. Eutychio não pôde fazer a reunião projetada. Mangabeira, soube que morreu em S. Paulo, em consequência de ferimentos recebidos em combate, um irmão do Arlindo Sena? É preciso escrever a este. Dos seus amigos é dos melhores e mais úteis. O prestígio da família Matos, que ele representa, é fato. Lembre também da conveniência de escrever ao Teófilo Gondim, filho do velho Aurélio, dando pêsames pela morte deste. Vou hoje à tarde para Busca Vida com os meus. Passaremos lá, amanhã, o dia de Ano Bom, e voltaremos na próxima terça-feira pela manhã. Já entreguei a A. Marques dos Reis as palavras para o *Estado da Bahia*, que agora se anuncia sairá no dia 5 de janeiro. Aqui passou a Olga Rey, a quem procurei, devido a recomendação de Edith. Trouxe-a para nossa casa, enquanto o vapor esteve no porto. Ela nos deu boas notícias de vocês.

(Eivaldo Pinho)

...Se o oceano, tão grande,
jamais conseguirá afastar-me da
Pátria...
muito menos a tirania,
tão pequena,
há de conseguir, em qualquer tempo,
separar-me do Brasil.



Bibliografia

LIVROS

- ABREU, Alzira Alves de; [et al.] *Dicionário Histórico-biográfico Brasileiro pós-1930*. RJ: Editora FGV; CPDOC, 2001, v.1-5.
- AZEVEDO, Arnolfo. *Arnolfo Azevedo, parlamentar da Primeira República (1868- 1942)*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1968.
- BAHIA. *Câmara dos Deputados. Diário Oficial do Estado da Bahia*. Edição comemorativa 1923. Salvador: FPC/Secretaria da Cultura e Turismo, 2004.
- BAHIA. *Memória do Tribunal Regional Eleitoral da Bahia*, 1998.
- BAHIA. *Revista da ALJB. Edição Especial Comemorativa do Jubileu de Prata: 25 anos de Fundação*. Salvador: Academia de Letras Jurídicas da Bahia, 2008.
- BAHIA. *Revista Forum*, Edição especial, comemorativa do octogésimo aniversário de fundação do Instituto dos Advogados da Bahia: Salvador, Bureau Gráfica e Editora Ltda, 1970.
- BAHIA. *Revista do IGHB*, nº 68, 1942.
- BATALHA, Silvio. *Cartilha Histórica da Bahia*. 8ª Ed. Salvador: Ed. do autor, 2008.
- BOAVENTURA, Edivaldo Machado. *O solar Góes Calmon*. Salvador: Academia de Letras da Bahia, 2004.
- _____. "Edith Mendes da Gama e Abreu". *Revista do IGHB*. Salvador, v: 88, (1984): 47-62.
- BORGES, Jafé; LEMOS, Cláudia. *Comércio baiano – depoimentos para sua história*. Salvador: Associação Comercial da Bahia, 2002.
- BRANDÃO, Artur; ROSÁRIO, Milton. *Estórias da História de Ilhéus*. Ilhéus: Ed. SBS, 1970.
- BRASIL, *Presidentes do Brasil, de Deodoro a FHC*. SP: Cultura, 2002.

- BRITTO, Antonio Carlos Nogueira. *A Medicina Baiana nas Brumas do Passado*. Salvador: Ed. Contexto e Arte, 2002.
- Cartilha Histórica da Bahia*. Porto Alegre: Impulso Editorial, 2002.
- CADENA, Nelson V. *Cronologia da Associação Bahiana de Imprensa (1930-1980)*. Salvador: ABI, 1980.
- CAIRO, Thiana de Souza. *Turismo Cultural Rural. Uma alternativa de desenvolvimento para a costa do cacau*. Ilhéus: Dissertação de Mestrado/UDESC, 2003.
- CALMON, Pedro. *A vida de Simões Filho*. Salvador: EGBA: 1986.
- CASTRO, Renato Berbert de. *Os fundadores da ALB*. Secretaria de Cultura e Turismo da Bahia. Salvador: EGBA, 1998.
- _____. *Breviário da Academia de Letras da Bahia: 1917-1994*. Salvador: Conselho Estadual de Cultura, 1994.
- COELHO, José (ed.). *2 de julho: 1823-1923*. RJ: Castro Mendonça & Cia, s/d.
- COSTA, Caiuby Alves da. *105 anos da Escola Politécnica da UFBA*. Salvador: P&A Gráfica e Editora Ltda, 2003.
- COSTA, Paulo Segundo da. *Octávio Mangabeira: democrata irreduzível*. Salvador: Press Color, 2008.
- COUTINHO, Afrânio; SOUSA, J. Galante de. *Enciclopédia de literatura brasileira*. SP: Global; RJ: Fundação Biblioteca Nacional, Academia Brasileira de Letras, 2001, v.2.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. 3ª ed. RJ: Nova Fronteira, 1999.
- PANG, Eul-Soo. *Coronelismo e Oligarquias 1889-1934*. RJ: Civilização Brasileira. 1979.
- FALCÃO, Ib Gatto. *A Faculdade de Medicina da Bahia na Década de 1930 - Gazeta Médica da Bahia*, Salvador. 2007.
- FARIA, Sérgio Fraga Santos. *Escola Politécnica: tradição de grandes nomes na História da Bahia*. Salvador: Helvécia, 2004.

- FERREIRA, Laís Mônica Reis. *Integralismo na Bahia. Gênero, Educação e Assistência Social em O Imparcial 1933-1937*. Salvador: EDUFBA, 2009.
- FOLGUEIRA, Manoel Rodrigues. *Álbum Artístico Comercial e Industrial do Estado da Bahia 1930*. RJ: Edição Folgueira, 1930.
- FONTES, Oleone Coelho. *Euclides da Cunha e a Bahia: ensaio biográfico*. Salvador: Ponto & Vírgula Publicações. 2009.
- GONDRA, José (org.). *História, infância e escolarização*. RJ: 7 Letras, 2002.
- GORDILHO, Osvaldo Velloso. *Duzentos Anos da Família Gordilho. Trajetória da família narrada por um descendente de 1801 até o presente*. Salvador: Ed. da família do autor, 1993.
- JESUS, Jupira; S. Palhano de. *Dados biográficos dos ministros*. RJ: Ministério da Viação e Obras Públicas. Serviço de Documentação, 1962.
- LOBO, José de Figueiredo. *Consequências da tragédia do 22º BC na Paraíba*. Paraíba: Empresa Gráfica Ltda, 1950.
- MAGALHÃES, Juraci. *Minhas memórias provisórias: "depoimentos prestados ao CPDOC"* coord. Alzira Alves de Abreu, RJ: Civilização Brasileira, 1982.
- MARINHO, Josaphat. *Anísio Teixeira: o educador da cidadania*. Salvador: Ed. Cidade da Bahia, 2001.
- MATTOS, Waldemar. *História do TCE da Bahia*. Bahia: TCE Ba, 1985.
- MATTOS, Waldemar. *Palácio da ACB: antiga praça do comércio*. Ed. Comemorativa do 4º Centenário da cidade do Salvador e do 1º de nascimento de Rui Barbosa. 1950.
- MENEZES, Francisco da Conceição. *Discurso*. Revista do IGHB 74, (1947): 197-211.
- MENEZES, Jayme de Sá. *Centenário de nascimento de Miguel Calmon du Pin e Almeida*. Revista do IGHB 88. Salvador, 1984, p.83-96.
- MORAIS, Deraldo Dias de. *Prof. Dr. Prado Valadares*. IGHB 64, (1938): 645-647.

- NASCIMENTO, Anna Amélia Vieira. *Memória da Federação das Indústrias do Estado da Bahia*. FIEB, 1997.
- OLIVEIRA, Eduardo Sá. *Memória da Faculdade de Medicina da Bahia*. Salvador: Editora e Didática da UFBA, 1992.
- OLIVEIRA, Waldir Freitas. *História de um Banco: o Banco Econômico*. Salvador: Museu Eugênio Teixeira Leal / Memorial do Banco Econômico, 1983.
- PRIMO, Jacira. *Tempos vermelhos: a Aliança Nacional Libertadora e a política brasileira 1934-1937*. Salvador: Dissertação de Mestrado/UFBA, 2006.
- SAMPAIO, Consuelo Novais. *Poder e Representação: o Legislativo da Bahia na Segunda República, 1930-1937*. Salvador: ALBA, 1994.
- _____. *Memória da Fazenda da Bahia: 1895-2005*. Salvador: Fundação Pedro Calmon, 2005.
- _____. (org.). *Canudos: cartas para o Barão*. São Paulo: EDUSP; Imprensa Oficial do Estado, 2001.
- _____. "Justiça Revolucionária na Bahia de 1930". *Revista das Ciências Humanas* 1 (1993): 57-66.
- _____. (coord.) *Dicionário Biográfico Histórico da Bahia*. Salvador: Centro de Memória da Bahia. (digitado)
- SANTOS, Edilton Meireles de Oliveira dos. *J. J. Seabra: sua vida, suas obras*. Brasília: Centro Gráfico do Senado Federal, 1990.
- SOARES, Bárbara Musumeci. Iara Ilgenfritz. *Prisioneira, vida e violência atrás das grades*. CESEC, Garamond Universitária, s/d.
- SOUZA, Antonio Loureiro de. *Baianos ilustres: 1564-1925*. Salvador, Gráfica Beneditina, 1944.
- TAVARES, Luis Henrique Dias. *História da Bahia*. 11ª ed. São Paulo: UNESP, 2009.
- TEIXEIRA, Rodolfo. *Memória Histórica da Faculdade de Medicina do Terreiro de Jesus (1943-1995)*. Salvador: EDUFBA: 1999.
- VEIGA, Cláudio. *Atravessando um século: a vida de Altamirando Requião*. RJ: Record; Salvador, BA: FUNCEB, 1993.

ARQUIVOS CONSULTADOS

ACADEMIA DE LETRAS DA BAHIA: *Arquivos de: Antonio Viana; Aloysio de Carvalho Filho; Altamirando Requião; Carlos Chiacchio; Deraldo Dias; Heitor Froes; João Froes; Luís Viana Filho; Manoel Pinto de Aguiar; Padre Barbosa; Pinto de Carvalho; Xavier Marques.*

ARQUIVO DO INSTITUTO FEMININO DA BAHIA

ARQUIVO NACIONAL: Fundo Góes Monteiro

ARQUIVO PÚBLICO DA BAHIA:

Certidões de Óbitos e Inventários

Tribunal de Justiça da Bahia/ Prontuário de Funcionários

ESCOLA POLITÉCNICA DA UFBA:

Arquivo Administrativo

FUNDAÇÃO PEDRO CALMON

Centro de Memória da Bahia / Memorial dos Governadores / periódicos raros / livros raros

FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA

JORNAIS

A Tarde

Diário da Bahia

Diário de Notícias

Diário Oficial do Estado da Bahia

Era Nova

Estado da Bahia

Jornal do Brasil

O Imparcial

O Estado da Bahia

SITES

<http://www.academiadeletrasdabahia.org.br>

<http://www.acbahia.com.br>

<http://www.al.ba.gov.br>

<http://bd.camara.gov.br>

<http://www.cultura.salvador.ba.gov.br/>

<http://fameb.ufba.br>

<http://www.fazenda.gov.br>

<http://www.planalto.gov.br>

<http://www.senado.gov.br>

<http://www.stf.jus.br>

<http://www.tre-ba.gov.br>

Este livro foi impresso na Vento Leste, na primavera de 2010, no formato 20x27cm, em papel pólen print 80g no miolo e papel supremo 250g na capa, em primeira edição, com tiragem de 1.000 exemplares. O texto foi composto em tipografia Berling Roman.